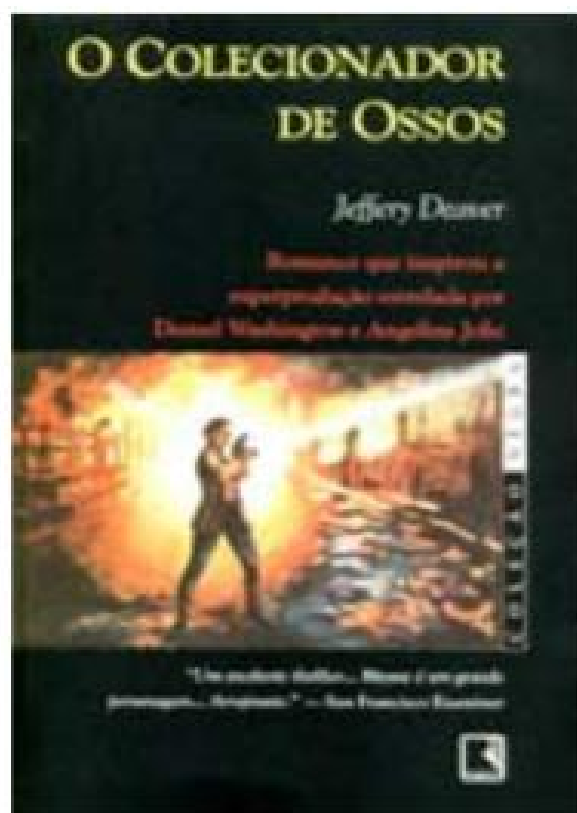


O COLECIONADOR DE OSSOS

Jeffery Deaver



TRADUÇÃO DE: Ruy Jungmann
6ª EDIÇÃO
EDITORA RECORD
RIO DE JANEIRO • SÃO PAULO
2002

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

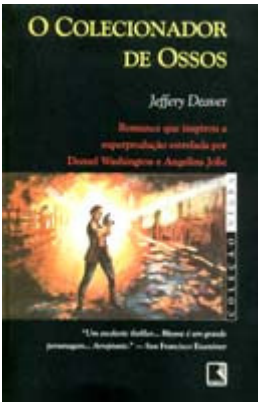
A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.



O COLECIONADOR

DE OSSOS

Jeffery Deaver

TRADUÇÃO DE: Ruy Jungmann

6a EDIÇÃO

EDITORA RECORD

RIO DE JANEIRO • SÃO PAULO

2002

OUTROS TÍTULOS DA COLEÇÃO NEGRA:

Noir americano - Uma antologia do crime de Chandler a Tarantino,
editado

por Peter Haining

Los Angeles - cidade proibida, de James Ellroy

Negro e amargo blues, de James Lee Burke

Sob o sol da Califórnia, de Robert Crais

Bandidos, de Elmore Leonard

Tablóide americano, de James Ellroy

Procura-se uma vítima, de Ross Macdonald

Perversão na cidade do jazz, de James Lee Burke

Marcas de nascença, de Sarah Dunant

Crime no colégio, de James Hilton

Noturnos de Hollywood, de James Ellroy

Viúvas, de Ed McBain

Modelo para morrer, de Flávio Moreira da Costa

Violetas de março, de Philip Kerr

O homem sob a terra, de Ross Macdonald

Essa maldita farinha, de Rubens Figueiredo

A forma da água, de Andrea Camilleri

O colecionador de ossos, de Jeffery Deaver

A região submersa, de Tabajara Ruas

O cão de terracota, de Andrea Camilleri

Dália Negra, de James Ellroy

Rios vermelhos, de Jean-Christophe Grangé

Beijo, de Ed McBain

O executante, de Rubem Mauro Machado

Sob minha pele, de Sarah Dunant

jazz branco, de James Ellroy

A maneira negra, de Rafael Cardoso

O ladrão de merendas, de Andrea Camilleri

Cidade corrompida, de Ross Macdonald

Tiros na noite, de Dashiell Hammett

Assassino branco, de Philip Kerr

A sombra materna, de Melodie Johnson Howe

A voz do violino, de Andrea Camilleri

As pérolas peregrinas, de Manuel de Lope

A cadeira vazia, de Jeffery Deaver

Os vinhedos de Salomão, de Jonathan Latimer

Uma morte em vermelho, de Walter Mosley

O grande deserto, de James Ellroy

Réquiem alemão, de Philip Kerr

Cadillac K.K.K., de James Lee Burke

Metrópole do medo, de Ed McBain

Um mês com Montalbano, de Andrea Camilleri

A lágrima do diabo, de Jeffery Deaver

Sempre em desvantagem, de Walter Mosley

O coração da floresta, de James Lee Burke

Dois assassinatos em minha vida dupla, de Josef Skvorecky

O vôo das cegonhas, de Jean-Christophe Grangé

6 mil em espécie, de James Ellroy

O vôo dos anjos, de Michael Connelly

Uma pequena morte em Lisboa, de Robert Wilson

Excursão a Tindari, de Andrea Camilleri

Mistério à americana, organização e prefácio de Donald E. Westlake

CIP-Brasil. Catalogação-na-fonte Sindicato Nacional dos Editores de Livros,

RJ.

Deaver, Jeffery

D329c O colecionador de ossos / Jeffery Deaver; tradução

6o ed. de Ruy Jungmann. - 6' ed. - Rio de Janeiro: Record, 2002. .-

(Coleção Negra)

Tradução de: The bone collector ISBN 85-01-05812-2

1. Romance norte-americano. I. Jungmann, Ruy, 1924-.II. Título. III. Série.

CDD-813

00-0048 CDU - 820(73) -3

Título norte-americano THE BONE COLLECTOR

Copyright © 1997 by Jeffery Deaver Ilustração de capa: Ana Maria Moura

Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução, no todo ou em parte,

através de quaisquer meios.

Direitos exclusivos de publicação em língua portuguesa para o Brasil adquiridos pela

DISTRIBUIDORA RECORD DE SERVIÇOS DE IMPRENSA S.A. Rua

Argentina 171 - Rio de Janeiro, RJ - 20921-380 - Tel.: 2585-2000 que se

reserva a propriedade literária desta tradução

Impresso no Brasil

ISBN 85-01-05812-2 /

PEDIDOS PELO REEMBOLSO POSTAL

Caixa Postal 23.052

Rio de Janeiro, RJ - 20922-970 EDITORA AFILIADA

Para minha família,

Dee, Danny, Julie, Ethel

e Nelson...

Maças não caem longe do pé.

E para Diana, também.

SUMÁRIO

Parte 1 Rei por um dia

Parte 2 O princípio de Locard

Parte 3 A filha do patrulheiro

Parte 4 Até o ossO

Parte 5 Quando você se move, eles não podem pegá-la...

Apêndice: Excertos de: glossary of Terms, Lincoln Rhyme, Physical Evidence, 4a

Parte 1

REI POR UM DIA

O presente em Nova York é tão forte
que o passado desaparece.

- John Jay Chapman

CAPÍTULO I

Sexta-feira, das 10:30 da noite até sábado, 3:30 da manhã.

Ela só queria mesmo dormir.

O avião tinha chegado com duas horas de atraso e ainda houve toda
aquela maratona de espera da bagagem. E, então, o serviço de
transporte para

a cidade entrou em colapso total e a limusine só saiu uma hora
depois. Nesse

momento, eles esperavam um táxi.

Na fila de passageiros, seu corpo magro fazia um esforço para
compensar o peso do laptop. John continuava a falar
ininterruptamente sobre

taxas de juros e novas maneiras de reestruturar a operação, mas
tudo em que

ela conseguia pensar era: sexta-feira, 10:30 da noite. Só quero
mesmo é vestir

meu traje de moletom e cair no sono.

Olhou para a fila enorme de táxis Yellow Cab. Alguma coisa na cor e

semelhança dos táxis lembrou-lhe insetos. E arrepiou-se com aquela sensação

do tempo de criança, de coisa se arrastando pela pele, quando ela e o irmão

encontravam um texugo morto ou passavam por cima de um formigueiro e

olhavam para a massa úmida de corpos e pernas que se contorciam.

T.J. Colfax dirigiu-se lentamente para o táxi, que encostou e parou com um chiado.

O motorista abriu de dentro a mala do carro, mas permaneceu

sentado. Eles mesmos tiveram que colocar a bagagem na mala, o que irritou

John. Ele estava acostumado a que fizessem coisas para ele. Tammie Jean não

se importou. Às vezes, ainda se espantava quando se lembrava de que tinha

uma secretária para datilografar e arquivar coisas para ela. Jogou a valise na

mala, fechou-a e entrou no carro.

John subiu em seguida, bateu a porta com estrondo e enxugou o rosto

gorducho e a careca, como se o esforço para colocar a valise na mala o tivesse

deixado esgotado.

- Primeira parada, rua 72 leste - murmurou através da divisória que o

separava do motorista.

- Em seguida, Upper West Side - acrescentou T.J.

A divisória de plexiglas estava muito arranhada e ela mal conseguiu enxergar o motorista.

O táxi deixou o meio-fio em alta velocidade e logo depois descia a via

expressa na direção de Manhattan.

- Olhe - disse John -, esse é o motivo dessa multidão toda.

Apontava nesse momento para um cartaz que dava as boas-vindas aos

delegados à conferência de paz das Nações Unidas, marcada para a segunda-

feira. A cidade esperava dez mil visitantes. T.J. olhou fixamente para o cartaz -

negros, brancos, asiáticos, todos acenando e sorrindo. Mas havia alguma coisa

errada no trabalho de arte-final. As proporções e as cores não combinavam. E

todos aqueles rostos pareciam descorados.

- Ladrões de corpos - murmurou T.J.

O táxi ia em disparada pela larga via expressa, que brilhava com um

tom amarelo desagradável sob as luzes da estrada. Passaram pelo velho

estaleiro naval e deixaram para trás os ancoradouros do Brooklyn.

John parou finalmente de falar, puxou sua calculadora e começou a teclar alguns números. T.J. recostou-se mais no assento, olhando para as

calçadas quentes, de onde subia vapor, e para os rostos mal-humorados de

pessoas sentadas nas escadarias de pedra cinzenta que davam para a via

expressa. Elas pareciam em semi-coma em meio àquele calor.

Estava quente também no táxi. T.J. estendeu a mão para o botão que

abaixaria a janela. Não se surpreendeu ao descobrir que o botão não funcionava. Estendeu a mão para o botão ao lado de John. Quebrado,

também. Só então notou que faltavam as fechaduras das portas.

E as maçanetas, também.

Desceu a mão pela porta, procurando o encaixe da maçaneta. Nada...

Era como se alguém o tivesse cortado com uma serra.

- O quê? - perguntou John.

- As portas.... Como é que podemos abri-las?

John olhava de uma porta para a outra quando uma tabuleta indicando

o Túnel Midtown apareceu e desapareceu.

- Ei! - disse ele, batendo na divisória. - Você errou a entrada. Para onde é que está indo?

- Talvez ele vá pegar o retorno em Queensboro - sugeriu T.J.

A ida pelo túnel implicaria caminho mais longo, mas evitaria a cobrança de pedágio. T.J. inclinou-se à frente e bateu na divisória, usando o

anel.

- Você vai pela ponte?

O motorista ignorou-os.

- Ei!

Um momento depois, passaram em alta velocidade pelo desvio de Queensboro.

- Merda! - exclamou John. - Para onde está nos levando? Harlem.

Aposto que está nos levando para o Harlem.

T.J. olhou pela janela. Um carro corria paralelo a eles, ultrapassando-

os lentamente.

Ela bateu com força na janela.

- Socorro! - gritou. - Por favor...

O motorista do carro lançou-lhe um rápido olhar, voltou a olhar, franzindo as sobrancelhas. Diminuiu a marcha e passou para trás deles, mas,

com um solavanco forte, o táxi derrapou por uma rampa de saída para o

Queens, virou para um beco e penetrou velozmente no distrito dos armazéns

abandonados. Naquele momento, eles deviam estar correndo a uns 90 km por

hora.

- O que é que você está fazendo?

T.J. bateu com força na divisória.

- Mais devagar. Aonde é que você...?

- Oh, Deus, não - murmurou John. - Olhe.

O motorista havia coberto o rosto com uma máscara de esquiador.

- O que é que você quer? - gritou T.J.

- Dinheiro? Nós lhe daremos.

Ainda assim, silêncio do assento dianteiro do táxi.

T.J. abriu a pasta Targus e puxou para fora o laptop preto. Inclinou-se

para trás e bateu com toda força com o computador na janela. O vidro

aguentou, embora o som da batida parecesse ter apavorado o motorista. O

carro guinou para um lado e quase atingiu o muro de tijolos do prédio por

onde passavam nesse momento em alta velocidade.

- Dinheiro? Quanto? Eu posso lhe dar um bocado de dinheiro -

gaguejou John, lágrimas escorrendo pelo rosto gordo.

T.J. bateu novamente com toda força na janela. A tela do computador

voou com a força do impacto, mas a janela permaneceu intacta.

Tentou mais uma vez e o corpo do computador abriu-se em dois e caiu de suas mãos.

- Merda...

Os dois foram sacudidos violentamente para a frente quando o carro parou deslizando em um beco sujo e escuro.

O motorista saltou do táxi, com uma pequena pistola na mão.

- Por favor, não... - implorou ela.

O motorista veio até a parte traseira do táxi, inclinou-se à frente e ficou olhando pelo vidro sujo e engordurado. Permaneceu ali por longo

tempo, enquanto ela e John recuavam e se encostavam na porta oposta, seus

corpos suados muito unidos.

O motorista fez uma pala com as mãos para evitar o ofuscamento da luz causado pela iluminação pública e olhou-os atentamente.

Um estalo súbito ressoou no ar e T.J. encolheu-se. John soltou um pequeno grito.

Ao longe, por trás do motorista, o céu encheu-se de listras ígneas vermelhas e azuis. Mais explosões e assovios. Ele se virou e olhou para o alto,

enquanto uma imensa aranha alaranjada cobria a cidade.

Fogos de artifício, lembrou-se T.J. de ter lido no Times. Um presente do prefeito e do secretário-geral da ONU aos delegados à conferência, dando-

lhes as boas-vindas à maior cidade da terra.

O motorista voltou-se para o táxi. Com um som alto e seco, puxou a tranca e abriu lentamente a porta.

O telefonema foi anônimo. Como sempre.

Por isso mesmo não havia como rastrear a chamada e descobrir a qual

beco vazio se referia o denunciante. A Central enviara uma mensagem pelo

rádio: Ele disse rua 37, perto da Onze. Só isso.

Denunciante anônimo não eram nada notórios por dar a localização

exata de cenas de crimes.

Já suando, embora fossem apenas nove da manhã, Amélia Sachs

cruzou um trecho de grama alta. Estava dando uma busca no terreno - como

dizia o pessoal da Cena do Crime -, fazendo um percurso em forma de S.

Nada. Inclinou a cabeça para o fone/microfone pregado na blusa azul-

marinho do uniforme.

- Radiopatrulheira 5885. Não encontrei nada, Central. Mais alguma informação?

Através da estática, o despachante respondeu:

- Nada mais sobre a localização, 5885. Mas tem uma coisa... o

denunciante disse que tinha esperança de que a vítima estivesse morta.

Câmbio.

- Repita, Central.

- O denunciante disse que tinha esperança de que a vítima estivesse morta. Para o bem dela. Câmbio.

- Desligo.

Tinha esperança de que a vítima estivesse morta?

Sachs passou por cima de um alambrado arruinado e deu uma busca em outro lote vazio. Nada.

Teve vontade de desistir, de enviar um 10-90, informação sem fundamento, e voltar para o Deuce, que era sua ronda regular. Os joelhos lhe

doíam e ela se sentia tão quente quanto um guisado nesse horrível tempo de

agosto. Teve vontade de ir até a Autoridade Portuária, conversar um pouco

com os rapazes e emborcar uma grande lata de chá gelado. Em seguida, às

11:30 - dentro de umas duas horas - esvaziaria o armário em Midtown South

e iria para o centro da cidade, para a sessão de treinamento.

Mas não ignorou - não podia ignorar - a ordem recebida. Continuou a

andar ao longo da calçada quente, passando pelo espaço entre duas casas de

cômodos desabitadas, através de outro campo coberto de vegetação.

Introduziu o dedo indicador comprido entre a cabeça e o quepe do

uniforme, passando por camadas de cabelos ruivos longos, enrodilhados no

alto. Coçou-se com força e, em seguida, a mão entrou por debaixo do quepe e

coçou-se um pouco mais. O suor descia pela testa e dava-lhe comichão.

Coçou também a sobrancelha.

Minhas duas últimas horas na rua, pensou. Posso sobreviver a isso.

Mergulhando mais fundo nas moitas, sentiu a primeira inquietação naquela manhã.

Alguém está me espionando.

O vento quente agitava as moitas secas e carros e caminhões

passavam barulhentos, entrando e saindo do Túnel Lincoln. Pensou no que o

peçoal da radiopatrulha freqüentemente pensava: a porra desta cidade é tão

barulhenta que alguém poderia vir bem atrás de mim, à distância de uma

facada, e eu nem desconfiaria.

Ou apontar a mira de uma arma para minhas costas...

Virou-se rapidamente.

Nada, apenas folhas, maquinaria enferrujada e lixo.

Subiu, contorcendo-se, um monte de pedras. Amélia Sachs, 31 anos de idade - apenas 31 anos de idade, diria sua mãe -, sofria de artrite. Herdada

do avô, tão certo quanto tinha herdado a silhueta flexível da mãe e a boa

aparência e a carreira do pai (quanto aos cabelos ruivos, a especulação era

livre). Outra pontada de dor, ao passar por uma alta cortina de moitas

moribundas. E teve a sorte de parar a um passo de uma queda de sete metros

até o chão.

Abaixo, um escuro desfiladeiro - um corte profundo no leito rochoso

do West Side. Por aí passavam os trilhos dos trens da Amtrack que se dirigiam

para o norte.

Apertou os olhos, examinando o chão do desfiladeiro, a uma pequena

distância do leito da ferrovia.

O que era aquilo?

Um círculo de terra revirada, um pequeno galho de árvore projetando-

se na parte de cima? Aquilo parecia uma...

Oh, meu bom Deus...

Sentiu um arrepio ao ver aquilo, uma náusea subindo, pinicando a pele

como uma onda de fogo. Conseguiu pisar firme naquela parte minúscula

dentro de si que queria dar as costas à cena e fingir que não a vira.

Ele tinha esperança de que a vítima estivesse morta. Para o bem dela.

Correu para uma escada de ferro que descia da calçada para o leito da

ferrovia. Estendeu a mão para o corrimão, mas parou exatamente a tempo.

Merda. O criminoso poderia ter escapado por ali. Se ela a tivesse tocado,

poderia pôr a perder quaisquer impressões digitais que ele houvesse deixado.

Muito bem, vamos fazer isso da forma difícil. Tomando uma profunda

inspiração para amortecer a dor nas juntas, começou a descer pela face da

rocha, os sapatos do uniforme escorregando - lustrados como prata para o

primeiro dia de seu novo trabalho - em fendas na pedra. Saltou o último

metro para o chão e correu até a cova.

- Meu Deus...

Não era um galho que se projetava do chão. Era a mão de alguém.
O

corpo tinha sido enterrado na vertical e a terra fora empilhada apenas até o

antebraço, o pulso e a mão. Olhou para o dedo anular. Toda carne fora

arrancada e um anel de diamante da mulher brilhava enfiado em volta do osso

sangrento e descarnado.

Sachs caiu de joelhos e começou a cavar.

Enquanto a terra voava sob as mãos, que faziam um movimento de cachorrinho, notou que os dedos que não haviam sido cortados estavam ainda

abertos, estirados além do ponto em que poderiam ser normalmente dobrados. Esse detalhe disse-lhe que a vítima estivera viva quando a última pá

de terra fora lançada em cima de seu rosto.

E talvez ainda estivesse.

Sachs continuou a cavar furiosamente a terra frouxamente batida, cortando a mão em um caco de garrafa, seu sangue escuro misturando-se com

a terra mais escura. Em seguida, chegou aos cabelos e à testa embaixo, a um

cinzento-azulado cianótico por falta de oxigênio. Cavando mais, viu os olhos

vidrados e a boca, que tinha se contorcido em uma careta horrenda, enquanto

a vítima tentara, nos últimos poucos segundos, ficar acima da maré crescente

de terra preta.

Não era uma mulher. Apesar do anel. Era um homem corpulento, na casa dos cinquenta anos. Tão morto quanto o solo onde jazia enterrado.

Recuando, não conseguiu tirar os olhos de cima dos olhos da vítima e

quase caiu ao tropeçar em um trilho. Durante um minuto inteiro, não conseguiu pensar em coisa nenhuma. Exceto no que deveria ter sido morrer

daquela maneira.

Em seguida: Controle-se, amor. Você está na cena de um homicídio e

é uma policial.

Você sabe o que tem de fazer.

ADAPTAR

A significa Apanhar [prender] um perpetrador conhecido.

D significa Deter testemunhas ou suspeitos relevantes.

A significa Analisar a cena do crime.

P significa ...

O que é mesmo que P significa?

Baixou a cabeça para o microfone:

- Radiopatrulheira 5885 para Central. Adicionais. Encontrei um 10-29 junto aos trilhos ferroviários, no cruzamento da 38 com a Onze. Homicídio.

Preciso de detetives, CC, rabeção e o legista de serviço. Câmbio.

- Recebido e entendido, 5885. Perpetrador preso? Câmbio.

- Nenhum sujeito.

- Cinco-oito-oito-cinco. Câmbio.

Sachs olhou para o dedo, o que tinha sido afinado até o osso. O anel absurdo. Os olhos. E o sorriso... aquele horrível sorriso. Um calafrio percorreu-lhe o corpo. Amélia Sachs havia nadado entre serpentes em

acampamentos à beira de rios e bravateado, honestamente, que não teve

problema em se jogar de uma ponte a trinta metros de altura, amarrada em um

elástico. Mas só de pensar em confinamento... pensar em estar numa

armadilha, imóvel, e um ataque de pânico a acometia como se fosse um

choque elétrico. O que era o motivo por que andava rápido e guiava um carro

como a velocidade da própria luz.

Quando está em movimento, eles não podem pegá-la...

Ouviu um som e inclinou a cabeça para um lado.

Um murmúrio profundo, tornando-se mais alto.

Farrapos de papel soprados pelo vento ao longo dos trilhos.

Redemoinhos de poeira girando em volta dela como fantasmas irados.

Em seguida, um gemido baixo...

A patrulheira Amélia Sachs, 1,75m de altura, descobriu que olhava de frente para uma locomotiva da Amtrak, de 35 toneladas, uma laje vermelha,

branca e azul de aço que se aproximava a uns resolutos 15 km horários.

- Pare, aí! - berrou ela.

O maquinista ignorou-a. Sachs saltou para o leito da estrada e se plantou bem no meio dos trilhos, as pernas abertas, sinalizando com os braços

para que ele parasse. A locomotiva parou com um rangido. O maquinista

enfiou a cabeça pela janela.

- Você não pode passar por aqui - disse ela.

Ele perguntou o que ela queria dizer com aquilo. Amélia pensou que ele parecia horrivelmente jovem demais para dirigir um trem tão grande.

- Isto aqui é uma cena de crime. Por favor, desligue a máquina.

- Moça, não estou vendo nenhum crime.

Sachs, porém, não o estava escutando. Olhava nesse momento para o

buraco no alambrado, no lado oeste do viaduto, no alto, perto da Avenida

Onze.

Aquele teria sido o caminho para trazer o corpo até ali sem ser visto -

estacionando na Onze e arrastando o corpo através do beco estreito até o

paredão. Na 37, onde a rua fazia esquina, ele poderia ter sido visto das janelas

de dezenas de apartamentos.

- O trem, senhor. Simplesmente deixe-o parado onde está.

- Não posso deixar o trem aqui.

- Por favor, desligue a máquina.
- Ninguém desliga a máquina de um trem dessa maneira. Ela funciona o tempo todo.
- Ligue para o despachante. Ou para alguém. Diga para deterem também os trens que vêm na direção sul.
- Não podemos fazer isso.
- Ouça aqui, moço, eu anotei o número desse seu veículo.
- Veículo?
- E sugiro que faça isso agora - disse secamente Sachs.
- O que é que você vai fazer, moça? Me multar?

Amélia Sachs, porém, estava mais uma vez subindo o paredão de pedra, as pobres juntas estalando, os lábios provando o pó de pedra calcária,

barro e seu próprio suor. Foi se arrastando até o beco que tinha visto do leito

da estrada e, em seguida, girou sobre si mesma, olhando para a Avenida Onze

e o Javits Center, do outro lado. O saguão do prédio fervilhava de gente -

espectadores e pessoal da imprensa. Uma grande faixa dizia, Sejam Bem-

Vindos, Delegados, às Nações Unidas! Mais cedo naquela manhã, quando a

rua estava deserta, o assassino poderia facilmente ter encontrado um local de

estacionamento por ali e puxado o corpo para os trilhos, sem ser visto. Sachs

foi devagar até ali, passou a vista pela avenida de seis pistas, nesse momento

congestionada pelo tráfego.

Mãos à obra.

Penetrou no mar de carros e caminhões e parou, imóvel, no meio das

pistas por onde corria o tráfego na direção norte. Vários motoristas tentaram

ultrapassá-la. Teve que multar uns dois e, finalmente, puxou latões de lixo

para o meio da rua, formando uma barricada, para ter certeza de que os bons

residentes do local cumpririam seu deveres de cidadania.

Sachs se lembrou por fim do item seguinte das regras de ADAPTAR.

P significa Proteger a cena do crime.

O som de sirenes iradas começou a encher o céu matutino coberto de

névoa seca, logo acompanhado pelos berros ainda mais zangados de

motoristas. Um momento depois, ouviu as sirenes se juntarem à cacofonia

quando chegou o primeiro dos veículos de emergência.

Quarenta minutos depois, a cena borbulhava de policiais

uniformizados e investigadores, dezenas deles - muito mais do que um

assassinato no Hell's Kitchen, por mais horripilante que fosse a causa da

morte, podia justificar. Mas ela soube por outro policial que aquele era um

caso quente, um banquete para a mídia - a vítima era um de dois passageiros

que haviam chegado ao JFK na noite anterior, tomado um táxi e se dirigido

para a cidade. Eles jamais chegaram em casa.

- A CNN está aqui - murmurou um guarda.

Por isso mesmo, Amélia não ficou surpresa ao ver o louro Vince

Peretti, chefe da Divisão de Investigação e Recursos Criminais, DIRC, que

supervisionava a unidade de processamento de cena de crime, subir para o

alto do paredão e parar por um momento, enquanto espanava a poeira do

terno de dois mil dólares.

Ficou no entanto surpresa quando ele a notou e, com um leve sorriso

no rosto bem escanhado, disse-lhe com um gesto que subisse até ali.

Ocorreu-lhe que ia receber uma inclinação de cabeça, numa indicação de

gratidão por seu papel naquele trabalho de rotina. Havia resguardado as

impressões digitais naquela escada, rapazes. Talvez, até mesmo um elogio no

seu currículo. Na última hora de seu último dia como patrulheira. Saindo

aclamada.

Ele fitou-a de alto a baixo.

- Patrulheira, você não é nenhuma recruta, é? Estou certo em fazer essa suposição?

- Desculpe, não entendi, senhor.

- Você não é uma recruta, suponho.

Ela não era, pelo menos não tecnicamente, embora só tivesse três anos de serviço, ao contrário da maioria das colegas de sua idade. Elas eram

veteranas de nove a dez anos. Sachs havia sido reprovada em vários anos,

antes de conseguir finalmente ingressar na Academia de Polícia.

- Não entendo bem o que o senhor está perguntando.

Ele pareceu exasperar-se e o sorriso desapareceu.

- Você foi o primeiro policial a chegar?

- Fui, sim, senhor.

- Por que fechou a Avenida Onze? No que era que estava pensando ?

Amélia olhou para a larga rua, ainda bloqueada com a barreira de latões de lixo. Havia se acostumado ao som das buzinas, mas, nesse momento,

deu-se conta de que elas faziam um barulho insuportável. O congestionamento se estendia por quilômetros.

- Senhor, o primeiro trabalho do policial é prender um criminoso, deter quaisquer testemunhas, proteger...

- Conheço a regra ADAPTAR, guarda. Você fechou a rua para proteger a cena do crime?

- Sim, senhor. Não achei que o criminoso fosse estacionar na rua transversal. Ele poderia ser visto com a maior facilidade daqueles apartamentos. Está vendo, ali? A Onze me pareceu a melhor opção.

- Foi uma opção errada. Não havia pegadas naquele lado dos trilhos, mas havia dois conjuntos delas na direção da escada que leva à 37.

- Fechei também a 37.

- E justamente esse o meu argumento. Aquela era a única que precisava ser fechada. E o trem? - perguntou. - Por que parou o trem?

- Bem, senhor achei que o trem, passando pela cena, poderia perturbar

a prova. Ou alguma coisa assim.

- Ou alguma coisa, policial?

- Não me expressei muito bem, senhor. O que eu queria dizer...

- O que me diz do Aeroporto de Newark?

- Sim, senhor. - Amélia olhou em volta, à procura de ajuda.

Havia outros policiais por perto, mas muito ocupados e ignorando a espinafração que ela estava recebendo.

- O que, exatamente, sobre Newark? Por que não fechou também esse

aeroporto?

Oh, maravilhoso. Uma professora de escola primária. Seus lábios de

Julia Roberts fecharam-se com força, mas conseguiu dizer razoavelmente:

- Senhor, segundo meu julgamento, pareceu provável que...

- A New York Thruway teria sido também uma boa opção. E também

a Jersey Pike e a Long Island Expressway. A Interestada dual 70, o caminho

todo até St. Louis. Todas elas são prováveis rotas de fuga.

Amélia baixou um pouco a cabeça e olhou de volta para Peretti. Os dois tinham exatamente a mesma altura, embora os saltos dos sapatos dele

fossem mais altos.

- Recebi telefonemas do chefe de polícia - continuou ele -, do diretor da Autoridade Portuária, do gabinete do secretário-geral das Nações Unidas,

do administrador daquela exposição... - inclinou a cabeça na direção do Javits

Center. - Bagunçamos toda a programação da conferência, o discurso de um

senador dos Estados Unidos, e o tráfego em todo o West Side. Os trilhos

ficam a quinze metros da vítima e a rua que você fechou está a setenta metros

de distância e a dez metros de altura. O que quero dizer é que nem mesmo o

furacão Eva bagunçou tanto o Corredor Nordeste da Amtrak.

- Eu apenas pensei...

Peretti sorriu. Uma vez que Sachs era uma bela mulher - suas

“reprovações” antes de ingressar na academia tinham coincido com trabalho

regular para a Agência de Modelos Chantelle, na Madison Avenue -, o chefe

resolveu perdoá-la.

- Patrulheira Sachs - lançou um olhar ao crachá pregado no peito da policial, achatado castamente pelo colete à prova de balas American Body

Armor -, uma lição objetiva. O trabalho numa cena de crime é uma questão de

equilíbrio. Seria ótimo se pudéssemos fechar com um cordão de isolamento

toda a cidade após cada homicídio e prender cerca de três milhões de pessoas.

Mas não podemos fazer isso. Digo isso construtivamente. Para seu aprimoramento.

- Na verdade, senhor - retrucou bruscamente Amélia -, esto sendo transferida da radiopatrulha. Com vigência a partir de hoje ao meio-dia.

Ele inclinou a cabeça e sorriu alegremente.

- Então, já falamos o bastante. Mas, para que conste, foi decisão sua parar o trem e fechar a rua.

- Sim, senhor, foi - respondeu ela prontamente. - Nenhum erro a esse

respeito.

Com penadas rápidas da caneta suada, ele tomou notas em uma caderneta preta. Oh, por favor...

- Agora, tire de lá aqueles latões de lixo. Dirija o tráfego até que a rua

fique novamente desimpedida. Entendeu o que eu disse?

Sem qualquer sim, senhor, não, senhor, ou qualquer outro sinal de que

havia entendido, Amélia foi até a Avenida Onze e, lentamente, começou a

retirar os latões de lixo. Todos os motoristas que passaram por ela fecharam a

cara ou murmuraram alguma coisa. Sachs olhou para o relógio.

Uma hora, ainda.

Posso sobreviver a isso.

CAPÍTULO II

Com um seco rufar de asas, o falcão peregrino desceu até o peitoril da

janela. A luz no lado de fora, em meados da manhã, era brilhante, e o ar,

horrivelmente quente.

- Aí está você - disse ele baixinho.

Em seguida, inclinou a cabeça na direção do som da campainha da porta, no térreo.

- É ele? - perguntou na direção da escada. - É?

Nada ouvindo em resposta, Lincoln Rhyme voltou-se outra vez para a

janela. A cabeça da ave balançou de um lado para o outro, em um movimento

rápido, sacudido, mas que o falcão, ainda assim, conseguia tornar elegante.

Rhyme observou que as garras do falcão estavam manchadas de sangue. Um

pedaço de carne amarela pendia do bico preto. O falcão estendeu o pescoço

curto e entrou no ninho, em movimentos que lembravam não os de uma ave,

mas os de uma serpente. O falcão deixou cair a carne no bico virado para

cima da companheira, de cor azul esmaecida. Estou olhando, pensou Rhyme,

para a única criatura viva na cidade de Nova York que não tem um predador.

Exceto o próprio Deus.

Ouviu passos de alguém que subia lentamente a escada.

- Era ele? - perguntou a Thom.

O jovem respondeu:

- Não.

- Quem era? A campainha tocou, não?

Thom olhou para a janela.

- A ave voltou. Olhe, manchas de sangue no peitoral. Dá para você ver?

O falcão fêmea apareceu lentamente, azul-acinzentada como um peixe, iridescente. A cabeça da ave vasculhou o céu.

- Eles estão sempre juntos. Eles se acasalam por toda a vida? - especulou Thom em voz alta. - Como os gansos?

Os olhos de Rhyme voltaram a Thom, que se inclinava para ele a partir da cintura esguia, juvenil, olhando para o ninho, seguindo os pingos de sangue pela janela.

- Quem era? - repetiu Rhyme.

O rapaz estava ganhando tempo e isso o irritou.

- Uma visita.

- Uma visita? Ah - resmungou Rhyme.

Tentou lembrar-se de quando tivera uma visita pela última vez. Isso

devia ter acontecido há uns três meses. Quem? Aquele repórter, talvez, ou

algum primo distante. Bem, Peter Taylor, um de seus especialistas em medula

espinhal. E Blaine esteve ali várias vezes. Mas ela, claro, não era uma vi-si-ta.

- Está congelando aqui - queixou-se Thom.

A reação dele era abrir a janela. Satisfação imediata. Juventude.

- Não abra a janela - ordenou Rhyme. - E me diga quem foi que esteve

aqui.

- Está congelando.

- Você vai espantar a ave. Pode diminuir o ar-condicionado. Eu vou diminuir o ar.

- Nós chegamos aqui primeiro - retrucou Thom, erguendo um pouco mais o enorme painel da janela. - As aves chegaram sabendo perfeitamente

que você estava aqui. - Os falcões olharam na direção do ruído, raiva nos

olhos. Mas eles sempre olhavam assim. Permaneceram no peitoril, vigiando

seu domínio, de nogueiras-do-japão anêmicas e de arborização alternada ao

longo da rua.

Rhyme repetiu a pergunta:

- Quem era?

- Lon Sellitto.

- Lon?

O que estaria ele fazendo ali? Thom passou a vista pelo cômodo.

- Este lugar está uma bagunça.

Rhyme não gostava da agitação de uma faxina. Não gostava da movimentação, do barulho do aspirador de pó - que considerava especialmente irritante. Sentia-se contente ali, do jeito como estavam as coisas.

Essa sala, que chamava de seu escritório, ficava no segundo andar de sua casa,

em estilo gótico, no Upper West Side, de frente para o Central Park. A sala era

grande, de sete por sete metros, e virtualmente cada espaço ali estava ocupado

por alguma coisa. Às vezes fechava os olhos, fazendo um jogo, e tentava

detectar o cheiro dos diferentes objetos espalhados por ali. Os milhares de

livros e revistas, as pilhas de fotocópias formando torres de Pisa, os

transistores quentes da TV, as lâmpadas elétricas empoeiradas, os painéis de

cortiça para pregar bilhetes. Vinil, peróxido, látex, acolchoados.

Três tipos diferentes de uísque escocês, de uma única espécie de malte.

Merda de falcão.

- Não quero conversar com ele. Diga que estou ocupado.

- E também um policial novo. Ernie Banks. Não, esse era jogador de beisebol, certo? Você devia realmente deixar que eu fizesse uma faxina por

aqui. A gente jamais nota como um lugar está imundo, até que chega uma

visita.

- Uma visita? Ora, isso parece fino. Vitoriano. O que você acha? Diga a eles que se mandem, porra. O que acha disso como etiqueta de fin-de-siècle?

Uma bagunça...

Thom estava falando da sala, mas Rhyme achava que talvez estivesse

se referindo também a ele, ao patrão.

Os cabelos de Rhyme eram pretos e cheios como os de um rapaz de

vinte anos - embora tivesse duas vezes essa idade -, mas com os fios

emaranhados e enrolados, precisavam desesperadamente de uma lavagem e de

um corte. No rosto, uma barba preta por fazer de três dias e aparência suja.

Havia acordado com uma coceira incessante nas orelhas, o que significava que

aqueles pêlos precisavam também ser aparados. As unhas, das mãos e dos pés,

eram compridas e ele vinha usando as mesmas roupas há uma semana -

pijama de bolinhas, horrendo. Os olhos eram estreitos, de um castanho

profundo, e engastados em um rosto que, como lhe dissera Blaine em várias

ocasiões, em tom apaixonado ou não, era bonito.

- Eles querem falar com você - continuou Thom. - Disseram que é muito importante.

- Faça uma grosseria com eles.

- Você não vê Lon há quase um ano.

- Por que isso tem de significar que quero vê-lo agora? Você assustou

o falcão? Vou ficar uma fera, se tiver assustado.

- É importante, Lincoln.

- Muito importante, eu lembro que você disse isso. Onde está aquele médico? Ele pode ter telefonado. Eu estava cochilando. E você tinha saído.

- Você está acordado desde as seis da manhã.

- Não. - Rhyme calou-se por um momento. - Acordei, sim. Mas em seguida voltei a dormir. Dormi a sono solto. Verificou as mensagens na

secretária eletrônica?

- Verifiquei - respondeu Thom. - Nenhuma dele.

- Ele disse que viria aqui no meio da manhã.

- Passa apenas um pouco das onze. Talvez a gente ainda espere um pouco, antes de notificar o serviço de socorro aéreo e marítimo. O que é que

você acha?

- Você andou falando ao telefone? - perguntou bruscamente Rhyme.

-

Talvez ele tenha tentado ligar quando você estava batendo papo.

- Eu estava falando com...

- Eu disse alguma coisa? - perguntou Rhyme. - Agora você está zangado. Eu não disse que você não deve dar telefonemas. Pode dar. Você

sempre pôde fazer isso. O que eu quis dizer é que ele pode ter telefonado

quando você estava na linha.

- Não, o que você quer esta manhã é encher o saco.

- Lá vem você. Sabe, os telefones têm essa coisa... chamada à espera.

A gente pode receber dois telefonemas ao mesmo tempo. Eu gostaria que

tivéssemos isso. O que está querendo o meu velho amigo Lon? E o amigo

dele, o jogador de beisebol?

- Pergunte a eles.

- Estou perguntando a você.

- Eles querem falar com você. E tudo que sei.

- Sobre alguma coisa m-u-i-t-o im-por-tan-te,

- Lincoln.

Thom suspirou. O jovem bonito passou a mão pelos cabelos louros.

Usava calça esporte marrom, camisa branca, uma gravata com motivos florais,

com um nó imaculado. Quando o contratou, há um ano, Rhyme lhe disse que

podia usar jeans e camiseta, se quisesse. Ele, porém, sempre se vestia de

maneira impecável desde aquele dia. Rhyme não sabia por que isso contribuía

para sua decisão de conservar o jovem a seu serviço, mas contribuía. Nenhum

dos antecessores de Thom havia durado mais de seis semanas. O número dos

que tinham pedido as contas era exatamente igual ao dos que tinham sido

mandados embora.

- Muito bem. O que foi que você disse a eles?

- Disse que me dessem alguns minutos, para verificar se você estava vestido para recebê-los, e que, em seguida, eles poderiam subir. Em curtas

palavras.

- Você fez isso. Sem me perguntar. Muito, muito obrigado.

Thom deu alguns passos para trás e gritou pela escada estreita, que descia até o térreo:

- Podem subir, cavalheiros.

- Eles lhe disseram algo, não foi? - perguntou Rhyme. - Você está me

escondendo alguma coisa.

Thom deixou essas palavras sem resposta, enquanto Rhyme observava

a chegada das duas visitas. No momento em que entraram, Rhyme foi o

primeiro a falar, dirigindo-se a Thom:

- Feche as cortinas. Você já perturbou demais os falcões.

O que realmente significava apenas que ele estava cheio de toda aquela

luz barulhenta.

Muda.

Com o esparadrapo sujo e pegajoso sobre a boca, ela não podia

pronunciar uma única palavra, e essa situação fazia com que se sentisse ainda

mais impotente do que com as algemas nos pulsos. Mais impotente do que

com os dedos curtos e fortes dele em seu bíceps.

O motorista do táxi, usando ainda a máscara de esquiador, levou-a

pelo corredor imundo e molhado, passando por fileiras de dutos e canos. Os

dois se encontravam no subsolo de um prédio de escritórios. Ela não fazia a

menor idéia de onde.

Se eu pudesse falar com ele...

T.J. Colfax era uma jogadora, a vaca do terceiro andar do Morgan

Stanley's. Uma negociadora.

Dinheiro? Você quer dinheiro? Eu lhe arranjo dinheiro, dinheiro à vontade, rapaz. Barris de dinheiro. Pensou nisso uma dezena de vezes,

tentando atrair seu olhar, como se pudesse realmente imprimir as palavras nos

pensamentos daquele homem.

Pooooor faaaavor, implorou em silêncio e começou a pensar na mecânica de transformar seu fundo de aposentadoria em dinheiro e dar todo a

ele. Oh, por favor...

Lembrou-se da noite anterior: o homem dando as costas aos fogos de

artifício, arrastando-os para fora do táxi, algemando-os. Havia trancado os

dois na mala do carro e, em seguida, voltado a rodar, inicialmente sobre

calçamento irregular de lajes e asfalto cheio de buraco, em seguida sobre

asfalto liso e, finalmente, asfalto ondulado. Ela ouviu o zumbido das rodas em

uma ponte. Mais voltas, mais estradas acidentadas. Finalmente, o táxi parou, o

motorista desceu e pareceu que abria um portão ou algum tipo de porta. Ele

entrou em uma garagem, pensou ela. Todos os sons da cidade desapareceram

e o borbulhante cano de descarga do carro aumentou de volume, reverberando de paredes próximas.

Em seguida, a mala do carro foi aberta e o homem puxou-a para fora.

Arrancou o anel de brilhante de seu dedo e enfiou-o no bolso. Em seguida,

levou-a ao longo de paredes de faces fantasmagóricas, pinturas desmaiadas de

olhos vazios fitando-a, um açougueiro, um demônio, três crianças chorosas -

pintadas sobre reboco que se desmanchava. Arrastou-a para um porão

bolorento e soltou-a como um fardo no chão. Em seguida, subiu a escada e

deixou-a na escuridão, cercada por um cheiro nauseante - carne podre, lixo.

Ali ficou durante horas, dormindo um pouco, chorando muito. Acordou

subitamente ao ouvir um som forte. Uma violenta explosão. Próxima. Em

seguida, mais sono agitado.

Meia hora antes, ele tinha voltado. Levou-a para a mala do carro e rodaram por mais vinte minutos. Aqui. Onde quer que fosse aqui.

Em seguida, entraram na sala escura de um porão. No centro, ela viu

um grosso cano preto. Ele a algemou ao cano e amarrou seus pés, puxando-os

retos para a frente e colocando-a sentada. Agachou-se e prendeu suas pernas

com uma corda fina - o que levou vários minutos. Ele usava luvas de couro.

Levantando-se, olhou-a durante um longo momento, curvou-se e rasgou e

abriu a blusa dela. Passou para as costas, e ela arquejou, sentindo as mãos nos

ombros, tenteando, apertando as omoplatas.

Chorando, implorando através do esparadrapo.

Sabendo o que ia acontecer.

As mãos desceram, ao longo dos braços e sob eles, passando para a

frente do corpo. Mas ele não tocou os seios. Não, enquanto as mãos

passavam leves pela pele, parecia que estava procurando as costelas. Cutucou-

as e alisou-as. T.J. arrepiou-se e tentou afastar-se. Ele a agarrou com violência,

acariciou-a um pouco mais, pressionando com força, sentindo a flexibilidade

do osso.

Ele se levantou. Ela ouviu passos que se afastavam. Durante um longo

momento, só silêncio, quebrado pelos gemidos dos condicionadores de ar e

dos elevadores. Em seguida, ouviu um grunhido assustado bem às suas costas.

Um ruído que se repetia. Wsssh. Wssh. Um som muito conhecido, mas algo

que não conseguiu identificar. Tentou virar-se para ver o que ele estava

fazendo, mas não pôde. O que era aquilo? Escutando o som rítmico, repetindo-se, repetindo-se. O som levou-a diretamente de volta para a casa da

mãe.

Wsssh. Wsssh.

Manhã de sábado em um pequeno bangalô em Bedford, Tennessee.

Era o único dia em que a mãe não trabalhava fora e ela ocupava a maior parte

do tempo fazendo faxina na casa. T.J. acordava com o sol forte e descia

trôpega a escada para ajudá-la. Wsssh. Enquanto chorava com essa

recordação, escutou o som e se perguntou por que, em nome de Deus, ele

estava varrendo o chão, com movimentos cuidadosos, seguros, de uma

vassoura.

Ele notou a surpresa e o constrangimento nos rostos dos dois.

Algo que não é encontrado com muita frequência em policiais do Esquadrão de Homicídios de Nova York.

Lon Sellitto e o jovem Banks (Jerry, não Ernie) sentaram-se nos

lugares que Rhyme lhes indicou com um aceno da cabeça cabeluda: cadeiras

iguais de vime, empoeiradas e incômodas.

Rhyme havia mudado muito desde que Sellitto esteve ali pela última vez e o detetive não conseguiu disfarçar muito bem o choque que sentiu.

Banks não tinha um indicador com que comparar o que via naquele momento, mas, ainda assim, ficou chocado. A sala desarrumada, aquele

homem olhando-os desconfiado. O cheiro, com certeza - o cheiro visceral que

cercava a criatura em que Lincoln Rhyme se transformara.

Rhyme sentiu grande arrependimento por tê-los deixado subir.

- Por que não ligou antes, Lon?

- Você nos teria dito para não vir.

Verdade.

Thom apareceu no alto da escada e Rhyme dispensou-o:

- Thom, não vamos precisar de você.

Lembrou-se de que o rapaz sempre perguntava às visitas se queriam beber ou comer alguma coisa.

Um verdadeiro Martha Stewart.

O silêncio continuou durante um momento. O alto e amassado

Sellitto - um veterano de vinte anos de serviço na polícia olhou para uma caixa

ao lado da cama e fez menção de falar. O que quer que estivesse prestes a

dizer foi cortado pela visão de fraldas descartáveis de adulto.

Jerry Banks tomou a palavra:

- Li seu livro, senhor.

O jovem policial tinha mão pesada quando o trabalho era barbear-se,

e Rhyme viu uma infinidade de pequenos cortes. E que topete encantador!

Deus do céu, ele não pode ter mais de vinte anos. Quanto mais velho fica o

mundo, pensou Rhyme, mais jovens parecem tornar-se seus habitantes.

- Qual?

- O seu manual sobre cena de crime, claro. Mas estou me referindo ao

livro ilustrado. O que publicou há uns dois anos.

- Nele havia também palavras. Na verdade, é constituído principalmente de palavras. Você as leu?

- Ora, claro - respondeu rapidamente Banks.

Uma pilha imensa de volumes encalhados do The Scenes of the Crime

podia ser vista encostada numa parede da sala.

- Eu não sabia que o senhor e Lon eram amigos – acrescentou Banks.

- Lon não lhe mostrou aquele anuário? Não lhe mostrou a fotos? Não subiu a manga da camisa e mostrou as cicatrizes, dizendo que havia recebido

esses ferimentos quando trabalhava com Lincoln Rhyme?

Sellitto, porém, não estava achando graça. Bem, eu posso dar a ele ainda menos motivo para um sorriso, se é isso o que ele quer. O detetive mais

velho estava procurando alguma coisa na maleta 007. O que é que ele tem aí

dentro?

- Por quanto tempo vocês parceraram juntos? – perguntou Banks, tentando dar início à conversa.

- Ah, isso é que é um verbo para você - retrucou Rhyme e olhou para

o relógio.

- Nós não fomos parceiros - explicou Sellitto. - Eu trabalhava em Homicídios e ele era o chefe da DIRC.

- Oh - disse Banks, ainda mais impressionado.

Chefiar a Divisão de Investigação e Recursos Criminais era um dos cargos de mais prestígio do Departamento de Polícia.

- Isso mesmo - disse Rhyme, olhando para a janela, como se seu médico pudesse chegar via falcão. - Os dois mosqueteiros.

Em voz paciente, que o enfureceu, Sellitto disse:

- Durante sete anos, com intervalos, nós trabalhamos juntos.

- E foram anos bons - cantarolou Rhyme.

Thom fez uma carranca. Sellitto, porém, não percebeu a ironia. Ou o que era mais provável, ignorou-a. E continuou:

- Estamos com um problema, Lincoln. Precisamos de um pouco de ajuda.

Snap. A pilha de papéis foi posta com força sobre a mesinha-de-cabeceira.

- Um pouco de ajuda? - A risada explodiu do nariz estreito, que Blaine

sempre desconfiou ter sido produto da visão de um cirurgião, mas que não

era. Ela também tinha achado que os lábios dele eram perfeitos demais.

(Acrescente uma cicatriz, disse ela em tom de brincadeira e, durante uma das

brigas dos dois, quase fizera isso.) E por que, perguntou ele a si mesmo, a

aparição voluptuosa de Blaine continuava a surgir à sua frente? Acordou

pensando em sua ex e se sentiu obrigado a lhe escrever uma carta, que nesse

momento se encontrava na tela do computador. Aproveitou a ocasião e

salvou-a no disco rígido. O silêncio encheu a sala, enquanto ele dava os

comandos com um único dedo.

- Lincoln? - disse Sellitto.

- Sim, senhor. Uma pequena ajuda. Minha. Ouvi.

Banks manteve um sorriso impróprio nos lábios, enquanto mexia,

pouco à vontade, o traseiro na cadeira.

- Tenho um encontro a qualquer minuto agora - disse Rhyme.

- Um encontro.

- Com um médico.

- Mesmo? - perguntou Banks, provavelmente para assassinar o silêncio

que os ameaçava, mais uma vez.

Sellitto, sem saber para onde a conversa se encaminhava, perguntou:

- E você, como é que está indo?

Banks e Sellitto não haviam perguntado sobre sua saúde quando chegaram. Era o tipo de pergunta que pessoas tendiam a evitar quando viam

Lincoln Rhyme. A resposta acarretava o risco de ser muito complicada e,

quase com certeza, desagradável.

Rhyme respondeu simplesmente:

- Bem. Obrigado. E você? E Betty?

- Nós nos divorcamos - respondeu rapidamente Sellitto.

- Mesmo?

- Ela ficou com a casa e eu com a metade de um filho. – O policial

respondeu com uma alegria forçada, como se tivesse usado a mesma frase

antes. Rhyme achou que deveria haver uma história dolorosa por trás do

rompimento. História que não tinha o menor desejo de ouvir. Ainda assim,

não se surpreendia que o casamento tivesse naufragado. Sellitto era um burro

de carga no trabalho. Era um dos cento e tanto detetives de primeira classe do

Departamento e isso durante anos - e obtinha promoções quando as notas

eram dadas por mérito e não por tempo de serviço. Trabalhava quase oitenta

horas por semana. Rhyme nem mesmo sabia que ele era casado nos primeiros

meses em que haviam trabalhado juntos.

- Onde é que você está morando agora? - perguntou Rhyme, com esperança de que um pouco de conversa social conseguisse tirá-los dali.

- Brooklyn. Nos Heights. Às vezes vou para o trabalho a pé. Lembra-se daquelas dietas que eu andava sempre fazendo? O macete não é fazer dieta.

E exercício.

Ele não parecia nem mais gordo nem mais magro do que o Lon Sellitto de três anos antes. Ou, por falar nisso, o Sellitto de quinze anos antes.

- De modo que - interrompeu-os Banks -, é um médico, foi o que o senhor estava dizendo. Para uma...

- Uma nova forma de tratamento? - respondeu Rhyme, completando a

pergunta que ia murchando. - Exatamente.

- Boa sorte.

- Muito, muito obrigado.

Eram 11:36. Bem além de meados da manhã. Atraso é imperdoável em um médico.

Observou os olhos de Banks examinarem suas pernas duas vezes.

Flagrou pela segunda vez o jovem, ainda com espinhas no rosto, e não ficou

surpreso quando notou que ele enrubescia.

- De modo que - continuou Rhyme -, lamento muito, mas realmente não disponho de tempo para ajudá-los.

- Mas ele não chegou ainda, não é, o médico? - perguntou Lon Sellitto,

no mesmo tom à prova de bala que usava para abrir buracos em alibis de

suspeitos de homicídio.

Thom apareceu à porta, trazendo um bule de café. Escroto, disse

Rhyme movendo a boca, mas sem emitir nenhum som.

- Lincoln esqueceu de oferecer alguma coisa aos senhores, cavalheiros.

- Thom me trata como se eu fosse uma criança.

- Se a carapuça cabe... - respondeu o ajudante.

- Muito bem - retrucou Rhyme secamente. - Sirvam-se de café. Vou tomar um pouco do leite da mamãe.

- Cedo demais - cortou-o Thom. - O bar não abriu ainda. – E aguentou muito bem o olhar irado de Rhyme.

Mais uma vez, os olhos de Banks percorreram o corpo de Rhyme.

Talvez estivesse esperando ver apenas pele e ossos. O processo de atrofia,

porém, tinha parado pouco depois do acidente e seu primeiro fisioterapeuta o

esgotara com tantos exercícios. Thom, que podia ser um chato às vezes e uma

velha galinha cacarejante em outras, também era um fisioterapeuta muito

bom. Todos os dias submetia Rhyme a exercícios passivos de recuperação.

Fazia medições rigorosas da goniometria - medições da amplitude do movimento que aplicava a cada junta do corpo de Rhyme.

Examinava com

todo cuidado a espasticidade, enquanto mantinha os braços e as pernas dele

em um ciclo constante de abdução e adução. O trabalho de recuperação não

era nenhum milagre, mas produzia um certo tônus muscular, reduzia as

contraturas debilitantes e mantinha o sangue fluindo. Para alguém cujas

atividades musculares haviam sido limitadas aos ombros, cabeça e dedo anular

da mão esquerda durante três anos e meio, Lincoln Rhyme não estava numa

forma tão ruim assim.

O jovem detetive desviou a vista do complicado controle ECU ao

lado do dedo de Rhyme, ligado por fios a outro painel de controle, de onde

saíam um conduíte e cabos, ligados ao computador e a uma tela de parede.

A vida de um tetraplégico é feita de fios, disse um terapeuta a Rhyme,

muito tempo antes. A dos ricos, pelo menos. Dos que têm sorte.

- Esta manhã - disse Sellitto -, houve um assassinato no West Side.

- Temos recebido relatos de homens e mulheres sem-teto que desapareceram no último mês - acrescentou Banks. - No início, pensamos que

poderia ser um deles. Mas não era - disse em tom dramático. - A vítima da

noite passada foi uma daquelas pessoas cujo paradeiro é desconhecido.

Rhyme olhou, o rosto sem expressão, para o jovem de rosto espinhento.

- Daquelas pessoas?

- Ele não assiste ao noticiário - explicou Thom. - Se estão falando sobre o sequestro, ele nada ouviu a esse respeito.

- Você não assiste aos noticiários? - Sellitto soltou uma risada. - Você era o CDF que lia quatro jornais por dia e gravava os noticiários para assisti-

los quando voltava para casa. Blaine me disse que você a chamou de Katie

Couric certa noite, quando estavam fazendo amor.

- Agora só leio literatura - respondeu Rhyme pomposa e falsamente.

Thom explicou:

- Literatura é notícia que continua a ser notícia.

Rhyme o ignorou.

- Um homem e uma mulher - continuou Sellitto. – Estavam voltando de uma viagem de negócios à Costa Oeste. Tomaram um Yellow Cab no JFK.

Nunca chegaram em casa. Recebemos uma informação às onze e meia da

noite. Esse táxi estava descendo a BQE, no Queens. Como passageiros, um

homem e uma mulher, brancos, no assento traseiro. Parecia que estavam

tentando quebrar uma janela do carro. Batendo no vidro. Ninguém anotou a

placa.

- Essa testemunha... a que viu o táxi, conseguiu ver o motorista?

- Não.

- A passageira?

- Nenhum sinal dela.

Já eram 11:41. Rhyme estava furioso com o Dr. William Berger.

- Coisa ruim - murmurou, distraído.

Sellitto soltou um longo e ruidoso suspiro.

- Continue, continue - disse Rhyme.

- Ele estava usando o anel dela - explicou Banks.

- Quem estava usando o quê?
- A vítima. Foi encontrada esta manhã. Ele estava usando o anel da mulher. Da outra passageira.
- Tem certeza de que o anel era dela?
- Tinha as iniciais dela no lado de dentro.
- De modo que vocês têm um ED - continuou Rhyme - que quer que saibam que está com a mulher e que ela continua viva.
- O que é um ED? - quis saber Thom.

Vendo que Rhyme ignorava a pergunta, Sellitto explicou:

- Um elemento desconhecido.
- Mas quer saber como foi que ele conseguiu que coubesse no dedo?
-

perguntou Banks, um pouco esbugalhado demais para o gosto de Rhyme. - O

anel?

- Desisto.
- Arrancou a pele do dedo do cara. Toda ela. Até o osso.

Rhyme sorriu levemente.

- Ah, ele é sabido, não?
- Por que sabido?

- Para ter certeza de que não ia aparecer ninguém e tirar o anel.
Estava

sujo de sangue, não?

- A maior sujeira.

- Para começar, era difícil ver o anel. Depois, a questão da AIDS,
hepatite. Ainda assim, mesmo que alguém notasse, um bocadinho de
pessoas iria

tentar pegar o troféu. Qual é o nome dela, Lon?

O detetive mais velho inclinou a cabeça para o colega, que abriu a
caderneta de notas.

- Tammie Jean Colfax. Conhecida com T.J. Vinte e oito anos.

Trabalha para a Morgan Stanley.

Rhyme observou que Banks também usava um anel. Um anel de
formatura de algum tipo. O rapaz era educado demais para ter
apenas a escola

secundária e ser formado pela Academia de Polícia. Nada havia nele
que

sugerisse o Exército. Não ficaria surpreso se a jóia tivesse o nome
Yale

gravado. Detetive de homicídios? Para onde estava indo o mundo?

O jovem policial segurou com as duas mãos a xícara de café, que

sacudia vez por outra. Com um pequeno gesto do dedo anular no painel de

controle Everest & Jennings, ao qual a mão esquerda estava ligada, Rhyme

clicou várias configurações, reduzindo o ar-condicionado. Geralmente, não

desperdiçava tempo controlando coisas como aquecimento e ar-condicionado.

Reservava-o para coisas absolutamente necessárias, como iluminação, o

computador e o dispositivo que virava páginas de livro. Mas, quando a sala

ficava fria demais, o nariz começava a escorrer. E isso era uma tortura

insuportável para um tetraplégico.

- Nota pedindo resgate? - perguntou Rhyme.

- Nenhuma

- Você é o detetive encarregado do caso? - perguntou Rhyme a Sellitto.

- Sou. Subordinado a Jim Polling. E queremos que você passe em revista o relatório da CC.

Outra risada.

- Eu? Eu não leio um relatório de CC há três anos. O que poderia

dizer a vocês?

- Poderia dizer toneladas de coisas, Linc.
- Quem é atualmente o diretor da DIRC?
- Vince Peretti.
- O filhinho do deputado - lembrou-se Rhyme. - Peça a ele para ler.

Sellitto hesitou por um momento.

- Nós preferiríamos ter você.
- Nós, quem?
- O chefe. Sinceramente.
- E como é que o capitão Peretti - perguntou Rhyme, sorrindo como uma colegial - se sente com esse voto de desconfiança?

Sellitto levantou-se e andou pela sala, olhando para as pilhas de revistas. Forensic Science Review. Catálogo da Harding & Boyle Scientific Equipment

Company. The New Scotland Yard Forensic Investigation Annual. American College of

Forensic Examiners Journal. Report of the American Society of Crime Lab Directors.

CRC Press Forensics. Journal of the International Institute of Forensic Science.

- Olhe só para elas - disse Rhyme. - As assinaturas foram suspensas há

anos. E todas as revistas estão empoeiradas.

- Tudo aqui está horrivelmente empoeirado, Linc. Por que você não se

mexe e faz uma faxina neste chiqueiro?

Banks deu a impressão de estar horrorizado. Rhyme abafou a explosão

de riso, o que lhe pareceu estranho. Havia baixado a guarda e a irritação tinha

se dissolvido e transformado em divertimento. Por um momento, lamentou

que ele e Sellitto tivessem se afastado um do outro. Em seguida, matou esse

sentimento. Rosnou:

- Não posso ajudá-lo. Sinto muito.

- Nós temos aquela conferência de paz que começa na segunda-feira.

Nós...

- Que conferência?

- Nas Nações Unidas. Embaixadores, chefes de Estado. Haverá uns dez mil caras importantes na cidade. Ouviu falar naquela coisa que aconteceu

em Londres há dois dias?

- Coisa? - repetiu ironicamente Rhyme.

- Alguém tentou explodir com uma bomba o hotel onde a UNESCO realizava uma reunião. O prefeito está se cagando de medo de que alguém

tente fazer a mesma coisa na conferência aqui. Ele não quer nada de

manchetes desagradáveis no Post.

- E há também o pequeno problema - observou secamente Rhyme - de que a Srta. Tammie Jean talvez não esteja gostando de sua volta para casa.

- Jerry, dê a ele alguns detalhes. Desperte o apetite dele. - Banks desviou a atenção das pernas de Rhyme para a cama, que era - e Rhyme

reconheceu prontamente isso - algo mais interessante. Especialmente o painel

de controle. O aparelho parecia saído de um ônibus espacial e ter custado

quase o mesmo preço.

- Dez horas depois de terem sido sequestrados, encontramos o passageiro, John Ulbrecht, baleado e enterrado vivo no leito da Amtrak, nas

proximidades do cruzamento da rua 37 com a Onze. Bem, quando o encontramos, ele já estava morto. Mas tinha sido enterrado vivo. A bala era de

calibre .32. - Banks ergueu a vista e acrescentou: - Segundo o Catálogo Honda

de Projéteis.

Isso significava que não haveria deduções astuciosas, baseadas em uso

de armas exóticas pelo elemento desconhecido. Esse Banks parecia um rapaz

esperto, pensou Rhyme, e ele só sofre mesmo de juventude, que poderá ou

não superar. Lincoln Rhyme acreditava que ele mesmo nunca tinha sido

jovem.

- Marcas no projétil? - perguntou.

- Seis endentações e estrias, giro para a esquerda.

- De modo que ele usou um Colt - observou Rhyme e olhou novamente para o diagrama da cena do crime.

- Você disse "ele" - continuou o jovem detetive. - Na verdade, são "eles".

- O que?

- Elementos desconhecidos. Houve dois deles. Encontramos dois

conjuntos de pegadas entre a cova e a base de uma escada de ferro que leva à

rua - explicou Banks, apontando para o diagrama da CC.

- Alguma pegada na escada?

- Nenhuma. Havia sido apagada. Fizeram um bom trabalho nisso. As pegadas vão até a cova e voltam à escada. De qualquer modo, teve de haver

dois deles quando mataram a vítima. Ela pesava mais de cem quilos. Um

homem só não podia ter feito isso.

- Continue.

- Levaram-no à cova, jogaram-no dentro dela, atiraram e o enterraram,

voltaram à escada, subiram e desapareceram.

- Atiraram quando já estava na cova? - perguntou Rhyme.

- Isso mesmo. Não havia trilha de sangue em lugar nenhum em volta

da escada ou no caminho até a cova.

Rhyme descobriu que estava levemente interessado, mas limitou-se a

dizer:

- Para que é que vocês precisam de mim?

Os dentes amarelos de Sellitto apareceram quando ele sorriu.

- Temos um mistério nas mãos, Linc. Um bocado de indícios que não

fazem absolutamente sentido.

- E daí?

Eram raros os crimes em que todos os tipos de prova material faziam

sentido.

- Bem, isso tudo é realmente esquisito. Leia o relatório. Por favor.

Vou colocá-lo aqui. Como é que esse troço funciona?

Sellitto olhou para Thom, que colocou o relatório no dispositivo que virava páginas.

- Não tenho tempo, Lou - protestou Rhyme.

- Isto é uma geringonça e tanto - disse Banks, olhando para o dispositivo. Rhyme não respondeu. Relanceou para a primeira página e depois

leu cuidadosamente. Moveu o dedo anular um exato milímetro para a

esquerda. Uma vareta de borracha virou a página.

Lendo. Pensando. Bem, isso é estranho.

- Quem foi encarregado de processar a cena?

- O próprio Peretti. Quando soube que a vítima era uma das pessoas do táxi, apareceu e assumiu o comando.

Rhyme continuou a ler. Durante um minuto, as palavras rotineiras e

sem imaginação do relato mantiveram seu interesse. Em seguida, a campainha

da porta tocou e seu coração disparou em galope com um grande estremecimento. Olhou para Thom. Olhos frios e que deixavam claro que o

tempo de brincadeira acabara. Thom inclinou a cabeça e desceu imediatamente para o térreo.

Todos os pensamentos sobre motoristas de táxi, provas e banqueiros sequestrados desapareceram da mente poderosa de Lincoln Rhyme.

- O Dr. Berger - anunciou Thom pelo telefone interno.

Até que enfim. Finalmente.

- Sinto muito, Lon, mas vou ter que pedir que se retire. Foi bom revê-

lo. - Um sorriso. - Interessante, esse caso.

Sellitto hesitou por um momento, mas em seguida se levantou.

- Mas você lê o relatório até o fim, Lincoln? E depois diz o que pensa do caso?

- Pode apostar que digo - prometeu Rhyme. E voltou a reclinar a cabeça no travesseiro. Tetraplégicos como Rhyme, com todos os movimentos

da cabeça e pescoço, podiam ativar uma dezena de controles, usando apenas

os movimentos tridimensionais da cabeça. Rhyme, porém, evitava descansos

de cabeça. Eram tão poucos os prazeres sensuais que lhe restavam que não

estava disposto a abdicar do conforto de repousar a cabeça em seu travesseiro

de duzentos dólares. As visitas o haviam deixado cansado. Não era ainda nem

meio-dia e tudo o que queria era dormir. Os músculos do pescoço latejavam

de dor.

No momento em que Sellitto e Banks chegaram à porta, chamou-os:

- Lon, espere.

O detetive voltou-se para ele.

- Há uma coisa que você não sabe. Você só encontrou metade da cena

do crime. A importante é a outra metade... a cena primária. A casa dele. É nela

que ele estará. E vai ser difícil como o diabo encontrá-la.

- Por que acha que há outra cena?

- Porque ele não atirou na vítima quando ela estava na cova. Ele atirou

nele lá... na cena primária. E é lá que ele provavelmente conserva a mulher.

Deve ser um local subterrâneo ou em uma parte muito deserta da cidade. Ou

as duas coisas... Porque, Banks – Rhyme evitou dessa maneira a pergunta do

jovem detetive -, ele não se arriscaria a atirar em alguém e manter uma

prisioneira, a menos que o local fosse tranquilo e privado.

- Talvez ele tenha usado um silenciador.

- Não há traços de borracha ou algodão abafante no projétil - lembrou

secamente Rhyme.

- Mas como a vítima poderia ter sido baleada ali? – retrucou Banks. -

Quero dizer, não havia absolutamente manchas de sangue na cena.

- Suponho que a vítima foi baleada no rosto - disse Rhyme.

- Ora, foi, sim - respondeu Banks, um sorriso estúpido aparecendo nos lábios. - Como foi que o senhor soube?

- Muito doloroso, profundamente incapacitante, pouquíssimo sangue com uma bala .32. Raramente letal, se o cara erra o cérebro. Com a vítima

nesse estado, o elemento desconhecido podia levá-lo para onde quisesse. Digo

elemento desconhecido no singular porque foi um só.

Houve um momento de silêncio.

- Mas... mas havia dois conjuntos de pegadas - quase murmurou Banks, como se estivesse desarmando uma mina terrestre.

Rhyme deixou escapar um suspiro.

- Os solados são idênticos. Foram deixados pelo mesmo homem, que fez o percurso duas vezes. Para nos enganar. E as pegadas na direção norte

têm a mesma profundidade que as que seguem para o sul. Em vista disso, ele

não estava levando uma carga de cem quilos de um lado para o outro. A

vítima estava descalça?

Banks folheou as notas.

- De meias.

- Bem, neste caso, o perp estava usando os sapatos da vítima para fazer seu pequeno e inteligente percurso até a escada e de volta.

- Se ele não desceu pela escada, como foi que ele chegou à cova?

- Ele conduziu o homem ao longo dos próprios trilhos, em ambas as direções.

- Não há outras escadas descendo para o leito da estrada em qualquer

direção, por vários quarteirões.

- Mas há túneis paralelos à estrada - continuou Rhyme. – Eles se ligam

aos porões de alguns velhos armazéns ao longo da Avenida Onze.
Durante a

Lei Seca, um gângster chamado Owney Madden mandou escavá-los,
de modo

a enviar partidas de uísque contra bandeado para os trens da New
York

Central que seguiam para

Albany e Bridgeport.

- Mas por que simplesmente não enterrar a vítima perto do túnel?
Por

que correr o risco de ser visto, levando o cara o caminho todo até a
passagem

de nível?

Impaciente agora, Rhyme voltou a falar:

- Você compreende o que ele está nos dizendo, não?

Banks fez menção de falar, mas, em seguida, sacudiu a cabeça.

- Ele tinha que deixar o corpo em um local onde fosse visto -

continuou Rhyme. - Ele precisava que alguém o encontrasse. Foi por
isso que

deixou a mão alta no ar. Ele está acenando para nós. Para chamar nossa

atenção. Desculpe, vocês podem ter apenas um elemento desconhecido, mas

ele é suficientemente inteligente por dois. Em algum local nas proximidades,

há uma porta de acesso a um túnel. Vão até lá e procurem impressões digitais.

Não vão encontrar nenhuma. Mas vão ter que fazer isso, apesar de tudo. A

imprensa, vocês sabem. Quando a história começar a ser divulgada... Bem,

boa sorte, cavalheiros. Agora, queiram me desculpar. Lon?

- Sim?

- Não esqueça a cena primária do crime. O que quer que aconteça, você vai ter que encontrá-la. E rápido.

- Obrigado, Linc. Simplesmente, leia o relatório.

Rhyme respondeu que, claro, o leria, e observou que eles acreditaram

na mentira. Inteiramente.

CAPÍTULO III

Ele tinha o melhor jeito de tratar um paciente que Rhyme jamais havia

visto. E se alguém conhecia a maneira como médicos tratavam pacientes, essa

pessoa era Lincoln Rhyme. Certa vez, calculou que tinha consultado 78

médicos nos últimos três anos e meio.

- Bonita vista - comentou Berger, olhando pela janela.

- Não é mesmo? Bela.

Embora, por causa da altura da cama, Rhyme nada pudesse ver,

exceto um céu coberto de névoa seca, brilhando acima do Central Park. Isso -

e as aves - tinham constituído a essência da paisagem para ele desde que foi

para ali, de volta do último hospital de reabilitação, há dois anos e meio. E

conservava as cortinas cerradas durante a maior parte do tempo.

Thom, nesse momento, rolava o patrão na cama - uma manobra que

ajudava a manter limpos seus pulmões - e, em seguida, cateterizava-lhe a

bexiga, o que tinha que ser feito a cada cinco ou seis horas. Após trauma na

medula espinhal, os esfíncteres podem ficar travados abertos ou fechados.

Rhyme teve a sorte de eles ficarem inteiramente fechados - sorte, isto é,

contanto que houvesse alguém por perto para abrir, quatro vezes por dia, com

um cateter e geléia KY, o pequeno tubo que não cooperava.

O Dr. Berger observou com distanciamento clínico o procedimento e

Rhyme nenhuma atenção deu à falta de privacidade. Uma das primeiras coisas

que parálíticos superam é a vergonha. Embora, às vezes, façam um esforço

pouco convincente para manter o decoro - pedindo que lhe cubram o corpo

com um lençol quando são banhados, evacuam ou urinam -, parálíticos

graves, aleijados de verdade, aleijados machos, não dão bola para isso. No

primeiro centro de reabilitação em que se internou, quando um paciente ia a

uma festa ou voltava de um encontro na noite anterior, os outros doentes

empurravam suas cadeiras até a cama do indivíduo, para lhe observar a

produção de urina, o que era um barômetro do sucesso da noite fora do

hospital. Certa vez, Rhyme despertou a admiração imorredoura de seus

colegas parálíticos ao registrar a marca impressionante de 1.430cc.

- Dê uma olhada no peitoril da janela, doutor - disse ele a Berger. -
Eu

tenho meus próprios anjos da guarda.

- Ora, ora. Falcões?

- Falcões-peregrinos. Geralmente, eles fazem ninho em maior altura.

Não sei por que resolveram morar comigo.

Berger lançou um olhar às aves, deixou a cortina cair e voltou-se
para

o quarto. O aviário não o interessava. Não era um homem alto, mas
parecia

em bom estado físico, era um corredor, pensou Rhyme, arriscando
um palpite.

Parecia estar em fins da casa dos quarenta anos. Os cabelos pretos,
porém,

brilhavam pela ausência de fios brancos e ele tinha uma aparência
tão boa

quanto qualquer âncora de noticiário de televisão.

- Isso aí é uma cama e tanto.

- Gostou?

A cama era uma Clinatron, uma imensa laje retangular. Era uma
cama

de apoio de ar fluidificado e continha quase uma tonelada de contas
de vidro

revestidas de silicone. Ar pressurizado fluía entre as contas, que lhe suportavam o peso do corpo. Se pudesse sentir alguma coisa, a sensação seria

de estar flutuando no ar.

Berger bebia nesse momento o café pedido por Rhyme e que Thom trouxe rolando os olhos e murmurando baixinho, antes de se retirar:

- Nós não ficamos subitamente bem-educados?

O médico virou-se para Rhyme:

- Pelo que me disse, você foi policial.

- Fui. Eu era o chefe da Polícia Técnica, do DPNY.

- O senhor foi baleado?

- Não. Isso aconteceu quando eu dava uma busca na cena de um crime. Uns operários encontraram um cadáver num canteiro de obras, em

uma estação do metrô. Era de um jovem patrulheiro desaparecido seis meses

antes... Nós tínhamos nessa época um assassino que andava matando policiais.

Recebi o pedido de me encarregar pessoalmente do caso e, quando estava

dando uma busca no local, uma viga caiu. Fiquei soterrado durante quase

quatro horas.

- Alguém andava realmente por aí matando policiais?

- Matou três e feriu outro. O criminoso era um policial. Dan Shepherd. Um sargento da radiopatrulha.

Berger lançou um olhar à cicatriz cor-de-rosa no pescoço de Rhyme, o

sinal revelador de tetraplegia - o corte de entrada do tubo de ventilação que

permanecia implantado na garganta da vítima durante meses após o acidente.

Às vezes, durante anos, quando não para sempre. Rhyme, porém, graças à sua

própria natureza obstinada e aos esforços hercúleos de terapeutas, havia se

desmamado do ventilador. Nesse momento, possuía um par de pulmões que

poderiam mantê-lo debaixo d'água por cinco minutos.

- De modo que houve um trauma cervical.

- C4.

- Ah, sim.

A C4 é a zona desmilitarizada de ferimentos na medula espinhal. Um trauma acima da quarta vértebra cervical poderia tê-lo matado. Abaixo da C4,

ele poderia ter recuperado parcialmente o uso dos braços e das mãos, mas não

das pernas. Um trauma na mal-afamada quarta vértebra mantinha-o vivo,

embora virtualmente como tetraplégico total. Perdera o uso das pernas e dos

braços. Os músculos abdominais e intercostais haviam se atrofiado na maior

parte e ele respirava basicamente a partir do diafragma. Podia mover cabeça e

pescoço e os ombros ligeiramente. A única sorte era que a esmagadora viga de

carvalho poupou uma única e minúscula fibra de um neurônio motor, o que

lhe permitia mover o dedo anular da mão esquerda.

Rhyme poupou ao médico a novela do ano que se seguiu ao acidente,

o mês de tração no crânio: garras em orifícios abertos no crânio, puxando a

espinha para endireitá-la, doze semanas do dispositivo chamado auréola - o

babador de plástico e um andaime de aço em volta da cabeça para manter o

pescoço imóvel. Para conservar os pulmões bombeando ar, usou durante um

ano um grande ventilador e, em seguida, um estimulador do nervo frênico. Os

cateteres. A cirurgia, o íleo parálítico, as úlceras de tensão, a tensão e a

braquicardia, as escaras que se transformavam em ras de decúbito, as

contraturas quando o tecido muscular começou a encolher e ameaçar acabar

com a preciosa mobilidade do dedo, a enfurecedora dor fantasma -

queimaduras e dores em extremidades que não podiam experimentar qualquer

sensação. Falou a Berger, contudo, sobre o último problema:

- Disreflexia autônoma.

Esse problema vinha acontecendo com maior frequência nos últimos

tempos. Batidas fortes do coração, pressão arterial que extrapolava os limites,

dores de cabeça lancinantes. Esses sintomas podiam ser provocados por algo

tão simples como uma prisão de ventre. Explicou que nada podia ser feito

para prevenir essas crises, exceto evitar estresse e constrição física.

O especialista em recuperação de Rhyme, Dr. Peter Taylor, estava

preocupado com a frequência dos ataques. O último - ocorrido um mês antes

- tinha sido tão grave que Taylor se sentiu obrigado a dar instruções a Thom

sobre como tratar aquele estado sem esperar por ajuda médica e insistiu em

que programasse seu número de telefone na discagem automática. Taylor

avisou que uma crise muito forte poderia transformar-se em um ataque

cardíaco ou num derrame cerebral.

Berger ouviu o relato com certo interesse e disse em seguida:

- Antes de passar para minha atual linha de atividade, eu era

especialista em ortopedia geriátrica. Principalmente em prótese da articulação

de quadril. Não conheço muita coisa sobre neurologia. Quais são suas

possibilidades de recuperação?

- Nenhuma, meu estado é permanente - respondeu Rhyne, talvez um

pouco rápido demais. E acrescentou: - O senhor compreende meu problema,

não, doutor?

- Acho que sim. Mas eu gostaria de ouvi-lo em suas próprias palavras.

Sacudindo a cabeça para afastar um fio renegado de cabelo, Rhyne

respondeu:

- Todos têm o direito de cometer suicídio.

- Acho que discordaria disso - retrucou Berger. - Na maioria das sociedades, o senhor pode ter o poder de fazer isso, mas não direito. Há uma diferença.

Rhyme soltou uma risada amarga.

- Não sou lá grande coisa como filósofo, mas eu diria que nem mesmo

tenho o poder. E por isso que preciso do senhor.

Lincoln Rhyme tinha pedido a quatro médicos que o matassem.

Todos haviam recusado. Muito bem, disse ele a si mesmo, vou fazer isso

sozinho. E deixou de comer. O processo de autofagia até a morte, porém,

transformou-se em pura tortura. Deixou-o com violentas câibras no estômago

e dores de cabeça insuportáveis. Não conseguia dormir. Em vista disso,

desistiu desse método e, no curso de uma conversa imensamente difícil, pediu

a Thom que o matasse. O rapaz prorrrompera em lágrimas - a única vez em

que tinha demonstrado tanta emoção - e disse que desejava poder fazer isso

Ele se sentaria ao lado e o observaria morrer, ia se recusar a iniciar os

processos de ressuscitação. Mas não o mataria pessoalmente.

Então, aconteceu um milagre. Se podia ser chamado assim.

Tão logo foi publicado o *The Scenes of the Crime*, repórteres apareceram

para entrevistá-lo. Uma matéria - no *The New York Times* - continha uma rígida

citação do autor Rhyme:

“Não, não estou pensando em escrever mais livros. O fato é que meu

próximo grande projeto consiste em me suicidar. É um grande desafio. Nos

últimos seis meses, ando à procura de alguém que me ajude a fazer isso.”

Essa lancinante linha final chamou a atenção do serviço de

aconselhamento psicológico do Departamento de Polícia da Cidade de Nova

York, e de várias pessoas de seu passado, principalmente de Blaine (que lhe

disse que ele estava maluco em pensar nisso, que tinha que deixar de pensar

apenas em si mesmo - exatamente como fazia quando estavam juntos - e,

nesse momento, já que esta va ali, achou que podia dizer que ia voltar a casar.)

A citação chamou também a atenção de William Berger que, certa noite, ligou inesperadamente de Seattle. Após alguns momentos de conversa

agradável, Berger explicou que tinha lido o artigo no jornal. Seguiu-se uma

pausa e ele perguntou:

- Já ouviu falar na Sociedade Lethe?

Rhyme tinha ouvido. Era um grupo pró-eutanásia que há meses ele vinha tentando localizar. Era um grupo mais decidido do que o Passagem

Segura ou a Sociedade da Cicuta.

- Nossos voluntários são citados para prestar depoimento em dezenas

de casos de suicídios auxiliados em todo o país – explicou Berger. - Por isso

temos que agir em surdina.

E disse que queria atender ao pedido de Rhyme. Mas se recusou a agir

imediatamente e eles haviam tido várias conversas nos últimos sete ou oito

meses. Aquele era o primeiro encontro de ambos.

- Não há nenhuma maneira como você possa fazer a passagem sozinho?

Passagem...

- A exceção do método de Gene Harrod, não. E mesmo isso é um pouco difícil.

Harrod era um rapaz de Boston tetraplégico que resolveu que queria se matar. Não tendo encontrado quem o quisesse ajudar, cometeu finalmente

suicídio da única maneira que podia. Com o pouco controle de movimentos

de que dispunha, provocou um incêndio no apartamento e quando as chamas

pegaram para valer entrou nelas com a cadeira de rodas, tocando fogo em si

mesmo. Morreu de queimaduras de terceiro grau.

O caso foi mencionado inúmeras vezes por indivíduos que achavam que tinham o direito de morrer quando quisessem e como exemplo da

tragédia que as leis contra a eutanásia podiam provocar.

Berger conhecia bem o caso e sacudiu a cabeça, num gesto de simpatia.

- Não, essa não é a maneira de ninguém morrer. - Deu uma olhada no

corpo, fios e painéis de controle de Rhyme. - O que me diz de suas habilidades mecânicas?

Rhyme explicou o que sabia sobre o ECU - o dispositivo de controle fabricado pela E&J que ele operava com o dedo anular, o controle de sugar e

soprar que usava na boca, as varetas de sustentação do queixo, e a unidade de

ditado do computador, que podia digitar na tela as palavras à medida que as

pronunciava.

- Mas tudo isso teria que ser iniciado por alguém, não? - perguntou

Berger. - Por exemplo, alguém teria que ir a uma loja de armas, comprar uma,

montá-la, preparar o gatilho e ligá-lo a seu controlador, certo?

- Certo.

O que tornaria a pessoa culpada de cumplicidade para cometer assassinato, bem como de homicídio culposo.

- O que me diz de seu equipamento? - perguntou Rhyme. - É eficaz?

- Equipamento?

- O que o senhor usaria? Para, hã, praticar o ato?

- É muito eficiente. Nunca tive queixa de um paciente.

Rhyme pestanejou. Berger riu e Rhyme juntou-se a ele na risada. Se você não pode rir da morte, do que é que pode rir?

- Dê uma olhada.

- Trouxe-o consigo?

A esperança floresceu no coração de Rhyme. Era a primeira vez em anos que sentia uma sensação agradável.

O médico abriu uma maleta 007 e - de uma forma muito cerimoniosa,

pensou Rhyme - tirou uma garrafa de conhaque. Um pequeno frasco de

comprimidos. Um saco plástico e um elástico.

- Qual é a droga?

- Seconal. Ninguém a receita mais. Nos velhos tempos, o suicídio era muito mais simples. Estes bebês aqui farão o serviço, sem a menor dúvida.

Atualmente, é quase impossível matar-se com os tranquilizantes modernos.

Halcion, Librium, Dalmane, Xanax... O indivíduo pode dormir por muito

tempo mas, no fim, acaba acordando.

- E o saco?

- Ah, o saco. - Berger o levantou no ar. - Este é o emblema da Sociedade Lethe. Extra-oficialmente, claro... Isso não quer dizer que temos

um logotipo. Se os comprimidos e o conhaque não forem suficientes, usamos

o saco. Cobrimos a cabeça, com o elástico em volta do pescoço. Juntamos um

pouco de gelo, porque o saco fica muito quente depois de alguns minutos.

Rhyme não conseguiu despregar os olhos do trio de implementos. O

saco, de plástico grosso, como um avental descartável de pintor. O conhaque

era barato, observou, e a droga de nome genérico.

- Esta é uma bela casa - observou Berger, olhando em volta. - Central

Park Oeste... O senhor vive de aposentadoria por invalidez?

- Em parte. Faço também serviço de consultoria para a polícia e o

FBI. Após o acidente... a companhia de construção que estava fazendo a

escavação concordou em juízo em me pagar uma indenização de três milhões

de dólares. A empresa jurou que não tinha culpa alguma, mas, aparentemente,

há uma jurisprudência segundo a qual um tetraplégico ganha automaticamente

qualquer ação intentada contra empresas de construção, pouco importa de

quem seja a culpa. Pelo menos, o queixoso vem ao tribunal babando pela

boca.

- E o senhor escreveu aquele livro, certo?

- Recebo alguns direitos autorais pelo livro. Não muita coisa. O livro teve uma boa venda. Não foi um sucesso de venda.

Berger apanhou um exemplar do *The Scenes of the Crime* e folheou-o.

- Cenas de crimes famosos. Olhe só pra isso. - Soltou uma risada. - Há

aqui... quantas?, quarenta, cinquenta cenas?

- Cinquenta e uma.

Rhyme tinha revisitado - em pensamento e imaginação, uma vez que

havia escrito o livro após o acidente - tantas velhas cenas de crimes em Nova

York quantas pôde relembrar. Alguns crimes solucionados, outros, não.

Escreveu sobre a Velha Cervejaria, a mal-afamada casa de cômodos em Five

Points, onde haviam sido praticados treze assassinatos sem relação entre si em

uma única noite de 1839. Sobre Charles Aubridge Deacon, que assassinou a

mãe no dia 13 de julho de 1863, durante distúrbios motivados pela convocação para o serviço militar ao tempo da Guerra Civil. Ele alegou que

ex-escravos a haviam matado, açulando a ira pública contra os negros. Sobre o

assassinato do triângulo amoroso do arquiteto Stanford White em um crime

no alto do Madison Square Garden original e sobre o desaparecimento do juiz

Crater. Sobre George Metesky, o bombardeador louco da década de 1950, e

Murph, o Surf, que roubou o diamante Estrela da Índia.

- Suprimentos de construção civil no século XIX, correntes

subterrâneas, escolas para mordomos - leu Berger, folheando o livro -, banhos

de gays, prostíbulos de Chinatown, igrejas ortodoxas russas... Como foi que

descobriu tudo isso sobre a cidade?

Rhyme encolheu os ombros. Em seus anos como diretor da DIRC

estudou tanto a cidade quanto os métodos científicos de investigação,

incluindo sua história, política, geologia, sociologia, infra-estrutura. E

explicou:

- A criminalística não existe em um vácuo. Quanto mais sabemos sobre o ambiente, melhor podemos aplicar...

No exato momento em que sentiu o entusiasmo insinuando-se na voz,

parou bruscamente.

Ficou furioso consigo mesmo por ter sido enganado com tanta facilidade.

- Boa tentativa, Dr. Berger - disse secamente.

- Ah, pare com isso. Pode me chamar de Bill. Por favor.

Rhyme não ia ser descarrilado outra vez.

- Ouvi tudo isso antes. Pegue uma grande folha de papel, limpa e em

branco, e escreva todas as razões por que deve se suicidar. Em seguida, pegue

outra folha de papel grande, limpa, em branco, e escreva todas as razões por

que não deve fazer isso. Palavras como produtivo, útil, interessante surgem

em nossa mente. Palavras impressionantes. Que dão na vista. Mas elas não

significam merda nenhuma para mim. Além do mais, eu não poderia pegar a

porra de um lápis nem para salvar minha alma.

- Lincoln - disse bondosamente Berger -, preciso ter certeza de que é

um candidato apropriado para o programa.

- "Candidato"? "Programa"? Ah, a tirania dos eufemismos - comentou

Rhyme amargo. - Doutor, eu tomei uma decisão. Gostaria de fazer isso hoje.

Agora, para dizer a verdade.

- Por que hoje?

Os olhos de Rhyme voltaram ao frasco de comprimidos e ao saco. E respondeu baixinho, em voz chorosa:

- Por que não? Que dia é hoje? Vinte e três de agosto? Este dia é tão

bom quanto qualquer outro.

O médico bateu com os dedos nos lábios finos.

- Vou ter que passar algum tempo conversando com você, Lincoln. Se

ficar realmente convencido de que você quer ir em frente...

- Eu quero - disse Rhyme, notando, como frequentemente acontecia, como as palavras soam fracas sem gestos corporais para acompanhá-las. Ele

queria desesperadamente pôr a mão no braço de Berger ou erguer as palmas

das mãos em uma expressão de súplica.

Sem perguntar se incomodava, Berger tirou do bolso um maço de Marlboro e acendeu um cigarro. Puxou também um cinzeiro dobrável e abriu-

o. Cruzou as pernas magras. Parecia um rapaz tímido em uma reunião de

fumantes num círculo de alunos de uma universidade de prestígio.

- Lincoln, você entende o problema que temos aqui, não?

Claro que entendia. Era a própria razão por que Berger estava ali e por

que um de seus médicos tinha se recusado a "praticar o ato". Apressar uma

morte inevitável era uma coisa: quase um terço dos médicos praticantes que

tratam de pacientes terminais receita ou administra doses fatais de medicamentos. A maioria dos promotores públicos faz vista grossa, a menos

que o médico bote a coisa a perder - como aconteceu com Kevorkian.

Mas um tetraplégico? Um paraplégico? Um aleijado? Oh, isso era diferente. Lincoln Rhyme tinha quarenta anos de idade. Tinha se libertado do

ventilador. Excluindo algum gene insidioso em sua constituição, não havia

razão médica para que ele não chegasse aos oitenta.

Berger voltou a falar:

- Deixe que eu seja curto e grosso, Lincoln. Tenho também de me certificar de que tudo isto não é uma armação.

- Armação?

- Promotores públicos. Eu me meti em frias antes.

Rhyme soltou uma risada.

- O procurador-geral de Nova York é um homem muito ocupado. Ele não vai instalar um grampo para flagrar um defensor da eutanásia.

Rhyme olhou distraído para um relatório que descrevia uma cena de crime.

...a uns três metros a sudoeste da vítima, encontrada enrodilhada em cima de um

pequeno monte de areia branca: uma bola de fibra, de aproximadamente seis centímetros de

diâmetro, de cor branca desmaiada. Uma amostra da fibra foi submetida a uma unidade de

raios X dispersara de energia e descobriu-se que consistia em A2, B5,(SI, AL)8 O22

(OH22)-

Nenhuma origem foi indicada e as fibras não puderam ser individuadas. Amostra

enviada à sede do FBI PERT para análise.

- Eu simplesmente tenho que ser cuidadoso - continuou Berger. -

Esta, atualmente, é toda minha vida profissional. Desisti inteiramente da

ortopedia. De qualquer modo, é mais do que um trabalho. Resolvi dedicar

minha vida a ajudar outras pessoas a acabar com a vida delas.

Ao lado dessa fibra, a aproximadamente 7,5 cm de distância, foram encontrados

dois pedaços de papel, um de papel de jornal comum, onde estavam impressas as palavras

“três da tarde”, em fonte Times Roman, em tinta compatível com a usada em jornais

comerciais. O outro pedaço parecia ser o canto de página tirada de um livro, com o número

da página, “238” impresso. A fonte usada era Garamond e o papel calendrado. O ALS e

a análise subsequente de ninhidrina não revelaram cristas latentes de marcas de impressão

digitai em qualquer um deles... A individuação não foi possível.

Várias coisas incomodavam Rhyme. A fibra, por exemplo. Por que

Peretti não tinha entendido o que ela significava? Uma coisa tão óbvia. E por

que estavam essas provas - os pedaços de jornal e a fibra - todas juntas? Havia

ali alguma coisa errada.

- Lincoln?

- Desculpe.

- Eu estava dizendo... Você não é uma vítima de queimaduras que sofredores insuportáveis. Nem uma pessoa que não tenha onde morar. Você

tem dinheiro, tem talento. Seu trabalho de consultoria para a polícia... isso

ajuda um bocado de pessoas. Se você quiser, sim, poderá ter uma vida

produtiva pela frente. Uma longa vida.

- Longa, sim. Aí é que está o problema. Uma vida longa. - Estava

cansado de seu bom comportamento. E disse secamente: - Mas não quero

uma vida longa. É simples assim.

Berger respondeu em tom pausado:

- Se houver a menor possibilidade de que você possa lamentar sua decisão... bem, eu seria o homem que teria de viver com isso. Não você.

- Quem jamais teria certeza sobre uma coisa como essa?

Os olhos de Rhyme voltaram ao relatório:

Um parafuso de ferro foi encontrado em cima dos pedaços de papel. Era um

parafuso comum, tendo gravadas em cima as letras "CE". Cinco centímetros de

comprimento, giro para a direita, 15/16" de diâmetro.

- Vou ter uma agenda muito ocupada nos próximos dias - disse

Berger, consultando o relógio. Um Rolex. Bem, a morte sempre foi lucrativa. -

Vamos conversar agora por uma hora, mais ou menos. Fale por algum tempo

e, em seguida, tire um dia para esfriar a cabeça e voltarei depois.

Alguma coisa incomodava Rhyme. Uma coceira enfiada - a

maldição de todos os tetraplégicos -, embora, neste caso, fosse uma coceira

intelectual. Do tipo que o atormentou a vida inteira.

- Escute, será que poderia me fazer um favor? Esse relatório aí. O

senhor poderia virar as páginas para mim? Veja se pode achar a fotografia de

um parafuso.

Berger hesitou por um momento.

- Uma foto?

- Uma polaróide. Deve estar colada a alguma página, lá para o fim.

Virar as páginas uma por uma demora muito.

Berger tirou o relatório do dispositivo e virou as páginas para Rhyme.

- Aí. Pare.

Enquanto olhava para a foto, Rhyme foi tomado por uma pontada de urgência. Oh, não aqui, não agora. Por favor, não.

- Sinto muito, o senhor poderia virar as páginas para o lugar onde eu

estava?

Berger fez o que ele pediu.

Rhyme nada disse e continuou a ler com toda atenção o relatório.

Os pedaços de papel...

Três da tarde... página 238.

O coração de Rhyme batia forte e a testa cobriu-se de suor. Ouviu um

zumbido frenético nos ouvidos...

Que manchete para os tablóides, HOMEM MORRE EM

CONVERSA COM O DR. MORTE. Berger pestanejou.

- Lincoln, está sentindo alguma coisa?

Os olhos astuciosos do médico examinaram-no com todo cuidado.

Da maneira mais casual que pôde assumir, Rhyme respondeu:

- Sabe, doutor, sinto muito. Mas há uma coisa que tenho de fazer.

Berger inclinou a cabeça, sem saber bem o que dizer:

- Os seus assuntos, afinal de contas, não estão ainda em ordem?

Sorridente. Despreocupado.

- Eu estava simplesmente me perguntando se podia lhe pedir que voltasse aqui dentro de algumas horas.

Cuidado aí. Se ele desconfiar de finalidade de sua parte, irá classificá-lo

como não-suicida, pegará os frascos e o saco plástico e voará de volta para o

lugar de onde veio.

Abrindo uma agenda, Berger respondeu:

- No resto do dia não dá. Neste caso, amanhã... Não. Sinto muito, a data mais próxima tem que ser a segunda-feira. Depois de amanhã.

Rhyme hesitou por um momento. Deus... O desejo de sua alma estava

finalmente a seu alcance, aquilo com que tinha sonhado todos os dias no ano

anterior. Sim ou não?

Decida.

Finalmente, Rhyme ouviu sua própria voz respondendo:

- Tudo bem. Segunda-feira. - E afivelou um sorriso impotente nos lábios.

- Qual é exatamente o problema?

- Um homem com quem trabalhei. Ele pediu alguns conselhos e não prestei a devida atenção. Vou ter que telefonar para ele.

Não, não era disreflexia, absolutamente... nem um ataque de ansiedade.

Lincoln Rhyme sentia alguma coisa que não sentira durante anos. E estava com uma pressa danada.

- Eu poderia lhe pedir que mandasse Thom subir? Acho que ele está lá

embaixo, na cozinha.

- Sim, claro, será um prazer.

Rhyme notou alguma coisa estranha nos olhos de Berger. O que era?

Cautela? Talvez. Mas parecia quase um desapontamento. Nesse momento,

porém, não havia tempo de pensar no assunto. Quando os passos do médico

morreram escada abaixo, Rhyme berrou numa forte voz de barítono:

- Thom? Thom!

- O quê? - ouviu o jovem responder.

- Ligue para Lon. Diga a ele para vir aqui. Agora!

Lançou um olhar ao relógio. Passava do meio-dia. Eles tinham menos

de três horas.

CAPÍTULO IV

- A cena do crime foi montada - disse Lincoln Rhyme.

Lon Sellitto havia jogado o paletó para um lado, revelando uma camisa horrivelmente amassada. Nesse momento, inclinou-se para trás, os

braços cruzados, apoiando-se em uma mesa coalhada de papéis e livros.

Jerry Banks também tinha voltado e seus olhos azul-claros estavam pregados nos de Rhyme. A cama e o painel de controle não o interessavam

mais.

Sellitto franziu as sobrancelhas.

- Mas qual é a história que o elemento desconhecido está tentando nos

vender?

Em cenas de crime, especialmente em casos de homicídio, os criminosos frequentemente bagunçavam as provas para desorientar os

investigadores. Alguns eram inteligentes nesse trabalho; outros, não. Como

aquele marido que espancou a esposa até a morte e tentou fazer com que a

coisa parecesse latrocínio - embora ele pensasse apenas em roubar as jóias

dela, deixando seus próprios braceletes de ouro e anel com um diamante cor-

de-rosa em cima da penteadeira.

- Isso é que torna o caso tão interessante - continuou Rhyme

- Não é sobre o que aconteceu, Lon. É sobre o que vai acontecer.

Sellitto, o cético, perguntou:

- O que o leva a pensar assim?

- Os pedaços de papel. Eles significam três horas, hoje.

- Hoje?

- Olhe! - Rhyme indicou o relatório com um gesto impaciente da

cabeça.

- Nesse pedaço de papel está escrito "três horas" - disse Banks, apontando. - Mas o outro é um número de página. Por que pensa que significa

hoje?

- Não é um número de página. - Rhyme ergueu uma sobrancelha. Eles

continuavam sem compreender. - Lógica! A única razão para ele deixar pistas

era que queria nos dizer alguma coisa. Se é isso, então 238 tem que ser alguma

coisa mais do que um simples número de página, porque não há pista de que

livro veio. Bem, se não é um número de página, o que é?

Silêncio.

Exasperado, Rhyme continuou, seco:

- É uma data Vinte-e-três-oito. Vinte e três de agosto. Alguma coisa vai acontecer hoje, às três da tarde. E agora, a bola de fibra?

- É asbesto.

- Asbesto? - perguntou Sellitto.

- No relatório? A fórmula? É homblenda. Dióxido de silício. Isso é

asbesto. Não entendo por que Peretti enviou-a para o FBI. Muito bem, temos

asbesto em um leito de ferrovia, onde não devia haver nenhum. E temos um

parafuso de ferro com ferrugem na parte superior, mas nenhuma nas roscas.

Isso significa que ele esteve preso a algum lugar durante muito tempo e que só

recentemente foi tirado.

- Talvez tenha aparecido na areia - sugeriu Banks. – Quando ele estava

cavando a cova.

- Não - respondeu Rhyme. - No centro da cidade, a camada rochosa

fica próxima da superfície, o que significa que acontece o mesmo com os

lençóis freáticos. Todo o solo da rua 34 até o Harlem contém umidade

suficiente para enferrujar ferro em questão de dias. A peça estaria inteiramente

enferrujada, e não apenas a parte superior, se estivesse enterrada. Não, foi

arrancada de algum lugar, levada para a cena do crime e deixada lá. E aquela

areia... O que uma areia branca estava fazendo em um leito de estrada de ferro

no centro de Manhattan? A composição do solo ali é greda, limo, granito,

terra compacta e argila mole.

Banks fez menção de falar, mas foi interrompido bruscamente por

Rhyme:

- E o que essas coisas faziam ali, todas juntas? Oh, ele está nos

dizendo alguma coisa, o nosso elemento desconhecido. Podem apostar que

está. Banks, o que me diz da porta de acesso?

- O senhor tinha razão - respondeu o jovem. – Descobriram uma

porta a uns trinta metros ao norte da cova. Arrombada e aberta pelo lado de

dentro. O senhor também tinha razão sobre as impressões digitais. Nada. E

nenhuma marca de pneus de carro ou qualquer vestígio de prova.

Uma bola de asbesto suja, um parafuso, um pedaço de jornal...

- A cena? - perguntou Rhyme. - Intacta?

- Liberada.

Lincoln Rhyme, o parálítico com pulmões de assassino, exalou um

forte silvo de ar, enojado.

- Quem cometeu esse erro?

- Não sei - respondeu Sellitto, desajeitado. - O comandante do turno,

provavelmente.

Peretti, compreendeu Rhyme.

- Nesse caso, você está entalado com o que tem nas mãos.

Quaisquer pistas sobre quem era o seqüestrador e sobre o que ele tencionava fazer estavam ou no relatório ou desaparecidas para sempre,

pisoteadas pelos pés dos policiais, espectadores e operários da estrada de

ferro. O trabalho preliminar - uma busca nas vizinhanças da cena do crime,

interrogatório de testemunhas, o desenvolvimento de pistas, o trabalho

tradicional do detetive - tinha sido feito de forma displicente. Cenas de crimes

deviam ser processadas "como a rapidez de um relâmpago", era o que Rhyme

ordenava a seus subordinados na DIRC. E tinha demitido muitos técnicos que

não se moveram com rapidez suficiente para seu gosto.

- Peretti vistoriou pessoalmente a cena? - perguntou.

- Ele e um grupo inteiro.

- Um grupo inteiro? - perguntou ironicamente Rhyme. - O que é um grupo inteiro!

Sellitto olhou para Banks, que respondeu:

- Quatro técnicos da unidade de fotos, quatro de impressões digitais

latentes. Oito encarregados de busca. O médico-legista do necrotério.

- Oito encarregados de busca na cena do crime?

No processamento de uma cena de crime ocorre o que é chamado de

curva campanular. No caso de um único homicídio, dois policiais são

considerados o grupo mais eficiente. Sozinho, um policial pode deixar passar

certas coisas; com três ou mais a tendência é deixar passar ainda mais. Lincoln

Rhyme sempre tinha dado buscas sozinho. Deixava que o pessoal de

levantamento de impressões digitais latentes fizesse o trabalho de coleta de

amostras e que a turma da foto filmasse e fotografasse o quanto quisesse. Mas

sempre vasculhava sozinho o terreno.

Peretti. Ele mesmo admitira Peretti, filho de um político rico, em seu

grupo, mais ou menos há sete anos, e o rapaz tinha mostrado ser um detetive

competente, aplicado. A Cena do Crime era considerada um maná e havia

sempre uma lista de espera de gente que queria fazer parte da unidade. Rhyme

extraía um prazer perverso em diminuir a fila de candidatos, oferecendo-lhes

um olhar no álbum de família - uma coleção de fotos de crime

particularmente horripilantes. Alguns policiais ficavam lívidos, outros

soltavam um risinho safado. Uns tantos devolviam o livro, as sobancelhas

erguidas, como se perguntando: E daí? E havia aqueles que Lincoln Rhyme

contrataria. Peretti tinha sido um deles.

Sellitto fez uma pergunta. Rhyme notou que o detetive o fitava. E

repetiu a pergunta:

- Você vai trabalhar conosco neste caso, não vai, Lincoln?

- Trabalhar com vocês? - Rhyme soltou uma risada explosiva. - Eu

não posso, Lon. Estou simplesmente atirando umas idéias para vocês. Agora

elas estão com vocês. Ponha-as em prática. Thom, ligue-me com Berger.

Nesse momento, lamentava a decisão de ter adiado a conversa com o

Dr. Morte. Talvez não fosse tarde demais. Não podia suportar o pensamento

de esperar mais um ou dois dias para sua passagem. E na segunda-feira... Não

queria morrer na segunda-feira. Pareceria comum demais.

- Diga que vai, por favor.

- Thom!

- Tudo bem - respondeu o jovem ajudante, as mãos para o alto num gesto de rendição.

Rhyme olhou para o lugar na mesinha-de-cabeceira onde haviam estado antes a garrafa, os comprimidos, e o saco plástico - tão perto, mas,

como tudo mais em sua vida, inteiramente fora de seu alcance.

Sellitto deu um telefonema, inclinando a cabeça quando a chamada foi

respondida. Identificou-se. O relógio na parede tocou 12:30.

- Sim, senhor. - A voz do detetive desceu para um murmúrio

respeitoso. O prefeito, arriscou Rhyme. - Quanto ao sequestro no Kennedy.

Estive conversando com Lincoln Rhyme... Sim, senhor, ele tem algumas idéias

sobre o caso.

O detetive foi até a janela, olhou fixamente, sem ver, para o falcão e tentou explicar o inexplicável ao homem que administrava a cidade mais

misteriosa da terra. Desligou e voltou-se para Rhyme.

- Ele e o chefe querem sua ajuda, Linc. Pediram isso, especificamente.

O próprio Wilson.

Rhyme soltou uma risada.

- Lon, olhe para esta sala. Olhe para mim. Dou a impressão de que posso me encarregar de um caso?

- Não de um caso normal. Mas este não é um caso normal, ou é?

- Sinto muito. Simplesmente não tenho tempo para isso. Aquele médico... O tratamento. Thom, você ligou para ele?

- Ainda não. Vou ligar num minuto.

- Agora! Faça isso agora!

Thom olhou para Sellitto. Foi até a porta e saiu. Rhyme sabia que ele

não ia ligar. Que mundo de merda!

Banks tocou em um ponto cortado pela lâmina de barba e disse impulsivamente:

- Apenas algumas idéias. Por favor. Esse elemento desconhecido, o

senhor disse que...

Com um gesto, Sellitto mandou que se calasse. Continuou a olhar para

Rhyme.

Oh, seu escroto, pensou Rhyme. O velho silêncio. Como as pessoas odiavam o silêncio e como corriam para preenchê-lo com alguma coisa.

Quantas testemunhas e suspeitos haviam entregado os pontos sob um silêncio

quente e espesso como aquele. Bem, ele e Sellitto haviam formado uma boa

equipe. Rhyme conhecia provas; Lon Sellitto conhecia pessoas.

Os dois mosqueteiros. E se havia um terceiro, era a pureza da ciência

séria.

Os olhos do detetive voltaram ao relatório sobre a cena do crime.

- Lincoln. O que é que você acha que vai acontecer hoje, às três da tarde?

- Não tenho a menor idéia - respondeu Rhyme.

- Não tem?

Golpe baixo, Lon. Você me paga por isso. Finalmente, disse:

- Ele vai matá-la... a mulher que estava no táxi. E de uma maneira

particularmente horripilante. Isso eu lhe garanto. De alguma maneira que

rivalizará com ser enterrado vivo.

- Jesus! - murmurou Thom à soleira da porta.

Por que eles simplesmente não podiam deixá-lo em paz? Haveria

algum proveito em lhes falar sobre a terrível dor que sentia no pescoço e nos

ombros? Ou sobre a dor fantasma - muito mais fraca e muito mais

sobrenatural - que lhe percorria o corpo? Sobre a exaustão que sentia com a

luta diária para... bem, fazer tudo? Sobre o mais esmagador cansaço de todos -

de ter que depender de outra pessoa?

Talvez pudesse lhes contar sobre o mosquito que havia penetrado no

quarto na noite passada e lhe picado a cabeça durante uma hora. Ficara tonto

de cansaço, espantando-o com movimentos de cabeça, até que o inseto

finalmente aterrissou em sua orelha, onde Rhyme deixou que ele o picasse -

uma vez que este era um lugar que podia esfregar no travesseiro para aliviar a

comichão.

Sellitto ergueu uma sobrancelha.

- Hoje. - Rhyme soltou um suspiro. - Um dia. É isso.

- Obrigado, Linc. Eu lhe devo mais uma. - Sellitto puxou uma cadeira para mais junto da cama e inclinou a cabeça para Banks, dizendo-lhe que

fizesse o mesmo. - Agora, conte o que está pensando. Qual é o jogo desse

sacana?

- Não tão rápido assim - advertiu-o Rhyme. - Eu não trabalho sozinho.

- Bastante justo. Quem é que você quer na equipe?

- Um técnico da DIRC. O melhor no laboratório. Quero-o aqui, com o equipamento básico. E precisamos também de alguns rapazes para emprego

tático. Serviços de Emergência. Oh, quero também alguns telefones - disse

Rhyme, olhando para a garrafa de uísque na penteadeira.

Lembrou-se do conhaque que Berger trouxera no kit. De maneira nenhuma ia tomar um troço barato como aquele. O número de sua Passagem

Final seria cortesia de um Lagavulin de dezesseis anos ou de um opulento

MaCallan, envelhecido durante décadas. Ou por que não ambos?

Banks tirou do bolso o telefone celular.

- Que tipos de linhas? Simplesmente...

- Linhas convencionais.

- Aqui?

- Claro que não - retrucou Rhyme, irritado.

- O que ele está dizendo é que quer pessoas que façam as ligações - explicou Sellitto. - Do Grande Edifício.

- Oh.

- Ligue para o centro - ordenou Sellitto. - Dê um jeito para que nos consigam uns três ou quatro despachantes.

- Lon - perguntou Rhyme -, quem está fazendo o trabalho rotineiro sobre a morte desta manhã?

Banks abafou uma risada.

- Os Irmãos Hardy.

Um olhar de Rhyme e o sorriso desapareceu do rosto de Banks.

- Detetives Bedding e Saul, senhor - acrescentou rapidamente o jovem.

Sellitto, porém, sorriu também.

- Os Irmãos Hardy. Todos os chamam assim. Você não os conhece,

Linc. Eles são da Força-Tarefa de Homicídios, do centro.

- Eles se parecem muito, é isso - explicou Banks. - E, bem, o produto

que entregam é um bocado engraçado.

- Eu não quero comediantes.

- Não, eles são competentes - garantiu Sellitto. - Os melhores

levantadores de pistas que temos. Lembra-se do caso daquele animal que

sequestrou uma menina de oito anos no Queens no ano passado? Bedding

e Saul fizeram o levantamento. Entrevistaram toda a bandidagem... fizeram

dois mil e quinhentos interrogatórios. Foi por causa deles que a salvamos.

Quando soubemos que a vítima desta manhã era o passageiro do JFK, o chefe

Wilson incluiu-os pessoalmente na equipe.

- O que é que eles estão fazendo agora?

- Procurando testemunhas, principalmente. Ao longo dos trilhos do trem. E farejando o que for possível sobre o motorista e o táxi.

Rhyme gritou para Thom, que se encontrava no corredor:

- Ligou para Berger? Não, claro que não ligou. A palavra

“insubordinação” lhe diz alguma coisa? Pelo menos, torne-se útil.
Traga para

mais perto aquele relatório sobre a cena do crime e comece a virar as páginas.

- Indicou com a cabeça o dispositivo. - Essa droga de coisa é um Edsel.

- Mas hoje não estamos um bocado bem-humorados? – cuspiu de volta o ajudante.

- Ponha isso mais alto. Estou ficando ofuscado.

Leu o relatório durante um minuto. Em seguida, ergueu a vista.

- O que quer que aconteça hoje às três, se pudermos descobrir o lugar

sobre o qual ele está falando, esta será a cena do crime. Vou precisar de

alguém para trabalhar nisso.

- Ótimo - concordou Sellitto. - Vou ligar para Peretti. Jogue um osso para ele. Sei que ele está uma fera, porque nós todos o estamos ignorando.

- Eu pedi Peretti? - rosnou Rhyme.

- Mas ele é o menino de ouro da DIRC - lembrou Banks.

- Não quero nada com ele - murmurou Rhyme. - Quero outra pessoa.

Sellitto e Banks trocaram olhares. O detetive mais velho sorriu,

coçando distraído a camisa amassada.

- Quem quer que você queira, Linc, já conseguiu. Lembre-se, você é rei por um dia.

Olhando para o olho escuro.

T.J. Colfax, refugiada morena das colinas do leste do Tennessee, formada pela Escola de Administração de Empresas da Universidade de Nova

York, trader habilíssima em moedas estrangeiras, emergiu de um sonho

profundo. Os cabelos emaranhados estavam colados ao rosto, o suor descia

em veios pela face, o pescoço e o peito.

Quando deu por si, olhava para o olho negro - um buraco em um cano enferrujado, de uns 15cm de diâmetro, do qual uma pequena placa de

visita tinha sido removida.

Sugou pelo nariz o ar bolorento... uma vez que a boca continuava fechada com esparadrapo, com gosto de plástico, quente, azedo.

E John?, pensou. Onde estaria ele? Recusou-se a pensar no estalo alto

que tinha ouvido no porão na noite anterior. Havia crescido no leste do

Tennessee e sabia como era um som de tiro.

Por favor, disse mentalmente, rezando pelo seu chefe. Que ele esteja bem.

Fique calma, ordenou furiosa a si mesma. Vai começar a chorar novamente, lembrando-se do que aconteceu. No porão, após o tiro, tinha

perdido inteiramente o controle de si mesma, soluçando em pânico, e quase

morreu sufocada.

Certo. Calma.

Olhe para o olho preto do cano. Finja que ele está piscando para você.

O olho de seu anjo da guarda.

T.J. estava sentada no chão, cercada por centenas de canos, dutos e serpentinas de conduítes e fios. Mais quente do que o jantar que o irmão insistia

em querer, mais quente do que o assento traseiro do Nova de Jule Whelan, há

dez anos. Água pingava, estalactites pendiam das vigas antigas acima de sua

cabeça. Uma meia dúzia de minúsculas lâmpadas amarelas forneciam a única

iluminação. Acima de sua cabeça - diretamente acima - havia um letreiro. Não

conseguiu lê-lo com clareza, embora lhe distinguisse a margem vermelha. Ao

fim do que quer que pudesse ser a mensagem havia um gordo ponto de

exclamação.

Lutou mais uma vez para se soltar, mas as algemas a mantiveram

presa, machucando o osso. De sua garganta subiu um grito de desespero, um

grito de animal. O grosso esparadrapo na boca e o ruído insistente de

maquinaria engoliram o som. Ninguém poderia tê-la ouvido.

O olho negro continuou a fitá-la. Você vai me salvar, não vai?,

pensou.

Subitamente, o silêncio foi quebrado por uma batida forte, um sino de

ferro, muito longe. Como se fosse uma porta de navio fechando-se com um

estrondo. O som vinha do buraco no cano. De seu olho amigo.

Encostou as algemas no cano e fez um esforço para se levantar. Mas não conseguiu mover-se mais do que alguns centímetros.

E foi nesse momento que conseguiu ver o letreiro acima de sua

cabeça. Ao tentar levantar-se, havia se espigado ligeiramente e movido a

cabeça para um lado. A posição deu-lhe uma visão oblíqua das palavras.

Oh, não... Oh, Jesus do meu coração...

As lágrimas recomeçaram.

Lembrou-se da mãe, os cabelos puxados para trás do rosto redondo, usando seu vestido caseiro azul, com enfeite de espigas de milho, murmurando: "Vai dar tudo certo, querida. Não se preocupe."

Mas ela não acreditava nessas palavras.

Acreditava no que o letreiro dizia.

Perigo de Vida! Vapor superaquecido sob Alta Pressão. Não retire a placa de visita do cano. Telefone para a Consolidated Edison para obter

acesso. Perigo de Vida!

O olho negro fitou-a, o olho que se abria para o coração de um cano de vapor. E que olhava diretamente para a carne rosada de seu peito. De

algum lugar nas profundezas do cano veio outro estalo de metal sobre metal,

de operários batendo com martelos, apertando velhas juntas.

Enquanto chorava e chorava, Tammie Jean Colfax ouviu outro estalo.

Em seguida, um gemido distante, muito baixo. E lhe pareceu, através das

lágrimas, que o olho negro finalmente piscou.

CAPÍTULO V

- A situação é a seguinte – começou Lincoln Rhyme. – Temos uma vítima de sequestro e um prazo fatal às três da tarde.

- Não houve pedido de pagamento de resgate – disse Sellitto, suplementando a sinopse feita por Rhyme. Em seguida, virou-se para atender,

ao ouvir a campainha do celular.

- Jerry – ordenou Rhyme a Banks –, passe para ele os dados sobre a cena do crime esta manhã.

Na sala escura de Lincoln Rhyme havia mais gente do que na memória

recente das paredes. Bem, depois do acidente, os amigos haviam aparecido às

vezes, sem se anunciar (as probabilidades eram muito boas de que ele

estivesse em casa, claro), mas ele havia desencorajado essas visitas. E tinha

deixado também de retornar os telefonemas, tornando-se cada vez mais

recluso, mergulhando aos poucos em profunda solidão. Passou as horas

escrevendo o livro e, quando lhe faltou inspiração para escrever outro, lendo.

E quando a leitura se tornava maçante, havia filmes de aluguel e TV a cabo e

música. Em seguida, desistiu da TV e do estéreo e passava as horas olhando

fixamente para fotos de arte, que o empregado obedientemente colava com

fita na parede em frente à cama. No fim, elas também haviam sido retiradas.

Solidão.

Isso era tudo que queria, e como sentia falta dela nesse momento.

Andando de um lado para o outro, parecendo tenso, viu Jim Polling.

Lon Sellitto era o encarregado do caso, mas um incidente como esse precisava

de um comandante a bordo e Polling se ofereceu para o trabalho. O caso era

uma bomba de tempo e poderia acabar com carreiras num abrir e fechar de

olhos, de modo que o comissário-chefe e o vice-comissário estavam muito

felizes por ele estar ali para interceptar o fogo antiaéreo. Eles estariam

praticando a fina arte do distanciamento e, quando a imprensa chegasse para

as entrevistas, poderiam usar palavras como responsabilidade delegada,

designado fulano, e de acordo com as informações de... e olhariam rápido

para Polling, quando a conversa passasse ao campo das perguntas difíceis.

Rhyme não podia compreender por que qualquer policial no mundo se

ofereceria para encarregar-se de um caso como aquele.

Polling era um tipo esquisito. O homenzinho havia aberto caminho à força através da Delegacia Norte do centro da cidade e se transformado em

um dos mais bem-sucedidos e famosos detetives especializados em homicídios. Conhecido por seu temperamento inflamável, ele tinha se metido

em sérios problemas ao matar um suspeito desarmado. Mas conseguiu,

surpreendentemente, recompor a carreira ao obter a condenação no caso

Shepherd – o caso do assassino em série, aquele em que Rhyme foi ferido.

Promovido a capitão após a prisão, noticiada com estardalhaço pela imprensa,

Polling passou por uma das mudanças mais embaraçosas da meia-idade trocar

as calças jeans e os ternos da Sears por ternos da Brooks Brothers (nesse dia

ele usava um casual Calvin Klein azul-marinho) - e iniciou uma obstinada

ascensão para um luxuoso escritório em um andar alto da One Police Plaza.

Outro policial encostou-se numa mesa próxima. Cabelos cortados

rentes, alto, magro, de pernas compridas, Bo Haumann era também capitão e

chefe da unidade Operações Especiais, a equipe SWAT do DPNY.

Banks encerrou a sinopse no momento em que Sellitto desligava e fechava o celular.

- Os Irmãos Hardy.

- Mais alguma coisa sobre o táxi? - perguntou Polling.

- Nada. Eles estão ainda procurando.

- Algum indício de que ela estivesse trepando com quem não devia?

—

perguntou Polling. — Talvez um namorado psicopata?

- Nada, nenhum namorado. Ela simplesmente saía uma vez ou outra com alguns caras. Ninguém que a andasse seguindo, ao que parece.

- E ainda nenhum telefonema pedindo resgate? – perguntou Rhyme.

- Nenhum.

A campainha da porta tocou nesse momento. Thom saiu para atender.

Um momento depois, o empregado subiu a escada com uma policial uniformizada. A distância ela parecia muito jovem, mas ao aproximar-se

Rhyme notou que ela provavelmente tinha uns trinta anos, ou por aí. Era alta

e tinha aquela beleza equina, mal-humorada, de mulheres que nos olham

fixamente das páginas de revistas de moda.

Nós vemos os outros como nos vemos e, desde o acidente, Lincoln

Rhyme raramente pensava nas pessoas em termos de corpo. Observou-lhe a

altura, os quadris enxutos, os cabelos cor de fogo. Outra pessoa notaria esses

aspectos e diria: Que avião! No caso de Rhyme, esse pensamento não lhe

ocorreu. Mas o que, de fato, ficou registrado foi a expressão nos olhos da

moça.

Não a surpresa – obviamente, ninguém tinha dito a ela que ele era um

inválido –, mas outra coisa. Uma expressão que ele jamais tinha visto antes.

Era como se o estado dele a deixasse à vontade. O oposto exato de como a

maioria das pessoas reagia. No momento em que entrou no quarto, ela parecia

estar relaxando.

- Policial Sachs? – perguntou Rhyme.

- Sim, senhor – respondeu ela, controlando-se no momento em que ia

lhe estender a mão.

- Detetive Rhyme.

Sellitto apresentou-a a Polling e Haumann. Ela tinha ouvido falar

também nos dois, se não por outra coisa, pelo menos pela reputação, e, nesse

momento, seus olhos se tornaram mais uma vez cautelosos.

Relanceou os olhos em volta da sala, para a poeira, a escuridão. Deu

uma olhada rápida em um dos cartazes de arte. Estava parcialmente

desenrolado, sob uma mesa. Nighthawks, de Edward Hopper.

Pessoas

solitárias em um jantar à noite. Aquele quadro foi o último que ele pintou.

Rhyme explicou em rápidas palavras o que significa o prazo fatal de

três da tarde. Sachs inclinou calma a cabeça, mas Rhyme percebeu um lampejo

– de quê? medo? repugnância? – em seus olhos.

Jerry Banks, com os dedos atrapalhados por um anel de formatura, mas não uma aliança, sentiu-se imediatamente atraído pelo brilho da beleza da

moça e lhe endereçou um sorriso particular. O único olhar de resposta de

Sachs, porém, deixou claro que dali não ia sair namoro. E, provavelmente,

jamais sairia.

- Talvez seja uma cilada – sugeriu Polling. – Nós encontramos o lugar

para onde ele está nos atraindo, entramos e uma bomba explode.

- Duvido – disse Sellitto, encolhendo os ombros. – Por que ele se daria a esse trabalho todo? Se alguém quer matar um policial, tudo que tem a

fazer é procurar um e meter bala nele.

Silêncio constrangido durante um momento, enquanto Polling olhava rapidamente de Sellitto para Rhyme. O pensamento coletivo ali era de que

tinha sido no caso Shepherd que Rhyme sofreu aquele acidente.

O faux pas, porém, nenhuma importância teve para Lincoln Rhyme.

Ele continuou a falar:

- Concordo com Lon. Mas eu diria a quaisquer equipes de Busca e Vigilância e do HRT que ficassem de olho para uma emboscada. Parece que

nosso rapaz está redigindo suas próprias regras.

Sachs olhou mais uma vez para o pôster com o quadro de Hopper.

Rhyme seguiu-lhe o olhar. Talvez as pessoas naquele jantar não fossem

realmente solitárias, refletiu. Pensando bem, elas pareciam para lá de

contentes.

- Temos aqui dois tipos de prova material – prosseguiu. – A prova padrão. Aquilo que o elemento desconhecido não quis deixar na cena do

crime: cabelo, fibras, impressões digitais, talvez sangue, pegadas de pés

calçados. Se pudermos descobrir um número suficiente delas... e se tivermos

sorte, esse fato nos levará à cena primária do crime.

- Ou ao esconderijo dele – sugeriu Sellitto. – Alguma coisa temporária.

- Uma casa segura? – disse Rhyme pensativo, inclinando a cabeça. –

Aposto que você tem razão, Lon. Ele precisa de um lugar de onde possa

operar. – Parou por um momento, antes de recomeçar. – E há também a

prova plantada no local. À parte os pedaços de papel... que nos dizem a hora e

a data... temos o parafuso, a bola de asbesto e a areia.

- Uma merda de caçada de lixeiro - rosnou Haumann e passou a mão

pelos cabelos à escovinha.

Era sem tirar nem pôr o sargento-instrutor de que Rhyme se lembrava.

- Se é assim, posso dizer ao chefe que há uma possibilidade de chegarmos em tempo à vítima? - perguntou Polling.

- Acho que pode, sim.

O capitão deu um telefonema e se dirigiu para um canto da sala, enquanto falava. Ao desligar, grunhiu:

- O prefeito. O chefe está com ele. Vai haver uma entrevista coletiva dentro de uma hora e vou ter que estar lá para ter certeza de que o pau deles

está dentro da calça e com o fecho corrido. Alguma coisa mais que eu possa

dizer aos garotões?

Sellitto olhou para Rhyme, que sacudiu a cabeça.

- Ainda não – disse o detetive.

Polling deu a Sellitto o número de seu celular e passou literalmente correndo pela porta.

Um momento depois, um homem magro, começando a ficar careca, de uns trinta anos de idade, subiu vagarosamente a escada. Mel Cooper tinha

uma aparência tão esquisita como sempre, do vizinho chato que passa o dia

assistindo a novelas. Era seguido por dois policiais mais jovens que traziam

um baú de viagem e duas valises, que pareciam pesar quinhentos quilos cada.

Os policiais arriaram a pesada carga e foram embora.

- Mel.

- Detetive.

Mel aproximou-se de Rhyme e segurou-lhe a mão direita inútil. O

único contato físico naquele dia com um dos visitantes, notou Rhyme. Ele e

Cooper haviam trabalhado juntos durante anos. Com diplomas em química

orgânica, matemática e física, Cooper era um especialista em identificação –

impressões digitais, DNA e reconstrução de indícios, de acordo com métodos

científicos de investigação criminal - e análise de provas materiais.

- Como é que vai o maior criminalista do mundo? – perguntou

Cooper.

Rhyme respondeu com uma bem-humorada e muda expressão de

pouco caso. Esse título lhe fora dado pela imprensa anos antes, após a notícia

surpreendente de que o FBI o havia escolhido – um policial municipal – como

conselheiro para organizar o PERT, Physical Evidence Response Team (Equipe de

Análise de Prova Material). Não satisfeitos com “cientista forense” e

“especialista em assuntos criminais”, os repórteres haviam-no batizado como

“criminalista”.

A palavra estava realmente em circulação há anos, inicialmente

aplicada ao lendário Paul Leland Kirk, diretor da Escola de Criminologia de

Berkeley, da Universidade da Califórnia. A escola, a primeira no país, fora

fundada pelo ainda mais lendário chefe de polícia August Vollmer. O título

tinha recentemente se tornado chique e, quando técnicos criminais em todo o

país conheciam loubas em coquetéis, eles se descreviam como criminalistas, e

não como cientistas forenses.

- O pesadelo de todo mundo – comentou Cooper –, a gente toma um

táxi e descobre que há um psicopata ao volante. E o mundo inteiro de olho na

Grande Maçã por causa daquela conferência. Eu andava me perguntando se

eles não iriam suspender sua aposentadoria para cuidar deste caso.

- Como vai sua mãe? – perguntou Rhyme.

- Ainda se queixando de todas as dores e incômodos possíveis. E ainda mais sadia do que eu.

Cooper morava com a senhora idosa no mesmo bangalô do Queens

onde tinha nascido. Sua paixão era dança de salão – e o tango, a sua

especialidade. Sendo as fofocas entre policiais o que são, houve especulações

na DIRC sobre as preferências sexuais do homenzinho. Embora não sentisse

interesse pela vida pessoal dos funcionários, Rhyme ficara tão surpreso como

todo mundo ao finalmente conhecer Greta, a namorada firme de Cooper,

uma escandinava deslumbrante que ensinava matemática avançada em

Columbia.

Cooper abriu a grande mala, forrada de veludo. Retirou as peças de três grandes microscópios e começou a montá-los.

- Oh, eletricidade caseira.

Olhou para as tomadas, parecendo desapontado. Empurrou para o alto do nariz os óculos de aro de metal.

- É porque isto aqui é uma casa, Mel.

- Eu pensava que você vivia em um laboratório. Eu não teria ficado surpreso.

Rhyme olhou para os aparelhos, em tons cinzentos e pretos, com muito sinal de uso, semelhantes àqueles que haviam sido seus companheiros

constantes durante quinze anos: um microscópio composto padrão, um

microscópio de contraste de fase, e um modelo operado à luz polarizada.

Cooper abriu as valises, onde estava guardado o grande estoque dos frascos,

potes e instrumentos científicos do Sr. Gênio. Num relâmpago, palavras

voltaram à mente de Rhyme, palavras que haviam feito parte de seu vocabulário diário. Tubos de ensaio de coleta de sangue, ácido acético,

ortololidina, reagente luminol, pincel Magna, contraste púrpura de Ruhemann...

O homenzinho magrelo olhou em volta da sala.

- Parece igualzinho ao que era seu gabinete, Lincoln. Como é que você

encontra alguma coisa nesta bagunça? Ei, vou precisar de um pouco de espaço

por aqui.

- Thom - Rhyme indicou com a cabeça a mesa menos atravancada.

Revistas, papéis e livros foram afastados para um lado, pondo à vista

um tampo que Rhyme não via há um ano.

Sellitto lançou um olhar no relatório sobre a cena do crime.

- Que nome vamos dar ao elemento desconhecido? Não temos ainda um número de caso.

Rhyme lançou um olhar a Banks.

- Escolha um número. Qualquer número.
- O número da página – sugeriu Banks. – Quero dizer, a data.
- Elemento desconhecido 238. Tão bom como qualquer outro.

Sellitto anotou esse dado no relatório.

- Hummm, queira desculpar? Detetive Rhyme?

Foi a patrulheira quem falou. Rhyme voltou-se para ela.

- Eu devia estar no Grande Edifício ao meio-dia.

Era a gíria policial para designar a One Police Plaza.

- Policial Sachs... – Ele se esquecera momentaneamente dela. - Você foi o primeiro policial na cena esta manhã? Naquele homicídio nos trilhos da

estrada de ferro?

- Exatamente. Fui eu que recebi o aviso. - Ao falar, ela se dirigiu a Thom.

- Eu estou aqui, policial – lembrou-lhe severamente Rhyme, mal controlando a irritação. – Bem aqui. – Enfurecia-se quando as pessoas

falavam com ele através de outras, através de pessoas sadias.

Ela girou rapidamente a cabeça e ele notou que a lição havia sido bem

aprendida.

- Sim, senhor – respondeu ela, com um tom macio na voz, mas gelo nos olhos.

- Estou aposentado. Simplesmente me chame de Lincoln.

- Quer, por favor, me dizer logo o motivo?

- O que foi que você disse? – perguntou ele.

- A razão por que me mandou vir aqui. Sinto muito. Eu não estava pensando. Se quiser um pedido de desculpas por escrito, faço isso. Só que

estou atrasada para minha nova missão e não tive oportunidade de telefonar

para meu comandante.

- Desculpas? – perguntou Rhyme.

- A coisa é a seguinte: eu não tinha qualquer experiência real com cenas de crime. O que fiz foi mais ou menos improvisar.

- Do que é que você está falando?

- De ter parado os trens e fechado a Avenida Onze. Foi culpa minha que o senador não tenha podido fazer seu discurso em Nova Jersey e que

alguns delegados graduados às Nações Unidas não tenham podido chegar a

tempo do aeroporto de Newark para as sessões.

Rhyme ria nesse momento.

- Você sabe quem eu sou?

- Ouvi falar no senhor, claro. Eu pensava que o senhor...

- Estivesse morto? – perguntou Rhyme.

- Não. Não foi isso o que eu quis dizer. – Embora fosse.

Rapidamente, ela continuou a falar: – Todos nós estudamos em seu livro na

Academia. Mas não ouvimos nada sobre o senhor. Pessoalmente, quero

dizer... – Olhou para o alto da parede e disse formalmente: – Em meu

juízo, como primeiro policial a chegar à cena do crime, achei que seria

melhor parar o trem e fechar a rua a fim de proteger o local. E foi isso o que

fiz, senhor.

- Chame-me de Rhyme. E você é...

- Eu...?

- Seu primeiro nome?

- Amélia.

- Amélia. O mesmo nome da aviadora?

- Não, senhor. Nome de família.

- Amélia, não quero um pedido de desculpas. Você fez o que era certo

e Vince Peretti errou.

Sellitto ficou constrangido com essa indiscrição, mas Lincoln Rhyme não lhe deu bola. Ele era, afinal de contas, uma das poucas pessoas no mundo

que poderia ficar com a bunda numa cadeira quando o próprio presidente dos

Estados Unidos entrasse numa sala.

- Peretti administrou a cena do crime como se o prefeito estivesse

olhando por cima do ombro dele, e essa é a maneira número um de botar as

coisas a perder. Ele chamou gente demais, errou inteiramente ao restabelecer

o tráfego de trens e carros e nunca deveria ter liberado a cena tão cedo, como

fez. Se tivéssemos mantido seguros os trilhos, quem sabe poderíamos

justamente ter achado um recibo de cartão de crédito com um nome. Ou uma

grande e bela impressão digital de polegar.

- Pode ser que sim – disse delicadamente Sellitto. – Mas vamos

simplesmente manter esse dado entre nós.

Dando ordens silenciosas, seus olhos giraram na direção de Sachs, Cooper e do jovem Jerry Banks.

Rhyme soltou uma risadinha irreverente. Em seguida, voltou-se para Sachs, que flagrou, como fizera com Banks naquela manhã, olhando fixamente para suas pernas e o corpo sob o cobertor cor de damasco. Dirigiu-

se a ela:

- Pedi que viesse aqui para processar para nós a próxima cena do crime.

- O quê?! – Dessa vez ela não falou através de intérpretes.

- Processar para nós - repetiu ele sucintamente. – A próxima cena do crime.

- Mas... – Ela riu – eu não sou da DIRC. Sou patrulheira. Nunca realizei trabalho de cena de crime.

- Este caso é incomum. Como o próprio detetive Sellitto vai lhe dizer.

É realmente sobrenatural. Certo, Lon? Verdade, se fosse uma cena clássica, eu

não a chamaria. Mas vamos precisar de um par de olhos novos na cena de que

estou falando.

Amélia lançou um olhar a Sellitto, que nada disse.

- Eu, simplesmente... Eu não seria competente nisso, tenho certeza.
- Muito bem – disse pacientemente Rhyme. – Quer saber a verdade?

Amélia inclinou a cabeça.

- Preciso de uma pessoa que teve peito para parar um trem, a fim de

proteger a cena, e aguentar depois a pressão.

- Obrigada pela oportunidade, senhor. Lincoln. Mas...

- Lon - disse secamente Rhyme.

- Policial Sachs – grunhiu o detetive, dirigindo-se a Amélia –, ninguém

aqui está lhe dando qualquer opção. Você foi designada para este caso, a fim

de prestar serviços na cena do crime.

- Senhor, devo protestar. Estou me transferindo da Radiopatrulha.

Hoje. Consegui transferência por motivos médicos. Em vigor há uma hora.

- Motivos médicos? – perguntou Rhyme.

Amélia hesitou, olhando novamente para as pernas dele.

- Tenho artrite.

- Tem? – perguntou Rhyme.

- Artrite crônica.

- Sinto muito ouvir isso.

Rapidamente, ela continuou:

- Só recebi aquele rádio esta manhã porque havia alguém doente.

Não

planejei isso.

- Sim, entendo. Eu também tinha outros planos – retrucou Lincoln

Rhyme. – Agora, vamos dar uma olhada nas provas.

CAPÍTULO VI

- O parafuso.

Lembrando a regra clássica sobre cena de crime: Examine em

primeiro lugar a prova mais incomum.

Thom girou repetidamente nas mãos o saco de plástico, enquanto

Rhyme examinava o pino de metal, uma metade enferrujada, a outra, não.

Rombudo. Usado.

- Tem certeza sobre as impressões digitais? Tentou o reagente a

partículas pequenas? Esse é o melhor, no caso de provas materiais expostas

aos elementos.

- Tenho – garantiu Mel Cooper.

- Thom – ordenou Rhyme –, tire este cabelo de cima de meus olhos!

Bote-o para trás com um pente. Eu disse a você esta manhã para penteá-lo.

O empregado suspirou e penteou para trás os fios emaranhados.

- Tome cuidado – murmurou ele ameaçador para o patrão.

Rhyme sacudiu a cabeça, despedindo-o, e emaranhando ainda mais os

cabelos. Sentada a um canto, Amélia Sachs tinha uma expressão de mau

humor, as pernas sob a cadeira, na posição de um corredor de alta velocidade

e, realmente, dava a impressão de estar justamente à espera do tiro de partida.

Rhyme voltou a examinar o parafuso.

No tempo em que estava na DIRC, começou a montar bancos de

dados, semelhantes ao catálogo federal de lascas de pintura de automóveis e

aos arquivos sobre tipos de tabaco do BATE criou uma pasta de modelos de

projéteis, fibras, tecidos, pneumáticos, sapatos, ferramentas, óleo de motor,

fluido de transmissão. Passou centenas de horas compilando listas, com

índices e remissões recíprocas.

Mas, mesmo no tempo de trabalho obsessivo de Rhyne, a DIRC jamais chegou a catalogar peças de metal. Nesse momento perguntou-se por

que e ficou zangado consigo mesmo por não ter reservado tempo para fazer

isso, e ainda mais com Vince Peretti por tampouco ter pensado nesse assunto.

- Vamos ter que telefonar para todos os fabricantes de parafusos e empreiteiros do nordeste do país. Não, do país inteiro. Perguntar se fabricam

um modelo como este e a quem o venderam. Mande por fax uma descrição e

uma foto do parafuso aos nossos despachantes, em Comunicações.

- Diabos, poderia haver um milhão deles – disse Banks. – Todas as Ace Hardware e Sears do país.

- Não acho – respondeu Rhyne. – O parafuso tem de ser uma pista viável. Ele não o deixaria se fosse inútil. Há uma fonte limitada desses

parafusos. Aposto com você.

Sellitto deu um telefonema e ergueu a vista alguns minutos depois.

- Consegui os despachantes que você queria, Lincoln. Quatro. Onde é

que conseguimos arranjar uma lista de fabricantes?

- Mande um patrulheiro até a rua 32 – respondeu Rhyme. – A

Biblioteca Pública. Lá eles têm catálogos de empresas. Até conseguir um deles,

ponha os despachantes para trabalhar nas Páginas Amarelas, seção Negócios.

Sellitto repetiu as instruções ao telefone.

Rhyme lançou um olhar ao relógio. Uma hora e meia.

- Agora, o asbesto.

Por um momento, a palavra brilhou na mente de Rhyme. Sentiu uma pontada – em lugares onde nenhuma pontada podia ser sentida. O que era

que ele sabia tanto sobre asbesto? Era alguma coisa que tinha lido ou ouvido -

recentemente, ao que parecia, embora não confiasse mais em seu senso de

tempo. Quando uma pessoa fica deitada de costas, no mesmo lugar, um mês

após outro, após outro, o tempo passa a correr lentamente, em um estado de

quase morte. Bem que poderia estar pensando em alguma coisa que tinha lido

dois anos antes.

- O que é que sabemos sobre asbesto? – perguntou baixinho.

Ninguém respondeu, mas isso pouco importava. Respondia a si mesmo. Aliás, de qualquer modo, preferia que fosse assim. O asbesto era uma

molécula complexa, um polímero de silicato. Não queima porque, como o

vidro, já está oxidado.

Quando processava cenas de crimes de velhos assassinatos – trabalhando com antropólogos e dentistas especializados em assuntos

criminais -, muitas vezes fazia isso em prédios isolados com asbesto.

Lembrou-se do gosto peculiar das máscaras faciais que os operários eram

obrigados a usar durante uma escavação. Na verdade, lembrou-se nesse

momento, foi durante a remoção de asbesto em uma linha do metrô da

cidade, realizada três anos e meio antes, que equipes encontraram, em uma

sala de geradores, o corpo de um policial assassinado por Dan Shepherd. No

momento em que se curvou lentamente para tirar uma fibra da túnica azul-

clara do policial, ouviu o estalo e o gemido da viga de carvalho. A máscara o

havia provavelmente salvo de morrer por sufocação na poeira e areia que

caíram e o cercaram por todos os lados.

- Talvez ele a tenha levado para um local de remoção de asbesto – sugeriu Sellitto.

- Poderia ser isso - concordou Rhyme.

Sellitto voltou-se para o jovem assistente:

- Ligue para a EPA e para o Departamento de Defesa do Meio Ambiente, da prefeitura. Descubra se há lugares onde estão fazendo atualmente obras de remoção de asbesto.

O detetive deu o telefonema.

- Bo – perguntou Rhyme –, você tem equipes que possamos usar?

- Prontas para entrar em ação – confirmou o comandante da UOE –, embora tenha que dizer que metade da força está a serviço desse troço das

Nações Unidas. Foi emprestada ao Serviço Secreto e à segurança das Nações

Unidas.

- Consegui umas informações da EPA.

Banks chamou Haumann com um gesto e os dois se dirigiram para um canto da sala. Tiraram do lugar várias pilhas de livros. No momento em

que Haumann desenrolava alguns mapas táticos da UOE cobrindo a cidade de

Nova York, alguma coisa caiu com um estalo no chão.

Banks sobressaltou-se.

- Jesus!

Do ângulo onde se encontrava, Rhyme conseguiu ver o que havia caído. Haumann hesitou por um momento, curvou-se em seguida, pegou uma

vértebra descorada de coluna vertebral e recolocou-a na mesa.

Rhyme sentiu o peso de vários pares de olhos focalizados nele, mas nada disse. Hauman curvou-se sobre o mapa, enquanto Banks, ao telefone,

lhe passava informações sobre locais onde era feita remoção de asbesto. O

comandante marcou-os com um lápis de cera. Parecia haver um grande

número desses locais, espalhados por todos os cinco bairros da cidade. Era

desanimador.

- Temos que limitar mais a busca. Vejamos, a areia – disse Rhyme a

Cooper. – Examine-a no microscópio e diga o que acha.

Sellitto passou ao técnico o envelope que continha a prova. Cooper derramou o conteúdo em uma placa esmaltada de exame. O pó brilhante

soltou uma pequena nuvem de poeira. Havia também uma pedra, tornada lisa

por desgaste, que ficou no centro da placa.

Lincoln Rhyme sentiu um aperto na garganta. Não com o que via - não sabia ainda para o que estava olhando -, mas com o impulso nervoso

defeituoso que partiu de seu cérebro e morreu a meio caminho do braço

direito inútil, em uma ânsia para pegar um lápis e usá-lo. Era a primeira vez

em um ano, mais ou menos, que sentia essa ânsia. O desejo ardente encheu-

lhe os olhos de lágrimas e seu único consolo foi a lembrança do pequeno

vidro de Seconal e o saco plástico que o Dr. Berger levava consigo – imagens

que pairaram na sala como se fossem as de um anjo salvador.

Pigarreou.

- Examine-a.

- O quê?

- A pedra.

Sellitto fitou-o, curioso.

- A pedra não devia estar aí – disse Rhyme. – Maçãs e laranjas.
Quero

saber por quê. Examine-a.

Usando um fórceps com pontas de porcelana, Cooper pegou a pedra e

examinou-a. Colocou óculos de trabalho e tocou a pedra com o feixe de uma

PoliLight – um dispositivo do tamanho de uma bateria de carro, com uma

vareta luminosa.

- Nada – disse.

- DMV?1

Cooper, porém, não tinha trazido equipamento de DMV.

- O que é que você tem aí? - perguntou Rhyme, irritado.

- Preto Sudão, revelador físico estabilizado, iodo, preto de amido, DFO e violeta genciana, pincel Magna.

Trouxera também ninhidrina para tirar impressões digitais de superfícies porosas e Super-Cola para usar em superfícies lisas.
Rhyme

lembrou-se da notícia sensacional que tinha varrido a comunidade de polícia

especializada alguns anos antes. Um técnico que trabalhava no laboratório de

criminalística do Exército dos Estados Unidos no Japão usou Super-Cola para

consertar uma câmera quebrada e descobrira, espantado, que a fumaça do

adesivo provocava o aparecimento, com mais nitidez, de impressões digitais

latentes do que a maioria dos produtos químicos elaborados para esse fim.

Esse era o método que Cooper empregava no momento. Usando o

fórceps, colocou a pedra em uma pequena caixa de vidro e acrescentou uma

pitada da cola na placa quente que havia no interior da caixa. Minutos depois,

tirou a pedra do recipiente.

- Conseguimos alguma coisa – disse.

Borrifou a pedra com pó UV de comprimento de onda longo e

iluminou-a com um fecho da vareta PoliLight. Uma impressão digital apareceu

com grande clareza. Bem no alvo. Cooper fotografou-a com uma polaróide

CU-5, uma câmera 1:1. Passou a foto a Rhyme.

- Mais perto. – Rhyme apertou os olhos enquanto a examinava. - Isso

mesmo! Ele rolou-a.

Impressões digitais roladas – passar um dedo sobre uma superfície –

produziam uma imagem diferente das que eram deixadas quando alguém

pegava em um objeto. Era uma diferença sutil – na largura das cristas de atrito

em vários pontos no total da impressão –, mas que Rhyme reconheceu

claramente nesse momento.

- Olhe aí, o que é isso? - perguntou baixinho. - Essa linha.

Viram uma marca desmaiada, em forma crescente, na impressão digital.

1 A deposição de metal a vácuo é o Cadillac das técnicas para fazer com que apareçam impressões

digitais invisíveis em superfícies não-porosas. Ela produz evaporação de ouro ou zinco em uma câmara

de vácuo contendo o objeto a ser testado. O metal recobre a impressão digital latente, tornando bem visíveis os redemoinhos e picos da impressão digital.

- Até parece...

- Isso mesmo – concordou Rhyme. – A unha dela. Normalmente não obteríamos isso. Mas aposto que ele inclinou a pedra justamente para ter

certeza de que ela seria apanhada. O gesto deixou uma impressão oleosa.

Como uma crista de atrito.

- Por que ele faria isso? – perguntou Sachs.

Mais uma vez irritado porque ninguém ali parecia estar notando esses

pontos com a mesma rapidez que ele, Rhyme explicou secamente:

- Ele está nos dizendo duas coisas. A primeira: está providenciando para que saibamos que a vítima é uma mulher. No caso de não termos feito a

conexão entre ela e o corpo achado esta manhã.

- Por que ele faria isso? – perguntou Banks.

- Para aumentar a aposta - retrucou Rhyme. - Para nos fazer suar mais.

Ele está nos dizendo que uma mulher corre perigo. Ele dá valor às vítimas

exatamente como fazemos, embora a gente alegue que não faz isso.

Rhyme olhou por acaso para as mãos de Sachs. E ficou surpreso ao descobrir que, no caso de uma mulher tão bela, os dedos dela eram um

horror. Quatro deles terminavam em Band-Aids cor de carne e vários outros

pareciam roídos até a cutícula. A cutícula de um deles estava coberta de

sangue pardo. Notou também a inflamação vermelha na pele embaixo das

sobrancelhas, por puxá-las, supôs. E uma marca de arranhão ao lado da

orelha. Todos eles hábitos autodestrutivos. Há milhões de maneiras de uma

pessoa fazer mal a si mesma, além de tomar comprimidos e beber Armagnac.

- Quanto à outra coisa que ele está nos dizendo, já avisei vocês sobre

ela – continuou Rhyme. – Ele conhece provas. Está dizendo: Não percam

tempo com técnicas comuns de levantamento de provas materiais. Não vou

deixar nenhuma. Isso é o que ele pensa, claro. Mas vamos encontrar alguma

coisa. Podem apostar que vamos. – Subitamente, fechou a cara. – O mapa.

Precisamos do mapa. Thom!

- Que mapa? – perguntou espantado o empregado.

- Você sabe de que mapa estou falando.

Thom soltou um suspiro.

- Nem desconfio, Lincoln.

Olhando pela janela e falando em parte para si mesmo, Rhyme continuou, em tom pensativo:

- O viaduto sobre a linha da estrada de ferro, os túneis dos contrabandistas de bebida e as portas de acesso, o asbesto... todos eles são

coisas antigas. Ele gosta da Nova York histórica. Eu quero o mapa Randel.

- Qual e onde?

- Nas pastas com as pesquisas que fiz para meu livro. Onde mais?

Thom mexeu em pastas e tirou a fotocópia de um comprido mapa horizontal de Manhattan.

- Este?

- Esse mesmo !

Era o mapa Randel, desenhado em 1811 para que os comissários da cidade pudessem planejar a grade de ruas de Manhattan. O mapa tinha sido

impresso horizontalmente, com o Battery Park, sul, à esquerda, e o Harlem,

norte, à direita. Mostrada dessa maneira, a ilha parecia o corpo de um cão no

momento do salto, a cabeça estreita erguida para um ataque.

- Pregue-o aí no alto. Ótimo.

Enquanto o empregado cumpria a ordem, Rhyme disse explosivamente:

- Thom, nós vamos alistá-lo provisoriamente na polícia. Dê a ele um distintivo lustroso ou alguma outra coisa, Lon.

- Lincoln... – murmurou o rapaz.

- Nós precisamos de você. Ora, vamos. Você não quis sempre ser um

Sam Spade ou um Kojak?

- Só quis ser Judy Garland – respondeu o empregado.

- Jessica Fletcher, então! Você vai escrever o perfil. Vamos, pegue aquela Mont Blanc que você sempre mostra vaidosamente no bolso da camisa.

O jovem rolou os olhos para cima, enquanto puxava uma caneta

Parker e pegava um bloco empoeirado de papel amarelo em uma pilha sob

uma das mesas.

- Não, tenho uma idéia melhor – anunciou Rhyme. – Pendure um desses pôsteres. Esses pôsteres de arte. Pregue-o virado e escreva nas costas

com uma caneta marcadora. Com letras grandes, para que eu possa vê-las.

Thom escolheu o de nenúfares de Monet e pregou-o na parede.

- No alto – ordenou o criminologista –, escreva “Elemento

Desconhecido 238”. Em seguida, quatro colunas: “Aparência, Residência,

Veículo, Diversos.” Lindo. Agora, vamos começar. O que é que nós sabemos

sobre ele?

- O veículo... – começou Sellitto -, ele tem um Yellow Cab.

- Certo. E, sob “Diversos”, escreva que ele está familiarizado com procedimentos relativos à cena do crime.

- O que – acrescentou Sellitto – pode significar que ele já foi ao pote outras vezes.

- Como assim? – perguntou Thom.

- Ele pode ter ficha na polícia - explicou o detetive.

- Devemos acrescentar que ele está armado com um Colt .32?

- Droga, sim - confirmou o chefe do rapaz.

- E ele conhece CAs...

- O quê ?- perguntou Thom

- Cristas de atrito... impressões digitais. É isso o que elas são, como

você sabe, as cristas em nossas mãos e pés que nos dão tração. E anote aí que

provavelmente ele está operando a partir de uma casa segura. Bom trabalho,

Thom. Olhem para ele. Ele é um policial nato.

Thom alegrou-se todo e afastou-se da parede, espanando a camisa, onde se havia grudado uma pegajosa teia de aranha.

- Aí estamos, pessoal - disse Sellitto. - Nossa primeira olhada no Sr.

238.

Rhyme virou-se para Mel Cooper.

- Agora, a areia. O que é que você pode dizer sobre ela?

Cooper levantou os óculos de segurança para a testa pálida.

Derramou uma amostra em uma placa e introduziu-a sob a objetiva do microscópio de luz polarizada. Ajustou os botões.

- Hummm. Isso é curioso. Nada de birrefringência.²

- De modo que isso não é areia – murmurou Rhyme. – É alguma coisa

tirada do fundo... Pode individuar³ a coisa?

- Talvez - respondeu o técnico -, se eu puder descobrir o que é isso.

- Vidro triturado? – sugeriu Rhyme.

Vidro é basicamente areia fundida. O processo de fabricação de vidro,

porém, altera a estrutura cristalina. Não se consegue birrefringência com vidro

comum. Cooper examinou atentamente a amostra.

- Não, não acho que seja vidro. Não sei o que é. Como eu gostaria de

ter aqui um EDX 4.

2 Microscópios de luz polarizada mostram birrefringências - a refração dupla de cristais, fibras e alguns

outros materiais. Areia de praia apresenta birrefringências espetaculares.

3 Individuação... O objetivo do criminalista. A maior parte da prova material pode ser identificada. Mas,

mesmo que se saiba o que é, há centenas, ou milhares, de origens de onde ela poderia ter vindo. A prova

individuada é aquela que só pode provir de uma única fonte ou de um número muito pequeno de fontes.

Uma impressão digital, um perfil de DNA, uma lasca de pintura que se ajusta em um ponto descascado

no carro do perpetrador como se fosse uma peça de quebra-cabeça.

- Consiga um para ele – ordenou Rhyme a Sellitto. Em seguida, olhou

em volta da sala. - Precisamos de mais equipamento.

Quero também uma unidade de levantamento de metal de impressões

digitais em vácuo. E um GC-MS.

O cromatógrafo de gás decompõe substâncias em seus elementos componentes, enquanto a fotoespectrometria usa luz para identificar cada um

deles. Esses instrumentos permitem que criminalistas submetam a testes

amostras desconhecidas de apenas um milionésimo de grama e as comparem

com um banco de dados de cem mil substâncias conhecidas, catalogadas por

identidade e nome de marca.

Por telefone, Sellitto passou a lista ao laboratório da Polícia Técnica.

- Mas não vamos poder esperar por esses instrumentos sofisticados,

Mel. Você vai ter que fazer isso à velha maneira. Diga mais alguma coisa sobre

essa areia de araque.

- Está misturada com um pouco de sujeira. Temos aqui argila mole,

um pouco de quartzo, feldspato e mica. E fragmentos mínimos de folhas e

plantas em decomposição. E pontinhos do que poderia ser bentonita.

- Bentonita. – Rhyme pareceu satisfeito. – Isso é uma cinza vulcânica

que os construtores civis usam em pasta de perfuração, quando estão

escavando fundações em áreas tímidas de cidade onde o leito rochoso é

profundo. Evita desabamentos. De modo que estamos procurando uma área

urbanizada que está junto ou perto de água, provavelmente ao sul da rua 32.

Ao norte desse local, o leito rochoso fica muito mais perto da superfície e os

construtores não precisam de pasta de perfuração.

Cooper moveu a placa.

- Se tivesse que dar um palpite, eu diria que isto aqui é principalmente

cálcio. Espere, há aqui alguma coisa fibrosa.

Cooper girou o botão. Rhyme teria pago qualquer preço para poder

dar uma espiada através daquela ocular. Lembrou-se em um relâmpago de

todas as noites que passara com o rosto colado à esponja de borracha

cinzenta, observando fibras, fragmentos de humo, células sanguíneas ou

aparas de metal entrando e saindo de foco.

4 Instrumento muito popular em laboratórios de polícia técnica, o EDX é um microscópio escaneador de

elétrons, acoplado a uma unidade de raios X dispersora de energia. O aparelho mostra que elementos há

em amostras vestigiais encontradas em cenas de crime.

- E aqui há mais uma coisa. Um grânulo maior. Três camadas. Uma

semelhante a tecido ceratótico e duas de cálcio. Cores ligeiramente diferentes.

A outra é translúcida.

- Três camadas? – disse irritado Rhyme. – Droga, é uma concha marinha!

Ficou furioso consigo mesmo. Devia ter pensado nessa possibilidade.

- Certo, é isso mesmo – concordou Cooper com uma inclinação de cabeça. – Ostra, acho.

Os leitões de ostras em volta da cidade eram encontrados

principalmente nas costas de Long Island e Nova Jersey. Rhyme tivera

esperança de que o elemento desconhecido limitasse a Manhattan a área

geográfica de busca - onde havia sido encontrada a vítima daquela manhã.

Murmurou:

- Se ele está abrindo toda a área do metrô, a busca vai dar em nada.

- Estou vendo agora outra coisa – disse Cooper. – Acho que é limo.

Mas muito antigo. Granular.

- De concreto, talvez? – sugeriu Rhyme.

- Possivelmente. Sim. Mas, neste caso, não entendo o motivo das

conchas – acrescentou Cooper pensativo. – Em volta de Nova York, os leitos

de ostras estão cheios de vegetação e lama. Esta está misturada com concreto

e nela não há virtualmente qualquer matéria vegetal.

- Bordas! – disse subitamente Rhyme. – Com que se parecem as bordas da concha, Mel?

O técnico voltou a espiar pela ocular.

- Fraturadas, não desgastadas. Isto foi pulverizado por pressão seca. Nenhum sinal de erosão por água.

Os olhos de Rhyme passearam pelo mapa Randel, escaneando-o à direita e à esquerda e concentrando-se nas ancas do cachorro.

- Entendi! - exclamou.

Em 1913, F.W. Woolworth construiu a estrutura de sessenta andares que ainda leva seu nome, revestida de terracota e adornada com gárgulas e

esculturas góticas. Durante dezesseis anos, foi o prédio mais alto do mundo.

Uma vez que o leito rochoso naquela parte de Manhattan se situava a mais de

trinta metros abaixo da Broadway, os operários tiveram que abrir profundas

chaminés para ancorar o prédio. Não muito depois do início das obras, os

operários descobriram os restos mortais de Talbott Soames, industrial de

Manhattan, que tinha sido sequestrado em 1906. O corpo foi encontrado

enterrado em uma espessa camada do que parecia ser areia branca, mas que na

realidade eram conchas pulverizadas de ostras, fato este que foi um carnaval

para os tablóides, mencionando a obsessão do rico magnata por comidas

suculentas. As conchas eram tão comuns na ponta leste da baixa Manhattan

que passaram a ser usadas para aterros. E foram elas que deram nome à Pearl

Street.

- Ela está em algum lugar no centro da cidade – anunciou Rhyme. –

Provavelmente, no East Side. E talvez perto da Pearl. E estará em um

subterrâneo, possivelmente a uma profundidade de um e meio a quatro

metros e meio. Talvez em um canteiro de obras, talvez em um porão. Em um

velho prédio ou em um túnel.

- Faça uma checagem cruzada no diagrama da EPA, Jerry – ordenou

Sellitto a seu auxiliar. – Onde é que andam fazendo remoção de asbesto?

- Ao longo da Pearl? Nada. – O jovem policial ergueu o mapa em que

ele e Haumann estavam trabalhando. – Há umas três dezenas de locais de

limpeza: em Midtown, no Harlem, e no Bronx.

Mas nada no centro.

- Asbesto... asbesto... – disse mais uma vez Rhyme em voz baixa, pensativo. O que era tão conhecido sobre o asbesto?

O relógio marcava nesse momento 2:05.

- Bo, temos que começar a agir. Mande sua gente para lá e inicie uma

busca. Todos os prédios ao longo da Pearl Street. Na Water Street também.

- Homem – suspirou o policial –, isso é um bocado de prédios.

Mas dirigiu-se para a porta.

Rhyme voltou-se para Sellitto:

- Lon, é melhor você ir também. Isso vai ser como um final de corrida

decidido apenas por foto. Eles vão precisar de todas as pessoas que puderem

arranjar para a busca. Amélia, quero que você também vá para lá.

- Escute, estive pensando...

- Policial Sachs – cortou-a secamente Sellitto –, você recebeu suas ordens.

Um leve rubor cobriu o belo rosto da moça. Rhyme dirigiu-se nesse momento a Cooper:

- Mel, você veio até aqui de ônibus?

- Em um VRR - respondeu ele.

Os grandes ônibus empregados em cenas de crime eram enormes caminhões cobertos – cheios de instrumentos e suprimentos para coleta de

prova, mais bem equipados do que laboratórios completos de muitas pequenas cidades. Quando chefiou a DIRC, porém, Rhyme encomendou

veículos menores para uso nas cenas de crimes - basicamente, caminhonetes -,

contendo o equipamento essencial para coleta e análise. Os Veículos de

Resposta Rápida (VRR) pareciam ter uma aparência bem comum, mas Rhyme

conseguiu, na base da carteirada, mandar equipá-los com os motores

turbinados dos carros de interceptação da polícia. Não raro, eles chegavam à

cena do crime antes das radiopatrulhas. Muitas vezes, o primeiro policial a

chegar à cena do crime era um veterano técnico de laboratório. O que

constituía o sonho de todo promotor público.

- Dê as chaves do veículo a Amélia.

Cooper entregou-as à moça, que olhou por um momento para Rhyme,

girou sobre si mesma e desceu correndo a escada. Até os passos dela pareciam

furiosos.

- Muito bem, Lon. No que é que você está pensando?

Sellitto lançou um olhar para o corredor vazio e aproximou-se de Rhyme.

- Você quer realmente F.P. neste caso?

- ER?

- Ela, Sachs. ER é o apelido dela.

- Significando o quê?

- Não diga isso quando ela estiver presente. Ela explode. O pai dela

foi patrulheiro de ronda a pé durante quarenta anos. Por isso, chamam-na de

Filha do Patrulheiro.

- Você acha que eu não devia tê-la escolhido?

- Não, acho que não devia. Para que você a quer?

- Porque ela subiu um aterro de dez metros para não contaminar a cena. Porque fechou uma avenida muito movimentada e uma linha da

Amtrak. Isso é iniciativa.

- Ora, vamos, Linc. Conheço uma dezena de policiais que fariam alguma coisa como essa.

- Bem, ela é a pessoa que eu quero.

Rhyme lançou um olhar solene a Sellitto, lembrando-lhe sutilmente e sem discussão quais haviam sido os termos da combinação de ambos.

- Tudo que vou dizer é o seguinte: acabei de falar com Polling. Peretti

está uma fera porque foi passado para trás – disse Sellitto. – E se... não, quero

dizer, quando... os chefões descobrirem que alguém da Radiopatrulha está

dando busca na cena, vai haver um arranca-rabo daqueles.

- Provavelmente – disse Rhyme baixinho, os olhos no pôster do perfil do elemento desconhecido. - Mas eu tenho a impressão de que esse vai ser o menor de nossos problemas hoje.

E deixou a cabeça cansada recair no grosso travesseiro.

CAPÍTULO VII

A caminhonete partiu em alta velocidade na direção dos escuros e fuliginosos canyons de Wall Street, no centro de Nova York.

Os dedos de Amélia Sachs dançavam de leve no volante, enquanto tentava imaginar onde T.J. Colfax poderia estar sendo mantida em cativeiro.

Encontrá-la parecia um trabalho sem esperança. O distrito financeiro que ora

se aproximava jamais pareceu tão enorme, tão cheio de becos, tão cheio de

bocas-de-lobo, vãos de portas e janelas escuras.

Tantos lugares para esconder um refém!

Mentalmente, reviu a mão projetando-se da cova no leito da estrada de ferro. E o anel de brilhante no osso sangrento do dedo. Ela conhecia

aquele tipo de jóia. Chamava-os de anéis de consolo - o tipo de jóia comprada

por moças ricas e solitárias.

Continuou a acelerar na direção sul, esquivando-se de mensageiros em

bicicletas e de táxis.

Mesmo nessa tarde clara, sob um sol forte, aquela parte da cidade era

fantasmagórica. Os prédios lançavam sombras escuras e estavam cobertos

pela sujeira escura como sangue coagulado.

Fez uma curva a 65 por hora, derrapando no asfalto esponjoso, e pisou no acelerador para trazer a caminhonete de volta aos 85 por hora.

ELEMENTO DESCONHECIDO (238)

Aparência Residência Veículo Diversos

- Prov. tem casa segura
- Táxi Yellow Cab
- Conhece proc. de CC
- Possivelmente tem antec. criminais
- Conhece levantamento de impressões digitais
- Arma = .32 Colt

Um motor excelente, pensou. E resolveu descobrir qual era o

comportamento da caminhonete a 120.

Anos antes, enquanto o pai dormia – ele em geral fazia a ronda das três às sete da manhã –, a adolescente Amie Sachs pegava as chaves do

Camaro do velho e dizia à mãe, Rose, que ia às compras. Ela queria alguma

coisa do açougue de suínos Fort Hamilton? E antes que a mãe pudesse dizer

“Não, é melhor você pegar o trem. Não você não vai dirigir”, ela desaparecia

pela porta, ligava o motor e partia como uma bala na direção oeste.

Voltando para casa três horas depois, sem trazer carne de porco Amie

subia em passos leves a escada e encontrava uma mãe nervosa e furiosa que –

para divertimento da filha – lhe passava um sermão sobre os riscos de

engravidar, e como isso lhe arruinaria as possibilidades de usar aquele belo

rosto para ganhar um milhão de dólares como modelo profissional. Mas

quando finalmente descobriu que a filha não andava trepando por aí, mas

simplesmente dirigindo o carro a 160 por hora nas estradas de Long Island,

voltou a ficar nervosa e enfurecida e passou-lhe sermões sobre o perigo de

amassar aquele belo rosto e arruinar suas possibilidades de ganhar um milhão

de dólares como modelo profissional.

As coisas ficaram ainda piores quando tirou a carteira de motorista.

Sachs, nesse momento, espremeu-se entre dois caminhões parados em

fila dupla, alimentando a esperança de que nem o motorista nem o passageiro

abrissem uma porta. Em um chiado que só seria captado por um medidor

Doppler, passou por eles.

Quando você está em movimento eles não podem pegá-la...

Massageando o rosto redondo com os dedos curtos e rombudos, Lon

Sellitto nenhuma atenção prestava naquela maneira tipo Indy 500 de dirigir.

Falava com o parceiro sobre o caso, como se fosse um contador discutindo

um balancete. Quanto a Banks, embora não estivesse mais lançando olhares

esperançosos para os olhos e lábios de Sachs, tinha passado a conferir o

velocímetro a cada dois minutos.

Derraparam em uma curva furiosa do outro lado da Ponte do

Brooklyn. Amélia pensou novamente na prisioneira, imaginando as unhas

longas e elegantes de T.J., enquanto batia com seus próprios dedos roídos no

volante. Mais uma vez, ocorreu-lhe a imagem que se recusava a desaparecer: o

galho branco de bétula que era uma mão, projetando-se da cova úmida. E o

único osso, sanguinolento.

- Esse cara é meio louco - disse, de repente, para mudar a direção dos

pensamentos.

- Quem? – perguntou Sellitto.

- Rhyme.

- Eu acho – disse Banks, entrando na conversa - que ele se parece com

o irmão mais moço de Howard Hughes.

- Sim, bem, eu também fiquei surpreso - reconheceu o detetive mais

velho. – Ele não estava parecendo nada bem. E ele era um cara bonito. Mas,

bem, vocês sabem, depois de tudo aquilo por que passou... Como é que você,

Sachs, pode estar na radiopatrulha dirigindo dessa maneira?

– Foi para onde me designaram. Ninguém me perguntou, simplesmente me deram ordens. – Exatamente como você fez, pensou ela. –

Ele era realmente tão competente assim?

- Rhyme? Melhor ainda. A maioria dos caras da Polícia de Nova York lida com duzentos cadáveres por ano. Os melhores. Rhyme fazia o dobro

disso. Mesmo quando dirigia a DIRC. Veja o caso de Peretti, ele é competente, mas sai em campo apenas uma vez a cada duas semanas, mais ou

menos, e apenas em casos que despertam atenção da mídia. Você não está

ouvindo isso de mim, policial Sachs.

- Não, senhor.

- Rhyme, porém, ia pessoalmente às cenas de crime. E quando não estava fazendo isso, andava por aí.

- Fazendo o quê?

– Simplesmente andava. Olhando para coisas. Andava quilômetros.

Por toda cidade. Comprando coisas, apanhando coisas, colecionando coisas.

- Que tipo de coisas?

- Tipos de provas. Areia, restos de comida, revistas, calotas de carro, sapatos, livros de medicina, drogas, plantas... Diga qualquer coisa e ele andava

por aí procurando-as, catalogando-as. Você sabe como é... Quando aparecia

uma prova material, ele formava uma idéia melhor de onde o perpetrador

poderia ter estado ou o que estava fazendo. A gente ligava para ele pelo

teletrim e ele estava no Harlem, no Lower East Side ou na Hell's Kitchen.

- Ele tinha o trabalho de polícia no sangue?

- Não. O pai dele era uma espécie de cientista em um laboratório de fama nacional ou alguma coisa assim.

- Foi isso o que ele estudou? Ciências?

- Foi. Estudou na Champaign-Urbana e conquistou uns dois diplomas de prestígio. Química e História. Por que escolheu isso, não faço a menor

idéia. Os pais dele já haviam falecido quando o conheci, o que vai fazer agora

uns quinze anos. E nem tem irmãos nem irmãs. Cresceu em Illinois. Esse é o

motivo do nome dele, Lincoln.

Ela quis saber se ele era ou tinha sido casado, mas não perguntou.

Ficou no "Ele era realmente tão competente assim?".

- Pode perguntar.

- Um merda?

Banks riu.

- Minha mãe tinha uma expressão para isso – respondeu Sellitto. – Ela

dizia que alguém era "meio esquisito". Essas palavras descrevem Rhyme. Ele é

esquisito. Certa ocasião, um técnico de laboratório imbecil borrifou luminol...

um reagente para identificar amostras de sangue... em cima de uma impressão

digital, em vez de ninhidrina, e inutilizou a impressão. Rhyme demitiu-o na

hora. Em outra ocasião, um policial urinou em uma cena de crime e deu

descarga no toalete. Cara, Rhyme subiu nas tamancas como se fosse um

foguete balístico, disse ao babaca que fosse até o porão e trouxesse o que

houvesse na peça de retenção da fossa. – Sellitto soltou uma risada. – O

policial, um oficial, respondeu: “Eu não vou fazer isso. Sou um tenente.” E

Rhyme: “Que bom saber disso. Agora, você é bombeiro.” Eu podia contar

casos como esses indefinidamente. Porra, você está indo a 130 por hora!

Passaram como um relâmpago pelo Grande Edifício e ela pensou, sentindo-se mal: Era aí que eu devia estar neste exato momento. Conhecendo

outros companheiros em Informações, assistindo à sessão de treinamento,

saturando-me do ar-condicionado.

Manobrou habilmente em volta de um táxi que nesse momento furava

um sinal vermelho.

Jesus, que calor. Poeira quente, fedor quente, gasolina quente. As horas feias da cidade. O mau humor subia alto como a água cinzenta nos

hidrantes do Harlem. Dois Natais antes, ela e o namorado haviam feito uma

curta celebração de feriado – das onze à meia-noite, o único tempo comum de

folga que suas escalas de serviço permitiam – numa noite de quatro graus

centígrados. Ela e Nick, sentados em frente ao Rockefeller Center, perto do

ringue de patinação, tomando café e conhaque. E os dois haviam concordado

que preferiam uma semana de frio a um único dia quente de agosto.

Finalmente, descendo como uma bala a Pearl, ela descobriu o posto

de comando de Neumann. Deixando no asfalto marcas de 2,5m de

deslizamento de freada, Sachs enfiou o VRR em uma vaga entre o carro dele e

um ônibus do SEM.

- Poxa, você dirige bem paca - comentou Sellitto, descendo.

Por alguma razão, Sachs ficou muito feliz ao ver as suadas impressões

digitais de Jerry Banks bem visíveis no vidro da janela quando ela abriu a porta

traseira.

Policiais do SEM e patrulheiros uniformizados enchiam o local, uns

cinquenta ou sessenta deles. E mais estavam a caminho. Até parecia que toda

a atenção da Police Plaza tinha se concentrado no centro de Nova York.

Quando deu por si, Sachs pensava distraidamente que se alguém quisesse

tentar um assassinato ou invadir a Gracie Mansion ou um consulado, este

seria o momento mais conveniente.

Haumann aproximou-se rápido da caminhonete. Dirigiu-se logo a

Sellitto:

- Estamos fazendo diligências de porta em porta, examinando todas as

obras em construção na Pearl. Ninguém sabe de nada sobre trabalho com

asbesto e ninguém ouviu gritos de socorro.

Sachs fez menção de descer da caminhonete, mas foi detida por

Haumann:

- Não. Suas ordens são de ficar aqui com o veículo da cena de crime.

Ela desceu, de qualquer maneira.

- Sim, senhor. Quem foi exatamente que disse isso?

- O detetive Rhyme. Acabei de falar com ele. Você deve ligar para a Central quando chegar ao posto de controle.

Mal terminou de falar, Haumann começou a afastar-se. Sellitto e

Banks apressaram os passos na direção do posto.

- Detetive Sellitto – gritou Sachs.

Ele se virou.

- Desculpe, detetive - disse a moça. - O negócio é o seguinte: quem é

meu comandante de turno? A quem estou subordinada?

- Você está subordinada a Rhyme - retrucou ele secamente.

Amélia soltou uma risada.

- Mas não posso ficar subordinada a ele.

Sellitto fitou-a, sem entender.

- Quero dizer, não há questões de hierarquia, coisas assim? De jurisdição? Ele é um paisano. Eu preciso de alguém, de um escudo, a quem

possa ficar subordinada.

Conservando a calma, Sellitto respondeu:

- Escute aqui. Todos nós estamos subordinados a Lincoln Rhyme.

Não me importa se ele é paisano, se é o chefe, ou se é a porra do Cruzado

Capado. Entendeu bem?

- Mas...

- Se quiser se queixar, faça isso por escrito, mas amanhã.

E deu-lhe as costas. Sachs fitou-o por um momento, voltou ao volante

da caminhonete e ligou para a Central, informando que estava 10-84 na cena

do crime. E que aguardava instruções.

E riu sombriamente quando a mulher respondeu:

- Dez-quatro, radiopatrulha 5885. Fique de prontidão. O detetive Rhyme entrará em contato brevemente, câmbio.

Detetive Rhyme.

- Dez-quatro, câmbio - retrucou Sachs e olhou para os fundos de caminhonete, especulando indolentemente sobre o que havia dentro daquelas

valises pretas.

Eram 2:45 da tarde.

O telefone tocou na casa de Rhyme. Thom atendeu.

- É o despachante da Central.

- Complete a ligação.

O telefone ganhou vida:

- Detetive Rhyme, o senhor não se lembra de mirn, mas trabalhei na DIRC quando o senhor foi o chefe lá. Paisana. Fazia serviço de telefonista.

Emma Rollins.

- Claro que me lembro. Como é que vão as crianças, Emma:

Rhyme lembrava-se de uma negra grandalhona e alegre que sustentava

cinco filhos com dois empregos. Lembrava-se dos dedos grossos dela

cutucando os botões com tanta força que, certa vez, quebrou de fato um dos

telefones oficiais.

- Jeremy vai entrar na faculdade dentro de umas duas semanas e Dora

continua dando uma de atriz, ou pensa que está. Os menores estão indo muito

bem.

- Lon Sellitto recrutou-a, foi isso?

- Não, senhor. Ouvei dizer que o senhor estava trabalhando nesse caso

e devolvi as crianças para o 911. Emma vai aceitar esse trabalho, eu disse a ela.

- O que é que você tem para nós?

- Estamos trabalhando com um catálogo de companhias que fabricam

parafusos. E com um livro que contém uma lista de firmas que os vendem por

atacado. O que descobrimos foi o seguinte. O que resolveu foram as letras. As

que estão gravadas no parafuso. As letras CE. Eles são fabricados especialmente para a Con Ed.

Diabo! Claro.

- São marcados dessa maneira porque têm comprimento diferente da

maioria dos parafusos fabricados pela companhia... quinze, dezesseis de

polegada e com muito mais roscas do que a maioria dos outros parafusos. A

fabricante é a Michigan Tool and Die, de Detroit. Os parafusos são usados em

velhos canos e apenas em Nova York. Canos fabricados há sessenta, setenta

anos. Pela maneira como as partes dos canos se engatam, eles têm que ter uma

vedação muito boa. Se encaixam mais fundo do que o noivo e a noiva na

noite do casamento, foi isso o que me disse o homem da companhia. Estava

querendo me deixar encabulada.

- Emma, eu amo você. Fique de sobreaviso, sim?

- Pode apostar que fico.

- Thom! – berrou Rhyme. – Este telefone não vai funcionar. Eu

mesmo preciso fazer as ligações. Use aquela coisa de ativação de voz no

computador. Posso usá-la?

- Você nunca mandou instalar isso.

- Não mandei?

- Não.

- Estou precisando disso.

- Nós não a temos.

- Faça alguma coisa. Eu quero poder dar os telefonemas.

- Acho que há um ECU manual em algum lugar por aqui.

Thom deu uma busca em uma caixa encostada na parede. Descobriu um pequeno painel eletrônico e ligou uma de suas extremidades ao telefone e

a outra a um controle próximo do pescoço de Rhyme.

- Isso é desajeitado demais!

- Mas é tudo que temos. Se tivéssemos ligado o infravermelho acima de sua sobrancelha, como sugeri, você poderia ter feito ligações de sacanagem

nos dois últimos anos.

- Fios demais – disse Rhyme, enojado.

O pescoço entrou em espasmo súbito e jogou o controle fora de seu

alcance.

- Merda!

Subitamente, essa tarefa insignificante – quanto mais a missão – pareceram-lhe impossíveis. Estava exausto, o pescoço doía, a cabeça doía. E

doíam principalmente os olhos. Ardiam – o que para ele era mais doloroso – e

sentiu uma grande necessidade de passar as costas dos dedos sobre as

pálpebras fechadas. Um minúsculo gesto de alívio, uma coisa que o resto do

mundo fazia todos os dias.

Thom recolocou o joystick no encaixe. Rhyme extraiu confiança sabe-

se lá de onde e perguntou ao empregado:

- Como é que isso funciona?

- Aí está a tela. Está vendo no controlador? Simplesmente mova o stick até ficar sobre o número, espere um segundo e o número é programado.

Para ligar para o número seguinte, faça a mesma coisa. Quando tiver digitado

todos os sete números, empurre o stick até aqui para disar.

- Não está funcionando - disse secamente Rhyme.

- É só praticar.

- Não temos tempo para isso!

- Venho atendendo ao telefone para você por um tempo longo demais

- rosnou Thom.

- Tudo bem – disse Rhyme, baixando a voz, o que era sua maneira de

pedir desculpas. – Eu pratico depois. Poderia, por favor, me ligar com a Con

Ed? E vou precisar falar com um supervisor.

A corda doía, as algemas doíam, porém o que mais a assustava era o

barulho.

Tammie Jean Colfax sentiu todo o suor que havia em seu corpo

descer pelo rosto, peito e braços, enquanto lutava para serrar os elos das

algemas, de um lado para o outro, no parafuso enferrujado. Embora os

punhos estivessem dormentes, achou que estava conseguindo gastar um

pouco a corrente.

Parou, exausta, e movimentou os braços de um lado para o outro a

fim de evitar uma câibra. Voltou à escuta. Aquilo era, pensou, o som de

operários apertando parafusos e encaixando peças a golpes de martelo.

Batidas finais dos martelos. Pensou que eles estavam justamente acabando o

trabalho nos canos e pensando em ir para casa.

Não se vão, gritou para si mesma. Não me deixem. Enquanto

houvesse operários trabalhando ali, ela estaria segura.

Uma batida final e, em seguida, silêncio tonitruante.

Acabe com isso, menina. Vamos.

Mamãe...

T.J. chorou durante vários minutos, pensando na família lá no

Tennessee. As narinas entupiram, mas, quando começou a sufocar, assoou-se

violentamente e sentiu uma explosão de lágrimas e muco. Mas voltou a

respirar. Ficou mais confiante. Resistir. Recomeçou a serrar.

- Compreendo a urgência, detetive, mas não sei como posso ajudá-lo.

Nós usamos parafusos em toda a cidade. Canalizações de petróleo, condutos

de gás...

- Tudo bem – disse Rhyme secamente, falando com a supervisora da Con Ed na sede da companhia, na rua 14. – Vocês isolam fios com asbesto?

Hesitação.

- Nós removemos noventa por cento desse material – respondeu a mulher em tom defensivo. – Noventa e cinco por cento.

As pessoas podiam ser tão irritantes!

- Compreendo. Preciso simplesmente saber se algum asbesto ainda é

usado para isolamento.

- Não – respondeu ela, inflexível. – Bem, nunca no caso de eletricidade. Usamos asbesto apenas no caso de vapor, e isso representa a

menor porcentagem de nossos serviços.

Vapor!

Era o menos conhecido e o mais perigoso serviço de utilidade pública

da cidade. A Con Ed aquecia água a mil graus e em seguida enviava-a através

de uma rede de 160km de canos que passavam por baixo de Manhattan. O

próprio vapor causticante era superaquecido - a cerca de 380 graus - e

disparado como um foguete pela cidade a 120 quilômetros por hora.

Rhyme lembrou-se nesse momento de um artigo de jornal.

- Vocês tiveram algum rompimento na linha recentemente?

- Tivemos, sim, senhor. Mas não houve vazamento de asbesto. Esse local foi submetido à limpeza há anos.

- Mas há asbesto em volta de alguns dos canos no sistema do centro da cidade ?

A mulher hesitou.

- Bem...

- Onde foi o rompimento? - perguntou Rhyme depressa.

- Na Broadway. Em um quarteirão ao norte da Chambers.

- A Times não publicou um artigo sobre esse assunto?

- Não sei. Talvez. Sim.

- O artigo mencionava asbesto?

- Mencionava - reconheceu ela -, mas dizia simplesmente que, no passado, a contaminação por asbesto havia sido um problema.

- O cano que se rompeu... por acaso cruza a Pearl Street, mais ao sul?

- Um momento, deixe-me ver. Sim, cruza. Na Hanover Street. No lado norte.

Ele viu a imagem de T.J. Colfax, a mulher de dedos finos e unhas longas que estava prestes a morrer.

- E o vapor será religado às três da tarde?

- Isso mesmo. A qualquer minuto, agora.

- Vocês não podem fazer isso! - berrou Rhyme. - Alguém mexeu na linha. Vocês não podem religar agora o vapor!

Cooper levantou a vista do microscópio constrangido. A supervisora voltou a falar:

- Bem, não sei...

Rhyme gritou para Thom.

- Ligue para Lon. Diga a ele que a moça está em um porão na esquina

da Hanover e Pearl. No lado norte. – Falou-lhe sobre o vapor. – Mande para

lá também o corpo de bombeiros. Com equipamento de proteção contra

calor.

E voltou a gritar no microfone-telefone:

- Chame as equipes de manutenção! Agora! Elas não podem religar aquele vapor. Não podem!

Repetiu distraído as palavras, detestando sua imaginação estranha,
a

mostrar em um loop interminável as carnes da mulher tornando-se
rosadas,

em seguida vermelhas e finalmente se rompendo sob as nuvens
abrasadoras

do vapor branco que escapava em golfadas.

Na caminhonete, o rádio estalou. Faltavam três minutos para as três,
pelo relógio de Sachs. Respondeu à chamada:

- Radiopatrulha 5885. Câmbio...

- Esqueça o linguajar oficial, Amélia - disse Rhyme. – Não temos
tempo para isso.

- Eu...

- Nós achamos que sabemos onde ela está. No cruzamento da
Hanover e Pearl.

Amélia olhou por cima dos ombros e viu dezenas de policiais da UOE
correndo a toda velocidade para um velho prédio.

- Você quer que eu...

- Eles vão procurá-la. Você tem que se preparar para trabalhar na
cena

do crime.

- Mas eu poderia ajudar...

- Não. Quero que volte à caminhonete. Há nela uma valise com a etiqueta zero dois. Leve-a com você. E em uma pequena caixa preta há uma

PoliLight. Você viu uma delas em minha sala. Mel estava usando-a. Leve-a,

também. Na valise marcada zero três você vai encontrar fones de ouvido e um

microfone de lapela. Ligue-o ao seu celular Motorola e siga para o prédio para

onde foram os policiais. Canal trinta e sete. Estarei em uma linha convencional, mas você será transferida para mim.

Canal trinta e sete. A frequência especial de operação que cobria toda

a cidade. A frequência da prioridade.

- O quê? - perguntou, mas o rádio silenciou.

No cinto, ela levava uma comprida lanterna de halógeno. Deixou por isso o volumoso equipamento de doze volts nos fundos da caminhonete e

pegou a PoliLight e a valise. Ela devia pesar uns 25 quilos. Exatamente o que

as drogas de minhas juntas precisam.

Ajustou a empunhadura, rilhou os dentes para combater a dor e

correu para o cruzamento.

Sellitto, arquejante, corria também para o prédio. Banks juntou-se a ele.

- Você ouviu? – perguntou o detetive mais idoso.

Sachs inclinou a cabeça.

- É esse lugar aí? – indagou.

Sellitto indicou o beco com um movimento da cabeça.

- Ele teve que trazê-la por aqui. A portaria do prédio tem uma estação

de vigilância.

Nesse momento, os dois caminharam rapidamente pelo canyon escuro

de lajes, horrivelmente quente, de onde saía um cheiro forte de urina e lixo.

Por perto, caixas de lixo amassadas.

- Ali - gritou Sellitto. – Aquelas portas.

Os policiais se separaram em leque, correndo. Três das quatro portas

estavam fechadas por dentro.

A quarta havia sido forçada e agora estava fechada por uma corrente.

A corrente e o cadeado eram novos.

- É essa aí!

Sellitto estendeu a mão para a porta, mas hesitou. Pensando provavelmente em impressões digitais. Mas em seguida pegou a maçaneta e

deu um puxão. A porta abriu-se por alguns centímetros, mas a corrente

aguentou. Deu ordem a três guardas uniformizados para irem para a frente do

prédio e tentarem chegar ao porão pelo lado de dentro. Um dos guardas

soltou uma pedra do chão do beco e começou a bater na maçaneta da porta.

Meia dúzia de golpes, uma dúzia. Contorceu-se quando a mão bateu na porta,

sangue escorrendo de um dedo ferido. Um bombeiro chegou correndo com

uma Halligan - uma combinação de picareta e pé-de-cabra. Enfiou a ponta da

peça na corrente e quebrou o cadeado. Sellitto olhou para Sachs, esperando

orientação. Ela retribuiu o olhar.

- Ora, entre! – berrou ele.

- O quê?

- Ele não lhe disse?

- Quem?

- Rhyme.

Droga, ela se esquecera de ligar o fone de ouvido ao celular. Mexeu nos dois e finalmente conseguiu fazer a ligação. Ouviu logo:

- Amélia, onde...

- Estou aqui.

- Está no prédio?

- Estou.

- Entre. A companhia desligou o vapor, mas não sei se a tempo. Leve um paramédico e um patrulheiro da UOE. Vá até a sala das caldeiras. Você

provavelmente vai vê-la logo, a moça, a Colfax. Dirija-se para ela, mas não

diretamente, não em uma linha reta da porta até ela. Não quero que você

estrague quaisquer pegadas que ele possa ter deixado. Entendeu?

- Entendi.

Amélia inclinou enfaticamente a cabeça, sem pensar que ele não podia

vê-la. Chamando com um gesto um paramédico e um policial da Unidade de

Operações Especiais e dizendo que a seguissem, entrou no corredor escuro,

sombras por toda parte, gemido de máquinas, som de água gotejando.

- Amélia - disse Rhyme.

- Sim?

- Nós conversamos antes sobre a possibilidade de uma emboscada.

Pelo que sei a respeito dele agora, não creio que esse seja o caso. Ele não está

aí, Amélia. Seria ilógico. Mas mantenha livre a mão com que atira.

Ilógico.

- Tudo bem.

- Agora, vá! Depressa!

CAPÍTULO VIII

Uma caverna escura. Quente, preta, úmida.

Os três desceram rapidamente o imundo corredor na direção da única

porta visível. Uma tabuleta advertia: Sala de Caldeiras. Ela se encontrava atrás

de um policial da UOE, equipado com colete à prova de bala completo e

capacete. O paramédico fechava a retaguarda.

As articulações da mão direita e o ombro lhe doíam com o peso da valise. Passou-a para a mão esquerda, quase a deixou cair e reajustou a

empunhadura. Continuaram a avançar para a porta.

Ao chegar à porta, o policial da SWAT empurrou-a para dentro e girou a submetralhadora em volta da sala fracamente iluminada. A lanterna

presa ao cano da arma lançou um feixe de luz fraca sobre tiras de vapor que

flutuavam por ali. Sachs sentiu cheiro de umidade, de mofo. E outro cheiro,

repugnante.

Click.

- Amélia? – A explosão de estática na voz de Rhyme pegou-a de surpresa e a deixou apavorada. - Onde está você, Amélia?

Com mão trêmula, ela baixou o volume.

- Dentro – arquejou.

- Ela está viva?

Sachs vacilou sobre os pés, olhando para aquilo. Apertou os olhos, insegura sobre o que estava realmente vendo. Em seguida, compreendeu.

- Oh, não.

Falou em um murmúrio, sentindo vontade de vomitar.

O cheiro enjoativo de carne cozida a envolveu. Mas isso não era o pior. Nem a visão da pele da mulher, vermelha brilhante, quase alaranjada,

despelando em enormes escamas, o rosto inteiramente descascado da pele.

Não, o que lhe causou o maior pavor foi ver o ângulo em se encontrava o

corpo de T.J. Colfax, a torção impossível dos membros e do torso, quando ela

tentara fugir do borrifo do calor abrasador.

Ele tinha esperança de que a vítima estivesse morta. No seu interesse...

- Ela está viva? - repetiu Rhyme.

- Não – sussurrou Sachs. – Não vejo como... Não.

- A sala está segura?

Sachs lançou um olhar para o policial, que também ouvira a transmissão e inclinou a cabeça.

- Cena do crime segura.

- Quero que o policial da UOE saia daí e que, em seguida, você e o paramédico examinem a mulher.

Sachs engasgou-se mais uma vez com o cheiro e se obrigou a

controlar esse reflexo. Ela e o paramédico tomaram um caminho oblíquo até

o cano. Ele se inclinou para a frente, sem demonstrar emoção, e apalpou o

pescoço da mulher. Sacudiu a cabeça.

- Amélia? - perguntou Rhyme.

Seu segundo cadáver no cumprimento do dever. Ambos no mesmo dia.

- MCCC - disse o paramédico.

Sachs inclinou a cabeça e, formalmente, disse ao microfone:

- Temos uma pessoa morta: morte confirmada na cena do crime.

- Morta por queimadura de vapor? – perguntou Rhyme.

- É o que parece.

- Amarrada à parede?

- A um cano. Algemada, mãos nas costas. Pés amarrados com corda de varal de roupa. Mordaça. Ele abriu o cano de vapor. Ela estava a apenas

uns 60cm do cano. Deus!

- Acompanhe o paramédico até a saída, pelo mesmo caminho por onde vieram. Até a porta. Cuidado com o lugar onde pisam.

Ela obedeceu às instruções, olhando para o cadáver. Como pele podia

ficar tão vermelha? Como a casca de um caranguejo cozido.

- Muito bem, Amélia. Você vai processar a cena do crime. Abra a valise.

Sachs nada respondeu. Continuou a olhar para o corpo.

- Amélia, você está à porta?... Amélia?

- O quê? – gritou ela.

- Você está à porta?

A voz dele estava tão horrivelmente calma! Tão diferente da voz escarninha, exigente, do homem de que se lembrava naquela sala. Calma... e

alguma coisa mais. Ela não sabia o quê.

- Estou, estou à porta. Sabe, isto é loucura.

- Inteiramente insano – concordou Rhyme, quase alegre. – A valise está aberta?

Sachs levantou a tampa da valise e olhou para dentro. Alicates e fórceps, um espelho com cabo, bolas de algodão, colírio, pinças, pipetas,

espátulas, bisturis...

O que significa tudo isso?

...um espanador, um pedaço de tecido grosseiro de algodão, envelopes, peneiras, pincéis, tesouras, sacos de papel e de plástico, latas de metal, garrafas... ácido nítrico a cinco por cento, ninhidrina, silicone, iodo, suprimentos para levantamento de impressões digitais.

Impossível. Falando ao microfone, disse:

- Acho que o senhor não acreditou em mim, detetive. Não sei realmente coisa alguma sobre trabalho em cena de crime.

Os olhos continuavam presos ao corpo destruído da mulher, água gotejando do nariz despelado. Um pedaço branco de osso aparecia no rosto.

E o rosto estava contraído em uma espécie de sorriso angustioso. Tal como a

vítima daquela manhã.

- Eu acreditei em você, Amélia - disse ele, encerrando o assunto. -

Agora, a valise está aberta? - Ele estava calmo e parecia... o quê? Sim, era esse

o tom. Sedutor. Ele parece um amante falando.

Eu o odeio, pensou Amélia. E errado odiar um parálítico. Mas, com todos os diabos, eu o odeio.

- Você está no porão, certo?

- Sim, senhor.

Rhyme, porém, ao contrário de Peretti naquela manhã, não deu atenção a isso. E continuou:

- Então é isso. Ele varreu o local depois.

Amélia ficou surpresa.

- Sim, é isso! Marcas de vassoura. Como foi que soube?

Rhyme soltou uma risada - um som irritante para Sachs, ali naquela tumba malcheirosa. Rhyme continuou:

- Ele foi sabido o bastante para cobrir suas pegadas esta manhã. Não

há razão para ficar parada agora. Oh, esse rapaz é competente, lá isso é. Mas

você também é competente. Continue.

Sachs inclinou-se à frente, as articulações em fogo, e iniciou a busca.

Cobriu cada centímetro quadrado do chão.

- Nada aqui. Nada, absolutamente.

Ele notou o tom definitivo na voz de Amélia.

- Você apenas começou, Amélia. Cenas de crime são tridimensionais.

Lembre-se disso. O que você está dizendo é que nada há no chão. Agora, dê

uma busca nas paredes. Comece com o local mais longe do vapor e cubra

cada centímetro.

Lentamente, ela descreveu um círculo em volta da boneca horripilante

que estava no centro da sala. Lembrou-se de uma brincadeira de Mastro de

Maio, de que participara ao tempo de criança, quando tinha uns cinco ou seis

anos de idade, em alguma festa de rua no Brooklyn, enquanto o pai a filmava

orgulhosamente. Fazendo círculos lentos. Aquilo ali era uma sala vazia, mas,

ainda assim, havia milhares de lugares diferentes para examinar.

Não tinha como... Impossível.

Mas não era. Em uma beirada, a cerca de 1,80m do chão, descobriu o

conjunto seguinte de pistas. Solto uma risada alta.

- Descobri alguma coisa aqui.

- Muitas?

- Isso mesmo. Uma lasca grande de madeira preta.

- Pauzinhos para comer.

- O quê? – perguntou ela.

- Os lápis. Use-os para apanhar a prova. Está molhada?

- Tudo por aqui está molhado.

- Certo, tinha que estar. O vapor. Coloque-a em um saco de papel para guardar provas. O plástico conserva a umidade e, nesse calor, bactérias

destruirão as provas vestigiais. O que é que há mais aí? - perguntou ele

ansiosamente.

- Hã, não sei bem, cabelos, acho. Curtos, aparados. Uma pequena pilha deles.

- Soltos ou presos à pele?

- Soltos.

- Há um rolo de fita gomada de duas polegadas na valise. 3M. Pegue-

os com a fita.

Sachs apanhou a maior parte dos cabelos e enfiou-os em um envelope

de papel. Estudou a beirada em volta dos cabelos.

- Estou vendo algumas manchas. Parecem ser de ferrugem ou sangue.

- Iluminou o local com a PoliLight. – Elas estão ficando fluorescentes.

- Você sabe fazer um teste de presunção de sangue?
- Não.
- Então vamos supor que seja sangue. Poderia ser sangue da vítima?
- Não parece. Está longe demais e não há nenhuma trilha até o corpo dela.
- A beirada vai até algum lugar?
- Parece que sim. Até um tijolo no muro. O tijolo está solto. Não há impressões digitais nele. Vou movê-lo para um lado. Eu... oh, Jesus Amélia arquejou, recuou tropeçando uns trinta ou sessenta centímetros, e quase caiu.
- O que foi? - perguntou Rhyme.
Ela deu um passo para a frente e ficou olhando, incrédula.
- Amélia. Fale comigo.
- É um osso. Um osso ensanguentado.
- Humano?
- Não sei - respondeu ela. - Como é que eu poderia...? Não sei.
- Morte recente?
- Parece que sim. De mais ou menos cinco centímetros de comprimento por cinco de diâmetro. Nele há sangue e carne. Foi serrado,

meu Deus. Quem faria uma porra dessas...

- Não perca a calma.
- E se ele o arrancou de outra vítima?
- Nesse caso, vamos ter que encontrá-lo o mais rápido possível, Amélia. Guarde-o. Saco plástico para o osso.

Enquanto ela o fazia, Rhyme perguntou:

- Qualquer outra prova plantada aí? - Ele parecia preocupado.
- Não.
- Isso é tudo? Cabelos, um osso, e uma lasca de madeira. Ele não está

facilitando as coisas para nós, está?

- Devo levar as provas a seu... escritório?

Rhyme ria nesse momento.

- Ele gostaria que a gente se satisfizesse com isso. Mas não. Não acabamos ainda. Vamos descobrir mais alguma coisa sobre o Elemento

Desconhecido 238.

Embora furiosa com o tom professoral usado por ele, Amélia ficou calada.

- Você tem uma lanterna elétrica?
- Tenho minha lanterna regulamentar de halógeno...

- Não - resmungou ele. - O feixe é estreito demais. Você vai precisar de um feixe largo de doze volts.

- Eu não o trouxe - retrucou ela secamente. - Devo voltar lá e pegá-lo?

- Não há tempo para isso. Examine os canos.

Amélia examinou-os durante dez minutos, subindo até o teto e com a

luz forte, examinou locais que talvez não tivessem sido iluminados nos

últimos cinquenta anos.

- Não, não encontrei nada.

- Volte para a porta. Rápido.

Amélia hesitou e avisou quando chegou ao local.

- OK, estou aqui.

- Agora, feche os olhos. Que cheiro está sentindo?

- Que cheiro estou sentindo? Você disse cheiro? – Será que ele está louco, pensou.

- Sempre cheire o ar numa cena de crime. Isso pode lhe dizer uma centena de coisas.

Ela manteve os olhos abertos, inspirou, e disse:

- Bem, eu não sei o que estou cheirando.

- Essa resposta não é aceitável.

Amélia exalou em desespero e teve esperança de que o silvo estivesse

chegando alto e claro ao telefone de Rhyme. Apertou os lábios, inalou, lutou

novamente contra a vontade de vomitar.

- Mofo, bolor. O cheiro da água quente do vapor.

- Você não sabe de onde vem o perfume. Simplesmente descreva-o.

- Água quente. O perfume da mulher.

- Tem certeza de que é o perfume dela?

- Bem, não.

- Você está usando algum perfume?

- Não.

- Que tal loção após barba? Do paramédico? Do policial da UOE?

- Acho que não. Não.

- Descreva-o.

- Seco. Como gim.

- Dê um palpite, loção após barba de homem ou perfume de mulher?

O que Nick tinha usado? Arrid Extra Dry.

- Não sei – confessou ela. — Perfume de homem.

- Vá até o corpo.

Ela olhou uma vez para o cano e, em seguida, para o chão.

- Eu...

- Faça isso – ordenou Lincoln Rhyme.

Ela fez. A pele que se soltava parecia casca de bétula preta e vermelha.

- Cheire o pescoço dela.

- O pescoço todo está... Quero dizer, não sobrou muita pele.

- Sinto muito, Amélia, mas você vai ter que fazer isso. Temos que saber se é o perfume dela.

Vou vomitar, pensou Amélia. Exatamente como Nick e eu naquela noite no Pancho's, derrubados por aquelas drogas de frozen daiquiris. Dois

policiais traquejados, emborcando bebidas malucas, nas quais nadavam peixes-

espada azuis de plástico.

- Está sentindo o cheiro do perfume?

Lá vem de novo... Engasgando-se novamente.

Não. Não! Fechou os olhos, concentrando-se nas juntas doloridas. Na

mais dolorosa - a do joelho. E, milagrosamente, a onda de náusea passou.

- Não é o perfume dela.

- Ótimo. De modo que nosso rapaz é vaidoso o suficiente para usar um bocado de loção após barba. Isso poderia ser um indicador de classe

social. Ou, quem sabe, ele quer disfarçar algum outro cheiro que poderia

deixar. Alho, charuto, peixe, uísque. Vamos ter que descobrir isso. Agora,

Amélia, ouça com toda atenção.

- O quê?

- Eu quero que você seja ele.

Oh, psicomerda. Exatamente o que eu precisava.

- Acho que realmente não temos tempo para isso.

- Nunca há tempo suficiente em uma cena de crime – disse Rhyme em

tom apaziguador. - Mas isso não vai nos deter. Simplesmente ponha isso na

cabeça. Você esteve pensando da maneira como nós pensamos. Quero que

pense da maneira como ele pensa.

- Tudo bem, mas como é que faço isso?

- Use a imaginação. Foi por isso que Deus nos deu imaginação. Agora,

ocê é ele. Você a algemou e amordaçou. Trouxe-a para essa sala.
Algemou-a

ao cano. Apavorou-a. E está gostando disso.

- Como é que você sabe que ele estava gostando?

- Você está gostando. Não ele. Como é que eu sei? Porque ninguém se

dá a esse trabalho todo para fazer alguma coisa de que não gosta.
Agora, você

sabe se mexer por aí. Esteve aí antes.

- Por que é que pensa assim?

- Você precisava examinar o local antes... descobrir um lugar

abandonado, com um cano alimentador ligado ao sistema de vapor.
E para

reunir as pistas que ele deixou no leito da estrada.

Sachs ficou hipnotizada pela voz fluida, baixa, que ele usava.

Esqueceu-se inteiramente de que o corpo dele era uma ruína.

- Oh. Certo.

- Você retira a tampa do cano de vapor. No que é que você está pensando?

- Não sei. Que quero acabar logo com isso. Quero ir embora daqui.

Mal dissera essas palavras, porém, pensou: errado. E não ficou

surpresa quando ouviu a língua de Rhyme clicar nos fones de ouvido:

- Você quer, realmente?

- Não. Quero que isso dure.

- Isso mesmo! Acho que é exatamente isso o que você quer. Você está pensando no que é que o vapor vai fazer com ela. O que mais você sente?

- Eu...

Um pensamento vago formou-se em sua mente. Viu a mulher lutando

para se soltar. Viu outra coisa... viu alguém. Ele, pensou. O Elemento Desconhecido 238. Mas o que era que havia com ele? Estava perto de

compreender. O que... o quê? Subitamente, porém, o pensamento desapareceu. Sumiu.

- Não sei - murmurou.

- Você sente qualquer sensação de urgência? Ou está muito fria sobre

o que está fazendo?

- Estou com pressa. Tenho que ir embora. A polícia pode chegar a qualquer minuto. Mas eu ainda...

-O quê?

- Psiu... - ordenou ela e escaneou novamente a sala, à procura do que

quer que fosse que havia plantado em sua mente a semente do pensamento

desaparecido.

A sala estava rodando, uma noite escura, estrelada. Redemoinhos de escuridão e luzes distantes, ictéricas. Senhor, por favor, não deixe que eu

desmaie!

Talvez ele...

Ali! É isso. Os olhos de Amélia seguiam o cano de vapor. Estava olhando para outra placa de visita na alcova escura da sala. Aquilo teria sido

um local melhor para esconder a moça – não se podia vê-la da porta, se

alguém passasse por ali – e a segunda placa só tinha quatro parafusos, e não

oito, como o que ele havia escolhido.

Por que não aquele cano?

Nesse momento, compreendeu.

- Ele não quer... Eu não quero ir embora exatamente agora, porque quero manter um olho nela.

- Por que você pensa isso? - perguntou Rhyme, repetindo-lhe as palavras, como momentos antes.
- Há outro cano ao qual eu podia tê-la acorrentado, mas escolhi este que está à vista de todos.
- De modo a poder vê-la?
- Acho que sim.
- Por quê?
- Talvez para ter certeza de que ela não vai fugir. Talvez para ter certeza de que a mordaca está segura... Não sei...
- Ótimo, Amélia. Mas o que é que isso significa! De que maneira podemos usar esse fato?

Sachs olhou em volta da sala à procura do lugar onde ele teria a melhor visão da moça, sem ser visto. Achou que seria um lugar escuro entre

dois grandes tanques de óleo de aquecimento.

- Isso mesmo! – exclamou, excitada, olhando para o chão. – Ele estava

aqui! – disse, esquecendo que estava representando um papel. - Ele varreu o

lugar.

Vasculhou a área com a luz cor de bile da PoliLight.

- Nenhuma pegada - continuou, desapontada.

Mas, quando ergueu a lanterna para apagá-la, uma mancha brilhou em

um dos tanques.

- Consegui uma impressão digital! - anunciou.

- Uma impressão?

- Conseguimos uma vista melhor da moça se nos inclinamos para a frente e nos apoiamos no tanque. Foi isso o que ele fez, tenho certeza.

Apenas, é sobrenatural isso, Lincoln. Ela... é deformada. A mão dele.
-

Arrepiou-se toda olhando para a palma de mão monstruosa.

- Na valise, há uma garrafa de aerossol rotulada DFO. Torna uma mancha fluorescente. Borrife a impressão digital, acenda a PoliLight e

fotografe a imagem com uma polaróide 1:1.

Amélia avisou-o quando concluiu a operação e ele disse:

- Agora, limpe o chão entre os tanques com o aspirador de pó. Se tivermos sorte, ele coçou a cabeça e perdeu um fio de cabelo ou roeu unha.

Meus hábitos, pensou Sachs. Essa era uma das coisas que acabou

arruinando sua carreira de modelo – as unhas manchadas de sangue, as

sobrancelhas em um ângulo de preocupação. Tentou, vezes sem conta, acabar

com isso. Finalmente, desanimada, desistiu, sem entender bem como um

pequeno hábito podia mudar de forma tão dramática a vida de uma pessoa.

- Ponha num saco a poeira recolhida.

- Saco de papel?

- Sim, de papel. Agora, o corpo, Amélia.

- O quê?

- Ora, você vai ter que processar o corpo.

O coração de Amélia caiu para o estômago. Outra pessoa, por favor.

Mande alguém fazer isso. Respondeu:

- Não, só depois que o legista terminar. A regra é essa.

- Hoje as regras não estão valendo, Amélia. Estamos fazendo as nossas. O legista receberá o corpo, mas depois de nós.

Sachs aproximou-se da mulher.

- Você conhece a rotina? – disse Rhyme.

- Conheço.

Aproximou-se mais do corpo mutilado.

Não posso fazer isso. Estremeceu. Disse a si mesma para continuar.

Mas não conseguiu: os músculos não respondiam ao comando.

- Sachs? Você ainda está aí?

Ela não conseguiu responder.

Eu não posso fazer isso... A questão é tão simples assim. Impossível.

Não posso.

- Sachs?

Mas, nessa ocasião, olhou dentro de si mesma e, sem saber por que,

viu o pai, uniformizado, abaixando-se sobre a calçada quente e esburacada da

rua 42 oeste, passando o braço por baixo de um bêbado imundo a fim de

ajudá-lo a voltar para casa. Em seguida, viu-se em companhia de Nick,

bebendo cerveja em um bar do Brooklyn, em companhia de um seqüestrador,

que o mataria instantaneamente se soubesse que um jovem policial estava ali

trabalhando à paisana. Os dois homens em sua vida, fazendo o que tinham

que fazer.

- Amélia?

As duas imagens apareceram repentinamente em seus pensamentos.

Não soube por que a acalmaram. E sequer podia começar a desconfiar de

onde veio a calma.

- Estou aqui - respondeu a Lincoln Rhyme e iniciou o trabalho, da maneira como tinha sido ensinada, verificando se havia alguma coisa sob as

unhas ou entre os cabelos, passando um pente através de pêlos - incluindo os

pubianos. E dizendo a Rhyme o que estava fazendo, enquanto fazia.

Ignorando as órbitas cegas dos olhos.

Ignorando a carne escarlate. Fazendo força para ignorar o cheiro.

- Pegue as roupas dela – ordenou Rhyme. – Corte tudo. Ponha uma folha de jornal embaixo delas para recolher qualquer vestígio que cair.

- Devo examinar os bolsos?

- Não, faremos isso aqui. Embrulhe as roupas no jornal.

Sachs cortou e tirou a blusa e a saia, a calcinha. Estendeu a mão para o

que pensou que fosse o sutiã, pendurado no peito. A sensação foi curiosa, e a

peça desintegrou-se em seus dedos. Em seguida, como se tivesse levado uma

bofetada, compreendeu o que era que estava segurando e soltou um pequeno

grito. Não era pano, era pele.

- Amélia? Você está bem?

- Estou – respondeu ela, ofegante. – Estou bem.

- Descreva as peças que foram usadas para imobilizá-la.

- Veda-juntas para a mordaca, de duas polegadas de largura.

Algemas

tipo padrão para as mãos, corda de varal de roupa para os pés.

- Passe a PoliLight pelo corpo dela. Ele pode tê-la tocado com mãos

limpas. Procure impressões digitais.

Amélia fez o que ele ordenou.

- Nada.

- Nós vamos precisar das algemas - disse Rhyme.

- Certo. Eu tenho uma chave de algemas.

- Não, Amélia. Não as abra.

- O quê?

- O mecanismo de fechamento da algema é uma das melhores

maneiras de descobrir alguma coisa sobre o perpetrador.

- Bem, como é que vou tirar as algemas sem a chave? - perguntou e soltou uma risada.

- Há uma serra na valise.

- Você quer que eu serre a algema?

Houve uma pausa. Rhyme finalmente respondeu:

- Não, não a algema, Amélia.

- Então, o que é que você quer que eu faça... Oh, não, você não pode

estar falando sério. As mãos dela?

- Você vai ter que cortá-las. - Rhyme estava irritado com a relutância.

Tudo bem, é isso. Sellitto e Polling escolheram um doido varrido como parceiro. Talvez a carreira deles esteja afundando, mas não vou afundar com eles.

- Esqueça.

- Amélia, isso é simplesmente outra maneira de reunir prova.

Por que ele parecia tão razoável? Em desespero, ela procurou desculpas.

- Elas vão ficar todas ensanguentadas se eu as cortar...

- O coração dela não bate mais. Além disso - acrescentou ele como se

fosse um cozinheiro dando entrevista na TV -, o sangue foi cozido e se

tornou sólido.

A ânsia de vomitar, novamente.

- Continue, Amélia. Vá até a valise. Pegue a serra. Está na tampa da valise. - E acrescentou, gélido: - Por favor.

- Por que você me mandou raspar embaixo das unhas dela? Eu poderia simplesmente lhe ter levado as mãos!

- Amélia, nós precisamos das algemas. Temos que abri-las aqui e não

podemos esperar pelo legista. Isso é uma coisa que tem de ser feita.

Amélia voltou à porta. Abriu a valise, tirou do estojo a serra de aspecto sinistro. Olhou para a vítima, imóvel em uma pose de pessoa

torturada, no centro daquela sala horripilante.

- Amélia? Amélia?

No lado de fora, as nuvens ainda continuavam paradas, o ar amarelado e os prédios próximos estavam cobertos de fuligem, como se

fossem ossos calcinados. Ela, porém, nunca tinha se sentido tão feliz na vida

em estar na rua, envolvida pelo ar da cidade. Com a valise da Polícia Técnica

em uma das mãos, a serra afiada na outra, os fones em volta do pescoço,

ignorou a grande multidão de policiais e curiosos que a fitavam e dirigiu-se em

linha reta para a caminhonete.

Ao passar por Sellitto, entregou-lhe a serra, sem parar sequer, praticamente jogando-a na direção dele.

- Se ele quer tanto assim que isso seja feito, que venha aqui e o faça

pessoalmente.

Parte 2

O PRINCÍPIO DE LOCARD

Na vida real, você só é baleado

na cena do crime de homicídio.

Vernon J. Geberth

Tenente-Comandante (Apos.)

Departamento de Polícia de Nova York

CAPÍTULO IX

Sábado, das 4:00 da tarde às 10:15 da noite

- Estou numa enrascada, senhor.

O homem do outro lado da escrivaninha parecia a idéia de um programa de TV do que era um vice-comissário de polícia de uma grande

cidade. O que, por acaso, era o cargo dele. Cabelos brancos, uma carranca

aceitável, óculos de aros de ouro, uma postura para defender até a morte.

- Muito bem, qual é o problema?

O vice-comissário Randolph C. Eckert olhou-a, através do nariz

comprido, com um tipo de olhar que Sachs reconheceu imediatamente: seu

aceno para o princípio de igualdade seria tão severo com mulheres policiais

quanto com seus colegas homens.

- Tenho uma queixa, senhor – disse ela formalmente. – O senhor ouviu falar naquele caso do sequestro no táxi?

O VC inclinou a cabeça.

- Ah, aquele caso que causou o maior transtorno na cidade.

Amélia achou que aquilo se parecia com a brincadeira infantil de pular

corda, mas não se arrogou o direito de corrigir o vice-comissário.

- Aquela droga de conferência das Nações Unidas – continuou ele – e

o mundo todo olhando. Isso é injusto. Ninguém fala sobre crimes em

Washington. Ou em Detroit. Bem, em Detroit, falam. Digamos, Chicago.

Nunca. Não, é em Nova York que as pessoas viram presuntos. Richmond,

Virgínia, teve mais assassinatos per capita do que nós no ano passado. Conferi

esse dado. E preferia descer em qualquer dia de pára-quedas, desarmado, em

Central Harlem do que dirigir por South East, Washington, D.C., com os

vidros do carro levantados.

- Sim, senhor.

- Sei que encontraram a moça já morta. Deu em todos os noticiários.

Aqueles repórteres...

- No centro da cidade. Agora mesmo.

- Bem, isso é uma pena.

- Sim, senhor.

- Ela foi simplesmente assassinada? Nenhum pedido de resgate ou

qualquer outra coisa?

- Não ouvi falar em qualquer resgate.

- Qual é a queixa?

- Fui a primeira policial a chegar à cena de um homicídio relacionado com esse.

- Você trabalha na radiopatrulha? - perguntou Eckert.

- Trabalhava. Eu devia estar me transferindo esta manhã para

Assuntos Públicos. Para uma sessão de treinamento. – Ergueu as mãos,

cobertas com Band-Aids cor de carne, e deixou-as cair em seguida no colo. –

Mas eles me sequestraram.

- Quem?

- O detetive Lon Sellitto, senhor. E o capitão Haumann. E Lincoln Rhyme.

- Rhyme?

- Sim, senhor.

- Não é o cara que chefiou a Polícia Técnica há alguns anos?

- Sim, senhor. Ele mesmo.

- Eu pensava que ele havia falecido.

Egos como aquele não morrem nunca.

- Está para lá de vivo, senhor.

O vice-comissário olhou pela janela.

- Ele não pertence mais à Força Policial. O que está fazendo, metido nesse caso?

- Como consultor, acho. O encarregado do caso é Lon Sellitto. O capitão Polling está supervisionando as investigações. Estive esperando por

essa transferência durante dezoito meses. Mas eles me obrigaram a trabalhar

na cena do crime. Eu nunca trabalhei em cenas de crime. Isso não faz nenhum

sentido e, para ser franca, não gostei de ser transferida para um trabalho para

o qual não fiz treinamento.

- Cena de crime?

- Rhyme me deu ordem para me encarregar de tudo na cena do crime.

Sozinha.

Eckert não compreendeu o que ela estava dizendo. As palavras não faziam sentido para ele.

- Por que um paisano está dando ordens a policiais uniformizados para fazer alguma coisa?

- O que quero dizer, senhor - e Amélia preparou a isca -, bem, o que quero dizer é que estou pronta para ajudar, até certo ponto. Mas não estou

preparada para esquartejar vítimas...

- O quê?!

Ela pestanejou, como se espantada por ele não ter ouvido falar nisso.

Contou a história das algemas.

- Deus do céu! Que diabo eles estão pensando? Perdoe meu linguajar.

Será que eles não sabem que o país inteiro está olhando? O assunto esteve na

CNN o dia todo, esse sequestro. Amputar as mãos dela? Ei, você não é a filha

de Hermann Sachs?

- Sou, sim.

- Bom policial. Excelente policial. Concedi a ele uma das condecorações que recebeu. O homem que um policial de ronda deve ser.

Midtown South, certo?

- Hell's Kitchen. Minha ronda.

Minha antiga ronda.

- Herman Sachs provavelmente impediu mais crimes do que toda a divisão de detetives soluciona em um ano. Simplesmente acalmando as

peessoas, você sabe como é.

- Esse era o papai. Com certeza.

- As mãos dela? - rosnou Eckert. - A família da moça vai nos

processar, tão logo descubram isso. Somos processados por tudo. Há um

estuprador agora que está nos processando por ter sido baleado na perna ao

atacar com uma faca o policial. Os advogados dele estão defendendo a teoria

de que o policial deveria ter usado "a alternativa menos mortal". Em vez de

atirar, devemos levar a coisa no bico ou usar um spray imobilizador. Ou falar

delicadamente com eles. Não sei. Talvez eu deva conversar com o chefe e

com o prefeito sobre isso que está me contando. Vou dar uns telefonemas. -

Olhou para um relógio de parede. Passava um pouco das quatro da tarde. -

Encerrou seu turno pelo dia de hoje?

- Tenho que apresentar relatório na casa de Lincoln Rhyme. É de lá

que estamos operando. – Lembrou-se da serra e disse friamente: –
Na

verdade, o quarto dele. Esse é o nosso posto de comando.

- O quarto de dormir de um paisano é o posto de comando de
vocês?

- Eu ficaria muito grata pelo que o senhor pudesse fazer, senhor.

Espero há muito tempo essa transferência.

- Amputar as mãos da moça! Meu bom Deus!

Amélia levantou-se e dirigiu-se à porta, saindo por um dos
corredores

do prédio que, muito em breve, seria seu novo local de trabalho.

A sensação de alívio demorou apenas um pouco mais para chegar
do

que esperava.

Ele estava em pé a uma janela fechada por vidro azulado tipo
garrafa,

observando uma matilha de cães selvagens à caça no terreno do
outro lado da

rua.

Encontrava-se no primeiro andar desse velho prédio, uma estrutura
revestida de mármore, dos idos do século XIX. Cercado por lotes
vazios e

casas de cômodos – algumas desertas, outras ocupadas por inquilinos, embora

a maioria invadida por sem-tetos – a velha mansão ficou vazia durante anos.

O colecionador de ossos pegou mais uma vez um pedaço de lixa e continuou a usá-lo. Olhou para o que estava fazendo. E em seguida novamente pela janela.

As mãos executavam um movimento circular, preciso, o pequeno pedaço de lixa sussurrando shhhh, shhhh... Como uma mãe pedindo ao filho para calar a boca.

Uma década antes, em dias promissores em Nova York, um artista louco qualquer tinha se mudado para ali. Enchera o prédio úmido de dois

andares de antiguidades quebradas e enferrujadas: grades de ferro trabalhado,

pedaços de enfeites de gesso e metros quadrados de vitrais, colunetas

descascadas. Algumas obras do artista continuavam penduradas nas paredes.

Afrescos em reboco velho: murais, jamais completados, mostrando operários,

crianças, amantes consumidos pela angústia. Faces redondas, destituídas de

emoção -os temas usados por aquele homem –, olhavam sem ver para a

frente, como se a alma tivesse sido seccionada dos corpos lisos.

O pintor nunca teve muito sucesso, mesmo depois de pôr em prática sua idéia de marketing mais original - seu próprio suicídio - e o banco

executou a hipoteca do prédio muitos anos antes.

Shhhh...

O colecionador de ossos achou aquele prédio por acaso um ano antes

e imediatamente teve certeza de que aquele era o seu lar. A desolação do

bairro era certamente importante para ele - e obviamente prática. Mas havia

outro motivo de interesse, mais pessoal: o terreno no outro lado da rua.

Durante uma escavação alguns anos atrás, uma enxada havia desenterrado um

bocado de ossos humanos. Descobriu-se que aquele terreno tinha sido um

dos velhos cemitérios da cidade. Artigos de jornal sugeriram que as sepulturas

podiam conter não só os restos de nova-iorquinos do tempo da colônia, mas

também de índios das tribos manate e lenape.

Nesse momento, ele pôs de lado o que estava polindo com a lixa -
um

osso cárpico, delicado, de palma de mão - e pegou o punho, que
havia

soltado cuidadosamente do rádio e do cúbito na noite passada,
pouco antes de

dirigir-se ao Aeroporto Kennedy para pegar as primeiras vítimas. O
osso ficou

secando durante mais de uma semana e a maior parte da carne
tinha

desaparecido, mas ainda precisou fazer um pouco de força para
separar o

complicado conjunto de ossos. Eles se soltaram com pops baixos,
como

peixes rompendo a superfície de um lago.

Oh, os policiais, eles eram muito mais competentes do que
esperava.

Observou-os na busca ao longo da Pearl Street, especulando consigo
mesmo

se eles algum dia descobririam onde tinha deixado a mulher que
pegara no

aeroporto. Ficou atônito quando os viu correr subitamente para o
prédio

certo. Achava que seriam necessárias duas ou três vítimas para que

desenvolvessem sensibilidade para as pistas. Eles não a salvaram, claro. Mas

poderiam ter conseguido isso. Um ou dois minutos mais cedo teriam feito

toda diferença.

Como acontece com tantas outras coisas na vida.

O navicular, o lunato, o hamato, o capitato... os ossos, entrelaçados como um quebra-cabeça grego, separaram-se sob seus dedos fortes. Tirou

deles fragmentos de carne e tendão. Escolheu o maior multangular - na base

onde se encaixava antes o polegar - e voltou a lixar.

Shhhhh, shhhhhh.

O colecionador de ossos apertou os olhos enquanto olhava para fora e

imaginou que via um homem de pé ao lado de uma das velhas sepulturas. Isso

devia ser sua imaginação, porque o homem usava chapéu-coco e estava

vestido com uma capa cor de mostarda. Ele depositou algumas flores escuras

ao lado da lápide e em seguida virou-se, evitando os cavalos e carruagens, a

caminho da ponte que formava um arco elegante sobre o tubo de descarga

Collect Pond, na Canal Street. Quem ele estava visitando? Os pais? Um

irmão? Filhos que haviam falecido de tuberculose ou de uma das terríveis

epidemias de gripe que vinham assolando recentemente a cidade...

Recentemente.

Não, recentemente, não, claro. Há cem anos - era isso o que tinha em

mente.

Apertou os olhos e dirigiu novamente a vista para o local. Nenhum sinal de carruagens ou cavalos. Nem do homem de chapéu-coco. Embora

tivessem parecido tão reais como se tivessem sido de carne e osso.

Como quer que eles fossem reais.

Shhhhh, shhhhh.

O passado, mais uma vez, estava se intrometendo. Estava vendo

coisas que haviam acontecido antes, que haviam acontecido naquelas ocasiões,

como se fossem agora. Poderia controlar isso. Sabia que poderia.

Mas enquanto olhava pela janela, compreendeu que, claro, não havia

nem antes nem depois. Não para ele. Ele ia e voltava no tempo, um dia, cinco

anos, cem ou duzentos anos, tal como uma folha seca em um dia ventoso.

Olhou para o relógio. Hora de sair.

Deixando o osso na cornija da lareira, lavou as mãos com todo

cuidado - como se fosse um cirurgião. Em seguida, durante cinco minutos,

passou uma escova redonda pela roupa, para pegar quaisquer fragmentos de

poeira, sujeira ou cabelos corporais que pudessem trazer os policiais até ele.

Entrou na garagem de carruagens do outro lado de um quadro

semiterminado de um açougueiro, de uma pessoa com cara de lua cheia,

vestida com um avental sanguinolento. O colecionador de ossos pensou em

usar o táxi, mas mudou em seguida de idéia. Imprevisibilidade é a melhor

defesa. Dessa vez, tomaria uma carruagem... a sedã, a Ford. Deu partida no

carro, entrou na rua, fechou e trancou a porta da garagem.

Nem antes nem depois...

Ao passar pelo cemitério, a matilha de cães levantou os focinhos para

o Ford e, em seguida, voltou a fuçar as moitas, procurando ratos e cavando

loucamente em busca de água no calor insuportável.

Nem naquela época nem agora...

Tirou do bolso a máscara de esquiador e as luvas, colocou-as no

assento ao lado e saiu em alta velocidade do velho bairro. O colecionador de

ossos saía novamente à caça.

CAPÍTULO X

Alguma coisa tinha mudado na sala, mas ela não conseguiu descobrir

o quê.

Lincoln Rhyme notou a curiosidade nos seus olhos.

- Sentimos falta de você, Amélia – disse ele, fazendo-se de tímido. –

Outras atividades?

Amélia desviou a vista.

- Parece que ninguém informou a meu novo comandante que eu não ia comparecer ao trabalho hoje. Acho que alguém devia ter feito isso.

- Ah, é.

Amélia olhava para a parede, procurando lentamente descobrir o que

era aquilo. Além dos instrumentos básicos trazidos por Mel Cooper, havia

nesse momento um microscópio de escaneamento de elétrons, equipado com

unidade de raios X, e aparelhos de alta temperatura para testar amostras de

vidro, um microscópio de comparação, um tubo de gradiente de densidade

para examinar amostras de solo e centenas de copos de boca larga, potes e

vidros de produtos químicos.

E, no meio da sala, o orgulho de Cooper - o cromatógrafo

computadorizado de gás e espectômetro de massa. E outro computador,

ligado on-line ao do próprio Cooper na DIRC.

Sachs passou por cima dos grossos cabos que desciam pela escada - a

corrente doméstica funcionava, sim, mas as amperagens exigidas eram demais

para as tomadas do quarto. E, naquele pequeno passo para o lado, uma

manobra elegante e treinada, Rhyme observou como ela era realmente bonita.

Certamente a mulher mais bela que já tinha visto nas fileiras do Departamento

de Polícia.

Durante um momento, julgou-a imensamente atraente. Dizia-se que o

sexo estava todo na cabeça e ele sabia que era verdade. Cortar os cabos não

diminuía a ânsia. Lembrou-se, ainda com uma sensação de horror, de uma

noite, seis meses após o acidente. Ele e Blaine haviam tentado. Apenas para

ver o que acontecia, esforçando-se para serem displicentes a esse respeito.

Nada.

Mas tinha sido um grande nada. Para começar, sexo é um assunto

complicado e quando se acrescentam cateteres e sacos à equação, é preciso

um bocado de resistência e senso de humor, além de uma base mais sólida do

que eles possuíam. Na maior parte, porém, o que liquidou com aquele

momento, e rápido, foi a cara que ela fez. Viu no sorriso duro, proposital, de

Blaine Chapman Rhyme que ela estava fazendo aquilo por piedade e constatar

isso foi para ele uma punhalada no coração. Pediu divórcio duas semanas

depois. Blaine protestou, mas assinou os documentos na primeira entrevista

de conciliação.

Sellitto e Banks, de volta nesse instante, organizavam a prova coletada

por Sachs. Ela observou-os, levemente interessada.

- A Unidade de Provas Latentes encontrou apenas oito outras impressões parciais e elas pertencem aos dois empregados de manutenção do

prédio.

- Oh.

Ele inclinou generosamente a cabeça.

- Só oito?

- Ele está fazendo um elogio a você – explicou Thom. – Aproveite-o.

Isso é o máximo que conseguirá dele.

- Traduções não são necessárias, por favor, e obrigado, Thom.

- Gostei de ter podido ajudar – respondeu ela, na entonação mais agradável que pôde dar à voz.

Bem, o que era isso? Rhyme esperava realmente que ela entrasse na

sala como um furacão e jogasse os sacos de prova em cima de sua cama.

Talvez a própria serra e até mesmo o saco de plástico com as mãos amputadas

da vítima. Estava esperando um arranca-rabo daqueles, demorado. As pessoas

raramente tiram as luvas quando lutam com um paralítico. Estivera pensando

naquela expressão nos olhos dela quando a conhecera, talvez prova de alguma

relação ambígua entre eles.

Mas, não. Nesse momento notou que tinha errado. Amélia Sachs era

igual a todo mundo – dando-lhe uma palmadinha na cabeça e procurando a

saída mais próxima.

Com um estalido, seu coração transformou-se em gelo. Ao falar, foi

como se estivesse se dirigindo a uma teia de aranha no alto na parede mais

distante:

- Estivemos conversando sobre o prazo fatal da próxima vítima.

Aparentemente, não há uma ocasião específica.

- O que achamos – disse Sellitto –, é que o que quer que esse escroto

tenha planejado para a próxima, a coisa está em andamento. Ele não sabe

exatamente quando será o momento da morte. Lincoln pensou que talvez ele

tenha enterrado algum pobre filho da puta em algum lugar onde não haja

muito ar.

Os olhos de Sachs apertaram-se ligeiramente ao ouvir essas palavras.

Rhyme notou o movimento. Enterrar uma pessoa viva. Se você vai ter uma

fobia, essa é tão boa quanto qualquer outra.

Foram interrompidos por dois homens usando ternos cinzentos, que subiram a escada e entraram no quarto como se morassem ali.

- Nós batemos à porta - disse um deles.

- Tocamos a campainha - disse o outro.

- Ninguém respondeu.

Estavam ambos na casa dos quarenta anos, um era mais alto do que o

outro, mas tinham os dois os mesmos cabelos cor de areia. Sorriam da mesma

maneira e, antes que o sotaque do Brooklyn destruísse a imagem, Rhyme

pensou: gente do interior. Um deles tinha uma autêntica coleção de sardas ao

longo do nariz pálido.

- Cavalheiros.

Sellitto apresentou os Irmãos Hardy: detetives Bedding e Saul, a equipe do trabalho pesado. O talento deles era procurar pessoas - conversar

com pessoas que residiam perto de uma cena de crime, à procura de

testemunhas e pistas. Embora esta fosse uma das belas artes, era algo que

Rhyme jamais tinha aprendido, nem sentido desejo de aprender. Sentia-se

contente em desencavar fatos sólidos e passá-los a policiais como esses, que,

armados com os dados, transformavam-se em detectores de mentiras vivos,

que podiam reduzir a migalhas os melhores álibis de suspeitos. Nenhum dos

dois parecia achar que houvesse algo estranho em ter de prestar contas a um

paisano entrevado.

Saul, o mais alto e que não tinha sardas, começou:

- Nós encontramos trinta e seis...

- ...oito, se contarmos uns dois usuários de crack. O que ele não faz, eu

faço.

- ...elementos. Conversamos com todos eles. Não tivemos muita sorte.

- A maioria é de cegos, surdos e sofrendo de amnésia. O senhor sabe,

o habitual.

- Nenhum sinal do táxi. Passamos um pente fino no West Side. Zero.

Fim.

- Mas conte a eles a melhor notícia - disse Bedding.

- Encontramos uma testemunha.

- Uma testemunha? – perguntou Banks, entusiasmado. – Fantástico.

Rhyme, muito menos entusiasmado, disse:

- Continue.

- Na esquina da TOD esta manhã, no leito da estrada de ferro.

- Ele viu um homem descer a Avenida Onze, virar...

- Subitamente – acrescentou Bedding, o sem sardas – e entrar em um

beco que leva a uma passagem subterrânea do trem. Ele simplesmente ficou

ali durante um momento...

- Olhando para baixo.

Rhyme ficou aborrecido com a história.

- Isso não parece coisa de nosso rapaz. Ele é sabido demais para se arriscar a ser visto dessa maneira.

- Mas... - prosseguiu Saul, erguendo um dedo e olhando para o parceiro.

- Só havia uma única janela em toda a vizinhança de onde se podia ver

o local.

- Que era o lugar onde estava nossa testemunha.

- Ele acordou cedo, Deus o abençoe.

Antes de lembrar-se de que estava zangado com ela, Rhyme perguntou:

- Bem, Amélia, o que é que você acha disso?

- Como disse? - Sua atenção desviou-se da janela.

- Que estava certa - disse Rhyme. - Você fechou a Onze. Não a rua

37.

Ela não soube o que responder. Rhyme, porém, voltou-se imediatamente para os gêmeos:

- Descrição.
 - Nossa testemunha não pôde contar muita coisa.
 - Estava bêbado. Já a essa hora.
 - Ele disse que foi um cara baixote. Não deu a cor dos cabelos. Raça...
 - Possivelmente branco.
 - Usando? - perguntou Rhyme.
 - Alguma coisa escura. Foi o melhor que ele conseguiu dizer.
 - E fazendo o quê? - perguntou Sellitto.
 - Vou citar o que ele disse: "Ele simplesmente ficou ali, olhando para baixo. Pensei que ele fosse saltar. Vocês sabem, na frente do trem. Olhou para o relógio umas duas vezes."
 - E depois foi finalmente embora. Disse que continuou a olhar em volta. Como se não quisesse ser visto.
- O que ele estaria fazendo?, perguntou Rhyme a si mesmo.

Observando a vítima morrer? Ou isso teria acontecido antes de colocar o

corpo ali, checando para ver se o leito da estrada estava deserto?

- Ele chegou dirigindo ou andando? – perguntou Sellitto.

- Andando. Demos uma conferida cm todos os pátios de estacionamento...

- E garagens.

- ...do bairro. Mas isso foi perto do centro de convenções, de modo que havia manobreiros que levavam os carros. Havia um bocado de pontos de

manobreiros com bandeiras alaranjadas, chamando os carros.

- E, por causa da exposição, metade dos pátios estavam cheios por volta das sete horas. Pegamos uma lista de uns novecentos tíquetes de

estacionamento.

Sellitto sacudiu a cabeça.

- Trabalhem nessa lista... – disse.

- Já mandamos alguém fazer isso – explicou Bedding.

- ...mas pode apostar que esse elemento desconhecido não ia deixar seu carro em um estacionamento - continuou o outro detetive. – Ou receber

tíquetes de estacionamento.

Rhyme inclinou a cabeça em um gesto de concordância e perguntou:

- Que prédio na Pearl Street?

Um deles – ou ambos os gêmeos – respondeu:

- Esse é o item seguinte em nossa lista. Estamos a caminho.

Rhyme notou que Sachs consultava o relógio, bem junto do punho branco e dos dedos vermelhos. Rhyme deu instruções a Thom para acrescentar as novas características do elemento desconhecido à tabela do perfil.

- Quer conversar com esse cara? - perguntou Banks. - O que estava junto da estrada de ferro?

- Não. Eu não confio em testemunhas - respondeu Rhyme

bombasticamente. – Quero voltar ao trabalho. – Lançou um olhar a Mel

Cooper. - Cabelos, sangue, osso e uma lasca de madeira. O osso, primeiro –

disse.

Morgen...

A jovem Monelle Gerger abriu os olhos e, lentamente, sentou-se na

cama meio arriada. Em seus dois anos no East Greenwich Village, nunca se

acostumou às manhãs.

O corpo roliço, de 21 anos de idade, moveu-se para a frente e ela recebeu nos olhos vermelhos o golpe de um implacável sol de agosto.

- Mein Gott...

Deixara o cabaré às cinco, chegou em casa às seis, fez amor com Brian

até as sete...

Que horas seriam?

O início da manhã, disso tinha certeza.

Apertou os olhos para ver melhor o relógio. Quatro horas e trinta minutos da tarde.

Não tão früh morgens assim, afinal de contas.

Tomar café ou ir lavar a roupa?

Era por volta dessa hora do dia que ela ia vagarosamente até o Dojo's

para um desjejum de hambúrguer e três xícaras do café forte que serviam ali.

Ali encontrou as pessoas que conhecia agora, frequentadores de cabarés como

ela - gente do centro da cidade.

Mas ultimamente havia negligenciado um bocado de coisas, coisas domésticas. Nesse momento, vestiu duas camisetas para esconder o corpo

roliço e o jeans, pendurou cinco ou seis colares no pescoço, pegou a cesta de

roupa suja e jogou dentro uma caixa de sabão.

Soltou as três cavilhas da fechadura da porta. Levantou a cesta de roupa e desceu a escura escada da casa de cômodos. Parou ao chegar ao nível

do porão.

Irgendwas stimmt hier nicht.

Sentindo-se inquieta, Monelle olhou em volta da escada deserta, para

os corredores escuros.

O que há aqui de diferente?

A luz, é isso! As lâmpadas na entrada estão queimadas. Não - olhou com mais atenção -, foram tiradas. Esses garotos escrotos roubam tudo. Tinha

vindo morar aqui, a Deutsche Haus, porque, ao que se dizia, era um oásis para

pintores e músicos alemães. E acabou descobrindo que era simplesmente

outro prédio sem elevador, sujo, de East Village, caro demais, como tantas

outras casas de cômodos por ali. A única diferença é que podia espinafrar o

zelador em sua própria língua.

Atravessou a porta do porão e entrou na sala do incinerador, que estava tão escura que teve de tatear ao longo da parede, para ter certeza de que

não ia tropeçar no lixo espalhado no chão.

Empurrando e abrindo a porta, entrou no corredor que dava para a sala da lavanderia.

Um arrastar de pés. Movimentos leves e rápidos.

Virou-se rápido, mas nada viu, exceto sombras imóveis. Tudo que ouviu foi o som do tráfego e os gemidos de um prédio velho, velhíssimo.

Na escuridão, distinguiu pilhas de caixas e cadeiras abandonadas. Sob

fios com uma capa de sujeira engordurada. Continuou a andar na direção da

lavanderia. Nada de lâmpadas também ali. Sentiu-se nervosa, lembrando-se de

algo que tinha lhe ocorrido durante anos, quando ia em companhia do pai por

um estreito beco que saía da Langer Strasse, perto de Obermain Brücke, a

caminho do zoológico. Nessa época, devia ter uns cinco ou seis anos. O pai a

agarrou subitamente pelo ombro e apontou para a ponte, dizendo-lhe em tom

de voz comum que um ogro esfomeado vivia ali embaixo. Quando a cruzassem de volta para casa, avisou ele, teriam que andar rápido. Nesse

momento, ela sentiu um calafrio de pânico subir pela espinha até os cabelos

louros cortados rentes.

Estúpido. Ogros...

Continuou a descer o corredor úmido, escutando o zumbido de algum

equipamento elétrico. Bem longe, ouviu uma canção dos irmãos inimigos do

Oasis.

A sala da lavanderia estava às escuras.

Bem, se haviam tirado as lâmpadas, tinha que ser assim. Subiria a escada, bateria com força na porta de Herr Neischen, até que ele viesse

correndo. Diria a ele o diabo por causa dos ferrolhos quebrados nas portas da

frente e dos fundos e dos garotos bebedores de cerveja que ele nunca

expulsava a pontapés da escada do prédio. E lhe diria também o diabo por

causa das lâmpadas que haviam desaparecido.

Entrou e apertou o comutador.

Luz branca, brilhante. Três grandes lâmpadas refulgiam como sois, revelando uma sala vazia, mas imunda. Monelle foi até as quatro máquinas de

lavar e jogou as peças brancas na mais próxima. Contou moedas, deixou-as

cair nas fendas e empurrou as alavancas para a frente.

Nada.

Sacudiu a alavanca. Em seguida, bateu na própria máquina. Nenhuma

resposta.

- Merda. Este prédio gottverdammte.

Nesse momento, viu o fio. Algum idiota tinha desligado as máquinas.

Sabia quem. Neischen tinha um filho de doze anos que era responsável pela

maioria das confusões que acontecia no prédio. Quando se queixou de alguma

coisa no ano anterior, o pestinha tentou lhe dar um pontapé.

Pegou o fio e agachou-se, estendendo a mão para trás da máquina, à

procura da tomada. Fez a ligação.

E sentiu a respiração do homem na nuca.

Nein!

Ele estava espremido entre a parede e a parte traseira da lavadora.

Soltando um grito agoniado, ela vislumbrou uma máscara de esquiador e

roupas escuras e, em seguida, a mão dele desceu sobre seu braço como se

fosse a boca de um animal. Ela perdeu o equilíbrio e ele virou-a para a frente

facilmente. Monelle caiu no chão, batendo no concreto áspero com o rosto e

engolindo o grito que lhe subia à garganta.

Ele saltou sobre ela no mesmo momento, prendendo seus braços

contra o concreto e tapando-lhe a boca com um pedaço grossa de fita preta.

Hilfe!

Nein, bitte nicht. Bitte nicht.

Ele não era grandalhão, mas era forte. Rapidamente, virou-a sobre o estômago e ela ouviu o tinido de algemas fechando-se em volta de seus

punhos.

O homem levantou-se. Durante um longo momento, nenhum som, só

o gotejar de água, os arquejos da respiração de Monelle, o clique de algum

pequeno motor em algum lugar do porão.

Ficou à espera de mãos em seu corpo, rasgando-lhe o vestido. Ouviu

quando ele foi até a porta, a fim de certificar-se de que estavam a sós ali.

Oh, ele tinha privacidade completa, disse ela sabia, furiosa consigo

mesma: ela era uma das poucas moradoras que usavam a lavanderia. A maioria

a evitava porque o local era deserto demais, perto demais das portas e janelas

dos fundos, longe demais de qualquer ajuda.

Ele voltou e rolou-a outra vez, colocando-a de costas. Murmurou

alguma coisa que ela não conseguiu entender. Em seguida: "Hanna."

Hanna? É um engano. Ele pensa que sou outra pessoa. Sacudiu com

força a cabeça, tentando fazer com que ele compreendesse isso.

Mas, olhando-o nos olhos, parou. Mesmo que usasse máscara de

esquiador, era claro que havia nele alguma coisa errada. Ele estava nervoso.

Ele examinou-lhe o corpo de alto a baixo, sacudindo a cabeça.
Fechou os

dedos enluvados em volta de seus grossos braços. Apertou-lhe os ombros

carnudos, agarrou uma dobra de gordura. Ela estremeceu de dor.

E foi isso o que ela viu: desapontamento. Ele a havia capturado e, nesse momento, não tinha certeza se, afinal de contas, a queria.

Ele enfiou a mão no bolso e, lentamente, retirou-a. O estalido do canivete se abrindo foi como um choque elétrico. E deu início a uma crise de

soluços.

Nein, nein, nein!

Um silvo escapou dos lábios dele como se fosse de vento através de árvores no inverno. Ele agachou-se sobre ela, como se estivesse debatendo

alguma coisa consigo mesmo.

- Hanna – murmurou. – O que é que vou fazer?

Subitamente, ele tomou uma decisão. Guardou o canivete, levantou-a

com um puxão e levou-a pelo corredor, passando pela porta dos fundos – a

porta com o ferrolho quebrado, o motivo por que tinha batido à porta de Herr

Neischen durante semanas, pedindo-lhe que mandasse consertá-lo.

CAPÍTULO XI

O criminalista é um homem da Renascença.

Tem que conhecer botânica, geologia, balística, medicina, química, literatura, engenharia. Se está a par dos fatos – se sabe que aquela cinza com

alto teor de estrôncio provavelmente veio de uma sinaleira flamejante de

estrada de rodagem, que faca é uma palavra portuguesa que corresponde a

knife em inglês, que etíopes não usam talheres e comem apenas com a mão

direita, que um projétil com marcas e estrias produzidas por cano de arma,

com giro para a direita, não poderia ter sido disparado por uma pistola Colt –

se conhece essas coisas, pode estabelecer a conexão que coloca o elemento

desconhecido na cena do crime.

Mas se há um assunto que todos os criminalistas conhecem, este é

anatomia. E esta certamente era uma especialidade de Lincoln Rhyme, porque

tinha passado os três últimos anos e meio mergulhado na lógica estranha dos

ossos e nervos.

Nesse momento, olhava para o saco, nas mãos de Jerry Banks, que continha as provas coletadas na sala das caldeiras. E disse:

- Osso de perna. Não humano. De modo que não pertence à próxima

vítima.

Era um anel de osso de cerca de 5,5cm de circunferência, serrado com

perfeição. Havia sangue nos riscos deixados pela lâmina da serra.

ELEMENTO DESCONHECIDO 238

Aparência Residência Veículo Diversos

- Branco, homem, estatura baixa
- Roupa escura
- Prov. tem casa segura
- Táxi Yellow Cab
- Conhece proc. de CC
- Possivelmente tem antec. criminais
- Conhece levantamento de impressões digitais
- Arma = .32 Colt

- Um animal de tamanho médio - continuou. - Um cão, ovelha ou

cabra, grande, acho, pesando cerca de 65 quilos. Mas vamos tirar a limpo se o

sangue pertence realmente a um animal.

Ainda assim, poderia pertencer à vítima.

Mel Cooper preparou um teste de difusão em geléia para descobrir a origem do sangue.

- Vamos ter que esperar pelos resultados - explicou, em tom de desculpa.

- Amélia - disse Rhyme -, você talvez possa nos dar uma mãozinha aqui. Use a lupa e examine com todo cuidado o osso. E diga o que vê.

- Não o microscópio? – perguntou ela.

Ele pensou que ela fosse protestar. Amélia, porém, pegou o osso e examinou-o, curiosa.

- Ampliação demais - explicou Rhyme.

Amélia pôs os óculos de proteção e curvou-se sobre a placa branca esmaltada. Cooper torceu um abajur de pescoço longo para iluminar a

amostra.

- As marcas de corte – disse Rhyme. – São irregulares ou uniformes?

- Bastante uniformes.

- Uma serra elétrica.

Rhyme ficou pensando se o animal estava vivo quando o elemento fez

aquilo.

- Está vendo alguma coisa diferente?

Ela concentrou-se no osso por mais um momento e murmurou:

- Não sei. Acho que não. Isso parece apenas um pedaço de osso.

Nesse momento, Thom passou por ali e lançou um olhar à bandeja.

- Essa aí é sua pista? Que coisa engraçada.

- Engraçada – repetiu Rhyme. – Engraçada?

- Você tem alguma teoria? – perguntou Sellitto.

- Nenhuma teoria. – Curvou-se e cheirou o osso. – É osso bucco.

- O quê?

- Canela de vitela. Preparei uma para você um dia desses, Lincoln.

Ossos bucco. Canela de vitela refogada. – Olhou para Sachs e fez uma careta. –

Ele disse que o prato precisava de sal.

- Droga! – exclamou Sellitto. – Ele a comprou em um mercado.

Cooper confirmou que o teste de precipitina tinha dado negativo quanto a sangue humano nas amostras recolhidas por Sachs.

- Provavelmente, bovina – disse.

- Mas o que é que ele está tentando nos dizer com isso? – perguntou

Banks.

Rhyme não fazia a menor idéia.

- Vamos continuar. Oh, alguma coisa na corrente e no cadeado?

Cooper deu uma olhada nas peças de metal, guardadas em um saco plástico.

- Ninguém mais põe nome de marca em correntes. De modo que, neste particular, não temos sorte. O cadeado é um Secure-Pro, modelo de

meio de linha. Não é muito seguro e, definitivamente, não profissional.

Quanto tempo foi preciso para quebrá-lo?

- Três segundos inteiros – respondeu Sellitto.

- Está vendo? Nenhum número de série e são vendidos em todas as lojas de ferragens e bazares do país.

- Chave ou segredo? – perguntou Rhyme.

- Segredo.

- Ligue para o fabricante. Pergunte se podemos desarmá-lo e reconstruir a combinação à vista das tranquetas, se pode dizer em que remessa

estava o cadeado e para onde foi.

Banks hesitou.

- Homem, isso é uma possibilidade muito remota.

O olhar de Rhyme provocou-lhe uma forte vermelhidão no rosto.

- E o entusiasmo em sua voz, detetive, está me dizendo que você é justamente a pessoa indicada para fazer esse trabalho.

- Sim, senhor - respondeu o jovem, levantando defensivamente o telefone celular. – Já estou trabalhando.

- Isso aí na corrente é sangue? – perguntou Rhyme.

- De um de nossos rapazes – explicou Sellitto. – Deu um corte sério na mão quando tentava quebrar o cadeado.

- Nesse caso, a peça está contaminada – comentou Rhyme, fechando a

cara.

- Ele estava tentando salvar a moça – desculpou-o Sachs.

- Compreendo. Bonito gesto da parte dele. Mas a peça está contaminada. – Voltou-se para a mesa ao lado de Cooper. – Impressões

digitais?

Cooper respondeu que a havia examinado e encontrado apenas as impressões digitais de Sellitto nos elos da corrente.

- Muito bem, agora a lasca de madeira encontrada por Amélia.
Procure

impressões digitais.

- Já procurei – disse rapidamente Sachs. – Na cena do crime.

ER, Rhyme pensou por um momento. Ela não parecia ser o tipo de pessoa que a gente trata por apelido. Mulheres belas raramente são.

- Vamos experimentar a artilharia pesada, apenas para termos certeza

– resolveu e deu instruções a Cooper. – Use DFO ou ninhidrina. E, em

seguida, aplique o nit-yag.

- Aplicar o quê? - perguntou Banks.

- Um laser de granada de neodimio de alumínio.

O técnico umedeceu a lasca com o líquido de um borrifador plástico e

apontou o feixe de laser para a peça. Colocou óculos de proteção escuros e

examinou atentamente o material.

- Nada.

Desligou a luz e submeteu a lasca a um exame visual cuidadoso. Ela media aproximadamente 15cm, e era de madeira escura. Notou umas manchas

pretas, como se fossem de alcatrão, impregnadas de sujeira.
Segurou-a com o

fórceps.

- Sei que Lincoln gosta do método dos pauzinhos para comer – disse Cooper –, mas sempre peço um garfo quando vou ao Ming Wa's.

- Você pode esmagar as células dessa maneira – resmungou o criminalista.

- Eu poderia, mas não estou – respondeu Cooper.

- Que tipo de madeira? – perguntou Rhyme. – Vai precisar fazer um espodograma?

- Não. Carvalho. Nenhuma dúvida.

- Marcas de serra ou de plaina?

Rhyme inclinou a cabeça para a frente. Imediatamente, o pescoço entrou em espasmo e foi insuportável a câibra que lhe percorreu os músculos.

Arquejeou, fechou os olhos e torceu o pescoço, estirando-o. Sentiu as fortes

mãos de Thom massageando-o. A dor passou, finalmente.

- Lincoln? - perguntou Sellitto. - Você está bem?

Rhyme tomou uma respiração profunda.

- Ótimo. Não foi nada.

- Aqui.

Cooper trouxe a peça de madeira à cama, baixou a lente para que Rhyme pudesse ver o espécime. Rhyme examinou-o.

- Cortado na direção dos veios com uma serra de arco. Há uma grande

variação nos cortes. De modo que acho que era de um pilar ou viga fabricados

há mais de um século. Uma serra a vapor, provavelmente. Aproxime mais a

peça, Mel. Quero cheirá-la.

Cooper pôs a bandeja embaixo do nariz de Rhyme.

- Creosoto... um destilado de alcatrão. Usado para proteger madeira contra os efeitos do tempo, antes que as madeiras começassem a usar

tratamento sob pressão. Cais, docas, dormentes de estrada de ferro.

- Talvez a gente tenha aqui um maníaco por trens – sugeriu Sellitto.

—

Lembre-se do leito ferroviário nesta manhã.

- Poderia ser. Procure compressão celular – ordenou Rhyme.

O técnico estudou a lasca com o microscópio composto.

- Madeira comprimida, sem a menor dúvida. Mas a favor dos veios,

não contra. Não é de dormente. Isto foi tirado de um pilar ou coluna. A

direção do peso.

Um osso... um velho pilar de madeira...

- Estou vendo terra impregnada na madeira. Isso nos diz alguma coisa?

Cooper colocou um grande bloco de papel de imprensa em cima da mesa, tirou a capa do bloco, pôs a lasca em cima e puxou com um pincel um

pouco da terra inserida na lasca. Examinou os pontinhos no papel branco –

uma constelação ao avesso.

- Você tem aí o suficiente para fazer um teste de gradiente de densidade? - perguntou Rhyme.

Nesse teste, a areia é posta em um tubo contendo líquidos de gravidade específica diferentes. O solo se separa e cada partícula fica suspensa

de acordo com sua própria gravidade. Rhyme reunira uma extensa biblioteca

de perfis de gradientes de densidade da areia de todos os cinco bairros da

cidade. Infelizmente, o teste só funciona com um volume razoável de solo.

Cooper não achava que tivessem o suficiente.

- Poderíamos tentar, mas teríamos que usar toda a amostra. E se não

funcionar, nada mais teremos para outros testes.

Rhyme instruiu-o para fazer um exame visual e, em seguida, analisá-la

com o GC-MS – cromatógrafo-espectrômetro a gás.

O técnico pincelou uma lâmina com um pouco de areia. Examinou-a durante alguns minutos sob o microscópio composto.

- Isso é estranho, Lincoln. É de camada de solo de superfície.

Com um nível incomumente alto de vegetação. Mas numa forma curiosa. Muito deteriorada, profundamente decomposta.

Ergueu a vista e Rhyme notou rugas profundas sob os olhos que o técnico retirou das oculares. Lembrou-se de que, após horas de trabalho de

laboratório, as marcas eram muito visíveis e que, às vezes, um técnico que

emergia do laboratório da Polícia Técnica era recebido por um coro que o

aclamava como Guaxinin.

- Queime-o – ordenou Rhyme.

Cooper montou uma amostra na unidade de GC-MS. A máquina

acordou com um zumbido, seguido de um silvo.

- Mais um ou dois minutos.

- Enquanto esperamos - disse Rhyme -, o osso... Continuo a pensar nesse osso. Passe-o pelo microscópio, Mel.

Com todo cuidado, Cooper pôs o osso no estágio de exame do microscópio composto. Curvou-se com todo cuidado sobre a peça.

- Epa, temos alguma coisa aqui.

- O quê?

- Muito pequena. Transparente. Passe-me o hemostato - disse Cooper

a Sachs, indicando com a cabeça uma pinça de garras.

Ela lhe entregou o instrumento, que ele usou sondando com cuidado a medula do osso. Puxou alguma coisa.

- Uma pequena peça de celulose regenerada - anunciou Cooper.

- Celofane - identificou-a Rhyme. - Dê mais detalhes.

- Marcas de estiramento e pressão. Eu diria que ele não a deixou intencionalmente. Não há aqui bordas cortadas. Não é incompatível com

papel celofane para trabalho pesado - observou Cooper.

- Não incompatível. - Rhyme franziu as sobrancelhas. - Não gosto das apostas que ele faz.

- Temos que pagar para ver, Lincoln – retrucou Cooper, alegre.

- “Associado com”. “Sugere”. Odeio especialmente esse “não incompatível com”.

- Muito versátil o material - esclareceu Cooper. – O máximo que ousou dizer é que se trata provavelmente de celofane usado em açougue comercial

ou em mercados. Nada de especial. Definitivamente não é material de

embrulho de marca conhecida.

Jerry Banks entrou nesse momento, vindo do corredor.

- Más notícias. A companhia Secure-Pro não mantém quaisquer registros dos segredos dos cadeados. Uma máquina escolhe aleatoriamente os segredos.

- Ah.

- Mas, interessante... Os fabricantes dizem que recebem telefonemas da polícia o tempo todo, com perguntas sobre seus produtos, e você foi o

primeiro a pensar em descobrir a origem de um cadeado através do segredo.

- Até que ponto isso pode ser “interessante”, se é um beco sem saída?

– resmungou Rhyme e voltou-se para Mel Cooper, que nesse momento

sacudia a cabeça, enquanto olhava a tela do computador GC-MS. –O quê?

- Consegui o resultado da amostra de solo. Mas lamento dizer que a máquina pode estar biruta. O conteúdo de nitrogênio não combina com as

tabelas. Vamos ter que fazer o teste novamente, usando mais amostras desta

vez.

Rhyme ordenou-lhe que fosse em frente e voltou os olhos para o osso.

- Quanto tempo, desde a morte do animal?

Cooper examinou alguns raspas no microscópio eletrônico.

- Conglomerados mínimos de bactérias. O Bambi aqui provavelmente morreu há pouco tempo, é o que parece. Ou saiu da geladeira há umas oito

horas.

- Então nosso criminoso comprou-o recentemente – observou

Rhyme.

- Ou comprou-o há um mês e congelou-o – sugeriu Sellitto.

- Não – disse Cooper. – A peça não foi congelada. Não há prova de

dano aos tecidos ocasionado por cristais de gelo. E não foi refrigerado por

tanto tempo assim. E não está seco. Refrigeradores modernos desidratam os

alimentos.

- É uma boa pista – comentou Rhyme. – Vamos trabalhar nisso.

- Trabalhar? – repetiu Sachs com uma risada. – Você. está dizendo que

devemos visitar todos os mercados da cidade e descobrir quem vendeu ossos

de vitela ontem?

- Não – corrigiu-a Rhyme. – Nos dois últimos dias.

- Quer os Irmãos Hardy?

- Deixe que eles continuem a fazer o que estão fazendo. Ligue para

Emma, no centro, se ela ainda estiver trabalhando. E se não estiver, chame-a

de volta à sede com as outras despachantes e coloque-as em regime de

trabalho extraordinário. Consigam uma lista de todos os mercados da cidade.

Aposto que nosso rapaz não está comprando gêneros para uma família de

quatro pessoas, de modo que limite a lista a fregueses que compram cinco

artigos ou menos.

- Ordens de busca? – perguntou Banks.

- Se alguém se recusar, conseguiremos a ordem - resolveu Sellitto. –

Mas vamos ver se conseguimos sem isso. Quem sabe? Alguns cidadãos

poderiam mesmo cooperar. Disseram-me que isso, às vezes, acontece.

- Mas como é que os mercados vão saber quem comprou canela de vitela? – perguntou Sachs.

Ela não estava mais tão indiferente como antes. Havia uma pontada de irritação em sua voz. Rhyme especulou se a frustração da moça não

poderia ser um sintoma do que ele mesmo frequentemente sentia – o peso

incômodo da prova. O problema básico do criminalista não é que haja prova

de menos, mas que haja demais.

- Verifiquem os scanners – lembrou Rhyme. – Eles salvam as vendas nos computadores. Para fins de levantamento de estoque e reabastecimento.

Vá em frente, Banks. Vejo que alguma coisa lhe passou pela cabeça. Fale.

Desta vez não vou mandá-lo para a Sibéria.

- Só cadeias de mercados é que possuem scanners, senhor – sugeriu o

jovem detetive. – Há centenas de mercados independentes e açougueiros que

não os possuem.

- Bom argumento. Mas acho que ele não iria a um pequeno

estabelecimento. O anonimato é importante para ele. Ele deve estar fazendo

suas compras em grandes mercados. Impessoais.

Sellitto ligou para Comunicações e explicou a Emma o que precisavam.

- Vamos tirar uma foto polarizada do celofane – disse Rhyme a Cooper.

O técnico colocou o minúsculo fragmento em um microscópio

polarizado, ajustou uma câmara polaróide à ocular do aparelho, e tirou uma

foto. Era uma foto colorida, um arco-íris riscado por listras cinzentas. Rhyme

examinou-a. A configuração em si nada lhes dizia, mas poderia ser comparada

com outras amostras de celofane para verificar-se se provinha de uma origem

comum.

Um pensamento ocorreu a Rhyme:

- Lon, chame aqui uma dezena de policiais da Unidade de Operações Especiais. Em acelerado.
- Aqui? - perguntou Sellitto.
- Nós vamos montar juntos uma operação.
- Tem certeza a respeito disso?
- Tenho! Quero eles aqui, agora.
- Tudo bem.

Inclinou a cabeça na direção de Banks, que ligou para Haumann.

- E agora, a respeito daquela outra pista deixada de propósito... os pêlos encontrados por Amélia?

Cooper separou-os com um bastonete e, em seguida, colocou vários deles sob a ocular de um microscópio de contraste de fase. Esse instrumento

dispara duas fontes de luz contra um único objeto, o segundo feixe ligeiramente retardado – fora de fase –, de modo que a amostra é simultaneamente iluminada e lança uma sombra.

- Não é humano – disse Cooper. – Isso eu posso dizer agora mesmo. E são pêlos de proteção, não de baixo.

Pêlos da pelagem de um animal, era o que ele queria dizer.

- Que tipo? De cão?
- De vitela? – sugeriu Banks de novo juvenilmente entusiasmado.
- Verifique as escamas – ordenou Rhyme.

Com essas palavras, ele se referia às escamas microscópicas que formam a bainha externa de um fio de cabelo.

Cooper digitou alguma coisa no computador e, segundos depois, imagens pequenas de bastonetes escamados surgiram na tela.

- Isso, graças a você, Lincoln. Lembra-se do banco de dados?

Na Polícia Técnica, Rhyme organizara uma enorme coleção de microfotografias de diferentes tipos de pêlos.

- Lembro-me, sim, Mel. Mas na última vez em que os vi, eles estavam

organizados em cadernos de três furos. Como foi que você conseguiu baixá-

los no computador?

- ScanMaster, claro. JPEG compactado.

Jay-peg. O que isso significava? Em uns poucos anos, a tecnologia o havia deixado para trás, e como. Espantoso...

Enquanto Cooper examinava as imagens, Lincoln Rhyme especulava novamente sobre o que estava pensando durante todo o dia - a pergunta que

continuava a emergir na superfície de sua mente: por que as pistas?
A criatura

humana é imprevisível, mas devemos pensar, antes de qualquer
outra coisa,

que ela é apenas isso – uma criatura. Um animal que ri, um animal
perigoso,

inteligente, assustado, mas que sempre age por uma razão – um
motivo que

fará com que a besta se mova na direção de seus desejos. O
cientista Lincoln

Rhyme não acreditava em acaso, aleatoriedade, frivolidade. Até
mesmo

psicopatas obedeciam a uma lógica própria, deformada como fosse,
e ele sabia

que havia uma razão por que o Elemento Desconhecido 238 só lhes
falava

dessa maneira cifrada ou codificada.

- Descobri – gritou Cooper. – De roedor. Provavelmente, de rato. E
os pêlos foram raspados.

- Que droga de pista! – exclamou Banks. – Há um milhão de ratos
nesta cidade. Essa prova não nos leva a lugar nenhum. Do que
adianta ele nos

dizer isso?

Sellitto fechou por um momento os olhos e disse alguma coisa entre

dentes. Sachs não notou o olhar. Olhou para Rhyme, curiosa. Rhyme ficou

surpreso por ela não ter descoberto o que significava a mensagem do

seqüestrador, mas nada disse. Não via razão para, por ora, contar aos outros o

que significava esse horripilante dado de conhecimento.

A sétima vítima de James Schneider, ou a oitava, caso se queira incluir

entre elas a pobre, angelical e pequenina Maggie O'Connor, foi a esposa de

um imigrante esforçado, que tinha escolhido uma modesta habitação para sua

família nas proximidades da Hester Street, no Lower East Side.

E foi graças à coragem dessa infeliz mulher que os guardas municipais

e policiais descobriram a identidade do criminoso. Hanna Goldschmidt era de

origem judaico-alemã e altamente considerada na comunidade fechada na qual

residiam ela, o marido e os seis filhos (o sétimo falecera no parto).

O colecionador de ossos dirigiu lentamente pela cidade, com todo

cuidado para permanecer abaixo do limite de velocidade, embora soubesse

perfeitamente que os guardas de trânsito de Nova York não
deteriam ninguém

por uma infração tão banal como correr demais.

Parou em um sinal e lançou um olhar a outro cartaz das Nações

Unidas. Viu faces vazias, sorridentes – tais como as faces
sobrenaturais

pintadas nas paredes da mansão – e, em seguida, estendeu a vista
para mais

longe, para a cidade em volta. Ocasionalmente, ficava surpreso
quando erguia

os olhos e descobria prédios tão maciços, de cornijas de pedra tão
altas, de

vidro tão liso, de carros tão elegantes, de pessoas tão bem
ensaboadas. A

cidade que conhecia era escura, baixa, fumacenta, cheirando a suor
e a lama.

Cavalos pisavam nos transeuntes, bandos errantes de malfeitores –
alguns de

não mais de dez ou onze anos – derrubavam a pessoa com um
golpe de um

porrete ou saco cheio de chumbo na cabeça e corriam para longe,
levando o

relógio e a carteira de notas... Essa era a cidade do colecionador de
ossos.

Às vezes, porém, descobria que estava numa situação como aquela
–

dirigindo um reluzente Taurus XI, por uma rua lisa, asfaltada,
escutando a

WNYC, e irritado, como todos os nova-iorquinos, quando perdia um
sinal

verde, perguntando-se por que, com todos os diabos, as autoridades
municipais não permitiam uma curva para a direita num sinal
vermelho.

Inclinou a cabeça, escutou várias batidas surdas vindas da mala do
carro. Mas havia tanto barulho no ambiente que ninguém ouviria os
gritos de

Hanna.

A luz mudou.

Claro que é incomum, mesmo nestes tempos avançados, que uma
mulher se aventure sozinha pelas ruas da cidade à noite, sem a
companhia de

um cavalheiro. E, naqueles dias, isso ainda era mais incomum. Ainda
assim,

nessa noite infeliz, Hanna não teve outra opção senão deixar a casa
por um

curto período de tempo. O filho mais jovem estava com febre e,
enquanto o

marido rezava devotamente na sinagoga próxima, saiu para comprar uma

compressa e colocá-la na testa em fogo da criança. Ao fechar a porta, disse à

filha mais nova:

“Feche bem o ferrolho quando eu sair. Vou voltar logo.”

Infelizmente, porém, ela não cumpriria essas palavras. Isso porque, apenas alguns momentos depois, encontrou por acaso James Schneider.

O colecionador de ossos olhou em volta para as ruas maltratadas nesse local. Essa área – perto do local onde tinha enterrado a primeira vítima

– era a Hell's Kitchen, no West Side, outrora a cidadela das gangues irlandesas

e, nesse momento, cada vez mais preferida por jovens profissionais liberais,

agências de publicidade, estúdios de fotógrafos e restaurantes elegantes.

Sentiu o cheiro de esterco e não ficou absolutamente surpreso quando, de repente, um cavalo empinou à sua frente.

Mas, em seguida, notou que o animal não era uma aparição do século

XIX, mas que estava atrelado a um dos coches abertos que cruzavam o

Central Park, cobrando preços muito século XX. As cocheiras dos animais se

situavam nas proximidades.

Riu consigo mesmo. Embora fosse um som oco.

Podemos apenas especular sobre o que aconteceu, porque não houve

testemunhas. Mas podemos imaginar com uma clareza até grande demais o

horror. O bandido puxou a mulher que esperneava para um beco e golpeou-a

com uma adaga, com a intenção cruel não de matá-la, mas de subjugá-la,

como era seu costume. Mas tal era a força da alma da boa Sra. Goldschmidt,

pensando, como sem dúvida aconteceu, nos seus pintinhos no ninho, que ela

surpreendeu o monstro, atacando-o furiosamente - esmurrando-lhe

repetidamente o rosto e arrancando-lhe cabelos.

Libertou-se momentaneamente e de sua boca saiu um grito

horripilante. O covarde Schneider apunhalou-a várias outras vezes e fugiu.

A corajosa mulher cambaleou até a calçada e perdeu os sentidos,

morrendo nos braços de um guarda municipal que tinha ouvido o alarme

dado pelos vizinhos.

A história foi contada em um livro, nesse momento no bolso traseiro da calça do colecionador de ossos: Crime in Old New York. Não conseguia

explicar a atração irresistível que sentia pelo volume fino. Se tivesse que

descrever sua relação com esse livro, seria obrigado a dizer que era viciado

nele. Setenta e cinco anos de idade e ainda em um estado notável, uma jóia de

encadernação. O livro era seu amuleto e talismã. Ele o havia descoberto em

uma das pequenas filiais da biblioteca pública e tinha cometido um dos

poucos pequenos crimes de sua vida enfiando-o certo dia no bolso da capa de

chuva e saindo do prédio.

Leu centenas de vezes o capítulo sobre Schneider e virtualmente o sabia de cor.

Continuou a dirigir lentamente. Estavam quase chegando.

Quando o pobre e choroso marido de Hanna curvou-se sobre o corpo

sem vida, fitou-lhe o rosto - pela última vez antes de ela ser levada à funerária

(porque, de acordo com a fé judaica, os mortos devem ser enterrados com a

maior rapidez possível). E notou no rosto de porcelana da mulher uma

contusão em forma de um curioso emblema. Era um símbolo redondo,

parecendo uma lua crescente, e um grupo formado do que pareciam ser

estrelas acima da lua.

O guarda municipal disse que aquilo devia ter sido uma marca deixada

pelo anel do hediondo assassino quando atacou a pobre vítima. Detetives

pediram ajuda de um pintor e ele fez um esboço da marca. (O bom leitor é

remetido à prancha XXII.) Visitas foram feitas a joalheiros na cidade, tendo

sido obtidos os nomes e endereços de homens que haviam comprado

recentemente anéis como aquele. Dois dos cavalheiros que os haviam

adquirido estavam acima de qualquer suspeita, sendo um deles diácono em

uma igreja, e o outro, um culto professor de universidade renomada. O

terceiro, porém, era um homem do qual os guardas desconfiavam como autor

de atividades nefárias, ou seja - um certo James Schneider.

Em seguida ao horrendo assassinato de Hanna Goldschmidt, uma busca pelos antros duvidosos da cidade nenhum sinal revelou do local onde

Schneider poderia ser encontrado. Os guardas colocaram cartazes no centro

da cidade e nas zonas próximas ao rio, contendo a descrição do bandido, mas

ele não pôde ser preso – uma verdadeira tragédia, para sermos exatos, à luz da

carnificina que logo depois aconteceria na cidade às suas mãos vis.

As ruas estavam desimpedidas. O colecionador de ossos entrou no beco. Abriu a porta do armazém e desceu uma rampa de madeira até um

longo túnel.

Depois de certificar-se de que o lugar estava deserto, foi até a traseira

do carro. Abriu a mala e puxou Hanna para fora. Ela era pelancuda, gorda,

como um saco de adubo mole. Ficou novamente zangado e levou-a com

violência por outro largo túnel. O tráfego da West Side Highway corria célere

por cima da cabeça deles. Ouviu-a espirrar e ia justamente estender a mão

para afrouxar a mordaca, quando lhe apalpou o ombro e ela desmaiou.

Arquejando com o esforço de carregá-la, soltou-a no chão do túnel e afrouxou

a mordaca. O ar penetrou debilmente pelas narinas da mulher. Teria ela

simplesmente desmaiado? Verificou os batimentos cardíacos. O coração

parecia estar funcionando normalmente.

Cortou a linha de varal de roupa que lhe prendia os pés, inclinou-se para a frente e murmurou:

- Hanna, kommen Sie mit mir miti, Hanna Goldschmidt...

- Nein - murmurou ela e a voz morreu no silêncio.

Ele se aproximou mais e esbofeteou-a de leve.

- Hanna, você tem que vir comigo.

- Mein name ist nicht Hanna – gritou ela. E deu-lhe um pontapé bem no

queixo.

Uma explosão de luz amarela relampejou através da cabeça do

criminoso e ele saltou quase um metro para o lado, tentando manter o

equilíbrio. Hanna levantou-se de um salto e correu cegamente pelo corredor

escuro. Mas ele veio rápido em seu encalço. Pegou-a antes que tivesse corrido

dez metros. Ela caiu com força no chão, ele também, grunhindo ao perder o

fôlego.

O colecionador de ossos ficou deitado sobre um lado do corpo

durante um minuto, sentindo forte dor, lutando para respirar, agarrando-lhe a

camiseta, enquanto ela se debatia. Deitada de costas, ainda algemada, a moça

usou a única arma que tinha – um dos pés, que ergueu no ar e desceu com

força na mão do homem. Uma pontada de dor percorreu o corpo dele e a luva

voou para longe. A moça ergueu novamente a perna forte e só a sua mão

pontaria salvou-o do salto do sapato, que bateu com tanta força no chão que

teria quebrado ossos, se acertasse o alvo.

- So nicht! – exclamou ele furioso. Agarrou-a pelo pescoço com a mão

nua e apertou até que ela estrebuchou, gemeu e parou de estrebuchar e gemer.

Sacudiu-se várias vezes e ficou imóvel.

Ao tomar-lhe a pulsação, o coração batia muito de leve. Nada de macetes desta vez. Pegou a luva no chão, calçou-a e arrastou-a pelo túnel até o

poste. Mais uma vez, amarrou-lhe os pés e pôs um novo pedaço de fita

colante na boca. No momento em que ela recuperou os sentidos, as mãos dele

exploravam-lhe o corpo. Ela arquejou no início e procurou afastar-se, enquanto ele lhe acariciava a carne atrás da orelha. O cotovelo, o queixo. Não

havia muitos outros lugares onde quisesse tocá-la. Ela era tão acolchoada... e

isso o repugnava.

Ainda assim, embaixo da pele... Segurou-lhe com força a perna. Os grandes olhos dela se esbugalharam quando ele meteu a mão no bolso e o

canivete de mola apareceu. Sem um momento de hesitação, ele cortou-lhe a

pele, descendo até o osso branco-amarelado. Ela gritou através da fita, um

uivo de louca, e escoiceou com toda força. Está gostando disso, Hanna? A

moça soluçou e gemeu alto. Por isso, ele teve que baixar a orelha para a perna

da moça a fim de escutar o som delicioso da ponta da lâmina raspar o osso de

um lado para o outro. Skrissss.

Em seguida, pegou-lhe o braço.

Seus olhos se prenderam durante um momento e ela sacudiu

pateticamente a cabeça, implorando em silêncio. O olhar dele desceu para o

antebraço gordo e, mais uma vez, o corte foi profundo. O corpo da moça

ficou rígido com a dor. Outro grito selvagem, mudo. Mais uma vez, ele baixou

a cabeça, como se fosse um músico, para ouvir o som da lâmina raspando o

osso cúbito. Skrissss, skrissss... Um momento depois, ele se deu conta de que

a moça tinha desmaiado.

Finalmente, saiu de cima dela e voltou para o carro. Plantou as pistas

seguintes, pegou uma vassoura na mala do carro e varreu com todo cuidado as

pegadas. Subiu a rampa, estacionou, deixou o motor em funcionamento e

desceu mais uma vez, varrendo com todo cuidado as marcas dos pneus.

Parou e olhou de volta para o túnel embaixo. Olhando para ela, simplesmente olhando. De repente, um raro sorriso passou pelos lábios do

coleccionador de ossos. Ficou surpreso ao notar que o primeiro dos convidados já tinha aparecido. Uma dúzia de pares de minúsculos olhos

vermelhos, duas dúzias, em seguida três dúzias... Parecia que eles estavam

olhando curiosos para a carne do corpo de Hanna... e com o que poderia ser

fome. Mas isso podia ser imaginação dele. Mas Deus sabia, era uma imagem

mais do que vívida.

CAPÍTULO XII

- Mel, examine as roupas da Colfax. Amélia, você poderia ajudá-lo?

Ela fez outra gentil inclinação de cabeça, o tipo usado na sociedade educada. Rhyme reconheceu estar realmente furioso com ela.

Seguindo instruções do técnico, calçou luvas de látex, abriu com

cuidado as roupas e passou uma escova de crina pelo tecido, tudo isso em

cima de grandes folhas limpas de papel de imprensa. Caíram pequenos

fragmentos. Cooper recolheu-os com a fita colante e examinou-os no

microscópio composto.

- Não há muita coisa aqui - comunicou. - O vapor eliminou a maior parte dos vestígios. Estou vendo um pouco de solo. Não o suficiente para

fazer um D-G. Espere... Excelente. Peguei uns dois fragmentos de fibra. Olhe

para eles...

- Ora, eu não posso - retorquiu Rhyme, irado.

- Azul-marinho, uma mistura de acrílico e lã, acho. Não é grosso o suficiente para ser material de tapete e não é fio torcido. De modo que é de

pano.

- Neste calor, ele não vai usar meias grossas ou suéter. Máscara de esquiador?

- Essa seria minha aposta - disse Cooper.

Rhyme pensou por um momento.

- De modo que ele está sendo sério ao nos dar uma oportunidade de salvá-las. Se estivesse decidido a matá-las, pouca diferença faria se elas o vissem ou não.

Sellitto entrou na conversa:

- Isso significa também que o canalha pensa que pode safar-se. Não pensa em suicídio. Poderá nos dar algum poder de barganha, se tiver reféns quando o localizarmos.

- Gosto desse seu otimismo, Lon - disse Rhyme.

Thom atendeu nesse momento a campainha da porta e um momento

depois Jim Polling subiu a escada, parecendo desganhado e preocupado.

Bem, ir de uma para outra de duas entrevistas à imprensa, no gabinete do

prefeito e no edifício federal, fazia isso com um cara.

- É uma pena a respeito da truta - disse-lhe Sellitto. Em seguida, explicou a Rhyme: - Jimmy é um desses pescadores de verdade. Põe no anzol

suas próprias iscas e tudo mais. Quanto a mim, saio num barco com um

grupo e com caixas de latinhas de cerveja e me sinto feliz.

- Vamos pegar esse escroto e depois nos preocuparemos com o peixe

- retrucou Polling, servindo-se do café que Thom tinha deixado no peitoril da

janela.

Olhou para fora e pestanejou, surpreso, ao ver duas grandes aves

fitando-o. Virou-se para Rhyme e explicou que, por causa do sequestro, tinha

sido obrigado a adiar a pescaria em Vermont. Rhyme jamais havia pescado -

nunca teve tempo nem inclinação para hobbies - mas deu-se conta de que

sentia inveja de Polling. A serenidade da pescaria agradava-o. Era um esporte

que se podia praticar sozinho. Esportes de paráliticos tinham que ser de outro

tipo. Competitivos. Provando coisas ao mundo... e a si mesmos. Basquete,

tênis, maratona em cadeira de rodas. Rhyme resolveu que, se fosse praticar um

esporte, seria pesca. Embora jogar a linha com um único dedo estivesse

provavelmente além da tecnologia moderna.

- A mídia deu a ele o título de seqüestrador em série – disse Polling.

Se a carapuça der nele, pensou Rhyme.

- E o prefeito está ficando maluco. Quer chamar os federais.
Convenci

o chefe a resistir a isso. Mas não podemos perder outra vítima.

- Faremos o melhor que pudermos - retrucou causticamente Rhyme.

Polling tomou um gole do café preto e aproximou-se mais da cama.

- Você está bem, Lincoln?

- Ótimo - respondeu Rhyme.

Polling fitou-o por mais um momento e, em seguida, inclinou a cabeça

para Sellitto.

- Passe as informações. Vamos ter outra entrevista coletiva dentro de

meia hora. Assistiu à última? Ouviu o que o repórter perguntou? O que

achávamos da maneira como a família da vítima se sentia por ela ter sido

cozida até a morte?

Banks sacudiu a cabeça.

- Cara...

- Eu quase derrubei o filho da puta com um murro – disse Polling.

Três anos e meio antes, lembrou-se Rhyme, durante a investigação do

matador de policiais, o capitão havia quebrado a câmera de uma equipe de

TV, quando o repórter perguntou se Polling estava sendo agressivo demais na

investigação simplesmente porque o suspeito, Dan Shepherd, era membro da

força policial.

Polling e Sellitto retiraram-se para um canto da sala e o detetive o pôs

a par das últimas novidades. Quando ele desceu a escada, Rhyme notou que o

capitão não estava tão animado quanto antes.

- Muito bem - disse Cooper. - Temos um cabelo. Estava no bolso dela.

- O cabelo inteiro? - perguntou Rhyme sem muita esperança e não ficou surpreso quando Cooper respondeu:

- Sinto muito. Nada de bulbo capilar.

Sem o bulbo, cabelo não é prova individuada, mas meramente prova de um tipo de classe. Não se pode fazer com ele um teste de DNA e ligá-lo a

uma pessoa específica. Ainda assim, tem bom valor probatório. O famoso

estudo da Polícia Montada do Canadá, realizado anos antes, concluíra que se

um fio de cabelo encontrado em uma cena de crime corresponde ao do

suspeito, as probabilidades são de um para 4.500 de que foi ele quem o deixou

ali. O problema com o cabelo, porém, é que não se pode deduzir muita coisa

sobre a pessoa a quem pertencia. É quase impossível determinar o sexo, e a

raça tampouco pode ser estabelecida com confiança. A idade pode ser

calculada apenas no caso de cabelo de bebês. A cor engana por causa de

grandes variações na pigmentação e do uso de tinturas cosméticas e, uma vez

que todas as pessoas perdem dezenas de fios por dia, não se pode nem dizer

que o suspeito está começando a ficar careca.

- Compare-o com os cabelos da vítima. Faça uma contagem de

escamas e uma comparação de pigmentação da medula – ordenou Rhyme.

Um momento depois, Cooper levantou a vista do microscópio.

- Não é dela, da moça Colfax.

- Descrição? - pediu Rhyme.

- Castanho-claro. Nada de enroladinho, de modo que eu diria que não

é negróide. A pigmentação sugere que tampouco é mongolóide.

- Neste caso, é branco - concluiu Rhyme, indicando com a cabeça a

tabela na parede. - Confirma o que a testemunha disse. Cabelo da cabeça ou

do corpo?

- Há pouca variação de diâmetro e uma distribuição uniforme da pigmentação. E cabelo de cabeça.

- Comprimento?

- Três centímetros.

Thom perguntou se podia acrescentar ao perfil que o seqüestrador tinha cabelos castanhos. Rhyme respondeu que não.

- Vamos esperar por corroboração. Simplesmente escreva que achamos que ele usa uma máscara de esquiador, azul-marinho. Raspas de

unhas, Mel?

Cooper examinou os vestígios, mas nada encontrou de útil.

- A impressão digital que você encontrou. A da parede. Vamos dar

uma olhada nela. Você poderia mostrá-la, Amélia?

Sachs hesitou por um momento e, em seguida, lhe levou a foto polaróide.

- O seu monstro - disse Rhyme.

Era uma palma de mão grande e deformada, na verdade, grotesca, não

com os redemoinhos e bifurcações elegantes de cristas de atrito, mas uma

configuração confusa de linhas minúsculas.

- É uma foto maravilhosa... Você é uma virtual Edward Weston,

Amélia. Mas, infelizmente, não é uma mão. Isso aí não são cristas. É uma

luva. De couro. Velha. Mão direita, Mel?

O técnico confirmou com um aceno de cabeça.

- Thom, escreva que ele tem um velho par de luvas. – Rhyme voltou-

se para os outros presentes: - Estamos começando a reunir algumas idéias

sobre ele. Ele não vai deixar suas impressões digitais na cena do crime. Mas

está deixando impressões de luvas. Se encontrarmos a luva com ele, ainda

poderemos colocá-lo na cena do crime. Ele é sabido. Mas não brilhante.

- E o que é que criminosos brilhantes usam? - perguntou Sachs.

- Camurça forrada com algodão - explicou Rhyme. Em seguida, perguntou: - Onde está o filtro? Do aspirador de pó.

O técnico esvaziou o filtro em forma de cone - parecido com um coador de café - sobre uma folha de papel branco.

Prova vestigial...

Promotores públicos, repórteres e jurados adoram pistas óbvias.

Luvas sangrentas, facas, armas recém-disparadas, cartas de amor, sêmen e

impressões digitais. A prova favorita de Lincoln Rhyme, porém, era a vestigial

- poeira e efluentes nas cenas de crime, tão facilmente esquecidas por

perpetradores.

O aspirador, porém, nada recolhera de útil.

- Muito bem - disse Rhyme -, vamos em frente. Agora, uma olhada nas algemas.

Sachs enrijeceu-se quando Cooper abriu o saco de plástico e deixou as

algemas caírem em cima de uma folha de papel de imprensa. Como previra

Rhyme, era mínima a quantidade de sangue. O médico de plantão do serviço

do legista tinha feito as honras da casa com uma serra, depois que um

procurador do Departamento de Polícia de Nova York enviou uma autorização ao Instituto Médico Legal.

Cooper examinou com todo cuidado as algemas.

- Boyd & Keller. O fundo da linha. Nenhum número de série. -

Borrifou o aço cromado com DFO e acendeu a PoliLight. - Nenhuma impressão digital, apenas uma mancha deixada pela luva.

- Vamos abri-las.

Cooper pegou uma chave genérica de algemas para abri-las. Usando uma seringa com proteção, jogou ar dentro do mecanismo.

- Você ainda está furiosa comigo, Amélia - disse Rhyme. - Sobre as mãos.

A pergunta pegou-a de guarda baixa.

- Eu não fiquei furiosa - respondeu ela, após um momento. - Achei que aquilo era antiprofissional. O que você sugeriu.

- Você sabe quem foi Edmond Locard?

Amélia sacudiu a cabeça.

- Um francês. Nascido em 1877. Ele fundou o Instituto de Criminalística da Universidade de Lyon. E estabeleceu a única regra que me

orientou enquanto dirigi a Polícia Técnica. O Princípio da Troca, de Locard.

Ele pensava que, em todas as ocasiões em que dois seres humanos entram em

contato, algo de um é trocado com algo do outro, e vice-versa. Talvez poeira,

sangue, células da pele, sujeira, fibras, resíduos metálicos. Pode ser difícil

descobrir exatamente o que foi trocado e ainda mais difícil descobrir o que

isso significa. Mas uma troca de fato ocorre... e por causa dela podemos

prender nossos elementos desconhecidos.

Esse fragmento de história não a interessou nem um pouco.

- Você tem sorte - disse Mel Cooper a Sachs, sem levantar a vista. -

Ele ia pedir a você e ao paramédico que fizessem uma autópsia no local e que

examinassem o conteúdo do estômago dela.

- Isso não teria sido útil - disse Rhyme, evitando os olhos de Amélia.

- Eu o convenci a não pedir isso - continuou Cooper.

- Autópsia - repetiu Sachs, suspirando, como se nada que viesse da parte de Rhyme pudesse surpreendê-la.

Ora, ela nem está aqui, pensou Rhyme zangado. A mente dela está a

milhares de quilômetros de distância.

- Ah! - exclamou Cooper. - Encontrei alguma coisa. Acho que é um pedaço da luva.

Cooper montou um pontinho na lâmina do microscópio composto. E examinou-o.

- Couro. Cor avermelhada. Polido num dos lados.

- Vermelha. Isso é bom - disse Sellitto. E explicou para Sachs: -

Quanto mais esquisitas as roupas deles, mais fácil descobrir os perpetradores.

Ninguém ensina isso na Academia, pode apostar. Em alguma ocasião, vou lhe

contar como foi que prendemos Jimmy Plaid, que era da turma de Gambino.

Lembra-se disso, Jerry?

- A gente podia ver aquelas calças a quilômetros de distância - lembrou-se o detetive mais jovem.

- O couro está esturricado - continuou Cooper. - Não há muita coisa na textura. Você tinha razão quando disse que as luvas eram velhas.

- De que tipo de animal?

- Eu diria que de pele de cabrito. Alta qualidade.

- Se fossem novas, isso poderia significar que ele é rico - resmungou Rhyme. - Mas já que são velhas, ele pode tê-las achado na rua ou as comprado

de segunda mão. Nada de deduções rápidas a partir dos acessórios usados por

238, ao que parece. Muito bem. Thom, adicione simplesmente ao perfil que as

luvas são de pele de cabrito, avermelhadas. O que mais temos?

- Ele usa loção após barba - lembrou-lhe Sachs.

- Eu havia esquecido isso. Talvez para disfarçar outro cheiro.

Elementos desconhecidos fazem isso, às vezes. Escreva isso também, Thom.

Repetindo, como era o cheiro, Amélia? Você o descreveu.

- Seco. Como gim.

- O que me diz sobre a corda de varal de roupa? – perguntou Rhyme.

Cooper examinou-a.

- Já vi isso antes. Plástico. Várias dezenas de fios internos, compostos

de seis a dez tipos diferentes de plástico e um... não, dois... filamentos

metálicos.

- Eu quero o nome do fabricante e a origem.

Cooper sacudiu a cabeça.

- Impossível. Genérico demais.

- Droga! - murmurou Rhyme. - E o nó?

- Bem, isso é estranho. Muito eficiente. Está vendo como enlaça duas

vezes? PVC é a corda mais difícil de dar nó e este nó pára aqui.

- A Polícia Técnica tem lá no centro um arquivo de nós?

- Não.

Imperdoável, pensou Rhyme.

- Senhor?

Rhyme virou-se para Banks.

- Eu velejo um pouco...

- Baseado em Westport - sugeriu Rhyme.

- Bem, para dizer a verdade, sim. Como foi que soube?

Se houvesse um teste de Polícia Técnica para localização da origem de

Jerry Banks, o resultado seria positivo no tocante a Connecticut.

- Um palpite de sorte

- Não é um nó de marinheiro. Nunca vi um desses.

- É bom saber isso. Pendure-o ali. - Rhyme, com um movimento de cabeça, indicou a parede, ao lado da foto polaróide do papel de celofane e o

pôster de Monet. - Voltaremos a ele mais tarde.

A campainha da porta tocou nesse momento e Thom desceu a escada

para atender. Rhyme passou por um mau momento, pensando que talvez

fosse o Dr. Berger, voltando para lhe dizer que não estava mais interessado no

“projeto” de ambos.

O som pesado das botas, porém, disse-lhe quem era que estava chegando.

Os policiais da Unidade de Operações Especiais, todos eles

grandalhões, todos de fisionomia séria, usando uniforme de combate,

entraram educadamente na sala e inclinaram a cabeça para Sellitto e Banks.

Todos eles eram homens de ação e Rhyme apostaria que, por trás de dez

olhos imóveis, havia dez reações muito desfavoráveis à vista de um homem

deitado para sempre de costas.

- Cavalheiros, os senhores ouviram falar do sequestro na noite passada

e da morte da vítima esta tarde. - E continuou, após ouvir o murmúrio de

assentimento: - Nosso elemento desconhecido tem em seu poder outra vítima.

Temos uma pista no caso e preciso que vocês procurem locais na cidade e

consigam provas. Imediata e simultaneamente. Um homem, uma localização.

- O senhor quer dizer - um policial bigodudo perguntou, em dúvida -,

nada de apoio tático?

- Os senhores não vão precisar disso.

- Com todo devido respeito, senhor, não gosto de entrar em qualquer

situação tática sem reforço. De um parceiro, pelo menos.

- Não acredito que vá haver qualquer fogo de artifício. Os alvos são as

maiores cadeias de mercados da cidade.

- Mercados?

- Não todos. Apenas um de cada cadeia. J&G's, ShopRite, For Warehouse...

- O que exatamente vamos fazer?

- Comprar canelas de vitela.

- O quê?!

- Um pacote em cada mercado. Lamento dizer que vou ter que lhes pedir que paguem a compra de seu próprio bolso, cavalheiros. Mas a Prefeitura os reembolsará. Oh, e precisamos delas com urgência.

Ela estava deitada de lado, imóvel.

Tendo acostumado os olhos à escuridão do velho túnel, podia ver os pequenos sacanas aproximando-se mais. Mantinha os olhos em um, em

especial.

A perna lhe doía horrivelmente, embora a maior dor fosse no braço, onde ele cortara fundo a pele. Como estava algemada com as mãos atrás das

costas, não podia ver o ferimento, não sabia o quanto havia sangrado. Mas

devia ter perdido muito sangue. Estava muito tonta e podia sentir o líquido

pegajoso escorrendo pelos braços e lados do corpo.

Som de atrito - garras afiadas como agulhas no concreto, corcovas cinzento-pardacento correndo pelas sombras. Os ratos continuavam a se

aproximar lentamente. Devia haver uma centena deles.

Ela se obrigou a ficar inteiramente imóvel e manteve a vista no grande

rato preto. Schwarzie, foi o nome que lhe deu. Ele estava à frente dos outros,

movendo-se para a frente e para trás, estudando-a.

Aos dezenove anos de idade, Monelle Gerger já tinha feito duas viagens em volta do mundo. Pegando carona, fora até Sri Lanka, Camboja e

Paquistão. Passou pelo Nebraska, onde as mulheres olharam fixamente e com

desprezo para os anéis em torno das sobrancelhas e seios sem sutiã. Pelo Irã,

onde os homens olhavam para seus braços como se fossem cães no cio.

Dormiu em parques públicos na Cidade da Guatemala e passou três dias com

as forças rebeldes na Nicarágua, após perder-se a caminho de um santuário de

vida silvestre.

Mas nunca teve tanto medo quanto naquele momento.

Mein Gott.

Mas o que mais a assustava era o que estava prestes a fazer consigo mesma.

Um rato correu perto dela, o corpo marrom adiantando-se rápido, recuando, aproximando-se mais alguns centímetros. Os ratos estavam com

medo, pensou ela, porque se pareciam mais com répteis do que com roedores.

Nariz e cauda de serpente. E aqueles horríveis olhos vermelhos.

Atrás deles viu Schwarzie, do tamanho de um gato pequeno. Ele se levantou sobre as ancas e olhou para aquilo que o fascinava. Vigiando.

Esperando.

Nesse momento, o pequenino atacou. Correndo a toda com os pés finos como agulhas, ignorando-lhe o grito abafado, ele veio rápido e direto.

Rápido como uma barata, arrancou um pedacinho de sua perna cortada. A

mordida doeu como se fosse fogo. Monelle soltou um uivo - de dor, sim, mas

também de raiva. Eu não quero porra nenhuma com você! Bateu com toda

força do calcanhar nas costas do rato, ouvindo um som surdo de coisa

esmagada. O rato estremeceu uma vez e ficou imóvel.

Outro correu para seu pescoço, arrancou um pedaço e saltou para

trás, fitando-a, torcendo o nariz como se estivesse passando a língua em volta

da pequena boca, saboreando o petisco.

Dieser Schmerz...

Estremeceu com a dor lancinante que se irradiava da mordida. Dieser

Schmerz! A dor! Monelle obrigou-se a ficar novamente imóvel.

O pequenino atacante preparou-se para outra corrida, mas, de repente,

deu uma volta e se afastou. Monelle viu por quê. Schwarzie finalmente

assumira a frente do grupo. Tinha vindo buscar o que queria.

Ótimo, ótimo.

Era por ele que ela estava esperando. Porque ele não parecera

interessado em seu sangue ou carne. Chegara bem perto vinte minutos antes,

fascinado pela fita prateada que lhe tapava a boca.

O rato menor correu para dentro do grupo, enquanto Schwarzie vinha

devagar para a frente, seus pés obscenamente minúsculos. Em seguida, tornou

a avançar. Um metro e oitenta, um metro e cinquenta.

Chegou a um metro.

Monelle permaneceu absolutamente imóvel, respirando tão

superficialmente quanto ousava, receando que uma inalação mais profunda o

assustasse.

Schwarzie parou. Adiantou-se novamente. E parou. A sessenta centímetros de sua cabeça.

Não mova nenhum músculo.

O lombo dele estava encurvado alto e os beijos continuavam a retrair-

se sobre os dentes marrons e amarelos. Ele se moveu mais trinta centímetros,

parou, os olhos virando rápidos de um lado para o outro. Sentou-se, esfregou

uma pata na outra e adiantou-se outra vez.

Monelle Gerger fingiu-se de morta.

Mais quinze centímetros. Vorwärts!

Venha!

Ele chegou a seu rosto. Monelle sentiu cheiro de lixo e óleo no corpo do rato, de fezes, de carne podre. Ele farejou e ela sentiu a coceira insuportável dos bigodes do rato no nariz quando os pequenos dentes

emergiram da boca e começaram a roer a fita.

Durante cinco minutos, ele roeu em volta da boca. Outro rato

aproximou-se e fincou os dentes em seu tornozelo. Ela fechou os olhos para a

dor e fez força para ignorá-la. Schwarzie expulsou-o dali e em seguida ficou

em pé nas sombras, estudando-a.

Vorwärts, Schwarzie! Venha!

Lentamente, ele veio em pés macios. Com lágrimas lhe escorrendo pelo rosto, Monelle relutantemente baixou a boca para ele.

Roendo, roendo...

Venha!

Monelle sentiu a respiração imunda, quente, na boca, quando ele

rompeu o plástico e começou a rasgar e puxar grandes pedaços do plástico

brilhante. O rato puxou os pedaços da boca e apertou-os gulosamente com as

garras dos pés dianteiros.

Já é suficiente?, pensou ela.

Teria que ser. Ela não podia aguentar mais.

Devagar, levantou a cabeça, um milímetro de cada vez. Schwarzie pestanejou e inclinou-se curioso para a frente.

Monelle abriu a boca e ouviu o som maravilhoso da fita se rasgando.

Sugou profundamente ar para os pulmões. Podia respirar de novo!

E podia gritar, pedindo socorro.

- Bitte, helfen Sie mir! Por favor, me ajudem!

Schwarzie recuou, espantado com o uivo desarticulado, deixando cair

a preciosa fita prateada. Mas não foi muito longe. Parou, voltou-se e levantou-

se sobre as ancas gordas.

Ignorando-lhe o corpo preto, encurvado, ela chutou o pilar onde estava amarrada. Poeira e sujeira desceram flutuando como se fossem neve,

mas a madeira resistiu. Gritou até sentir a garganta em fogo.

- Bitte. Ajudem-me!

O barulho pegajoso do tráfego engoliu o som.

Silêncio por um momento. Em seguida, Schwarzie aproximou-se dela novamente. E não estava sozinho dessa vez. O bando repugnante o acompanhou indo e vindo, nervosos. Mas atraídos irresistivelmente pelo

cheiro tentador de seu sangue.

Osso e madeira, madeira e osso.

- Mel, o que é que temos aí?

Rhyme indicava com a cabeça o computador ligado ao cromatógrafo-

espectrógrafo. Cooper submetera a novo teste a areia encontrada na lasca de

madeira.

- Continua rica em nitrogênio. Não combina com as tabelas.

Três testes separados e os mesmos resultados. Um exame na unidade

mostrou que ela estava funcionando perfeitamente. Cooper pensou um pouco

e disse:

- Esse excesso de nitrogênio... talvez de um fabricante de armas ou munições.

- Isso seria Connecticut, não Manhattan.

Rhyme olhou para o relógio. Seis horas e trinta minutos. Como o tempo corria rapidamente naquele dia. E como tinha corrido lentamente nos

três últimos anos e meio. Sentia-se como se tivesse ficado acordado durante

dias e dias.

O jovem detetive examinou atentamente o mapa de Manhattan, afastando para um lado a vértebra esbranquiçada que tinha caído mais cedo

no chão.

O disco foi deixado ali pelo especialista de Rhyme em recuperação, Peter Taylor. Ele foi um dos primeiros que consultou. O médico examinou-o

como bom conhecedor, recostou-se em seguida na cadeira de vime e tirou

alguma coisa do bolso.

- Hora de mostrar e dizer - começou o médico.

Rhyme olhou para a mão aberta.

- Esta aqui é a quarta vértebra cervical. Exatamente igual à existente em seu pescoço. A que se partiu. Está vendo essas pequenas caudas na

extremidade? - O médico revirou-a várias vezes durante um momento. - No

que é que você pensa quando a vê?

Rhyme respeitava-o - um homem que não o tratava como se ele fosse

uma criança, um débil mental ou um grande chato -, mas naquele dia, como

não estava com vontade de fazer o jogo de inspiração, não respondeu.

Taylor, ainda assim, continuou:

- Alguns de meus pacientes pensam que ela se parece com uma arraia.

Outros dizem que lembra uma nave espacial. Ou um avião. Ou um caminhão.

Sempre que faço a pergunta, as pessoas geralmente a comparam com alguma

coisa grande. Ninguém jamais diz: "Oh, com um pedaço de cálcio ou magnésio." Entenda, elas não gostam da idéia de que alguma coisa tão

insignificante transformou sua vida em um verdadeiro inferno.

Rhyme voltou a olhar ceticamente para o visitante, mas o tranquilo

médico de cabelos grisalhos era um veterano no tratamento de paraplégicos e

disse bondosamente:

- Não me desligue, Lincoln.

Taylor tinha aproximado mais o disco do rosto de Rhyme.

- Você está pensando que é injusto que esta coisinha lhe cause tanto

sofrimento. Mas esqueça isso. Esqueça. Quero que você se lembre como ela

era, antes do acidente. O bom e o ruim na sua vida. Felicidade, tristeza... Você

pode sentir isso novamente. - O rosto do médico se tornara imóvel. - Mas,

para ser franco, tudo que eu vejo agora é alguém que desistiu de lutar.

Taylor deixou a vértebra na mesinha-de-cabeceira. Por acaso, ao que parecia. Mas Rhyme veio a pensar depois que aquele ato tinha sido deliberado.

Nos últimos meses, enquanto tentava decidir se iria se suicidar ou não, olhou

fixamente para o pequeno disco. E ele tinha se tornado um emblema do

argumento de Taylor - um argumento em favor da vida. Mas, no fim, esse

lado perdeu. As palavras do médico, por mais válidas que fossem, não podiam

superar o peso da dor, da exaustão e do sofrimento que Lincoln Rhyme

sentia, dia após dia.

Nesse momento, desviou a vista do disco... olhou para Amélia Sachs, e disse:

- Quero que você pense novamente na cena do crime.
- Eu lhe contei tudo que vi.
- Não o que você viu. Quero saber o que foi que você sentiu.

Rhyme lembrou-se das milhares de vezes em que tinha processado uma cena de crime. Às vezes, acontecia um milagre. Olhava em volta quando,

de algum lugar, surgiam idéias sobre o elemento desconhecido. Não podia

explicar como isso acontecia. Os behavioristas falavam em elaboração de

perfil como se o tivessem inventado. Os criminalistas, porém, vinham fazendo

isso há centenas de anos. Percorra a grade, ande pelo lugar onde ele andou,

descubra o que ele deixou no local e o que ele levou - e você sairá da cena do

crime com um perfil tão nítido quanto um retrato.

- Diga-me - insistiu ele. - Como foi que você se sentiu?

- Inquieta. Tensa. - Amélia encolheu os ombros. - Não sei. Realmente,

não sei. Lamento.

Se tivesse podido se mover, Rhyme teria saltado da cama, agarrado

Amélia pelos ombros e lhe dado umas boas sacudidas. E gritado:
Mas você

sabe do que é que estou falando! Sei que você sabe. Por que você
não

colabora comigo?... Por que está me ignorando?

Nesse momento, compreendeu uma coisa... Que ela estava lá, no
porão cheio de vapor. Olhando para o corpo arruinado de T.J.
Sentindo

aquele cheiro nauseante. Viu isso na maneira como o polegar de
Amélia soltou

uma cutícula sangrenta, viu isso na maneira como ela mantinha a
polidéz da

terra de ninguém entre os dois. Ela detestou ficar naquele porão
nojento e

odiava-o por lhe lembrar que uma parte sua ainda continuava lá.

- Você está cruzando o porão - disse ele.

- Realmente não acredito que possa ajudar em mais alguma coisa.

- Vamos continuar o jogo - disse ele, lutando para controlar a
impaciência. Sorriu. - Diga o que foi que você pensou.

O rosto da moça tornou-se imóvel e ela respondeu:

- São... apenas pensamentos. Impressões que todos têm.

- Mas você estava lá. Todos não estavam. Diga.

- Era assustador ou alguma coisa assim...

Ela pareceu lamentar a palavra desajeitada.

Antiprofissionl.

- Eu senti...

- Alguém espionando-a? - perguntou ele.

As palavras dele surpreenderam-na.

- Sim, foi exatamente isso.

O próprio Rhyme sentira isso antes. Muitas vezes. Havia sentido isso três anos e meio antes, curvado sobre o corpo em decomposição do jovem

policia, tirando uma fibra do uniforme. Teve certeza de que havia alguém por

perto. Mas não havia ninguém - apenas uma grande viga de carvalho que

escolheu aquele exato momento para soltar-se com um chiado, partir-se e

descer sobre o ponto onde se localizava sua quarta vértebra cervical, com

todo o peso da terra.

- O que foi que você pensou, Amélia?

Ela não resistia mais. Os lábios estavam relaxados, os olhos se dirigiram para o pôster enrolado de Nighthawks - pessoas sentadas para

jantar, solitárias, ou se sentindo contentes por estarem sozinhas. Respondeu:

- Eu me lembro de ter dito a mim mesma: "Cara, que lugar mais velho." Era como uma das fotografias que a gente vê de fábricas e coisas

assim do início do século. E eu...

- Espere - cortou-a Rhyme. - Vamos pensar nisso. Velhas...

Seus olhos moveram-se para o mapa do Levantamento Randel.

Antes, ele tinha comentado o interesse do elemento desconhecido pela Nova York histórica. E o prédio onde T.J. Colfax morreu era velho,

também. E também o túnel da estrada de ferro onde haviam encontrado o

primeiro corpo. Os trens da New York Central costumemente corriam pela

superfície. Mas tinha havido tantas mortes de gente cruzando a linha que a

Avenida Onze ganhou o nome de Avenida da Morte e a estrada foi finalmente

obrigada a desviar as linhas para o subsolo.

- E a Pearl Street - disse Rhyme pensativo para si mesmo – era uma importante linha auxiliar na velha Nova York. Por que ele está tão interessado

em coisas antigas? - Voltou-se para Sellitto e perguntou: - Terry Dobyys ainda

trabalha para nós?

- O psiquiatra? Ainda. Trabalhamos juntos em um caso no ano passado. Falando nisso, ele perguntou por você. Disse que ligou umas duas

vezes e que você nunca...

- Certo, certo, certo - interrompeu-o Rhyme. - Chame-o aqui. Quero saber o que ele pensa sobre os hábitos mentais do 238. Agora, Amélia, o que

foi mais que você pensou?

Ela encolheu os ombros, mas com uma indiferença grande demais.

- Em nada.

- Nada?

E onde era que ela escondia seus sentimentos?, especulou ele,

lembrando-se de alguma coisa que Blaine dissera certa vez, vendo uma mulher

deslumbrante descendo a Quinta Avenida: Quanto mais belo o pacote, mais

difícil desembrulhado.

- Não sei... Tudo bem, lembro-me de uma coisa em que pensei. Mas ela não significa coisa alguma. Não é nada como se fosse uma observação profissional.

Profissional...

É uma merda quando você estabelece seus próprios padrões, não é, Amélia?

- Vamos ouvi-la.

- Quando você estava querendo que eu fingisse que era ele? E quando

eu descobri onde ele ficou para olhar para ela?

- Continue.

- Bem, eu pensei... - Durante um momento, pareceu que lágrimas ameaçavam encher seus belos olhos. Eles eram de um azul iridescente, notou

Rhyme. Mas, no mesmo instante, ela se controlou. - Eu me perguntei se ela

teria um cachorro. A moça, a Colfax.

- Um cachorro? Por que pensou nisso?

Amélia hesitou por um momento e, em seguida, respondeu:

- Uma amiga minha... há alguns anos. Estávamos combinando comprar um cachorro quando, bem, quando fôssemos morar juntas. Eu

sempre quis ter um cachorro. Um collie. Foi engraçado. Essa era a raça que

minha amiga também queria. Mesmo antes de a gente se conhecer.

- Um cachorro. - O coração de Rhyme bateu como besouros se chocando em uma porta de tela no verão. - E...?

- Eu pensei que aquela mulher...

- T.J. - disse Rhyme.

- T.J. - continuou Sachs. - Simplesmente pensei como aquilo era triste... se tivesse um bicho de estimação, ela não voltaria mais para casa e para

ele e não brincaria mais com ele. Não pensei em namorados ou marido dela.

Pensei em bichos de estimação.

- Mas por que esse pensamento? Cachorros, bichos de estimação? Por

quê?

- Não sei.

Silêncio.

Finalmente, Amélia disse:

- Acho que, vendo-a amarrada ali... E pensei nele ali, de pé, vigiando-a.

Simplesmente ali, entre os tanques de óleo. Era como se estivesse observando

um animal numa gaiola.

Rhyme olhou para as ondas sinoidais na tela do computador do GC-MS.

Animais... Nitrogênio...

- Merda! - exclamou ele.

Cabeças voltaram-se para ele.

- É merda! - disse Rhyme, olhando para a tela.

- É, claro! - disse Cooper, excitado, penteando os cabelos com as mãos. - Todo esse nitrogênio. É esterco. E esterco velho, por falar nisso.

De repente, Lincoln Rhyme teve um daqueles momentos em que havia pensado antes. O pensamento simplesmente explodiu em sua mente. A

imagem era de cordeiros.

- Lincoln, você está bem? - perguntou Sellitto.

Um cordeiro, andando tranquilamente pela rua.

Era como se ele estivesse observando um animal...

- Thom - perguntou Sellitto nesse momento -, ele está bem?

...numa gaiola.

Rhyme imaginou o animal, confiante. Um chocalho no pescoço, dezenas de outros vindo atrás dele.

- Lincoln - disse Thom, preocupado -, você está suando. Está se sentindo bem?

- Psiu - ordenou o criminalista.

Sentiu a coceira do suor descendo pelo rosto. Inspiração e ataque do

coração. Os sintomas são estranhamente semelhantes. Pense, pense...

Ossos, postes de madeira e esterco...

- Isso mesmo! - disse baixinho. Um cordeiro judas, levando o rebanho

para o abate. - Currais - disse ele para a sala. - Ela está sendo mantida em

cativeiro em um curral.

CAPÍTULO XIII

- Não há currais em Manhattan.

- No passado, Lon - lembrou Rhyme. - Coisas antigas excitam nosso rapaz. Dão tesão nele. Temos que pensar em velhos currais. Quanto mais

antigos, melhor.

Ao relizar pesquisas para seu livro, Rhyme leu sobre um assassinato de

que fora acusado Owney Madden, um bandido refinado: de ter matado a tiros

um contrabandista rival em frente à sua casa na Hell's Kitchen. Madden nunca

foi condenado - pelo menos, não por esse crime em particular. No banco das

testemunhas, falando com sua voz melodiosa, de sotaque britânico, ele deu ao

tribunal uma aula sobre traição. "Todo esse caso foi inventado por meus

rivais, que estão contando mentiras a meu respeito. Meritíssimo, sabe o que é

que eles me lembram? No meu bairro, na Hell's Kitchen, rebanhos de

cordeiros eram levados pelas ruas, dos currais para os matadouros na rua 42.

E sabe quem ia à frente deles? Não um cachorro, não um homem. Mas um

deles. Um cordeiro judas, com um chocalho em volta do pescoço. Ele ia à

frente do rebanho, subindo aquela rampa. Mas parava aí e o resto entrava. Eu

sou um cordeiro inocente e essas testemunhas que depõem contra mim são os

judas.”

- Ligue para a biblioteca, Banks - continuou Rhyme. - Eles devem ter lá um historiador.

EMENTO DESCONHECIDO 238

Aparência Residência Veículo Diversos

- Branco, homem, estatura baixa
- Roupa escura
- Luvas velhas, pelica, avermelhadas
- Loção após barba: para encobrir cheiro?
- Máscara de esquiador? Azul-marinho?
- Prov. tem casa segura
- Táxi Yellow Cab
- Conhece proc. de CC
- Possivelmente tem antec. criminais
- Conhece levantamento de impressões digitais
- Arma = .32 Colt
- Amarra vít. com nós incomuns
- O “Antigo” o atrai

O jovem detetive abriu o telefone celular e fez a ligação. A voz baixou

um tom ou dois enquanto falava. Depois de explicar o que necessitavam,

parou de falar e olhou para o mapa da cidade.

- E então? - perguntou Rhyme.

- A biblioteca está procurando alguém. Conseguiram... - baixou a voz

enquanto alguém respondia do outro lado e ele repetia o pedido. Começou a

balançar a cabeça para baixo e disse às pessoas na sala: - Consegui duas

localizações... não, três.

- Quem é? - perguntou Rhyme. - Com quem você está falando?

- Com o curador dos arquivos da cidade... Ele disse que houve três

grandes áreas de currais em Manhattan. Uma no West Side, perto da rua 60...

Outra no Harlem, nas décadas de 1930 e 1940. E, finalmente, no Lower East

Side durante a Revolução.

- Precisamos de endereços, Banks. Endereços.

Banks voltou à escuta.

- Ele não tem certeza.

- Por que ele não pode verificar isso? Diga a ele para fazer uma pesquisa!

- Ele ouviu o que o senhor disse, senhor - respondeu Banks. - E perguntou: onde? Verificar onde? Naquela época não havia ainda as Páginas

Amarelas. Ele está examinando velhos...

- Mapas demográficos de bairros comerciais, sem nomes de rua - especulou Rhyme. - Obviamente. Diga a ele para dar um palpite.

- É isso que ele está fazendo. Está pensando.

- Precisamos que ele dê um palpite logo.

Banks continuou a escutar, inclinando a cabeça.

- O que, o que, o que, o quê?

- Perto da rua 60 com a Décima - respondeu o jovem policial. E um momento depois: - Lexington, perto do rio Harlem.... E em seguida... onde

ficava a fazenda Delaney. Isso fica próximo da Delaney Street?

- Claro que fica. A partir de Little Italy, o caminho todo até o East River. Um bocado de território. Quilômetros. Pergunte a ele se não pode ser

mais preciso.

- Nas imediações da Catherine Street. Lafayette... Walker. Ele não tem

certeza.

- Perto dos prédios das cortes de justiça - sugeriu Sellitto e voltou-se para Banks: - Ponha as equipes de Haumann em ação. Divida-as. Diga-lhes

para visitar todos esses três bairros.

O jovem detetive fez a ligação e em seguida levantou a vista:

- E agora, o quê?

- Odeio essa merda de esperar - murmurou Sellitto.

Sachs virou-se para Rhyme:

- Posso usar seu telefone?

Rhyme indicou com a cabeça o aparelho na mesinha-de-cabeceira.

Ela hesitou por um momento.

- Vocês têm um lá fora?

E apontou para o corredor.

Rhyme confirmou com um aceno de cabeça.

Com uma postura perfeita, ela saiu da sala. Pelo espelho do corredor,

ele pôde vê-la, solene, dando o precioso telefonema. Para quem?, perguntou a

si mesmo. Namorado? Marido? Creche? Por que tinha hesitado ao mencionar

a "amiga", quando lhes falou sobre o collie? Havia uma história por trás disso,

apostava.

Quem quer que ela estivesse procurando não estava no número

chamado. Rhyme notou que seus olhos se transformaram em dois seixos azul-

escuros quando não recebeu resposta. Ela ergueu a vista e surpreendeu

Rhyme observando-a do vidro empoeirado. Virou as costas. Repôs o telefone

no gancho e voltou para a sala.

Houve silêncio durante cinco minutos inteiros. Rhyme carecia do

mecanismo que a maioria das pessoas usa para aliviar tensão. Quando tinha os

movimentos, fora um maníaco em andar de um lado para o outro, o que

deixava loucos os funcionários da Polícia Técnica. Nesse momento, seus

olhos vasculhavam energicamente o mapa Randel da cidade, enquanto Sachs

enfiava a mão sob o quepe de patrulheira e coçava o couro cabeludo. O

invisível Mel Cooper catalogava provas, calmo como um cirurgião.

Todos, menos uma pessoa na sala, saltaram quando o telefone de Sellitto deu sinal. Ele escutou e os lábios se abriram num sorriso.

- Ouvi!

Era de um dos homens de Haumann, que se encontrava no cruzamento da Onze com a rua 60. Tinham ouvido gritos de mulher vindo de

algum lugar por ali. Não sabiam com certeza onde. Estavam fazendo investigação de porta em porta.

- Calce seus sapatos de corrida - ordenou Rhyme a Sachs.

Notou seu ar de frustração. Ela olhou para o telefone de Rhyme, como se o aparelho pudesse tocar a qualquer momento com uma ordem do

governador de sua retirada daquele caso. Em seguida, olhou para Sellitto, que

examinava nesse momento um mapa tático da Unidade de Operações

Especiais cobrindo a área do West Side.

- Amélia - disse Rhyme -, nós perdemos uma vítima. Foi uma pena.

Mas não temos que perder mais outra.

- Se você a tivesse visto - murmurou ela. - Se apenas tivesse visto o

que ele fez com ela...

- Mas eu vi, Amélia - disse ele tranquilamente, os olhos implacáveis e

desafiadores. - Eu vi o que aconteceu com T.J. Vi o que aconteceu com

corpos deixados em malas quentes durante um mês. Vi o que meio quilo de

C4 faz com braços, pernas e rostos. Processei a cena do crime no clube social

Happy Land. Mais de oitenta pessoas queimadas até a morte. Tiramos fotos

polaróide do rosto das vítimas, ou do que restava delas, para que fossem

identificadas pelas famílias... porque não há maneira de um ser humano passar

por aquelas fileiras de corpos e permanecer em seu juízo. Exceto nós. Não

tínhamos opção. - Tomou uma profunda respiração para tentar combater a

dor lancinante que lhe percorreu o pescoço. - Entenda, se vai ter sucesso

neste trabalho, Amélia... Se quer ter sucesso na vida, vai ter que aprender a

esquecer os mortos.

Um após outro, todos ali na sala haviam interrompido o que estavam

fazendo e olhavam para os dois.

Nada de palavras gentis nesse momento da parte de Amélia Sachs.

Nada de sorrisos polidos. Ela tentou por um momento manter o rosto

impassível. Mas o rosto era transparente como vidro. A fúria que sentia contra

ele - desproporcional ao comentário que ele tinha feito - fervia dentro dela, o

rosto longo contraído sob a força de uma sombria energia. Empurrou para o

lado um cacho dos cabelos ruivos e agarrou na mesa os fones de ouvido. No

alto da escada, parou e lançou-lhe um olhar de secar pimenteira, lembrando a

Rhyme que nada havia de mais frio que o sorriso frio de uma bela mulher.

E, por alguma razão, Rhyme se descobriu pensando: Que bom ter você de volta, Amélia.

- O que foi que conseguiu? Você tem mercadoria para entregar, tem uma história para contar, tem fotos?

Malandro estava sentado em um bar no East Side de Manhattan, na

Terceira Avenida - que para a cidade era o que os shopping centers são para os

subúrbios grã-finos. Aquele bar de segunda classe logo estaria agitado com

candidatos a yuppies. Nesse momento, porém, era o refúgio de moradores

locais malvestidos, que faziam refeições de peixe duvidoso e saladas amolecidas.

O homem magro, com uma pele que lembrava ébano, usava uma camisa muito branca e um terno muito verde. Inclinou-se mais para Malandro.

- Você tem notícias, tem códigos secretos, tem cartas? Tem alguma merda?

- Cara... Ah...

- Você não está rindo quando diz "Ah" - observou Fred Dellray, na realidade, D'Ellret, mas isso fora há gerações. Tinha 1,88m de altura, raramente

sorria, a despeito de falar em gíria, e era um agente especial de primeira-classe

da Superintendência do FBI em Manhattan.

- Não, cara. Não estou rindo.

- Então, o que foi que você conseguiu!

- A coisa demora, cara.

Malandro, um homem de pequena estatura, coçou o cabelo seboso.

- Mas você não tem tempo. Tempo é precioso, o tempo voa, e tempo

é uma coisa que você não tem. Entendeu?

Dellray pôs a mão enorme sob a mesa, na qual havia duas xícaras de

café, e apertou a coxa de Malandro até que ele gemeu.

Seis meses antes, aquele cara magrelo tinha sido flagrado tentando vender M-16s automáticos a uma dupla de tipos fanáticos da direita que -

fossem isso na verdade ou não - eram também agentes do BATF.

Os federais, claro, não queriam o próprio Malandro, aquela coisa pequenina, de olhos esbugalhados, sebosa. Queriam quem quer que estivesse

fornecendo os fuzis. A ATF obteve algum sucesso, mas não eram esperados

estouros de depósitos clandestinos de armas, de modo que o entregaram para

Dellray, o Número Uno do FBI para tratar desses casos, e descobrir se o

homenzinho podia ter alguma utilidade. Até esse momento, porém, ele tinha

provado que era apenas um rato irritante, que aparentemente não tinha nem

informações confidenciais, nem códigos secretos e nem mesmo merda

nenhuma para passar aos federais.

- A única maneira de a gente evitar fazer uma acusação contra você, qualquer acusação, é você nos passar alguma coisa bela e nojenta. Estamos

entendidos neste particular?

- Não tenho nada para vocês agora, é isso o que estou dizendo.

Simplesmente agora.

- Mentira, mentira. Você tem alguma coisa pra contar. Posso ver isso nas suas fuças. Você sabe de alguma coisa, seu sacana.

Um ônibus parou do lado de fora, com um silvo do freio a ar Um grupo de paquistaneses cascateou pela porta.

- Cara, essa merda de conferência das Nações Unidas - murmurou Malandro -, para que diabos eles vieram para cá? Esta cidade já está atravancada demais. Todos eles são estrangeiros.

- "Merda de conferência". Seu safadinho, seu bostinha – disse Dellray.

- O que é que você tem contra a paz mundial?

- Nada.

- Agora me conte alguma coisa boa.

- Não sei de nada bom.

- Com quem você estava conversando? - Dellray sorriu

diabolicamente. - Eu sou o Camaleão. Posso rir e ficar feliz, ou posso fazer

cara feia e apertar.

- Não, cara, não - guinchou Malandro. - Merda, isso dói. Pare com isso.

O garçom do bar lançou a vista sobre eles. Um rápido olhar de Dellray e ele voltou a enxugar os copos.

- Tudo bem, eu sei de uma coisa. Mas preciso de ajuda. Preciso...

- Hora de apertar, de novo.

- Vá se foder, cara. Simplesmente, vá se foder!

- Oh, isso é o que eu chamo de um diálogo esperto – retrucou Dellray.

- Você até parece que está trabalhando nesses filmes ordinários, você sabe, o

bandido e o mocinho finalmente se encontram. Tal como Stallone e qualquer

outro cara. E tudo que um consegue dizer ao outro é: "Foda-se, cara." "Não,

foda-se você." Agora, você vai me contar alguma coisa que valha a pena.

Estamos entendidos?

E simplesmente olhou para Malandro, até que ele pediu arrego.

- Tudo bem, o negócio é o seguinte. Estou confiando em você, cara, estou mesmo.

- Sei, sei, sei. O que foi que descobriu?

- Eu estava conversando com Jackie. Conhece Jackie?

- Conheço.

- E ele estava me contando.

- O que era que ele estava contando?

- Ele me disse que tinha ouvido uma coisa, que alguém estava indo e

vindo esta semana, fazendo isso nos aeroportos.

- O que era que estava entrando e saindo? Mais fuzis M-16?

- Eu lhe disse, cara, não foi nada que eu fiz. Estou contando o que Jackie...

- ...lhe disse.

- Certo, cara. Apenas de modo geral, sabia? - Malandro virou os grandes olhos castanhos para Dellray. - Eu ia mentir pra você?

- Jamais perca sua dignidade - avisou solenemente o agente, apontando um dedo severo para o peito de Malandro. - Agora, que história é

essa sobre aeroportos? Kennedy? La Guardia?

- Não sei. Tudo que sei é que alguém ia a um aeroporto aqui.
Alguém

que era muito mau.

- Dê um nome.

- Não soube de nome.

- Onde está Jackie?

- Não sei, droga. África do Sul, acho. Talvez, Libéria.

- O que é que tudo isso significa?

Dellray apertou novamente o cigarro.

- Acho que havia uma chance de alguém se ferrar, você sabe, de modo

que ninguém ia receber as remessas que vinham.

- Dê um palpite.

Malandro se encolheu todo de medo, mas Dellray não estava

pensando em atormentar mais o homenzinho. Estava ouvindo sinos de

alarme: Jackie - um traficante de armas que os dois departamentos conheciam

há anos - podia ter ouvido alguma coisa de um de seus clientes, soldados que

estavam na África, na Europa Central, em células de milícias na América,

sobre algum ataque terrorista em aeroportos. Normalmente, Dellray não

pensaria em coisa alguma sobre um assunto como esse, exceto por aquele

sequestro no JFK na noite passada. Não deu muita atenção ao caso - era um

caso do DPNY. Mas, nesse momento, estava pensando também naquele

ataque a bomba frustrado na reunião da UNESCO em Londres, num desses

dias.

- Seu amigo lhe disse mais alguma coisa?

- Não, cara. Nada. Ei, estou com fome. A gente não pode comer alguma coisa?

- Lembra-se do que eu lhe disse sobre dignidade? Pare de gemer. -

Dellray levantou-se. - Vou ter que dar um telefonema.

O VRR derrapou e parou na rua 60.

Sachs tirou do veículo a valise usada nas cenas de crime, a PoliLight e

a grande lanterna de doze volts.

- Vocês chegaram a ela a tempo? - gritou Sachs para um membro da

Operações Especiais. - Ela está bem?

Ninguém respondeu, no início. Em seguida, ela ouviu gritos.

- O que é que está acontecendo? - disse ela em voz baixa, correndo arquejante para a grande porta, que havia sido derrubada pelos homens da

Operações Especiais. A porta abria para uma grande entrada de automóveis

que descia para um prédio de tijolos abandonado.

- Ela ainda está lá?

- Está tudo bem.

- Por quê? - perguntou uma chocada Amélia Sachs.

- Recebemos ordens de não entrar.

- Não entrar? Ela está gritando. Não estão ouvindo?

Um policial da UOE respondeu:

- Eles nos disseram para esperar por você.

Eles. Não, não eles, absolutamente. Lincoln Rhyme. Aquele filho da puta.

- É você quem deve encontrá-la - disse o policial. - Você é quem deve

entrar.

Amélia ligou os fones de ouvido.

- Rhyme! - disse secamente. - Você está na linha?

Nenhuma resposta... O covarde escroto.

Esquecer os mortos... Filho da puta! Furiosa como se sentiu ao descer

como um pé-de-vento a escada da casa dele há alguns minutos, nesse

momento ela estava duplamente furiosa.

Olhou para trás e notou um paramédico ao lado do ônibus da UOE.

- Você, venha comigo.

Ele deu um passo à frente e viu que ela sacava a arma. Parou.

- Estou fora - disse o paramédico. - Não sou obrigado a entrar até que a área esteja segura.

- Agora! Mova-se!

Ela girou na direção dele e ele deve ter visto mais boca de arma de fogo do que queria. Fez uma careta e correu atrás dela. Ouviram um grito que

vinha do subsolo.

- Aiiii! Hilfe! - Depois soluços.

Jesus! Sachs começou a correr para a porta enorme, de uns quatro metros de altura, e para a escuridão esfumaçada no lado de dentro.

Dentro da cabeça, ouviu uma voz: Você é ele, Amélia. O que é que

você está pensando?

Vá embora, disse ela mudamente.

Lincoln Rhyme, porém, recusou-se a desaparecer.

Você é um assassino e um seqüestrador, Amélia. Por onde você andaria, no que é que tocaria?

Esqueça! Eu vou salvá-la. Foda-se a cena do crime...

- Mein Gott! Por favoor! Al... guém! Por favoor, me ajudem!

Vá, gritou Sachs consigo mesma. Corra! Ele não está aqui.

Você está em segurança. Vá até ela, vá...

Acelerou, a valise de material chocalhando enquanto corria. Em seguida, já uns sete metros dentro do túnel, parou. Não queria saber que lado

tinha ganho a parada.

- Oh, foda-se - cuspiu. Pôs a valise no chão e abriu-a. Bruscamente, perguntou ao paramédico: - Você, qual é o seu nome?

O jovem, nervoso, respondeu:

- Tad Walsh. Quero dizer, o que é que está acontecendo?

E olhou para dentro da escuridão.

- Oh... Bitte, helfen Sie mir!

- Dê-me cobertura - disse Sachs baixinho.

- Cobertura? Espere aí, isso não é minha atribuição.

- Pegue a arma, certo?

- Eu devo dar proteção a você contra o quê?

Enfiando a automática na mão do rapaz, ela caiu de joelhos.

- Puxei a trava de segurança. Tenha cuidado.

Amélia pegou dois elásticos e passou-os em volta dos sapatos.

Retomando a pistola, disse a ele que fizesse o mesmo com os elásticos.

Com mãos trêmulas, o rapaz fez o que ela mandou.

- Estou justamente pensando...

- Calado. Ele ainda pode estar aqui.

- Espere aí, madame - disse baixinho o paramédico. - Essa não é a descrição de minhas funções.

- Nem das minhas. Segure esta luz. - E entregou a lanterna ao rapaz.

- Mas se ele ainda estiver aqui, provavelmente vai atirar na luz. Quero

dizer, era nisso que eu atiraria.

- Neste caso, mantenha a luz alta. Acima de meu ombro. Eu entro na

frente. Se alguém levar um tiro, serei eu.

- Nesse caso, o que é que faço?

Tad parecia um adolescente falando.

- Eu mesma vou correr como o diabo - disse Sachs baixinho. -
Agora,

siga-me. E mantenha firme esse fecho de luz.

Levando a valise preta da Polícia Técnica na mão esquerda, com a
 arma apontada para a frente, olhou para a porta e os dois entraram
 na

escuridão. Ela viu novamente as conhecidas marcas de vassoura,
 exatamente

como na outra cena de crime.

- Bitte nicht, bitte nicht, bitte... - Um curto grito e depois silêncio.

- O que diabo está acontecendo lá embaixo? - murmurou Tad.

- Shhhhh - silvou Amélia.

Andaram devagar. Sachs soprou os dedos que empunhavam a Glock
 -

para secar o suor pegajoso - e, com todo cuidado, olhou para
 possíveis alvos,

como pilares de madeira, sombras, maquinaria abandonada,
 iluminados pela

lanterna mantida oscilante nas mãos de Tad.

Não encontrou pegadas.

Claro que não. Ele é sabido.

Mas nós também somos sabidos, ouviu Lincoln Rhyme dizer em sua mente. E ela lhe disse que calasse a boca.

Mais devagar nesse momento.

Mais um metro e meio. Parada. Novamente movendo-se devagar.

Fazendo força para ignorar os gemidos da moça. Sentiu aquilo novamente -

aquela sensação de estar sendo espionada, o arrastamento suave do aparelho

de mira de uma arma seguindo-a. O colete, pensou, não deteria uma bala de

metal. A metade dos bandidos, de qualquer modo, usava Black Talons - de

modo que um tiro numa perna ou braço matava o cara com tanta eficiência

quanto um tiro no peito. E com muito mais dor. Nick tinha lhe contado que

uma dessas balas podia abrir em dois um corpo humano. Um de seus

parceiros, atingido por dois desses projéteis, havia morrido em seus braços.

Acima e atrás...

Pensando nele, lembrou-se de uma noite, deitada sobre o sólido

ombro de Nick, olhando para a silhueta de seu belo rosto italiano no travesseiro, enquanto ele lhe contava sobre a invasão de um local para salvar

um refém. "Quem quiser pegá-la quando você entrar, vai fazer isso de cima e

de trás..."

- Merda. - Deixou-se cair em um agachamento, girando em volta de si

mesma, apontando a Glock para o teto, pronta para esvaziar todo o carregador.

- O quê? - murmurou Tad, acovardando-se. - O quê?

O vazio escancarou-se para ela.

- Nada. - Respirou fundo e levantou-se.

- Não faça isso.

Os dois ouviram um som de engasgamento à frente.

- Jesus! - disse Tad novamente. - Odeio esta coisa.

Esse cara é bicha, pensou ela. Sei disso porque ele está dizendo tudo

que eu queria dizer. Parou.

- Ilumine aquele lugar lá em cima. A frente.

- Oh, meu bendito...

Sachs, finalmente, compreendeu os pêlos que tinha encontrado na última cena de crime. Lembrou-se do olhar trocado entre Sellitto e Rhyme.

Ele soube na ocasião o que o elemento desconhecido havia planejado. Ele

soube que era isso que estava acontecendo com ela - mas, ainda assim,

ordenou à UOE que esperasse. E por isso odiou-o ainda mais.

À frente deles, viu uma moça gordinha estendida no chão, em uma poça de sangue. Ela virou para a luz os olhos vidrados e desmaiou, exatamente no momento em que um rato preto enorme - do tamanho de um

gato doméstico - rastejou por cima da barriga da moça e dirigiu-se para a

garganta carnuda. E arreganhou os dentes imundos para morder-lhe o queixo.

Em movimentos suaves, Sachs ergueu a pesada Glock preta, a palma

da mão esquerda embaixo do cabo para lhe dar um apoio firme. Fez pontaria

com todo cuidado.

Atirar é respirar.

Inale, exale. Aperte o gatilho.

Pela primeira vez no cumprimento do dever, Sachs usou a arma.

Quatro tiros. O rato imenso que estava em cima do peito da moça praticamente explodiu. Ela acertou em outro no chão atrás da moça e em

outro que, em pânico, correu para ela e para o paramédico. Os outros

desapareceram silenciosamente, tão rápidos como água sobre areia.

- Jesus! - exclamou o paramédico. - Você podia ter atingido a moça.

- De dez metros de distância? - resmungou Sachs. – Dificilmente.

O rádio explodiu em sons e Haumann perguntou se eles estavam sob

fogo.

- Negativo - respondeu Sachs. - Eu estava apenas atirando em alguns

ratos.

- Ouvido e entendido.

Amélia tomou a lanterna das mãos do paramédico e, apontando o fecho para o chão, deu um passo à frente.

- Está tudo bem, moça - disse em voz alta. - Você vai ficar bem.

Os olhos da moça se abriram, a cabeça balançou frouxamente de um

lado para o outro.

- Bitte, bitte...

Ela estava muito pálida. Os olhos azuis colaram-se em Sachs, como se

tivesse medo de perdê-la.

- Bitte, bitte... Por favor...

A voz subiu para um alto ganido e ela começou a soluçar e a debater-

se em pavor, enquanto o paramédico aplicava ataduras nos ferimentos.

Sachs aninhou nos braços a cabeça loura, sussurrando:

- Você vai ficar bem, querida, vai ficar bem, vai ficar bem..

CAPÍTULO XIV

O escritório, no alto de um edifício no centro de Manhattan, tinha vista para Nova Jersey. A poeira que pairava no ar transformava o pôr-do-sol

em beleza perfeita.

- Temos que fazer isso.

- Não podemos.

- Temos que fazer isso - repetiu Fred Dellray e tomou um gole de café... ainda pior do que o servido no restaurante onde ele e Malandro

estavam, não muito tempo antes. - Tirar o caso das mãos deles. Eles

sobreviverão.

- É um caso local - disse o agente assistente especial chefe da Superintendência do FBI em Nova York. O AECS era um homem meticoloso, que jamais poderia trabalhar clandestinamente. Porque, quando se

olhava para ele, todo mundo pensava: Oh, um agente do FBI.

- Não é local. Eles o estão tratando como caso local. E é um caso importante.

- Estamos com um desfalque de oitenta agentes por causa dessa coisa

das Nações Unidas.

- E o caso tem relação com ela - retrucou Dellray. - Tenho certeza disso.

- Se é isso, vamos informar à Segurança da ONU. Deixar que todos...

Oh, não me olhe desse jeito.

- Segurança das Nações Unidas? Segurança das Nações Unidas?

Escute aqui, você já ouviu alguma vez a palavra oximoro?... Billy, está vendo

esta foto? Da cena, esta manhã? A mão saindo da terra, toda a pele arrancada

desse dedo? Foi uma merda o que fizeram lá.

- O DPNY está nos mantendo informados - respondeu o
superintendente. - Temos a Divisão de Comportamento Criminal
ligada
conosco, se as Nações Unidas quiserem alguma outra informação.

- Oh, Jesus Cristo. Comportamento ligado conosco? Temos que
pegar
esse estripador, Billy. Pegá-lo. E não perder tempo com burocracia.

- Diga de novo o que lhe disse seu informante.

Dellray reconhecia uma rachadura numa pedra, quando a via. Não ia
deixar que ela se fechasse de novo. Fogo rápido nesse instante:
sobre

Malandro, Jackie em Joanesburgo ou em Monróvia, e a conversa à
boca

pequena no tráfico de armas de que alguma coisa ia acontecer no
aeroporto de

Nova York naquela semana e que era melhor evitar esse lugar.

- É ele - garantiu Dellray. - Tem que ser.

- O DPNY tem uma unidade de operações especiais.

- Mas não antiterrorismo. Dei uns telefonemas. Ninguém na AT sabe
de coisa alguma a esse respeito. Para o DPNY, turista morto é
péssimo para

relações públicas. Eu quero esse caso, Billy. – E Fred Dellray
pronunciou uma

palavra que jamais tinha dito em seus oito anos como agente secreto: - Por

favor.

- Sobre que fundamentos você está falando?

- Oh, oh, que pergunta mais boba - respondeu Dellray, apontando-lhe

o dedo indicador como uma professora rigorosa. - Vamos ver. Conseguimos

aquela lei antiterrorismo novinha em folha. Mas isso não é suficiente para

você. Quer que seja observada a questão de jurisdição? Eu lhe dou jurisdição.

Um crime contra a Autoridade Portuária, que administra os aeroportos.

Sequestro, que é crime da alçada federal. Posso mesmo argumentar que esse

sacana está usando um táxi e, portanto, afetando o comércio interestadual.

Mas não queremos fazer esses jogos, queremos, Billy?

- Você não está me ouvindo. Posso recitar as leis federais até

dormindo, obrigado. Quero saber se vamos assumir a solução do caso, o que

é que vamos dizer às pessoas e tornar todo mundo feliz. Porque, lembre-se,

quando esse elemento desconhecido for preso e acusado, vamos ter que

continuar a trabalhar com o DPNY. Não vou mandar meu irmão mais velho

para bater no irmão mais velho dele, mesmo que eu possa fazer isso quando

eu quiser. Lon Sellitto está encarregado das investigações e ele é um cara

competente.

- Um tenente? - resmungou Dellray. - Puxou o cigarro de trás da orelha e colocou-o embaixo das narinas por um momento.

- Jim Polling é quem está supervisionando o caso.

Dellray recuou com fingido horror.

- Polling? O pequeno Adolph? O "você-tem-o-direito-de-ficar-calado-porque-vou-bater-em-você-nessa-sua-cabeça-de-merda"? Polling? Ele?

O AECS não tinha resposta para essas palavras. Disse apenas:

- Sellitto é competente. Um verdadeiro burro de carga. Trabalhei com

ele em duas forças-tarefa da OC.

- Esse elemento desconhecido está sequestrando gente à esquerda e à

direita, e este rapaz aqui aposta que ele vai ficar ainda mais ambicioso.

- Significando o quê?

- Temos senadores na cidade. Temos deputados, temos chefes de Estado. Acho que esses caras que ele está sequestrando agora são apenas para fins de treinamento.

- Você esteve conversando com Comportamento e não me disse?

- É o que ando farejando por aí.

Dellray não pôde evitar de tocar no nariz fino. O AECS soprou o ar de dentro das bochechas de agente federal bem escanhoado.

- Quem é o IC?

Dellray teve problema para descrever Malando como informante confidencial, o que parecia alguma coisa saída dos romances de Dashiell

Hammett. A maioria dos ICs era composta de esqs., abreviatura de esqueletos,

significando sacaninhas magrelos, repugnantes. Uma carapuça que cabia

perfeitamente na cabeça de Malandro.

- Ele é um mentiroso - reconheceu Dellray. - Mas, Jackie, o cara de quem ele ouviu a coisa é um tipo que merece fé.

- Sei que você quer esse caso, Fred. Compreendo isso.

O chefe disse essas palavras com certa simpatia. Isso porque sabia exatamente o que havia por trás do pedido de Dellray.

Desde o tempo de menino no Brooklyn, Dellray queria ser policial.

Não importava muito que tipo de policial, desde que pudesse passar 24 horas

por dia fazendo esse trabalho. Mas, logo depois de ingressar no FBI, encontrou sua vocação - trabalho secreto.

Trabalhando com seu parceiro visível e anjo da guarda, Toby Dolittle,

Dellray foi responsável por tirar de circulação, por muito tempo, um grande

número de criminosos - em sentenças que totalizavam mil anos. "Podem nos

chamar de 'O Time do Milênio', Toby-O", dissera ele certa vez a seu parceiro.

A pista para o sucesso de Dellray podia ser encontrada em seu apelido:

"Camaleão", título que lhe foi concedido depois de ter representado - durante

um período de 24 horas - o papel de um doidão imbecil em uma boca de crack

do Harlem e de dignitário haitiano em um jantar no consulado panamenho,

desta vez com uniforme completo, incluindo uma faixa diagonal de condecoração no peito e um sotaque inquestionável. Os dois agentes eram

regularmente emprestados ao ATF ou ao DEA e, às vezes, a departamentos

de polícia municipal. Drogas e armas eram a especialidade de ambos, embora

tivessem boas notas em "mercadorias contrabandeadas".

A ironia do trabalho clandestino estava no fato de que, quanto mais competente o cara, mais cedo a aposentadoria. Palavras se espalham e os caras

importantes, os criminosos dignos de ser caçados, tornam-se mais difíceis de

enganar. Dolittle e Dellray descobriram que trabalhavam menos nesse campo

e mais como contatos com informantes e outros agentes clandestinos. E

apesar de esse trabalho não ter sido a primeira opção de Dellray - nada o

excitava tanto quanto bater as ruas -, ele, ainda assim, arranjava pretexto para

sair mais da Superintendência do que a maioria dos outros agentes do FBI.

Nunca lhe ocorreu solicitar transferência.

Isso até dois anos antes - até uma quente manhã de abril em Nova York. Dellray ia justamente deixar a Superintendência para pegar um avião no

La Guardia, quando recebeu um telefonema de um diretor-assistente do FBI

em Washington. O FBI é um ninho de hierarquias e Dellray não podia

imaginar por que o figurão estava, em pessoa, lhe telefonando. Até que ouviu

a voz sombria do figurão dar a notícia de que Toby Dolittle, juntamente com

um promotor federal-assistente, lotado em Manhattan, estavam no térreo do

prédio federal de Oklahoma City naquela manhã, preparando-se para prestar

depoimento em uma sessão à qual o próprio Dellray iria comparecer.

Seus corpos seriam enviados de avião para Nova York no dia seguinte.

Que foi também o dia em que Dellray preencheu o primeiro dos formulários

RFT-2230,

solicitando

transferência

para

a

Divisão

Antiterrorismo do FBI.

Aquele ataque com bomba foi o maior de todos os crimes para um

Fred Dellray que, quando ninguém estava olhando, devorava livros sobre

política e filosofia. Acreditava que nada havia de basicamente antiamericano

em cobiça ou avidez - ei, essas qualidades são estimuladas em toda parte, de

Wall Street à Colina do Capitólio. E se pessoas que faziam de cobiça ou avidez

um negócio ultrapassavam a linha da legalidade, Dellray tinha todo prazer em

identificá-las - embora nunca o fizesse por animosidade pessoal. Mas

assassinar pessoas por causa de suas crenças - merda, assassinar crianças antes

mesmo de elas saberem no que acreditavam -, oh, meu Deus, isso era uma

punhalada no coração do país. Sozinho em seu apartamento de dois cômodos

escassamente mobiliado no Brooklyn, após o enterro de Toby, Dellray

concluiu que era esse o tipo de crime em que queria trabalhar.

Infelizmente, porém, a reputação do Camaleão o havia precedido. O

melhor agente clandestino do FBI era nesse momento o melhor contato,

lidando com agentes e ICs em toda a Costa Leste. Seus chefes simplesmente

não podiam dar-se ao luxo de perdê-lo para um dos departamentos mais

mudos do FBI. Dellray era uma pequena lenda, pessoalmente responsável por

alguns dos grandes sucessos mais recentes do FBI. Por isso mesmo, com

grande pena, seus insistentes pedidos eram indeferidos.

O chefe conhecia bem toda essa história e, nesse momento,

acrescentou, com sinceridade:

- Eu gostaria muito de poder ajudá-lo, Fred. Sinto muito.

Tudo que Dellray ouviu nessas palavras, porém, foi a pedra rachando

um pouco mais. E, por isso, o Camaleão puxou um personagem do cabide e

olhou fixamente para o chefe. Desejou ter ainda aquele falso dente de ouro. O

urbano Dellray era um homem durão com a merda de um olhar maldoso. E

naquele olhar estava a mensagem inequívoca que todos os que andavam pelas

ruas reconheceriam imediatamente. Eu fiz uma por você, agora você faz uma

por mim.

Finalmente, o agoniado AECS disse, desajeitado:

- A questão é que precisamos de alguma coisa.

- Alguma coisa?

- De um gancho - continuou o chefe. - Não temos um gancho.

O que ele queria dizer era que precisava de uma razão para tirar o caso

da jurisdição do DPNY.

Política, política, politimerda.

Dellray baixou a cabeça, embora os olhos, castanhos como verniz, não

se afastassem um único milímetro do superintendente.

- Esta manhã, ele cortou a pele do dedo daquela vítima, Billy. Cortou até o osso. Em seguida, enterrou-o, ainda vivo.

Duas mãos bem lavadas de agente federal se encontraram sob uma mandíbula tensa. Em voz pausada, o AECS disse:

- Um pensamento para você. Sobre um vice-comissário no DPNY. O

nome dele é Eckert. Conhece? Ele é amigo meu.

A moça, estirada na maca, olhos fechados, embora consciente, estava

tonta. Ainda pálida. Um quarto de litro de soro era injetado nesse momento

em seu braço. Em seguida, reidratada, ela ficou coerente e notavelmente

calma, considerando-se tudo que acontecera.

Sachs voltou novamente aos portais do inferno e ficou olhando para o

outro lado da soleira escura da porta. Ligou o rádio e chamou Lincoln Rhyme.

Desta vez, ele respondeu.

- Qual é o aspecto da cena? - perguntou ele, em tom casual.

A resposta de Amélia foi seca:

- Conseguimos tirá-la de lá. Se estiver interessado...

- Ah, ótimo. Como está ela?

- Não está ótima.

- Mas viva, certo?

- Quase.

- Você está nervosa por causa dos ratos, não, Amélia?

Ela ficou calada.

- Porque não deixei que o pessoal de Bo a tirasse de lá imediatamente.

Você ainda está aí, Amélia?

- Estou.

- Há cinco contaminadores em cenas de crime – explicou Rhyme.

Amélia notou que ele tinha voltado ao tom baixo, sedutor.

- O tempo atmosférico, a família da vítima, o suspeito, os caçadores de lembranças. O último é o pior de todos. Adivinhe qual é?

- Diga você.

- Outros policiais. Se eu tivesse deixado que a turma de Operações

Especiais entrasse, eles poderiam ter destruído todos os vestígios. Você sabe

agora como processar uma cena de crime. E aposto que preservou tudo que

foi uma beleza.

Sachs teve que dizer:

- Acho que ela nunca mais será a mesma, depois de tudo isto. Os ratos

estavam por toda parte em cima dela.

- Sim, imagino que estavam. Essa é a natureza deles.

A natureza deles...

- Mas cinco ou dez minutos não iam fazer qualquer diferença. Ela...

Amélia desligou o rádio e dirigiu-se a Walsh, o paramédico.

- Quero conversar com ela. Está grogue demais?

- Ainda não. Aplicamos nela anestesia local... para costurar as lacerações e as mordidas. Mas ela vai precisar de um pouco de Demerol

dentro de meia hora, mais ou menos.

Sachs sorriu e agachou-se ao lado da vítima.

- Oi, como é que você se sente?

A moça, gorda mas bonita, inclinou a cabeça, dizendo que estava lúcida.

- Posso lhe fazer algumas perguntas?

- Sim, por favor. Quero que vocês o prendam.

Sellitto chegou e aproximou-se delas em passos lentos. Sorriu para a

moça, que o fitou com uma expressão vazia. Ele mostrou um distintivo, pelo

qual ela não demonstrou qualquer interesse, e identificou-se.

- Você está bem, moça?

Monelle encolheu os ombros.

Suando horrivelmente no calor pegajoso, Sellitto, com um aceno de cabeça, chamou Sachs para um lado.

- Polling esteve aqui?

- Não o vi. Talvez ele esteja na casa de Lincoln.

- Não, não está. Acabo de ligar para lá. Ele tem de ir à Prefeitura, rápido.

- Qual é o problema?

Sellito baixou a voz, o rosto redondo e amassado contorcido.

- Uma cagada... Nós pensávamos que nossas transmissões eram seguras. Mas os putos desses repórteres conseguiram um decodificador ou

coisa parecida. Descobriram na escuta que não invadimos imediatamente o

local para resgatá-la.

E inclinou a cabeça na direção da moça.

- Bem, nós não entramos - retrucou asperamente Sachs. - Rhyme disse

ao pessoal de Operações Especiais que esperasse até eu chegar.

O detetive contraiu-se todo.

- Cara, tomara que não tenham gravado isso em fita. Precisamos de Polling para controle de avarias. - Com um gesto de cabeça, indicou novamente a moça. - Já conversou com ela?

- Não. Ia justamente fazer isso.

Com certa pena, Sachs ligou o rádio e ouviu a voz de Rhyme, falando

em tom urgente:

- ...você está aí? Esta droga de coisa não...

- Estou aqui - respondeu friamente Sachs.

- O que foi que aconteceu?

- Interferência, acho. Estou com a vítima.

A moça pestanejou ao ouvir essas palavras e Sachs sorriu-lhe.

- Não estou conversando comigo mesma. - Mostrou o microfone. -

Chefia da Polícia. Seu nome?

- Monelle. Monelle Gerger.

A moça olhou o braço mordido, levantou uma atadura e examinou o ferimento.

- Tome rápido o depoimento dela - instruiu-a Rhyme. – Em seguida, vá processar a cena do crime.

Com a mão cobrindo o microfone, Sachs murmurou ferozmente para Sellitto:

- É um pé no saco trabalhar com esse cara, senhor.

- Faça a vontade dele.

- Amélia! - berrou Rhyme. - Responda!

- Estamos conversando com ela, tudo bem? - retrucou ela secamente.

- Você pode nos contar o que aconteceu? - perguntou Sellitto.

Monelle começou a contar uma história desconjuntada, de estar na lavanderia de uma casa de cômodos, no East Village. Ele ficou escondido, à

espera dela.

- Que casa? - perguntou Sellitto.

- A Deutsche Haus. Os moradores são, na maioria, expatriados e estudantes alemães.

- O que foi que aconteceu? - continuou Sellitto.

Sachs notou que, embora o detetive grandalhão parecesse mais áspero,

mais genioso do que Rhyme, ele era na realidade o mais compassivo dos dois.

- Ele me jogou na mala do carro e me trouxe para cá.

- Conseguiu dar uma olhada nele?

A mulher fechou os olhos. Sachs repetiu a pergunta. Monelle disse que não. Ele estava, como Rhyme tinha adivinhado, usando uma máscara

azul-marinho de esquiador.

- Und luvas.

- Descreva-as.

Eram escuras. Ela não se lembrava de que cor.

- Quaisquer características incomuns? Do seqüestrador?

- Não. Ele é branco. Isso eu posso dizer.

- Viu a placa do táxi? - perguntou Sellitto.

- Was? - perguntou a moça, passando para sua língua nativa.

- Você viu...

Sachs deu um salto quando foi interrompida por Rhyme:

- Das nummernschild.

E Sachs, pensando: Porra, como é que ele sabe tudo isso? Repetiu a palavra, a moça sacudiu a cabeça, dizendo não, e em seguida apertou os olhos.

- O que é que você quer dizer? Táxi?

- Ele não estava dirigindo um Yellow Cab?

- Táxi? Nein. Não. Era um carro comum.

- Ouviu isso, Lincoln?

- Ouvi. Nosso rapaz arranhou outro jogo de rodas. E, como ele a colocou na mala, não é uma caminhonete nem um hatchback.

Sachs repetiu as palavras de Rhyme. A moça inclinou a cabeça, confirmando.

- Como um sedã.

- Alguma idéia da marca ou da cor? - continuou Sellitto.

- Clara, acho - respondeu Monelle. - Talvez prateado ou cinza. Ou aquela, vocês sabem, como é? Marrom-claro.

- Bege?

A moça confirmou com um aceno.

- Talvez bege - acrescentou Sachs, para que Rhyme soubesse.

- Havia alguma coisa mais na mala do carro? – perguntou Sellitto. -

Qualquer coisa? Ferramentas, roupas, valises?

Monelle respondeu que não. Estava vazia. Rhyme tinha uma pergunta

a fazer:

- Que cheiro tinha ela? A mala.

Sachs retransmitiu a pergunta.

- Não sei.

- Óleo ou graxa?

- Não. A mala tinha cheiro de... coisa limpa.

- De modo que, talvez, um carro novo - refletiu Rhyme.

Durante um momento, Monelle dissolveu-se em lágrimas. Em

seguida, sacudiu a cabeça. Sachs segurou-lhe a mão e ela finalmente voltou a

falar:

- Nós rodamos por muito tempo. Pareceu um longo tempo.

- Você está se saindo muito bem, querida - disse Sachs.

Foi interrompida pela voz de Rhyme.

- Diga a ela para se despir.

- O quê?

- Tire as roupas dela.

- Isso eu não faço.

- Diga aos paramédicos para lhe darem um robe. Precisamos das roupas dela, Amélia.

- Mas - sussurrou Sachs - ela está chorando.

- Por favor - disse Rhyme em tom de urgência. - É importante.

Sellitto inclinou a cabeça. Sachs, os lábios duros, explicou à moça a importância das roupas e ficou surpresa quando Monelle inclinou a cabeça.

Ela estava, como descobriram, ansiosa para, de qualquer modo, livrar-se

daquelas roupas sujas de sangue. Dando-lhe privacidade, Sellitto afastou-se

para conversar com Bo Haumann. Monelle vestiu o robe entregue pelo

paramédico. Um dos detetives à paisana cobriu-a com seu casaco esporte.

Sachs enfiou numa sacola o jeans e as camisetas.

- Consegui a roupa - disse ao microfone.

- Agora ela tem que ir andando com você até a cena do crime - disse

Rhyme.

- O quê?!

- Mas ela sempre atrás de você, não se esqueça. De modo a evitar que

contamine qualquer prova material.

Sachs olhou para a jovem, enrodilhada em cima de uma maca de rodas, ao lado de dois ônibus da Unidade de Operações Especiais.

- Ela não está em condições de fazer isso. Ele a cortou. Até o osso.

Ela sangrou muito e os ratos a atacaram.

- Ela pode se mover?

- Provavelmente. Mas você sabe o que foi que ela teve que suportar?

- Ela pode lhe dizer qual foi o caminho que seguiram. E onde ele ficou também, observando-a.

- Ela vai agora para o pronto-socorro. Perdeu muito sangue.

Hesitação. Em um tom agradável de voz, ele disse:

- Simplesmente, pergunte a ela.

Mas essa jovialidade era falsa e Sachs ouviu somente um tom de impaciência. Dava para ver que Rhyme não era um homem acostumado a

mimar pessoas, que não tinha que fazer isso. Era um homem acostumado a

ver obedecida sua vontade.

Ele insistiu:

- Apenas uma vez, em volta da grade.

Por que não vai se foder, Lincoln Rhyme?

- É importante. Eu sei.

Nada do outro lado da linha.

Amélia olhava nesse momento para Monelle. Em seguida, ouviu uma voz, não, ouviu a sua voz dizer à moça:

- Vou descer até lá embaixo à procura de provas. Quer vir comigo?

Os olhos da moça feriram fundo Sachs, no coração. E ela se desfez em lágrimas.

- Não, não, não. Não vou fazer isso. Bitte nicht, oh, bitte nicht...

Sachs inclinou a cabeça, apertou-lhe o braço num gesto de carinho.

Começou a falar ao microfone, preparando-se para a reação dele.
Rhyme,

porém, surpreendeu-a ao dizer:

- Tudo bem, Amélia. Deixe as coisas como estão. Simplesmente pergunte a ela o que foi que aconteceu quando chegaram lá.

A moça explicou que havia dado um pontapé nele e fugido por um túnel vizinho.

- Chutei ele novamente - disse ela com certa satisfação. - Arranquei a

luva. Então, ele ficou furioso e começou a me estrangular. Ele...

- Sem as luvas? - interrompeu-a Rhyme.

Sachs repetiu a pergunta e Monelle confirmou:

- Sim, sem a luva.

- Impressões digitais. Excelente! - berrou Rhyme, a voz distorcendo-se

no microfone. - O que foi que aconteceu? Há quanto tempo?

Monelle calculou uma hora e meia.

- Droga - murmurou Rhyme. - Impressões digitais na pele duram uma

hora, noventa minutos no máximo. Você sabe tirar impressões digitais de

pele, Amélia?

- Nunca fiz isso antes.

- Pois vai fazer agora. Mas rápido. Na valise CS deve haver um pacote

com a etiqueta Kromekote. Tire um cartão.

Amélia encontrou uma pilha de cartões de cinco por sete polegadas, semelhantes a papel fotográfico.

- Peguei o cartão. Borrifo o pescoço dela?

- Não. Aperte o cartão contra a pele, com o lado lustroso para baixo, no lugar onde ela acha que ele a tocou. Aperte por uns três segundos.

Sachs fez o que ele mandava, enquanto Monelle olhava estoicamente

para o céu. Em seguida, seguindo instruções de Rhyme, pulverizou o cartão

com um pó metálico, usando um pincel Magna-Brush fofo.

- E aí? - perguntou ansiosamente Rhyme.

- Nada bom. Uma forma de dedo. Mas nada de cristas visíveis. Devo jogá-la fora?

- Jamais jogue fora qualquer coisa encontrada em uma cena de crime,

Sachs - disse ele severamente. - Traga-a de volta. Eu quero vê-la, de qualquer

maneira.

- Uma coisa que estou pensando que esqueci - disse Monelle. - Ele tocou em mim.

- Você quer dizer, ele a molestou? - perguntou suavemente Sachs. - Estupro?

- Não, não. Não de maneira sexual. Ele tocou meu ombro, rosto, atrás

de minha orelha. Cotovelo. Apertou. Não sei por quê.

- Ouviu isso, Lincoln? Ele a apertou. Mas não parecia que isso o estava excitando.

- Sim.

- Und... E mais uma coisa de que me esqueci – continuou Monelle. -

Ele falou em alemão. Não em bom alemão. Como se só o tivesse estudado na

escola. E me chamou de Hanna.

- Chamou-a do quê?!

- Hanna - repetiu Sachs ao telefone. - Sabe por quê? - perguntou à moça.

- Não. Mas foi disso que ele me chamou. Parecia que ele gostava de dizer esse nome.

- Ouviu isso, Rhyme?

- Ouvi. Agora, processe a cena. O tempo está se esgotando.

No momento em que Sachs se levantou, Monelle estendeu subitamente a mão e segurou-lhe o punho.

- Srta... Sachs, você é alemã?

Amélia sorriu e respondeu:

- Há muito tempo. Há umas duas gerações.

Monelle inclinou a cabeça. Apertou a mão de Amélia contra seu rosto.

- Vielen Dank. Obrigada, Srta. Sachs. Danke schön.

CAPÍTULO XV

Ao serem acesas, as três lanternas de halógeno da Unidade de Operações Especiais encheram o túnel escuro com um fulgor branco. Sozinha na cena do crime nesse momento, Sachs olhou para o chão durante um momento. Alguma coisa havia mudado. O quê?

Sacou novamente a arma e caiu em agachamento.

- Ele está aqui - murmurou ela, escondendo-se atrás de um dos pilares.

- O quê? - perguntou Rhyme.

- Ele voltou. Havia aqui alguns ratos mortos. Agora não há mais nenhum. Desapareceram.

Amélia ouviu a risada de Rhyme.

- O que é que há de tão engraçado?

- Nada, Amélia. Os amigos deles levaram os corpos.

- Os amigos deles?

- Certa vez, trabalhei em um caso no Harlem. Corpo esquartejado, em

decomposição. Muitos ossos escondidos em um grande círculo em torno do

torso da vítima. O crânio, em um barril de óleo, os pés sob uma pilha de

folhas... Aquilo pôs o bairro em polvorosa. A imprensa falou em satanistas,

assassinos seriais. Adivinhe quem se descobriu que fora o criminoso?

- Não faço a menor idéia - respondeu ela em tom formal.

- A própria vítima. Foi suicídio. Guaxinins, ratos e esquilos levaram o resto. Como se fossem troféus. Ninguém sabe por que, mas ele adoram esses

suvenires. Agora, onde é que você está neste momento?

- Ao pé da rampa.

- O que está vendo?

- Um túnel largo. Dois túneis laterais, mais estreitos. Teto plano, sustentado por pilares de madeira. Os pilares estão muito estragados e

escalavrados. O chão é de concreto antigo, coberto de areia.

- E esterco?

- É o que parece. No centro, bem na minha frente, o pilar onde ela estava amarrada.

- Janelas?

- Nenhuma. Nem portas. - Olhou para o comprido túnel, o chão desaparecendo em um universo negro a milhares de quilômetros de distância.

Sentiu o arrepio da impotência. - Isso aqui é grande demais! Há espaço demais

para cobrir.

- Amélia, relaxe.

- Jamais vou encontrar alguma coisa aqui.

- Sei que parece impossível. Mas simplesmente não se esqueça de que

existem apenas três tipos de provas materiais que nos interessam. Objetos,

materiais corporais e impressões digitais. Só isso. A coisa fica menos difícil se

você pensa nela dessa maneira.

Para você, é fácil dizer isso.

- E a cena do crime não é tão grande quanto parece. Simplesmente,

concentre-se nos lugares por onde eles andaram. Vá até o pilar.

Sachs seguiu o caminho. Olhando para baixo.

As luzes da Unidade de Operações Especiais eram brilhantes, mas tornavam também as sombras mais nítidas, revelando dezenas de lugares onde

o seqüestrador poderia esconder-se. Um calafrio desceu-lhe pela espinha.

Fique perto, Lincoln, pensou, relutante. Estou morta de medo, certo, mas

quero ouvi-lo. Respire ou faça alguma coisa.

Parou e iluminou o chão com a PoliLight.

- Está todo varrido? - perguntou ele.

- Está. Exatamente como antes.

O colete à prova de balas irritava os seios, a despeito do sutiã e da calcinha esporte que usava, e, quente como estivesse lá fora, o calor era

insuportável ali embaixo. A pele coçava e ela sentiu um desejo quase irresistível de coçar-se sob o colete.

- Cheguei ao pilar.

- Passe o aspirador na área, à procura de vestígios.

Sachs passou o aspirador pelo chão. Odiando aquele barulho, que

abafava qualquer som de passos que se aproximassem, o estalido de uma arma

sendo engatilhada, canivetes sendo abertos. Involuntariamente, olhou para

trás duas vezes. Quase deixou cair o aspirador quando a mão desceu para a

pistola.

Olhou para a marca na poeira onde estivera estendido o corpo de Monelle. Eu sou ele. Eu a estou puxando. Ela me dá um pontapé. Eu tropeço...

Monelle só podia tê-lo chutado em uma única direção, para longe da rampa. O elemento desconhecido não caíra, segundo ela dissera. O que

significava que ele devia ter aterrissado sobre os pés. Sachs deu um ou dois

passos escuridão adentro.

- Bingo! - gritou.

- O quê? Diga!

- Pegadas. Ele esqueceu um lugar ao varrer.

- Não é dela?

- Não. Ela usava tênis de corrida. Essas solas são lisas. Como sapatos

sociais. Duas boas pegadas. Vamos saber o tamanho do pé dele.

- Não, a pegada não vai nos dizer isso. Solas podem ser maiores ou menores do que a parte superior do sapato. Mas podem nos dizer alguma

coisa. Na valise da Polícia Técnica você vai encontrar uma impressora

eletrostática. Nela há uma pequena caixa, com uma vareta em cima. Deve

haver também junto algumas folhas de acetato. Pegue o papel, ponha o

acetato sobre a pegada e passe a vareta por cima.

Amélia achou o aparelho e tirou duas imagens da pegada, guardando

com todo cuidado as folhas em um envelope de papel. Voltou ao pilar.

- E há aqui um pouco de palha da vassoura.

- Da...?

- Desculpe - disse rapidamente Sachs -, não sabemos de onde. Um pedaço de palha. Vou pegá-lo e guardá-lo.

Ela estava ficando competente com aqueles lápis. Ei, Lincoln, seu filho da puta, sabe o que vou fazer para comemorar minha aposentadoria

permanente da unidade de cena de crime? Vou jantar num restaurante chinês.

Os halógenos da UOE não chegavam ao túnel lateral por onde

Monelle tinha corrido. Sachs parou diante da linha dia-noite e mergulhou em

seguida nas sombras. A luz da lanterna varreu o chão à frente.

- Fale comigo, Amélia.

- Não há muita coisa para ver. Ele varreu também por aqui.

Jesus, ele pensa em tudo.

- O que é que você está vendo?

- Simplesmente marcas no chão.

Eu a agarro. Derrubo. Estou zangado. Furioso. Tento estrangulá-la.

Sachs olhou fixamente para o chão.

- Aqui há uma coisa... marcas de joelho! Quando estava tentando estrangulá-la, ele deve ter ficado escanchado sobre ela, na altura da cintura.

Ele deixou aqui marcas do joelho e se esqueceu delas quando varreu.

- Tire imagens eletrostáticas delas.

Amélia fez o que ele mandava, mais rápido desta vez. Aprendendo a mexer no equipamento. Estava enfiando a foto num envelope quando alguma

coisa lhe chamou a atenção. Outra marca na poeira.

O que é isso?

- Lincoln... Estou olhando para o local onde... parece que a luva caiu aqui. Quando eles estavam lutando.

Ligou a PoliLight. E não pôde acreditar no que viu.

- Uma impressão digital. Consegui uma impressão digital.

- O quê? - perguntou Rhyme, incrédulo. - Não é dela?

Não, não pode ser. Posso ver a poeira no lugar onde ela estava estendida. As mãos dela ficaram algemadas o tempo todo. E no lugar onde ele

apanhou a luva. Ele provavelmente pensou que varreria esse lugar, mas

esqueceu. É uma impressão grande. E linda!

- Aplique nela o contraste, ilumine-a e fotografe a filha da puta numa

razão um por um.

Ela precisou de apenas duas tentativas para obter uma polaróide nítida. Sentiu-se como se tivesse achado na rua uma nota de cem dólares.

- Passe o aspirador na área e, em seguida, volte ao pilar. Um pé de cada vez.

Ela andou com cuidado, de um lado para o outro, um pé de cada vez.

- Não se esqueça de olhar para cima - lembrou-lhe ele. – Certa vez peguei um elemento desconhecido por causa de um único fio de cabelo no

teto. Ele havia posto um projétil de calibre .357 em um .38 e o coice da arma

colou um fio de cabelo da mão no teto.

- Estou olhando. É um teto de telha. Sujo. Nada mais. Nenhum lugar para esconder alguma coisa. Nem ressaltos nem vãos de porta.

- Onde estão as pistas plantadas no local? - perguntou ele.

- Não estou vendo nada.

De um lado para o outro. Cinco minutos passaram. Seis, sete.

- Talvez ele não tenha deixado nenhuma, desta vez – sugeriu Sachs.
-

Talvez Monelle seja a última.

- Não - disse Rhyme, categórico.

Atrás de um dos pilares de madeira, um brilho lhe chamou a atenção.

- Há alguma coisa naquele canto... Isso mesmo. Aqui estão elas.

- Fotografe-as, antes de tocá-las.

Ela tirou a foto e, em seguida, levantou do chão, usando os lápis, um

pedaço de pano branco.

- Roupa de baixo de mulher. Úmida.

- Sêmen?

- Não sei - respondeu Amélia, perguntando a si mesma se ele ia lhe pedir que a cheirasse.

Rhyme, porém, ordenou:

- Tente a PoliLight. Proteínas ficam fluorescentes.

Amélia foi buscar a lanterna e ligou-a. A luz iluminou o tecido mas o líquido não brilhou.

- Não.

- Ponha em um saco. De plástico. O que mais? - perguntou ele, ansioso.

- Uma folha. Comprida, fina, pontuda numa extremidade.

Tinha sido cortada algum tempo antes, estava seca e ficando marrom.

Ouviu o suspiro de frustração de Rhyme.

- Há cerca de oito mil variedades de plantas decíduas em Manhattan
-

explicou ele. - Isso não vai ajudar muito. O que é que há embaixo da folha?

Por que é que ele pensa que pode haver alguma coisa nesse lugar?
Mas

havia. Um pedaço de jornal. Branco em um lado. No outro, um desenho

impresso das fases da lua.

- Da lua? - disse Rhyme pensativo. - Alguma impressão digital?

Borrife-a com ninhidrina e faça um escaneamento rápido com a luz.

O feixe da PoliLight nada revelou.

- Só isso.

Silêncio durante um momento.

- As pistas estavam em cima do quê?

- Oh, não sei.

- Você tem que saber.

- Ora, no chão - respondeu ela secamente. - Na poeira. Onde mais elas

poderiam estar?

- A poeira é igual ao resto do que há por aí?

- Bem, não exatamente. É de uma cor diferente.

Ele estaria sempre certo?

- Ponha-a em um saco - instruiu-a Rhyme. - De papel.

Enquanto ela recolhia os grãos de poeira, ele disse:

- Amélia.

- Sim?

- Ele não está aí - disse, tranquilizador.

- Acho que não.

- Ouvi alguma coisa em sua voz.

- Estou bem - respondeu ela, seca. - Estou cheirando o ar. Sinto

cheiro de sangue. De mofo e fungos. E, novamente, da loção após barba.

- A mesma de antes?

- A mesma.

- De onde vem o cheiro?

Farejando o ar, Sachs andou em espiral, o Mastro de Maio,

novamente, até que chegou a outro pilar de madeira.

- Aqui. Aqui o cheiro é mais forte.

- O que significa "aqui", Amélia? Você representa minhas pernas e meus olhos, lembre-se.

- Uma dessas colunas de madeira. Igual àquela onde ela esteve amarrada. A uns cinco metros de distância.

- De modo que ele pode ter descansado encostado nela. Algumas impressões?

Amélia borrifou a coluna com ninhidrina e iluminou-a.

- Não. Mas o cheiro é muito forte.

- Tire uma amostra do pilar no lugar onde o cheiro é mais forte. Há uma MotoTool na valise. Preta. Uma furadeira portátil. Pegue uma ponteira

de perfuração... uma ponteira parecendo oca... e ajuste-a à ferramenta. Há aí

uma coisa chamada chave. É uma...

- Eu tenho uma furadeira - respondeu ela, áspera.

- Oh! - exclamou Rhyme.

Ela tirou um fragmento da coluna e em seguida limpou o suor da testa.

- Ponho a amostra num saco plástico? - perguntou.

Ele respondeu que sim. Ela sentiu uma sensação de desmaio, baixou a

cabeça e prendeu a respiração. Não havia quase ar ali.

- Alguma coisa mais? - perguntou Rhyme.

- Nada que eu possa ver.

- Estou orgulhoso de você, Amélia. Volte para cá e traga seus

tesouros.

CAPÍTULO XVI

- Cuidado! - gritou Rhyme.

- Eu sou especialista nisso.

- Nova ou velha?

- Psiu - fez Thom.

- Oh, pelo amor de Deus. A lâmina, ela é velha ou nova?

- Prenda a respiração... Ah, lá vamos nós. Liso como bunda de bebê.

Esse procedimento nada tinha de criminalística. Era apenas cosmético.

Thom estava fazendo a primeira barba em Rhyme naquela semana.

Havia também lavado sua cabeça e penteado os cabelos para trás.

Meia hora antes, esperando a chegada de Amélia e das provas, Rhyme

tinha mandado Cooper sair da sala, enquanto Thom introduzia um cateter

com K-Y e usava o tubo. Terminada essa parte, Thom o olhou e disse:

- Você está com uma aparência de merda. Reconhece isso?

- Não me importo. Por que deveria me importar?

E compreendeu subitamente que se importava.

- Que tal fazer a barba? - perguntou o rapaz.

- Não temos tempo para isso.

A grande preocupação de Rhyme era que, se o Dr. Berger o visse todo

arrumado, ficasse menos disposto a ir em frente com a idéia de suicídio.

Paciente desgrenhado é paciente deprimido.

- E uma lavagem de cabeça.

- Não.

- Nós agora temos companhia, Lincoln.

Finalmente, Rhyme resmungou:

- Tudo bem.

- E vamos jogar fora esse pijama, certo?

- Não há nada de errado com ele.

Mas essas palavras significavam também "tudo bem".

Nesse momento, esfregado e barbeado, usando jeans e camisa branca,

Rhyme ignorou o espelho que o empregado lhe colocou à frente.

- Tire isso daqui.

- Melhoramento notável.

Lincoln Rhyme rosnou, em tom de desprezo:

- Vou sair para dar um passeio, até que eles voltem – anunciou e recostou de novo a cabeça no travesseiro.

Mel Cooper virou-se para ele, uma expressão de perplexidade no rosto.

- Na cabeça dele - explicou Thom.

- Na sua cabeça?

- Eu imagino o passeio - disse Rhyme.

- Isso é um macete e tanto - observou Cooper.

- Posso andar por qualquer bairro que quero e nunca sou assaltado.

Passeio pelas montanhas e nunca fico cansado. Escalo uma montanha, se

quiser. Vou olhar as vitrines na Quinta Avenida. Claro, as coisas que vejo não

estão necessariamente lá. Mas e daí? As estrelas também não estão.

- O que foi que você disse? - quis saber Cooper.

- A luz estelar que vemos é velha de milhares ou milhões de anos.

Quando chega à Terra, as próprias estrelas mudaram de lugar. Elas não estão

onde as vemos. - Rhyme suspirou ao sentir uma onda de exaustão. - Acho que

algumas delas já queimaram por completo e desapareceram.

Fechou os olhos.

- Ele está tornando as coisas mais difíceis.

- Não necessariamente - respondeu Rhyme a Lon Sellitto.

Sellitto, Banks e Sachs acabavam de voltar da cena do curral.

- Roupa de baixo, lua e uma planta - disse Banks, alegremente pessimista. - Isso não é exatamente um mapa rodoviário.

- Areia, também - lembrou-lhe Rhyme, sempre um apreciador de solos.

- Tem alguma idéia do que significam? - perguntou Sellitto.

- Ainda não - reconheceu Rhyme.

- Onde está Polling? - murmurou Sellitto. - Ele ainda não respondeu à

mensagem no pager.

- Não estive com ele - disse Rhyme.

Uma figura apareceu à porta.

- Quem está vivo sempre aparece - ribombou a suave voz de barítono

do estranho.

Com uma inclinação de cabeça, Rhyme mandou entrar o homem alto,

magro e desconjuntado. Tinha uma aparência sombria, mas o rosto fino

subitamente abriu-se em um sorriso caloroso, como lhe acontecia em

estranhos momentos. Terry Dobyys era a soma total da Divisão de Ciências

do Comportamento, do DPNY. Tinha estudado com os behavioristas do FBI

em Quântico e tinha diplomas em criminalística e psicologia.

O psicólogo adorava ópera e futebol e, quando Lincoln Rhyme

acordou no hospital após aquele acidente, três anos e meio antes, Dobyys

estava sentado a seu lado, escutando Aída em um walkman. Em seguida,

passara as três horas seguintes realizando o que acabou por ser a primeira de

muitas sessões de aconselhamento sobre o ferimento de Rhyme.

- Agora, o que é que me lembro sobre o que os livros dizem sobre "pessoas que não retornam telefonemas"?

- Analise-me depois, Terry. Ouviu falar em nosso elemento desconhecido?

- Um pouco - respondeu Dobyys, examinando Rhyme de alto a baixo.

Não era médico, mas conhecia psicologia. - Você está bem, Lincoln?
Estou

achando você um pouco alterado.

- Estou fazendo um bocado de exercícios hoje – reconheceu Rhyme.
-

E bem que poderia tirar um bom cochilo. Você sabe que filho da
puta

preguiçoso eu sou.

- Sei, mesmo. Você era o cara que me ligava às duas da manhã com
uma pergunta sobre um elemento e não podia entender por que eu
estava

dormindo. Por isso pergunto: o que está havendo? Está querendo
um perfil?

- Tudo que você puder nos dizer vai ajudar.

Sellitto passou as informações para Dobyns que - como Rhyme se
lembrava dos dias em que trabalharam juntos -, embora jamais
tomasse notas,

conseguia arquivar tudo que ouvia em uma cabeça coroada por uma
cabeleira

ruiva escura.

O psicólogo andou de um lado para o outro em frente à tabela na
parede, erguendo ocasionalmente a vista, enquanto ouvia a voz
monótona do

detetive.

Levantou um dedo, interrompendo Sellitto.

- As vítimas, as vítimas... Todas elas foram encontradas embaixo da terra. Enterradas, num porão, no túnel de um curral.

- Isso mesmo - confirmou Rhyme.

- Continue.

Sellitto continuou, explicando como havia sido o resgate de Monelle Gerger.

- Ótimo, muito bem - disse Dobyns em tom distraído. Parou de medir

passos e virou-se novamente para a parede. Abriu as pernas, mãos nos

quadris, e examinou os fatos esparsos sobre o Elemento Desconhecido 238. -

Fale mais sobre essa sua idéia, Lincoln, de que ele gosta de coisas antigas.

- Não sei como entender isso. Até agora, as pistas que ele deixou têm

alguma coisa a ver com a Nova York histórica. Materiais de construção do

início do século, os currais, o sistema de aquecimento.

Subitamente, Dobyns deu um passo à frente e bateu no perfil.

- Hanna. Fale sobre Hanna.

- Amélia? - pediu Rhyme.

Ela contou a Dobyns que, sem razão aparente, o elemento desconhecido havia chamado Monelle Gerger de Hanna.

- Ela disse que ele parecia gostar de pronunciar o nome. E de falar com ela em alemão.

- E ele se arriscou um pouco para sequestrá-la, não? – observou

Dobyns. - O táxi, o aeroporto, isso foi seguro para ele... Mas esconder-se em

uma lavanderia... Ele devia estar muito motivado para sequestrar uma alemã.

Dobyn enrolou em um dedo alguns fios de cabelos avermelhados e deixou-se cair em uma das cadeiras de vime, estirando as pernas.

- Muito bem, vamos experimentar isso para ver se dá. O subsolo... aí é

que está a chave. Isso me diz que ele é alguém que está escondendo alguma

coisa e, quando ouço isso, começo a pensar em histeria.

- Ele não está agindo de maneira histérica - comentou Sellitto.

- Ele é muito calmo e calculista.

- Não histeria nesse sentido. É uma categoria de distúrbio psíquico.

Esse estado se manifesta quando alguma coisa traumática aconteceu na vida

do paciente e o subconsciente converteu o trauma em alguma outra coisa. E

uma tentativa do paciente de proteger-se. No caso da conversão histérica

tradicional, ocorrem sintomas físicos: náusea, dor, paralisia. Aqui, porém, acho

que estamos lidando com um problema correlato. Dissociação... é assim que a

chamamos quando a reação ao trauma afeta a mente, e não o corpo físico.

Amnésia histérica, estados de fuga. E personalidades múltiplas.

- Jekyll e Hyde? - Mel Cooper se adiantou, passando à frente de Banks

nessa observação.

- Bem, não acho que ele tenha autênticas personalidades múltiplas -

continuou Dobyns. - Esse diagnóstico é muito raro e a personalidade múltipla

clássica é jovem e tem um QI mais baixo do que o de seu rapaz. - Indicou a

tabela com um movimento de cabeça. - Ele é escorregadio e esperto.

Evidentemente, um criminoso organizado. - Durante um momento, olhou

pela janela. - Isso é interessante, Lincoln. Acho que seu elemento desconhecido veste a outra personalidade quando lhe é conveniente... quando

quer matar... e isso é importante.

- Por quê?

- Por duas razões. Em primeiro lugar, isso nos diz alguma coisa sobre sua principal personalidade. Ele é alguém que foi treinado... talvez no

emprego, talvez por criação... para ajudar pessoas, não para machucá-las.

Padre, conselheiro, político, assistente social. E, em segundo, acho que

significa que ele achou um projeto. Se descobrir o que é, talvez possa chegar a

ele.

- Que tipo de projeto?

- Ele pode, há muito tempo, ter desejado matar alguém. Mas não agiu

até que descobriu um modelo de papel a imitar. Talvez em um livro ou filme.

Ou alguém que ele conhece realmente. É alguém com quem pode identificar-

se, alguém cujos crimes, na prática, lhe dão permissão para matar. Bem, aqui

estou improvisando...

- Continue - disse Rhyme -, continue...

- A obsessão dele com história me diz que sua personalidade é de um

personagem do passado.

- Vida real?

- Isso não posso dizer. Talvez de ficção, talvez não. Hanna, quem quer

que seja, figura em alguma parte da história. A Alemanha também. Ou

germano-americanos.

- Alguma idéia do que deve ter provocado essa manifestação?

- Freud achava que ela era causada por... o que mais?... conflito sexual

no estágio edipiano. Atualmente, o consenso é que problemas na fase de

desenvolvimento são apenas uma das causas... qualquer trauma pode provocá-

los. E não tem de ser um único fato. Poderia ser uma falha de personalidade,

uma longa série de desapontamentos pessoais ou profissionais. É difícil dizer.

- Os olhos brilhavam enquanto ele examinava o perfil: - Mas tenho grande

esperança de que consiga prendê-lo vivo, Lincoln. Eu adoraria a oportunidade

de deitá-lo em um divã por algumas horas.

- Thom, você está anotando isso?

- Estou, bwana.

- Mais uma pergunta... - começou Rhyme.

Dobyns girou para ele.

- Eu diria que essa é a pergunta, Lincoln: por que ele está deixando pistas? Certo?

- Certo. Por que as pistas?

- Pense no que ele fez... Ele está falando com você. Não falando incoerentemente, como o Filho de Sam ou o matador do Zodíaco. Ele não é

um esquizofrênico. Ele está se comunicando... em sua linguagem. Na

linguagem da criminalística. Por quê? - Mais passos de um lado para o outro,

olhos de vez em quando voltando-se para a tabela. - Só consigo pensar

mesmo em que ele quer dividir a culpa. Entenda, é difícil para ele matar. A

coisa se torna mais fácil se ele nos transforma em cúmplices. Se não salvamos

a vítima a tempo, a morte dela é, em parte, culpa nossa.

- Mas isso é bom, não? - perguntou Rhyme. - Isso significa que ele continuará a nos fornecer pistas que podem ser decifradas. De outra maneira,

se o enigma for complicado demais, ele não estará dividindo a culpa conosco.

- Bem, isso é verdade - disse Dobyns, já sem sorrir. - Mas há em ação

outro fator.

Sellitto forneceu a resposta:

- A atividade em série aumenta exponencialmente.

- Isso mesmo - confirmou Dobyns.

- De que maneira ele poderá atacar com mais frequência? - murmurou

Banks. - A cada três horas não é tempo suficientemente rápido?

- Ele encontrará uma maneira - continuou o psicólogo. - Com maior probabilidade, começará a visar múltiplas vítimas. - Os olhos do psicólogo se

estreitaram. - Ei, você está bem, Lincoln?

Gotas de suor cobriam a testa do criminalista e ele estava apertando com força os olhos.

- Simplesmente cansado. Excitação demais para um velho paralítico.

- Uma última coisa. O perfil das vítimas é vital em crimes em série.

Mas aqui temos sexos, idades e classes econômicas diferentes.

Todos brancos,

mas ele vem agindo em uma população predominantemente branca, de modo

que isso não é estatisticamente significante. Com o que sabemos até agora,

não podemos descobrir o motivo por que ele escolheu essas pessoas em

particular. Se puder, você poderá justamente chegar à frente dele.

- Obrigado, Terry - disse Rhyme. - Fique mais um pouco.

- Claro, Lincoln, se você quiser.

Em seguida, Rhyme deu as ordens:

- Agora, vamos examinar a prova material recolhida na cena do curral.

O que foi que conseguimos? As roupas de baixo?

Mel Cooper juntou os sacos que Sachs trouxera da cena do crime.

Olhou para o que continha a roupa íntima.

- Coleção Katrina Fashion's D'Amore - anunciou. - Cem por cento

algodão, elástico na cinta. Tecido fabricado nos Estados Unidos. Cortado e

costurado em Taiwan.

- Você pode saber isso só de olhar para a peça? – perguntou Sachs, incrédula.

- Não, eu estava lendo - respondeu ele, apontando para a etiqueta.

- Oh.

Os policiais riram.

- Ele então está dizendo que sequestrou outra mulher? - perguntou Sachs.

- Provavelmente - disse Rhyme.

Cooper abriu o saco.

- Não sei o que é o líquido. Vou fazer um teste com o cromatógrafo.

Rhyme pediu a Thom que segurasse o pedaço de papel com as fases da lua. Estudou-o atentamente. Um fragmento como esse era uma prova

individuada maravilhosa. Podia ser ajustada à folha de onde tinha sido rasgada

e ligar os dois com tanta perfeição como se fosse uma impressão digital. O

problema, porém, é que não tinham a peça original de papel. E se perguntou

se algum dia a encontrariam. O elemento desconhecido poderia tê-la destruído

logo que rasgou aquele pedaço. Ainda assim, preferiu pensar que não. Gostava

de imaginá-la em algum lugar, esperando simplesmente para ser encontrada.

Era assim que sempre imaginava fontes de prova: o automóvel de onde saiu

aquela lasca de pintura, o dedo que perdeu a unha, o cano de arma que

disparou a bala com marcas de raias encontrada no corpo da vítima. Essas

fontes - sempre perto do elemento desconhecido - adquiriam personalidade

própria em sua mente. Elas podiam ser imperiosas ou cruéis.

Ou misteriosas.

Fases da lua.

Perguntou a Dobyns se o elemento poderia sofrer de compulsão de agir ciclicamente.

- Não. A lua não está em grande fase agora. Passamos quatro dias da

lua nova.

- Então, a lua significa alguma outra coisa.

- Se, para começar, são luas iguais - disse Sachs.

Satisfeita consigo mesma, e com razão, pensou Rhyme.

- Boa observação, Amélia - disse ele. - Talvez ele esteja falando sobre

círculos. Sobre tinta. Sobre papel. Sobre geometria. O planetário...

Rhyme notou que ela o olhava fixamente. Talvez reparando, só naquele momento, que ele tinha sido barbeado, penteado e mudado de roupa.

E qual era o estado de espírito dela nesse momento?, especulou.

Zangada com ele ou desinteressada? Não podia saber. Nesse momento,

Amélia Sachs era tão misteriosa como o Elemento Desconhecido 238.

A máquina de fax no corredor escolheu esse momento para dar sinal.

Thom saiu para pegar a mensagem e voltou um momento depois com duas

folhas de papel.

- De Emma Rollins - explicou. - Pôs as páginas em uma posição em que Rhyme pudesse vê-las. - Nossa pesquisa de scanners de mercados. Onze

mercados em Manhattan venderam canelas de vitela a clientes que compraram

menos de cinco artigos nos dois últimos dias. - Thom preparou-se para

escrever no pôster, mas parou e lançou um olhar a Rhyme. - Os nomes das

lojas?

- Claro. Vamos precisar deles para referência cruzada mais tarde.

Na tabela do perfil, Thom escreveu os nomes:

B'way & 82nd,

ShopRite B'way & 96th,

Anderson Foods Greenwich & Bank,

ShopRite 2nd Ave., 72nd-73rd,

Grocery World Battery Park City,

J&G's Emporium 1706 2nd Ave.,

Anderson Foods 34th&Lex.,

Food Warehouse 8th Ave. & 24th,

ShopRite Houston & Lafayette,

ShopRite 6th Ave. & Houston,

J&G's Emporium Greenwich & Franklin Grocery World

- Isso aí abrange toda a cidade - disse Sachs.

- Paciência - advertiu-a o implacável Rhyme.

Mel Cooper examinava nesse momento a palha encontrada por

Amélia.

- Nada de excepcional aqui.

Jogou-a para um lado.

- Ela é nova? - perguntou Rhyme.

Se fosse, poderiam fazer um cruzamento de informações com mercados que tinham vendido vassouras e canelas de vitela no mesmo dia.

- Pensei nisso - disse Cooper. - Essa aí tem seis meses de idade ou mais.

Começou a derramar em uma folha de papel de jornal a prova vestigial

encontrada nas roupas de Monelle.

- Há várias coisas aqui - disse, examinando atento a folha de papel.
-

Areia.

- O suficiente para um teste de gradiente de densidade?

- Não. Na realidade, só poeira. Provavelmente, da cena do crime.

Cooper examinou o resto dos vestígios que havia retirado das roupas manchadas de sangue.

- Pó de tijolo. Por que há tanto tijolo?

- Dos ratos que matei. A parede era de tijolo.

- Você atirou neles? Na cena do crime? - Rhyme estremeceu.

- Ora, atirei - respondeu Sachs, em tom defensivo. – Eles estavam por

toda parte, em cima do corpo dela.

Ele ficou zangado, mas deixou passar, acrescentando apenas:

- Com tiros, aparecem todos os tipos de contaminadores. Chumbo, arsênico, carbono, prata.

- E aqui... outro pedaço de couro avermelhado. Da luva. E... Temos outra fibra aqui. Diferente.

Criminalistas adoram fibras. Esta era um minúsculo tufo cinzento, quase invisível a olho nu.

- Excelente - disse Rhyme. - E o que mais?

- A foto da cena - acrescentou Sachs - e as impressões digitais. A que

tirei da garganta dela e a que havia no lugar onde ele apanhou a luva.

E mostrou-as.

- Ótimo - disse Rhyme, e examinou-as cuidadosamente.

Havia um leve vestígio de triunfo relutante no rosto da moça - a

emoção da vitória, que é o reverso de odiar-se por ter sido antiprofissional.

Rhyme estudava as polaróides das impressões digitais quando ouviu

passos na escada. Jim Polling entrou, deu uma dupla olhada no recondicionado Lincoln Rhyme e dirigiu-se a Sellitto.

- Estou vindo diretamente da cena do crime - disse. – Vocês salvaram

a vítima. Grande trabalho, caras. - Inclinou a cabeça para Sachs, indicando que

o substantivo a incluía também. – Mas o sacana sequestrou outra?

- Ou está para fazer isso - murmurou Rhyme, olhando para as impressões digitais.

- Estamos trabalhando nas pistas agora mesmo – explicou Banks.

- Jim, andei procurando entrar em contato com você - começou Sellitto. - Liguei até para o gabinete do prefeito.

- Eu estava com o chefe. Tive praticamente que suplicar que ele me fornecesse mais gente para usar nas buscas. Consegui que mais cinquenta

homens fossem retirados do destacamento de segurança nas Nações Unidas.

- Capitão, há uma coisa sobre a qual temos que conversar. Estamos com um problema. Aconteceu uma coisa na última cena...

Uma voz até então não ouvida ali trovejou através da sala.

- Problema? Quem é que está com um problema? Não temos

problema aqui, temos? Nenhum... absolutamente.

Rhyme ergueu a vista para o homem alto e magro que apareceu à soleira. Preto retinto, usava um ridículo terno verde e sapatos que brilhavam

como espelhos marrons. O coração de Rhyme caiu para o estômago.

- Dellray.

- Lincoln Rhyme. O próprio bamba de Nova York. Ei, Lon. E Jim Polling, como é que andam as coisas, amigão?

Atrás de Dellray, meia dúzia de homens e uma mulher. Rhyme teve certeza, entre uma e outra batida do coração, do motivo por que os federais

estavam ali. Dellray passou a vista pelos policiais reunidos na sala, a atenção

parando por um momento em Sachs e, em seguida, voando para longe.

- O que é que você quer? - perguntou Polling.

- Será que nem desconfiaram, cavalheiros? Vocês estão acabados.

Vimos fechar suas portas. Sim, senhor. Exatamente como se fosse uma casa

de apostas clandestina.

CAPÍTULO XVII

Um de nós.

Era assim que Dellray olhava para Lincoln Rhyme, enquanto andava em volta da cama. Algumas pessoas fazem isso. A paralisia é um clube e elas

entram como bicões em festas, dizendo piadas, fazendo inclinações de cabeça,

piscando um olho. Você sabe que eu o adoro, cara, é por isso que estou

fazendo troça com você.

Lincoln tinha aprendido que essa atitude cansa, com muita rapidez.

- Olhem só para isso - disse Dellray, tateando a cama Clinitron. - Isso

é uma coisa saída de Jornada nas estrelas. Comandante Riker, entre no ônibus

espacial.

- Caia fora daqui, Dellray - cortou-o Polling. - Este caso é nosso.

- E como está indo nosso paciente, Dr. Quebra-Ossos?

O capitão estava dando um passo à frente, um galinho de briga superado muito em altura pelo magro agente do FBI.

- Dellray, você ouviu o que eu disse? Caia fora daqui.

- Cara, vou comprar uma dessas, Rhyme. Descansar meu rabo nela, assistir ao jogo. Falando sério, Lincoln, como vai você? Há anos que a gente

não se vê.

- Eles bateram à porta? - perguntou Rhyme a Thom.

- Não, não bateram.

- Vocês não bateram - disse Rhyme. - Posso sugerir que se retirem?

- Tenho uma ordem judicial - murmurou Dellray, tirando papéis do bolso do paletó.

A unha do indicador da mão direita de Amélia Sachs coçava o polegar,

que estava a ponto de sangrar.

Dellray olhou em volta da sala. Ficou evidentemente impressionado com o laboratório improvisado, mas abafou logo essa impressão.

- Vamos assumir o comando. Sinto muito.

Em vinte anos de atividade policial, Rhyme nunca tinha visto um ato de tomada de poder tão peremptório como esse.

- Não fode, Dellray - começou Sellitto -, vocês deixaram passar esse caso.

O agente virou o lustroso rosto negro até poder olhar de cima para baixo na direção do detetive.

- Passar? Passar? Nunca recebi um único telefonema a esse respeito.

Você ligou para mim?

- Não.

- Nesse caso, quem foi que pisou na bola?

- Bem...

Sellitto, surpreso, lançou um olhar a Polling, que disse:

- Vocês receberam um boletim. Isso era tudo que precisávamos fazer com vocês. - Na defensiva também, nesse momento.

- Um boletim. Sim. E... ei, exatamente como foi enviado esse boletim?

Teria sido pelo correio a cavalo? Pelo correio comum, tarifa de livros? Diga-

me uma coisa, Jim: para que serve um boletim da noite anterior, quando há

uma operação em andamento?

- Nós não vimos necessidade - disse Polling.

- Nós? - perguntou rapidamente Dellray. Como um cirurgião que descobre um tumor microscópico.

- Eu não vi a necessidade - respondeu secamente Polling. - Disse ao prefeito para conservar este caso como uma operação local. E nós a temos

sob controle. Agora, tire seu rabo daqui, Dellray.

- E você pensou que podia solucioná-lo a tempo de sair no noticiário

das onze.

Rhyme ficou atônito quando Polling berrou em resposta:

- O que nós pensamos não era nada da sua maldita conta. A porra desse caso é nosso. - Ele conhecia o lendário mau humor do capitão, mas

nunca o havia visto em ação.

- Na verdade, a porra do caso agora é nosso.

Dellray passou por ele, indo em direção à mesa onde se encontravam

os equipamentos de Cooper.

- Não faça isso, Fred - disse Rhyme. - Nós estamos conseguindo entender esse cara. Trabalhe conosco, mas não nos tome o caso. Esse

elemento desconhecido não se parece com qualquer coisa que você já tenha

visto na vida.

Dellray sorriu.

- Vejamos. Qual foi a última notícia que ouvi a respeito dessa porra de

caso? Que vocês têm um paisano fazendo toda a parte da polícia técnica. - O

agente lançou um olhar à cama Clinatron. - Vocês mandaram uma patrulheira

fazer o processamento da cena do crime. Mandaram soldados comprar

gêneros alimentícios.

- Padrões de coleta de provas, Frederick - lembrou-lhe Rhyme, falando em tom estridente. - Isso é rotina.

Dellray pareceu desapontado.

- Mas e a Unidade de Operações Especiais, Lincoln? Gastando todos aqueles dólares dos contribuintes? E, em seguida, retalhando pessoas como no

massacre da serra elétrica?

Como essa notícia havia vazado? Todo mundo jurou segredo em relação à questão do esquiteamento.

- E o que foi que ouvi sobre os rapazes de Haumann terem encontrado a vítima, mas não invadido o local para resgatá-la imediatamente?

O Canal Cinco tinha um microfone ultra-sensível ligado. Durante uns

cinco minutos, gravou os gritos dela, antes de vocês mandarem alguém entrar.

- Olhou para Sellitto com um riso irônico. - Lon, meu homem, teria sido esse

o problema de que vocês estavam justamente falando?

Eles tinham ido tão longe, pensou Rhyme. Estavam desenvolvendo sensibilidade para o elemento, começando a entender sua linguagem.

Começando a vê-lo. Com um choque de surpresa, deu-se conta de que estava,

mais uma vez, fazendo aquilo que adorava. Depois de todos esses anos. E,

nesse momento, alguém chegava e lhe tomava o caso. Sentiu a raiva borbulhar

no seu íntimo.

- Assuma o caso, Fred - murmurou. - Mas não nos deixe de fora. Não

faça isso.

- Vocês perderam duas vítimas - lembrou-lhe Dellray.

- Nós perdemos uma - corrigiu-o Sellitto, olhando constrangido para Polling, que continuava a fumar de raiva. - Não houve nada que pudéssemos ter feito sobre a primeira. Ela foi o cartão de visita.

Dobyns, braços cruzados, apenas observava a discussão. Jerry Banks,

porém, entrou na briga:

- Nós descobrimos agora qual é a rotina dele. Não vamos perder mais

nenhuma vítima.

- Vão, se a Unidade de Operações Especiais ficar sentadinha, ouvindo

as vítimas se esgoelarem até a morte.

- Foi minha... - começou Sellitto.

- Minha decisão - disse Rhyme em voz alta. - Minha.

- Mas você é um paisano, Lincoln. Desse modo, não pode ter sido decisão sua. Pode ter sido sugestão sua. Ou recomendação sua. Mas não

acredito que tenha sido decisão sua.

A atenção de Dellray voltou-se novamente para Sachs. Fitando-a, disse a Rhyme:

- Você disse a Peretti para não processar a cena do crime? Isso é muito estranho, Lincoln. Por que foi que você fez uma coisa dessas?

- Porque sou melhor do que ele - retrucou Rhyme.

- Peretti não é um escoteiro feliz. De jeito nenhum. Ele e eutivemos um bate-papo com Eckert.

Eckert? O vice-comissário? Como é que ele se meteu nisso?

Com um olhar de relance a Sachs, aos olhos azuis evasivos, emoldurados por cachos de cabelos ruivos emaranhados, ele soube como.

Perfurou-a com um olhar, que ela imediatamente evitou, e disse a

Dellray:

- Vejamos... Peretti? Não foi ele quem mandou abrir o tráfego no local

onde o elemento desconhecido estava observando a primeira vítima? Não foi

ele quem liberou a cena do crime antes que tivéssemos oportunidade de

coletar quaisquer indícios importantes? A cena que a minha própria Sachs,

aqui presente, teve a previsão de interditar? A minha Sachs entendeu a

situação corretamente, enquanto Peretti e todo mundo mais meteram os pés

pelas mãos. Isso mesmo, ela fez isso.

Amélia olhava para o polegar, um olhar que indicava que estava vendo

uma coisa muito conhecida. Tirou um Kleenex do bolso e enrolou-o em volta

do dedo sangrento.

Dellray resumiu a situação, dizendo:

- Vocês deviam ter nos chamado desde o começo.

- Simplesmente, caia fora daqui - murmurou Polling. Alguma coisa

rompeu-se nos olhos dele e a voz subiu de tom. – Desinfete daqui! - berrou.

Até o próprio frio Dellray piscou e recuou quando o cuspe partiu da boca do capitão.

Rhyme franziu as sobrancelhas na direção de Polling. Havia uma possibilidade de que pudessem salvar alguma coisa do caso, mas não se

Polling tivesse uma crise de mau humor.

- Jim...

O capitão ignorou-o.

- Fora! - berrou novamente. - Você não vai tomar nosso caso!

E, surpreendendo todos os presentes, Polling saltou para a frente, agarrou o agente pelas lapelas verdes do paletó e empurrou-o contra a parede.

Após um momento de atordoado silêncio, Dellray simplesmente empurrou o

capitão para trás com a ponta dos dedos e pegou o telefone celular. Ofereceu-

o a Polling.

- Ligue para o prefeito. Ou para o chefe Wilson.

Instintivamente, Polling afastou-se de Dellray - um homem baixo pondo alguma distância entre si e um homem muito mais alto.

- Você quer o caso, então enfie naquele lugar.

O capitão dirigiu-se à escada e começou a descê-la. Em seguida, ouviu-se a batida forte da porta.

- Jesus, Fred - pediu Sellitto -, trabalhe conosco. Nós podemos prender esse safado.

- Nós vamos precisar do AT do FBI - disse Dellray, parecendo nesse momento a própria voz da razão. - Vocês não estão preparados para o ângulo terrorista.

- Que ângulo terrorista? - perguntou Rhyme

- A conferência de paz das Nações Unidas. Um informante meu disse que andava circulando por aí que alguma coisa ia acontecer no aeroporto. No lugar onde ele sequestrou as vítimas.

- Eu não faria um perfil dele como terrorista - disse Dobyns. - O que quer que esteja acontecendo com ele, ele é psicologicamente motivado. Não é nada ideológico.

- Bem, o fato é que Quântico e nós o estamos vendo assim. Entendo que você possa pensar de outra maneira. Mas é assim que estamos tratando do caso.

Rhyme desistiu. A fadiga estava acabando com ele. Como desejou que

Sellitto e seu assistente, de rosto marcado por pequenas cicatrizes de barba,

nunca tivessem aparecido naquela manhã. Como desejava jamais ter

conhecido Amélia Sachs. Como desejava não estar usando essa ridícula camisa

branca engomada, que sentia dura no pescoço e nada sentia embaixo dela.

Notou que Dellray se dirigia a ele.

- Como disse?

Rhyme virou para ele uma vigorosa sobrancelha.

- Quero dizer, política não poderia ser também um motivo? -

perguntou Dellray.

- O motivo não me interessa - retrucou Rhyme. - A prova me interessa.

Dellray olhou mais uma vez para a mesa de Cooper.

- Muito bem. O caso é nosso. Estamos entendidos a esse respeito?

- Quais são nossas opções? - perguntou Sellitto.

- Vocês nos dão apoio tático com turmas de busca. Ou podem sair inteiramente do caso. Isso é praticamente tudo que resta. Vamos levar agora a

prova material, se não se importarem.

Banks hesitou.

- Entregue a eles - ordenou Sellitto.

O jovem policial reuniu os sacos de prova da cena de crime mais recente, colocou-os dentro de uma grande sacola de plástico. Dellray estendeu

as mãos. Banks olhou para os dedos finos, jogou a sacola em cima da mesa e

se dirigiu para o lado mais distante da sala - o lado dos policiais. Lincoln servia

de zona desmilitarizada entre eles. Amélia Sachs permaneceu rebitada ao pé da

cama.

Dellray dirigiu-se a ela:

- Policial Sachs?

Após uma pausa, os olhos pregados em Rhyme, ela respondeu:

- Sim?

- O comissário Eckert quer que você venha conosco para prestar conta de missão a respeito das cenas de crime. E ele disse alguma coisa sobre

o início de sua nova designação na próxima segunda-feira.

Amélia inclinou a cabeça.

Dellray voltou-se para Rhyme e disse, sinceramente:

- Não se preocupe, Lincoln. Nós vamos pegá-lo. Quando menos esperar, a cabeça dele estará enfiada em um pau nos portões da cidade.

Inclinou a cabeça na direção de seus colegas, que reuniram a prova e

desceram a escada. No alto da escada, Dellray perguntou:

- Vai com a gente, moça?

Amélia levantou-se, mãos juntas como uma escolar em uma festa à qual lamentava ter comparecido.

- Em um minuto.

Dellray desapareceu pela escada.

- Aqueles putos - murmurou Banks, lançando a caderneta de notas em

cima da mesa. - Vocês acreditam numa coisa dessas?

Sachs balançou-se sobre os pés.

- É melhor você ir, Amélia - disse Rhyme. - Sua carruagem a espera.

- Lincoln.

Aproximou-se mais da cama.

- Está tudo bem - retrucou ele. - Você fez o que tinha de fazer.

- Não tenho nada a ver com trabalho em cena de crimes – disse ela

impetuosamente. - Eu jamais quis isso.

- E não vai fazer mais isso. Assim, tudo acabou bem, não?

Ela começou a dirigir-se para a porta, voltou-se impulsivamente e disse:

- Você não se importa com coisa nenhuma, exceto com provas, não é?

Sellitto e Banks se levantaram, mas ela ignorou-os.

- Thom, quer fazer o favor de acompanhar Amélia?

Amélia continuou:

- Tudo isso para você é simplesmente um jogo, não? Monelle...

- Quem?

Os olhos de Amélia relampejaram.

- Aí! Está vendo? Você nem mesmo se lembra do nome dela!
Monelle

Gerger. A moça naquele túnel... ela era para você simplesmente uma peça de

um quebra-cabeça. Havia ratos andando por cima de todo o corpo dela e você

disse: "É a natureza deles." É a natureza deles? Ela nunca mais vai ser a

mesma pessoa e tudo que o interessava eram suas preciosas provas.

- Em vítimas vivas - disse ele em tom monótono, de professor dando

uma aula - mordidas de roedores são sempre superficiais. Logo que a primeira

pequena criatura babou em cima dela, ela passou a necessitar de vacina anti-

rábica. O que mais algumas poucas mordidas podiam significar?

- Por que não perguntamos a opinião dela?

O sorriso de Amélia, nesse momento, era diferente. Tornou-se

maldoso, como o daquelas enfermeiras e ajudantes de terapeutas que odeiam

paralíticos. Andam em volta de enfermarias de reabilitação com sorrisos iguais

àquele. Bem, ele não se sentia feliz com a Amélia Sachs educada. Queria a

Amélia irascível...

- Responda uma coisa, Rhyme. Por que você, realmente, me quis aqui?

- Thom, nossa convidada passou da hora. Você poderia fazer o favor...

- Lincoln... - começou a dizer o empregado.

- Thom - disse secamente Rhyme -, acho que lhe pedi para fazer uma coisa.

- Porque eu não sabia merda nenhuma disso - explodiu Sachs.

- Foi por isso! Você não queria um verdadeiro especialista em cena de

crime, porque, neste caso, não estaria no comando. Mas eu... você poderia me

mandar para aqui, para ali. Eu faria exatamente o que você quisesse e não me

acovardaria nem reclamaria.

- Ah, motim das tropas... - comentou Rhyme, levantando a vista para

o teto.

- Mas eu não sou um de seus soldados. Para começar, jamais quis isso.

- Eu também não queria. Mas aqui estamos. Juntos na cama. Bem, um

de nós está.

E ele teve certeza de que seu frio sorriso era muito, muito mais frio, do que qualquer um que ela pudesse pôr nos lábios.

- Ora, você não passa de um menino mimado, Rhyme.

- Ei, policial, tempo de ir embora - disse secamente Sellitto.

Amélia, porém, continuou:

- Você não pode percorrer mais uma cena de crime e sinto muito por isso. Mas está pondo em risco uma investigação simplesmente para massagear

seu ego e eu digo: isso que se foda.

Pegou o boné de patrulheira e saiu furiosa da sala.

Ele esperou ouvir o estrondo da porta lá embaixo, talvez o som de vidro quebrado. Mas escutou apenas um baixo clique e, em seguida, silêncio.

Enquanto Jerry Banks pegava a caderneta de notas e folheava-a com

mais concentração do que era necessário, Sellitto disse:

- Lincoln, sinto muito. Eu...

- Não importa - respondeu Rhyme, bocejando exageradamente, na vã

esperança de que isso lhe acalmasse o coração apertado. - Não importa,

absolutamente.

Os policiais ficaram por alguns momentos ao lado da mesa

parcialmente vazia, em um silêncio constrangedor. Cooper falou, finalmente:

- É melhor arrumar as malas.

Colocou a caixa preta do microscópio em cima da mesa e começou a desaparafusar uma ocular com o cuidado amoroso de um músico desmontando seu saxofone.

- Bem, Thom - disse Rhyme -, já anoiteceu. Sabe o que é que isso me

diz? O bar está aberto.

A sala de planejamento de operações deles era impressionante. Dava

de dez a zero na de Lincoln.

Metade de um andar do edifício federal, três dezenas de agentes, computadores e painéis eletrônicos de um filme de Tom Clancy. Os agentes

pareciam advogados ou banqueiros de investimento. Camisas brancas,

gravatas. Nos trinques, era a palavra que subia à mente. E, no centro de tudo

aquilo, ela, Amélia Sachs, bem visível em seu uniforme azul-marinho,

manchado de sangue de rato, poeira e merda granulada de gado morto há cem

anos.

Não tremia mais, como após sua explosão com Rhyme, e embora a

mente continuasse em velocidade vertiginosa com as centenas de coisas que

queria dizer, desejava ter dito, obrigou-se a concentrar-se no que estava

acontecendo em volta.

Um agente alto, usando terno cinza imaculado, conferenciava com

Dellray - dois homens grandalhões, cabeças baixas, solenes. Pensou que ele

era o agente especial que dirigia a Superintendência do FBI em Manhattan,

Thomas Perkins, mas não tinha certeza. Um policial de radiopatrulha tem

tanto contato com o FBI quanto um empregado de lavanderia ou um vendedor de seguros. Ele parecia sério, eficiente, e continuava a lançar olhares

para um grande mapa de Manhattan pendurado na parede. Perkins inclinou a

cabeça várias vezes, enquanto Dellray lhe passava os dados. Em seguida,

levantou-se, dirigiu-se a uma mesa coberta de pastas de papel manilha, olhou

para os agentes e começou a falar.

- Se fizerem o favor de me dar atenção... Acabei de entrar em contato

com o diretor e o AG em Washington. Por esta hora, todos vocês ouviram

falar no elemento desconhecido do Aeroporto Kennedy. Ele tem um perfil

incomum. Sequestro, ausência do componente sexual, raramente constituem

as bases de atividade serial. Na verdade, este é o primeiro elemento desconhecido desse tipo que tivemos no Distrito Sul. A luz da possível

conexão com os eventos que ocorrem nas Nações Unidas nesta semana,

estamos coordenando nossas atividades com a sede, com Quântico, e com o

gabinete do secretário-geral. Recebemos ordens de nos dedicarmos inteiramente a este caso. Que tem a mais alta prioridade possível.

O chefe olhou para Dellray, que começou a falar:

- Tiramos o caso das mãos do DPNY, mas vamos usar o

departamento no apoio tático e como mão-de-obra. Temos aqui conosco a

policia que processou as cenas dos crimes e que nos vai dar as informações

pertinentes a esse respeito.

Dellray, nesse ambiente, parecia uma pessoa inteiramente diferente.

Nem o mínimo sinal do Supermosca.

- Você preencheu os cartões de custódia das provas? - perguntou

Perkins.

Amélia admitiu que não tinha.

- Estávamos trabalhando para salvar as vítimas.

O superintendente ficou um tanto perturbado ao ouvir isso. Em juízo,

casos, acusações de outras maneiras sólidas, faziam água por causa de desleixo

em registrar a cadeia de custódia de prova material. Era a primeira coisa que

os advogados dos criminosos exploravam.

- Não se esqueça de fazer isso antes de deixar o prédio.

- Sim, senhor.

Que expressão aquela no rosto de Rhyme, quando ele adivinhou que

eu havia me queixado a Eckert e ele mandou encerrar a operação.

Que

expressão...

Minha Sachs solucionou isso, minha Sachs preservou a cena.

Mexeu novamente numa unha. Pare com isso, disse a si mesma, como

sempre fazia, e continuou a cavoucar a carne. A dor lhe fez bem.

Isso era uma

coisa que os terapeutas jamais compreenderiam.

- Agente Dellray, poderia fazer o favor de informar à sala que tipo de enfoque vamos adotar? - disse o superintendente.

Dellray olhou do superintendente para os outros agentes e retomou a

palavra:

- No momento, temos agentes de campo invadindo todas as grandes células terroristas da cidade e desenvolvendo quaisquer pistas que possamos

encontrar que nos levem à residência do elemento desconhecido. Todos os

informantes, todos os agentes clandestinos. Isso vai implicar prejudicar

algumas operações em andamento, mas chegamos à conclusão de que vale a

pena correr esse risco.

- Nosso trabalho aqui é o de reação rápida. Os senhores se dividirão em grupos de seis agentes cada, prontos para se mexerem ao aparecimento de

qualquer pista. Terão apoio completo no que interessa a resgate de reféns e

entrada em áreas interditadas.

- Senhor... - disse Sachs.

Perkins ergueu a vista, franzindo as sobrancelhas. Aparentemente, ninguém interrompia sessões de instruções, até o tradicional tempo de

perguntas e respostas.

- Sim, o que, policial?

- Bem, eu estava apenas pensando, senhor. O que é que o senhor diz

sobre a vítima?

- Quem? Aquela moça alemã? Você acha que devemos entrevistá-la novamente?

- Não, senhor. Estou me referindo à próxima vítima.

- Certamente - respondeu o chefe da agência – continuamos a saber que outros casos podem ocorrer.

- Ele está com outra vítima, agora.

- Está? - O chefe olhou para Dellray, que encolheu os ombros.

Perkins voltou-se para Sachs: - Como é que você sabe?

- Bem, eu não sei exatamente, senhor. Mas ele deixou pistas na última

cena de crime e não teria feito isso se não tivesse outra vítima. Ou estava

prestes a sequestrar outra.

- Anotado, policial - continuou o chefe. - Vamos nos mobilizar com toda rapidez possível para nos certificarmos de que nada lhe acontecerá.

Dellray virou-se para Sachs:

- Achamos que é melhor nos concentrarmos no próprio animal.

- Detetive Sachs... - começou Perkins.

- Não sou detetive, senhor. Estou lotada na radiopatrulha.

- Sim, bem... - o superintendente olhou para a pilha de pastas. - Se pudesse nos apresentar alguns de seus melhores argumentos, isso seria útil.

Trinta agentes a observavam. Duas mulheres entre eles.

- Simplesmente, diga-nos o que viu - sugeriu Dellray, segurando um cigarro apagado entre os dentes.

Amélia fez um resumo de suas buscas nas cenas dos crimes e das conclusões a que Rhyme e Terry Dobyns haviam chegado. A maioria dos

agentes ficou perturbada com a curiosa motivação do elemento desconhecido.

- Parece um jogo muito complicado - murmurou um agente.

Outro perguntou se as pistas continham alguma mensagem política que pudessem decifrar.

- Bem, senhor, realmente, não pensamos que ele seja um terrorista - insistiu Sachs.

Perkins voltou para ela sua atenção de alta voltagem.

- Quero lhe fazer uma pergunta, policial Sachs, você admite que ele é

esperto, esse elemento desconhecido?

- Muito esperto.
- Ele não poderia estar fazendo um duplo blefe?
- Não estou entendendo.
- Você... eu deveria dizer, o DPNY pensa que ele é simplesmente um louco. Quero dizer, uma personalidade criminosa. Mas não será possível que ele seja suficientemente esperto para fazer com que vocês pensem isso?

Quando alguma outra coisa está em andamento?

- Tal como?
- Veja essas pistas que ele deixou. Elas não poderiam ser ações diversivas?
- Não, senhor, elas são indicações - respondeu Sachs. – Que levam às vítimas.

- Compreendo - disse logo Thomas Perkins -, mas, ao fazer isso, ele também está nos levando para longe de outros alvos, certo?

Ela não havia pensado nisso.

- Acho que é possível.
- E o chefe Wilson vem retirando efetivos do destacamento de

segurança nas Nações Unidas e os usando para trabalhar no sequestro. Esse

elemento desconhecido pode estar mantendo todos nós distraídos com outra

coisa, o que o deixa livre para sua verdadeira missão.

Sachs lembrou-se de que ela mesma teve um pensamento semelhante

no começo do dia, observando todos aqueles investigadores percorrendo a

Pearl Street.

- E o alvo seria o prédio das Nações Unidas?

- Achamos que sim - respondeu Dellray. - Os responsáveis pela tentativa de ataque com bomba à UNESCO em Londres poderiam querer

tentar novamente.

Significando isso que Rhyme estava seguindo numa direção

inteiramente errada. Essa possibilidade aliviou de certa maneira o peso que

sentia.

- Agora, policial Sachs, poderia detalhar para nós, ponto por ponto, a

prova encontrada?

Dellray lhe entregou a folha com o inventário de tudo que ela tinha

encontrado e Amélia começou a explicar, item por item. Enquanto falava,

Sachs tornou-se consciente de grande atividade à sua volta - alguns agentes

recebendo telefonemas, alguns em pé, falando em voz baixa a outros, uns

tantos tomando notas. Mas quando, olhando para o papel, disse "Em seguida,

descobri as impressões digitais dele na última cena de crime", percebeu que a

sala caiu em completo silêncio. Ergueu a vista. Todos ali olhavam-na

fixamente com uma expressão que poderia passar por choque - se agentes

federais fossem capazes disso.

Sem saber o que fazer, ela olhou para Dellray, que inclinou a cabeça para um lado.

- Você está dizendo que conseguiu uma impressão digital?

- Bem, consegui. A luva dele caiu na luta com a última vítima e, quando ele a apanhou, a mão tocou o chão.

- Onde está ela? - perguntou rapidamente Dellray.

- Jesus! - exclamou um agente. - Por que você não disse nada?

- Bem, eu...

- Procure-a, procure-a! - gritou alguém.

Um murmúrio varreu a sala.

As mãos tremendo, Sachs procurou nos sacos de prova e entregou a Dellray a polaróide da impressão digital. Ele ergueu-a bem alto e examinou-a

atentamente. Mostrou-a a alguém que, imaginou Amélia, era o perito em

cristas de atrito.

- Ótimo - disse o agente. - Ela é definitivamente classe A.

Sachs sabia que impressões digitais eram classificadas como A, B e C,

sendo a categoria mais baixa inaceitável para a maioria dos órgãos mantenedores da lei. Mas qualquer orgulho que sentisse pela sua perícia em

descobrir provas foi esmagado pelo desalento coletivo por ela não ter falado

nisso antes.

Logo em seguida, tudo começou a acontecer ao mesmo tempo.

Dellray entregou a foto a um agente, que correu para um computador

incrementado num canto do escritório e colocou a polaróide no leito curvo,

grande, de alguma coisa denominada Opti-Scan. Outro agente ligou o

computador e começou a digitar comandos, enquanto Dellray agarrava um

telefone. Ele bateu nervoso o pé e, em seguida, baixou a cabeça quando, em

algum lugar, alguém respondeu.

- Ginnie, Dellray. Isso vai ser um verdadeiro chute no saco, mas

preciso que suspenda o atendimento de todos os pedidos da Região Nordeste

AFIS e dê prioridade máxima à que estou enviando... Perkins está aqui. Ele

aprovará e, se isso não for suficiente, eu ligo para o próprio homem em

Washington... E aquela coisa das Nações Unidas.

Sachs sabia que o Sistema de Identificação Automatizado do FBI era

usado por departamentos de polícia em todo o país. E era isso que Dellray ia

parar naquele momento.

O agente ao computador informou:

- Foto escaneada. Estamos transmitindo agora.

- Quanto tempo isso vai levar?

- Dez, quinze minutos.

Crianças. Estudantes em cursos de verão. Skatistas. O ambiente era festivo, estranho. Cantores, malabaristas, acrobatas. A visão lembrou-lhe os

“museus” do Bowery, muito populares na década de 1800. Não eram absolutamente museus, claro, mas arcadas, fervilhando com espetáculos

burlescos, exibição de tipos deformados e engolidores de fogo, camelôs que

vendiam tudo, desde postais pornográficos franceses a lascas da Verdadeira

Cruz.

Diminuiu a marcha uma ou duas vezes, mas ninguém queria um táxi ou não podia pagar pela corrida. Virou para o sul.

Schneider amarrou tijolos aos pés do Señor Ortega e rolou-o para baixo de um píer

no rio Hudson, de modo que a água suja e os peixes pudessem reduzir-lhe o corpo à

condição de um mero esqueleto. O corpo foi encontrado duas semanas após ele ter

desaparecido, e assim nunca se soube se a infeliz vítima estava viva ou se tinha pleno

domínio de seus sentidos quando foi jogado na água. Desconfia-se, porém, que foi o que

aconteceu. Isso porque Schneider, cruelmente, encurtou a corda, de modo que o rosto do

Señor Ortega ficou a apenas cinco centímetros abaixo da superfície da eclusa Davy Jones.

As mãos dele, sem a menor dúvida, bateram em desespero enquanto olhava para o ar que

teria sido sua salvação.

O colecionar de ossos viu um rapaz de aparência doentia em pé ao meio-fio. AIDS, pensou. Mas seus ossos são saudáveis - e tão visíveis. Seus ossos

durarão para sempre... Mas não queria um táxi e ele seguiu em frente, olhando

esfomeado, pelo espelho retrovisor, para o corpo magro do rapaz.

Voltou a olhar para a rua exatamente a tempo de manobrar para não

bater em um idoso que havia descido do meio-fio, o braço magro erguido

para chamar um táxi. O homem saltou para trás tanto quanto pôde e o táxi

parou com um rangido de pneus logo adiante.

O homem abriu a porta traseira e inclinou-se para dentro.

- Você devia prestar mais atenção por onde anda. - Disse isso em um

tom de quem dá um conselho. Não com raiva.

O idoso senhor hesitou por um momento, olhou rua acima e não viu outros táxis. Entrou.

Bateu a porta.

O colecionador de ossos pensou: Velho e magro. A pele cobre seus ossos como se fosse seda.

- Para onde? - perguntou.

- East Side.

- Estamos indo - disse ele, enquanto punha em volta do rosto a máscara de esquiador e virava rapidamente o volante para a direita. O táxi

correu em alta velocidade na direção oeste.

Parte 3

A FILHA DO PATRULHEIRO

Derrubem, derrubem, derrubem! este é o axioma de Nova York (...) Os próprios ossos de nossos antepassados não podem mais permanecer em repouso por um quarto de século e uma geração parece decidida a remover todas as relíquias daqueles que a precederam.

PHILIP HONE, Prefeito de Nova York, DIÁRIO, 1845

CAPÍTULO XVIII

De sábado, 10:15 da noite, a domingo, 5:30 da manhã

- Repita, Lon.

Rhyme bebia em um canudinho, Sellitto em um copo. Ambos

tomavam a bebida escura pura. O detetive afundou-se na cadeira de vime, que

rangeu, e Rhyme concluiu que ele se parecia um pouco com Peter Lorre, no

filme Casablanca.

Terry Dobyns tinha ido embora - depois de passar para eles algumas

acerbas introversões psicológicas sobre narcisismo e aqueles indivíduos

contratados pelo governo federal. Jerry Banks tinha ido embora também. Mel

Cooper continuava laboriosamente a desmontar e embalar o equipamento.

- Este é dos bons, Lincoln - comentou Sellitto, bebericando o uísque

escocês. - Droga, não tenho mesmo condições financeiras para beber um

troço como este. Que idade?

- Acho que da década de 1920.

O detetive examinou o líquido castanho-amarelado.

- Diabos, se isto aqui fosse uma mulher, ela seria legal, e mais alguma

coisa.

- Quero saber uma coisa, Lon. E Polling? Aquela pequena crise de mau humor que ele teve. Qual o motivo de tudo aquilo?

- O pequeno Jimmy? - Sellitto riu. - Ele está agora numa enrascada.

Foi ele quem influiu para tirar Peretti do caso e para mantê-lo longe das mãos

dos federais. Realmente se esforçou muito. Meteu-se por isso em apuros.

Pedir sua colaboração custou também certo esforço. Um bocado de gente

torceu o nariz por causa disso. Um paisano num caso "quente" como este.

- Polling pediu que eu fosse chamado? Pensei que tinha sido o chefe.

- Isso mesmo, mas, para começar, foi Polling quem pôs a pulga na

orelha dele. Ele ligou tão logo ouviu dizer que tinha havido um sequestro e

que havia umas provas materiais esquisitas na cena do crime.

E queria minha ajuda?, pensou Rhyme. Esse fato era curioso. Não

teve qualquer contato com Polling durante anos - não desde o caso do policial

assassino, no qual tinha sido ferido. Polling esteve à frente das investigações e

acabou prendendo Dan Shepherd.

- Você parece surpreso - observou Sellitto.

- Que ele tenha pedido minha ajuda? Estou. Não estávamos nos melhores termos. De qualquer modo, nunca estivemos.

- Por quê ?

- Porque taquei um 14-43 nele.

O código era de um formulário de queixa do DPNY.

- Há cinco, seis anos, quando ele era tenente, flagrei-o interrogando um suspeito bem no centro de uma cena segura. Contaminou-a. Fiquei uma

fera. Citei o fato em um relatório, que constou de uma das avaliações

rotineiras do trabalho dele... aquela em que ele baleou um suspeito desarmado.

- Acho que tudo foi perdoado, porque ele queria muito sua colaboração.

- Lon, dê um telefonema por mim, sim?

- Claro.

- Não - disse Thom, tomando o telefone da mão do detetive. - Deixe

que ele mesmo faça isso.

- Não tive tempo de aprender como essa coisa funciona - protestou

Rhyme, inclinando a cabeça na direção do ECU de discagem, que Thom havia

instalado antes.

- Você não passou nisso o tempo necessário. Há uma grande diferença. Quer ligar para quem?

- Berger.

- Não, não vai - disse Thom. - Já está tarde.

- Estou aprendendo a ver as horas já há algum tempo - respondeu friamente Rhyme. - Ligue para ele. Está hospedado no Plaza.

- Não ligo.

- Eu lhe pedi que ligasse.

- Olhe aqui. - O empregado pôs com um estalo um pedaço de papel em cima da mesa. Rhyme, porém, leu-o facilmente. Deus podia ter tirado

muito de Lincoln Rhyme, mas lhe deu a vista de um garoto. Rhyme executou

o processo de discagem, com o rosto sobre a vareta de controle. A coisa foi

mais fácil do que pensava, mas, de propósito, demorou muito, resmungando o

tempo todo. E, o que foi enfurecedor, Thom ignorou-o e desceu para o

térreo. Berger não se encontrava em seu quarto no hotel. Rhyme desligou,

furioso por não poder bater com o telefone no gancho.

- Problema? - perguntou Sellitto.

- Não - rosnou Rhyme.

Onde está ele?, pensou irritado. Era tarde. Por essa hora, Berger devia

estar no quarto do hotel. Foi tomado por um sentimento estranho - o ciúme

de que seu Dr. Morte estivesse fora, ajudando alguma outra pessoa a morrer.

De repente, Sellitto soltou uma risadinha. Ergueu a vista. O policial estava comendo uma barra de chocolate. Esqueceu que comida lixo tinha sido

a peça de resistência da dieta daquele homenzarrão, no tempo em que

trabalhavam juntos.

- Eu estava pensando... Lembra-se de Bennie Ponzo?

- O OC da Força-Tarefa 10, há doze anos?

- Ele mesmo.

Rhyme gostava do trabalho do crime organizado. Os criminosos eram

profissionais. As cenas de crime, um desafio. E as vítimas raramente eram

inocentes.

- Quem foi ele? - perguntou Mel Cooper.

- Um pistoleiro de Bay Ridge - respondeu Sellitto. - Lembra-se, depois

que o pegamos, do sanduíche de chocolate?

Rhyme soltou uma risada, lembrando-se.

- Qual é a história? - perguntou Cooper.

- Bem, estávamos na Central, Lincoln, eu e mais uns dois outros caras.

E Bennie, você se lembra, era um cara grandão, estava sentado, todo

encurvado, apalpando o estômago. De repente, ele disse: "Estou com fome.

Quero um sanduíche de chocolate." Ficamos nos entreolhando, sem saber o

que era aquilo. Então, perguntei: "Como é um sanduíche de chocolate?" Ele

me olhou como se eu fosse um homem de Marte, e perguntou: "Que merda

você pensa que é? Você pega uma barra de Hershey, põe entre duas fatias de

pão e come. Isso é uma merda de sanduíche de chocolate.”

Eles riram. Sellitto estendeu a barra de chocolate a Cooper, que recusou com um movimento de cabeça, e em seguida a Rhyme, que sentiu

uma vontade súbita de dar uma dentada. Fazia mais de um ano desde que

comera chocolate pela última vez. Evitava comidas assim - açúcar, balas.

Comida trabalhosa. As pequenas coisas da vida eram os fardos mais pesados,

os fardos que mais entristeciam e esgotavam um cara. Certo, você nunca fez

pesca submarina ou passeou a pé pelos Alpes. E daí? Um bocado de gente

tampouco faz isso. Mas todo mundo escova os dentes. Visita o dentista, faz

uma obturação, toma o trem para voltar para casa. Todo mundo tira um

pedaço de amendoim de trás de um molar quando ninguém está olhando.

Todo mundo, menos Lincoln Rhyme.

Sacudiu a cabeça na direção de Sellitto e tomou um grande gole do

uísque. Os olhos voltaram à tela do computador, lembrando-se da carta de

adeus a Blaine, que estivera escrevendo quando Sellitto e Banks o interromperam naquela manhã. E havia também algumas outras cartas que

queria escrever.

A que estava adiando era a que seria endereçada a Peter Taylor, o especialista em traumas da coluna vertebral. Na maior parte das vezes,

conversara com Taylor não sobre seu estado, mas sobre morte. O médico era

inimigo declarado da eutanásia. Achou que lhe devia uma carta, explicando

por que resolvera pôr em prática a idéia de suicídio.

E Amélia Sachs?

A patrulheira receberia também um bilhete, resolveu.

Paralíticos são generosos, paralíticos são bondosos, paralíticos são ferro...

Paralíticos nada são, se não perdoam.

Querida Amélia:

Minha Querida Amélia:

Amélia:

Querida Policial Sachs:

Na medida em que tivemos o prazer de trabalhar juntos, eu gostaria de aproveitar esta oportunidade para declarar que, embora a considere uma

judas traidora, eu a perdôo. Além disso, desejo-lhe todo sucesso em sua futura

carreira como baba-ovo da mídia...

- Qual é a história dela, Lon? De Sachs?

- A parte o fato de que tem um mau gênio que enche o saco de qualquer um e que eu não sabia disso?

- Ela é casada?

- Não. Com um rosto e um corpo como aqueles, a gente pensaria que

algun gostosão já a teria papado. Mas ela nem mesmo namora. Ouvimos

dizer há alguns anos que ela estava firme com alguém, mas ela nunca fala

sobre isso. - Baixou a voz. - O boato que rola por aí é que ela é sapatão. Mas

não sei nada disso. Minha vida social se resume em arranjar mulheres nas

lavanderias nos sábados à noite. Ei, isso funciona. O que é que posso dizer?

Você vai que ter que esquecer os mortos...

Rhyme pensou na expressão no rosto da moça quando lhe dissera isso. O que significava aquilo? Mas depois ficou com raiva de si mesmo por

estar perdendo tempo pensando nela. E tomou um bom gole do uísque

escocês.

A campainha tocou nesse momento e ouviram passos na escada.

Rhyme e Sellitto olharam de soslaio para a porta. O som era dos sapatos de um

homem alto, usando culote e capacete azul. Um membro da Polícia Montada,

um corpo de elite do DPNY. Ele entregou um grosso envelope a Sellitto e

voltou à escada.

O detetive abriu-o.

- Olhem só o que temos aqui.

E esvaziou em cima da mesa o conteúdo do envelope. Rhyme

levantou a vista, irritado. Três ou quatro dezenas de sacos plásticos de prova,

todos etiquetados. Todos continham um pedaço de celofane, tirado dos

pacotes de canela de vitela que eles haviam mandado o pessoal do UOE

comprar.

- Um bilhete de Haumann. - Leu-o: "Para: L. Rhyme. L. Sellitto. De: B. Haumann, TSRE"

- Que diabo é isso? - perguntou Cooper.

O Departamento de Polícia é um ninho de abreviaturas e acrônimos.

PMR - patrulha móvel remota - é um carro de radiopatrulha. DEI - dispositivo explosivo improvisado - é uma bomba. Mas TSRE era coisa nova.

Rhyme encolheu os ombros.

Sellitto continuou a ler, rindo ao mesmo tempo:

- "Força Tática de Resposta de Supermercado. Ref.: Canelas de vitela.

Uma busca em toda a cidade descobriu 46 elementos, todos os quais foram

presos e neutralizados com emprego mínimo de força. Lemos para eles os

seus direitos e os transportamos para uma instalação de detenção na cozinha

da mãe do policial T.P. Giancarlo. Quando terminados os interrogatórios,

uma meia dúzia de suspeitos serão transferidos para a custódia dos

destinatários deste memorando. Aqueça-os a 350 graus durante 30 minutos.”

Rhyme soltou uma risada. Bebericaram mais uísque, apreciando-lhe o

sabor. Isso era uma coisa que lhe fazia falta, o cheiro fumacento do uísque.

(Embora, na paz de um sono inconsciente, como era que alguém podia sentir

falta de alguma coisa? Exatamente igual à prova: retire-se o padrão básico e

nada temos com que julgar a sua perda e estamos em segurança por toda

eternidade.)

Cooper espalhou algumas das amostras.

- Quarenta e seis amostras de celofane. Uma de cada rede de supermercados e dos grandes mercados independentes.

Rhyme olhou para as amostras. As probabilidades eram boas de identificação por classe. A individuação do celofane seria difícilima - o

fragmento encontrado na pista do osso de vitela não corresponderia exatamente, claro, a qualquer um desses. Mas, uma vez que as matrizes

compram suprimentos idênticos para todas as suas lojas, seria possível

descobrir em que cadeia de supermercados 238 tinha comprado a vitela e

reduzir o número de bairros onde ele poderia morar. Talvez ele devesse ligar

para a equipe de exame de prova física do FBI e...

Não, não. Lembre-se: agora a porra do caso pertence a eles.

Rhyme deu uma ordem a Cooper:

- Embrulhe tudo isso e envie o pacote aos nossos irmãos federais.

Rhyme tentou desligar o computador e tocou a tecla errada com o dedo anular às vezes genioso. O alto-falante-telefone reagiu com um alto

gemido.

- Merda - murmurou irado. - Porra de máquina.

Inquieto com a súbita raiva de Rhyme, Sellitto olhou para o copo e brincou:

- Ei, Linc. Todo mundo espera que uísque bom assim torne o cara mais jovial.

- Entendi - respondeu azedamente Thom. - Ele é jovial.

Ele estacionou perto do enorme cano de esgoto.

Descendo do táxi, sentiu o cheiro da água fétida, lodosa, podre. Ele se

encontrava no beco que levava ao grande cano de escoamento que começava

na West Side Highway e descia para o rio Hudson. Ninguém podia vê-los ali.

O colecionador de ossos foi até a parte traseira do táxi, saboreando o

prazer de olhar para o idoso cativo. Da mesma maneira que tinha gostado de

olhar para a moça que amarrara em frente ao cano de vapor. E também para a

mão que acenava dos trilhos, em princípios da manhã.

Examinou os olhos assustados. Aquele homem era mais magro do que

pensava. Mais grisalho. Cabelos despenteados.

Velho no corpo, mas jovem nos ossos...

Acovardado, o homem afastou-se dele, os braços cruzados em um gesto de defesa sobre o peito estreito.

Abrindo a mala, o colecionador de ossos encostou o cano da pistola no esterno da vítima.

- Por favor - disse baixinho o cativo, a voz tremendo. - Eu não tenho muito dinheiro, mas você pode levar tudo. Nós podemos ir a um caixa

automático. Eu...

- Desça.

- Por favor, não me machuque.

O colecionador gesticulou com a cabeça. A vítima frágil olhou em volta, amedrontada, e inclinou-se subitamente para a frente, os braços ainda

cruzados, tremendo, a despeito do calor.

- Por que você está fazendo isso?

O colecionador deu um passo para trás e as algemas brilharam quando

as tirou do bolso. Como estava usando grossas luvas, precisou de alguns

segundos para encontrar os elos cromados. Enquanto os puxava para fora,

achou que via um barco de quatro mastros subindo o Hudson. A corrente

contrária não era tão forte quanto no East River, onde barcos a vela enfrentavam a maior dificuldade para navegar vindo de leste, de Montgomery

e dos ancoradouros do Out Ward ao norte. Apertou os olhos. Não, espere...

não era um barco a vela, mas apenas uma lancha cabinada. Yuppies preguiçosos

no longo tombadilho da proa.

Quando ele se aproximou com as algemas, o cativo agarrou sua camisa com força e disse:

- Por favor. Eu estava indo para o hospital. Foi por isso que o mandei parar. Ando sentindo dores no peito.

- Cale a boca.

O homem subitamente atacou o rosto do colecionador, as mãos cheias de cloasmas segurando-lhe o pescoço e ombro e apertando com força.

Uma pontada de dor irradiou-se do local onde as unhas amarelas penetraram

no corpo. Com uma explosão de raiva, o sequestrador afastou as mãos da

vítima e algemou-a violentamente.

Pregando um pedaço de fita adesiva na boca do homem, o

coleccionador o arrastou pelo aterro de cascalho na direção da boca do cano,

de 1,20m de diâmetro. Parou e olhou atentamente para o velho.

Seria tão fácil reduzi-lo a osso.

O osso... Tocá-lo. Ouvi-lo.

Levantou a mão da vítima. Olhos apavorados fitaram-no, lábios

tremendo. O colecionador acariciou os dedos do homem, apertando-lhe as

falanges entre as suas (adoraria tirar as luvas, mas não ousava). Em seguida,

ergueu a palma da mão do homem e pressionou-a com força contra sua

própria orelha.

- O quê...

Sua mão esquerda se fechou em volta do dedo mínimo da confusa

vítima e puxou-o lentamente, até ouvir o thonk profundo do osso quebradiço

se partindo. Um som muito agradável. O homem gritou, um grito abafado e

trêmulo através da mordaca. E desabou no chão.

O colecionador levantou-o com um safanão e levou a trôpega vítima

para a boca do cano. Empurrou-a para a frente.

Saíram embaixo do píer antigo e arruinado. Era um lugar repugnante,

coberto de corpos em putrefação de animais e peixes, lixo acumulado nas

pedras molhadas, uma lama esverdeada de algas. Um bolo de sargaço subia e

descia na água como se fosse um homem gordo fazendo amor. A despeito do

calor da tarde no resto da cidade, fazia frio ali, como num dia de março.

Señor Ortega...

Empurrou o homem para o rio, algemou-o a uma coluna do píer e prendeu novamente o bracelete no punho da vítima. O rosto lívido do cativo

ficou a cerca de 90 cm acima da água. O colecionador foi pisando com

cuidado sobre as pedras escorregadias até o cano de esgoto. Virou-se e parou

por um momento, observando, observando. Não tinha dado muita importância se os guardas municipais encontrariam ou não os outros. Hanna,

a mulher no táxi. Mas este... O colecionador tinha esperança de que não o

achassem a tempo. Na verdade, que não o encontrassem absolutamente.

Dessa maneira, poderia voltar ali dentro de um ou dois meses e ver se o rio

inteligente tinha lavado a carne e deixado apenas o esqueleto.

De volta à passagem de cascalho, tirou a máscara e deixou, não muito

longe do local onde havia estacionado, as pistas da próxima cena. Estava

zangado, furioso mesmo com os guardas municipais e, por isso mesmo, dessa

vez escondeu as pistas. E incluiu também entre elas uma surpresa especial.

Uma coisa que estava reservando para eles. E voltou ao táxi.

A brisa era suave e trazia o cheiro do rio azedo, o farfalhar da relva e,

como sempre na cidade, o shushhh do tráfego.

Igualzinho à lixa sobre osso.

Parou e escutou esse som, a cabeça inclinada para um lado enquanto

olhava para os bilhões de luzes dos prédios, estendendo-se para o norte como

se fosse uma galáxia oblonga. Nessa ocasião, uma mulher, correndo em

velocidade, apareceu em uma pista de jogging ao lado do cano de esgoto e

quase colidiu com ele.

Usando bermudas e bustiê púrpura, a morena baixinha evitou a

colisão com um passo de dança para o lado. Arquejando, parou, sacudiu o

suor do rosto. Ela estava em boa forma - tinha músculos rijos - mas não era

bonita. Nariz adunco, lábios grossos, pele manchada.

Mas, por baixo daquilo...

- O senhor não devia... Não devia estacionar aqui... Isto aqui é uma pista de jogging...

As palavras morreram e o medo lhe surgiu nos olhos, que saltaram do

rosto do homem para o táxi e para o bolo formado pela máscara de esquiador

que ele tinha na mão.

Ela sabia quem era aquele homem. Ele sorriu, notando-lhe a clavícula

notavelmente pronunciada.

O tornozelo direito da moça mudou ligeiramente de posição, pronto para lhe suportar o peso quando saísse correndo dali a toda velocidade. Mas

ele pegou-a antes disso. Abaixou-se para interceptá-la e, quando ela soltou um

rápido grito e baixou os braços para bloqueá-lo, o colecionador de ossos

arrumou-se bruscamente a partir da postura evasiva e atingiu-a na têmpora

com o cotovelo. Houve um estalo, como uma correia que se rompe.

Ela caiu, bateu com força no chão, e ficou imóvel. Horrorizado, o colecionador caiu de joelhos e segurou-lhe a cabeça nos braços.

- Não, não, não...

Estava furioso consigo mesmo por ter batido com tanta força,
enojado no fundo do coração pela possibilidade de ter quebrado o
que parecia
ser um crânio perfeito sob os tentáculos dos cabelos pegajosos e
rosto
comum.

Amélia Sachs terminou de preencher outro cartão da cadeia de
custódia e resolveu fazer uma pequena pausa. Descobriu uma
máquina
vendedora automática e comprou um copo de papel de café
horroroso.

Voltou ao escritório sem janelas e olhou para a prova que tinha
reunido.

Sentiu um estranho carinho por aquela coleção macabra, talvez por
causa das situações por que tinha passado para reuni-la - as juntas
ficavam em

fogo e ainda se arrepiava toda quando se lembrava do corpo
enterrado na

primeira cena naquela manhã, das carnes penduradas de T.J. Colfax.
Até esse

dia, prova material nada significava para ela. Provas materiais eram
assunto de

aulas tediosas, em tardes sonolentas de primavera, na Academia de
Polícia.

Prova material era matemática, gráficos e tabelas, era ciência. Era morte.

Não, Amie Sachs ia ser uma policial de gente, fazendo ronda, apartando brigas, expulsando drogados, espalhando respeito pela lei - como

fez seu pai. Ou implantando esse respeito na marra. Como o belo Nick

Carelli, um veterano de cinco anos, o astro de Crimes de Rua, alegre para o

mundo com aquele sorriso tipo você-está-com-algum-problema?

E era exatamente isso o que ela ia ser.

Olhou para a folha marrom, seca, que tinha encontrado no túnel do curral. Uma das pistas deixadas por 238. E ali estava também a roupa de

baixo. Lembrou-se de que os federais haviam tomado aquela prova material

antes de Cooper concluir o teste no... como era o nome daquela máquina?

Cromatógrafo? Especulou sobre qual seria o líquido que umedecia o tecido de

algodão.

Esses pensamentos, porém, levaram-na a Lincoln Rhyme, e ele era a única pessoa no mundo em quem não queria pensar naquele momento.

Voltou à burocracia de anotar nos cartões o resto da prova material.

Cada cartão continha uma série de linhas em branco, onde seriam listados em

sequência os nomes das pessoas que haviam manuseado a prova, desde a sua

descoberta inicial na cena do crime até o julgamento na justiça. Ela tinha

transportado várias vezes e seu nome constava dos cartões. Mas essa era a

primeira vez em que A. Sachs, DPNY 5885, ocupava a primeira linha.

Mais uma vez, ergueu o saco plástico que continha a folha.

Ele havia realmente tocado naquela folha. Ele. O homem que tinha

assassinado T.J. Colfax. Que havia segurado o braço gordo de Monelle Gerger

e cortado até o osso. Que estava nesse exato momento à procura de uma nova

vítima - se é que já não a havia sequestrado.

Que naquela manhã tinha enterrado aquele pobre homem, a implorar

com a mão por uma compaixão que jamais recebeu.

Pensou no Princípio da Troca, de Locard, sobre pessoas que entram

em contato, cada uma transferindo alguma coisa para a outra.

Coisas grandes,

coisas pequenas. Com a maior probabilidade, elas nem sabiam que faziam

isso.

Teria alguma coisa de 238 vindo com aquela folha? Uma célula de sua

pele? Uma gota de suor? Era um pensamento intrigante. Sentiu uma pontada

de excitação, como se o assassino estivesse ali, em sua companhia, na pequena

sala abafada.

De volta aos cartões. Durante dez minutos preencheu-os e estava

justamente terminando o último quando a porta foi aberta bruscamente,

sobressaltando-a. Girou sobre si mesma.

Viu Fred Dellray à soleira, sem o paletó verde, a camisa engomada branca amassada, dedos beliscando o cigarro atrás da orelha.

- Venha aqui por um minuto ou dois, policial Sachs. Tempo de recompensa. Pensei que você gostaria de estar presente.

Sachs seguiu-o pelo curto corredor, dois passos atrás das enormes passadas.

- Os resultados da AFIS estão chegando - explicou Dellray.

A sala de planejamento estava ainda mais movimentada do que antes.

Agentes em mangas de camisas, debruçados sobre mesas. Todos com suas

armas de serviço - as volumosas automáticas Sig-Sauer e Smith & Wesson,

10mm. e .45s. Meia dúzia de agentes formavam um bolo em volta do terminal

do computador, ao lado do Opti-Scan.

Amélia não tinha gostado da maneira como Dellray lhes tomou o

caso, mas tinha que reconhecer que, por baixo daquela conversa sedosa de

hipster, Dellray era um policial muito bom. Agentes - velhos e moços -

procuravam-no com perguntas e ele pacientemente lhes respondia. Arrancava

um telefone do gancho e lisonjeava ou espinafrava quem estivesse no outro

lado da linha para conseguir o que queria. Em certas ocasiões, olhou de um

lado para outro da sala movimentada, rugindo: "Nós vamos pegar aquele

escroto. Isso mesmo, podem apostar que vamos."

E os olhares diretos e contrafeitos que recebia de volta traziam o

pensamento óbvio de que, se alguém podia pegar o escroto, esse alguém era

Dellray.

- Está chegando agora - disse um agente.

- Quero linhas livres para Nova York, Jersey e Connecticut - disse em voz alta Dellray. - E também com Casas Correccionais e Livramento Condicional. E com o INS, também. Digam que fiquem de prontidão para

pedido de identificação. Suspendam todas as demais operações.

Os agentes se afastaram e começaram a telefonar. A tela do

computador encheu-se nesse instante. Amélia não pôde acreditar que Dellray

fez realmente figa com os dedos compridos e finos. Silêncio total na sala.

- Pegamos o canalha! - berrou o agente ao teclado.

- Ele não é mais um elemento desconhecido - cantarolou, entoado,

Dellray, curvando-se para a tela. - Escutem. Temos o nome: Victor Piets.

Nascido aqui, 1948. Os pais eram de Belgrado. Temos, portanto, uma

conexão sérvia. Identificação fornecida por cortesia da Promotoria Pública de

Nova York. Condenações por drogas, assaltos, um deles com arma mortal.

Cumpriu duas penas de prisão. Ouçam só isso: história psiquiátrica, internado

três vezes compulsoriamente. Internações no Bellevue e no Manhattan

Psychiatric. Última alta há três anos. UEC Washington Heights. - Ergueu a

vista. - Quem está ligado com as companhias telefônicas? Vários agentes

levantaram a mão.

- Façam as ligações - ordenou Dellray.

Passaram-se cinco minutos intermináveis.

- Ausente. Não está listado na New York Telephone.

- Nada em Jersey - disse outro agente.

- Connecticut, negativo.

- Merda - murmurou Dellray. - Misturem os nomes. Tentem variações.

E dêem uma busca em serviço telefônico cancelado por falta de pagamento.

Durante vários minutos, vozes subiram e desceram como uma maré.

Dellray andou de um lado para o outro como um maníaco-ob-sessivo e Sachs compreendeu por que ele era tão magro.

De repente, um agente berrou:

- Achei!

Todos se viraram para ele.

- Estou ligado com a NY DMV - disse em voz alta outro agente. -

Têm o nome dele. A informação está vindo agora... Ele é motorista de táxi.

Tem licença para trabalhar.

- Por que é que isso não me surpreende? - murmurou Dellray.

- Devia ter pensado nisso. Onde é que fica o lar, doce lar, dele?

- Morningside Heights. A um quarteirão do rio. - O agente anotou o endereço e ergueu-o alto no ar, onde Dellray pegou-o ao passar rápido por ali.

- Conheço o lugar. Muito deserto. Cheio de viciados.

Outro agente digitou um endereço no terminal de seu computador.

- OK, conferindo transações imobiliárias... A propriedade dele é uma casa velha. Hipotecada a um banco. Ele deve alugá-la.

- Vocês querem a HRT? - gritou um agente do outro lado da movimentada sala. - Estou com Quântico na linha.

- Não temos tempo - resolveu Dellray. - Ligue para a sede da SWAT.

Pessoal pronto para operar, coletes à prova de bala, tudo.

- E o que é que você me diz sobre a vítima seguinte? - perguntou

Amélia.

- Que vítima seguinte?

- Ele já sequestrou alguém. Ele sabe que temos as pistas já há uma ou

duas horas. Ele deve ter deixado a vítima há pouco tempo em algum lugar.

Ele tinha que fazer isso.

- Não há notícia de ninguém desaparecido - respondeu o agente. - E se ele as sequestrou, estão provavelmente na casa dele.

- Não, não estão.

- Por que não?

- Elas captariam provas materiais demais - explicou ela. - Lincoln disse

que ele tem uma casa segura.

- Nesse caso, vamos pegá-lo e obrigá-lo a nos dizer onde elas estão.

Outro agente comentou:

- Nós podemos ser muito convincentes.

- Vamos nos mexer - disse Dellray em voz alta. - Vocês, todos aqui, vamos agradecer à policial Sachs, aqui presente. Foi ela quem descobriu e

revelou a impressão digital.

Amélia ficou corada. Sentiu isso, e odiou. Mas não pôde evitar a sensação. Baixando a vista, notou estranhas linhas em seus sapatos. Apertando

a vista, descobriu que ainda estava usando os elásticos.

Ao erguer a vista, viu uma sala cheia de agentes federais de rostos sérios, checando armas e dirigindo-se à porta, enquanto lhe lançavam um

olhar. Da mesma maneira, pensou ela, que os lenhadores olham para toras de

madeira.

CAPÍTULO XIX

Em 1911, uma tragédia de enorme dimensão abateu-se sobre nossa bela cidade.

No dia 25 de março, centenas de moças esforçadas trabalhavam duramente em

uma fábrica de vestuários, uma das muitas tristemente famosas como locais de "suor demais,

paga de menos", em Greenwich Village, no centro de Manhattan.

Tão enamorados estavam dos lucros os donos dessa companhia que negavam às

pobres moças instalações rudimentares que escravos poderiam ter possuído. Acreditavam que

as trabalhadoras não mereciam a confiança de ir sozinhas ao banheiro em rápidas visitas e,

assim, mantinham fechadas a sete chaves as salas de corte e costura.

O colecionador de ossos voltava nesse momento no táxi para o prédio onde morava.

Passou por um carro de radiopatrulha, mas manteve os olhos voltados diretamente à frente e

os guardas municipais nem mesmo o olharam.

No dia em questão, começou um incêndio no oitavo andar do prédio que, em

minutos, espalhou-se pela fábrica, de onde as jovens empregadas fizeram tudo para fugir.

Não puderam escapar, contudo, porque havia uma corrente passada pela porta. Muitas

morreram ali mesmo e diversas outras, algumas com o corpo em chamas, saltaram no ar de

uma altura de dezenas de metros sobre as lajes embaixo e morreram no choque com a

inamovível Mãe Terra.

Houve 146 vítimas no incêndio da Triangle Shirtwaist. A polícia, no entanto,

ficou perplexa com a incapacidade de localizar uma das vítimas, uma mulher jovem, Esther

Weiraub, que várias testemunhas viram saltar em desespero do oitavo andar. Nenhuma das

moças que saltou da mesma maneira sobreviveu à queda. Era possível que ela tivesse,

miraculosamente, sobrevivido? Pois quando os corpos foram alinhados na rua para que

chorosos membros de famílias as identificassem, a pobre Srta. Weinraub não foi encontrada.

Histórias começaram a circular sobre um violador de tumbas e devorador de

cadáveres, um homem que foi visto saindo com um grande volume da cena do incêndio. Tão

indignados ficaram os guardas municipais que alguém pudesse violar os restos sagrados de

uma inocente vítima que iniciaram uma busca pelo tal homem.

Após várias semanas, seus diligentes esforços produziram frutos. Dois moradores

de Greenwich Village comunicaram ter visto um homem deixando a cena do incêndio

levando um pesado fardo, "como se fosse um tapete", em cima do ombro. Os guardas

municipais descobriram a pista e seguiram-na até o West Side, onde conversaram com

moradores e souberam que o homem correspondia à descrição de James Schneider, que

continuava à solta.

Acabaram por restringir a busca a uma residência decrepita em um beco da Hell's

Kitchen, não muito longe dos currais da rua 60. Ao entrarem no beco, foram recebidos por

uma fedentina repugnante...

Nesse momento, ele estava passando pelo próprio local do incêndio da Triangle -

talvez ele tivesse sido levado subconscientemente a passar por ali. O Asch Building - o nome

irônico da estrutura onde funcionava a fábrica condenada - havia sido demolido e o local era

nesse momento parte da Universidade de Nova York. Naquela ocasião como agora... O

coleccionador de ossos não teria ficado surpreso se tivesse visto moças operárias usando blusa

branca, deixando um rastro de fagulhas e fumaça, caindo graciosamente para a morte,

caindo em volta dele como se fossem flocos de neve.

Ao invadir a habitação de Schneider, as autoridades descobriram um espetáculo

que fez cambalear de horror até mesmo os mais empedernidos entre elas. O corpo da infeliz

Esther Weinraub - (ou o que restava dele) - foi encontrado no porão. Schneider estava

encurvado sobre o corpo, terminando o trabalho do trágico incêndio e lentamente removendo a

carne do corpo da moça, usando meios chocantes demais para descrever aqui.

Uma busca no horripilante local revelou a existência de um quarto secreto, ao lado

do porão, cheio de ossos que haviam sido inteiramente descamados.

Embaixo da cama de Schneider, os guardas encontraram um diário, no qual o

louco tinha escrito sua história do mal. "O osso" - (escreveu Schneider) - "é o núcleo final do

ser humano. Ele não se altera, não engana, não cede. Logo que a fachada de nossos

dissolutos caminhos da carne, os defeitos de raças inferiores, e o sexo mais fraco são

queimados ou cozidos, nós somos - todos nós - osso nobre. O osso não mente. É imortal."

O diário do lunático continha uma crônica de experimentação horripilante,

enquanto ele procurava descobrir a maneira mais eficaz de descamar o corpo de suas vítimas.

Tentara cozinhá-los, queimá-los, lixiviá-los, empalá-los em paus para serem devorados por

animais e imergi-los em água.

Em seu macabro esporte, porém, ele preferia um método a todos os outros.

“Concluí que é melhor”, continuava o diário, “simplesmente enterrar o corpo na terra

generosa e deixar que a Natureza se encarregue do tedioso trabalho. É o método mais

demorado, porém o menos capaz de despertar suspeita, uma vez que os odores são reduzidos

ao mínimo. Prefiro enterrar os indivíduos enquanto eles ainda estão vivos, embora não possa

dizer com certeza o motivo.”

Nesse quarto até então secreto foram descobertos três outros corpos nessa exata

condição. As mãos abertas e expressão confusa das pobres vítimas documentavam que

estavam na verdade vivas quando Schneider jogou a última pá de terra sobre suas cabeças

atormentadas.

E foram essas sinistras inclinações que levaram os jornalistas do dia a batizar

Schneider com o nome pelo qual será para sempre conhecido: “O Colecionador de Ossos”.

Continuou a dirigir, a mente voltando à mulher dentro da mala do carro, Esther Weinraub. O cotovelo fino, a clavícula delicada como uma asa

de ave. Acelerou mais o táxi e arriscou-se mesmo a desobedecer dois sinais

vermelhos. Não podia esperar muito tempo mais.

- Não estou cansado - disse secamente Rhyme.

- Cansado ou não, você precisa descansar.

- Não. Eu preciso é de outro drinque.

Valises pretas alinhavam-se ao longo da parede, à espera de policiais

da 22a Delegacia, que as levariam de volta para o laboratório da DIRC. Nesse

momento, Mel Cooper levava uma caixa de microscópio escada abaixo. Lon

Sellitto continuava sentado na cadeira de vime, mas não falava muito. Estava

justamente chegando à conclusão de que Lincoln Rhyme, afinal de contas, não

era absolutamente um bêbado jovial.

- Tenho certeza de que sua pressão arterial subiu - disse Thom. - Você

precisa descansar.

- Preciso é de um drinque.

Diabos a levem, Amélia Sachs, pensou ele. E não soube por quê.

- Você devia largar isso. A bebida nunca lhe fez bem.

Bem, eu estou largando tudo, respondeu silenciosamente Rhyme.
Para

sempre. Segunda-feira. E nada de doze passos para mim. Vai ser um passo só.

- Prepare outro drinque - ordenou.

Sem querê-lo, realmente.

- Não.

- Prepare um drinque para mim, agora! - disse Rhyme, áspero.

- De jeito nenhum.

- Lon, você poderia fazer o favor de me preparar um drinque?

- Eu...

- Ele não vai tomar outro - declarou Thom. - Quando está num estado

desses, ele se torna insuportável e não vamos tolerar isso.

- Você vai me negar alguma coisa? Eu poderia mandá-lo embora.

- Pois mande.

- Maltratar um paralítico! Vou processá-lo por isso. Prenda-o, Lon.

- Lincoln... - começou Sellitto, procurando acalmá-lo.

- Prenda-o!

O detetive ficou surpreso com a crueldade das palavras de Rhyme.

- Ei, amigão, talvez você deva maneirar um pouco – aconselhou

Sellitto.

- Oh, Cristo - gemeu Rhyme. E começou a gemer em voz alta.

- O que é isso? - perguntou Sellitto, preocupado.

Thom permaneceu calado, olhando atentamente para Rhyme.

- Meu fígado - O rosto de Rhyme se transformou em um sorriso cruel.

- Cirrose, provavelmente.

Thom deu-lhe as costas, furioso, dizendo:

- Eu não vou aguentar essa merda, está bem?

- Não, não está bem...

Uma voz de mulher à porta:

- Nós não temos muito tempo.

- ...absolutamente.

Amélia Sachs entrou e olhou para as mesas vazias. Rhyme sentiu baba

na boca. Ficou alucinado de raiva. Porque ela viu a saliva. Porque ele usava

uma camisa branca engomada, que vestira apenas por causa dela. E porque

queria desesperadamente ficar sozinho, para sempre, sozinho na escuridão de

uma paz imóvel - onde era o rei. Não rei por um dia. Mas rei por toda

eternidade.

A baba engrossou. Contraindo os músculos já doloridos do pescoço para

passar a língua pelos lábios e secá-los. Habilmente, Thom tirou um lenço de

papel de uma caixa e secou a boca e o queixo do patrão.

- Policial Sachs - disse Thom. - Seja bem-vinda. Um exemplo notável de maturidade. Não estamos vendo muito disso neste exato momento.

Amélia não usava o quepe e a blusa azul-celeste estava aberta na gola.

Os cabelos ruivos longos cascateavam pelos ombros. Ninguém teria o menor

trabalho para diferenciar aquele cabelo sob um microscópio de comparação.

- Mel me deixou entrar - explicou ela, indicando a escada com um movimento de cabeça.

- Já não passou a hora de você ir dormir, Sachs?

Thom deu uma palmadinha no ombro do patrão. Comporte-se, era o que o gesto dizia.

- Acabei de vir do edifício federal - disse ela a Sellitto.

- O que é que estão fazendo com nossos dólares de imposto?

- Eles o pegaram.

- O quê?! - perguntou Sellitto. - Tão fácil assim? Jesus. Já sabem disso

lá no centro?

- Perkins ligou para o prefeito. O cara é um motorista de táxi. Nasceu

aqui, mas o pai dele era sérvio. De modo que estão pensando que ele estava

querendo se vingar das Nações Unidas, ou coisa assim. Tem antecedentes

criminais. Oh, e também uma história de problemas mentais. Dellray e a

SWAT federal estão a caminho agora mesmo.

- Como foi que eles conseguiram isso? - perguntou Rhyme. - Aposto que foi aquela impressão digital.

Ela confirmou com um aceno de cabeça.

- Eu desconfiei que aquela impressão ia ser importante. E, diga-me uma coisa, qual a preocupação deles com a próxima vítima?

- Eles estão preocupados - respondeu ela, honestamente. - Mas querem principalmente pegar o elemento desconhecido.

- Bem, essa é a natureza deles. Deixe-me pensar. Eles estão achando

que poderão forçá-lo a revelar o local onde deixou a vítima, depois de o

prenderem.

- Isso mesmo.

- Isso pode demandar muito esforço - observou Rhyme. - Arrisco essa

opinião sem o benefício das luzes do nosso Dr. Dobyms e dos sábios de

Ciência Comportamental. De modo que mudou de idéia, Amélia? Por que

voltou aqui?

- Porque, consiga ou não Dellray agarrá-lo, acho que não temos tempo

a esperar. Quero dizer, para salvar a próxima vítima.

- Oh, mas nós fomos desmontados. Não ouviu falar nisso? Nossas

portas foram fechadas, somos considerados acabados. - Rhyme olhava nesse

momento para a tela escura do computador, tentando ver se seu cabelo

continuava penteado.

- Você está desistindo? - perguntou ela.

- Policial - disse Sellitto -, mesmo que quiséssemos fazer alguma coisa,

não temos mais nenhuma prova material. Esse é o único elo...

- Eu a tenho.

- O quê?

- Toda ela. Está lá embaixo, no VRR.

O detetive olhou pela janela.

Sachs continuou:

- Da última cena de crime. De todas as cenas.

- Você tem as provas? - perguntou Rhyme. - Como?

Sellitto, porém, estava rindo.

- Ela furtou-as, Lincoln. Porra!

- Dellray não precisa delas - observou Sachs. - Exceto para o

juízo. Eles pegaram o elemento desconhecido, nós vamos salvar a

vítima. Funciona bem, não?

- Mas Mel Cooper acaba de ir embora.

- Não, ele está lá embaixo. Pedi a ele para esperar. - Sachs cruzou os

braços no peito. Olhou para o relógio. Passava das sete. - Não temos muito

tempo - repetiu.

Os olhos de Rhyme também estavam no relógio. Deus, como estava cansado. Thom tinha razão. Estava acordado por mais tempo do que em

anos. Mas estava surpreso - não, chocado - por descobrir que, embora

pudesse ter se sentido furioso, embaraçado ou apunhalado por uma cruel

frustração naquele dia, os minutos que se escoaram não foram pesos

insuportáveis em sua alma. Como haviam sido nos três últimos anos e meio.

- Ratos de igreja que estão no céu! - exclamou Rhyme com uma risada.

- Thom? Thom! Precisamos de café. Em acelerado. Sachs, leve essas amostras

de celofane ao laboratório, juntamente com a polaróide do fragmento que Mel

tirou do osso de vitela. Eu quero, dentro de uma hora, um laudo de

polarização-comparação. E nada dessa merda de "com a maior

probabilidade". Quero uma resposta: em qual rede de mercados nosso

elemento desconhecido comprou o osso de vitela. E traga de volta para cá

aquela sua pequena sombra, Lon. Aquela que tem o nome de um jogador de

beisebol.

As vans pretas corriam em alta velocidade pelas ruas secundárias.

Era uma rota mais demorada para a casa do elemento, mas Dellray sabia o que estava fazendo: espera-se que operações anti-terrorismo evitem as

grandes artérias urbanas, que são com frequência monitoradas por cúmplices.

Dellray, na parte traseira da van que seguia na frente, apertou mais a correia

do colete à prova de bala. Estavam a menos de dez minutos de distância do

local.

Enquanto seguiam em alta velocidade, olhava para os prédios de apartamentos em ruínas, para os lotes cheios de lixo. Na última vez em que

esteve nesse bairro decrépito, ele era o rastafári Peter Haile Thomas, do

Queens. Comprou 65kg de cocaína de um portoriquenho pequenino e

mirrado, que, no último minuto, resolveu roubar o comprador. Pegou o

dinheiro de Dellray e lhe apontou uma pistola para a virilha, apertando o

gatilho com tanta calma como se estivesse comprando verduras na A&P.

Clique, clique, clique. A pistola negou fogo. Toby Dolittle e o grupo de apoio

tático pegaram o filho da puta e seus cúmplices, antes que o escroto sacasse a

outra arma, deixando um chocado Dellray refletindo sobre a ironia de ser

quase morto porque o elemento acreditou realmente no seu desempenho -

que ele era um traficante de drogas e não um policial.

- Tempo estimado de chegada, quatro minutos - avisou o motorista.

Por alguma razão, os pensamentos de Dellray voltaram a Lincoln

Rhyme. Lamentava ter sido um grande calhorda ao assumir o comando do

caso. Mas não teve muita opção. Sellitto era um buldogue e Polling um

psicopata - embora pudesse dar conta deles. Era Rhyme que o deixava

constrangido. Afiado como uma navalha (droga, foi a equipe dele que

encontrara a impressão digital de Pietrs, mesmo que não a tivessem

aproveitado com a rapidez devida). Nos velhos dias, antes do acidente,

ninguém podia derrotar Rhyme, se ele não quisesse ser derrotado. E tampouco se podia enganá-lo.

Nesse momento, Rhyme era um brinquedo quebrado. Era uma coisa triste o que podia acontecer a qualquer homem, morrer e ainda continuar

vivo. Dellray tinha entrado no quarto dele - no quarto de dormir dele, nada

menos do que isso - e batido nele com força. Com mais força do que devia.

Talvez desse um telefonema para ele. Ele poderia...

- Hora do espetáculo - disse o motorista, e Dellray esqueceu tudo sobre Lincoln Rhyme.

As vans entraram na rua onde Pietrs morava. A maioria das ruas por onde haviam passado estava cheia de moradores suados, as mãos ocupadas

com garrafas de cerveja e cigarros, na esperança de pegar uma ou duas lufadas

de ar fresco. Mas essa estava escura, vazia.

Vagarosamente, as vans pararam. Duas dezenas de agentes desceram,

usando uniformes táticos de cor preta, levando suas H&Js equipadas com

lanternas e miras laser presas aos canos. Dois vagabundos olharam para eles:

um deles escondeu rapidamente sob a camisa a garrafa de uísque Colt 44.

Dellray olhou para uma janela no prédio de Pietrs, de onde saía uma pálida luz amarelada.

O motorista da van deu marcha a ré, estacionando em um lugar escuro, e sussurrou para Dellray:

- Perkins - e bateu no fone de ouvido. - O diretor está ao telefone.

Eles querem saber quem está comandando a invasão.

- Eu - respondeu seco o Camaleão. Virou-se para o grupo: - Quero vigilância de um lado a outro da rua e nos becos. Atiradores de elite, ali, e ali.

E quero todo mundo em seus lugares em cinco minutos. Estamos entendidos

sobre isso?

Descendo a escada, a velha madeira estalando.

O braço em volta do corpo da vítima, guiando-a, meio zozna com o golpe recebido na cabeça, para o porão. Ao pé da escada, jogou-a no chão

sujo e fitou-a.

Esther...

Os olhos dela se ergueram ao encontro dos seus. Desespero, súplica.

Ele nem notou. Tudo que via era o corpo. Começou a tirar-lhe a roupa, o

uniforme púrpura de jogging. Era inconcebível que uma mulher saísse

realmente para a rua, neste dia e tempos, usando o que nada mais era do que,

bem, roupas íntimas. Não pensava que Esther Weinraub fosse uma puta. Ela

tinha sido uma operária, que costurava vestidos, cinco por um níquel.

O colecionador observou como a clavícula da mulher se destacava ao

lado da garganta. E enquanto algum outro homem poderia olhar para os seios

e os escuros pêlos pubianos, ele olhou para a endentação do manúbrio e as

costelas que dele se projetavam como se fossem pernas de aranha.

- O que é que você está fazendo? - perguntou ela, ainda tonta com o

golpe na cabeça.

O colecionador observou-a atentamente, mas o que viu não foi uma

mulher jovem, anoréxica, nariz largo demais, lábios carnudos demais, e pele

parecida com areia suja. Viu por baixo dessas imperfeições a beleza perfeita de

sua estrutura.

Acariciou-lhe a têmpora, alisou-a suavemente. Não deixe que isso seja

quebrado, por favor...

Ela tossiu e as narinas se alargaram - os vapores eram muito fortes ali

embaixo, embora ele dificilmente os notasse naquele momento.

- Não me machuque de novo - murmurou ela, a cabeça balançando solta. - Simplesmente, não me machuque. Por favor.

Ele tirou o canivete do bolso e lhe cortou e tirou a calcinha. A mulher

olhou para o corpo nu.

- E isso o que você quer? - perguntou ela, arquejante. – Tudo bem, pode me foder. Tudo bem.

O prazer da carne, pensou ele... simplesmente não chega nem perto...

Ele levantou-a com um arranco. Alucinada, ela se afastou dele e começou a correr tropeçando para uma pequena porta no canto do porão.

Não correndo, não tentando realmente fugir, simplesmente soluçando,

estendendo uma mão à frente, andando em voltas na direção da porta.

O colecionador de ossos observou-a, fascinado pelos passos lentos, patéticos.

A porta, que outrora abria para uma calha de carvão, nesse momento

levava a um túnel estreito ligado ao porão do prédio deserto contíguo.

Esther foi se arrastando até a porta de metal, abriu-a e entrou.

Não mais de um minuto depois, ele ouviu o lamentoso grito, seguido por um arquejante e dilacerante:

- Deus, não, não, não...

Outras palavras, também, perdidas nos uivos cada vez mais altos de pavor.

Em seguida, ela voltou pelo túnel, movendo-se mais rápida nesse instante, batendo com as mãos no corpo, como se estivesse tentando arrancar

de si o que tinha acabado de ver.

Venha para mim, Esther.

Ela veio tropeçando pelo chão imundo, soluçando.

Venha para mim.

Ela correu para os braços pacientes dele, à espera, que se fecharam em

volta de seu corpo. Ele apertou-a com força, como se fosse um amante, sentiu

a clavícula maravilhosa sob os dedos e, lentamente, arrastou a mulher em

pânico para a porta do túnel.

CAPÍTULO XX

As fases da lua, a folha, a roupa íntima úmida, a terra. A equipe estava

de volta no quarto de Rhyme - todos, exceto Polling e Haumann. Seria forçar

demais a lealdade trazer capitães para o que era, não havia como sofismar,

uma operação clandestina.

- Você testou no cromatógrafo o líquido encontrado na calcinha, certo, Mel?

- Tive que fazer isso novamente. Eles cortaram nosso barato antes de

eu obter o resultado.

Pegando uma amostra, ele injetou-a no cromatógrafo. Enquanto

operava a máquina, Sachs aproximou-se para observar os picos e fossas do

perfil que apareciam na tela. Tal como um índice de ações na Bolsa.
Rhyme

notou nesse momento que ela estava perto dele, como se tivesse se aproximado quando ele não estava olhando. Amélia disse em voz baixa:

- Eu fui...

- Sim?

- Fui mais rude do que queria. Antes, quero dizer. Eu tenho mau gênio. Não sei de onde o herdei. Mas tenho.

- Você estava certa - reconheceu Rhyme.

Eles se entreolharam, sem problemas, e Rhyme pensou nas vezes em

que ele e Blaine tiveram discussões sérias. Quando falavam, sempre focalizavam a atenção em algum objeto entre eles - um dos cavalinhos de

cerâmica que ela colecionava, um livro, uma garrafa quase vazia de Merlot ou

Chardonnay.

- Eu processo as cenas de maneira diferente da usada pela maioria dos

criminalistas - disse ele. - Preciso de alguém sem quaisquer idéias

preconcebidas. E preciso também de uma pessoa que pense por si mesma. As

qualidades contraditórias que procuramos naquele esquivo amante perfeito.

Força e vulnerabilidade, em medidas iguais.

- Quando conversei com o comissário Eckert - disse ela -, foi simplesmente para conseguir a efetivação de minha transferência. Isso era

tudo o que eu queria. Nunca me ocorreu que aquilo que eu disse chegaria aos

federais e que eles tomariam o caso.

- Sei disso.

- Eu ainda perco a cabeça. Sinto muito por aquilo.

- Não se arrependa, Sachs. Preciso de alguém que me diga que sou um

palhaço, quando me comporto como um. Thom faz isso. É por isso que o

amo.

- Não fique sentimental comigo, Lincoln - gritou Thom, do outro lado da sala.

Rhyme continuou:

- Ninguém mais me manda pro inferno. Todos parecem pisar em ovos. Odeio isso.

- Aparentemente, não houve por aqui, nos últimos tempos, muitas

peessoas para lhe dizer muito sobre alguma coisa.

Após um momento, ele confirmou:

- Isso é verdade.

Na tela do cromatógrafo-espectrômetro os picos e fossas pararam de mover-se e se transformaram em uma das infinitas assinaturas da natureza.

Mel Cooper dedilhou as teclas do computador e leu os resultados:

- Água, óleo diesel, fosfato, sódio, minerais vestigiais... Não tenho idéia sobre o que seja isso.

Qual era, perguntou Rhyme a si mesmo, a mensagem ali contida? A própria calcinha? O líquido?

- Vamos continuar - disse. - Quero ver a areia.

Sachs trouxe-lhe o saco. Continha areia rosada, misturada com pedaços de argila e seixos.

- Fígado de boi - anunciou ele. - Mistura de pedra e areia.

Encontrada imediatamente acima do leito rochoso de Manhattan. Na mistura há também silicato de sódio? Cooper voltou ao cromatógrafo.

- Há. Muito.

- Neste caso, estamos procurando uma localização no subsolo, a uns

45 metros de água. - Rhyme soltou uma risada ao notar a expressão de

espanto no rosto de Sachs. - Não é magia, Sachs. Eu simplesmente fiz meu

dever de casa, só isso. Os empreiteiros misturam silicato de sódio com fígado

de boi para estabilizar a terra quando fazem escavações em áreas de leito

rochoso profundo perto de água. Isso significa que vai ter que ser no centro

da cidade. Agora, vamos dar uma olhada na folha.

Amélia estendeu-lhe o saco.

- Nenhuma pista sobre o que é isso - reconheceu Rhyme. - Acho que nunca vi uma folha como essa. Não em Manhattan.

- Eu tenho uma lista de horticulturas em sites na internet - disse

Cooper, olhando para a tela do computador. - Vou surfar um pouco.

O próprio Rhyme tinha passado algum tempo on-line, rodando pela

Internet. Como aconteceu com livros, filmes e pôsteres, seu interesse pelo

cibermundo acabou minguando. Talvez porque parte tão grande de seu

mundo fosse virtual, a Internet era, no fim, um lugar sem esperança para

Lincoln Rhyme.

A tela de Cooper piscava enquanto ele continuava a clicar hyperlinks e descia mais fundo na web.

- Estou baixando alguns arquivos. Isso deve levar dez, vinte minutos.

- Tudo bem - concordou Rhyme. - Quanto ao resto das pistas encontradas por Sachs... Não as que foram plantadas. As outras. Elas podem

nos dizer onde ele esteve. Vamos dar uma olhada em nossa arma secreta, Mel.

- Arma secreta? - perguntou Amélia.

- A prova vestigial.

O agente especial Fred Dellray havia montado uma operação de dez homens. Duas equipes, além do pessoal de busca e vigilância. Os agentes,

protegidos por coletes à prova de bala, esconderam-se nas moitas, suando

horrivelmente. Do outro lado da rua, no alto de uma casa abandonada, a

equipe de S&S tinha suas Grandes Orelhas e filmadoras de vídeo de infravermelho apontadas para a casa do elemento.

Os três atiradores de elite, com suas grandes Remingtons carregadas e

travadas, estavam em posição de tiro, deitados no alto de telhados; seus

localizadores de alvos, munidos de binóculos, agachados ao lado, Dellray - usando uma jaqueta do FBI e jeans, em vez do terno verde de duende - escutava tudo em um fone de inserção na orelha.

- Vigilância ao Comando. Sensor infravermelho apontado para o porão. Há alguém se movendo lá embaixo.

- O que é que vocês estão vendo? - perguntou Dellray.

- Nada. As janelas estão sujas demais.

- Ele está sozinho, com seu humilde eu? Talvez ele tenha consigo uma

vítima neste momento, hã?

De alguma maneira, ele sabia que a policial Sachs estava

provavelmente certa, que por essa hora ele já havia sequestrado alguém.

- Não posso dizer. Localizamos apenas movimento e calor.

Dellray tinha enviado outros agentes para guardar os lados da casa.

Eles deram informações nesse momento:

- Nenhum sinal de vida no primeiro ou segundo andar. A garagem está fechada.

- Atiradores de elite? - perguntou Dellray. - Informem.

- Atirador Um para Comando. Fui designado para cobrir a porta da frente.

Os outros estavam cobrindo o corredor e um quarto no primeiro andar.

- Arma carregada e travada - informaram pelo rádio.

Dellray sacou a grande pistola automática.

- Muito bem, nós temos um papel - disse ele, referindo-se a uma ordem de busca. Eles não teriam que bater à porta. - Vamos! Grupos um e

dois, preparar para entrar em ação, preparar para entrar em ação, preparar

para entrar em ação.

O primeiro grupo atacou a porta da frente com um aríete, enquanto o

segundo usava o método ligeiramente mais civilizado de quebrar, empurrando

para dentro, a janela da porta dos fundos e abrir o ferrolho por dentro.

Entraram rápido, Dellray seguindo o último dos policiais do Grupo Um pela

casa velha e imunda. O cheiro de carne podre era sufocante e Dellray,

nenhum novato em cenas de crime, engoliu em seco com força, lutando para

não vomitar.

O segundo grupo ocupou e tornou seguro o térreo e, em seguida, subiu pela escada em direção ao quarto, enquanto o primeiro descia correndo

a escada do porão, as botas ressoando alto no madeirame antigo.

Dellray entrou correndo no porão malcheiroso. Ouviu uma porta sendo fechada em algum lugar abaixo e um grito:

- Não se mova! Agentes federais. Parado, parado, parado!

Mas, quando chegou à porta do porão, ouviu o mesmo agente dizer em um tom de voz muito diferente:

- Que diabo é isso? Oh, Jesus.

- Porra - gritou o outro homem. - Isso é merda!

- Merda em pilha fumegante! - Dellray esscarrou, sufocando, ao entrar,

engolindo em seco quando foi atingido pelo cheiro asqueroso.

O corpo do homem estava estendido no chão, dele escapando um fluido preto. Garganta cortada. Os olhos mortos, vidrados, fixos no teto,

embora o torso parecesse estar se movendo - inchando e mudando de lugar.

Dellray arrepiou-se. Nunca desenvolveu muita imunidade à visão de uma

infestação de insetos. O número de insetos e vermes sugeria que a vítima

estava morta há pelo menos três dias.

- Por que foi que conseguimos leitura positiva no infravermelho? -
perguntou um agente.

Dellray apontou para marcas de dentes de ratos e camundongos na perna e lado inchado da vítima.

- Eles estão em algum lugar por aqui. Nós interrompemos a hora do jantar.

- O que foi que aconteceu? Uma das vítimas pegou o criminoso?

- Do que é que você está falando? - perguntou secamente Dellray.

- Esse aí não é ele?

- Não, não é ele - explodiu Dellray, olhando para um ferimento em especial no cadáver.

Um dos membros do grupo franzia nesse momento as sobrancelhas.

- Não, Dellray. Esse aí é o cara. Conseguimos fotos dele. Esse aí é Pietrs.

- Claro que é o merda do Pietrs. Mas ele não é o elemento desconhecido. Não entendeu?

- Não? O que é que você quer dizer com isso?

Nesse momento, tudo estava claro para ele.

- O filho da puta.

Nesse momento, o telefone de Dellray tocou e ele sobressaltou-se.

Abriu-o, escutou por um minuto.

- Ela fez o quê? Oh, como se eu ainda precisasse de mais isso...
Não,

não temos o puto do perpetrador na porra de uma custódia.

Apertou com violência o botão off e apontou um dedo irado para os agentes da SWAT.

- Vocês vêm comigo.

- O que está acontecendo, Dellray?

- Vamos fazer uma visita. E o que é que a gente não vai ser quando fizer isso? - Os agentes entreolharam-se, franzindo as sobrancelhas.
O

próprio Dellray deu a resposta: - A gente não vai ser absolutamente delicado.

Mel Cooper despejou em uma folha de papel de jornal o conteúdo dos

envelopes. Examinou a poeira com uma lupa.

- Bem, aqui há pó de tijolo. E algum outro tipo de pedra. Mármore,

acho.

Colocou a amostra em uma lâmina e examinou-a sob o microscópio composto.

- Isso mesmo. Mármore. Cor-de-rosa.

- Havia algum tipo de mármore no túnel do curral? No lugar onde você encontrou a moça alemã?

- Nenhum - respondeu Sachs.

Cooper sugeriu que o mármore podia ser da pensão onde morava

Monelle, coletado quando o elemento desconhecido 238 a sequestrou.

- Não. Conheço o quarteirão onde fica a Deutsche Haus. É apenas uma

casa de cômodos convertida do East Village. A melhor pedra que poderia

existir lá seria granito polido. Talvez, apenas talvez, seja um fragmento do

esconderijo dele. Alguma coisa notável na poeira?

- Marcas de cinzel - disse Cooper, curvando-se sobre o microscópio.

- Ah, ótimo. Bem feitas?

- Não muito. Denteadas.

- Tal como de uma velha cortadora de pedra a vapor.

- Acho que sim.

- Escreva, Thom - disse Rhyme, indicando o pôster com um movimento de cabeça. - Há mármore na casa segura do elemento. E a casa é antiga.

- Mas por que é que a gente se preocupa com a casa segura do elemento? - perguntou Banks, olhando para o relógio. - Os federais estarão lá por esta hora.

- Nunca temos informações suficientes, Banks. Lembre-se disso.

Agora, o que foi mais que conseguimos?

- Outro pedaço da luva. Aquela de cor vermelha. E o que é isso? - perguntou ele a Sachs, mostrando um saco de plástico com uma rolha de madeira.

- A amostra da loção após barba. No lugar onde ele se encostou em uma coluna.

- Quer que eu faça um perfil olfativo? - perguntou Cooper.

- Deixe que eu a cheire primeiro - decidiu Rhyme.

Sachs trouxe-lhe o saco. Dentro havia um pequeno disco de madeira.

Ele abriu o saco e inalou o ar.

- Brut. Como foi que você não reconheceu? Thom, acrescente que nosso homem usa água-de-colônia comprada em farmácias.

- Temos aqui aquele outro fio de cabelo - disse Cooper. O técnico montou a amostra em um microscópio de comparação. - Muito parecido com

o que encontramos antes. Oh, com todos os diabos, para você, Lincoln, eu

diria que é o mesmo.

- As extremidades estão cortadas ou se quebraram naturalmente?

- Cortadas.

- Ótimo, estamos chegando à cor do cabelo - disse Rhyme.

Thom escreveu castanho exatamente no momento em que Sellitto disse:

- Não escreva isso!

- O quê?

- Obviamente, não é castanho - continuou Rhyme.

- Eu pensei...

- É tudo, menos castanho. Louro, amarelado, preto, ruivo...

O detetive explicou:

- É um velho macete. A gente entra em um beco atrás de uma

barbearia, pega no lixo alguns fios de cabelo. Deixa-os na cena do crime.

- Oh! - disse Banks e arquivou a informação em algum lugar em seu cérebro entusiástico.

Cooper montou o fio no microscópio de polarização. Enquanto ajustava botões, disse:

- Birrefringência de .053.

- Nylon 6 - disse imediatamente Rhyme. - Com o que é que se parece,

Mel?

- Muito áspero. Vista transversal lobulada.

- Carpete.

- Exato. Vou verificar no banco de dados. - Um momento depois,

ergueu a vista, tirando-a do microscópio. - E uma fibra
HampsteadTextile

118B.

Rhyme soltou um suspiro de nojo.

- O quê? - perguntou Sachs.

- O revestimento de mala de carro mais usado por montadoras

americanas. Encontrado em duzentas marcas de carros fabricados nos últimos

quinze anos. Inútil... Mel, há alguma coisa na fibra. Use o MEE.

O técnico levantou o microscópio escaneador de elétrons. A tela acendeu-se com um brilho sobrenatural azul-esverdeado. O fio de fibra

parecia uma grossa corda.

- Encontrei alguma coisa aqui. Cristais. Um bocado. Os fabricantes usam bióxido de titânio para tornar opacos tapetes brilhantes. Pode ser isso.

- Ponha no cromatógrafo a gás. Pode ser importante.

- Não há aqui o suficiente para isso, Lincoln. Eu teria que queimar toda a fibra.

- Queime, então.

Delicadamente, Sellitto interveio:

- Tomar emprestadas provas federais é uma coisa. Mas, destruí-las?

Estou em dúvida, Lincoln. Se houver um julgamento...

- Vamos ter que fazer isso.

- Oh, cara... - disse Banks.

Sellitto inclinou relutante a cabeça e Cooper montou a amostra. A

máquina silvou. Um momento depois, a tela pestanejou e apareceram colunas.

- Aí está, é uma molécula de polímero de cadeia longa. Náilon. Mas

essa pequena onda, isso é outra coisa. Cloro, detergente... É um produto de

limpeza.

- Lembre-se - disse Rhyme - de que aquela moça alemã disse que o carro tinha cheiro de coisa limpa. Descubra de que tipo é.

Cooper passou a informação pelo banco de dados de nomes de marca.

- E fabricado pela Pfizer Chemicals. Vendido sob o nome de fantasia Tidi-Kleen, pela Baer Automotive Products, em Teterboro.

- Perfeito! - exultou Lincoln Rhyme. - Conheço a companhia. Vendem por atacado a frotas de carros. Principalmente a empresas de aluguel de

carros. Nosso elemento desconhecido está usando um carro alugado.

- Mas ele não seria louco para dirigir um carro alugado até cenas de crime, seria? - perguntou Banks.

- É roubado - murmurou Rhyme, como se o rapaz tivesse perguntado

qual a soma de dois mais dois. - E deve estar com placa roubada. Emma ainda

está trabalhando conosco?

- Provavelmente, a esta hora já foi para casa.

- Acorde-a e mande-a fazer uma busca na Hertz, Avis, National, e Budget, para saber se algum carro foi roubado.

- Vou fazer isso - respondeu Sellito, embora contrafeito, sentindo talvez o mau cheiro fraco de prova federal que subia no ar.

- As pegadas? - perguntou Sachs.

Rhyme examinou as impressões eletrostáticas que ela havia recolhido.

- Desgaste incomum nas solas. Está vendo a parte desgastada na parte

externa de cada sapato, na parte arredondada da sola do pé?

- Dedos virados para dentro? - especulou Thom em voz alta.

- Provavelmente, mas não há desgaste correspondente no calcanhar, o

que seria de esperar. - Rhyme examinou a pegada. - O que acho é que ele é

um leitor.

- Leitor?

- Sente-se nessa cadeira aí - sugeriu Rhyme a Sachs. - E encurve-se sobre a mesa, fingindo que está lendo.

Ela se sentou e, em seguida, ergueu a vista.

- E...?

- Finja que está virando páginas.

Ela fez isso, várias vezes. Levantou novamente a vista.

- Continue. Você está lendo Guerra e paz.

As páginas continuaram a ser viradas, ela de cabeça baixa. Após um momento, sem pensar, ela cruzou os tornozelos. As partes externas dos

sapatos eram as únicas partes que tocavam o chão.

Rhyme chamou a atenção para esse fato, dizendo:

- Ponha isso no perfil, Thom. Mas acrescente um sinal de interrogação.

- Agora vamos examinar as bordas de atrito.

Sachs disse que não tinha consigo a impressão digital boa, aquela com

que os federais haviam identificado o elemento desconhecido.

- Ela ainda está no edifício federal.

Rhyme, porém, não estava interessado nessa prova. A que queria examinar era a outra, a Kromekote que Sachs tirou da pele da moça alemã.

- Não escaneável - anunciou Cooper. - Não é nem mesmo de classe C.

Eu não ousaria dar uma opinião sobre ela, se me pedissem.

- Não estou interessado em identidade - esclareceu Rhyme. - Estou interessado nessa linha aí.

Era uma linha em forma crescente e estava bem no meio da almofada do dedo.

- O que é isso? - perguntou Sachs.

- Uma cicatriz, acho - sugeriu Cooper. - De um velho corte. Um corte fundo. Parece que foi até o osso.

Rhyme pensou em outras marcas e defeitos que vira em pele durante

anos. Naqueles dias, antes de o trabalho tornar-se principalmente movimentação de papéis e digitação em computador, era muito mais fácil

saber a profissão de um cara examinando-lhe as mãos: almofadas distorcidas

de dedos com o uso de máquinas de escrever, furos de máquinas de costura e

agulhas de sapateiro, endentações e manchas de tinta de canetas usadas por

estenógrafas e contadores, cortes feitos por folhas de papel por máquinas

impressoras, cicatrizes de cortadores de gabaritos, calos característicos dos

vários tipos de trabalho manual...

Uma cicatriz como aquela, porém, nada lhes dizia.

Pelo menos, ainda não. Não até que tivessem um suspeito, cujas mãos

pudessem examinar.

- O que mais? A impressão do joelho. Essa é boa. Dá uma idéia do que ele estava usando. Levante-a, Sachs. Mais alto! Calça frouxa. Conservou

esse vinco forte aí, de modo que é de fibra natural. Neste tempo, aposto que é

algodão. Lã, não. Hoje em dia ninguém vê muita calça de seda.

- Leve, não é jeans - disse Cooper.

- Roupa esporte - concluiu Rhyme. - Acrescente isso ao nosso perfil, Thom.

Cooper voltou a examinar a tela do computador e digitou mais alguma

coisa.

- Nenhuma sorte com a folha. Não corresponde a coisa nenhuma existente no Smithsonian.

Rhyme recostou-se mais uma vez no travesseiro. Quanto tempo mais

eles teriam? Uma hora? Duas?

A lua. A areia. A salmoura.

Olhou para Sachs, sozinha num canto. Tinha a cabeça baixa e os longos cabelos pendiam dramaticamente para o chão. Ela olhava para o saco

de prova, fazendo carranca, perdida em concentração. Quantas vezes ele,

Rhyme, tinha ficado naquela mesma pose, tentando...

- Um jornal! - exclamou ela, erguendo a vista. - Onde é que há um jornal por aqui? - Os olhos saltaram nervosos, enquanto passavam de uma

mesa a outra. - O jornal de hoje?

- O que é, Sachs? - perguntou Rhyme.

Ela tomou o The New York Times das mãos de Banks e começou a folheá-lo rapidamente.

- Aquele líquido... na roupa de baixo - disse ela a Rhyme. - Poderia ser

água salgada?

- Água salgada? - Cooper examinou a tabela do GC-MS. - Claro! Água,

sódio e outros minerais. E óleo, fosfatos. É água salgada poluída.

Os olhos de Sachs encontraram-se com os de Rhyme e os dois disseram, simultaneamente:

- Maré alta!

Mostrou o jornal, aberto no boletim meteorológico. Continha um diagrama das fases da lua exatamente idêntico ao encontrado na cena do

crime. Embaixo, um gráfico das marés: "Maré alta em 40 minutos!"

O rosto de Rhyme contorceu-se de nojo. Ele nunca ficava mais zangado do que quando zangado consigo mesmo.

- Ele vai afogar a vítima. Eles estão sob um píer no centro da cidade.

-

Olhou desesperado para o mapa de Manhattan, com seus quilômetros de linha

de praia. - Sachs, tempo de bancar novamente o piloto de corrida. Você e

Banks vão para oeste. Lon, porque você não fica com o East Side? Lá pela

South Street Marina. E, Mel, descubra o que diabo essa folha significa!

Uma pequena onda tocou-lhe a cabeça encurvada.

William Everett abriu os olhos e espirrou a água que lhe enchia o nariz. Estava gelado ali e sentiu o coração fraco trepidar, enquanto lutava para

enviar sangue quente pelo corpo.

Quase desmaiou outra vez, como daquela vez em que o filho da puta

lhe quebrou o dedo. Em seguida, voltou a ficar alerta, pensando na falecida

esposa - e, por alguma razão, nas viagens que haviam feito juntos. Tinham ido

a Gizé. A Guatemala. Ao Nepal. A Teerã (uma semana antes de a embaixada

ser ocupada).

O avião da Southeast China Airlines em que viajavam havia perdido

um dos dois motores uma hora depois de terem deixado Beijing. Evelyn tinha

baixado a cabeça, a posição a adotar em caso de desastre, preparando-se para

morrer e olhando fixamente para um artigo em uma revista distribuída

durante o vôo. A revista dizia que beber chá quente imediatamente após uma

refeição era prejudicial para a saúde. Ela lhe contou isso depois, no bar do

Raffles, em Cingapura, e os dois riram histericamente até que seus olhos se

encheram de lágrimas.

Pensou nos olhos frios do seqüestrador. Nos dentes dele, nas luvas

volumosas.

Nesse momento, nessa horrenda tumba líquida, a dor insuportável subiu pelo braço e penetrou na mandíbula.

Dedo quebrado ou ataque de coração?, perguntou a si mesmo.

Talvez um pouco das duas coisas.

Fechou os olhos até que a dor diminuiu. Olhou em volta. A câmara onde estava algemado ficava embaixo de um píer podre. Um pedaço de

madeira caiu da borda do píer na água agitada, que estava a uns 15 cm abaixo

da borda. Luzes de barcos no rio e de localizações de indústrias em Jersey

refletiam-se através da estreita fenda. A água lhe chegava ao pescoço e embora

o telhado do píer estivesse a algumas dezenas de centímetros acima de sua

cabeça, as algemas estavam já estendidas até onde podiam ir.

A dor subiu novamente do dedo, a cabeça rugiu com o sofrimento e caiu para a água quando ele desmaiou. Um nariz cheio de água e a tosse

dilacerante que se seguiu acordaram-no novamente.

Nesse momento, a lua puxou a lâmina d'água um pouco mais para

cima e, com um súbito gole, a câmara foi fechada e isolada do rio no outro

lado. O lugar ficou escuro. Ouviu os sons das ondas gemendo e seus próprios

gemidos com a dor.

Sabia que estava morto, sabia que não poderia manter a cabeça acima

d'água por mais de alguns minutos. Fechou os olhos e encostou o rosto na

coluna preta, escorregadia.

CAPÍTULO XXI

- O caminho todo até o centro, Sachs - disse a voz de Rhyme, estalando nos fones de ouvido.

Ela apertou o acelerador do VRR, luzes vermelhas passaram como relâmpagos, enquanto eles desciam a West Side Highway. Fria como gelo,

acelerou a 130.

- Uau! - exclamou Jerry Banks.

Contagem regressiva. Rua 23, 20, o mergulhão na doca de atracação

da barcaça de lixo. Ao passar com um rugido pelo Village, pelo distrito dos

frigoríficos, uma jamanta saiu de uma rua lateral e cruzou diretamente seu

caminho. Em vez de frear, ela evitou o reboque articulado passando por cima

do canteiro central, como se fosse um cavalo saltador de obstáculos, arrancando nomes feios de Banks e um gemido da buzina a ar do grande

cavalo-mecânico White, que se dobrou espetacularmente como se fosse um

canivete.

- Pô! - exclamou Amélia Sachs e voltou à pista na direção sul.

Dirigindo-se a Rhyme, acrescentou: - Repita aquilo! Não ouvi bem.

A voz metálica de Rhyme surgiu nos fones de ouvido:

- No centro, isso é tudo que posso lhe dizer. Até que a gente saiba o que significa aquela folha.

- Estamos chegando a Battery Park City.

- Vinte minutos para a maré alta - avisou Banks.

ELEMENTO DESCONHECIDO 238

Aparência Residência Veículo Diversos

- Branco, homem, estatura baixa
- Roupa escura

- Luvas velhas, pelica, avermelhadas
- Loção após barba: para encobrir cheiro?
- Máscara de esquiador? Azul-marinho?
- Luvas são escuras
- Loção após barba = Brut
- Cabelo não é castanho
- Cicatriz profunda, dedo indicador
- Roupa esporte
- Prov. tem casa segura
- Localizada perto da: B'way & 82nd, ShopRite B'way & 96th,
Anderson Foods Greenwich & Bank, ShopRite 2nd Ave., 72nd-73rd,
Grocery World Battery Park City, J&G'S Emporium 1709 2nd Ave.,
Anderson Foods 34th & Lex., Food Warehouse 8th Ave. & 24th,
ShopRite
6th Ave. & Houston, J&G's Emporium Greenwich & Franklin, Grocery
World
- Prédio antigo, mármore cor-de-rosa
- Táxi Yellow Cab
- Sedã modelo recente
- Cinza claro, prateado, bege

- Carro de aluguel, prov. roubado
- Conhece proc. de CC
- Possivelmente tem antec. criminais
- Conhece levantamento de impressões digitais
- Arma = .32 Colt
- Amarra vít. com nós incomuns
- O "Antigo" o atrai
- Chamou uma vít. de "Hanna"
- Conhece alemão básico
- Atraído por locais subterrâneos
- Dupla personalidade
- Talvez padre, assist. social, cons. psicológico
- Desgaste incomum nos sapatos. Lê muito?

Talvez o grupo de Dellray pudesse conseguir do prisioneiro a

localização exata. Eles poderiam arrastar o Sr. 238 para um beco, levando um

saco de maçãs. Nick lhe contou que era assim que os federais conseguiam que

um elemento "cooperasse". Atingiam-no no estômago com o saco da fruta.

Realmente doloroso. Nenhuma marca. Ao tempo em que crescia, ela não teria

acreditado que policiais fazem isso. Agora ela sabia que não era bem assim.

Banks deu-lhe uma palmadinha no ombro. Um bocado de velhos píeres.

Madeira podre, imunda. Lugares fantasmagóricos.

Resolveram parar e descer da caminhonete. Correram para a água.

- Você está aí, Rhyme?

- Fale comigo, Sachs. Onde é que você está?

- Em um píer imediatamente ao norte de Battery Park City.

- Acabo de receber notícia de Lon, no East Side. Nada encontrou.

- É uma busca sem esperança - disse ela. - Há dezenas de píeres. E,

em seguida, todo o calçadão... E a garagem do barco dos bombeiros, as docas

das barcas de passageiros e o píer de Battery Park... Precisamos da Unidade de

Operações Especiais.

- Não temos a UOE, Sachs. Ela não está mais do nosso lado.

Vinte minutos para a maré alta.

Os olhos de Amélia acompanharam o cais. Os ombros caíram diante

da tarefa sem esperança. Com a mão na arma, correu em alta velocidade para

o rio, Jerry Banks em seus calcanhares.

- Diga-me alguma coisa sobre essa folha, Mel. Dê um palpite. Saque alguma coisa.

Inquieto, Cooper olhou do microscópio para a tela do computador.

Oito mil variedades de plantas folhudas em Manhattan.

- Ela não se encaixa na estrutura celular de coisa nenhuma.

- A folha é velha - disse Rhyme. - Que idade?

Cooper olhou novamente para a folha.

- Mumificada. Eu diria que tem uns cem anos, talvez um pouco menos.

- Que plantas se extinguiram nos últimos cem anos?

- Plantas não se extinguem em um ecossistema como o de Manhattan.

Elas sempre reaparecem.

Um estalo na mente de Rhyme. Estava prestes a lembrar-se de alguma

coisa. Ele tanto amava quanto odiava essa sensação. Poderia agarrar o

pensamento como quem pega uma mosca no ar. Ou ele poderia sumir por

completo, deixando-o apenas com a pontada da inspiração perdida.

Dezesseis minutos para a maré alta.

Qual era o pensamento? Lutou com o problema, fechou os olhos...

Píer, pensou. A vítima sob um píer.

E daí? Pense.

Píer... navios... descarga... carregamento...

Carga sendo desembarcada!

Abriu de súbito os olhos.

- Mel, é uma folha de alguma cultura agrícola?

- Ora, pombas. Estive procurando nas páginas de horticultura geral, não em plantas cultivadas, comerciais.

E digitou durante um tempo que pareceu ser de horas.

- Tabaco? Tente isso.

Cooper acionou o mouse e uma imagem lentamente se desdobrou na

tela.

- É isso!

- A World Trade Towers - anunciou Rhyme. - A terra ao norte desse local era coberta por plantações de fumo. Thom, a pesquisa para meu livro...

Quero um mapa da década de 1740. E aquele mapa moderno que Bo

Haumann estava usando para localizar áreas de remoção de asbesto. Pendure-

os no alto ali na parede, juntos.

O empregado encontrou o velho mapa nos arquivos de Rhyme.

Pregou com fita os dois na parede, perto da cama. Grosseiramente desenhado,

o mapa mais antigo mostrava a parte norte da cidade colonizada - um grupo

de casas na parte mais baixa da ilha - coberta de plantações. Havia três

ancoradouros comerciais ao longo do rio, que na época não era chamado de

Hudson, mas de West River. Rhyme lançou um olhar para o mapa moderno.

A terra agrícola tinha desaparecido, claro, como também os ancoradouros

originais. O mapa, porém, mostrava um ancoradouro abandonado na

localização exata de um dos velhos píeres dos exportadores de fumo.

Rhyme forçou a vista, lutando para ver o nome da rua da qual o

ancoradouro ficava próximo. Ia gritar chamando Thom para segurar o mapa

mais perto de seus olhos quando, lá embaixo, ouviu o som alto de uma porta

sendo arrombada. Estalido de vidros.

Thom começou a descer a escada.

- Eu quero falar com ele.

Uma voz tensa encheu a entrada da casa.

- Apenas um... - começou o empregado.

- Não. Não em um minuto e não em uma hora. Agora, porra! Agora!

- Mel - sussurrou Rhyme -, esconda a prova, feche o sistema.

- Mas...

- Faça isso!

Rhyme sacudiu violentamente a cabeça, deslocando o conjunto fone-

microfone, que caiu para o chão em um dos lados da Clinatron.
Passos

pesados na escada.

Thom fez o melhor que podia para dificultar a entrada. Os visitantes,

porém, eram três agentes federais e dois deles tinham armas de grosso calibre

nas mãos. Lentamente, eles o forçaram a subir de costas a escada.

Deus o abençoe. Mel Cooper desmontou o microscópio composto

em cinco segundos e estava, calmamente, com meticuloso cuidado, arrumando as peças numa caixa quando o FBI apareceu no patamar da escada

e invadiu o quarto de Rhyme. Os sacos de prova estavam sob uma mesa,

cobertos por números atrasados da National Geographic.

- Ah, Dellray. Encontrou nosso elemento desconhecido, não?

- Por que você não nos disse?

- Disse o quê?

- Que aquela impressão digital era falsa.

- Ninguém me perguntou.

- Falsa? - perguntou Cooper, confuso.

- Bem, era uma impressão digital autêntica - respondeu Rhyme, como

se isso fosse óbvio. - Mas não do elemento desconhecido. Nosso rapaz

precisava de um táxi para fisgar seus peixes. Ele então conheceu... como era o

nome dele?

- Victor Pietrs - murmurou Dellray e contou a história do motorista de

táxi.

- Um toque de mestre - comentou Rhyme, com autêntica admiração.

- Escolheu um sérvio com antecedentes criminais e problemas

mentais. Eu gostaria de saber por quanto tempo ele andou à procura de um

candidato. De qualquer modo, 238 matou o pobre Sr. Pietrs e lhe roubou o

táxi. Amputou-lhe o dedo. Guardou-o e pensou que, se estivéssemos

chegando perto demais, ele deixaria uma impressão digital bela e óbvia em

uma cena de crime, para nos fazer perder o rastro. Acho que funcionou.

Rhyme olhou para o relógio. Ainda quatorze minutos.

- Como é que você soube?

Dellray olhou para os mapas na parede, mas, graças a Deus, não demonstrou interesse por eles.

- A impressão digital mostrava sinais de desidratação e encolhimento.

Aposto que o corpo estava que era uma ruína só. E encontrou-o no porão,

estou certo? Onde nosso rapaz gosta de guardar suas vítimas?

Dellray ignorou-o e andou focinhando pelo quarto como um gigantesco temer.

- Onde foi que você escondeu nossas provas?

- Provas? Não sei do que está falando. Ouça aqui, você quebrou minha porta? Na última vez, entrou sem bater. Agora abriu-a a pontapés...

- Sabe de uma coisa, Lincoln? Eu estava pensando em lhe pedir desculpas, antes...

- Muito bonito de sua parte, Fred.

- Mas agora estou a um centímetro de encaná-lo.

Rhyme olhou para o conjunto fone-microfone, caído no chão.

Imaginou a voz de Sachs balindo nos fones.

- Devolva-me as provas, Rhyme. Você nem imagina em que roubada está metido.

- Thom - disse lentamente Rhyme. - O agente Dellray me deu um susto e deixei cair meu walkman. Poderia ligá-lo novamente na armação da cama?

O empregado nem pestanejou. Pôs o microfone ao lado da cabeça de

Rhyme, longe da vista de Dellray.

- Obrigado - disse Rhyme a Thom. Em seguida, acrescentou: - Sabe,

não tomei ainda o meu banho. Acho que está na hora. O que é que você acha?

- Eu só queria saber quando era que você ia pedir o banho -
retrucou

Thom com a habilidade de um ator nato.

- Fale, Rhyme. Pelo amor de Deus, onde está você?

Em seguida, ela ouviu a voz nos fones de ouvido. A de Thom.
Parecia

forçada, exagerada. Alguma coisa estava errada.

- Arranjei uma nova esponja - disse a voz.

- Parece que é boa - respondeu Rhyme.

- Rhyme? - disse nervosamente Sachs. - O que diabo está
acontecendo?

- Custou dezessete dólares. Tem que ser de primeira. Vou virá-lo.

Mais vozes chegaram aos fones de ouvido, mas ela não conseguiu
entender as palavras.

Ela e Banks estavam correndo pelo cais, olhando por cima dos
ancoradouros para a água cinzento-pardacenta do Hudson. Com um
movimento, disse a Banks que parasse, dobrou-se com uma câibra
embaixo

do esterno, escarrou no rio, tentando recuperar o fôlego.

Através dos fones, ouviu:

- ... não vai levar muito tempo. Os senhores terão que nos desculpar,

cavalheiros.

- ... nós simplesmente esperamos, se não se importa.

- Eu me importo, mesmo - replicou Rhyme. - Será que não posso ter nem um pouco de privacidade aqui?

- Rhyme, você pode me ouvir? - perguntou Sachs em desespero.

Que diabo ele estava fazendo?

- Nada disso. Nada de privacidade para aqueles que roubam provas.

Dellray! Ele estava no quarto de Rhyme. Bem, isso era o fim de tudo.

A vítima está praticamente morta.

- Eu quero aquelas provas - berrou o agente.

- Bem, o que você vai conseguir é uma visão panorâmica de um homem tomando um banho de esponja, Dellray.

Banks começou a falar, mas ela mandou-o calar-se com um gesto.

Em seguida, novamente a voz calma de Rhyme:

-... Sabe, Dellray, eu era um nadador. Eu nadava todos os dias.

- Temos menos de dez minutos - sussurrou Sachs.

A água batia calma no cais. Dois barcos passaram placidamente.

Dellray murmurou alguma coisa.

- Eu ia para o rio Hudson e nadava. Era muito mais limpa nessa época. Quero dizer, a água.

Uma transmissão truncada.

- ...o velho píer. Meu favorito desapareceu. Era a casa dos Hudson

Dusters. Aquela gangue, já ouviu falar nela? Na década de 1890. Ao norte do

lugar onde hoje está a Battery Park City. Você parece entediado. Cansado de

olhar para a bunda mole de um parálítico? Não? Fique à vontade. Aquele píer

ficava entre a North Moore e a Chambers. Eu mergulhava, nadava em volta

do píer...

- North Moore e Chambers! - gritou Sachs. Deram uma volta sobre si mesmos. Haviam-no perdido porque tinham seguido longe demais na direção

sul. O lugar ficava a uns 400 metros do ponto onde se encontravam. Ela

podia ver dali a madeira marrom despegando, um grande cano de esgoto se

enchendo com a água da maré.

Quanto tempo restava? Quase nenhum. Não havia como salvarem a

vítima.

Ela tirou os fones com um arranco e correu para o carro, Banks quase

nas suas costas.

- Você sabe nadar? - perguntou ela.

- Eu? Uma, duas raias no Health and Racquet Club.

Eles nunca conseguiriam.

Sachs parou de repente, fazendo um círculo rápido, e ficou olhando para as ruas desertas.

A água estava quase chegando ao nariz da vítima.

Uma pequena onda lavou o rosto de William Everett no momento em

que ele inalava e o líquido sujo, salgado, penetrou até a garganta. Começou a

sufocar, soltando um ronco profundo, horrível. Tossindo. A água encheu-lhe

os pulmões. Perdeu a empunhadura na coluna do píer, mergulhou sob a

superfície, endureceu-se, subiu mais uma vez, e em seguida afundou.

Não, meu Deus, não... por favor, não deixe...

Sacudiu as algemas, bateu com força os pés, tentando mover-se um

pouco, como se um milagre pudesse acontecer e seus músculos débeis

conseguissem dobrar o enorme parafuso ao qual estava preso.

Espirrando água, balançando a cabeça de um lado para o outro, em pânico. Por um momento, limpou os pulmões. Os músculos do pescoço

estavam em fogo - tão doloridos quanto o dedo quebrado - com o esforço de

dobrar a cabeça para trás para encontrar a fina camada de ar imediatamente

acima de seu rosto.

Teve um momento de alívio.

Em seguida, outra onda, ligeiramente mais alta.

E isso foi o fim.

Não podia lutar mais. Renda-se. Reúna-se a Evelyn, diga adeus...

E William Everett amoleceu. Flutuou sob a superfície na água imunda,

cheia de lixo e de tentáculos de algas marinhas.

Em seguida, ergueu horrorizado a cabeça. Não, não...

Ele estava ali. O seqüestrador! Ele tinha voltado.

Everett chutou a superfície, espirrando mais água, tentando

desesperadamente afastar-se dali. O homem lançou uma luz forte em seus

olhos e estendeu para ele a mão, empunhando uma faca.

Não, não...

Não era suficiente afogá-lo, tinha que retalhá-lo até a morte. Sem

pensar, Everett chutou-o outra vez. O seqüestrador, porém, desapareceu sob

a água... e, em seguida, snap, estava livre.

O velho esqueceu as plácidas despedidas e escoiceou como o diabo

para chegar à superfície, inalando ar azedo pelo nariz e arrancando a mordaca.

Arquejando, cuspiendo a água imunda. A cabeça bateu com força na parte

inferior do píer de carvalho e riu alto.

- Oh, Deus, Deus, Deus...

Outro rosto apareceu... Mascarado, também, com outra lanterna

cegante, e Everett conseguiu reconhecer o emblema do DPNY no traje de

mergulho. Não eram facas o que aqueles homens tinham nas mãos, mas

cortadores de metal. Um deles enfiou um bocal entre os lábios de Everett e

ele inalou um hausto embriagador de oxigênio.

O mergulhador passou o braço em volta dele e juntos nadaram até a borda do píer.

- Respire fundo, nós vamos sair daqui em um minuto.

Everett encheu os pulmões estreitos até quase o ponto de explodir e,

olhos fechados, acompanhou o mergulhador até o fundo, a água iluminada

sobrenaturalmente pela luz amarela da lanterna na mão daquele homem. Foi

um mergulho curto mas angustiante, até o fundo e, em seguida, para cima

através da água turva, cheia de fragmentos. Em certo momento, escorregou

das mãos do mergulhador e se separaram por um curto momento. William

Everett, porém, ficou à altura da situação. Depois daquela noite, nadar

sozinho no picado Hudson seria uma gostosura.

Ela não havia pensado em tomar um táxi. O ônibus do aeroporto seria

ótimo.

Pammy, porém, estava zozna por falta de sono - ambas estavam

acordadas desde as cinco daquela manhã - e começava a ficar inquieta. A

menininha precisava ir dormir logo, ser posta sob as cobertas com sua

mamadeira de Hawaiian Punch. Além disso, a própria Carole não podia

esperar para chegar a Manhattan - ela era apenas uma mulher magra do Meio-

Oeste que, em todos os seus 41 anos de idade, jamais tinha viajado para mais

longe na direção leste do que até o Ohio, e estava morrendo de desejo de ver

pela primeira vez a Grande Maçã.

Carole pegou a bagagem e as duas dirigiram-se para a saída. Verificou

se trazia tudo com que tinha deixado a casa de Kate e Eddie naquela tarde.

Pammy, bolsa, cobertor, valise, mochila amarela.

Tudo no lugar onde devia estar.

Os amigos haviam-na avisado sobre a cidade.

- Vão assaltá-la - dissera Eddie. - Ladrões de bolsa, batedores de carteira.

- E não se meta naqueles jogos de cartas na rua – acrescentara a maternal Kate.

- Eu não jogo carta em minha sala de estar - lembrara-lhe Carole,

rindo. - Por que vou começar a jogar nas ruas de Manhattan?

Mas gostou da preocupação dos amigos. Afinal de contas, ali estava ela, viúva, com uma filha de três anos, dirigindo-se para a cidade mais difícil

da Terra, a fim de assistir à conferência das Nações Unidas - mais estrangeiros, droga, mais gente do que ela jamais tinha visto de uma vez só.

Carole foi até um telefone público e ligou para o hotel-residência a fim

de confirmar as reservas. O gerente da noite respondeu que o quarto estava

pronto e à espera delas. Ele as veria dentro de uns 45 minutos ou por aí.

As duas passaram pelas portas automáticas e o escaldante ar de verão

foi como um soco que as deixou sem respiração. Carole parou, olhando em

volta. Segurou Pammy firme com uma das mãos, suspendeu a valise surrada

na outra, levando a mochila pendurada no pescoço.

Entrou na fila de passageiros à espera de um táxi, em frente ao estande do despachante.

Carole lançou um olhar para o imenso cartaz no outro lado da estrada,

Bem-Vindos, Delegados, às Nações Unidas! A arte-final era horrível, mas,

ainda assim, olhou para o cartaz durante um longo momento: um dos homens

no cartaz parecia-se com Ronnie.

Durante algum tempo, após a morte dele, dois anos antes,

virtualmente tudo lhe lembrava o marido bonito, de cabelos cortados rentes.

Ela passava de carro por uma loja McDonald's e lembrava-se de que ele

gostava de Big Macs. Atores em filmes que não se pareciam em nada com ele

podiam inclinar a cabeça da maneira como Ronnie fazia. Via um impresso

sobre a venda de um cortador de grama e se lembrava de como ele adorava o

pequeno gramado que tinham em Arlington Heights.

Nessas ocasiões, as lágrimas começavam a correr. E ela voltava ao

Prozac ou à Imipramina. Passava uma semana na cama. Relutantemente,

aceitou o oferecimento de Kate de passar uma noite com ela e com Eddie. Ou

uma semana. Quem sabe, um mês.

Mas chega de lágrimas. Estava ali para recomeçar a vida. O sofrimento

era coisa do passado.

Sacudindo dos ombros suados a massa de cabelos louro-escuros, tocou Pammy para a frente e empurrou a bagagem com os pés, à medida que

a fila para o táxi se movia. Olhou em volta, tentando pegar um vislumbre de

Manhattan. Mas nada conseguiu ver, exceto tráfego, caudas de aviões e um

mar de pessoas, táxis e carros. Vapor subia como se fossem fantasmas das

tampas de esgotos e o céu da noite era preto, amarelo e enevoadado.

Bem, logo veria o suficiente da cidade, pensou. Teve esperança de que

Pammy fosse crescida o suficiente para guardar uma primeira recordação

daquela paisagem.

- Que tal está achando até agora a nossa aventura, querida?

- Aventura. Eu gosto de aventura. Eu quero um pouco de Waiin

Punch. Posso, por favor, tomar um pouco agora?

Por favor... Essa era nova. A menininha de três anos estava

aprendendo todas as teclas e botões. Carole riu.

- Você vai tomar, logo.

Finalmente, chegaram ao táxi. A mala abriu com um estalo e Carole colocou lá a bagagem e bateu a tampa. Subiram para o assento traseiro do táxi

e ela fechou a porta.

Pammy, a bolsa...

O motorista perguntou:

- Para onde?

Carole deu-lhe o endereço do Midtown Residence Hotel, gritando através da divisória de plexiglas.

O motorista entrou no trânsito. Carole recostou-se e pôs Pammy no colo.

- Vamos passar pelo prédio das Nações Unidas? – perguntou ela em voz alta ao motorista.

O homem, porém, estava concentrado em mudar de pista e não a ouviu.

- Estou aqui para a conferência - explicou ela. - A conferência das Nações Unidas.

Ainda nenhuma resposta.

Carole perguntou a si mesma se ele tinha algum problema para

entender inglês. Kate a avisou que todos os motoristas de táxi de Nova York

eram estrangeiros. (“Tomando empregos americanos”, tinha grunhido Eddie.

“Mas não me obrigue a falar nesse assunto.”) Carole não conseguiu ver

claramente o motorista por causa da divisória arranhada.

Talvez ele simplesmente não queira conversar.

Passaram para outra estrada - e, de repente, diante dela, a linha denteada de arranha-céus da cidade. Tal como os cristais que Kate e Eddie

coleccionavam. Um conglomerado imenso de prédios azuis, dourados e

prateados no meio da ilha e outro conglomerado mais longe, à esquerda. Era

maior do que qualquer coisa que ela já tinha visto e, por um momento, a ilha

lhe pareceu um enorme navio.

- Olhe, Pammy, é para ali que estamos indo. É beeeelo, não?

Um momento depois, porém, a vista foi cortada quando o motorista

saiu da via expressa e fez uma curva rápida ao pé da rampa de saída. Em

seguida, começaram a rodar por ruas quentes, desertas, ladeadas por prédios

de tijolos. Carole inclinou-se à frente.

- Esse é o caminho certo para a cidade?

Mais uma vez, nenhuma resposta.

Ela bateu com força no plexiglas.

- O senhor está indo no caminho certo? Responda. Responda.

- Mamãe, o que é que está acontecendo? - perguntou Pammy e começou a chorar.

- Aonde é que o senhor está indo? - gritou Carole.

O

homem,

porém,

simplesmente

continuou

a

guiar

-

displícitamente, parando nos sinais vermelhos, nunca ultrapassando o limite

de velocidade. E quando parou em um terreno vazio atrás de uma fábrica

escura e abandonada, ele teve o cuidado de sinalizar corretamente.

Oh, não... não!

Ele pôs a máscara de esquiador e desceu do táxi. Chegando à traseira

do carro, estendeu a mão para a porta. Mas hesitou e a mão caiu. Inclinou-se,

o rosto contra a janela, e bateu no vidro. Uma, duas, três vezes. Despertando a

atenção dos lagartos e répteis no zoológico. Durante um longo momento, ele

olhou para a mãe e a filha, antes de abrir a porta.

CAPÍTULO XXII

- Como foi que você conseguiu isso, Sachs?

A margem do malcheiroso rio Hudson, ela respondeu no microfone articulado:

- Lembrei-me de ter visto a estação dos barcos dos bombeiros no Battery Park. Eles embarcaram rapidamente uns dois mergulhadores e

chegaram ao píer em três minutos. Pô, você devia ver como aquele barco

voou! Qualquer dia desses, vou querer passear em um deles.

Rhyme falou sobre o motorista de táxi com o dedo amputado.

- O filho da puta! - exclamou ela, estalando a língua, enojada.

- O canalha enganou todos nós.
 - Todos nós, não - lembrou-lhe modestamente Rhyme.
 - De modo que Dellray sabe que sursurpiei a prova. Ele anda à minha procura?
 - Disse que ia voltar para o prédio federal. Provavelmente, para resolver qual de nós dois vai prender primeiro. Como está a cena aí, Sachs?
 - Muito ruim - respondeu ela. - Ele estacionou em cima de cascalho...
 - De modo que, nada de pegadas.
 - E pior do que isso. A maré cobriu grande parte do cano de esgoto e
- o lugar onde ele estacionou está debaixo d'água.
- Droga - murmurou Rhyme. - Nenhum sinal, nenhuma pegada, nada.

Como está a vítima?

- Nada bem. Exposição aos elementos, dedo fraturado. Ele tem problemas cardíacos. Vai ficar no hospital durante um ou dois dias.
- Ele pode nos contar alguma coisa?

Sachs aproximou-se de Banks, que nesse momento interrogava William Everett.

- Ele não era grandalhão - disse em tom prosaico o homem, como se falasse de coisa banal, examinando com todo cuidado a tala que um paramédico lhe colocava na mão. - E não era realmente forte, não um homem

musculoso. Mas era mais forte do que eu. Eu o agarrei e ele simplesmente

empurrou minhas mãos para longe.

- Descrição? - pediu Banks.

Everett falou na roupa escura e na máscara de esquiador. Isso era tudo

de que conseguia se lembrar.

- Mas uma coisa tenho que dizer a vocês. - Everett ergueu a mão enfaixada. - Há ruindade nele. Eu o agarrei, como disse. Eu não estava

pensando... estava simplesmente em pânico. Mas ele ficou realmente furioso.

Foi nesse momento que quebrou meu dedo.

- Retaliação, há? - perguntou Banks.

- Acho que sim. Mas não é essa a parte estranha.

- Não?

- A parte estranha foi ele ficar escutando o som do osso se quebrando.

O jovem detetive havia parado de escrever. Olhou para Sachs.

- Você ouviu isso, Rhyme?

- Ouvi. Thom acrescentou esse dado ao nosso perfil. Mas não sei o que significa. Vamos ter que pensar nisso. Algum sinal de prova material

plantada?

- Ainda não.

- Percorra a grade, Sachs. Oh, pegue as...

- Roupas da vítima? Já pedi. Eu... Rhyme, você está bem?

Amélia ouviu o som de um acesso de tosse.

A transmissão foi temporariamente interrompida. Ele voltou momentos depois:

- Você está aí, Rhyme? Tudo bem?

- Estou ótimo - respondeu ele rapidamente. - Comece. Percorra a grade.

Amélia examinou a cena, fracamente iluminada pelas lanternas de halógeno da UOE. Ele esteve ali. Andou pelo cascalho, a alguns metros dali.

Mas qualquer que fosse a prova material que ele tivesse deixado sem querer,

ela estava muitos centímetros abaixo da água escura. Cobriu lentamente o

terreno. Para frente e para trás.

- Não consigo ver nada. As pistas podem ter desaparecido.

- Não. Ele é esperto demais para não ter levado em conta a maré. Elas

devem estar em terreno seco em algum lugar.

- Tenho uma idéia - disse subitamente Sachs. - Venha até aqui.

- O quê ?

- Processe a cena comigo, Rhyme.

Silêncio.

- Rhyme, você ouviu o que eu disse?

- Está falando comigo? - perguntou ele.

- Você parece De Niro. Mas não pode representar tão bem como ele.

Lembra-se? Aquela cena de Taxi Driver?

Rhyme não achou graça. Respondeu:

- Aquela fala era "Você está olhando para mim?" Não "conversando comigo".

Sachs continuou, sem se dar por achada.

- Venha para cá. Processe a cena comigo.

- Vou abrir minhas asas. Não, melhor ainda. Vou me projetar até aí.

Telepatia, você sabe.

- Deixe de brincadeira. Estou falando sério.

- Eu...

- Nós precisamos de você. Não consigo encontrar as pistas plantadas aqui.

- Mas elas estão aí. Você só tem que se esforçar um pouco mais.

- Já percorri a grade duas vezes.

- Nesse caso, você definiu o perímetro de modo estreito demais.

Acrescente mais alguns metros e continue a andar. O 238 não terminou ainda,

nem de longe.

- Você está mudando de assunto. Venha até aqui e me ajude.

- Como? - perguntou Rhyme. - Como é que posso fazer isso?

- Tive um amigo que foi desafiado - começou ela. - E ele...

- Você quer dizer, ele era um paraplégico - corrigiu-a Rhyme. Em voz baixa mas firme.

Ela continuou:

- O ajudante dele colocava-o naquela cadeira incrementada todas as manhãs e ele ia por si mesmo a todos os lugares. Ao cinema, ao...

- Essas cadeiras... - a voz de Rhyme soou oca.

Amélia calou-se.

Rhyme continuou:

- O problema é como fui ferido. Seria perigoso para mim ficar numa cadeira de rodas. Isso poderia - hesitou por um momento - tornar piores as coisas.

- Desculpe. Eu não sabia.

Após um momento, ele voltou a falar:

- Claro, você não sabia.

Tinha botado a perder aquela. Oh, poxa. Irmão... Rhyme, porém, não

pareceu ficar pior por causa do faux pas de Amélia. A voz era suave, sem

emoção:

- Escute, você tem que continuar com a busca. Nosso elemento desconhecido a está tornando mais complicada. Mas não será impossível...

Veja esta idéia. Ele é um homem de subterrâneos, certo? Talvez ele as tenha

enterrado.

Amélia olhou para a cena.

Talvez ali... Viu um montículo de terra e folhas em um trecho de

grama alta perto do cascalho. Aquilo não parecia certo. O montículo dava

impressão de arrumado demais.

Sachs agachou-se ao lado do montículo, baixou a cabeça e, usando os

lápiz, começou a afastar as folhas.

Virou o rosto ligeiramente para a esquerda e descobriu que estava olhando para uma cabeça erguida, para presas de serpente...

- Jesus, Deus - berrou ela, cambaleando para trás, caindo sentada com

toda força, tentando, atabalhoada, sacar a arma.

Não...

Rhyme berrou ao seu ouvido:

- Você está bem?

Sachs apontou para o alvo e tentou manter firme a arma com mãos que tremiam muito. Jerry Banks veio correndo, sua própria Glock na mão.

Parou. Sachs levantou-se, olhando para aquilo que estava na frente deles.

- Cara... - disse Banks baixinho.

- É uma cobra... bem, um esqueleto de cobra - disse Sachs a Rhyme. -

De uma cascavel. Porra! - Embainhou a Glock. – Está montada em uma

tábua.

- Uma cobra? Interessante.

Rhyme parecia intrigado.

- Isso mesmo, muito interessante - murmurou ela. Calçou luvas de látex e levantou os ossos enrodilhados. Virou-os para baixo. - Metamorfose.

- O quê?

- Uma etiqueta na parte de baixo. O nome da loja onde a cobra foi comprada, acho. Broadway, 604.

- Vou mandar os Irmãos Hardy checarem isso. O que foi que conseguimos? Fale das pistas.

Elas estavam embaixo da cobra. Em uma bolsinha. O coração de Amélia bateu forte quando se agachou ao lado da bolsa.

- Uma caixa de fósforo - disse.

- Talvez ele esteja pensando em incêndio criminoso. Alguma coisa impressa na caixa?

- Não. Mas há uma mancha de alguma coisa. Como se fosse vaselina.

Só que mais pegajosa.

- Ótimo, Sachs... Sempre cheire a prova sobre a qual não tem certeza.

Apenas, seja mais precisa.

Ela aproximou mais a caixa do nariz.

- Arrrrgh.

- Isso não é suficientemente preciso.

- Talvez, enxofre.

- Poderia ser baseado em nitrato. Explosivo. Tovex. É azul?

- Não, claro como leite.

- Mesmo que isso pudesse explodir, acho que seria um explosivo secundário. Estes são os estáveis. Mais alguma coisa?

- Outro pedaço de papel. Há alguma coisa nele.

- O que, Sachs? O nome, o endereço, o e-mail dele?

- Parece que foi tirado de uma revista. Estou vendo uma pequena foto

em preto-e-branco. Parece parte de um prédio, mas não podemos saber qual.

E por baixo disso, tudo que podemos ler é uma data, vinte, maio, 1906.

- Vinte, cinco, zero, seis. Será que isso é um código? Ou um endereço?

Vou ter que pensar nisso. Alguma coisa mais?

- Nada.

Amélia ouviu-lhe o suspiro.

- Tudo bem, volte para cá, Sachs. Que horas são? Meu Deus, quase uma hora da manhã. Há anos que não fico acordado até tão tarde assim. Volte e vamos ver o que temos.

Entre todas as zonas de Manhattan, o Lower East Side foi a que permaneceu mais conservada em toda a história da cidade.

Grande parte desapareceu, claro: as pastagens onduladas, as sólidas mansões de John Hancock e dos primeiros luminares do governo, o Der

Kolek, o grande lago de água doce (a palavra holandesa acabou, no fim, sendo

corrompida e se tornou "The Collect", o que descrevia com maior precisão a

lagoa profundamente poluída); o mal-afamado bairro de Five Points - que era

no século XIX o quilômetro quadrado mais perigoso da terra -, onde uma

única casa de cômodos, tal como a decrepita Gates of Hell, poderia ser o

cenário de duzentos ou trezentos assassinatos por ano.

Mas centenas de prédios antigos continuavam de pé - casas de

cômodos do século XIX, velhas casas de madeira e casas de tijolos do século

anterior, centros de reuniões públicas em estilo barroco, vários edifícios em

estilo egípcio, construídos por ordem do deputado regamente corrupto

Fernando Wood. Alguns tinham sido abandonados, as fachadas estavam

cobertas de ervas, com os pisos rachados pelo roubo contínuo da madeira.

Mas muitos continuavam em uso: esta tinha sido a terra da iniquidade de

Tammany Hall, de carrinhos de mão e oficinas de exploração cruel de mão-

de-obra, do asilo da Henry Street, dos espetáculos de variedades de Minsky e

da tristemente célebre gomorra lídice - a máfia judaica. Uma zona que dá à

luz tais instituições não morre fácil.

E era nessa direção que o colecionador de ossos pilotava nesse momento o táxi, levando a mulher magra e a filha pequena.

Observando que a guarda municipal estava em seu encalço, James Schneider

enfurnou-se novamente no chão como a serpente que era, procurando esconder-se - era o que

se especulava - nas adegas das muitas casas de cômodos da cidade (que os leitores talvez

possam reconhecer como as "pensões" ainda hoje comuns). E nelas permaneceu, na moita,

durante alguns meses.

Dirigindo-se para casa, o colecionador de ossos via à sua volta não a

Manhattan dos anos 90 - as delicatessen de coreanos, as lojas úmidas que

vendiam biscoitos moles, as casas que alugavam filmes pornô, as butiques

vazias -, mas o mundo onírico de homens que usavam chapéu-coco, mulheres

de anquinhas, as bainhas das saias e os punhos das blusas tornados imundas

pelo lixo das ruas. Hordas de carruagens e carroças, o ar saturado do cheiro às

vezes agradável, às vezes repulsivo de metano.

Mas tal era a compulsão perversa, insaciável, que havia nele para

recomeçar sua coleção que, logo depois, foi forçado a sair de seu covil para

emboscar outro bom cidadão - desta vez um rapaz recém-chegado à cidade

para estudar na universidade.

Ele dirigia nesse momento pela tristemente famosa Eighteenth Ward,

outrora o lar de quase cinquenta mil pessoas, apinhadas em mil casas de

cômodos decrépitas. Ao pensar no século XIX, a maioria das pessoas o fazia

em sépia - por causa das velhas fotos. Mas nisso havia erro. A Velha

Manhattan tinha cor de pedra. Com a sufocante fumaça industrial, tintas

proibitivamente caras e luz fraca, a cidade era um conjunto de numerosas

tonalidades de cinzento e amarelo.

Schneider esgueirou-se por trás do rapaz e ia atacá-lo quando a consciência dos

Fatos finalmente protestou. Dois guardas municipais presenciaram por acaso o ataque.

Reconheceram Schneider e o perseguiram. O assassino fugiu para leste, tentando cruzar

aquela maravilha da engenharia, a Ponte de Manhattan, terminada em 1909, dois anos

antes desses acontecimentos. Mas parou a meio caminho, vendo que três guardas municipais

se aproximavam vindo do Brooklyn, tendo ouvido o alarme disparado pelos apitos e tiros de

pistola de seus colegas de Manhattan.

Schneider, desarmado, como queriam os Fatos, subiu para o balaústre da ponte ao

ser cercado pela lei. Berrou diatribes de louco contra os guardas, acusando-os de ter

arruinado sua vida. Aproximando-se mais os policiais, ele saltou do balaústre para o rio.

Uma semana depois, um piloto descobriu-lhe o corpo em uma praia da ilha Welfare,

próxima da Hell Gate. Pouco restava dele, porque os caranguejos e tartarugas trabalharam

diligentemente para reduzir Schneider ao próprio osso que ele, na sua loucura, adorava.

O colecionador virou o táxi para a calçada de lajes da rua onde

morava, a East Van Brevoort, e parou em frente ao prédio. Examinou os dois

barbantes sujos que havia passado de um lado a outro da porta, a fim de

certificar-se de que ninguém tinha entrado ali. Um movimento súbito

assustou-o e ele ouviu novamente o rosnado gutural de cães, viu seus olhos

amarelos, dentes escuros, corpos cobertos de cicatrizes e feridas. A mão

desceu para a pistola, mas os cães subitamente deram uma volta e, ganindo,

correram pelo beco atrás de um gato ou rato.

Não viu ninguém na calçada quente e abriu o cadeado que fechava a porta da garagem de carruagens, voltou ao carro e entrou, parando ao lado do

Taurus.

Após a morte do bandido, suas posses foram encontradas e examinadas por

detetives. O diário que mantinha indicava que ele havia assassinado oito bons cidadãos da

cidade. Mas não ficava acima de violação de sepulturas para roubar, pois foi verificado

nessas páginas (se ele merecia fé) que arrombara vários santos lugares de repouso final nos

cemitérios da cidade. Nenhuma das vítimas lhe fizera a menor afronta - de maneira

nenhuma, a maioria era de cidadãos respeitáveis, trabalhadores, inocentes. Ainda assim, ele

não sentia a menor culpa. Na verdade, parece que ele trabalhava sob a louca ilusão de que

prestava um favor às vítimas.

O colecionador parou e enxugou a boca. A máscara de esquiador fazia

cócegas. Puxou da mala a mulher e a filha e levou-as pela garagem. Ela era

forte e resistiu bravamente. Finalmente, ele conseguiu algemá-las.

- Seu escroto! - uivou ela. - Não ouse tocar em minha filha. Toque nela e eu o mato!

Ele segurou-a com força pelo peito e tapou-lhe a boca com uma fita adesiva. Em seguida, fez o mesmo com a criança.

“A carne murcha e pode ser fraca” - (escrevera o bandido, com mão implacável

mas firme) - “O osso é a parte mais forte do corpo. Velho como possamos ser na carne,

somos sempre jovens no osso. É uma nobre meta a minha, e está além de mim compreender

por que alguém poderia contestar isso. Eu pratiquei um ato de bondade com todos eles. Eles,

agora, são imortais. Eu os libertei. Eu os reduzi até o osso.”

Puxou-as para o porão e jogou a mulher com força no chão e a filha ao lado dela. Com uma corda de varal de roupa, amarrou as algemas à parede.

Em seguida, voltou a subir.

Tirou do carro a mochila amarela que estava no assento traseiro, as valises no compartimento de bagagem, e passou por uma porta de madeira

com ferrolho para o cômodo principal da casa. Ia jogá-las em um canto, mas

descobriu que, por alguma razão, estava curioso sobre esses cativos em

particular. Sentou-se em frente a um dos murais - a pintura de um açougueiro,

placidamente segurando uma faca em uma das mãos e uma peça de carne na

outra.

Examinou a etiqueta da bagagem. Carole Ganz. Carole com E. Por

que a letra extra?, pensou. A valise nada continha, exceto roupas. Passou à

mochila. Encontrou imediatamente o dinheiro. Devia haver ali quatro ou

cinco mil dólares. Recolocou o dinheiro no compartimento fechado com

zíper.

Encontrou também uma dezena de brinquedos de criança: uma

boneca, uma lata de aquarelas, um pacote de massa de modelar, um conjunto

Sr. Cabeça-de-batata. Achou também um caro Discman, meia dúzia de CDs e

um radio relógio de viagem Sony.

Examinou algumas fotos. Fotos de Carole e a filha. Na maioria das

fotografias, a mulher parecia triste. Em algumas, mais feliz. Não encontrou

fotos dela e do marido, embora ela usasse aliança. Muitas das fotos eram da

mãe e filha em companhia de um casal - uma mulher corpulenta, usando um

desses costumes antigos de avó, e um homem barbudo e calvo, vestido com

uma camisa de flanela.

Durante muito tempo, o colecionador de ossos olhou para a foto da menininha.

O destino da pobre Maggie O'Connor, a menininha de apenas oito anos de idade,

foi especialmente triste. Ela teve a infelicidade, especulou a polícia, de cruzar o caminho de

James Schneider quando ele estava dando sumiço em uma de suas vítimas.

A menina, moradora da tristemente célebre Hell's Kitchen, havia saído para

apanhar crina de cavalo de um dos muitos animais mortos encontrados na parte pobre da

cidade. Era costume das crianças transformar a crina em braceletes e anéis - as únicas

bugigangas com que essas crianças pobres e maltrapilhas poderiam se enfeitar.

Pele e osso, pele e osso.

Colocou a foto na cornija da lareira, ao lado da pequena pilha de ossos

em que estava trabalhando naquela manhã e de outros que tinha roubado da

loja onde encontrara a serpente.

Supõe-se que Schneider encontrou a pequena Maggie perto de seu covil,

presenciando o espetáculo macabro do assassinato de uma das vítimas. Se a matou

rapidamente ou devagar, não podemos saber. Mas, ao contrário do que aconteceu com as

outras vitimas, cujos restos foram finalmente encontrados - isso nunca aconteceu com os da

frágil Maggie O'Connor de cabelos encaracolados.

O colecionador de ossos desceu para o porão.

Arrancou a mordaca da boca da mãe. A mulher arquejou para respirar,

olhando-o com uma fúria gelada.

- O que é que você quer? - perguntou asperamente. - O quê?

Ela não era tão magra como Esther, mas, graças a Deus, em nada se parecia com a gorda Hanna Goldschmidt. Podia ver grande parte de sua alma.

A mandíbula estreita, a clavícula e, através da blusa azul fina, uma sugestão do

osso inominado - uma fusão do ílio, ísquio e púbis. Nomes semelhantes aos

de deuses romanos.

A menina esperneou. Ele inclinou-se e tocou-lhe a cabeça com a mão. Crânios não crescem a partir de uma peça única de osso, mas de oito,

separados, e a coroa sobe como as lajes triangulares do telhado do estádio

Astródomo. Tocou o osso occipital da menina, os ossos parietais da calota do

crânio. E dois de seus favoritos, os ossos sensuais em volta das órbitas

oculares - o esfenóide e o etmóide.

- Pare com isso! - Carole sacudiu furiosa a cabeça. – Fique longe dela.

- Shhhh - respondeu ele, levando o dedo enluvado aos lábios.

Olhou para a menina, que começou a chorar e se colou à mãe.

- Maggie O'Connor - disse ele docemente, examinando a forma do rosto da menina. - Minha pequena Maggie.

A mulher olhou-o cheia de ódio.

- Você esteve no lugar errado, na hora errada, criança. O que foi que você me viu fazer?

Jovem no osso.

- Do que é que você está falando? - perguntou baixinho Carole.

O colecionador voltou a atenção para ela.

Ele sempre se sentiu curioso sobre a mãe de Maggie O'Connor.

- Onde está seu marido?

- Faleceu - cuspiu ela. Em seguida, olhou para a menininha e disse em

voz mais calma: - Foi morto há dois anos. Escute, solte minha filha. Ela não

pode dizer nada sobre você... Está me... ouvindo? O que é que você está

fazendo?

Ele segurou as mãos de Carole e levantou-as. Acariciou os ossos

metacárpicos dos pulsos. As falanges - os dedos minúsculos. Apertando os

ossos.

- Não, não faça isso. Eu não gosto disso. Por favor!

A voz alquebrou-se, em pânico.

Ele sentiu que estava perdendo o controle e não gostou nada dessa

sensação. Se ia ter sucesso naquilo, com as vítimas, com seus planos, tinha que

reprimir o desejo ardente - a loucura estava levando-o mais, cada vez mais,

para o passado, confundindo o agora com o outrora.

Antes e depois...

Precisava de toda sua inteligência e astúcia para terminar o que tinha

começado.

E ainda assim... ainda assim...

Ela era tão magra, tão dura. Fechou os olhos e imaginou que uma faca

raspando-lhe a tíbia cantaria como o arco de um velho violino.

Respirava rápido, suave em bicas.

Quando finalmente abriu os olhos, descobriu que estava olhando para

os sapatos abertos da mulher. Não possuía muitos ossos de pés em boas

condições. Os sem-teto que vinha atacando nos últimos meses... bem, eles

sofriam de raquitismo e osteoporose, tinham dedos deformados por sapatos

apertados.

- Eu faço um trato com você - ele se ouviu dizendo.

A mulher olhou para a filha. Arrastou-se um pouco mais para ela.

- Faço um trato com você. Eu a solto se você me deixar fazer uma coisa.

- O quê? - perguntou Carole baixinho.

- Deixar eu esfolar você.

Ela pestanejou.

Ele pediu, baixinho:

- Deixe eu fazer isso. Por favor. Um pé. Apenas um de seus pés. Se fizer isso, deixo você ir embora.

- O quê...?

- Até o osso.

Ela fitou-o, cheia de horror. Engoliu em seco.

O que era que isso importaria?, pensou ele. Afinal de contas, ela já estava quase lá, tão magra, tão angulosa. Sim, havia alguma coisa diferente nela

- diferente das outras vítimas.

Guardou a pistola e tirou o canivete do bolso. Abriu-o com um surpreendente estalido.

Ela não se moveu, os olhos deslizando para a menininha. Voltou-se para ele.

- Você nos deixará ir embora?

Ele inclinou a cabeça.

- Você não viu meu rosto. Não sabe onde fica este lugar.

Passou-se um longo momento. Ela olhou em volta do porão.

Murmurou uma palavra. Um nome, pensou ele. Ron ou Rob.

Com os olhos firmes nele, ela estendeu as pernas e empurrou os pés em sua direção. Ele tirou-lhe o sapato do pé direito.

Pegou os dedos, amassou as hastes fracas.

Ela inclinou-se para trás, os cabos dos tendões saltando fortemente do

pescoço. Fechou com força os olhos. Ele acariciou sua pele com a lâmina do

canivete.

Uma empunhadura forte no canivete.

Ela fechou os olhos, respirou fundo e soltou um gemido.

- Vá em frente - murmurou.

Virou o rosto da menina para o outro lado e abraçou-a fortemente.

O colecionador de ossos imaginou-a em um vestido vitoriano, saia de

anquinhas, renda preta. Viu os três, sentados juntos no Delmonico's ou

descendo a Quinta Avenida. Viu a pequena Maggie com eles, vestida de renda

fofa, empurrando um aro de roda com um bastão, enquanto passava pela

ponte do canal.

Naquele tempo e agora...

Posicionou a lâmina manchada no arco do pé da mulher.

- Mamãe! - gritou a menina.

Alguma coisa saltou dentro dele. Por um momento, foi dominado por asco por aquilo que estava fazendo. Nojo de si mesmo.

Não! Não podia fazer isso. Não com ela. Esther ou Hanna, sim. Ou com a próxima. Mas não com ela.

O colecionador de ossos sacudiu triste a cabeça e tocou-lhe o maxilar

com as costas da mão. Amordaçou novamente Carole com a fita e cortou a

corda que lhe prendia os pés.

- Venha - disse.

Ela lutou bravamente, mas ele agarrou-lhe a cabeça com força e

tapou-lhe as narinas até que ela desmaiou. Em seguida, colocou-a nos ombros

e começou a subir a escada, levantando cuidadosamente a bolsa próxima, no

chão. Com todo cuidado. Não era o tipo de coisa que queria que caísse. Subiu

a escada. Parou uma única vez, para olhar para a pequena Maggie O'Connor

de cabelos encaracolados, sentada ali na sujeira, olhando desamparada para

ele.

ELEMENTO DESCONHECIDO 238

Aparência Residência Veículo Diversos

- Branco, homem, estatura baixa
- Roupa escura
- Luvas velhas, pelica, avermelhadas
- Loção após barba: para encobrir cheiro?
- Máscara de esquiador? Azul-marinho?
- Luvas são escuras
- Loção após barba = Brut
- Cabelo não é castanho
- Cicatriz profunda, dedo indicador
- Roupa esporte
- Prov. tem casa segura
- Localizada perto da: B'way & 82nd, ShopRite B'way & 96th,

Anderson Foods Greenwich & Bank, ShopRite 2nd Ave., 72nd-73rd,

Grocery World Battery Park City, J&G'S Emporium 1709 2nd Ave.,

Anderson Foods 34th & Lex., Food Warehouse 8th Ave. & 24th,
ShopRite

6th Ave. & Houston, J&.G's Emporium Greenwich & Franklin, Grocery

World

- Prédio antigo, mármore cor-de-rosa
- Táxi Yellow Cab
- Sedã modelo recente
- Cinza claro, prateado, bege
- Carro de aluguel, prov. roubado
- Conhece proc. de CC
- Possivelmente tem antec. criminais
- Conhece levantamento de impressões digitais
- Arma = .32 Colt
- Amarra vít. com nós incomuns
- O "Antigo" o atrai
- Chamou uma vít. de "Hanna"
- Conhece alemão básico
- Atraído por locais subterrâneos

- Dupla personalidade
- Talvez padre, assist. social, cons. psicológico
- Desgaste incomum nos sapatos. Lê muito?
- Escutou som com prazer, enquanto quebrava dedo de vítima

CAPÍTULO XXIII

Ele os prendeu em frente à casa de Rhyme.

Rápido, como a serpente enroscada que Jerry Banks trazia colada ao corpo, como se fosse um souvenir de Santa Fé.

Dellray e dois agentes saíram de um beco.

Em tom casual, anunciou:

- Tenho notícias, queridinha. Você está presa por roubo de provas que

estavam sob custódia do governo dos Estados Unidos.

Lincoln Rhyme estava errado. Dellray, afinal de contas, não tinha

voltado para o edifício federal. Estava vigiando a casa. Banks rolou os olhos

para cima.

- Melhor se mandar, Dellray. Nós salvamos a vítima.

- É você fez uma coisa maravilhosa, filhote. Se não tivesse salvo, nós poderíamos acusá-lo de homicídio.

- Mas nós o salvamos - disse Sachs. - E não você.

- Obrigado por essa rápida recapitulação, policial. Estenda as mãos.

- Isso é sacanagem.

- Algeme essa moça - disse em tom dramático o Camaleão, dirigindo-

se ao corpulento agente a seu lado.

- Nós encontramos mais provas, agente Dellray – insistiu Sachs. - Ele capturou outra vítima. E não sei de quanto tempo dispomos.

- Oh, e convide também esse rapaz aí para nossa festinha.

Dellray inclinou a cabeça na direção de Banks, que se virou para a agente feminina do FBI que se aproximou dele, e pareceu estar pensando em

derrubá-la. Alegremente, Dellray avisou-o:

- Não, não, não. Você não quer fazer isso.

Relutante, Banks estendeu as mãos.

Mesmo furiosa, Sachs ainda sorriu friamente para o agente.

- Como foi sua viagem a Morningside Heights?

- Ele ainda matou aquele motorista de táxi. O nosso pessoal da PERT está rastejando nesse momento por aquela casa como baratas em esterco.

- E isso é tudo o que vão encontrar - retrucou Sachs. - O elemento desconhecido conhece melhor cenas de crime do que você e eu.

- Para o centro - ordenou Dellray, inclinando a cabeça para Sachs, que

estremeceu quando as algemas foram fechadas em torno de seus pulsos.

- Poderemos também salvar a próxima. Se você...

- Sabe qual é a acusação contra você, policial Sachs? Adivinhe. Você tem o direito de permanecer calada. Você vai ser...

- Tudo bem - disse uma voz às costas deles.

Sachs girou sobre si mesma e viu Jim Polling vindo em passos largos pela calçada. Tinha a calça e o paletó esporte amassados, como se tivesse

dormido com eles, embora os olhos vermelhos sugerissem que ele não dormia

há vários dias. Podia se ver a barba de um dia e os cabelos amarelos estavam

desgrenhados.

Dellray pestanejou, inquieto, embora não fosse o policial que o

deixasse nervoso, mas sim o alto promotor federal do Distrito Sul, que vinha

atrás de Polling. E, fechando a retaguarda, o superintendente Perkins.

- OK, Fred. Solte-os - disse o promotor.

No tom modulado de um disk jockey de FM, o Camaleão respondeu:

- Ela roubou provas, senhor. Ela...

- Eu simplesmente acelerei análises de polícia técnica – disse Sachs.

- Escute... - começou Dellray.

- Nada disso agora - falou Polling, inteiramente no controle. Nada de crises de mau humor. - Não, nós não vamos escutar. - Virou-se para Sachs e disse secamente: - Mas não tente nenhuma gracinha.

- Não, senhor. Sinto muito, senhor.

O promotor federal dirigiu-se a Dellray:

- Fred, você deu um telefonema fazendo uma consulta e ele chegou a nós. São os fatos da vida.

- Era uma boa pista - disse Dellray.

- Bem, nós estamos mudando a direção da investigação – declarou o promotor.

- Conversamos com o diretor e com Comportamento - acrescentou Perkins. - Concluimos que o posicionamento dos detetives Rhyme e Sellitto é o enfoque a seguir.

- Mas meu informante tinha certeza de que alguma coisa ia acontecer

no aeroporto. Esse não é o tipo de coisa que pudéssemos ignorar.

- A situação se resume no seguinte, Fred - disse rudemente o promotor. - O que quer que o filho da puta esteja para fazer, foi a equipe de

Rhyme que salvou as vítimas.

Os longos dedos de Dellray se fecharam em um punho hesitante, abriram-se novamente.

- Compreendo esse fato, senhor. Mas...

- Agente Dellray, esta é uma decisão que já foi tomada.

O rosto preto lustroso - tão enérgico no edifício federal quando ele arregimentava as tropas - tornou-se nesse momento sombrio, reservado. Por

um momento, o hipster desapareceu.

- Sim, senhor.

- Esse refém mais recente teria morrido se não fosse a intervenção da

detetive Sachs - disse o promotor.

- O senhor quer dizer, a policial Sachs - disse ela, corrigindo-o. - E o mérito coube principalmente a Lincoln Rhyme. Fui apenas a perna dele, por assim dizer.

- O caso vai voltar para as autoridades municipais – esclareceu o promotor. - O A.T. do FBI continuará a cuidar, com efetivos reduzidos, da

ligação informante-terrorista. Tudo que descobrirem deve ser passado aos

detetives Rhyme e Sellitto. Dellray, você deverá pôr à disposição deles

quaisquer efetivos necessários para trabalhos de busca e vigilância ou resgate

de reféns.

- Sim, senhor.

- Ótimo. Quer tirar agora as algemas desses policiais?

Placidamente, Dellray abriu as algemas e enfiou-as no bolso.

Dirigiu-se a uma grande van estacionada perto. No momento em que

pegava o saco com as provas, Sachs viu-o sozinho sob uma poça de luz de um

poste, o dedo indicador erguido, alisando o cigarro atrás da orelha.

Desperdiçou um momento sentindo pena do agente federal e, em seguida,

subiu correndo a escadas, dois degraus de cada vez, tendo às costas Jerry

Banks e a cascavel.

- Descobri o que é. Bem, quase.

Sachs acabava de entrar na sala de Rhyme quando ele disse isso. E parecia muito satisfeito consigo mesmo.

- Tudo, menos a cascavel e essa pasta sebosa.

Amélia entregou as novas provas a Mel Cooper. A sala tinha sido transformada mais uma vez e as mesas estavam cobertas por novos frascos,

potes de boca larga, caixas para pílulas e caixas e equipamentos de laboratório.

Não era lá grande coisa em comparação com a sede dos federais, mas Amélia,

estranhamente, sentiu-se como se tivesse voltado para casa.

- Diga-me - pediu ela.

- Amanhã é domingo... Desculpe... hoje é domingo. Ele vai incendiar uma igreja.

- Como foi que descobriu isso?

- A data.

- No pedaço de papel? O que ela significa?

- Você já ouviu falar em anarquistas?

- Russos baixinhos usando capas de chuva e levando por aí aquelas bombas que parecem bolas de boliche? - perguntou Banks.

- Palavras de homem que lê revistas em quadrinhos – comentou

secamente Rhyme. - Suas raízes de desenhos animados de manhã de sábado

estão aparecendo. O anarquismo era um antigo movimento social que queria a

abolição do governo. Um anarquista, Enrico Malatesta... o lema dele era

“propaganda por atos”. Traduzido, isso significa assassinato e mutilação

intencional de pessoas. Um de seus seguidores, um americano chamado

Eugene Lockworthy, residia em Nova York. Numa certa manhã de domingo,

ele fechou as portas de uma igreja no Upper East Side, pouco depois de

iniciado o serviço religioso, e tocou fogo no prédio. Dezoito paroquianos

morreram.

- E isso aconteceu no dia 20 de maio de 1906? – perguntou Sachs.

- Exato.

- Não vou perguntar como foi que você descobriu isso.

Rhyme encolheu os ombros.

- Óbvio. Nosso elemento desconhecido gosta de história, certo? Ele

nos deu fósforos e, com isso, está dizendo que planeja um incêndio intencional. Simplesmente me lembrei dos incêndios famosos da cidade... o da

Triangle Shirtwaist, o do Crystal Palace, o do barco de cruzeiro General

Slocum... Conferi as datas... Vinte de maio foi o dia do incêndio na Primeira

Igreja Metodista.

- Mas onde? - perguntou Sachs. - Na mesma localização daquela igreja?

- Tenho minhas dúvidas - disse Sellitto. - Lá só existe agora um arranha-céu comercial. O 238 não gosta de lugares modernos. Tenho uns dois

homens trabalhando nisso, no caso de termos certeza de que ele vai atacar

uma igreja.

- E nós pensamos - continuou Rhyme - que ele vai esperar até começar o serviço religioso.

- Por quê?

- Em primeiro lugar, foi isso o que Lockworthy fez – prosseguiu

Sellitto. - Estivemos pensando no que Terry Dobyys nos disse: que ele estava

aumentando as apostas. Partindo para múltiplas vítimas.

- De modo que temos um pouco mais de tempo. Até que o serviço comece.

Rhyme olhou para o teto.

- Quantas igrejas há em Manhattan?

- Centenas.

- Essa foi uma pergunta que não pedia resposta, Banks. Quero dizer...

vamos continuar a examinar nossas pistas. Ele vai ter que estreitar o foco, de

alguma maneira.

Passos na escada.

Eram os gêmeos, mais uma vez.

- Nós passamos por Fred Dellray no lado de fora.

- Ele não foi nada cordial.

- Nem parecia feliz.

- Ei, olhe para isso. - Saul, pelo menos Rhyme achava que era o Saul,

pois tinha esquecido qual dos dois tinha sardas, olhou para a cobra.

- Já vi

mais dessas aí em uma única noite do que jamais quero ver novamente.

- Cobras? - perguntou Rhyme.
- Nós estivemos na Metamorfose. É um...
- ... lugar muito assustador. Conheci o dono. Tipo esquisitíssimo.

Como se poderia imaginar.

- Barba comprida, bem comprida. Eu gostaria de não ter ido lá à noite
- continuou Bedding.
- Eles vendem morcegos e insetos empalhados. Você não acreditaria que alguns desses insetos...
- Têm quinze centímetros de comprimento.
- ...e criaturas como essa aí - completou Saul, inclinando a cabeça para a serpente.
- Escorpiões, um bocado de escorpiões.
- De qualquer modo, a loja foi arrombada há um mês e imagine só o que levaram? O esqueleto de uma cascavel.
- Ocorrência comunicada? - perguntou Rhyme.
- Comunicada.
- Mas o prejuízo total do comerciante roubado foi de apenas uns cem dólares, ou por aí. De modo que o furto não foi típico.

- Mas conte a eles.

Saul inclinou a cabeça.

- A cobra não foi a única coisa que levaram. Quem quer que tenha arrombado a loja levou também umas duas dúzias de ossos.

- Ossos humanos? - perguntou Rhyme.

- Isso mesmo. Foi isso o que o dono da loja achou esquisito. Alguns daqueles insetos...

- ...valem de trezentos a quatrocentos dólares. Mas tudo que o perp levou foram a cobra e alguns ossos.

- Alguns ossos em particular? - indagou Rhyme.

- Uma grande variedade. Como no Sampler, de Whitman.

- Palavras dele, não nossas.

- Principalmente, ossos pequenos. De mão e pé. E uma costela, talvez

duas.

- O cara não tinha certeza.

- Alguma queixa de roubo?

- De ossos roubados? Nenhuma.

Os Irmãos Hardy foram embora, a caminho da última cena de crime, onde começariam a andar de porta em porta interrogando possíveis

testemunhas.

Rhyme começou a pensar na cobra. Estaria ela lhes dando uma localização? Tinha alguma relação com o incêndio da Primeira Metodista? Se

cascavéis fossem animais nativos de Manhattan, o desenvolvimento urbano

teria muito tempo antes bancado o São Patrício e expurgado a ilha de sua

presença. Estaria ele fazendo um trocadilho com as palavras cobra e cascavel?

De repente, achou que tinha compreendido.

- A cobra é para nós.

- Para nós? - riu Banks.

- E uma bofetada no rosto.

- De quem?

- De todos os que estão à procura dele. Acho que é uma brincadeira de mau gosto.

- Não estou achando muita graça nisso - disse Sachs.

- Sua expressão é muito engraçada - comentou Banks com um sorriso.

- Acho que somos melhores do que ele esperava e ele não está nada

feliz com isso. Ele é louco e está nos desafiando. Thom, acrescente
isso ao

nosso perfil, por favor. Ele está zombando de nós.

O telefone de Sellitto tocou nesse momento. Abriu-o e atendeu,
dizendo:

- Emma, querida, o que foi que você conseguiu? - Inclinou a cabeça
repetidas vezes, enquanto tomava notas. Em seguida, ergueu a vista
e

anunciou: - Roubos de carros de aluguel. Dois carros da Avis
desapareceram

na semana passada, quando alugados, um em Midtown. Estão
confusos

porque as cores eram erradas: vermelho, verde e branco. Nenhum
da

National. Quatro da Hertz foram "surrupitados"? Três em Manhattan -
um

deles de uma localização no centro, no East Side, outro em Midtown
e o

terceiro no Upper West Side. Dois deles verdes e - isto poderia ser
uma pista -

outro marrom. Mas um Ford prateado foi também roubado em White
Plains.

Esse é o meu voto.

- Concordo - disse Rhyme. - White Plains.

- Como é que você sabe? - perguntou Sachs. - Monelle disse que o carro poderia ser bege ou prateado.

- Porque nosso rapaz mora na cidade - explicou Rhyme - e se vai roubar alguma coisa tão óbvia como um carro, ele fará isso tão longe da casa

segura quando puder. É um Ford, foi o que você disse?

Sellitto fez uma pergunta a Emma e, em seguida, ergueu a vista.

- Taurus. Modelo deste ano. Interior cinza-escuro. A placa é irrelevante.

Rhyme concordou com um aceno.

- A primeira coisa que ele mudou foram as placas. Agradeça a ela e diga-lhe para ir dormir um pouco. Mas que não se afaste muito do telefone.

- Consegui aqui alguma coisa, Lincoln - gritou Mel Cooper.

- O quê?

- A pasta sebosa. Estou passando-a através do banco de dados de nomes de marca. - Olhou para a tela. - Referências cruzadas... Vejamos, o

emparelhamento mais provável é Kink-Away. Trata-se de uma loja que vende

cosméticos para alisar cabelos a varejo.

- Politicamente incorreta, mas útil. Esse dado nos coloca no Harlem, você não acha? Reduz consideravelmente o número de igrejas.

Banks examinava as agendas de serviços religiosos de todos os três jornais que eram vendidos no metrô.

- contei vinte e dois.

- Qual o serviço que começa mais cedo?

- Três igrejas têm serviço às oito. Seis às nove. Uma às nove e meia. O

resto às dez ou onze.

- Ele vai escolher uma das que começam mais cedo. Já nos deu as horas para descobrir o local.

- Vou mandar Haumann reunir novamente o pessoal da UOE.

- O que me diz de Dellray? - perguntou Sachs. Ela imaginou o agente

sozinho, largado, em uma esquina próxima.

- O que é que tem ele? - perguntou Sellitto.

- Oh, vamos incluí-lo. Ele quer muito um pedaço desse cara.

- Perkins disse que ele devia ajudar - sugeriu Banks.

- Você o quer, realmente? - perguntou Sellitto, franzindo as sobrancelhas.

Sachs inclinou a cabeça.

- Claro.

Rhyme concordou:

- Tudo bem, ele pode dirigir os grupos da S&S federal. Quero um grupo em cada igreja, imediatamente. Todas as entradas vigiadas. Mas devem

ficar fora da vista. Não quero assustar nosso rapaz. Talvez a gente possa

flagrá-lo no ato.

Sellitto recebeu um telefonema. Olhou para cima, os olhos fechados.

- Jesus.

- Oh, não - murmurou Rhyme.

O detetive enxugou o rosto suado e confirmou com um aceno.

- A Central recebeu um 9-1-1 do gerente noturno de um hotel. Qual?

O Midtown Residence Hotel? Uma mulher e a filha ligaram de La Guardia,

dizendo que iam justamente pegar um táxi. Isso aconteceu há algum tempo.

Não chegaram ao hotel. Com todas essas notícias sobre sequestros, ele achou

que devia telefonar. O nome dela é Carole Ganz. De Chicago.

- Diabos - murmurou Banks. - Uma menina, também? A gente devia tirar todos os táxis da cidade até pegarmos esse cara pelo cu.

Rhyme estava tomado de profundo cansaço. A cabeça protestava.

Lembrou-se de ter processado uma cena de crime em uma fábrica de bombas.

Nitroglicerina tinha vazado de uns pacotes de dinamite e se infiltrado na

espreguiçadeira onde ele tinha que dar uma busca à procura de vestígios. A

nitro produzia dores de cabeça lancinantes.

Nesse momento, a tela do computador de Cooper resolveu piscar.

- E-mail - anunciou ele, baixou a mensagem e leu as palavras miúdas. -

Eles polarizaram as amostras do celofane que a UOE reuniu. Acham que o

pedaço que encontramos no osso, na cena da Pearl Street, veio do mercado

ShopRite. É o mais parecido com o celofane que usam.

- Ótimo - disse Rhyme. Indicou o pôster com a cabeça. - Risque todos

os mercados, menos os ShopRites. Que localizações temos agora?

Observou Thom riscando os mercados e deixando apenas quatro:

B'Way & 82nd Greenwich & Bank 8th Ave. & 24th Houston &

Lafayette

- Isso nos deixa com o Upper West Side, West Village, Chelsea e

Lower East Side.

- Mas ele poderia ter ido comprá-las em qualquer um desses lugares.

- Certo, poderia ter feito isso, Sachs. E também comprado a canela em

White Plains, quando esteve roubando o carro. Ou em Cleveland, visitando a

mãezinha dele. Mas, veja bem, há um ponto em que elementos desconhecidos

se sentem confiantes em suas manobras de despistamento e deixam de cobrir

seu rastro. Os estúpidos... ou os preguiçosos... jogam a arma fumegante no

latão de lixo atrás do prédio onde moram e continuam em sua alegre vidinha.

Os sabidos colocam-na em um balde de Spackle e jogam-na no Hell Gate. Os

brilhantes entram furtivamente em uma refinaria e vaporizam a arma em uma

fornalha de cinco mil graus centígrados. O nosso elemento desconhecido é

sabido, claro. Mas é também igual a todos os outros criminosos na história do

mundo. Ele tem limites. Aposto que ele pensa que não teremos tempo ou

inclinação para procurá-lo, ou localizar sua casa segura, porque estaremos

concentrados nas pistas plantadas por ele. E, claro, ele está inteiramente

errado. É exatamente dessa maneira que vamos encontrá-lo. Agora, vamos ver

se nos aproximamos um pouco mais de seu covil. Mel, alguma coisa nas

roupas da vítima da última cena?

A água da maré, porém, havia virtualmente lavado tudo da roupa de William Everett.

- Você disse que eles lutaram, Sachs? O elemento e Everett?

- Não foi lá uma grande briga. Everett pegou-o pela camisa.

Rhyme estalou a língua.

- Devo estar ficando cansado. Se tivesse me lembrado, teria pedido a

o que raspasse embaixo das unhas dele. Mesmo que ele estivesse debaixo

d'água esse seria o único lugar...

- Aqui está - disse ela, estendendo dois pequenos sacos plásticos.

- Você raspou?

Ela confirmou com um aceno de cabeça.

- Mas por que dois sacos?

Pegando um saco e depois o outro, ela respondeu:

- Mão esquerda, mão direita.

Mel Cooper caiu na gargalhada.

- Nem mesmo você pensou em sacos separados para guardar raspas,

Lincoln. É uma grande idéia.

- Diferenciar as mãos - grunhiu Rhyme - poderia ter algum valor probatório marginal.

- Uau - comentou Cooper, ainda rindo -, isso significa que ele pensa que é uma idéia brilhante e que lamenta não ter pensado nisso em primeiro lugar.

O técnico examinou as raspas.

- Há aqui um pouco de pó de tijolo.

- Não havia tijolo em parte alguma em volta do cano de esgoto ou no

campo - disse Sachs.

- São fragmentos. Mas há alguma coisa presa ao pó. Não sei o quê.

- Isso não podia ter vindo do túnel do curral? - perguntou Banks. - Ali

havia muito tijolo, certo?

- Tudo isso veio da Annie Oakley aqui - disse Rhyme, acenando melancolicamente para Sachs. - Não, lembrem-se, o elemento foi embora

antes que ela sacasse a pistola. - Mas depois cerrou as sobrancelhas e inclinou

o pescoço para a frente. - Mel, quero ver esse tijolo. No microscópio. Há

alguma maneira?

Cooper olhou para o computador de Rhyme.

- Acho que a gente pode fazer alguma ligação. - Ligou um cabo da porta de saída de vídeo ao microscópio composto de seu próprio computador

e em seguida procurou alguma coisa em uma grande valise. Tirou um fio

comprido, grosso, cinzento. - Isto é um cabo serial.

Ligou os dois computadores e transferiu alguns programas para o

Compaq de Rhyme. Em cinco minutos, deliciado, Rhyme estava vendo

exatamente o que Cooper examinava através da ocular.

Os olhos do criminalista escanearam o fragmento de tijolo,

enormemente ampliado. E riu alto.

- Ele se superou. Estão vendo essas bolhas brancas presas ao tijolo?
- O que são? - perguntou Sellitto.
- Parece cola - sugeriu Cooper.
- Exatamente. De uma escova redonda para pentear animais.

Criminosos realmente cautelosos usam-nas para limpar traços em si mesmos.

Mas o tiro saiu pela culatra. Alguns pedaços do adesivo devem ter se despregado da escova e colaram-se à roupa dele. De modo que sabemos que o

vestígio veio de sua casa segura. Manteve o fragmento de tijolo no lugar até

que Everett pegou-o com as unhas.

- O tijolo nos diz alguma coisa? - perguntou Sachs.

- É antigo. E caro. O tijolo barato era muito poroso porque os fabricantes acrescentavam enchimento. Acho que a casa dele é de alguma

antiga instituição ou foi construída por um cara rico. Tem pelo menos cem

anos de idade. Talvez mais.

- Ah, aqui estamos nós de novo - disse Cooper. - Outro pedacinho da luva, ao que parece. Se a droga da coisa continuar a desintegrar-se, vamos

chegar às cristas de atrito antes de muito tempo.

A tela de Rhyme relampejou e, um momento depois, apareceu o que ele reconheceu como um pedacinho de couro.

- Há alguma coisa esquisita aqui - disse Cooper.

- Não é vermelha - observou Rhyme. - Como as outras partículas.

Esse ponto é preto. Mas a tintura é diferente. Talvez manchada ou desmaiada.

Rhyme inclinava a cabeça nesse momento, olhando atentamente para

o pontinho na tela, quando se deu conta que estava com um problema.

Problema sério.

- Ei, você está bem?

Foi Sachs quem falou.

Rhyme não respondeu. Pescoço e mandíbula começaram a tremer violentamente. Uma sensação como que de pânico subiu da ponta superior da

espinha despedaçada e chegou até o couro cabeludo. Em seguida, como se um

termostato tivesse sido ativado, os arrepios e calombos na pele desapareceram

e ele começou a suar. O suor escorreu e provocou uma horrível coceira no

rosto.

- Thom! - murmurou ele. - Thom, está acontecendo!

Em seguida, arquejou quando a dor de cabeça queimou-lhe o rosto e

subiu pelas paredes internas do crânio. Rilhou os dentes, balançou a cabeça,

fez tudo que podia para neutralizar a dor insuportável. Nada funcionou. A luz

na sala piscou. A dor era tão forte que sua reação foi de fugir dela, com as

pernas encurvadas que não se moviam há anos.

- Lincoln! - gritou nesse momento Sellitto.

- O rosto dele! - arquejou Sachs. - Está vermelho vivo!

E as mãos, brancas como marfim. Todo o corpo abaixo da latitude mágica da C4 estava ficando branco. O sangue de Rhyme, na falsa e desesperada missão para chegar aonde pensava que era necessário, encheu os

minúsculos capilares do cérebro, dilatando-os, ameaçando partir os delicados

filamentos.

Agravando-se o ataque, Rhyme notou Thom curvado sobre ele,

jogando para longe os cobertores da Clinatron. Notou Sachs dando um passo

à frente, seus radiantes olhos azuis apertados de preocupação. A última coisa

que viu antes da escuridão foi o falcão abrindo as asas enormes e decolando

do peitoril da janela, assustado pela explosão inesperada de atividade na sala,

procurando esquecimento fácil no ar quente que pairava sobre as ruas vazias

da cidade.

CAPÍTULO XXIV

Quando Rhyme desmaiou, Sellitto foi o primeiro a chegar ao telefone.

- Ligue 911 para Socorro Urgente - disse Thom. - Em seguida, ligue para esse número aí. Discagem rápida. É o número de Pete Taylor, nosso

especialista em coluna vertebral.

Sellitto deu os telefonemas. Thom gritou nesse momento:

- Preciso de ajuda aqui. Alguém!

Sachs era a que estava mais perto. Inclinou a cabeça, aproximou-se de

Rhyme. O empregado havia agarrado o homem inconsciente por baixo dos

braços e o colocado mais alto na cama. Puxou, rasgando, a camisa, e

examinou o peito lívido, dizendo:

- Todo mundo, se puderem fazer o favor, simplesmente nos deixem sozinhos.

Sellitto, Banks e Cooper hesitaram por um momento e em seguida saíram. Sellitto fechou a porta.

Uma caixa de cor bege apareceu nas mãos do empregado. Continha comutadores e botões no alto e dela saía um fio que terminava em um disco

plano, que ele colocou sobre o peito de Rhyme e prendeu com um esparadrapo.

- Estimulador do nervo frênico. Isso o manterá respirando.

Ligou a máquina.

Thom passou uma braçadeira de pressão arterial em volta do braço de

Rhyme, que estava branco como alabastro. Com um choque, Sachs deu-se

conta de que o corpo de Rhyme virtualmente não tinha qualquer ruga. Ele

andava pela casa dos quarenta anos e tinha o corpo de um rapaz de vinte.

- Por que o rosto dele está tão vermelho assim? Parece que ele vai explodir.

- Está explodindo - disse Thom em tom de voz prosaico, puxando uma maleta de médico de baixo de uma mesinha-de-cabeceira. Abriu-a e

continuou a tomar a pressão arterial. - Disreflexia... Todo o estresse de hoje...

mental e físico. Ele não está acostumado a isso.

- Ele disse o tempo todo que estava cansado.

- Eu sei. E não estive prestando atenção suficiente. Shhh. Tenho que escutar.

Ligou o estetoscópio aos ouvidos, inflou a braçadeira e deixou o ar escapar lentamente. Olhando para o relógio, as mãos eram firmes como rochas.

- Merda. Diastólica um por 25. Merda.

Pai do céu, pensou Sachs. Ele vai ter um derrame. Thom indicou com

a cabeça a bolsa preta.

- Procure aí o vidro de nifedipina. E abra uma dessas seringas.

Enquanto ela procurava, Thom abriu o pijama de Rhyme, pegou um cateter ao lado da cama e abriu o envoltório plástico. Lubrificou a extremidade

com geléia K-Y, levantou o pênis esbranquiçado de Rhyme e inseriu suave

mas rapidamente a ponta na glânde.

- Esta é parte do problema. Pressão intestinal e urinária podem provocar um ataque. Hoje ele bebeu mais do que devia.

Sachs abriu a seringa hipodérmica e disse:

- Não sei como aplicar uma injeção.

- Eu faço isso. - Thom fitou-a. - Eu poderia lhe pedir... você se importaria em fazer isso? Não quero que o tubo se dobre.

- Claro. Certo.

- Quer uma luva?

Ela calçou um par de luvas e, com todo cuidado, pegou o pênis de Rhyme com a mão esquerda. Segurou o tubo com a mão direita. Havia

passado muito, muito tempo, desde que tinha pego em um homem nesse

lugar. A pele era macia e ela pensou como era estranho que esse centro do ser

do homem seja, na maior parte do tempo, delicado como seda.

Thom aplicou com perícia a injeção.

- Acorde, Lincoln...

A distância, ouviram o som de uma sirene.

- Eles estão quase chegando - disse ela, olhando pela janela.
- Se não conseguirmos que ele recupere os sentidos agora, não há nada que a emergência possa fazer.
- Quanto tempo para o remédio fazer efeito?

Thom olhou para Rhyme, sem resposta corporal, e disse:

- Já devia ter feito. Mas se eu aplicasse uma dose alta demais ele entraria em choque.

O empregado inclinou-se e ergueu uma pálpebra do doente. A pupila azul estava vidrada, desfocalizada.

- Isso não é bom. - Tomou novamente a pressão. - Um por 50. Cristo.

- O remédio vai matá-lo - disse Sachs.

- Oh, o problema não é esse.

- O quê? - perguntou baixinho a chocada Sachs.

- Ele não se importa em morrer. - Olhou para Amélia, como se

surpreso por ela não ter compreendido esse fato. - Ele simplesmente não quer

ficar mais paralisado do que já está. - Preparou outra injeção. - Ele já pode ter

tido isso. Quero dizer, um derrame. É isso que o apavora.

Thom inclinou-se outra vez e aplicou mais uma injeção com o medicamento.

A sirene estava mais próxima nesse momento. E sons de buzina, também. Carros deveriam estar bloqueando a ambulância, sem pressa de se

afastarem para um lado - uma das coisas na cidade que enfureciam Sachs.

- Você pode tirar o cateter agora.

Com todo cuidado, ela puxou o tubo.

- Eu deveria... - E com um movimento de cabeça indicou o saco de coleta de urina.

Thom conseguiu pôr nos lábios um fraco sorriso.

- Esse trabalho é meu.

Passaram-se vários minutos. Aparentemente, a ambulância não estava

conseguindo furar o bloqueio, mas, em seguida, uma voz estrugiu num alto-

falante e gradualmente o som da sirene aproximou-se mais.

De repente, Rhyme se mexeu. A cabeça sacudiu-se de leve. Balançou

para frente e para trás, pressionou o travesseiro. A pele perdeu um pouco do

tom avermelhado.

- Lincoln, você está me ouvindo?

- Thom - gemeu ele.

Rhyme tremia violentamente. Thom cobriu-o com um lençol.

Quando deu por si, Sachs estava alisando os cabelos emaranhados de

Rhyme. Pegou um lenço de papel e enxugou-lhe a testa.

Passos soaram na escada e dois corpulentos paramédicos apareceram,

os rádios crepitando. Entraram rapidamente na sala, tomaram a pressão

arterial de Rhyme e examinaram o estimulador neural. Um momento depois, o

Dr. Peter Taylor entrou apressadamente.

- Peter - disse Thom. - Disreflexia.

- Pressão?

- Está baixando. Mas foi ruim. Chegou a 50.

O médico se encolheu todo.

Thom apresentou o médico ao pessoal do pronto-socorro. Eles

pareceram aliviados por estar ali um especialista e deram um passo para trás

quando Taylor se aproximou da cama.

- Doutor... - disse Rhyme, ainda zozzo.

- Vamos dar uma olhada nesses olhos.

Taylor lançou uma luz dentro das pupilas de Rhyme. Sachs examinou o rosto do médico em busca de uma reação e ficou perturbada ao vê-lo franzir

as sobrancelhas.

- Não preciso do estimulador neural - murmurou Rhyme.

- Você e seus pulmões, certo? - perguntou ironicamente o médico. -

Bem, vamos deixá-lo funcionando por mais algum tempo, certo? Até descobirmos o que exatamente está acontecendo aqui. - Lançou um olhar a

Sachs. - Talvez seja melhor você esperar lá embaixo.

Taylor aproximou-se mais e Rhyme notou gotas de suor porejando o couro cabeludo do médico, sob os cabelos.

As mãos hábeis do médico levantaram uma pálpebra, olhou

novamente para uma pupila e em seguida para a outra. Preparou o aparelho e

tomou novamente a pressão de Rhyme, os olhos distantes, com aquela

concentração de médicos perdidos em suas tarefas minuciosas, vitais.

- Está se aproximando do normal - anunciou. - Como está a urina?

- Mil e cem cc - respondeu Thom.

Taylor fechou a cara.

- Andou negligenciando coisas? Ou simplesmente foi bebida demais?

Rhyme fez uma carranca em resposta.

- Estávamos distraídos com outras coisas, doutor. Esta noite foi muito

agitada.

Taylor seguiu o movimento de cabeça de Rhyme e olhou surpreso em

volta da sala, como se alguém tivesse introduzido aquele equipamento ali

enquanto ele estava distraído.

- O que significa tudo isso?

- Fui tirado de minha aposentadoria.

A expressão de perplexidade de Taylor transformou-se em um sorriso.

- Já não era sem tempo. Venho enchendo você há meses para que faça

alguma coisa de sua vida. Bem, e a situação dos intestinos?

- Provavelmente, doze, quatorze horas - respondeu Thom.

- Descuido seu - repreendeu-o Taylor.

- Não foi culpa dele - disse secamente Rhyme. - Tive o quarto cheio

de gente o dia todo.

- Não quero desculpas - respondeu seco por sua vez o médico.

Esse era Pete Taylor, que nunca falava através de outra pessoa quando

conversava com Rhyme e que nunca deixava que seu paciente intimidador o

intimidasse.

- É melhor cuidarmos das coisas.

Calçou luvas cirúrgicas e inclinou-se sobre o torso de Rhyme. Os dedos começaram a manipular o abdome para enganar os intestinos preguiçosos e fazer com que eles fizessem o que tinham que fazer. Thom

levantou as cobertas e colocou em posição as fraldas descartáveis.

Um momento depois, o trabalho foi feito e Thom limpou o patrão.

Subitamente, Taylor disse:

- Então, você desistiu daquele absurdo, espero? - enquanto o observava atentamente.

Aquele absurdo...

Ele se referia ao suicídio. Com um olhar a Thom, Rhyme respondeu:

- Não ando pensando nisso já há algum tempo.

- Ótimo. - Taylor olhou para os instrumentos espalhados sobre a

mesa. - É isso o que você deve estar fazendo. Talvez o departamento volte a

incluí-lo na folha salarial.

- Acho que não passaria no exame físico.

- E a cabeça, como vai?

- Uma dezena de bate-estacas trabalhando chegariam perto de descrevê-la. Meu pescoço, também. Já tive duas câibras hoje.

Taylor foi até atrás da cabeceira da Clinotron e pressionou com os dedos os dois lados da espinha de Rhyme, onde - desconfiava Rhyme, embora

nunca tivesse visto aquele ponto, claro - estavam as cicatrizes bem visíveis das

incisões das operações por que tinha passado durante esses anos todos. Taylor

aplicou-lhe uma massagem, pressionando fundo os dedos nas fibras rígidas

dos músculos dos ombros e pescoço. Lentamente, a dor desapareceu.

Sentiu os polegares do médico pararem no que achou que era a vértebra despedaçada.

A nave espacial, a arraia...

- Algum dia, vão dar um jeito nisso - disse Taylor. – Algum dia, não

vai ser pior do que quebrar uma perna. Escute o que estou dizendo.
Prevejo

isso.

Quinze minutos depois, Peter Taylor desceu a escada e juntou-se
aos

policiais na calçada.

- Ele está bem? - perguntou ansiosamente Amélia Sachs.

- A pressão baixou. Ele precisa, acima de tudo, de repouso.

O médico, um homem de aparência comum, deu-se conta

subitamente que estava falando com uma mulher muito bela. Alisou
os

cabelos grisalhos e lançou um olhar discreto ao corpo esguio e
flexível. Os

olhos passaram em seguida aos carros da radiopatrulha
estacionados em frente

à casa e perguntou:

- Que caso é esse em que ele está ajudando vocês?

Sellitto demorou-se, como acontece com todos os detetives quando

ouvem essa pergunta de parte de um paisano. Sachs, porém,
adivinhou que

Taylor e Rhyme eram amigos íntimos e respondeu:

- Os sequestros. Ouviu falar neles?

- O caso do motorista de táxi? Está em todos os noticiários. Bom para

ele. Trabalhar é a melhor coisa que pode lhe acontecer. Ele precisa de amigos

e de um objetivo na vida.

Thom apareceu no alto da escada.

- Ele disse obrigado, Pete. Bem, ele não disse realmente obrigado. Mas

era o que queria dizer. Você sabe como ele é.

- Seja honesto comigo - disse Taylor nesse momento, a voz baixa, em

tom conspiratório: - Ele ainda está pensando em conversar com eles?

Mas, quando Thom respondeu "Não, não está", alguma coisa no tom da voz disse a Sachs que ele estava mentindo. Não sabia o que era ou que

importância poderia ter. Mas incomodava.

Pensando em conversar com eles?

De qualquer modo, aparentemente Taylor não percebeu a falsidade da

resposta do empregado.

- Volto aqui amanhã para ver como ele está passando.

Thom respondeu que agradecia muito, Taylor passou a correia da

maleta por cima do ombro e se afastou. O empregado chamou Sellitto com

um gesto:

- Ele gostaria de lhe falar por um minuto.

O detetive subiu rápido a escada. Entrou na sala e, minutos depois, ele

e Thom desceram. Sellitto, solene nesse momento, lançou um olhar a Sachs e

disse:

- Você, agora.

E com um meneio da cabeça indicou a escada.

Deitado na cama maciça, Rhyme tinha os cabelos despenteados, mas o

rosto não estava mais vermelho nem as mãos cor de marfim. O quarto

cheirava a alguma coisa madura, visceral. Lençóis limpos forravam nesse

momento a cama e a roupa dele tinha sido novamente mudada. Dessa vez, o

pijama era tão verde quanto o terno de Dellray.

- Esse é o pijama mais feio que já vi em toda minha vida – disse ela.

-

Foi presente de sua ex, não?

- Como foi que adivinhou? Presente de aniversário... Desculpe pelo susto que dei - disse ele, desviando a vista.

Ele pareceu subitamente tímido e esse fato perturbou-a. Pensou no pai, na sala pré-operatória no Sloan-Kettering, antes de o levarem para fazer

uma cirurgia exploratória, da qual ele nunca acordou.

- Desculpe? - perguntou ela, ameaçadora. - Não quero ouvir mais essa

merda, Rhyme.

Ele fitou-a durante um minuto e disse:

- Vocês dois vão se dar bem.

- Nós dois?

- Você e Lon. Mel, também, claro. E Jim Polling.

- O que quer dizer com isso?

- Estou me aposentando.

- Você está o quê?

- Penoso demais para o velho sistema, lamento dizer.

- Mas você não pode desistir. - Acenou para o pôster de Monet. -

Olhe só para tudo o que descobrimos sobre 238. Estamos tão perto dele.

- Por isso mesmo, vocês não vão precisar de mim. Tudo de que

precisam é de um pouco de sorte.

- Sorte? Foram precisos anos para pegar Bundy. E o que é que você diz do assassino do Zodíaco? E do Lobisomem?

- Nós temos boa informação aqui. Informação segura. Você vai descobrir algumas boas pistas. Você vai pegá-lo, Sachs. Será seu canto de

cisne antes de a trancarem em Assuntos Públicos. Estou com um palpite de

que 238 está ficando ousado. Eles podem mesmo pegá-lo na igreja.

- Você parece estar bem - disse ela após um momento, embora ele não

parecesse.

Rhyme soltou uma risada. Que em seguida desapareceu.

- Estou muito cansado. E machucado. Droga, acho que sinto dor em lugares onde os médicos dizem que não posso sentir nada.

- Faça o que eu faço. Tire uma soneca.

Ele tentou uma risada de zombaria, mas o som saiu fraco. Ela odiou vê-lo nesse estado. Ele tossiu por um instante, olhou para o estimulador

neural e fez uma careta, como se embaraçado por depender de uma máquina.

- Sachs... acho que não vamos trabalhar juntos novamente. Eu só

queria dizer que você tem uma boa carreira pela frente, faz as opções certas.

- Bem, vou voltar para vê-lo, depois de pegarmos aquele mau elemento.

- Eu gostaria que viesse. Estou satisfeito porque você foi o primeiro policial a chegar ontem à cena do crime. Não há ninguém no mundo que eu preferisse para percorrer uma cena comigo.

- Eu...

- Lincoln - disse uma voz.

Ela virou-se e viu um homem à porta. Ele olhou curioso em volta da sala, tomando nota de todo aquele equipamento.

- Ao que parece, houve um bocado de agitação por aqui.

- Doutor - disse Rhyme, o rosto se abrindo em um sorriso. - Por favor, entre.

Ele entrou e disse:

- Recebi a mensagem de Thom. Emergência? Foi o que ele disse.

- Dr. William Berger, apresento-lhe Amélia Sachs.

Sachs, porém, percebeu que ela já tinha deixado de existir no universo

de Lincoln Rhyme. O que quer que restasse para ser dito - e ela achava que

havia algumas coisas, talvez muitas - teria que esperar. Passou pela porta.

Thom, que se encontrava no largo passadiço do outro lado, fechou-a às suas

costas e, sempre correto, parou, indicando com a cabeça que ela o precedesse.

Saindo para a noite sufocante, ela ouviu uma voz próxima.

- Queira desculpar.

Virou-se e viu o Dr. Peter Taylor sob uma árvore de noqueira-do-Japão.

- Posso lhe falar por um minuto?

Sachs acompanhou-o pela calçada até algumas portas adiante.

- Sim? - perguntou.

Ele encostou-se em um muro de pedra e passou outra vez uma tímida

mão pelos cabelos. Sachs lembrou-se de quantas vezes tinha intimidado

homens com uma única palavra ou olhar. E pensou, como frequentemente

fazia: O que é que pode ser mais inútil do que a beleza?

- Você é amiga dele, certo? - perguntou o médico. – Quero dizer, você

trabalha com ele, mas é também amiga dele.

- Sou. Acho que sou.

- Aquele homem que acaba de entrar. Sabe quem é?

- Berger, acho. Médico.

- Ele lhe disse de onde é?

- Não.

Durante um momento, Taylor olhou para a janela da sala de Rhyme.

E perguntou:

- Já ouviu falar na Sociedade Lethe?

- Não, oh, espere... É o grupo de eutanásia, certo?

Taylor confirmou com um aceno.

- Conheço todos os médicos de Lincoln. E nunca ouvi falar em

Berger. Eu estava justamente pensando que ele talvez esteja com eles.

- O quê?

Está ainda conversando com eles... Então, era a isso que a conversa aludia. Amélia se sentiu no ar com o choque.

- Será que ele... que ele falou seriamente sobre isso antes?

- Oh, sim, falou - suspirou Taylor e olhou para o céu enevoado da

noite. - Oh, sim. - Olhou para o nome dela no crachá. - Policial Sachs, passei

horas tentando convencê-lo a não fazer isso. Dias. Mas trabalho também há

anos com tetraplégicos e sei como eles são teimosos. Talvez ele a escutasse.

Apenas algumas palavras. Eu estava pensando... Você poderia...

- Oh, droga, Rhyme - murmurou ela e começou a descer a calçada correndo, deixando a frase do médico pela metade.

Chegou à porta da frente da casa no momento em que Thom a estava

fechando. Empurrou-o para um lado.

- Esqueci minha caderneta de notas.

- Sua...

- Volto logo.

- Você não pode subir. Ele está com o médico.

- Vai ser apenas um segundo.

Já estava no alto da escada antes que Thom começasse a subir atrás

dela.

Ele devia ter sabido que aquilo era mentira dela, porque subiu dois

degraus de cada vez. Mas ela contava com uma boa vantagem e abriu a porta

de Rhyme antes que o empregado chegasse ao alto da escada.

Empurrou a porta, surpreendendo Rhyme e o médico, que estava inclinado sobre a mesa, os braços cruzados. Fechou a porta e passou a chave.

Thom começou a bater no lado de fora. Berger voltou-se para ela com uma

expressão de curiosidade no rosto.

- Sachs! - explodiu Rhyme.

- Preciso falar com você.

- Sobre o quê?

- Sobre você.

- Mais tarde.

- Quanto tempo mais tarde, Rhyme?- perguntou ela, sarcástica. -

Amanhã? Na próxima semana?

- O que você quer dizer com isso?

- Quer que eu marque uma reunião para, talvez, dentro de uma semana a partir de quarta-feira? Você poderá comparecer? Você estará por

aqui?

- Sachs...

- Eu quero falar com você. A sós.

- Não.

- Neste caso, vamos fazer isso na marra. - Aproximou-se de Berger. -

Você está preso. A acusação é tentativa de ajudar em um suicídio.

As algemas brilharam, clique, clique, e se fecharam em uma mancha prateada em volta dos punhos do médico.

Ela adivinhou que o prédio era uma igreja.

Carole Ganz estava estirada no chão do porão. Um único feixe de luz

fria, oblíqua, caía sobre a parede, iluminando uma estampa barata de Jesus e

uma pilha de volumes mofados de Histórias da Bíblia. Uma meia dúzia de

cadeiras minúsculas - para alunos da escola dominical - estava arrumada no

centro do cômodo.

Continuava algemada e amordaçada. Ele a amarrou também a um

cano com um pedaço de corda de varal de roupa, de mais ou menos 1,20m de

comprimento.

Em uma mesa próxima, viu a parte superior de uma grande jarra de

vidro.

Se pudesse derrubar a jarra, poderia usar o vidro para cortar a corda.

A mesa parecia fora de seu alcance. Rolou, porém, sobre um lado e começou

a se contorcer, como uma lagarta, em direção à mesa.

Esse fato lembrou-lhe Pammy quando era bebê, rolando na cama

entre ela e Ron. Pensou na filha, sozinha naquele horrível porão, e começou a

chorar.

Pammy, querida, a bolsa.

Durante um momento, um curto momento, entregou-se ao desespero.

Como desejava jamais ter deixado Chicago.

Não, pare de pensar assim! Deixe de sentir pena de si mesma! Essa foi

a coisa absolutamente certa a fazer. Você fez isso por Ron. E também por

você. Ele se orgulharia de você. Kate lhe disse isso milhares de vezes e

acreditava nisso.

Voltou a lutar. Aproximou-se uns trinta centímetros da mesa,

Tonta, não podia pensar direito.

A garganta lhe doía com uma sede horrível. E com o mofo e os fungos no ar.

Rastejou um pouco mais e parou sobre um lado do corpo, recuperando o fôlego, olhando fixamente para a mesa. Aquilo parecia

impossível. Qual a utilidade disso?, pensou.

Seu filho da puta!, pensou. Vou matá-lo por isso!

Esperneou, esforçando-se para mover-se um pouco mais pelo chão.

Mas, em vez disso, perdeu o equilíbrio e caiu de costas. Arquejou, sabendo

que ele estava vindo. Não! Com um alto pop o punho quebrou. Gritou através

da mordança. Perdeu os sentidos. Ao recuperar a lucidez um momento depois,

foi dominada pela vontade de vomitar.

Não, não, não... Se vomitasse, morreria. Com a mordança na boca, seria

a morte.

Combata essa vontade! Lute contra ela. Vamos. Você pode fazer isso.

Lá vou eu... Engulhou uma vez. Outra vez.

Não! Controle isso.

O vômito subindo à garganta.

Controle...

Controle isso...

E controlou. Respirando pelo nariz, concentrando-se em Kate, Eddie e Pammy, na mochila amarela que continha suas preciosas posses. Vendo-a,

imaginando-a de todos os ângulos. Toda sua vida estava ali. Sua nova vida.

Ron, não quero pôr isso a perder. Vim aqui por sua causa, querido...

Fechou os olhos. Pensou: respire fundo, inalando, exalando.

Finalmente, a náusea passou. Um momento depois, sentiu-se melhor

e, embora chorando de dor pelo punho quebrado, conseguiu continuar a

arrastar-se como uma lagarta na direção da mesa. Trinta centímetros. Sessenta

centímetros.

Sentiu uma pancada quando a cabeça colidiu com o pé da mesa.

Conseguiu simplesmente fazer contato com a mesa e não podia mover-se

mais à frente. Sacudiu a cabeça para a frente e para trás, batendo com força na

mesa. Ouviu a jarra mexer-se, mudando de posição no tampo da mesa.

Ergueu a vista.

Um pedaço da jarra estava aparecendo do outro lado da borda.

Empurrou a cabeça para trás e bateu na perna da mesa pela última vez.

Não! Com a pancada, empurrou a perna da mesa para fora de seu alcance. A jarra balançou por um momento, mas continuou no mesmo lugar.

Carole lutou para conseguir mais folga da corda, mas não deu.

Droga. Oh, droga! Olhando impotente para a jarra, notou que ela estava cheia de um líquido e que alguma coisa flutuava ali. O que era aquilo?

Arrastou-se para a parede por uns trinta ou sessenta centímetros e ergueu a vista.

Parecia que ali dentro havia uma lâmpada elétrica. Não, não a lâmpada

inteira, mas apenas o filamento e a base, enfiada em um soquete. Um fio

corria do soquete na jarra para um daqueles timers que acendem e apagam

luzes quando a gente sai de férias. Aquilo parecia...

Uma bomba! Nesse momento, sentiu o cheiro leve de gasolina.

Não, não...

Começou a rastejar para longe da mesa com toda rapidez de que era

capaz, soluçando em desespero. Havia um arquivo junto da parede. Ele lhe

daria alguma proteção. Puxou as pernas para cima, sentiu um calafrio de

pânico e estirou-as novamente, furiosa. O movimento a fez perder o equilíbrio. Para seu horror, notou que estava novamente caindo de costas. Oh,

pare. Não.... Permaneceu parada, inteiramente imóvel, durante um longo

momento, tremendo, enquanto tentava mudar o peso para a frente.

Mas, nesse momento, continuou a rolar, caindo sobre as mãos

algemadas, o punho quebrado recebendo o peso do corpo. Seguiu-se um

momento de dor excruciante e, felizmente, desmaiou mais uma vez.

CAPÍTULO XXV

- De maneira nenhuma, Rhyme. Você não pode fazer isso.

Berger olhava contrafeito para a cena. Rhyme pensou que, nesse tipo

de trabalho, ele já tinha visto todos os tipos de cenários históricos vividos em

um momento como esse. O maior problema de Berger não é com aqueles que

querem morrer, mas com os que querem que todos os outros vivam.

Thom bateu violentamente na porta.

- Thom - gritou Rhyme. - Está tudo bem. Você pode nos deixar aqui.

- E em seguida, voltando-se para Sachs: - Nós já nos despedimos. Você e eu.

É de mau gosto arruinar uma saída perfeita.

- Você não pode fazer isso.

Quem fora que dera o alarme? Peter Taylor, talvez. O médico devia ter adivinhado que ele e Thom estavam mentindo.

Rhyme notou os olhos de Amélia descerem para os três artigos ali na

mesa. As oferendas dos Reis Magos: o conhaque, os comprimidos, e o saco

plástico. E também um elástico, semelhante aos que ela ainda usava nos

sapatos. (Quantas vezes ele tinha voltado para casa de uma cena de crime e

descoberto Blaine olhando fixamente para os elásticos em seus pés,

horrorizada? "Todo mundo vai pensar que meu marido não tem dinheiro para

comprar sapatos novos. Está mantendo a sola no lugar com uso de elásticos.

Assim também, não, Lincoln!”)

- Sachs, tire as algemas dos pulsos do bom médico aqui. Vou ter que lhe pedir, pela última vez, que se retire.

- Eu estava simplesmente tendo uma conversa com um paciente - disse Berger.

- Esse é o motivo por que a acusação é apenas de tentativa. Até agora.

Talvez a gente deva passar seu nome e impressões digitais pelo serviço de

identificação. Para ver o que descobrimos.

- Lincoln - disse Berger, assustado -, eu não posso...

- Nós resolveremos isso - respondeu Rhyme. - Sachs, por favor.

Pernas abertas, mãos nos quadris esguios, a face deslumbrante com uma expressão imperiosa, ela disse secamente para o médico:

- Vamos.

- Sachs, você não faz idéia de como isso é importante.

- Não vou deixar você cometer suicídio.

- Me deixar? - retrucou Rhyme, violento. - Me deixar? E por que, exatamente, preciso de sua permissão?

- Srta... policial Sachs - disse Berger -, é uma decisão dele e inteiramente consensual. Lincoln está mais informado do que a maioria dos pacientes com quem trato.

- Pacientes? Vítimas, é o que o senhor está dizendo.

- Sachs! - disse impulsivamente Rhyme, tentando manter o desespero

longe da voz. - Levei um ano para encontrar uma pessoa disposta a me ajudar.

- Talvez porque o que você quer fazer seja errado. Já pensou nisso? Por que agora, Rhyme? Exatamente no meio do caso?

- Se eu tiver outro ataque e derrame, perco a capacidade de me comunicar. Eu poderia ficar consciente durante quarenta anos e inteiramente

incapaz de me mover. E se eu não tiver morte cerebral, ninguém no universo

vai desligar as máquinas. No mínimo, ainda posso dizer qual é a minha decisão.

- Mas por quê? - disse ela, impulsiva.

- Por que não? - respondeu Rhyme. - Diga. Por que não?

- Bem... - Parecia que os argumentos contra o suicídio eram tão

óbvios que ela estava tendo problema para explicá-los. – Por que...

- Porque por quê, Sachs?

- No mínimo, porque é uma covardia.

Rhyme soltou uma gargalhada.

- Quer discutir esse assunto, Sachs? Quer? Bastante justo.

“Covardia”,

disse você. Essa palavra nos leva a Sir Thomas Brown: “Quando a vida é mais

terrível do que a morte, esse é o valor mais puro para viver.”

Coragem diante

de adversidade insuperável... Um argumento clássico em favor da vida. Mas se

isso é verdade, por que anestesiam pacientes antes de cirurgias? Por que

vender aspirina? Por que encanar braços quebrados? Por que o Prozac é o

remédio mais receitado na América? Sinto muito, mas nada existe

intrinsecamente bom na dor.

- Mas você não está com dor.

- E como é que você define dor, Sachs? Talvez a ausência de toda sensação possa ser também dor.

- Você ainda pode dar grandes contribuições. Veja só tudo que você

sabe. Tudo sobre criminalística, tudo sobre história.

- O argumento da contribuição social. Esse é muito popular.

Olhou para Berger. O médico, porém, permaneceu calado.

Rhyme notou o interesse dele descer para o osso em cima da mesa -
o

disco pálido de coluna vertebral. O médico pegou-o e alisou-o nas
mãos

juntas. Ele era um antigo ortopedista, lembrou-se Rhyme.

E continuou a falar, dirigindo-se a Sachs:

- Mas quem diz que devemos contribuir com alguma coisa para a
vida? Além do mais, o corolário disso é que eu poderia contribuir
com alguma

coisa ruim. Eu poderia também causar algum mal. A mim mesmo ou
a outras

pessoas.

- É disso que a vida é feita.

Rhyme sorriu.

- Mas estou escolhendo morte, não vida.

Sachs pareceu contrafeita, enquanto fazia um grande esforço,
pensando.

- Isso simplesmente... a morte não é natural. Vida é.

- Não? Freud discordaria de você. Ele desistiu do princípio do prazer e veio a pensar que havia outra força... uma agressão básica não-erótica, como

a descreveu. Trabalhando para deslindar as conexões que construímos na vida.

Nossa própria destruição é uma força inteiramente natural. Tudo morre. O

que é mais natural do que isso?

Mais uma vez, ela coçou uma parte do couro cabeludo.

- Tudo bem - disse Amélia. - A vida é um desafio maior para você do que para a maioria das pessoas. Mas pensei... tudo que vi em você me diz que

é alguém que gosta de desafios.

- Desafios? Deixe que eu lhe fale sobre desafios. Fiquei um ano usando uma máquina de respiração artificial. Está vendo a cicatriz da traqueotomia em meu pescoço? Bem, graças a exercícios de respiração por

pressão positiva... e a maior força de vontade que consegui reunir... consegui

me desligar da máquina. Na verdade, tenho pulmões iguais aos melhores. São

tão fortes quanto os seus. Em um tetraplégico por lesão a uma C4, esse estado

é para figurar nos livros, Sachs. E consumiu minha vida durante oito meses.

Está entendendo o que estou dizendo? Oito meses apenas para ser capaz de

realizar uma função humana básica. Não estou falando em pintar a Capela

Sistina ou em tocar violino. Estou falando nessa merda chamada respiração.

- Mas você poderia melhorar. No próximo ano, a ciência pode descobrir uma cura.

- Não. Não, no próximo ano. Não, em dez anos.

- Você não sabe disso com certeza. Cientistas devem estar fazendo pesquisas...

- Claro que estão. Quer saber de uma coisa? Sou um especialista.

Transplantar tecido nervoso de embriões para tecidos lesionados, a fim de

promover a regeneração axonal. - As palavras saíram facilmente de seus belos

lábios. - Nenhum efeito significativo. Alguns médicos estão tratando

quimicamente as áreas afetadas, afim de criar um meio no qual as células

possam regenerar-se. Não com efeitos significativos... não em espécies

superiores. Formas inferiores de vida mostram grande sucesso nisso.
Se eu

fosse uma rã, estaria andando novamente. Bem, saltando.

- De modo que há pessoas trabalhando nisso? - perguntou Sachs.

- Claro que há. Mas ninguém está contando com um progresso súbito

ainda durante vinte ou trinta anos.

- Se fosse esperado - replicou ela - não seria um progresso súbito, seria?

Rhyme riu. Ela era esperta.

Sachs jogou para o lado o véu de cabelos ruivos que lhe caíra sobre os

olhos e disse:

- Sua carreira era a de manutenção da lei, lembre-se. Suicídio é ilegal.

- E pecado, também - respondeu ele. - Os índios dakota acreditavam que a alma dos que cometiam suicídio tinha que ficar pendurada, por toda a

eternidade, na árvore onde se enforcaram. Isso acabou com os suicídios?

Nunca. Eles apenas escolheram árvores mais baixas.

- Vou lhe dizer uma coisa, Rhyme. É o meu último argumento. -

Inclinou a cabeça para Berger e pegou a corrente da algema. – Vou levá-lo

comigo e dar parte dele. Agora, refute esse argumento.

- Lincoln - disse Berger, nervoso, pânico nos olhos.

Sachs pegou o médico pelo ombro e empurrou-o para a porta.

- Não - implorou ele. - Não faça isso.

No momento em que ela abria a porta, Rhyme disse em voz alta:

- Sachs, antes de fazer isso, responda-me uma coisa.

Amélia parou, a mão na maçaneta.

- Uma única pergunta.

Olhou para ele.

- Você já teve vontade de fazer isso? De se matar?

Ela destrancou a porta com um som alto e seco.

- Responda-me! - gritou ele.

Sachs deixou-a fechada.

- Não. Nunca.

- Está feliz com a vida que tem?

- Tanto quanto qualquer pessoa.

- Nunca se sentiu deprimida?

- Eu não disse isso. Eu disse que jamais quis me matar.

- Você gosta de dirigir, foi o que me disse. Pessoas que gostam de dirigir correm muito. Você corre, não?

- Corro. Às vezes.

- Qual foi a velocidade máxima que atingiu?

- Não sei.

- Mais de 150 por hora?

Um sorriso de quem ignora a pergunta.

- Sim.

- Mais de 160?

Sachs levantou o polegar.

- Mais de 180? Mais de 190? - perguntou ele, sorrindo, atônito.

- Cheguei a 260.

- Deus do céu, Sachs, você impressiona. Bem, dirigindo a essa

velocidade, você não pensou, talvez, apenas talvez, que alguma coisa poderia

acontecer? Que uma barra de direção, um eixo, poderia quebrar, um pneu

estourar, haver uma poça de óleo na estrada?

- Foi tudo muito seguro. Eu não sou louca.

- Muito seguro. Mas dirigir tão rápido quanto um pequeno avião, bem,

isso não é inteiramente seguro, ou é?

- Você está induzindo a resposta da testemunha.

- Não, não estou. Continue a prestar atenção. Dirigindo nessa velocidade, você tem que aceitar que poderia sofrer um acidente e morrer,

certo?

- Talvez.

Berger, as mãos algemadas em frente do corpo, olhava-os, nervoso, enquanto apertava e soltava o disco amarelo claro de coluna vertebral.

- De modo que você chegou perto dessa linha, certo? Ah, você sabe muito bem do que estou falando. Sei que chegou... a linha entre o risco de

morrer e a certeza de morrer. Entenda, Sachs, se você leva os mortos consigo

por toda parte, é um passo muito curto para o outro lado dessa linha. Um

curto passo para se juntar a eles.

Amélia baixou a cabeça e seu rosto ficou inteiramente imóvel, enquanto a cortina dos cabelos lhe obscurecia os olhos.

- Esquecer os mortos - murmurou ele, rezando para que ela não se

fosse dali levando Berger, sabendo que ele estava tão próximo de empurrá-la

para o fundo do abismo. - Eu toquei um nervo em você. O quanto você quer

seguir os mortos? Mais do que um pouquinho, Sachs. Oh, muito mais do que

um pouquinho.

Amélia hesitava. Ele sabia que estava próximo do coração dela.

Raivosamente, Amélia se voltou para Berger e agarrou-o pelas algemas.

- Venha.

E empurrou-o pela porta.

- Você entendeu o que eu estou dizendo, não? - disse em voz alta

Rhyme.

Mais uma vez, ela parou.

- Às vezes... coisas acontecem, Sachs. Às vezes, não podemos

simplesmente ser o que devemos, não podemos ter aquilo que temos o direito

de ter. E a vida muda. Talvez, apenas um pouco, talvez muito. E, em algum

ponto, simplesmente não vale a pena tentar consertar o que está errado.

Rhyme observou-os, imóveis, à soleira da porta. O quarto estava em silêncio total. Ela se virou e fitou-o outra vez.

- A morte cura a solidão - continuou Rhyme. - Cura a tensão. Cura a coceira.

Da mesma maneira que ela olhou de relance para suas pernas antes,

ele, nesse momento, lançou um rápido olhar para os dedos machucados de

Amélia.

Amélia soltou as algemas de Berger e foi até a janela. Lágrimas

brilhavam em seu rosto no fulgor amarelado das luzes da rua no lado de fora.

- Sachs, estou cansado - disse ele, ansiosamente. - Não posso nem lhe

dizer o quanto estou cansado. Para começar, você sabe como a vida é dura.

Empilhada em cima de uma montanha inteira de... de fardos. Lavar, comer,

defecar, dar telefonemas, abotoar camisas, coçar o nariz... E continuar a

empilhar mil dessas coisas mais. E mais depois disso.

Rhyme caiu em silêncio. Após um longo momento, ela respondeu:

- Eu faço um trato com você.

- Qual?

Com a cabeça, ela indicou o pôster.

- O 823 pegou aquela mãe e a filhinha... Ajude-nos a salvá-las.
Apenas

elas. Se fizer isso, darei a ele uma hora com você. – Olhou para Berger. -

Contanto que ele saia imediatamente da cidade depois.

Rhyme sacudiu a cabeça.

- Sachs, se eu tiver um derrame, não vou poder me comunicar...

- Se isso acontecer - respondeu ela, a voz calma -, mesmo que você não possa dizer uma única palavra, o trato ainda vale. Darei um jeito para que

vocês tenham uma hora juntos.

Cruzou os braços, abriu novamente as pernas no que era agora a imagem de Amélia Sachs favorita de Rhyme. Adoraria tê-la visto no leito da

estrada de ferro naquela manhã, parando o trem. Amélia continuou:

- Isso é o melhor que posso fazer.

Passou-se um momento. Rhyme concordou com um aceno de cabeça.

- Negócio feito. - Voltando-se para Berger, perguntou: - Segunda-feira?

- Tudo bem, Lincoln. Bastante justo.

Ainda abalado, Berger observou cautelosamente Sachs, enquanto ela

abria as algemas. Com medo, parecia, que ela pudesse mudar de idéia. Ao ficar

livre, dirigiu-se rapidamente para a porta. Deu-se conta de que ainda tinha a

vértebra na mão, voltou, colocou-a - quase com reverência - junto a Rhyme,

em cima do relatório sobre a cena do primeiro assassinato naquela manhã.

- Mais felizes do que porcos na lama da Virgínia – observou Sachs, arriando-se na rangedora cadeira de vime. Referia-se a Sellitto e Polling,

depois de lhes ter dito que Rhyme tinha concordado em permanecer à frente

do caso por mais um dia. - Polling, em especial - continuou. - Pensei que

aquele anãozinho fosse me prender. Não diga a ele que o chamei de anão.

Como é que está se sentindo? Você parece melhor.

Bebeu um pouco de uísque escocês e pôs o copo na mesinha-de-cabeceira, ao lado do copo de boca larga de Rhyme.

- Nada mal.

Thom estava mudando as roupas de cama.

- Você estava suando como uma fonte - disse ele.

- Mas apenas acima do pescoço - observou Rhyme. - Suando, quero dizer.

- Foi isso mesmo? - perguntou Sachs.

- Foi. É assim que a coisa funciona. O termostato queima abaixo disso. Eu nunca preciso de desodorante axial.

- Axial?

- Sovaco - resmungou Rhyme. - Axila. Meu primeiro empregado nunca dizia axila. Dizia: "Vou levantá-lo por seus axiais, Lincoln." Ou: "Se

ocê tiver vontade de regurgitar, vá em frente, Lincoln." Ele se autodenominava de "prestador de cuidados". Essas palavras constavam

realmente do currículo dele. Não tenho a mínima idéia do motivo por que o

contratei. Nós somos muito supersticiosos, Sachs. Achamos que chamar

alguma coisa por um nome diferente vai mudá-la. Elemento desconhecido.

Perpetrador. Mas, aquele empregado, ele era apenas um enfermeiro à altura de

suas próprias axilas. Certo, Thom? Nada do que ter vergonha. É uma profissão respeitável. Suja, mas respeitável.

- Eu me desenvolvo na sujeira É por isso que trabalho para você.

- O que é que você é, Thom? Empregado ou prestador de cuidados?

- Eu sou um santo.

- Ah, rápido com as respostas. E rápido com a agulha, também. Ele me trouxe de volta do reino dos mortos. Fez isso mais de uma vez.

Rhyme ficou subitamente tomado de medo de que Sachs o tivesse visto nu. Com os olhos fixados no perfil do elemento desconhecido, perguntou:

- Ei, devo-lhe também alguns agradecimentos, Sachs? Você bancou aqui a Clara Burton?

Nervoso, esperou pela resposta, não sabia como poderia olhar novamente para ela, se ela tivesse feito isso.

- Não - respondeu Thom. - Eu o salvei sozinho. Não queria que essas

almas sensíveis ficassem repugnadas vendo sua bunda murcha.

Obrigado, Thom, pensou ele. Em seguida, disse secamente:

- Agora, saia daqui. Temos que conversar sobre o caso. Sachs e eu.

- Você precisa dormir um pouco.

- Claro que preciso. Mas ainda precisamos conversar sobre o caso.

Boa noite, boa noite.

Saindo Thom, Sachs pôs um pouco de Macallan no copo. Baixou a cabeça e inalou o odor de fumaça da bebida.

- Quem foi que dedurou? - perguntou Rhyme. - Pete?

- Quem? - perguntou ela.

- O Dr. Taylor, o homem da recuperação.

Ela hesitou por tempo suficiente para ele ter certeza de que Taylor era

o culpado. Finalmente, Amélia disse:

- Ele gosta de você.

- Claro que gosta. Esse é que é o problema... Eu quero que ele goste

um pouco menos. Ele conhece Berger?

- Desconfia.

Rhyme fez uma careta.

- Escute, diga a ele que Berger é simplesmente um velho amigo... Ele...

O quê?

Sachs exalou lentamente, como se estivesse soltando fumaça de cigarro pelos lábios cerrados.

- Você não só quer que eu permita que se suicide, mas quer também

que eu minta para a única pessoa que poderia convencê-lo a não fazer isso.

- Ele não conseguiu me convencer - respondeu Rhyme.

- Neste caso, por que quer que eu minta?

Rhyme riu.

- Vamos simplesmente manter o Dr. Taylor no escuro por mais alguns

dias.

- Tudo bem - concordou ela. - Puxa, é difícil conviver com você.

Rhyme examinou-a atentamente.

- Por que você não me conta o que houve?

- Sobre o quê?

- Quem é o morto? Que você não esqueceu?

- Há muitos deles.

- Tais como?

- Leia os jornais.

- Ora, vamos, Sachs.

Ela sacudiu a cabeça, olhou para o uísque, um leve sorriso nos lábios.

- Não, acho que não.

Ele atribuiu seu silêncio à relutância em ter uma conversa íntima com

alguém que só conhecia há um dia. O que parecia irônico, considerando que

ela estava sentada junto a dezenas de cateteres, de um tubo de geléia KY e de

uma caixa de fraldas descartáveis. Ainda assim, ele não ia pressionar e nada

mais disse. Por isso mesmo, ficou surpreso quando ela ergueu de repente a

cabeça e disse, impulsivamente:

- Acontece apenas que... acontece apenas que... Oh, droga.

E quando os soluços começaram, ela levou as mãos ao rosto,

derramando sobre o parquê uma boa quantidade do melhor uísque da

Escócia.

CAPÍTULO XXVI

- Não consigo acreditar que estou lhe contando isso.

Enrodilhada na cadeira funda, as pernas puxadas para cima, os sapatos

regulamentares jogados para longe, as lágrimas haviam secado, embora o rosto

de Amélia estivesse tão vermelho quanto os cabelos.

- Continue - disse ele, encorajando-a.

- Sobre esse cara de quem lhe falei? Nós íamos morar juntos num apartamento.

- Oh, com o collie. Você não disse que era um cara. Namorado?

Amante secreto?, especulou Rhyme.

- Ele era meu namorado.

- Pensei que era seu pai que você havia perdido.

- Não. Papai realmente faleceu... há três anos. Câncer. Mas sabíamos que isso ia acontecer. Se saber prepara a gente, então estávamos preparadas.

Mas Nick...

- Ele foi morto? - perguntou Rhyme baixinho.

Ela, porém, não respondeu a essa pergunta.

- Nick Carelli. Ele era um de nós. Policial. Detetive, terceira-classe.

Trabalhava em Crimes de Rua.

O nome era conhecido. Rhyme, porém, nada disse e deixou que ela continuasse.

- Vivemos juntos durante algum tempo. Conversamos sobre

casamento. - Ela se interrompeu e parecia estar alinhando os pensamentos,

como se fossem alvos em um estande de tiro. - Ele trabalhava em serviço

reservado. De modo que mantínhamos nosso relacionamento muito sigiloso.

Ele não podia permitir que se soubesse nas ruas que a namorada dele era uma

policia. - Pigarreou. – É difícil explicar. Entenda, nós tínhamos essa... essa

coisa entre nós. Era... Isso não me aconteceu muitas vezes. Droga, nunca

aconteceu antes de Nick. Nós clicamos de uma maneira realmente profunda.

Ele sabia que eu tinha que ser policia e isso não era problema para ele. O

mesmo comigo e com o serviço reservado que ele fazia. Era esse tipo de...

mesmo comprimento de onda. Você sabe, quando a gente simplesmente

compreende alguém? Você sentiu alguma vez isso de que estou falando? Com

sua esposa?

Rhyme sorriu levemente.

- Senti. Sim. Mas não com Blaine, minha esposa. - E isso era tudo que

ele queria dizer sobre o assunto. - Como foi que vocês se conheceram? -

perguntou.

- Nas aulas sobre missões, na Academia. Naquelas ocasiões em que alguém se levanta e fala um pouco sobre o trabalho de sua divisão. Nick

estava falando sobre serviço reservado. Ele me convidou, na hora, para sair

com ele. Nosso primeiro encontro foi no Rodman's Neck.

- No estande de tiro?

Ela inclinou a cabeça, fungando.

- Depois disso, fomos à casa da mãe dele, no Brooklyn, e comemos massa e tomamos uma garrafa de Chianti. Ela me beliscou com força e disse

que eu era magra demais para ter filho. Obrigou-me a comer dois cannoli.

Voltamos para meu apartamento e ele passou a noite lá. Um primeiro

encontro e tanto, hã? Daí em diante, nos encontrávamos o tempo todo. A

coisa ia funcionar, Rhyme, eu sentia isso. Ia funcionar muito bem.

- O que foi que aconteceu? - perguntou Rhyme

- Ele foi... - Outro revigorante gole do velho uísque. – Ele andava

recebendo propinas, foi isso que aconteceu. Durante todo o tempo em que

estivemos juntos.

- Ele era...?

- Corrupto. Oh, meio corrupto. Nunca tive a menor pista disso. Nem uma única droga de pista. Ele chegou a juntar duzentos mil dólares. Lincoln ficou calado durante um momento.

- Que pena, Sachs. Drogas?

- Não. Contrabando, principalmente. Eletrodomésticos, TVs, componentes eletrônicos. Chamavam a isso de A Conexão Brooklyn. Os jornais.

Rhyme inclinou a cabeça.

- Foi por isso que me lembrei. Havia uma dezena deles na quadrilha, certo? Todos policiais?

- A maioria. E, também, uns caras da Alfândega.

- O que foi que aconteceu com ele? Com Nick?

- Você sabe o que acontece quando policiais prendem policiais. Batem

nele pra valer. Disseram que ele resistiu à prisão, mas sei que não fez isso. Ele

teve três costelas quebradas, dois dedos, o rosto ficou desfigurado.

Confessou-se culpado, mas ainda assim pegou uma pena de vinte a trinta anos

de prisão.

- Por contrabando? - perguntou Rhyme, atônito.

- Ele realizou pessoalmente uns dois desses trabalhos. Deu

coronhadas em um motorista, deu um tiro em outro. Simplesmente para

assustá-lo. Sei que foi apenas para assustá-lo. O juiz, porém, condenou-o a

uma pena longa.

Ela fechou os olhos e apertou com força os lábios.

- Quando ele foi preso, Serviços Internos caiu em cima dele como se

estivesse no cio. Checou telefonemas dados de penitenciárias. Tínhamos todo

cuidado quando nos telefonávamos. Ele dizia que, às vezes, criminosos

grampeavam o telefone dele. Mas houve alguns telefonemas para meu

apartamento. O SI veio atrás de mim, também. De modo que Nick

simplesmente me cortou. Quero dizer, ele tinha que fazer isso. De outra

maneira, eu teria me afundado também com ele. Você conhece o SI... é

sempre uma droga de caça às bruxas.

- O que foi que aconteceu?

- Para convencer o SI de que eu não era nada para ele... Bem, ele disse

algumas coisas a meu respeito. - Ela engoliu em seco, os olhos no chão. - No

inquérito aberto pelo SI, quiseram saber coisas a meu respeito. Nick disse:

“Oh, a Sachs F.P.? Eu simplesmente a fodi algumas vezes. Descobri que ela

era nojenta. De modo que a chutei.”- Amélia inclinou a cabeça para trás e

enxugou lágrimas com a manga. - Meu apelido era FP.

- Lon me falou.

Ela franziu as sobrancelhas.

- Ele disse o que significava?

- A Filha do Patrulheira. Por causa de seu pai.

Amélia sorriu lividamente.

- Foi assim que a coisa começou. Mas não como terminou. No

inquérito, Nick disse que eu era uma foda tão ruim que as letras significavam

realmente "Foda Porca" porque eu provavelmente gostava mais de mulheres.

Adivinhe com que rapidez essa calúnia circulou pelo departamento.

- Lá é muito baixo o denominador comum, Sachs.

Amélia respirou fundo.

- Eu o vi em juízo, perto do fim do inquérito. Ele me olhou uma vez

e... não posso nem descrever o que havia em seus olhos.

Simplesmente puro

sofrimento. Oh, ele fez isso para me proteger. Mas, ainda assim...

Você tinha

razão, sabia? Sobre aquela coisa de solidão.

- Eu não quis dizer...

- Não - respondeu ela, séria. - Eu bato em você, você bate em mim.

E

você teve razão. Odeio ficar só. Quero sair, quero conhecer gente.

Mas,

depois de Nick, perdi meu gosto por sexo. - Sachs sorriu

amargamente. -

Todo mundo pensa que ser bonita como eu é maravilhoso. Eu poderia

escolher os caras que quisesse, certo? Conversa fiada. Os únicos que têm

coragem suficiente para me convidar para sair são os que querem foder o

tempo todo. De modo que simplesmente desisti. É mais fácil eu me satisfazer

sozinha. Odeio isso, mas é mais fácil.

Finalmente, Rhyme compreendeu a reação dela quando o viu pela primeira vez. Estava à vontade com ele porque via um homem que não era

uma ameaça para ela. Nada de gozo sexual. Era alguém que ela não teria que

cortar. E, também, talvez pudesse surgir alguma camaradagem - como se a

ambos faltasse o mesmo gene crucial.

- Sabe de uma coisa - disse ele, brincando -, você e eu, nós devíamos

nos juntar e não ter um caso.

Amélia riu.

- De modo que, fale agora sobre sua esposa. Por quanto tempo ficaram casados?

- Sete anos. Seis, antes do acidente, um depois.

- Ela o deixou?

- Não. Eu a deixei. Não queria que ela se sentisse culpada por isso.

- Bacana de sua parte.

- No fim, eu a teria mandado embora. Sou um pé no saco. Você só viu

meu lado bom. - Após um momento, ele perguntou: - Essa coisa com Nick...

tem algo a ver com o motivo por que você está deixando a radiopatrulha?

- Não. Bem, tem.

- Repugnância a armas de fogo?

Ela, finalmente, inclinou a cabeça, confirmando.

- A vida nas ruas é diferente agora. Foi isso o que as ruas fizeram com

Nick. O que o transformou. Não é mais como no tempo em que meu pai

fazia sua ronda a pé. As coisas eram melhores naquela época.

- Você quer dizer, não é como as histórias que seu pai lhe contava.

- Talvez - reconheceu ela. Arriou-se mais na cadeira. - A artrite? Isso é

verdade, mas não tão grave quanto finjo que é.

- Eu sei - disse Rhyme.

- Você sabe? Como?

- Simplesmente olhei para a prova e tirei algumas conclusões.

- Foi por isso que ficou no meu pé o tempo todo? Sabia que eu estava

fingindo?

- Fiquei no seu pé - respondeu ele -, porque você é melhor do que pensa.

Amélia lançou um olhar esquisito a Rhyme.

- Ah, Sachs, me faz lembrar de mim.

- Faço?

- Vou lhe contar uma história. Eu estava no destacamento de processamento de cena de crime quando recebemos um telefonema de

Homicídios. Um cara havia sido encontrado morto em um beco em Greenwich Village. Todos os sargentos estavam fora e fui escolhido para

processar a cena. Eu tinha 26 anos de idade, lembre-se. Fui lá, examinei a cena

e descobri que o morto era o chefe dos Serviços de Saúde e Pessoal da

Prefeitura. Bem, o que era que havia em volta dele, senão um bocado de

polaróides? Você devia ter visto alguns desses instantâneos... ele tinha ido a

um desses inferninhos de sadomasoquismo da Washington Street. Oh, esqueci

de dizer, quando o encontraram, ele trajava um minivestido preto

deslumbrante e meias rendadas.

“De modo que providenciei a segurança da cena. De repente, um capitão apareceu e fez menção de cruzar o cordão de isolamento. Eu sabia

que ele estava pensando em dar sumiço naquelas fotos a caminho da sala de

provas, mas eu era tão ingênuo que não dei muita bola para as fotos... fiquei

simplesmente chateado em pensar que alguém ia andar pela cena do crime.

- P significa proteger a cena do crime.

Rhyme soltou uma risadinha.

- De modo que não deixei que ele entrasse. Enquanto ele me espiava do outro lado do cordão, um vice-comissário tentou invadir o

local. Eu disse a ele que não fizesse isso. Ele começou também a gritar

comigo. A cena vai ficar intacta até que a DIRC acabe com o processamento,

eu disse a eles. Adivinhe quem finalmente apareceu.

- O prefeito?

- O vice-prefeito.

- E você os manteve afastados?

- Ninguém entrou naquela cena, exceto Impressões Digitais Latentes e

Fotografias. Claro, minha recompensa foi passar seis meses imprimindo

faixas. Mas pegamos o elemento com algumas provas vestigiais e uma

impressão digital numa das polaróides - que aconteceu ser o próprio

instantâneo que o Post publicou na primeira página, para dizer a verdade.

Exatamente como você fez ontem pela manhã, Sachs. Fechando o leito da

estrada de ferro e a Avenida Onze.

- Eu não pensei nisso - respondeu ela. - Simplesmente fiz. Porque está

me olhando dessa maneira?

- Ora, acabe com isso, Sachs. Você sabe onde devia estar. Na rua.

Radiopatrulha, Crimes Graves, IRD, não importa... Mas Assuntos Públicos?

Você vai apodrecer lá. E um bom trabalho para algumas pessoas, mas não

para você. Não desista tão rápido assim.

- Oh, e você não está desistindo? O que é que me diz de Berger?

- As coisas são um pouco diferentes no meu caso.

O olhar dela perguntou: São? E ela se levantou à procura de um lenço

de papel. Ao voltar à cadeira, perguntou:

- Você não carrega nenhum cadáver por aí?
- Carreguei, nos meus dias. Mas todos estão enterrados agora.
- Conte.
- Na verdade, nada há...
- Não é verdade. Eu sei. Vamos... eu lhe mostrei os meus.

Rhyme sentiu um estranho calafrio. Sabia que não era disreflexia. O sorriso desapareceu.

- Rhyme, continue - insistiu ela. - Eu gostaria de ouvir.
- Bem, houve um caso, há alguns anos - começou ele. - Cometi um erro. Um erro grave.
- Conte.

Ela serviu outro dedo de uísque para ambos.

- Foi um telefonema de assassinato-suicídio doméstico. Marido e mulher em um apartamento em Chinatown. Ele matou-a com um tiro e se suicidou. Eu não tive muito tempo para processar a cena. Trabalhei rápido. E

cometi o erro clássico... resolvi o que ia descobrir antes de começar a

procurar. Encontrei algumas fibras que não pude identificar, mas supus que o

marido e a mulher haviam-na trazido para casa. Encontrei os fragmentos da

bala, mas não os comparei com a arma que encontramos na cena. Notei o

ângulo do tiro, mas não fiz uma dupla verificação para descobrir a posição

exata da arma. Fiz a busca, dei o trabalho por terminado e voltei para a sede.

- O que foi que aconteceu?

- A cena havia sido montada. Foi realmente um latrocínio. E o criminoso nunca deixou o apartamento.

- O quê? Ele ainda estava lá?

- Depois que fui embora, ele saiu de baixo da cama e começou a atirar.

Matou um membro da Polícia Técnica e feriu um assistente. Chegou à rua e

trocou tiros com uma dupla de patrulheiros que haviam ouvido o 10-13. O

criminoso foi morto... morreu depois... mas matou um dos policiais e feriu o

outro. Atirou também numa família que acabava de sair de um restaurante

chinês, no outro lado da rua. Usou uma das crianças como escudo.

- Oh, meu Deus.

- Collin Stanton era o nome do pai. Não foi absolutamente ferido e havia sido paramédico no Exército... o legista disse que ele poderia ter salvo a

esposa ou um ou os dois filhos se tivesse tentado estancar a hemorragia, mas

ele entrou em pânico e ficou paralisado. Permaneceu simplesmente ali, vendo

todos eles morrerem à sua frente.

- Jesus, Rhyme, mas isso não foi culpa sua. Você...

- Deixe eu terminar. Isso não foi o fim da coisa.

- Não?

- O marido voltou para casa... no norte do Estado de Nova York.

Teve um colapso nervoso e ficou internado durante algum tempo em um

hospital de doenças mentais. Tentou matar-se. Colocaram-no em regime de

vigilância contra suicídio. Inicialmente, ele cortou os pulsos com um pedaço

de papel... a capa de uma revista. Em seguida, foi a uma biblioteca, descobriu

um copo no banheiro das bibliotecárias, quebrou-o e rasgou os pulsos. Foi

costurado e depois mantido num hospital de doentes mentais durante um ano,

mais ou menos. Finalmente, deram-lhe alta. Um ou dois meses depois, ele

tentou outra vez. Usou uma faca. - E Rhyme acrescentou, friamente:
- Desta

vez, a coisa funcionou.

Ele soube da morte de Stanton em uma mensagem via fax enviada pelo legista do condado de Albany. Alguém lhe enviou, via correio interno,

um memorando com a nota: Pensamos que você poderia ficar interessado, era

o que estava escrito.

- Houve uma investigação. Incompetência profissional. Recebi uma repreensão. Acho que deviam ter me demitido.

Amélia suspirou e fechou os olhos por um momento.

- E você está me dizendo que não se sente culpado por isso?

- Não mais.

- Não acredito em você.

- Cumpri minha pena, Sachs. Convivi com esses cadáveres durante algum tempo. Mas os esqueci. Se não tivesse feito isso, de que maneira

poderia continuar a trabalhar?

Após um longo momento, ela voltou a falar:

- Quando tinha dezoito anos de idade, fui multada. Por excesso de velocidade. Eu estava dirigindo a 145 por hora em uma zona de velocidade

máxima de 65.

- Ora...

- Papai disse que me daria o dinheiro para a multa, mas que eu teria que pagar depois. Com juro. Mas quer saber o que ele disse mais? Disse que

teria me esfolado por ultrapassar um sinal vermelho ou por dirigir imprudentemente. Mas correr ele compreendia. E me disse: "Eu sei como

você se sente, querida. Quando você se move, eles não podem pegá-la." - E

dirigindo-se novamente a Rhyme: - Se eu não podia dirigir, se não podia me

mover, então eu faria isso, também. Eu me mataria.

- Eu tinha o costume de andar por todos os lugares – lembrou Rhyme.

- Nunca dirigi muito. Não tive carro durante vinte anos. Que tipo você tem?

- Nada que um nova-iorquino como você dirigiria. Um Chevy.

Camaro. Era de meu pai.

- Que lhe deu uma furadeira? Para trabalhar com carros, acho?

Ela confirmou com um aceno de cabeça.

- E uma chave de torque. E um jogo para testar velas de ignição. E meu primeiro conjunto de chaves de boca... meu presente dos treze anos. -

Riu baixinho. - Aquele Chevy é um carro e tanto. Sabe o que ele é? Um carro

americano. O rádio, os ventiladores, os botões de luz estão todos sujos e

sebosos. Mas a suspensão é como uma rocha, leve como embalagem de ovos,

e desafio um BMW em qualquer dia.

- Aposto que já fez isso.

- Uma ou duas vezes.

- Carros são status no mundo dos paráliticos - explicou Rhyme. - A

gente ficava sentado, ou deitado, na clínica de reabilitação e conversava sobre

o que podíamos arrancar de nossas companhias de seguro. Vans tipo cadeira

de rodas era o máximo. Em seguida, carros dirigidos inteiramente com as

mãos. O que não me adiantaria em nada, claro. - Apertou os olhos, testando a

boa memória. - Não entro em um carro há anos. Não consigo me lembrar de

quando foi a última vez.

- Tive uma idéia - disse subitamente Sachs -, antes de seu amigo...
o

Dr. Berger... voltar, deixe que eu o leve para um passeio de carro. Ou isso será

um problema? Ficar sentado espigado? Você disse que cadeiras de rodas não

funcionam em seu caso.

- Bem, não, cadeiras de rodas são um problema, mas, um carro? Acho

que seria bom. - Soltou uma risada. - Duzentos e oitenta quilômetros? Por

hora?

- Isso aconteceu em um dia especial - respondeu Sachs, cutucando a

memória. - Boas condições de tempo. E não havia Polícia Rodoviária.

O telefone tocou e o próprio Rhyme atendeu. Era Lon Sellitto.

- Temos o pessoal do S&S em posição em todas as igrejas-alvo no

Harlem. Dellray está à frente disso. Ele se tornou um verdadeiro crente. Você

não o reconheceria, Rhyme. Oh, e tenho trinta radiopatrulheiros e uma

tonelada de seguranças das Nações Unidas vigiando quaisquer outras igrejas

que possamos ter esquecido. Se ele não aparecer, vamos fazer uma varredura

em todas elas às sete e meia. Tendo em vista a possibilidade de que ele tenha

se infiltrado sem que o víssemos. Acho que vamos pegá-lo, Linc - disse o

detetive, suspeitosamente entusiástico para um policial especializado em

homicídios do Departamento de Polícia de Nova York.

- Ótimo, Lon. Vou enviar Amélia a seu PC por volta das oito.

Os dois desligaram.

Thom bateu à porta antes de entrar.

Como se pudesse nos flagrar numa posição comprometedora, Rhyme

riu consigo mesmo.

- Nada mais de desculpas - disse Thom, seco. - Cama, agora.

Passava de três da manhã e Rhyme deixara a exaustão para trás muito

tempo antes. Estava flutuando em algum outro lugar. Acima do corpo.

Perguntou a si mesmo se tinha começado a sofrer alucinações.

- Tudo bem, mamãe - respondeu. - A policial Sachs vai passar a noite

aqui, Thom. Você podia arranjar um cobertor para ela, por favor?

- O que foi que você disse? - Thom virou-se para ele.

- Um cobertor.

- Não, depois disso - explicou o empregado. - Aquelas palavras?

- Não sei. "Por favor"?

Os olhos de Thom se esbugalharam de susto.

- Você está bem? Quer que eu chame Pete Taylor? O diretor do Hospital Presbiteriano de Columbia? O secretário de Saúde dos Estados

Unidos?

- Está vendo como esse filho da puta me atormenta? – disse Rhyme a

Sachs. - Ele nunca sabe como chega perto de ser mandado embora.

- Acordar você a que horas?

- Seis e meia será uma boa hora - respondeu Rhyme.

Quando ele saiu, Rhyme perguntou:

- Ei, Sachs, você gosta de música?

- Adoro.

- Que tipo?

- Antigas, sentimentais... E você? Parece um cara que gosta de clássicos.

- Está vendo aquele closet ali?

- Aquele?

- Não, não, o outro. A direita. Abra-o.

Sachs abriu-o e ficou pasma. O armário era uma pequena sala onde havia, talvez, uns mil CDs.

- Até parece a Tower Records.

- Aquele estéreo. Aquele em cima da prateleira.

Sachs passou a mão sobre o preto e empoeirado Harmon Kardon.

- Isso custou mais do que meu primeiro carro - disse Rhyme. - Eu não

o uso mais.

- Por que não?

Ele não respondeu à pergunta, mas disse:

- Ponha alguma coisa nele. Está ligado, não? Está? Ótimo. Escolha alguma coisa.

Um momento depois, ela saiu do closet e foi até o sofá, enquanto Levi

Stubbs e os Four Tops começavam a cantar sobre amor.

Havia se passado um ano desde que uma nota de música tinha sido ouvida naquela sala, calculou Rhyme. Em silêncio, tentou responder à

pergunta de Sachs sobre o motivo por que havia deixado de escutar música.

Não conseguiu.

Sachs tirou livros e arquivos de cima do sofá. Deitou-se e folheou um

exemplar do Scenes of the Crime.

- Posso ficar com um? - perguntou.

- Leve dez.

- Você...

Ela calou-se subitamente.

- Se eu o autografaria para você? - Rhyme riu. Ela, também. - Que tal

se eu aplicasse nele minha impressão digital? Analistas de escrita jamais dão

mais de 85 por cento de probabilidade de emparelhamento de escrita. Mas

uma impressão digital? Qualquer especialista em cristas de atrito certificará

que ela é minha.

E ficou observando-a, enquanto ela lia o primeiro capítulo. As pálpebras dela caíram. Fechou o livro.

- Você faz uma coisa para mim? - pediu ela.

- O quê?

- Ler para mim. Alguma coisa do livro. Quando Nick e eu estávamos juntos... - A voz morreu.

- O quê?

- Quando estávamos juntos, Nick, muitas vezes, lia em voz alta antes

de irmos dormir. Livros, o jornal, revistas... Isso é uma das coisas que me faz a

maior falta.

- Sou um péssimo leitor - confessou Rhyme. - Parece que estou recitando relatórios de cenas de crime. Mas tenho uma memória... Muito boa!

Que tal se eu lhe falar apenas sobre algumas cenas?

- Você faz isso?

Ela lhe deu as costas, tirou a blusa azul-marinho, soltou o colete à

prova de bala e jogou-o para um lado. Por baixo disso, usava uma camiseta

furadinha e, sob ela, um sutiã esporte. Voltou a vestir a blusa e deitou-se no

sofá, puxando o cobertor para cima do corpo e, enrodilhando-se sobre um

lado, fechou os olhos.

Usando a unidade de controle ambiental, Rhyme diminuiu as luzes.

- Sempre julguei fascinantes os locais de morte - começou ele. - Eles são como santuários. Sentimos muito mais interesse pelo lugar onde morremos do que pela casa onde nascemos. Veja o caso de John Kennedy.

Milhares de pessoas, todos os dias, visitam o Texas Book Depository, em

Dallas. Quantas, acha você, fazem peregrinação a uma enfermaria obstétrica

em Boston?

Rhyme descansou a cabeça na maciez luxuosa do travesseiro.

- Esta conversa a está entediando?

- Não - respondeu ela. - Por favor, não pare.

- Quer saber o que sempre me interessou, Sachs?

- Fale.

- Fascinou-me durante anos... o Calvário. Há dois mil anos. Bem, aquilo é que foi uma cena de crime. Eu gostaria de a ter processado. Sei o que

você vai dizer: mas nós conhecemos os criminosos. Conhecemos, mesmo?

Tudo que realmente sabemos é o que as testemunhas nos disseram. Lembre-

se do que eu disse: jamais confie em uma testemunha. Talvez aquelas histórias

da Bíblia não sejam absolutamente o que aconteceu. Onde está a prova? Os

cravos, o sangue, o suor, a lança, a cruz, o fel? As pegadas de sandálias e as

cristas de atrito?

Virou ligeiramente a cabeça e continuou a falar sobre cenas de crime e

provas, até que o peito de Sachs começou a subir e a descer ritmicamente e

leves fios do cabelo cor de fogo ondearam para cima e para baixo sob a

respiração rasa. Com o indicador da mão esquerda, Rhyme acionou o controle

do ECU e apagou a luz. Ele, logo depois, dormia também.

A fraca luz do amanhecer apareceu no céu.

Acordando, Carole Ganz viu-a através do vidro em cima da cabeça.

Pammy. Oh, minha filhinha... Em seguida, pensou em Ron. E em todas as

suas posses, naquele porão horrível. O dinheiro, a mochila amarela...

Mas, principalmente, pensou em Pammy.

Alguma coisa a despertou de um sono leve e inquieto. O quê?

A dor no punho? O punho latejava horrivelmente. Mudou

ligeiramente de posição. Ela...

O uivo tubular de um órgão de fole e vozes cada vez mais altas de um

coro encheram novamente a sala.

Foi isso o que a acordou. Música. Uma onda de música que se

quebrava. A igreja não era abandonada. Havia gente por ali! Riu para si

mesma. Alguém iria...

E foi nesse momento que se lembrou da bomba.

Olhou em volta do arquivo. A jarra ainda estava lá, na borda da mesa.

Tinha a aparência crua de bombas de verdade e de armas assassinas - e não as

engenhocas bonitas e lustrosas que vemos no cinema. Fita ordinária, fios mal

desencapados, gasolina suja... Talvez isso seja uma bomba que não explodiu,

pensou. A luz do dia, não parecia tão perigosa.

Outra explosão de música. Que vinha de algum lugar diretamente acima de sua cabeça. Acompanhada de um arrastar de pés. Ouviu o som de

uma porta sendo fechada. Rangidos e gemidos enquanto pessoas se moviam

sobre o chão de madeira velha e seca. Plumadas de poeira caíam das traves do

teto.

As vozes cada vez mais altas foram interrompidas em meio a um trecho da música. Um momento depois, elas recomeçaram.

Carole bateu com os pés. O chão, porém, era de concreto, e as paredes, de tijolo. Tentou gritar e o som foi engolido pela mordança. O ensaio

continuou, a música solene, vigorosa, ecoando pelo porão.

Após dez minutos, arriou-se no chão de pura exaustão. Os olhos foram novamente atraídos para a bomba. Nesse momento, a luz era mais forte

e ela pôde ver claramente o timer.

Apertou os olhos. O timer.

Aquilo não era absolutamente uma bomba de mentirinha. O ponteiro tinha sido colocado às 6:15 da manhã. O mostrador indicava, nesse momento,

5:30.

Contorcendo-se para ficar mais longe, atrás do arquivo, começou a bater com o joelho nas laterais metálicas do móvel. Mas qualquer que fosse o

ruído produzido pelos golpes, ele era imediatamente abafado pela execução

trovejante, triste, de Swing Low, Sweet Chariot que enchia o porão.

Parte 4

ATÉ O OSSO

Só uma coisa é negada a Deus:

o poder de refazer o passado.

ARISTÓTELES

CAPÍTULO XXVII

Domingo, das 5:45 da manhã às 7:00 de segunda-feira.

Acordou com um cheiro. Como frequentemente lhe acontecia.

E - como em tantas outras manhãs - não abriu logo os olhos.

Permaneceu simplesmente na posição recostada, tentando descobrir o que o

cheiro estranho poderia ser.

O cheiro de relva no ar do amanhecer? O orvalho nas ruas
escorregadias de óleo? Reboco úmido? Fez um esforço para detectar
o

perfume de Amélia Sachs, mas não conseguiu.

Os pensamentos raspavam por ela e ele continuou a busca. O que
era

aquilo?

Artigo de limpeza? Não.

Um produto químico do laboratório improvisado de Cooper?

Não, podia reconhecer todos eles.

Era... Ah, sim... a caneta marcadora.

Nesse momento, abriu os olhos - mas olhando primeiro para a
adormecida Sachs, para ter certeza de que ela não o abandonara -
e, quando

deu por si, estava fitando o pôster de Monet. Era dali que vinha o
cheiro. O ar

quente, úmido, dessa manhã de agosto, havia emurchecido o papel
e liberado

o cheiro.

Os números claros do relógio de parede brilhavam: 5:45 da manhã.
Os

olhos voltaram ao pôster. Não podia vê-lo com clareza, era apenas uma

configuração fantasmagórica de branco puro contra um branco menos nítido.

Mas havia luz suficiente do céu matutino para poder ler a maioria das palavras.

- dupla personalidade
- talvez padre, assistente social, conselheiro psicológico
- desgaste incomum nos sapatos. Lê muito?
- escutou com prazer, enquanto quebrava o dedo da vítima
- deixou serpente como bofetada nos investigadores

Os falcões estavam acordando nesse momento. Notou um bater de asas na janela. Os olhos voltaram ao pôster. No seu gabinete na DIRC tinha

pregado uma dezena de quadros para anotação, com marcadores que podiam

ser apagados, e mantinha um histórico das características de elementos

desconhecidos em casos importantes. Lembrou-se de que ficava andando de

um lado para outro, olhando para os quadros, especulando sobre as pessoas

que eles descreviam.

Moléculas de tinta, lama, pólen, folhas...

- prédio antigo, mármore cor-de-rosa

Lembrou-se de um hábil ladrão de jóias que ele e Lon haviam prendido uns dez anos antes. Na qualificação do suspeito, o elemento disse

modestamente que eles nunca encontrariam o produto dos trabalhos anteriores, mas se concordassem em exculpá-lo, diria onde o havia escondido.

Ele, Rhyme, respondeu:

- Bem, tivemos alguns problemas para descobrir onde está o produto

do roubo.

- Tenho certeza de que tiveram - disse o velhaco.

- Entenda - continuara Rhyme -, estreitamos a localização a uma parede de pedra na carvoeira de uma velha casa de fazenda à margem do rio

Connecticut. A cerca de oito quilômetros ao norte do Long Island Sound.

Simplesmente não sei se a casa fica na margem leste ou oeste do rio.

Quando a história circulou, a frase usada por todo mundo para

descrever o rosto do elemento foi: "Você, merda, teve que estar lá." Talvez

seja magia, Sachs, pensou ele.

- Pelo menos cem anos de idade, provavelmente mansão ou prédio público

Observou o pôster mais uma vez e fechou os olhos, recostando-se no

seu maravilhoso travesseiro. E foi nessa ocasião que sentiu a pontada. Quase

igual a uma bofetada no rosto. O choque subiu para o couro cabeludo como

fogo se espalhando. Olhos bem abertos, fixos no pôster.

- O "Antigo" o atrai

- Sachs! - exclamou. - Acorde!

Ela se mexeu e sentou-se.

- O quê? O que é...?

Velho, velho, velho.

- Eu cometi um erro - disse secamente. - Há um problema.

Ela pensou, no início, que era alguma coisa de natureza médica e saltou do sofá, estendendo a mão para a maleta de socorro de Thom.

- Não, as pistas, Sachs. As pistas... Entendi tudo errado.

A respiração era rápida e ele rilhou os dentes enquanto pensava. Ela se

vestiu, voltou a sentar-se, os dedos desaparecendo automaticamente entre os

cabelos e o couro cabeludo, coçando.

- O que, Rhyme? O que é?

- A igreja. Talvez não esteja no Harlem. - E repetiu: - Cometi um erro.

Exatamente como no caso do elemento que tinha assassinado a família de Colin Stanton. Em criminalística, é possível interpretar perfeitamente cem pistas e a que escapou é a que termina na morte de alguém.

- Que horas são? - perguntou ela.

- Quinze para as seis, um pouco mais. Pegue os jornais. A agenda dos

serviços religiosos.

Sachs pegou o jornal e folheou-o. Em seguida, ergueu a vista:

- O que é que você está pensando?

- O 238 sente obsessão por coisas antigas. Se está atrás de uma velha

igreja de negros, ele talvez não esteja pensando na zona norte da cidade. Philip

Payton fundou a Afro-American Realty Company no Harlem, em 1900. Havia

dois outros bairros negros na cidade. No centro, onde estão agora os prédios

das cortes de justiça, e na San Juan Hill. Hoje, elas são principalmente de

brancos, mas... Oh, em que diabo eu estava pensando?

- Onde fica a San Juan Hill?

- Exatamente ao norte de Hell's Kitchen. No West Side.

Recebeu esse nome em homenagem a todos os soldados negros que lutaram na Guerra Hispano-Americana.

Ela continuou a ler o jornal:

- Igrejas no centro... - disse. - Bem, em Battery Park há o Seamen's Institute. Tem uma capela. Realizam serviços religiosos. Trinity, Saint Paul's.

- Isso não ficava na zona negra. Mais ao norte e leste.

- Há uma igreja presbiteriana em Chinatown.

- Alguma batista, evangélica?

- Não, nada absolutamente nessa área. Há... Oh, diabo. – Com resignação nos olhos, ela suspirou: - Oh, não.

Rhyme compreendeu.

- Serviço religioso ao amanhecer!

Ela inclinava a cabeça nesse momento.

- Tabernáculo Sagrado, Batista... Oh, Rhyme, há um serviço evangélico que começa às seis. Esquina da rua 59 com a Onze.

- É a San Juan Hill! Ligue para eles!

Sachs agarrou o telefone e discou o número. Ficou parada, cabeça baixa, puxando ferozmente uma sobrancelha e sacudindo a cabeça.

- Responda, responda... Droga! É uma gravação. O pastor deve estar fora de seu escritório. - No telefone, disse: - Fala aqui o Departamento de

Polícia de Nova York. Temos razão para acreditar que há uma bomba em sua

igreja. Evacuem o local o mais rápido possível.

Desligou e calçou os sapatos.

- Vá, Sachs. Você tem que chegar lá. Agora!

- Eu?

- Estamos mais perto do que a delegacia mais próxima. Você pode chegar lá em dez minutos.

Ela correu para a porta, afivelando ao mesmo tempo o cinto regulamentar.

- Eu ligo para a delegacia - gritou ele, enquanto ela descia saltando os

degraus, os cabelos como uma nuvem vermelha em volta da cabeça.
- E,

Sachs, se gosta de dirigir rápido, faça isso agora!

O VRR entrou como uma bala na rua 81 e acelerou na direção oeste.

Sachs ignorou a esquina na Broadway, derrapou, bateu numa máquina

de venda de jornais do New York Post, jogando-a para dentro da vitrine da

Zabar, antes de recuperar o controle da caminhonete. Lembrou-se de todo o

equipamento para uso em cenas de crime que havia ali atrás. O veículo está

pesado de traseira, pensou, nada de dobrar esquina a oitenta.

Desceu a Broadway. Freou no cruzamento. Olhe à esquerda. A direita.

Livre. Pise fundo!

Raspou pela Nona Avenida no Lincoln Center e tomou a direção sul.

Eu estou apenas a ...

Oh, droga!

Uma parada louca com os pneus cantando.

A rua estava fechada!

Uma fileira de cavaletes bloqueava a Nona por causa de uma feira de

rua que seria realizada ali mais tarde naquela manhã. Uma faixa anunciava:

Artesanato e Comidas de Todas as Nações. De mãos dadas, nós somos um

só.

Porra... aquela merda das Nações Unidas! Rodou meio quarteirão de ré e acelerou a caminhonete até oitenta antes de bater no primeiro cavalete.

Espalhando mesas portáteis de alumínio e estandes à retaguarda, abriu uma

faixa através da feira deserta. Dois quarteirões depois, a caminhonete rompeu

a barricada sul e entrou derrapando na 59, usando muito mais calçada do que

ela queria.

Lá estava a igreja, a uns sessenta metros de distância.

Viu paroquianos nos degraus - pais, meninas usando vestidos brancos

e cor-de-rosa de babados, meninos usando ternos escuros e camisas brancas.

E, na janela do porão, uma pequena baforada de fumaça cinzenta.

Pisou no acelerador até embaixo, o motor rugindo.

Pegou o microfone:

- VRR Dois para Central.

E no instante que levou para lançar um olhar ao Motorola e verificar se o volume está no alto, um grande Mercedes saiu de um beco e cruzou

diretamente seu caminho.

Um olhar rápido à família dentro do carro, olhos esbugalhados de pavor quando o pai pisou forte nos freios.

Instintivamente, Sachs girou com toda força o volante para a esquerda, pondo a caminhonete em derrapagem controlada. Vamos, suplicou

ela aos pneumáticos, agarrem, agarrem, agarrem! O asfalto oleoso, porém,

estava escorregadio devido ao calor dos últimos dias e coberto de orvalho. A

caminhonete dançou sobre a rua como se fosse um aquaplano.

A traseira da caminhonete bateu de chapa na frente da Mercedes, a oitenta. Com um som explosivo, a 560 cortou o lado direito da traseira da

caminhonete. As valises pretas de CC voaram no ar, abrindo-se e espalhando

o conteúdo pela rua. Paroquianos que estavam por ali correram para se

proteger dos estilhaços de vidro, plástico e folhas de metal.

O air bag encheu-se e esvaziou, deixando-a atordoada. Cobriu o rosto

no momento em que a caminhonete tombava sobre uma fileira de carros e

uma banca de jornal, deslizava pelo chão e parava com as rodas para cima.

Jornais e sacos plásticos de guardar provas caíram flutuando no chão como se

fossem pequenos pára-quedistas.

Preso de cabeça para baixo pelo cinto de segurança, sem poder ver por

causa dos cabelos que lhe cobriam o rosto, Sachs limpou o sangue da testa e

dos lábios feridos e tentou soltar a mola. Que não cedeu. Gasolina quente

entrou no carro e desceu devagar pelo seu braço. Tirou um canivete do bolso

traseiro, abriu-o e cortou o cinto de segurança. Ao cair, se espetou na lâmina e

ficou por um momento deitada, arquejando, sufocando com os vapores da

gasolina.

Vamos, menina, saia daí. Saia!

As portas estavam travadas e não havia maneira de escapar pela

traseira amassada da caminhonete. Começou a dar chutes na janela.
O vidro

não quebrava. Puxou o pé para trás e jogou-o com toda força contra
o pára-

brisa rachado. Nenhum efeito, exceto quase torcer o tornozelo.

A pistola!

Bateu no quadril. A arma tinha sido arrancada do coldre e jogada
para

algum lugar dentro do carro. Sentindo o gotejar quente da gasolina
nos braços

e ombros, procurou freneticamente entre os papéis e equipamentos
de CC

que cobriam o teto da caminhonete.

Nesse momento, viu a volumosa Glock perto da luz do teto. Agarrou-
a e fez pontaria para a janela lateral.

Vá em frente. O vidro traseiro está desimpedido, não há ainda
espectadores por aí.

Mas nesse momento hesitou. E se a chama do cano incendiasse a
gasolina?

Manteve a arma tão longe quanto possível da blusa ensopada do
uniforme enquanto pensava.

Em seguida, apertou o gatilho.

CAPÍTULO XXVIII

Cinco tiros, um desenho de estrela e, mesmo assim, o honesto vidro General Motors resistiu.

Mais três tiros, ensurdecendo-a no espaço apertado da caminhonete.

Mas pelo menos a gasolina não explodiu.

Recomeçou a escoicear. Finalmente, a janela rompeu-se para fora numa cascata de gelo azul-esverdeado. No momento em que rolava para fora,

a caminhonete explodiu com um whoosh silencioso.

Tirando toda a roupa e ficando somente com a camiseta, jogou fora a

blusa ensopada do uniforme e o colete à prova de bala, juntamente com o

conjunto articulado de cabeça fone-microfone. Sentiu o tornozelo ceder, mas

correu para a porta da frente da igreja, passando pelos paroquianos e coro que

fugiam nesse momento. O térreo estava coberto de fumaça, enroscando-se.

Perto dali, uma parte do chão ondulou, soltou vapor e irrompeu em chamas.

O pastor apareceu de repente, sufocando, lágrimas escorrendo pelo

rosto. Trazia a reboque uma mulher inconsciente. Sachs ajudou-o a levá-la até

a porta.

- Onde fica o porão? - perguntou.

Ele teve um acesso de tosse e sacudiu a cabeça.

- Onde? - gritou ela, pensando em Carole Ganz e na filhinha.

- O porão?

- Lá... Mas... No outro lado daquele trecho em chamas do piso.

Sachs mal conseguiu vê-lo, tão grossa era a fumaça. Uma parede desmoronou em frente a eles, as velhas traves e colunas por trás estalando e

lançando fagulhas e jatos de gás quente, que penetraram com um silvo na sala

escura. Sachs hesitou, mas, em seguida, dirigiu-se para a porta do porão.

O pastor segurou-lhe o braço.

- Espere! - Abriu um armário, tirou um extintor de incêndio, e arrancou o pino. - Vamos.

Sachs sacudiu a cabeça.

- O senhor, não. Continue aqui, controlando a situação. Diga aos bombeiros que há uma policial e outra vítima no porão.

Sachs já corria nesse momento. Quando nos movemos...

Saltou por cima do trecho em chamas no chão. Mas, por causa da fumaça, julgou mal a distância até a parede. Estava mais perto do que pensara,

bateu no painelamento de madeira e caiu para trás, rolando quando os cabelos

roçaram pelo fogo, que pegou alguns fios. Sufocando com o mau cheiro,

bateu as chamas com as mãos e começou a levantar-se. O chão, enfraquecido

pelas chamas embaixo, quebrou-se sob seu peso e ela enfiou o rosto pelo

madeirame de carvalho. Sentiu o calor do porão lhe lamber as mãos e braços

quando os puxou para fora.

Rolando para longe da borda do buraco, levantou-se e estendeu a mão

para a maçaneta da porta do porão. Parou de repente.

Vamos, moça, pense melhor. Sinta a porta, antes de abri-la. Se ela estiver quente demais e você deixar que oxigênio entre em um lugar superaquecido, o gás pegará fogo e o choque de retorno vai fritar de vez o seu

rabo. Tocou a madeira. Insuportavelmente quente.

Mas em seguida, pensou: O que, diabo, posso fazer?

Cuspindo nas mãos, agarrou com força a maçaneta, torceu-a e abriu a

porta antes que o calor lhe queimasse as mãos.

A porta se abriu violentamente e uma nuvem de fumaça e fagulhas escapou violentamente para fora.

- Alguém aí embaixo? - gritou, e começou a descer.

Os degraus mais baixos estavam em chamas. Cobriu-os com um rápido jato de dióxido de carbono e saltou para o porão escuro. O penúltimo

degrau cedeu e ela inclinou-se para a frente. O extintor caiu com um som

metálico no chão, no momento em que agarrava o corrimão justamente a

tempo de evitar quebrar a perna.

Soltando-se do degrau quebrado, examinou com os olhos semi-cerrados a escuridão. A fumaça não era tão forte ali - estava subindo - mas as

chamas rugiam furiosas por toda parte em volta. O extintor havia rolado para

baixo de uma mesa em chamas. Esqueça-o! Correu através da fumaça.

- Olá! - gritou.

Nenhuma resposta.

Nesse momento, lembrou-se de que o elemento desconhecido 238 usava veda-juntas. Ele gostava que as vítimas ficassem em silêncio.

Abriu com um pontapé uma pequena porta e olhou para dentro de uma sala de caldeiras. Havia ali uma porta que dava para fora, embora

destroços em chamas bloqueassem inteiramente aquele caminho. Ao lado, viu

o tanque de combustível, nesse momento cercado pelas chamas.

Ele não vai explodir, pensou Sachs, lembrando-se das aulas na

Academia sobre incêndio intencional. Óleo combustível não explode. Afaste

com os pés o entulho e abra a porta. Limpe sua rota de fuga. Em seguida,

procure a mulher e a menina.

Hesitou, vendo as chamas rolarem por cima de um dos lados do tanque de óleo.

Não vai explodir, não vai explodir.

Começou a andar para a frente, aproximando-se da porta.

Ele não vai...

O tanque, de repente, soltou uma baforada, como uma lata de soda

aquecida, e se partiu ao meio. O óleo jorrou alto para o ar, inflamando uma

enorme espuma alaranjada. Uma poça em chamas formou-se no chão e

escorreu na direção de Sachs.

Não explode. Tudo bem. Mas queima que é uma beleza. Saltou para trás através da porta, fechou-a com uma batida forte. A rota de fuga já era.

Recuando para a escada, sufocando nesse momento, mantendo-se agachada, procurando quaisquer sinais de Carole e Pammy.

Teria 238 mudado as regras? Poderia ter ele desistido de porões e colocado essas vítimas no átrio da igreja?

Crack.

Um rápido olhar para cima. Viu uma grande viga de carvalho, em chamas, começando a cair.

Com um grito, saltou para um lado, mas tropeçou e aterrou de costas,

com toda força, observando a imensa viga cair diretamente para seu rosto e

peito. Instintivamente, ergueu as mãos.

Um alto som, quando a viga caiu sobre uma cadeira de escola

dominical para crianças. E parou a centímetros da cabeça de Sachs, que

rastejou por baixo, rolou e se pôs de pé.

Olhou em volta, tentando penetrar na escuridão da fumaça.

Diabos, não, pensou de repente. Não vou perder outra. Sufocando,

voltou para o fogo e foi cambaleante para o único canto que não tinha

examinado.

Enquanto corria para a frente, uma perna projetou-se de trás de um arquivo e derrubou-a.

Mãos à frente, caiu de cara a centímetros de uma poça de óleo em chamas. Rolou para um lado, puxou a arma e apontou-a para o rosto em

pânico de uma mulher loura que lutava para se sentar.

Sachs arrancou-lhe a mordança e a mulher cuspiu muco preto.

Engasgou por um momento, soltando um som profundo, de gente morrendo.

- Carole Ganz?

Ela inclinou a cabeça.

- Sua filha? - gritou Sachs.

- Não... não está aqui. Minhas mãos! As algemas.

- Não há tempo. Venha.

Com o canivete, Sachs cortou a corda que prendia os tornozelos de Carole.

E foi nesse momento que viu, encostado na parede junto à janela, um

saco plástico que se derretia.

As pistas deixadas de propósito! As que diziam onde se encontrava a menininha. Deu um passo para o saco. Com um estrondo ensurdecedor,

porém, a sala da caldeira partiu-se em duas, liberando um maremoto de 15cm

de altura de óleo pelo chão, cercando o saco, que se desintegrou instantaneamente.

Sachs olhou para o local por um momento e, em seguida, ouviu o grito da mulher. Todos os degraus estavam em chamas nesse momento. Com

um chute, Sachs tirou o extintor de incêndio de baixo da mesa em brasa. O

cabo e a ponta haviam derretido e o tubo de metal estava quente demais para

que pudesse segurá-lo. Com o canivete, cortou um pedaço da blusa do

uniforme, pegou o extintor pelo gargalo e apontou-o para o alto dos degraus

em chamas. O tubo balançou por um momento, como se fosse um pino de

boliche sem saber se caía ou não, e em seguida começou a descer.

Sachs puxou a Glock e quando o cilindro vermelho estava a meio caminho disparou um tiro.

O extintor desintegrou-se em uma imensa explosão, pedaços de metralha vermelha voando por cima da cabeça das duas. O cogumelo de

dióxido de carbono e de pó caiu sobre os degraus e, momentaneamente,

apagou a maior parte das chamas.

- Agora, mova-se! - gritou Sachs.

Juntas, subiram os degraus, dois de cada vez, Sachs carregando seu próprio peso e metade do peso da mulher, passou pela porta e entrou no

inferno do térreo. Colaram-se a parede, tropeçando para chegar à saída,

enquanto acima delas janelas de vitrais explodiam e deixavam cair uma chuva

de cacos de vidro - os corpos coloridos de Jesus, Mateus, Maria e do próprio

Deus - sobre as costas encurvadas das mulheres que fugiam.

CAPÍTULO XXIX

Quarenta minutos depois, Sachs tinha sido untada com pomada, enfaixada, costurada e inalado tanto oxigênio puro que se sentia meio zozna.

Sentada nesse momento ao lado de Carole Ganz, as duas olharam para o que

tinha sobrado da igreja. O que era virtualmente nada. Só duas paredes

continuavam de pé e, curiosamente, uma parte do terceiro andar, projetando-

se para o espaço, acima de uma paisagem lunar de cinzas e escombros

empilhados no porão.

- Pammy, Pammy... - gemeu Carole. Em seguida, escarrou e vomitou.

Levou ao rosto a máscara de oxigênio, recostou-se, cansada, sentindo dores.

Sachs examinou outro trapo embebido em álcool com o qual estava enxugando o sangue do rosto. Os trapos tinham sido inicialmente de cor

marrom e nesse momento estavam simplesmente cor-de-rosa. Os ferimentos

não eram graves - um corte na testa, queimaduras de segundo grau nos braços

e mãos. Os lábios, contudo, não eram mais impecáveis. O inferior tinha sido

cortado fundo na queda da viga e o ferimento precisou de três pontos.

Carole estava sofrendo de intoxicação por fumaça e com o punho fraturado. Uma tala improvisada lhe envolvia o pulso esquerdo, que ela

aninhava junto ao corpo, a cabeça baixa, falando através de dentes cerrados.

- Aquele filho da puta. - Tossiu. - Por que... Pammy? Por que, em nome de Deus? Uma criança de três anos de idade!

Enxugou lágrimas zangadas com as costas da mão intacta.

- Talvez ele não a queira machucar. Por isso ele só trouxe você à igreja.

- Não - cuspiu ela, furiosa. - Ele não se importa com ela. Ele é um doente mental! Vi pela maneira como olhou para ela. Eu vou matá-lo. Vou

matar aquele filho da puta.

As palavras ásperas dissolveram-se em um acesso mais áspero ainda de tosse.

Sachs encolheu-se de dor. Inconscientemente, tinha enfiado uma unha

numa ponta de dedo queimada. Puxou a caderneta de notas.

- Você pode contar o que foi que aconteceu?

Entre crises de soluços e acessos de tosse gutural, Carole contou a história do sequestro.

- Você quer que eu ligue para alguém? - perguntou Sachs. - Para seu marido?

Carole não respondeu. Puxou os joelhos para o queixo, abraçou-se, espirrando fortemente.

Com a mão queimada, Sachs apertou o bíceps da mulher e repetiu a pergunta.

- Meu marido... - Ela lançou a Sachs um olhar estranho. - Meu marido

faleceu.

- Oh, sinto muito.

Carole estava ficando grogue com o sedativo e uma paramédica levou-

a para descansar na ambulância.

Sachs ergueu a vista e viu Lon Sellito e Jerry Banks saindo da igreja queimada e correndo para ela.

- Jesus, policial. - Sellitto estava observando a carnificina na rua. - E a

menina?

- Continua com ele - respondeu Sachs.

- Você está bem? - perguntou Banks.

- Nada de grave. - Sachs lançou um olhar para a ambulância. - A

vítima, Carole, não tem dinheiro algum e nenhum lugar para ficar. Ela está na

cidade para trabalhar para as Nações Unidas. Você acha que poderia dar

alguns telefonemas, detetive? Ver se poderiam hospedá-la por algum tempo?

- Claro - respondeu Sellitto.

- E as pistas deixadas no local? - perguntou Banks e encolheu-se ao tocar uma atadura acima da sobrancelha direita.

- Perdidas - respondeu Sachs. - Eu as vi. No porão. Mas não pude chegar a elas a tempo. Queimadas e enterradas.

- Oh, cara - murmurou Banis. - O que é que vai acontecer à menininha?

O que é que ele pensa que vai acontecer com ela?

Amélia foi até os restos da caminhonete da VRR, encontrou o

conjunto de fones e microfone. Colocou-o em volta da cabeça e ia ligar

pedindo ajuda a Rhyme quando hesitou e baixou o microfone. O que, afinal

de contas, poderia ele lhe dizer? Olhou para a igreja. Como é que podemos

processar uma cena de crime quando não há cena?

Com as mãos nos quadris, olhava fixamente para o esqueleto

fumegante do prédio, quando ouviu um som que não pôde identificar, um

som uivante, mecânico. Não lhe deu atenção, até que notou que Lon Sellitto

interrompia o trabalho de espanar as cinzas da roupa e da camisa enrugada. E

ele disse:

- Não acredito nisso.

Amélia voltou-se para a rua.

Uma grande van preta estava estacionada a um quarteirão de distância.

Uma rampa hidráulica projetava-se de um de seus lados e nela havia alguma

coisa. Apertou os olhos para ver melhor. Era um daqueles robôs do esquadrão

antibombas, ao que parecia. A rampa tocou o chão e o robô rolou para longe.

Em seguida, Sachs riu alto.

A engenhoca virou-se para eles e começou a se mover. A cadeira de rodas lhe lembrou um Pontiac Firebird, vermelha como bala de maçã. Era um

desses modelos elétricos, com rodas pequenas na traseira, e uma grande

bateria e motor montados embaixo da estrutura.

Thom vinha ao lado dela, mas era o próprio Rhyme quem a dirigia - no controle, observou ela ironicamente - através de um canudinho que tinha

na boca. Os movimentos dele eram estranhamente graciosos. Rhyme veio até

onde ela estava e parou.

- Tudo bem - disse ele bruscamente -, eu menti.

Amélia exalou um suspiro.

- Sobre suas costas? Quando disse que não podia usar uma cadeira de

rodas?

- Estou confessando que menti. Você vai ficar uma fera, Amélia. Pois fique e vamos acabar logo com isso.

- Você já notou que quando está de bom humor me chama Sachs e quando está de ovo virado me chama de Amélia?

- Não estou de ovo virado - retrucou ele secamente.

- Realmente, não está - concordou Thom. - Ele simplesmente odeia ser flagrado em qualquer coisa.

Com um movimento de cabeça, o empregado indicou a impressionante cadeira de rodas.

Amélia olhou para um dos lados da engenhoca. Tinha sido fabricada pela Action Company, era um modelo Storm Arrow.

- Ele tinha isso guardado em um armário no térreo durante todo o tempo em que contava sua patética historinha de sofrimento. Eu, por falar

nisso, deixei que ele fizesse isso.

- Nada de comentários, Thom, obrigado. Estou pedindo desculpas, não estou? Sinto. Muito.

- Ele tem essa cadeira há anos - continuou Thom. - Aprendeu a mexer nela com a maior facilidade. Esse aí é o canudinho de controle. Ele é

muito competente nessa coisa. Por falar nisso, ele sempre me chama de

Thom. Não recebo nunca tratamento respeitoso pelo sobrenome.

- Estou cansado demais de ser objeto de atenção - disse Rhyme em tom prosaico. - De modo que deixei de dar passeiozinhos. - Olhou para o

rosto ferido de Amélia. - Dói?

Ela tocou a boca, torcida num sorriso.

- Arde como o diabo.

Rhyme olhou para o lado.

- E o que foi que aconteceu com você, Banks? Agora deu para barbear

a testa?

- Choquei-me com um caminhão de bombeiros. - O jovem sorriu e tocou novamente a atadura.

- Rhyme - disse Amélia, não mais sorrindo. - Não há nada aqui. Ele está com a menininha e não consegui chegar a tempo à evidência plantada.

- Ah, Sachs, sempre há alguma coisa. Tenha fé nos ensinamentos de Monsieur Locard.

- Vi quando o fogo destruiu todas as provas. Se havia alguma coisa, neste momento está sob toneladas de escombros.

- Neste caso, vamos procurar as pistas que ele não teve intenção de deixar. Vamos processar essa cena juntos, Sachs. Você e eu. Vamos.

Deu duas curtas sopradas no canudinho e a cadeira andou para frente.

Chegaram a três metros da igreja, ocasião em que ela disse, subitamente:

- Espere.

Rhyme freou.

- Você está ficando descuidado, Rhyme. Ponha uns elásticos nessas rodas. Você vai querer confundir suas pegadas com as dele?

- Por onde começamos?

- Precisamos de uma amostra da cinza - respondeu Rhyme. - Havia algumas latas limpas de tinta nos fundos da caminhonete. Veja se pode

encontrar alguma.

Ela apanhou uma lata entre os restos do VRR.

- Você sabe onde foi que o fogo começou? - perguntou Rhyme.

- Muito bem.

- Tire uma amostra da cinza, um ou dois quartos de litro, tão perto do

ponto de origem quanto puder.

- Certo - disse ela, subindo em uma parede de tijolo de 1,50m de altura,

tudo que restava do lado norte da igreja. Daí ela olhou para o buraco

fumegante embaixo.

Um bombeiro avisou:

- Ei, policial, ainda não tornamos segura essa área. Ela é perigosa.

- Não tão perigosa quanto a última onde estive – respondeu Sachs e,

segurando a alça da lata com os dentes, passou a perna para o outro lado.

Lincoln Rhyme olhou para ela, mas estava realmente se vendo, três anos e meio antes, tirar o paletó e descer para o canteiro de obras na entrada

do metrô perto da prefeitura.

- Sachs - chamou ele. Ela virou-se. - Tenha cuidado. Vi o que sobrou do VRR. Não quero perdê-la duas vezes no mesmo dia. Ela inclinou a cabeça

e desapareceu pelo outro lado da parede. Alguns minutos depois, Rhyme

perguntou secamente a Banks: - Onde está ela?

- Não sei.

- O que estou perguntando é: você pode ir ver o que aconteceu com ela?

- Oh, claro.

Foi até a parede, subiu e olhou para baixo.

- E então? - perguntou Rhyme.

- Está a maior bagunça aí embaixo.

- Claro que está a maior bagunça. Você a está vendo?

- Não.

- Sachs? - gritou Rhyme.

Seguiu-se um longo gemido de madeira queimando e depois um som

de coisa caindo. Poeira subiu no ar.

- Sachs? Amélia?

Nenhuma resposta.

Imediatamente antes de ele enviar a UOE para tirá-la de lá, ouviram sua a voz.

- Estou indo.

- Jerry? - disse Rhyme.

- Pronto - respondeu o jovem detetive.

A lata voou, subindo. Banks pegou-a com uma única mão. Sachs saiu

do porão, limpando as mãos na calça comprida, encolhendo-se.

- Tudo bem?

Ela inclinou a cabeça.

- Agora, vamos trabalhar no beco - ordenou Rhyme. – Por aqui há

tráfego em todas as horas do dia, de modo que ele estacionaria fora da rua,

antes de trazê-la para cá. Foi lá que ele estacionou. Usou aquela porta ali.

- Como é que você sabe?

- Há duas maneiras de abrir portas fechadas... sem explosivos, isto é.

Pela tranca e pelas dobradiças. Essa devia estar aferrolhada por dentro, de

modo que ele tirou os pinos das dobradiças. Está vendo, ele não se importou

nem em deixá-los bem longe quando foi embora.

Partiram para a porta e abriram caminho até os fundos do escuro

canyon, com o prédio fumegante à direita. Andaram trinta centímetros de

cada vez, Sachs apontando a PoliLight para as lajes.

- Quero marcas da banda de rodagem dos pneus - disse Rhyme. -

Quero saber onde ficou a mala do carro dele.

- Aqui - disse Sachs, examinando o chão. - Banda de rodagem. Mas

não sei se são de pneus dianteiros ou traseiros. Ele pode ter dado marcha a ré.

- Elas estão claras ou indistintas? As marcas da banda de rodagem?

- Um pouco indistintas.

- Então essas são dos pneu dianteiros. - Rhyme riu ao notar a

expressão confusa de Sachs. - Você é a especialista automotiva, Sachs. Na

próxima vez em que entrar num carro e dar partida, verifique se não gira o

volante um pouco, antes de começar a mover-se. Para ver se os pneus estão

retos. A banda de rodagem dianteira deixa sempre sinais mais indistintos do

que os traseiros. Bem, o carro roubado era um Ford Taurus modelo 97. Ele

mede 197,5 do pára-choque dianteiro ao traseiro, largura entre eixos de 108,5.

Aproximadamente 45 polegadas do centro do pneu traseiro até a carroceria.

Meça isso e passe o aspirador de pó.

- Ora, vamos, Rhyme. Como é que você sabe disso?

- Consultei um manual esta manhã. Você processou a roupa da vítima?

- Processei. Unhas e cabelos, também. E, Rhyme, veja só: o nome da

menininha é Pam, mas ele a chamou de Maggie. Exatamente o que fez com a

moça alemã... que ele chamou de Hanna, lembra-se?

- Você quer dizer, a outra persona dele fez isso - retrucou Rhyme.

- Eu gostaria de saber quem são os personagens na peça dele.

- Vou passar também o aspirador em volta da porta - disse ela.

Rhyme observou-a - rosto ferido e cabelos despenteados, calça queimada em alguns pontos. Sachs passou o aspirador pela parte inferior da

porta e, exatamente no momento em que ele ia lhe lembrar que cenas de

crime são tridimensionais, ela passou o aspirador em volta da verga da porta.

- Ele provavelmente olhou antes de levá-la para dentro - comentou

Sachs e começou a passar também o aspirador pelo peitoril da janela.

O que teria sido a ordem seguinte de Rhyme.

Ele ficou escutando o zumbido do aspirador. Mas, um segundo após outro, ele estava desaparecendo, no passado, algumas horas antes.

- Eu estou... - começou Sachs.

- Shhh - disse ele.

Tal como os passeios que nesse momento dava, tal como os concertos

a que comparecia, como tantas das conversas que tinha, Rhyme estava

mergulhando cada vez mais fundo em sua consciência. E, quando chegou a

um certo lugar - mesmo que não tivesse idéia de onde ficava aquilo
-,

descobriu que não estava sozinho. Estava vendo um homem baixo
usando

luvas, roupa esporte escura, máscara de esquiador. Descendo do
Ford Taurus

prateado, que tinha cheiro de coisa limpa e de carro novo. A mulher
- Carole

Ganz - estava na mala, a criança mantida cativa em um velho prédio
construído com mármore cor-de-rosa e tijolo caro. Viu o homem
tirando a

mulher do carro e arrastando-a.

Quase uma recordação, tão clara era a cena.

Soltando as dobradiças, abrindo a porta, puxando-a para dentro,
amarrando-a. Começou a deixar o local, mas parou. Foi até o lugar
de onde

podia olhar e ver claramente Carole. Da mesma maneira como olhou
para o

homem que enterrou no leito da estrada de ferro na manhã do dia
anterior.

Da mesma maneira como acorrentou Tammie Jean Colfax ao cano
no

centro da sala. Para poder ter uma boa visão dela.

Mas por quê?, perguntou Rhyme a si mesmo. Por que ele as olha?

Para ter certeza de que as vítimas não vão escapar? Para ter certeza de que não

deixou nada comprometedor ali? Para...

Abriu subitamente os olhos. A aparição vaga do elemento desconhecido 238 desapareceu.

- Sachs! Lembra-se da cena da Colfax? Quando encontrou a impressão

da luva?

- Claro.

- Você disse que ele a estava observando, foi essa a razão porque ele a

acorrentou em um local tão visível. Mas você não sabia por quê. Bem, eu

descobri. Ele observa as vítimas porque tem que fazer isso. Porque essa é a

natureza dele.

- O que é que você quer dizer com isso?

- Venha cá.

Rhyme sugou duas vezes o controle de canudinho, que virou a cadeira

Arrow. Em seguida, soprou com força e ela partiu para a frente. Foi até a

calçada e sugou com força o canudo para parar a cadeira. Apertou os olhos

enquanto olhava para todos os lugares em volta.

- Ele quer ver as vítimas. E aposto que ele queria ver também os paroquianos. De algum lugar que julgava seguro. Que não tivesse que varrer

depois.

Olhava nesse momento para o outro lado da rua, para o único ponto isolado no quarteirão: o pátio externo de um restaurante em frente à igreja.

- Ali! Passe o aspirador por toda parte ali, Sachs.

Amélia inclinou a cabeça, inseriu um novo carregador na Glock, pegou os sacos de prova, uns dois lápis e o aspirador de pó. Ele observou

quando ela atravessou correndo a rua e, em seguida, subiu com cuidado os

degraus do pátio, examinando-os.

- Ele esteve aqui - gritou. - Há uma marca de luva. E uma pegada...

Desgastada igualzinha às outras.

Isso mesmo!, pensou Rhyme. Oh, essa sensação era boa. O sol quente, o ar, os espectadores. E a excitação da caça.

Quando você se move, eles não podem pegá-la.

Bem, se nos movermos mais rápido, talvez possamos.

Olhou por acaso para a multidão e notou que algumas pessoas o fitavam. Um número muito maior de pessoas, porém, observava Amélia

Sachs.

Durante quinze minutos, ela vasculhou a cena e, quando voltou, trazia

um pequeno saco de provas.

- O que foi que você encontrou, Sachs? A carteira de habilitação dele?

A certidão de nascimento?

- Ouro - respondeu ela sorrindo. - Descobri um pouco de ouro.

CAPÍTULO XXX

- Vamos, gente - gritou Rhyme -, vamos ter que começar a trabalhar nestas provas. Antes que ele leve a menina para a próxima cena. Eu estou

dizendo: mexam-se!

Thom realizou uma operação de transferência para tirar Rhyme da Storm Arrow e recolocá-lo na cama, pondo-o momentaneamente empoleirado

em cima de um aparador e, em seguida, deixando-o arriar suavemente na

Clinitron. Sachs lançou um olhar para o elevador da cadeira de rodas, que

havia sido instalado em um dos closets da sala - aquele que ele não quis que

ela abrisse quando a orientou para o local onde estavam o estéreo e os CDs.

Rhyme

ficou

imóvel

durante

um

momento,

respirando

profundamente para recuperar-se do esforço.

- As pistas desapareceram - lembrou ele. - Não há maneira de descobrirmos onde será a próxima cena do crime. De modo que vamos partir

para a maior: a casa segura dele.

- Acha que pode achá-la? - perguntou Sellitto.

Temos escolha?, perguntou Rhyme a si mesmo e nada respondeu.

Banks subiu correndo a escada. Não havia sequer entrado na sala

quando Rhyme perguntou em voz alta:

- O que foi que eles disseram? Diga-me. Diga-me.

Rhyme sabia que o minúsculo pedaço de ouro encontrado por Sachs estava além da capacidade do improvisado laboratório de Mel Cooper. Ele

tinha pedido ao jovem detetive que corresse até o departamento PERT da

Superintendência local do FBI e que pedisse uma análise.

- Eles vão nos ligar dentro de meia hora.

- Meia hora - murmurou Rhyme. - Eles não deram prioridade à amostra?

- Pode apostar que deram. Dellray estava lá. Você devia tê-lo visto.

Ordenou que todos os demais trabalhos fossem suspensos e disse que, se o

laudo da metalurgia não estivesse em suas mãos ONTEM, a mãe de alguém...

você pode imaginar o quadro... esta ria retorcendo as dela... você entende o

resto do quadro.

- Rhyme - disse Sachs -, há outra coisa que Carole Ganz disse que

pode ser importante. Ele disse que a soltaria se ela deixasse que ele lhe

debulhasse o pé.

- Debulhar?

- Tirar a pele do pé.

- Esfolar - corrigiu-a Rhyme.

- Oh. De qualquer maneira, ele não fez nada. Ela disse que pareceu que, no fim, ele não conseguiu se obrigar a cortá-la.

- Exatamente igual à primeira cena do homem ao lado do leito da estrada de ferro - lembrou Sellitto.

- Interessante... - disse Rhyme, pensativo. - Pensei que ele tinha cortado o dedo da vítima para desencorajar qualquer pessoa de roubar o anel.

Vejam só o comportamento dele: cortar o dedo do motorista do táxi e sair

andando com ele por aí. Cortando o braço e a perna da moça alemã.

Roubando os ossos e o esqueleto da cobra. Escutando enquanto quebrava o

dedo de Everett... Há alguma coisa na maneira como ele vê as vítimas.

Alguma coisa...

- Anatômica?

- Exatamente, Sachs.

- Exceto no caso de Carole Ganz - lembrou Sellitto.

- Meu argumento - disse Rhyme. - Ele poderia tê-la cortado e ainda tê-la conservado viva para nós. Mas alguma coisa o deteve.

O quê?

- O que há de diferente nela? - perguntou Sellitto. - Não pode ser o fato de ser uma mulher. Ou de fora da cidade. A moça alemã também não era daqui.

- Talvez ele não tenha desejado machucá-la na frente da filha - sugeriu

Banks.

- Não - disse Rhyme, um sorriso sombrio nos lábios -, compaixão não

é com ele.

Subitamente, Sachs teve uma idéia:

- Mas há uma coisa diferente nela. Ela é mãe.

Rhyme pensou na sugestão.

- Poderia ser isso. Mãe e filha. Não foi suficiente para que ele as soltasse. Mas impediu-o de torturá-la. Thom, anote isso. Com um ponto de

interrogação. - Em seguida, voltou-se para Sachs: - Ela disse alguma coisa

sobre a aparência dele?

Sachs folheou a caderneta de notas.

- O mesmo que antes. - E leu: - Máscara de esquiador, estatura mediana, luvas pretas, ele...

- Luvas pretas? - Rhyme olhou para a tabela na parede. - Vermelhas, não?

- Ela disse pretas. Perguntei a ela se tinha certeza disso.

- E aquele outro pedaço de couro era preto, também, não era, Mel?

Talvez esse pedaço tenha vindo das luvas. Nesse caso, de onde veio o couro

vermelho?

Cooper encolheu os ombros.

- Não sei, mas encontramos umas duas peças disso. De modo que é alguma coisa que está junto dele.

Rhyme olhou para os sacos de prova.

- O que mais encontramos?

- Os vestígios que coletamos com o aspirador no beco e na porta.

Sachs derramou o conteúdo do filtro sobre uma folha de papel de jornal e Cooper passou a examiná-la com uma lupa.

- Um bocado de nada - anunciou. - Principalmente solo. Fragmento

de minerais. Mica de xisto de Manhattan. Feldspato.

Que eram encontrados em toda a cidade.

- Continue a procurar.

- Folhas em decomposição. Isso é praticamente tudo.

- O que é que você me diz das roupas da Ganz?

Cooper e Sachs abriram o embrulho de papel de jornal e examinaram

os vestígios.

- Principalmente solo - disse Cooper. - E alguns fragmentos do que parece pedra.

- Você não bate nunca à porta, Dellray? - perguntou Sellito.

- Perdi o hábito, você sabe.

- Entre - convidou Rhyme. - O que é que nós temos aí?

- O diabo me leve se eu sei. Não faz o menor sentido para este garotão aqui. Mas, também, o que sei eu?

Dellray leu alguma coisa no laudo e disse em seguida:

- Pedimos a Tony Farco, do PERT... por falar nisso, ele mandou um

“Oi” para você, Lincoln... que analisasse esse fragmento de PM que vocês

encontraram. Descobrimos que é ouro em folha. Tem provavelmente de

sessenta a oitenta anos de idade. Ele encontrou algumas fibras de celulose

coladas, de modo que pensa que isso vem de um livro.

- Claro! Iluminuras douradas numa página - disse Rhyme.

- Mas ele encontrou também nela algumas partículas de tinta. Ele disse, estou citando agora o rapaz: "Não é incompatível com o tipo de tinta

que a Biblioteca Pública de Nova York usa para marcar as extremidades de

seus livros." Ele não fala engraçado?

- Um livro de biblioteca - disse Rhyme pensativo.

- Um livro de biblioteca encadernado em couro vermelho - sugeriu Sachs.

Rhyme olhou-a fixamente.

- Isso mesmo! - gritou. - Foi de um livro que vieram os fragmentos de

couro vermelho. Não de uma luva. E um livro que ele leva consigo. Pode ser a

sua Bíblia.

- Bíblia? - perguntou Dellray. - Você está pensando que ele é algum tipo de maníaco religioso?

- Não a Bíblia, Fred. Ligue novamente para a biblioteca, Banks.
Talvez

tenha sido assim que ele desgastou os sapatos... na sala de leitura.
Sei que é

uma possibilidade muito remota, mas não temos muitas opções
aqui. Quero

uma lista de todos os livros de antiquários que foram roubados de
locais em

Manhattan no ano passado.

- É pra já.

O jovem coçou uma cicatriz de barba enquanto ligava para a casa do
prefeito e, sem meias-palavras, pedia ao chefe que entrasse em
contato com

o diretor da Biblioteca Pública e lhe dissesse o que precisavam.

Meia hora depois, a máquina de fax zumbiu e vomitou duas páginas.

Thom destacou as páginas do rolo.

- Uau, os leitores devem ter dedos leves nesta cidade – disse ele,
entregando as folhas a Rhyme.

Oitenta e quatro livros, de cinquenta anos de idade ou mais, haviam
desaparecido de filiais da biblioteca nos últimos doze meses, 35
deles em

Manhattan.

Rhyme percorreu a lista. Dickens, Austen, Hemingway, Dreiser...

Livros sobre música, filosofia, vinhos, crítica literária, histórias de fadas. O

valor desses livros era surpreendentemente baixo. Vinte, trinta dólares. Achou

que nenhum deles era primeira edição, mas talvez os ladrões não soubessem

disso.

Continuou a vasculhar a lista.

Nada, nada. Talvez...

Nesse momento, viu-o.

Crime in Old New York, de autoria de Richard Wille Stephans,

publicado pela Bountiful Press em 1919. O valor era listado como 65 dólares e

tinha sido roubado nove meses antes da filial da Biblioteca Pública de Nova

York, na Delancey Street. Era descrito como um volume de cinco por sete

polegadas, encadernado em couro vermelho, com páginas finais marmorizadas

e bordas douradas.

- Quero um exemplar deste livro. Não quero saber como. Se tiverem que fazer isso, liguem para alguém na Biblioteca do Congresso.

- Eu cuido disso - prometeu Dellray.

Supermercados, gasolina, a biblioteca...

Tinha que tomar uma decisão. Havia trezentos investigadores disponíveis - policiais municipais, membros da polícia militar estadual e

agentes do FBI - mas ficariam espalhados microscopicamente se tivessem que

dar buscas nas zonas leste e oeste do centro de Nova York.

Olhou para a tabela do perfil.

Sua casa fica na West Village?, perguntou silenciosamente Rhyme ao 238. Você comprou a gasolina e roubou o livro no East Side para nos enganar? Ou esse é o seu verdadeiro bairro? Até que ponto você é inteligente?

Não, não, a pergunta não é até que ponto você é inteligente, mas até que

ponto você pensa que é. Que confiança tem você em que nós nunca descobriremos esses pedacinhos minúsculos de você mesmo que M. Locard

nos garante que deixaria para trás?

Finalmente, deu a ordem:

- Concentrem-se no Lower East. Esqueçam a Village. Mandem todos

para lá. Todas as tropas de Bo, todas as suas, Fred. O que vocês devem

procurar é o seguinte: uma grande prédio em estilo federal, com cerca de

duzentos anos de idade, fachada de mármore cor-de-rosa, lados e fundos de

arenito-avermelhado. Pode ter sido uma mansão ou um prédio público em

alguma ocasião. Com uma garagem ou cocheira contígua para carruagens. Um

sedã Taurus e um Yellow Cab entrando e saindo dali nas últimas semanas.

Com maior frequência, nos últimos dias.

Olhou para Sachs.

Esquecendo os mortos...

Sellitto e Dellray deram seus respectivos telefonemas.

Sachs disse a Rhyme:

- Eu vou, também.
- Eu não esperava nada diferente.

Quando a porta se fechou lá embaixo, ele disse baixinho:

- Vá com Deus, Sachs. Vá com Deus.

CAPÍTULO XXXI

Três radiopatrulhas cruzavam lentamente as ruas do Lower East Side.

Dois vigilantes municipais em cada um deles. Olhos vasculhando o ambiente.

Um momento depois, apareceram dois coches pretos de quatro rodas... dois sedãs, era o que ele queria dizer. Sem marcas, mas os faróis ao

lado das janelas do lado esquerdo não deixavam dúvida sobre o que eram.

Sabia que eles estavam concentrando a busca, claro, e que era apenas

uma questão de tempo antes que lhe descobrissem a casa. Mas ficou chocada

por estarem tão perto. E também especialmente perturbado quando os

policiais desceram e passaram a examinar um Taurus prateado na Canal Street.

De que modo, com todos os diabos, eles haviam descoberto sua carruagem? Sabia muito bem que roubar um carro era um enorme perigo, mas

pensava que a Hertz levaria dias antes de dar por falta do veículo. E mesmo

que isso acontecesse, tinha certeza de que os vigilantes nunca o ligariam ao

roubo. Oh, eles eram competentes.

Um dos policiais de olhar maldoso lançou a vista para seu táxi.

Olhando diretamente para a frente, o colecionador de ossos virou para

a Houston Street e perdeu-se na multidão de outros táxis. Meia hora depois,

abandonou o táxi e o Taurus da Hertz e voltou a pé para a mansão.

ELEMENTO DESCONHECIDO 238

Aparência Residência Veículo Diversos

- Branco, homem, estatura baixa
- Roupa escura
- Luvas velhas, pelica, avermelhadas
- Loção após barba: para encobrir cheiro?
- Máscara de esquiador? Azul-marinho?
- Luvas são escuras
- Loção após barba = Brut
- Cabelo não é castanho
- Cicatriz profunda, dedo indicador
- Roupa esporte
- Luvas são pretas
- Prov. tem casa segura
- Localizada perto de: B'way & 82nd, ShopRite Greenwich & Bank,

ShopRite 8th Ave. & 24th, ShopRite Houston & Lafayette, ShopRite

- Prédio antigo, mármore cor-de-rosa
- Pelo menos 100 anos de idade, prov. mansão ou prédio público
- Prédio em estilo federal, Lower East Side
- Táxi Yellow Cab
- Seda modelo recente
- Cinza claro, prateado, bege
- Carro de aluguel, prov. roubado
- Hertz, Taurus prateado, modelo deste ano
- Conhece proc de CC
- Possivelmente tem antec. criminais
- Conhece levantamento de impressões digitais
- Arma = 32 Col
- Amarra vít. com nós incomuns
- O "Antigo" o atrai
- Chamou uma vít. de "Hanna"
- Conhece alemão básico
- Atraído por locais subterrâneos
- Dupla personalidade • Talvez padre, assist. social, cons. psicológico
- Desgate incomum nos sapatos. Lê muito?

- Escutou som com prazer, enquanto quebrava dedo de vítima
- Deixou serpente como bofetada nos investigadores
- Queria esfolar pé da vít.
- Chamou uma vít. de "Maggie"
- Mãe & Filha. Algum significado especial para ele?
- Livro Crime in Old NY como modelo?

A jovem Maggie ergueu a vista para ele. Ela estava com medo, sim, mas tinha deixado de chorar. Ficou pensando se não devia apenas ficar com

ela. Arranjar uma filha. Criá-la. A idéia brilhou em sua mente durante um ou

dois momentos e, em seguida, desapareceu.

Não, perguntas demais seriam feitas. Além disso, havia alguma coisa sobrenatural na maneira como a menina o fitava. Ela parecia mais velha do

que seus anos. Ela se lembraria para sempre do que ele havia feito. Oh, por

algum tempo, poderia pensar que tudo aquilo tinha sido um sonho. Mas,

algum dia, a verdade apareceria. Isso sempre acontecia. Reprima o que quiser,

mas, algum dia, a verdade aparecerá.

Não, não podia confiar mais nela do que confiava em qualquer pessoa.

No fim, toda alma humana nos decepciona. Podia confiar nisso. Podia-se

confiar em osso. Tudo mais era traição. Agachou-se ao lado de Maggie e

tirou-lhe a mordaca.

- Mamãe! - chorou ela. - Quero minha mamãe!

Ele nada disse, ficou simplesmente olhando, por muito tempo. Para o

crânio delicado. E para os gravetos dos braços. Ela gritou como se fosse uma

sirene.

O colecionador tirou as luvas. Os dedos pairaram por um momento

sobre a menina. Em seguida, acariciou-lhe os cabelos macios.

("Impressões

digitais podem ser tiradas de carne, se isso for feito até 90 minutos depois do

contato [Ver KROMEKOTE], mas ninguém conseguira ainda tirar e

reconstruir cristas de atrito de cabelos humanos." Lincoln Rhyme, Physical

Evidence, 4ª ed. [Nova York: Forensic Press, 1994.]

Levantando-se devagar, o colecionador subiu a escada, entrou na

grande sala de estar do prédio, passou pelas pinturas nas paredes -
os

operários, as mulheres e crianças de olhos parados. Inclinou a
cabeça ao ouvir

um fraco som no lado de fora. Em seguida, mais alto - um ruído de
metal.

Agarrou a arma e correu para os fundos do prédio. Puxando o
ferrolho, abriu-

a subitamente, caindo em postura de tiro com as duas mãos na
arma.

A matilha de cães selvagens olhou para ele por um momento. E

voltou rapidamente para o latão de lixo que tinha derrubado.
Guardando a

arma no bolso, ele voltou à sala de estar.

Novamente ao lado da janela com vidros de fundo de garrafa, olhou

para o velho cemitério. Oh, sim. Ali! Lá estava outra vez aquele
homem,

vestido de preto, no cemitério. Ao longe, o céu era perfurado pelos
mastros

pretos dos veleiros clíperes e das escunas atracadas no East River,
ao longo da

praia da Out Ward.

Experimentou uma sensação esmagadora de pesar. Perguntou a si

mesmo se havia acabado de acontecer alguma tragédia. Talvez o Grande

Incêndio de 1776 tivesse destruído a maioria dos prédios da Broadway. Ou,

quem sabe, a epidemia de febre amarela de 1795 dizimado a comunidade

irlandesa. Ou o incêndio no barco de cruzeiro General Slocum, em 1904,

matado mais de mil mulheres e crianças, destruindo o bairro alemão do Lower

East Side.

Ou talvez estivesse captando tragédias prestes a acontecer.

Após alguns minutos, os gritos de Maggie pararam, substituídos pelos

sons da velha cidade, o rugido dos motores a vapor, a batida de chocalhos, o

pipocar de tiros com pólvora negra, o tro-pel de cascos nas ressonantes lajes

das ruas.

Continuou a olhar fixamente, esquecendo os vigilantes municipais à sua procura, esquecendo Maggie, simplesmente observando a forma fantasmagórica descer a rua.

Outrora e agora.

Os olhos permaneceram por um longo momento voltados para fora da janela, perdidos em um tempo diferente. E por isso não notou os cães

selvagens, que haviam empurrado a porta dos fundos, que tinha deixado

entreaberta. Os cães olharam através da soleira da porta da sala de estar,

pararam apenas por um momento, antes de darem a volta e correrem

tranquilamente para os fundos do prédio.

Narizes enrugaram-se com os cheiros, orelhas se empinaram com os sons daquele estranho lugar. E principalmente com o choro baixo que vinha

de algum lugar abaixo deles.

A separação dos Irmãos Hardy demonstrou o grau de desespero.

Bedding vistoriava uma meia dúzia de quarteirões em volta da

Delancey. Saul trabalhava mais ao sul, Sellitto e Banks tinham cada um sua

área de busca, como também as centenas de outros policiais, agentes do FBI,

soldados da Polícia Estadual, indo de porta em porta, perguntando coisas

sobre um homem baixo, uma criança pequena em lágrimas, um Ford Taurus

prateado, um prédio em estilo federal abandonado, com fachada de mármore

cor-de-rosa, o resto de arenito-avermelhado.

Hã? O que é que você quer dizer com federal?... Se vi uma criança?

Está perguntando se algum dia vi uma criança no Lower East? Ei, Jimmy,

você já viu algum dia crianças por aqui? E ainda menos nos últimos sessenta

segundos?

Amélia Sachs estava flexionando os músculos. Insistiu em fazer parte

do grupo de Sellitto, o que ia visitar a ShopRite em East Houston que tinha

vendido canela de vitela ao elemento desconhecido 238. E o posto que lhe

havia vendido a gasolina. E a biblioteca onde ele tinha roubado o Crime in Old

New York.

Mas não encontraram pistas nesses lugares e se espalharam como

lobos a farejar uma dezena de cheiros diferentes. Cada um escolheu um trecho

do bairro para trabalhar sozinho.

Ao dar partida no motor do novo VRR, a fim de tentar outro

quarteirão, Sachs sentiu a mesma frustração que tinha experimentado em

outras cenas de crime nos últimos dias: droga de prova demais, terreno demais

para cobrir. A impossibilidade de fazer tudo isso. Ali, na rua quente e úmida,

que se bifurcava em centenas de outras ruas e becos, passando por milhares

de prédios - todos eles velhos -, descobrir onde ficava a casa segura parecia

tão difícil como encontrar aquele cabelo de que tinha lhe falado Rhyme,

colado ao teto pelo coice de um revólver .38.

Tencionava visitar todas as ruas, mas, à medida que o tempo passava e

pensava na criança enterrada no subsolo, perto da morte, começou a procurar

com maior rapidez, acelerando ruas abaixo, olhando à direita e à esquerda,

procurando um prédio com fachada de mármore cor-de-rosa. Sentiu uma

pontada de dúvida. Na pressa, teria deixado de ver um prédio? Ou deveria

dirigir com a velocidade de um raio e cobrir mais ruas?

E assim por diante, sem parar. Outro quarteirão, mais outro. E, ainda,

nada.

Após a morte do malfeitor, suas posses foram recolhidas e examinadas por

detetives. O diário mostrava que ele assassinara oito bons cidadãos da cidade. Nem estava

ele acima de violar sepulturas, pois se verificou nessas páginas (se as alegações dele são

verdadeiras) que ele havia violado vários sagrados locais de repouso em cemitérios por toda a

cidade. Nenhuma das vítimas lhe fizera a menor afronta - não, a maioria era de cidadãos

respeitáveis, esforçados e inocentes. Ainda assim, ele não sentiu a menor dose de culpa. Na

verdade, ele parece ter agido sob a louca ilusão de que estava fazendo um favor às vítimas.

O dedo anular da mão esquerda de Rhyme mexeu-se ligeiramente e o

dispositivo virou a página em papel-bíblia do Crime in Old New York, que lhe

havia sido entregue dez minutos antes por dois agentes federais, esse serviço

acelerado pelo estilo inimitável de Fred Dellray.

A carne murcha e pode ser fraca"- (escreveu o malfeitor com mão implacável mas

firme) - "O osso é o aspecto mais forte do corpo. Tão velhos possamos ser na carne, somos

sempre jovens no osso. É um objetivo nobre o que eu tenho e está além do alcance de minha

compreensão o motivo por que alguém pode ser contra. Pratiquei um ato de bondade com

todos eles. Eles, agora, são imortais. Eu os libertei. Eu os reduzi até o osso.

Terry Dobyns tinha razão. O Capítulo 10, "James Schneider: o

Colecionador de Ossos", era uma virtual descrição do comportamento do

Elemento Desconhecido 238. O modus operandi era o mesmo - fogo, animais,

água, cozinhar vivas as vítimas. O 238 rondava os mesmos campos de caça

que Schneider nos seus dias. Confundiu uma turista alemã com Hanna

Goldschmidt, uma imigrante do século XIX, e foi atraído a uma residência

alemã para encontrar uma vítima. E deu também à pequena Pammy Ganz um

nome diferente - Maggie, aparentemente pensando que ela era a pequenina

O'Connor, uma de suas vítimas.

Um desenho muito ruim no livro, coberto por papel de seda, mostrava um demoníaco James Schneider, sentado em um porão, examinando um osso.

Olhou para o mapa do Levantamento Randel, pregado na parede.

Ossos...

Lembrou-se nesse momento de um crime em que havia trabalhado.

Tinha sido chamado a um canteiro de obras na baixa Manhattan, onde alguns

operários encontraram um crânio a poucos centímetros de profundidade em

um lote vazio. Imediatamente, notou que o crânio era muito antigo e pediu a

ajuda de um antropólogo da polícia técnica. Continuaram a cavar e a descobrir

mais ossos e esqueletos.

Uma pequena pesquisa revelou que, em 1741, tinha ocorrido um

levante de escravos em Manhattan e que certo número deles - e abolicionistas

brancos militantes - foram enforcados em uma pequena ilha na Collect. A ilha

tornou-se um local popular para enforcamentos e, em volta da área, surgiram

vários cemitérios clandestinos.

Onde tinha sido localizado o Collect? Tentou lembrar-se. Perto do local onde Chinatown e o Lower East Side se encontram. Mas era difícil saber

com certeza, porque a lagoa tinha sido aterrada há muito tempo. Tinha sido

na...

Isso mesmo!, pensou, o coração batendo forte. A Collect tinha sido aterrada porque se tornara tão poluída que os comissários da prefeitura

consideraram-na um grande risco para a saúde. E entre os principais poluidores figuravam os curtumes na praia leste!

Muito competente nesse momento com o dispositivo de discar,

Rhyme não errou um único número e foi ligado com o prefeito na primeira

tentativa. O secretário particular de Hizzoner, porém, disse que o prefeito

estava em um brunch nas Nações Unidas. Mas, quando se identificou, o

secretário disse "Um momento, senhor", e, em muito menos tempo do que o

necessário para dizer essas palavras, ele estava ligado com um homem que lhe

disse, falando com a boca cheia: "Fale comigo, detetive. Como vocês estão

indo, porra?"

- Cinco-oito-oito-cinco - disse Amélia, respondendo à chamada do rádio.

Rhyme percebeu o nervosismo em sua voz.

- Sachs.

- Isto não está nada bem - respondeu ela. - Não estamos tendo sorte

nenhuma.

- Acho que o localizei.

- O quê?

- No quarteirão 600. East Van Brevoort. Perto de Chinatown.

- Como foi que você soube?

- O prefeito me pôs em contato com o chefe da Sociedade Histórica.

Uma escavação arqueológica está sendo feita nesse local. Um velho cemitério.

Do outro lado da rua, onde havia um grande curtume. E certa ocasião houve

grandes mansões em estilo federal na área. Acho que ele está por perto.

- Já estou indo.

Através do fone-microfone chegou a Rhyme o chiado de pneus e, em

seguida, o som de sirene.

- Liguei para Lon e Haumann - acrescentou Rhyme. – Eles estão indo

para lá agora.

- Rhyme - crepitou a voz dela em tom urgente. - Eu vou tirá-la de lá.

Ah, você tem um bom coração de policial, Amélia, um coração profissional. Mas você ainda é uma recruta.

- Sachs? - chamou ele.

- Aqui.

- Estive lendo aquele livro. O 238 escolheu um tipo perverso para seu

modelo de papel a representar. Realmente perverso.

Ela ficou calada.

- O que estou dizendo é que, esteja a menina lá ou não - continuou -,

se o encontrar e ele sequer se mexer, mande bala nele.

- Mas se o pegarmos vivo ele poderá nos levar a ela. Poderemos...

- Não, Sachs. Escute-me. Prenda-o. Mas ao primeiro sinal dele de pegar uma arma, qualquer coisa... mate-o.

A estática reapareceu no rádio. Em seguida, ele lhe ouviu a voz firme:

- Estou na Van Brevoort, Rhyme. Você tem razão. Parece que é a casa

dele.

Dezoito carros de placas frias, dois veículos do UOE e o VRR de

Amélia Sachs se reuniram perto de uma rua curta, deserta, no Lower East

Side.

A Van Brevoort dava a impressão de que ficava em Sarajevo. Os

prédios estavam abandonados - dois deles incendiados até o chão. No lado

leste da rua havia um hospital de algum tipo, em ruínas, com o telhado caído

para dentro. Ao lado, um grande buraco no chão, isolado por cordas, com

uma tabuleta "Proibido Passar", com o brasão de uma Corte Municipal - a

escavação arqueológica mencionada por Rhyme.

No meio do outro lado da rua erguia-se uma casa de pedra com

fachada de mármore ligeiramente rosado e uma cocheira contígua, apenas

ligeiramente mais bem conservada do que as outras casas de cômodos

decrépitas ao longo da Van Brevoort.

Sellitto, Banks e Haumann reuniram-se ao lado da van do UOE,

enquanto vários policiais vestiam os coletes de Kevlar e pegavam seus M-16s.

Sachs reuniu-se a eles e, sem pedir licença, arrumou os cabelos sob um

capacete e vestiu um colete.

- Sachs - disse Sellitto -, você não pertence à unidade tática.

Batendo a correia de Velcro contra o corpo, ela fitou-o, as sobrancelhas erguidas altas, até que ele cedeu e disse:

- OK. Mas você vai cobrir a retaguarda. E isto é uma ordem.

- Você será o Grupo Dois - decidiu Haumann.

- Sim, senhor. Posso conviver com isso.

Outro policial do UOE ofereceu-lhe uma submetralhadora MP-5. Ela

pensou em Nick - no encontro de ambos no estande de tiro de Rodman's

Neck. Eles haviam passado duas horas treinando com armas automáticas,

disparando rajadas em Z através de portas, recarregando com carregadores

pregados ao cano e com M-16 de varredura, para evitar os engasgos que eram

a praga dos Colts. Nick adorava o staccato da arma. Sachs, porém, não

apreciava muito o poder de fogo impreciso das armas poderosas. Sugeriu

apostar contra elas, usando Glocks, e o venceu três vezes seguidas a uma

distância de quinze metros. Ele riu e a beijou com força, quando a última das

silhuetas vazias girou na extremidade do estande.

- Vou usar só a minha arma portátil - disse ela ao policial do UOE.

Os Irmãos Hardy chegaram correndo, agachando-se como se fossem atiradores de elite.

- O que descobrimos foi o seguinte. Não há ninguém por aqui. O quarteirão está...

- ...Inteiramente vazio.

- Todas as janelas desse prédio estão fechadas com barras de ferro. Há

uma entrada nos fundos...

- ... que dá para um beco. A porta está aberta.

- Aberta? - perguntou Haumann, olhando para vários de seus policiais.

Saul confirmou.

- Não simplesmente destrancada, mas aberta.

- Armadilhas explosivas antipessoais?

- Não que a gente pudesse ver. O que não quer dizer...

- ...que não haja nenhuma.

- Algum veículo no beco? - perguntou Sellitto.

- Não.

- Duas entradas na frente. Porta da frente principal...

- Que parece ter ficado colada por tinta. A segunda é a porta da cocheira. Porta dupla, suficientemente larga para dois veículos. Cadeado e

corrente.

- Mas no chão.

Haumann inclinou a cabeça.

- De modo que ele talvez esteja dentro da casa.

- Talvez - concordou Saul e acrescentou: - E diga a ele o que pensamos que ouvimos.

- Muito fraco. Podia ter sido choro.

- Podia ter sido grito.

- A menina? - perguntou Sachs.

- Talvez. Mas depois o som simplesmente parou. Como foi que Rhyme descobriu este lugar?

- Diga você como a mente dele funciona - retrucou Sellitto.

Haumann chamou um de seus comandantes e deu uma série de ordens. Um momento depois, duas vans do UOE entraram no cruzamento e

bloquearam a outra extremidade da rua.

- Grupo Um, porta da frente. Derrubem-na com cargas cortantes. Ela

é de madeira, velha, de modo que usem uma carga baixa, certo? Grupo Dois,

para o beco. Vou contar, quando chegar a três, entrem em ação. Entenderam?

Neutralizem, mas estamos supondo que a menina está lá, de modo que olhem

bem, antes de apertar o gatilho. Policial Sachs, tem certeza de que quer

participar disto?

Inclinação de cabeça, firme.

- Muito bem, meninos e meninas. Peguem ele.

CAPÍTULO XXXII

Sachs e cinco outros policiais do Grupo Dois correram para o beco escaldante, nesse momento bloqueado na outra extremidade pelos caminhões

da UOE. Ervas daninhas cresciam profusamente entre as lajes e fundações

rachadas. A desolação do local lembrou a Sachs a cova no leito da estrada de

ferro, no dia anterior.

Ele alimentava a esperança de que a vítima estivesse morta. Para o bem dela...

Haumann posicionou soldados da Polícia Estadual nos telhados dos prédios em volta. Sachs viu os canos de suas Colts pretas erigidos ali em cima

como se fossem antenas.

O grupo parou à porta dos fundos. Os outros policiais olharam-na quando ela examinou os elásticos em volta dos sapatos. Ouviu um deles

sussurrar para o outro alguma coisa como superstição.

Em seguida, ouviu nos fones de ouvido:

Líder do Grupo Um em frente à porta da frente, carga montada e armada.

Estamos prontos. Câmbio.

Entendido, líder do Grupo Um. Grupo Dois?

Entendido, líder do Grupo dois, em posição. Câmbio.

Entendido, líder do Grupo Dois. Ambos os grupos, entrada dinâmica.
A

contagem de três.

Sachs checkou a arma pela última vez.

- Um...

A língua de Sachs tocou uma gota de suor pendurada no ferimento inchado do lábio.

- Dois...

OK, Rhyme, lá vamos nós.

- Três...

A explosão foi baixa, um pop distante e, em seguida, os grupos entraram em movimento. Rápido. Ela correu atrás dos soldados do UOE

quando eles entraram e se espalharam, as lanternas montadas nos canos das

armas lançando feixes de luz brilhante que se cruzavam e saíam pelas janelas.

Sachs descobriu que ficou sozinha quando o resto do grupo se dispersou,

examinando depósitos, closets e sombras por trás das estátuas grotescas que

enchiam o local.

Virou-se para o canto. Um rosto pálido apareceu. Uma faca...

Um baque no coração. Postura de combate, arma para o alto. Aplicou

dois quilos e meio de pressão no gatilho suado, antes de perceber que olhava

para uma pintura na parede. Era de um açougueiro de aparência sobrenatural,

de cara de lua cheia, segurando uma faca na mão e uma peça de carne na

outra.

Irmão...

Que lugar mais bacana ele escolheu para morar!

Os soldados da UOE pisavam forte nos andares superiores, dando busca no primeiro e segundo andares.

Sachs, porém, estava à procura de outra coisa.

Encontrou a porta que dava para o porão. Entreaberta. OK. Desligue a lanterna. Você tem, em primeiro lugar, que dar uma olhada aí dentro. Mas

lembrou-se do que Nick tinha lhe dito: nunca olhe para cantos no nível da

cabeça ou peito - é aí que ele a está esperando. Caia sobre um joelho. Respire

fundo. Vá!

Nada. Escuridão.

De volta à postura de defesa.

Escute...

No início, nada ouviu. Em seguida, percebeu um som nítido de alguma coisa arranhando. Batidas rápidas. Som de respiração rápida ou de um

grunhido.

Ele está lá e está escavando uma rota de fuga!

No microfone, avisou:

- Tenho atividade aqui no porão. Quero apoio tático.

- Entendido.

Mas não conseguiu esperar. Pensou na menininha, lá embaixo com ele. E começou a descer a escada. Parou e escutou novamente. Nesse

momento, deu-se conta de que estava com o corpo inteiramente exposto da

cintura para baixo. Praticamente saltou para o chão e caiu agachada na

escuridão.

Respire profundamente.

Agora, faça o que tem de fazer!

A lanterna, na mão esquerda, lançou um brilhante feixe de luz através

da sala. A boca da arma centralizou-se no centro do disco branco de luz que

se movia da esquerda para a direita. Mantenha o feixe baixo. Ele estaria

também agachado. Lembrou-se do que Nick lhe dissera: criminosos não

fogem.

Nada. Nenhum sinal dele.

Um soldado da UOE apareceu no alto da escada.

- Não se mova - gritou ela para o homem.

A centímetros da menina, viu a matilha de cães selvagens, emaciados,

cheirando-lhe o rosto, os dedos, as pernas. Os grandes olhos da menina

saltavam de um cão para o outro. O peito pequeno subia e descia e lágrimas

lhe escorriam pelo rostinho. A boca estava aberta e a ponta da língua rosada

parecia colada ao arco direito do lábio.

- Fique aí em cima - disse Sachs ao policial. - Não os assuste.

Sachs escolheu alvos, mas não atirou. Poderia matar dois ou três, mas

os outros poderiam entrar em pânico e atacar a menina. Um deles era

suficientemente grande para quebrar-lhe o pescoço com um simples movimento da cabeça e cortada de cicatrizes.

- Ele está aí embaixo? - perguntou o soldado.

- Não sei. Traga um paramédico para cá. Para o alto da escada.

Ninguém desce.

- Entendido.

A mira da arma flutuava de um animal para outro. Lentamente,

começou a avançar. Um após outro, os cães perceberam sua presença e se

afastaram de Pammy. A menininha era simplesmente comida: Sachs era um

predador. Roncaram e rosnaram, pernas dianteiras tremendo, enquanto as

traseiras se contraíam, prontas para saltar.

- Estou com medo - disse Pammy agudamente, atraindo novamente a

atenção dos cães.

- Shhhh, querida - disse Sachs em voz suave. - Não diga nada. Fique calada.

- Mamãe. Eu quero minha mamãe.

O grito alto irritou os cães. Eles se mexeram nos lugares onde estavam

e, em seguida, viraram os focinhos machucados para um e outro lado,

rosnando.

- Calma, calma...

Sachs moveu-se para a esquerda. Os cães estavam voltados para ela nesse momento, mudando os movimentos dos olhos dela para a mão

estendida e a arma. Separaram-se em dois grupos. Um ficou perto de Pammy.

O outro moveu-se em volta de Sachs, tentando flanqueá-la.

Ela apontou para um local entre a menininha e os três cães mais perto

dela.

A Glock oscilou de um lado para o outro, como se fosse um pêndulo, os olhos pretos dos cães na arma de cor preta.

Um deles, um sarnento de pelagem amarela, rosnou e aproximou-se da direita de Sachs.

A menina continuava a choramingar:

- Mamãe...

Sachs moveu-se lentamente. Inclinou-se, agarrou a camiseta da menina e puxou-a para suas costas. O cão amarelo aproximou-se mais.

- Xô - disse ela.

Mais perto ainda.

- Vá embora!

Os cães atrás do amarelo ficaram tensos quando ele arreganhou os dentes amarelos quebrados.

- Porra, vão embora daqui! - rosnou Sachs e bateu com o cano da

Glock no nariz do cão. O cão pestanejou de medo, ganiu e subiu correndo a

escada.

Pammy gritou e lançou os outros em movimentos frenéticos. Eles começaram a brigar entre si, um redemoinho de dentes estalando e baba. Um

rottweiler cheio de cicatrizes jogou um vira-lata no chão em frente a Sachs. Ela

bateu com o pé ao lado da esquelética criatura marrom, que se levantou

rapidamente e correu escada acima. Os outros perseguiram-na, como galgos

atrás de um coelho.

Pammy começou a soluçar. Sachs agachou-se ao lado dela e varreu o

porão com a lanterna. Nenhum sinal do elemento desconhecido.

- Está tudo bem, queridinha. Vamos levar você logo pra casa. Você vai ficar bem. Aquele homem que esteve aqui? Você se lembra dele?

A menina inclinou a cabeça.

- Ele foi embora?

- Não sei. Eu quero minha mamãe.

Sachs ouviu outros policiais chamando-a. O primeiro e segundo andares estavam seguros.

- O carro e o táxi? - perguntou. - Algum sinal deles?

Um policial retransmitiu a pergunta.

- Desapareceram. Ele provavelmente fugiu.

Ele não estará lá, Amélia. Isso seria ilógico.

Do alto da escada, um policial gritou:

- Porão seguro?

- Vou ter que checar - respondeu ela. - Espere.

- Nós vamos descer.

- Negativo para isso - respondeu Sachs. - Temos uma cena de crime muito clara aqui embaixo e quero que fique assim. Simplesmente, mande um

paramédico aqui para examinar a menininha.

O jovem enfermeiro, de cabelos amarelados, desceu a escada e agachou-se ao lado de Pammy.

E foi nessa ocasião que Sachs viu a trilha que levava aos fundos do porão - para uma porta de metal baixa, pintada de preto. Foi até ela, evitando

a trilha em si, para conservar quaisquer pegadas, e agachou-se. A porta estava

entreaberta e parecia haver um túnel no outro lado, escuro mas não inteiramente, e que levava a outro prédio.

Uma rota de fuga. O filho da puta.

Com os nós da mão esquerda, abriu mais a porta. Que não rangeu.

Olhou para dentro do túnel. Luz fraca a sete, dez metros. Nenhuma sombra

se movendo.

Se via alguma coisa na escuridão, era o corpo contorcido de T.J.

pendurado do cano preto, o corpo redondo, mole, de Monelle Berger enquanto o rato preto rastejava para sua boca.

- Radiopatrulha 5885 para PC - disse ao microfone.
- Continue, câmbio - respondeu a voz seca de Haumann.
- Descobri um túnel levando para o prédio ao sul do prédio do elemento desconhecido. Mande alguém cobrir as portas e janelas.
- Será feito, câmbio.
- Vou entrar no túnel - disse ela.
- No túnel? Vamos lhe dar apoio tático, Sachs.
- Negativo. Não quero que a cena seja contaminada. Simplesmente, mande alguém ficar de olho na menininha.
- Repita isso.
- Não. Nenhum apoio tático.

Apagou a luz e começou a rastejar para dentro.

Claro, o currículo da Academia não incluía trabalho em túnel de ratos.

As coisas que Nick tinha lhe dito sobre manter segura uma cena de crime

hostil voltaram naquele momento. Arma junto ao corpo, não estendida muito

longe, onde poderia ser jogada para um lado. Três passos - bem, arrastamentos - para a frente. Pare. Escute. Mais dois passos. Pare. Escute.

Quatro passos em seguida. Não faça nada previsível.

Merda, está escuro aqui.

A claustrofobia a envolveu como uma nuvem de fumaça oleosa e ela teve que parar por um momento, concentrando-se em tudo, menos na

proximidade das paredes. O pânico diminuiu aos poucos, mas o cheiro ficou

pior. Teve náuseas.

Calma, garota, calma!

Controlou o reflexo e continuou a arrastar-se.

Que barulho é esse? Alguma coisa elétrica. Um zumbido. Subindo e descendo.

Três metros até o fim do túnel. Através da entrada viu um segundo e grande porão. Escuro, mas não tão escuro quanto aquele em que estava

Pammy. Luz entrava suja através de uma janela sebosa. Viu pontinhos de

poeira movendo-se na escuridão.

Não, não, moça, a arma está muito à frente de você. Um pontapé e ela

já era. Perto de seu rosto. Mantenha o peso baixo e para trás! Use os braços

para fazer pontaria, o rabo como ponto de apoio.

Nesse momento chegou à porta.

Teve náuseas novamente e fez força para abafar o som.

Ele está me esperando, ou não?

Cabeça pra fora, um olhar rápido. Você está de capacete. Vai desviar

qualquer coisa, menos uma bala de metal puro ou Teflon e, lembre-se, ele usa

um .32. Uma arma de mulher.

Tudo bem. Pense. Olhar em primeiro lugar para onde?

O Patrolman Guide não ajudava em nada e, nesse momento, Nick não

lhe dava nenhum conselho. Tire cara ou coroa.

Esquerda.

Projetou rápido a cabeça, olhando para a esquerda. De volta ao túnel.

Nada viu. Uma parede vazia, sombras.

Se ele está no outro lado, ele me viu e tem agora bom posicionamento

do alvo.

OK, foda-se tudo. Simplesmente vá em frente. Rápido.

Quando você se move...

Sachs saltou para dentro do porão.

... eles não podem pegá-la.

Bateu com força no chão e rolou sobre si mesma.

A figura estava escondida nas sombras da parede à direita, sob a janela. Localizando o alvo, começou a atirar. Em seguida, parou, dura.

Amélia Sachs arquejou.

Oh, meu Deus...

Seus olhos foram inexoravelmente atraídos para o corpo da mulher, encostado na parede.

Da cintura para cima, ela era magra, de cabelos castanhos escuros, rosto encovado, seios pequenos, braços ossudos. Tinha a pele coberta por

enxames de moscas - o zumbido que ouvira.

Da cintura para baixo, ela era... nada. Ossos sanguinolentos de quadris, fêmur, a base da espinha, os pés... Toda a carne tinha sido dissolvida

no banho repulsivo próximo ao lugar onde se encontrava - um guisado

horrível, marrom-escuro, pedaços de carne flutuando. Lixívia ou algum tipo

de ácido. Os vapores picaram-lhe os olhos, enquanto o horror - e fúria,

também - ferviam no seu coração. Oh, você, pobre coitada...

Vagamente, espantou as moscas que, nesse momento, metralhavam a

nova intrusa.

As mãos da mulher estavam relaxadas, palmas para cima, como se estivesse em meditação. Olhos fechados. Ao lado, um uniforme de jogging de

cor púrpura.

Mas não era a única vítima.

Outro esqueleto - inteiramente descarnado - estava ao lado de um tonel semelhante, mais antigo, sem sinal do ácido corrosivo, mas coberto por

uma lama escura de sangue e músculos derretidos. Faltavam o antebraço e a

mão. E, mais adiante, ainda outro - esta vítima esquartejada, os ossos

cuidadosamente esfregados e sem carne alguma, limpos, arrumados meticulosamente no chão. Viu uma pilha de folhas de lixa ao lado do crânio.

A curva elegante da cabeça brilhava como um troféu.

Em seguida, ouviu o som às costas.

Respiração. Baixa mas inconfundível. O estalo de ar profundo em uma garganta.

Girou rapidamente sobre si mesma, furiosa com seu descuido.

Mas só viu mesmo o vazio do porão. Passou a luz da lanterna pelo chão, que era de pedra e onde as pegadas não apareciam com tanta clareza

quanto no chão sujo de 238 no prédio vizinho.

Outra inalação.

Onde estava ele? Onde?

Sachs agachou-se mais uma vez, apontando o facho da lanterna para

os lados, para cima e para baixo... Nada.

Onde, com todos os diabos, estava ele? Outro túnel? Uma saída para a

rua?

Olhando novamente para o chão, notou o que lhe pareceu uma fraca trilha estendendo-se para as sombras da sala. Acompanhou-a.

Pare. Escute.

Respiração?

Sim. Não.

Idiotamente, girou de novo sobre si mesma e olhou mais uma vez

para a morta.

Venha!

Olhou mais uma vez para trás.

Continuou a mover-se.

Nada. Como é que posso ouvi-lo, mas não vê-lo?

A parede à frente era maciça. Nada de portas ou janelas. Recuou de costas na direção dos esqueletos.

De algum lugar, voltaram-lhe as palavras de Lincoln Rhyme. "Cenas de crimes são tridimensionais."

Subitamente, ergueu a vista, levantando a lanterna. Os dentes do enorme doberman refletiram a luz - deles pendendo pedaços de carne

cinzenta. A sessenta centímetros de distância, em cima de uma alta laje. Ele

estava à espera dela, como um gato selvagem.

Nenhum dos dois se moveu por um momento. Ficaram absolutamente imóveis.

Instintivamente, Sachs baixou a cabeça e, antes de poder erguer a arma, o cão lançou-se contra seu rosco, os dentes entrando em contato com o

capacete. Segurando furiosamente a correia, ele a sacudiu com violência,

tentando quebrar-lhe o pescoço quando ambos caíram para trás, à beira de um

buraco cheio de ácido. A pistola voou para longe.

O cão continuou a prender o capacete com os dentes, enquanto as patas traseiras como que galopavam, as unhas lhe furando o colete, o ventre e

as coxas. Sachs bateu nele com toda força dos punhos, mas era como se

estivesse socando madeira. O cão não sentia absolutamente os golpes.

Soltando o capacete, o cão recuou e, em seguida, mergulhou para o rosto. Sachs lançou o braço esquerdo sobre os olhos e, enquanto ele lhe

agarrava o antebraço e ela sentia os dentes penetrarem na pele, tirou o

canivete do bolso e enfiou a lâmina entre as costelas do animal. Ouviu um

ganido, um som alto, e ele rolou para longe dela, mas continuou a mover-se,

rápido, em linha reta para a porta.

Sachs pegou a pistola e correu atrás dele um instante depois, andando

quase às cegas pelo túnel. Saiu do outro lado a tempo de ver o animal correr

diretamente para Pammy e o paramédico, que ficaram paralisados quando o

doberman saltou alto no ar.

Sachs caiu em um agachamento e disparou dois tiros. Um deles atingiu

a parte traseira do crânio do animal e a outra perdeu-se na parede de tijolo. O

cão caiu em uma pilha trêmula aos pés do paramédico.

- Tiros disparados - ouviu ela no rádio e meia dúzia de policiais

desceram correndo a escada, puxaram o cão para longe e tomaram posição em

volta da menina.

- Tudo bem! - gritou Sachs. - Fui eu que atirei!

O grupo levantou-se da posição defensiva.

Pammy começou a gritar:

- O cachorrinho está morto... Ela matou o cachorrinho!

Sachs embainhou a arma e puxou a menina para cima de seu quadril.

- Mamãe!

- Você vai ver logo sua mamãe - disse. - Vamos ligar para ela agora

mesmo.

No andar superior, pôs Pammy no chão e virou-se para um policial do

UOE que se encontrava próximo.

- Perdi minha chave de algema. Você poderia tirar, por favor, as algemas dela? Abra-as sobre um pedaço de papel limpo, embrulhe-as no papel

e ponha toda a coisa dentro de um saco plástico.

O policial rolou os olhos para cima.

- Escute aqui, beleza, vá procurar um recruta para dar ordens.

E começou a afastar-se.

- Policial - berrou Bo Haumann -, faça o que ela mandou.

- Senhor - protestou ele -, eu sou UOE.

- Boa notícia - murmurou Sachs. - Você agora é Cena do Crime.

Carole Ganz estava deitada de costas em um quarto muito bege, olhando fixamente para o teto, pensando numa época, algumas semanas antes,

quando ela, Pammy e um grupo de amigos estavam sentados em torno de

uma fogueira de acampamento em Wisconsin, na propriedade de Kate e

Eddie, conversando, contando histórias, cantando.

A voz de Kate não era lá essas coisas, mas Eddie poderia ter sido um profissional. Podia mesmo tocar compassos inteiros. Apenas para ela, cantou

Tapestry, de Carole King, e ela, Carole, acompanhou-o através de lágrimas,

pensando talvez, apenas talvez, que estava realmente esquecendo a morte de

Ron e dando prosseguimento a sua vida.

Lembrou-se da voz de Kate naquela noite.

- Quando estamos zangados, a única maneira de enfrentar isso é embrulhar a raiva e dá-la a alguém. Faça isso. Ouviu o que eu disse? Não a

consERVE dentro de você. Dê para alguém.

Bem, ela estava zangada nesse momento. Furiosa.

Um garotão - um merdinha débil mental - havia sequestrado seu marido e lhe dado um tiro nas costas. E, nesse momento, um louco tinha

levado sua filha. Queria explodir. E precisou de toda sua força de vontade

para não começar a jogar coisas na parede e uivar como um coiote.

Continuou deitada e, com todo cuidado, pôs o pulso quebrado em

cima da barriga. Havia tomado Demerol, que aliviara a dor, mas não

conseguia dormir. E por isso, nada mais fez além de permanecer ali o dia

inteiro, tentando entrar em contato com Kate e Eddie e esperando notícias de

Pammy.

Continuou a ver Ron, continuou a ver sua raiva, imaginando-se realmente colocando-a dentro de uma caixa, embrulhando-a com todo

cuidado, fechando o embrulho...

Nesse momento, o telefone tocou. Olhou por um momento para o aparelho e, em seguida, tirou-o com um arranco do gancho.

- Alô!

Ouviu a patrulheira dizer que haviam encontrado Pammy, que ela estava no hospital, mas que estava bem. Um momento depois, a própria

Pammy veio ao telefone e as duas choraram e riram ao mesmo tempo.

Dez minutos depois, Carole seguia para o Manhattan Hospital, sentada no assento traseiro de um sedã preto da polícia.

Carole praticamente correu em alta velocidade por todo o corredor até

o quarto de Pammy e ficou surpresa ao ser detida por um policial de guarda.

Então não haviam capturado ainda o filho da puta? Mas tão logo viu a filha o

esqueceu, e esqueceu o pavor no táxi e no porão insuportavelmente quente.

Lançou os braços em volta da menina.

- Oh, queridinha, como senti falta de você! Você está bem? Bem, de verdade?

- Aquela mulher, ela matou o cachorrinho...

Carole voltou-se e viu a policial alta, ruiva, de pé em um lado do quarto, a mulher que a havia salvado do porão da igreja.

- ...mas foi tudo bem, porque ele ia me comer.

Carole abraçou Sachs.

- Não sei o que dizer... Eu, simplesmente... Obrigada, obrigada...

- Pammy está bem - garantiu-lhe Sachs. - Alguns arranhões... nada grave... e um pouco de tosse.

- Sra. Ganz? - Um rapaz entrou nesse momento no quarto, trazendo a

valise e a mochila. - Sou o detetive Banks. Trouxemos suas coisas para cá.

- Oh, graças a Deus.

- Está faltando alguma coisa? - perguntou ele.

Ela examinou com todo cuidado a mochila. Tudo estava ali. O dinheiro, a boneca de Pammy, o pacote de massa de modelar, o Sr. Cabeça-

de-batata, os CDs, o radio relógio... Ele não havia tirado nada dali. Espere...

- Sabe, acho que está faltando uma foto. Não tenho certeza. Eu pensava que tinha mais do que essas aqui. Mas tudo que é importante está

aqui.

O detetive deu-lhe um recibo para assinar. Um jovem médico residente entrou no quarto. Brincou com Pammy sobre o ursinho, enquanto

lhe media a pressão.

- Quando poderemos sair daqui? - perguntou Carole.

- Bem, gostaríamos que ela ficasse aqui por alguns dias, apenas para

termos certeza...

- Alguns dias ? Mas ela está bem.

- Ela está com um pouco de bronquite, que quero acompanhar. E... -

baixou a voz -, vamos trazer também um especialista em abuso sexual. Apenas

para termos certeza.

- Mas ela ia ficar comigo amanhã. Nas cerimônias nas Nações Unidas.

Prometi a ela.

A policial disse:

- Será mais fácil mantê-la sob guarda aqui. Não sabemos onde está o

elemento desconhecido... o seqüestrador. Teremos também aqui uma policial

para lhe fazer companhia.

- Bem, acho que sim. Posso ficar com ela por algum tempo?

- Claro que pode - respondeu o residente. - Pode passar a noite aqui.

Vamos mandar trazer outra cama.

E Carole ficou mais uma vez a sós com a filha. Sentou-se na cama e envolveu com os braços os ombros magros da criança. Teve um mau momento lembrando-se como ele, aquele louco, tinha tocado em Pammy, a

expressão de seus olhos quando perguntou se podia esfolá-la... Carole

estremeceu e começou a chorar.

E foi Pammy quem a trouxe de volta à realidade.

- Mamãe... me conte uma história... Não, não, cante uma musiquinha.

Cante pra mim a música do amigo. Por favooooor, sim?

Acalmando-se, Carole perguntou:

- Quer ouvir aquela, hã?

- Quero!

Carole puxou a filha para o colo e, em voz esganiçada, começou a cantar You've Got a Friend. Pammy acompanhou-a em alguns trechos da música.

Aquela canção era uma das favoritas de Ron e, nos dois últimos anos,

após a morte dele, ela não conseguia ouvir mais do que alguns dos compassos

sem prorromper em lágrimas.

Naquele dia, ela e Pammy terminaram juntas a canção, bem afinadas,

olhos secos e rindo.

CAPÍTULO XXXIII

Amélia Sachs voltou finalmente para casa, para seu apartamento em Caroll Gardens, Brooklyn.

Que ficava a exatamente a seis quarteirões da casa dos pais, onde a mãe ainda morava. Logo que entrou, apertou o botão do telefone de ligação

rápida da cozinha.

- Mãe? Eu. Vou levar você para um brunch no Plaza. Na quarta-feira.

Esse é o meu dia de folga.

- Por quê? Para comemorar sua nova designação? Como é Assuntos Públicos? Você não ligou.

Uma pequena risada. Sachs compreendeu que a mãe não fazia a menor

idéia do que estivera fazendo no último dia e meio.

- Você vem acompanhando os noticiários, mãe?

- Eu ? Você sabe que sou admiradora secreta de Brokaw.

- Ouviu falar, nestes últimos dias, naquele seqüestrador?

- Quem não ouviu? ...O que é que você está me dizendo, amor?

- Eu conheço toda a história, por dentro.

E contou à espantada mãe a história - sobre o salvamento das vítimas,

sobre Lincoln Rhyme e, com alguns cortes, sobre as cenas dos crimes.

- Amie, seu pai ficaria tão orgulhoso de você.

- De modo que você vai dizer que está doente na quarta-feira. O Plaza. OK?

- Esqueça isso, querida. Economize seu dinheiro. Eu tenho waffles e

Bob Evans no congelador. Você pode vir aqui pra casa.

- Não é tão caro assim, mãe.

- Não é caro? É uma fortuna.

- Bem, neste caso - disse Sachs, tentando parecer espontânea -,
você

gostaria de ir ao Pink Teacup, não?

Era um lugarzinho em West Village que servia, praticamente de
graça,

as melhores panquecas e ovos da Costa Leste. Uma pausa.

- Isso pode ser bom.

Essa era a estratégia que Sachs tinha usado com sucesso ao longo
destes anos todos.

- Vou precisar descansar um pouco, mãe. Eu ligo amanhã.

- Você trabalha demais. Amie, esse seu caso... não foi perigoso, foi?

- Eu estava fazendo apenas trabalho técnico, mãe. Cena do crime.

Nada mais seguro do que isso.

- E eles pediram especialmente sua ajuda? - perguntou a mãe. E
repetiu: - Seu pai ficaria orgulhoso.

Desligaram, Sachs dirigiu-se para o quarto e despencou na cama.

Depois de ter deixado o quarto de Pammy, tinha visitado as outras

vítimas sobreviventes do Elemento Desconhecido 238. Monelle Gerger, cheia

de ataduras e com uma dose completa de vacina anti-rábica, tinha recebido

alta e ia voltar para junto da família em Frankfurt "mas apenas pelo resto do

verão", explicou, durona. "Não para sempre." E apontou para o aparelho

estéreo e para a coleção de CDs no apartamento decrépito na Deutsche Haus,

como para demonstrar que nenhum psicopata do Novo Mundo ia expulsá-la

definitivamente da cidade.

William Everett continuava no hospital. O dedo quebrado não era problema sério, claro, mas o coração andou fazendo besteira, novamente.

Sachs, espantada, descobriu que ele tinha sido dono, anos antes, de uma loja

na Hell's Kitchen, e que podia ter conhecido seu pai.

- Eu conhecia todos os policiais de ronda - disse. Ela lhe mostrou a foto que tinha na carteira, do pai em uniforme de gala. - Acho que sim. Não

tenho certeza. Mas acho que sim.

As visitas foram sociais, mas tinha sido munida com a caderneta de

notas. Nenhuma das vítimas, porém, pôde lhe dizer mais alguma coisa sobre o

Elemento Desconhecido 823.

No apartamento, olhou nesse momento pela janela. Viu as nogueiras-

do-japão e bordos balançarem sob o forte vento. Tirou o uniforme, coçou-se

embaixo dos seios - onde sempre sentia uma coceira horrorosa, por ficar

apertada sob o colete à prova de bala. Pegou um roupão de banho.

O Elemento Desconhecido não foi muito avisado, mas tinha sido o suficiente. A casa segura na Van Brevoort foi submetida a uma varredura

completa com aspirador de pó. Embora o senhorio dissesse que ele havia se

mudado para ali há muito tempo - no 1º de janeiro último (com uma carteira

de identidade falsa, ninguém se espantou em saber), o Elemento

Desconhecido 238 tinha ido embora com tudo que levou para ali, lixo

inclusive. Depois que ela havia processado a cena do crime, as equipes de

Impressões Digitais Latentes desceram no local e pincelaram com pó todas as

superfícies existentes no local. Até esse momento, os relatórios preliminares

nada tinham de animadores.

- Parece que ele usava luvas até quando cagava - disse o jovem Banks.

Uma unidade móvel encontrou o táxi e o sedã. Inteligentemente, o

Elemento Desconhecido 238 os deixou estacionados perto da esquina da

Avenida D com rua 9. Sellitto calculou que, com toda probabilidade, uma

gangue local só precisou de sete ou oito minutos para reduzir os carros ao

chassis. Quaisquer provas materiais que os veículos pudessem ter fornecido

estavam nesse momento divididas por uma dezena de ferros-velhos espalhados pela cidade.

Sachs ligou a televisão e sintonizou os noticiários. Nada sobre os sequestros. Toda a matéria era sobre as cerimônias inaugurais da conferência

de paz das Nações Unidas.

Olhou para Bryant Gumbel, olhou para o secretário-geral da ONU, olhou para algum embaixador do Oriente Médio, olhou com muito mais

atenção do que seu interesse justificaria. Estudou até mesmo os comerciais,

como se os estivesse memorizando.

Porque se havia alguma coisa em que ela definitivamente não queria pensar era em seu trato com Lincoln Rhyme.

O trato era claro. Estando Carole e Pammy em segurança nesse momento, era a vez dela de fazer o que tinha prometido: providenciar uma

hora de Rhyme sozinho com o Dr. Berger.

Quanto a ele, Berger... Não havia gostado absolutamente da aparência

do médico. Podia-se ver um ego enorme naquele corpo compacto, atlético,

nos olhos evasivos. Nos cabelos pretos, penteados com perfeição. Nas roupas

caras. Por que Rhyme não conseguia encontrar alguém como Kevorkian? Ele

podia ser estranho, mas pelo menos parecia um vovô velho e sábio.

As pestanas se fecharam.

Esquecer os mortos...

Um trato era um trato. Mas, droga, Rhyme...

Bem, não podia deixar que ele morresse sem fazer uma última

tentativa. Ele a pegou desprevenida no quarto. Ela estava irritada.
Não

pensara em nenhum argumento realmente bom. Segunda-feira.
Tinha até o dia

seguinte para convencê-lo a não fazer aquilo. Ou, pelo menos,
esperar um

pouco. Um mês. Droga, um dia.

O que poderia dizer a ele? Iria pôr no papel seus argumentos.

Escrever um pequeno discurso.

Abrindo os olhos, saiu da cama e foi procurar caneta e papel. Eu
poderia...

Endureceu-se, a respiração entrando com um assovio nos pulmões,
como o vento no lado de fora.

Ele usava roupa escura, a máscara de esquiador e as luvas eram
pretas

como óleo.

O Elemento Desconhecido 238 estava no centro de seu quarto.

Instintivamente, a mão dirigiu-se para a mesinha-de-cabeceira - a

Glock e o canivete. Mas ele estava preparado. A pá desceu rápida e
pegou-a

em um lado da cabeça. Uma luz amarela explodiu em seus olhos.

Estava de quatro no chão quando o pé atingiu sua caixa torácica e ela

caiu sobre o estômago, lutando para respirar. Sentiu as mãos sendo algemadas

às costas e um pedaço de veda-juntas ser colado à boca. Ele se movia rápido,

eficiente. Rolou-a de costas e o roupão se abriu.

Outro golpe no estômago. Ela sufocou e caiu imóvel, enquanto ele

estendia as mãos. Levantando-a pelas axilas, puxou-a pela porta dos fundos

para o grande jardim privativo atrás do apartamento.

Os olhos dele permaneceram presos a seu rosto, sequer olhando para

os seios, para o monte-de-vênus com seus poucos pêlos ruivos encaracolados.

Poderia facilmente lhe ter dado aquilo, se isso lhe pudesse salvar a vida.

Mas, não. O diagnóstico de Rhyme estava certo. Não era desejo sexual

que condicionava 238. Ele tinha outra coisa em mente. Deixou cair o corpo

esguio, de rosto para cima, em um canteiro de susanas e paquissandras, longe

da vista dos vizinhos. Pegou a pá e enfiou a lâmina na terra.

Amélia Sachs começou a chorar.

Esfregando a nuca no travesseiro.

Compulsivo, disse certa vez um médico após observar esse comportamento - uma opinião que ele, Rhyme, não tinha pedido. Nem queria.

Esse gesto, refletiu, era apenas uma variação do hábito de Amélia Sachs de

rasgar as carnes com as unhas.

Esticou os músculos do pescoço, fazendo um movimento circular com a cabeça, enquanto olhava para a tabela do perfil na parede. Acreditava

que toda a história da loucura daquele homem estava ali a sua frente. No

cursivo preto, rápido - e nos claros entre as palavras. Mas não podia ver o fim

da história. Não ainda.

Examinou novamente as pistas. Só havia algumas que permaneciam sem explicação.

A cicatriz no dedo.

O nó.

A loção após barba.

A cicatriz era inútil para eles, a menos que tivessem um suspeito cujos

dedos pudessem examinar. E não haviam tido sorte na identificação do nó -

apenas a opinião de Banks de que não era nó de marinheiro.

O que dizer da loção após barba barata? Supondo que a maioria dos elementos desconhecidos não toma banho de perfume antes de iniciar uma

farra de sequestros, por que ele a usava? Só podia mesmo concluir que ele

estava tentando esconder outro cheiro obscuro, revelador. Passou em revista

as possibilidades: comida, bebida, produtos químicos, fumo...

Sentiu olhos fitando-o e olhou para a direita.

Os pontos pretos das órbitas oculares ósseas da cascavel fitavam a Clinitron. Esta era a única pista fora do lugar. Não tinha propósito, salvo

atazaná-los.

Ocorreu-lhe uma coisa. Usando o trabalhoso mecanismo de virar

páginas, voltou atrás no Crime in Old New York. Ao capítulo sobre James

Schneider. Encontrou o parágrafo de que tinha se lembrado.

Um conhecido médico da mente (praticante da disciplina "psicologia",

que andou aparecendo muito nos noticiários nos últimos tempos) sugeriu que

o objetivo final de James Schneider pouco tinha a ver com machucar as

vítimas. Em vez disso - sugeriu o culto doutor -, o malfeitor procurava vingar-

se daqueles que achava que lhe fizeram mal: o corpo de vigilantes da cidade, se

não a Sociedade em geral.

Quem pode saber onde se encontrava a origem desse ódio? Talvez, como o antigo Nilo, suas nascentes fossem escondidas do mundo - e possivelmente do próprio malfeitor. Ainda assim, uma razão pode ser encontrada em um fato pouco conhecido: o jovem James Schneider, à tenra

idade de dez anos, viu o pai ser arrastado por vigilantes apenas para morrer na

prisão por um roubo que, descobriu-se mais tarde, ele não cometera. Em

seguida a essa infeliz prisão, a mãe do rapaz caiu na vida das ruas e abandonou

o filho, que foi criado em um asilo do Estado. Teria o louco cometido esses

crimes para lançar seu ódio na face do mesmo grupo de vigilantes que lhe

havam inadvertidamente destruído a família?

Indubitavelmente, jamais saberemos.

Ainda assim, o que parece claro é que, ao zombar da ineficiência dos protetores dos cidadãos, James Schneider - o "coleccionador de ossos"- estava

se vingando tanto da própria cidade quanto de suas inocentes vítimas.

Lincoln Rhyme recostou-se outra vez no travesseiro e voltou a olhar para a tabela do perfil.

Terra é mais pesada do que qualquer outra coisa.

E a terra em si, a poeira de um núcleo de ferro, e ela não mata cortando o ar dos pulmões, mas ao comprimir as células até que elas morrem

do pânico da imobilidade.

Sachs desejou que tivesse morrido. Rezou para morrer. Logo. De medo ou de um ataque cardíaco. Antes que a primeira pá de terra lhe atingisse

o rosto. Rezou por isso com mais força do que Lincoln Rhyme rezava pelos

comprimidos e pela bebida.

Deitada na cova que o elemento desconhecido tinha cavado em seu próprio quintal, sentiu o acúmulo da terra rica, densa e cheia de vermes

acompanhando os contornos de seu corpo.

Sadicamente, ele a estava enterrando devagar, lançando apenas uma pá

rasa de cada vez, espalhando cuidadosamente a areia em torno dela. Começou

com os pés. Nesse momento, chegava à altura do peito, a terra entrando no

roupão em volta de seus seios como se fossem os dedos de um amante.

Mais pesada, cada vez mais pesada, comprimindo, prendendo os pulmões: só podia sugar um pouco de ar de cada vez. Ele parou uma ou duas

vezes para olhá-la e, em seguida, recomeçou.

Ele gosta de olhar...

Mãos por baixo do corpo, pescoço espichando-se para manter a cabeça acima da maré de terra que subia.

Finalmente, o peito foi coberto por completo. Os ombros, a garganta.

A terra fria subiu para a pele quente do rosto e foi comprimida em volta da

cabeça, impedindo-a de mexê-la. Finalmente, ele se curvou e arrancou a fita da

boca. Quando tentou gritar, ele lhe jogou um punhado de terra no rosto. Ela

arrepiou-se, sufocada com a terra preta. Ouvidos ressoando, ouvindo, por

alguma razão, uma velha canção da infância - The Green Leaves of Summer, uma

canção que o pai tocava repetidamente no hi-fi. Triste, obcecante. Fechou os

olhos. Tudo estava ficando preto. Abriu a boca mais uma vez e recebeu outra

golfada de terra.

Esquecer os mortos...

E ficou embaixo da terra.

Inteira e imóvel. Nem sufocando nem arquejando - a terra era uma vedação perfeita. Não tinha ar nos pulmões, não podia emitir som algum.

Silêncio, exceto pela melodia obcecante e o rugido cada vez maior nos

ouvidos.

Em seguida, a pressão no rosto cessou quando o corpo ficou

dormente, tão dormente quanto o de Lincoln Rhyme. A mente começou a

fechar-se.

Escuridão, escuridão. Nenhuma notícia do pai. Nenhuma notícia de Nick... Nenhum sonho de passar da quarta para a quinta marcha e chegar a três dígitos no velocímetro.

Escuridão.

Esquecer os...

A massa pressionando-a, empurrando, empurrando. Vendo apenas uma imagem: a mão erguendo-se da cova na manhã de ontem, pedindo compaixão. Quando nenhuma compaixão seria oferecida.

Acenando para ela, para que a seguisse.

Rhyme, vou sentir falta de você.

Esquecer...

CAPÍTULO XXXIV

Alguma coisa bateu em sua testa. Com força. Sentiu a batida, mas não a dor.

O que, o quê? A pá? Um tijolo? Talvez, em um momento de compaixão, 238 tivesse resolvido que morte lenta era mais do que qualquer

pessoa podia suportar e estivesse lhe procurando a garganta para cortar as

veias.

Outro golpe, mais outro. Não podia abrir os olhos, mas estava consciente de luz crescendo em volta. Cores. Cuspiu com força um bocado de

terra e tomou pequenas respirações, tudo que podia. E começou a tossir em

um zurro alto, vomitando, escarrando.

Abriu subitamente as pálpebras e, com olhos lacrimejantes, teve uma

visão borrada de Lon Sellitto ajoelhado a seu lado, além de dois paramédicos

da UOE, um dos quais enfiou em sua boca dedos calçados de látex e puxou

mais terra, enquanto o outro preparava uma máscara de oxigênio ligada a um

tanque verde.

Sellitto e Banks continuaram a descobrir o corpo, afastando com as

mãos musculosas a terra para longe. Colocaram-na sentada e o roupão ficou

para trás, como se fosse uma pele descartada. Sellitto, velho divorciado que

era, desviou castamente a vista do corpo de Sachs, enquanto punha o paletó

em volta dos ombros. O jovem Jerry Banks olhou, claro, mas ela, afinal de

contas, o adorava.

- Vocês... o...? - perguntou ela com um espirro e, em seguida, sucumbiu a um acesso de tosse dilacerante.

Sellitto olhou interrogativamente para Banks, o mais sem fôlego dos dois. Ele devia ter sido o que mais tinha corrido no encalço do elemento

desconhecido. O jovem detetive sacudiu a cabeça.

- Escapou.

Espigando-se, sentada, Sachs inalou oxigênio durante um momento.

- Como? - perguntou ela. - Como foi que vocês souberam?

- Rhyme - respondeu ele. - Não me pergunte como. Ele lançou um 10-13 a todo o pessoal da equipe. Quando soube que estávamos bem,

mandou-nos vir para cá. Para ontem, disse ele.

Nessa ocasião, o torpor desapareceu, de estalo, em um relâmpago. E,

pela primeira vez, ela compreendeu o que quase tinha acontecido. Deixou cair

a máscara de oxigênio, recuou em pânico, lágrimas escorrendo, o ganido de

pânico tornando-se cada vez mais alto:

- Não, não, não...

Começou a bater nos braços e coxas, frenética, tentando sacudir para

longe o horror que se colava a ela como se fosse um enxame de abelhas.

- Oh, Deus, oh, Deus... Não...

- Sachs? - disse Banks, alarmado. - Ei, Sachs?

O detetive mais velho afastou o parceiro com um gesto.

- Está tudo bem.

Envolveu-lhe os ombros com os braços quando ela caiu de quatro no chão e vomitou violentamente, soluçando, soluçando, apertando em desespero a terra entre os dedos como se quisesse estrangulá-la.

Por fim acalmou-se e sentou-se sobre a bunda nua. Começou a rir baixinho no começo e, em seguida, mais alto e mais alto, histérica, atônita ao

ver que os céus haviam se aberto e que estivera chovendo - grossos pingos de

verão - e que ela nem mesmo tinha percebido.

Braços em volta dos ombros dele. Rosto colado ao dele. Ficaram

assim durante um longo momento.

- Sachs... Oh, Sachs...

Amélia afastou-se da Clinatron e foi buscar uma velha espreguiçadeira

em um canto da sala. Usando calça de lã da Marinha e uma camiseta do Hunter

College - despencou na cadeira e passou as belas pernas sobre um dos braços,

como se fosse uma escolar.

- Por que nós, Rhyme? Por que ele veio atrás de nós?

A voz era um murmúrio rouco, consequência de toda terra que engolira.

- Porque os sequestrados não são as verdadeiras vítimas. Somos nós.

- Nós, quem?

- Não tenho certeza. Talvez a sociedade. Ou a municipalidade. Ou as

Nações Unidas. Voltei a ler a bíblia dele... o capítulo sobre James Schneider.

Lembra-se da teoria de Terry sobre o motivo pelo qual o elemento desconhecido deixava pistas?

- Como se fosse para tornar-nos seus cúmplices - disse Sellitto. - Para

dividir a culpa. Para lhe tornar mais fácil matar.

Rhyme inclinou a cabeça, concordando, mas acrescentou:

- Mas não acredito que a razão seja essa. Acho que as pistas foram uma maneira de nos atacar. Cada vítima morta era uma perda para nós.

Usando roupas velhas, os cabelos amarrados para trás em um rabo-de-

cavalo, Sachs parecia mais bela do que em qualquer outra ocasião nos dois

últimos dias. Mas os olhos estavam sombrios. Ela reviveria cada pá de terra,

pensou Rhyme, e achou tão insuportável a idéia de ser enterrado vivo que

precisou desviar a vista.

- O que ele tem contra nós? - perguntou ela.

- Não sei. O pai de Schneider foi preso por engano e morreu na prisão. Nosso elemento desconhecido? Quem sabe a razão? Só me preocupo

com provas...

-... e não com motivos - disse Amélia, terminando a frase por ele.

- Por que ele passou a nos perseguir diretamente? – perguntou Banks,

indicando Sachs com a cabeça.

- Nós achamos o esconderijo dele e salvamos a menininha. Acho que ele não nos esperava tão cedo assim. Talvez ele tenha simplesmente ficado

puto. Lon, todos nós vamos precisar de babás durante as 24 horas do dia. Ele

poderia simplesmente ter se mandado depois que salvamos a menina, mas

ficou por aqui para fazer alguma maldade. Você e Jerry, eu, Cooper, Haumann, Polling, todos nós estamos na lista dele, pode apostar. Enquanto

isso, mande os rapazes de Peretti à casa de Sachs. Tenho certeza de que ele a

manteve limpa, mas talvez possa haver alguma coisa por lá. Ele foi embora

muito mais rápido do que planejava.

- É melhor eu ir até lá - disse Sachs.

- Não - cortou-a Rhyme.

- Eu tenho que processar a cena.

- Você tem é que descansar um pouco - ordenou ele. - É isso que tem

de fazer, Sachs. Se não se importa que eu diga, você está um lixo.

- Isso mesmo, policial - reforçou Sellitto. - É uma ordem. Estou lhe

dizendo para ficar parada o resto do dia. Temos duzentos homens à procura

dele. E Fred Dellray lançou na busca mais 120 federais.

- Eu tenho uma cena de crime no meu próprio quintal e vocês não vão deixar que eu percorra a grade?

- Resumindo, é isso aí - disse Rhyme.

Sellitto foi até a porta.

- Algum problema com isso, policial?

- Não, senhor.

- Vamos, Banks, temos trabalho a fazer. Quer uma carona, Sachs?
Ou

ainda estão lhe confiando veículos?

- Não, obrigado, tenho minhas rodas lá embaixo - disse ela.

Os dois detetives saíram. Rhyme ouviu as vozes ecoando pelo vestíbulo vazio. Em seguida, a porta foi fechada e eles saíram.

Rhyme notou que as luzes cegantes do teto estavam ligadas. Clicou vários comandos e reduziu sua intensidade.

Sachs espreguiçou-se.

- Bem... - disse ela, exatamente no momento em que Rhyme dizia "Assim..."

Sachs olhou para o relógio.

- É tarde.

- Claro que é.

Levantando-se, foi até a mesa onde tinha deixado a bolsa. Pegou-a.

Abriu-a com um estalido. Puxou o pó compacto e examinou, no espelho, o

lábio cortado.

- Não parece tão ruim assim - comentou Rhyme.

- Frankenstein - respondeu ela, tocando o ferimento. – Por que eles não usam pontos cor de carne? - Guardou o espelho, pendurou a bolsa no

ombro. - Você moveu a cama - notou ela. - Para mais perto da janela.

- Thom fez isso. Agora posso olhar para o parque. Se quiser.

- Oh, isso é bom.

Foi até a janela. Olhou para baixo.

Oh, pelo amor de Deus, pensou Rhyme. Faça isso. O que é que pode acontecer? Impulsivamente, perguntou:

- Você quer ficar aqui? Quero dizer, está ficando tarde. E o pessoal de

Impressões Digitais Latentes vai empoeirar seu apartamento durante horas.

E sentiu uma pontada forte de prelibação bem no coração. Bem,

acabe com isso, pensou, furioso consigo mesmo. Até que o rosto dela se abriu

num sorriso.

- Eu gostaria.

- Ótimo. - O queixo lhe tremia com a descarga de adrenalina. -

Maravilhoso. Thom!

Escutar música, beber um pouco de uísque escocês. Talvez ele contasse mais alguma coisa sobre cenas de crime famosas. O historiador nele

estava também curioso sobre o pai dela, sobre o trabalho policial nas décadas

de 60 e 70. Sobre a mal-afamada delegacia de Midtown South, nos velhos dias.

- Thom! - berrou Rhyme. - Pegue alguns lençóis. E um cobertor.

Thom! Não sei que diabo ele está fazendo. Thom!

Sachs ia dizer alguma coisa quando o empregado apareceu à porta e disse secamente:

- Um único grito rude teria sido suficiente, como você sabe, Lincoln.

- Amélia vai passar a noite aqui outra vez. Você poderia arranjar alguns cobertores e travesseiros para o sofá?

- Não, o sofá novamente, não - protestou ela. - É a mesma coisa que

dormir sobre pedra.

Rhyme sentiu-se apunhalado por uma lasca de rejeição. E pensou melancolicamente: faz alguns anos desde que senti essa emoção. Resignado,

ainda assim sorriu e disse:

- Há um quarto lá embaixo. Thom pode arrumá-lo pra você.

Sachs, porém, recolocou a bolsa na mesa.

- Tudo bem, Thom. Você não precisa fazer isso.

- Não é trabalho nenhum.

- Está tudo bem. Boa noite, Thom. - E dirigiu-se para a porta.

- Bem, eu...

Amélia sorriu.

- Mas... - começou ele, olhando dela para Rhyme, que cerrou as sobrancelhas e sacudiu a cabeça.

- Boa noite, Thom - repetiu ela, firme. - Cuidado com onde pisa.

Fechou a porta lentamente, quando ele saiu para o corredor, e trancou-a com um alto clique.

Sachs chutou para longe os sapatos, tirou o agasalho e a camiseta.

Usava um sutiã de renda e calcinha frouxa de algodão. Subiu para a Clinatron

ao lado de Rhyme, demonstrando toda a autoridade que mulheres belas

exercem quando a questão é subir na cama com um homem.

Contorceu-se

sobre as bolinhas e riu.

- Esta cama é danada de boa - disse, espreguiçando-se como um gato.

Olhos fechados, perguntou: - Você se importa?

- Não, absolutamente.

- Rhyme?

- O quê?

- Fale mais um pouco sobre seu livro, tá? Mais algumas cenas de crimes?

Ele começou a descrever um esperto maníaco sexual do Queens, mas,

em menos de um minuto, ela pegou no sono.

Ele olhou de relance para baixo e notou os seios colados a seu peito, o

joelho descansando em sua coxa. Cabelo de mulher aninhou-se em seu rosto

pela primeira vez em anos. Fez cócegas. Havia esquecido que isso acontecia.

Para alguém que vivia tanto no passado, com uma memória tão boa, ficou

surpreso ao descobrir que não podia lembrar-se exatamente quando tinha

experimentado essa sensação pela última vez. O que podia lembrar era uma

série de noites com Blaine, antes do acidente, pensou. Mas lembrou-se de fato

de que havia resolvido suportar a coceira, e não empurrar para longe aqueles

fios de cabelo, para não perturbar a esposa.

Naquele momento, claro, não podia afastar os cabelos de Sachs, nem

mesmo se Deus tivesse pedido. Mas não pensaria em fazer isso. O que queria

era justamente o oposto: prolongar a sensação até o fim do universo.

CAPÍTULO XXXV

Na manhã seguinte, Lincoln Rhyme ficou mais uma vez sozinho.

Thom foi fazer compras e Mel Cooper voltou a trabalhar no

laboratório da DIRC, no centro. Vince Peretti tinha completado o trabalho de

CC na mansão da East Van Brevoort e na casa de Sachs.

Infelizmente, tinham

encontrado pouquíssimas provas, embora Rhyme atribuísse a falta de PM à

inteligência do elemento desconhecido, e não aos escassos talentos de Peretti.

Aguardava nesse momento o relatório sobre a cena do crime.
Dobyns

e Sellitto, porém, acreditavam que 238 havia se enfurnado em algum lugar -

pelo menos temporariamente. Não houve mais ataques à polícia e não houve

denúncia de outras vítimas de sequestro nas últimas doze horas.

O guarda-costas de Sachs - um patrulheiro corpulento - a

acompanhou até uma consulta com um otorrinolaringologista em um hospital

no Brooklyn. A areia fez um grande estrago em sua garganta. O próprio

Rhyme estava nesse momento com um guarda-costas - um policial

uniformizado da 20ª Delegacia, estacionado em frente de sua casa - um

policial simpático que conhecia há anos e com o qual gostava de discutir sobre

os méritos da turfa irlandesa em comparação com a turfa escocesa na

produção de uísque.

Estava em um excelente estado de espírito. Ligou para baixo pelo telefone interno:

- Estou esperando um médico dentro de umas duas horas. Você pode

deixá-lo subir.

O policial disse que tudo bem.

O Dr. Williard Berger tinha garantido que, nesse dia, chegaria na hora

marcada.

Rhyme recostou-se no travesseiro e percebeu que não estava inteiramente sozinho. No peitoril da janela, os falcões andavam de um lado

para outro. Raramente agitados, eles pareciam nervosos. Outra frente fria

estava se aproximando. A janela mostrava um céu calmo, mas podia-se confiar

nas aves. Elas eram barômetros infalíveis.

Olhou para o relógio de parede. Onze horas da manhã. Ali estava ele,

exatamente como dois dias antes, esperando a chegada de Berger. A vida é

assim, pensou, um adiamento em cima de outro, mas, no fim, com alguma

sorte chegamos aonde queremos estar.

Ficou vendo programas de televisão durante vinte minutos, procurando reportagens sobre os seqüestros. Todas as estações, porém,

estavam exibindo reportagens especiais sobre a inauguração da conferência da

ONU. Achou tediosa a cobertura e passou para uma reprise de Matlock,

voltou a uma deslumbrante repórter da CNN do lado de fora do prédio da

ONU e, em seguida, desligou a droga do aparelho.

O telefone tocou e ele iniciou a complicada gesticulação para atender.

- Alô.

Houve uma pausa, antes de ouvir uma voz de homem:

- Lincoln?

- Sim?

- Jim Polling. Como está você?

Rhyme deu-se conta de que não tivera muitos contatos com o capitão

desde o início da véspera, exceto pela entrevista coletiva na noite anterior,

quando ele serviu de ponto de teatro para as respostas do prefeito e do chefe

Wilson.

- Bem. Alguma notícia de nosso elemento desconhecido? - perguntou.

- Nada ainda. Mas vamos pegá-lo. - Outra pausa. - Ei, você está sozinho ?

- Estou.

Uma pausa mais longa.

- Tudo bem se eu der uma passada por aí?

- Claro.

- Dentro de meia hora?

- Estarei aqui - respondeu jovialmente Rhyme.

Descansou a cabeça no grosso travesseiro e os olhos passaram para a

corda de varal com o nó, pendurada ao lado da tabela do perfil.

Ainda

nenhuma solução sobre o nó. Era - e riu alto com a piada - um fio solto.

Odiou a idéia de deixar o caso sem descobrir que tipo de nó era aquele. Em

seguida, lembrou-se que Polling era um pescador. Talvez ele reconhecesse...

Polling, refletiu Rhyme.

James Polling...

Era curioso que o capitão tivesse insistido para que ele se encarregasse

do caso. E como lutou para mantê-lo nessa posição, em vez de Peretti - que,

politicamente, era a melhor opção para ele, Polling. Lembrou-se também

como ele perdeu a paciência com Dellray quando o federal tentou tomar, na

marra, o caso do DPNY.

Agora que pensava sobre isso, todo o envolvimento de Polling no caso era um mistério. O 238 não era o tipo de assassino que uma pessoa se

ofereceria para capturar - mesmo que estivesse à procura de casos suculentos

para enfeitar o currículo. Eram grandes demais as probabilidades de perder

vítimas, grandes demais as oportunidades de a imprensa - e os chefões -

caírem no couro do cara por ter feito merda.

Polling... Lembrou-se de como ele tinha passado rapidamente por seu

quarto, perguntara sobre o progresso obtido e fora embora.

Claro, ele estava subordinado ao prefeito e ao chefe. Mas - e o pensamento aflorou subitamente à mente - haveria alguém mais a quem

Polling prestasse contas?

Alguém que quisesse manter-se a par das investigações? O próprio elemento desconhecido?

Mas como, em nome de Deus, Polling podia ter qualquer ligação com

238? Parecia...

E nesse momento, uma luz.

Poderia Polling ser o elemento desconhecido?

Claro que não. Isso era ridículo. Risível. Mesmo pondo de lado motivo e meios, havia a questão da oportunidade. O capitão estava ali, em seu

quarto, quando ocorreram os sequestros...

Estava mesmo?

Rhyme ergueu a vista para a tabela do perfil.

Roupa escura e calça comprida amassada de algodão. Polling usando roupa esporte escura nos últimos dias. Mas e daí? O mesmo acontecia com

um bocado de...

No térreo, uma porta foi aberta e fechada.

- Thom?

Nenhuma resposta. O empregado não era esperado ainda durante horas.

- Lincoln?

Oh, não. Diabo. Começou a discar o ECU.

9-1-

Com o queixo, tocou e levou o cursor para 2.

Passos na escada.

Tentou nova discagem, mas, em desespero, empurrou a vareta para longe de seu alcance.

E Jim Polling entrou no quarto. Rhyme esperava que o guarda-costas ligasse primeiro de lá de baixo. Mas qualquer policial de ronda deixaria um

capitão de polícia entrar sem pensar duas vezes.

O paletó escuro de Polling estava aberto e Rhyme viu a automática na

cintura. Não pôde ter certeza se era uma arma regulamentar. Mas sabia que

Colts .32 figuravam na lista de armas pessoais aprovadas do DPNY.

- Lincoln - disse Polling.

Estava evidentemente nervoso, cauteloso. Os olhos dele caíram sobre

o fragmento esbranquiçado de coluna vertebral.

- Como vai você, Jim?

- Nada mal.

Polling, o homem que gostava de vida ao ar livre. Teria a cicatriz na impressão digital do dedo sido deixada por anos jogando uma linha de pesca

na água? Ou por um acidente com uma faca de caça? Tentou olhar, mas

Polling mantinha as mãos enfiadas nos bolsos. Estaria ele segurando alguma

coisa ali? Um canivete?

Polling, sem a menor dúvida, conhecia trabalho de polícia técnica e cenas de crime - sabia como não deixar provas.

A máscara de esquiador? Se Polling era o elemento desconhecido, ele

teria que usar a máscara, claro - porque uma das vítimas poderia vê-lo mais

tarde. Quanto à loção após barba... e se o elemento desconhecido não tivesse

usado absolutamente aquele produto, mas apenas levado um vidro consigo,

borrifando algumas cenas de crime para levá-los a acreditar que usava Brut?.

De modo que, quando ele aparecesse por ali, não usando nenhuma loção,

ninguém desconfiaria dele.

- Você está sozinho? - perguntou Polling.

- Meu assistente...

- O policial lá embaixo disse que ele ia demorar.

Rhyme hesitou por um momento:

- Isso é verdade.

Polling era enxuto de corpo mas forte, um homem de cabelos amarelados. Lembrou-se das palavras de Terry Dobyns: uma pessoa

prestativa, de boa reputação. Assistente social, conselheiro psicológico,

político. Alguém que ajudava outras pessoas.

Como um policial.

E pensou nesse momento se estava prestes a morrer. E, com um choque, reconheceu que não queria isso.

Polling aproximou-se da cama.

Ainda assim, nada havia que pudesse fazer. Estava inteiramente à mercê daquele homem.

- Lincoln - repetiu gravemente Polling.

Os olhos se encontraram e a sensação de uma conexão elétrica tocou

os dois. Fagulhas secas. O capitão olhou rapidamente pela janela.

- Você andou especulando, não?

- Especulando?

- Por que eu o queria à frente desse caso.

- Pensei que era por causa de minha personalidade.

Essas palavras provocaram um sorriso no capitão.

- Por que você me quis, Jim?

O capitão cruzou os dedos. Finos, mas fortes. As mãos de um pescador, um esporte que, sim, pode ser cavalheiresco, mas cujo objetivo é,

apesar de tudo, arrancar um pobre animal de seu lar e abrir-lhe a barriga macia

com uma faca afiada.

- Há quatro anos, o caso Shepherd. Trabalhamos juntos nele.

Rhyme inclinou a cabeça.

- Os operários encontraram corpo daquele policial na parada do metrô.

Um gemido, lembrou Rhyme como o som do Titanic afundando no

filme A Night to Remember. Em seguida, uma explosão alta como um tiro,

quando a viga caiu sobre seu infeliz pescoço e a areia lhe cobriu o corpo.

- E você processou a cena. Você mesmo, como sempre fazia.

- Fiz isso, sim.

- Sabe como condenamos Shepherd? Tivemos uma testemunha.

Uma testemunha? Rhyme nunca tinha ouvido falar nisso. Após o

acidente, perdera qualquer contato com o caso, exceto saber que Shepherd foi

condenado e que, três meses depois, acabou assassinado a facadas na ilha

Riker por um agressor jamais capturado.

- Urna testemunha ocular - continuou Polling. - Ele reconheceu

Shepherd na casa de uma das vítimas, tendo consigo a arma do crime. - O

capitão aproximou-se mais da cama e cruzou os braços. -

Encontramos a

testemunha um dia antes de encontrarmos o último corpo... aquele no metrô.

Antes que eu pedisse que você processasse a cena do crime.

- O que é que você está dizendo, Jim?

Os olhos do capitão voltaram-se para o chão.

- Nós não precisávamos de você. Não precisávamos de seu relatório.

Rhyme ficou calado. Polling inclinou a cabeça.

- Entende o que estou dizendo? Eu queria tanto prender aquele canalha do Shepherd... Eu queria um caso à prova de qualquer dúvida. E você

sabe o que um relatório de Lincoln Rhyme sobre cena de crime faz com

advogados de defesa. Eles se cagam todos.

- Mas Shepherd teria sido condenado mesmo sem meu relatório sobre

a cena do metrô.

- Isso é verdade, Rhyme. Mas é pior do que isso. Entenda, eu recebi um aviso da MTA Engineering, dizendo que aquele canteiro de obras não era

seguro.

- O canteiro do metrô. E você me mandou trabalhar na cena antes que

eles a tornassem segura?

- Shepherd era um matador de policiais. - O rosto de Polling

contorceu-se de nojo. - Eu queria muito pegá-lo. Eu teria feito tudo para

pegá-lo. Mas...

Baixou a cabeça para as mãos.

Rhyme permaneceu calado. Ouviu o gemido da viga, a explosão da madeira se partindo. Em seguida, o farfalhar de terra caindo em volta de seu

corpo. Sentiu uma paz curiosa, quente, no corpo, enquanto o coração

disparava de pavor.

- Jim...

- Foi por isso que quis você neste caso, Lincoln. Entende?- Uma expressão de sofrimento cruzou o rosto duro do capitão. Ele olhou fixamente

para o disco de coluna vertebral sobre a mesa. – Continuei a ouvir essas

histórias, de que sua vida era uma merda. Que você estava se acabando aqui.

Falando em se matar. E me senti horrivelmente culpado. Eu queria lhe dar de

volta uma parte de sua vida.

- E você tem convivido com isso pelos três últimos anos – disse

Rhyme.

- Você me conhece, Lincoln. Todo mundo me conhece. Prendo alguém, ele me causa alguma merda de problema, e ele morre. Sinto tesão por

alguns criminosos. Não paro até que o filho da puta seja preso e condenado.

Não posso controlar isso. Sei que, às vezes, desgracei pessoas. Mas elas eram

criminosos... ou suspeitos, pelo menos. Elas não eram minha gente, não eram

policiais. O que aconteceu com você... isso foi um pecado. Foi simplesmente

uma bosta de um erro.

- Eu não era nenhum recruta - disse Rhyme. - Não tinha que processar

uma cena que considerasse insegura.

- Mas...

- Cheguei em hora errada? - disse da porta outra voz.

Rhyme levantou a vista, esperando ver Berger. Mas era Peter Taylor quem tinha subido a escada. Rhyme lembrou-se de que ele viria naquele dia

para examiná-lo, após aquele ataque de disreflexia. Achava também que o

médico ia lhe dizer o diabo sobre Berger e a Sociedade Lethe. Não estava no

estado de espírito de tolerar isso, queria um tempo a sós... para digerir a

confissão de Polling. No momento, ele estava simplesmente ali, entorpecido

como a sua coxa. Mas disse:

- Entre, Peter.

- Você tem um sistema de segurança muito engraçado, Lincoln. O

guarda perguntou se eu era médico e me deixou subir. O quê?
Advogados e

contadores são chutados pra longe?

Rhyme riu.

- Estarei com você dentro de um segundo. - Virou-se para Polling. -
É

o destino, Jim. Foi isso o que me aconteceu. Eu estava no lugar errado, na

ocasião errada. Essas coisas acontecem.

- Obrigado Lincoln.

Polling pôs a mão sobre o ombro direito de Rhyme e apertou-o suavemente.

Rhyme inclinou a cabeça e, para desviar a gratidão embaraçosa, apresentou os dois:

- Jim, este é Pete Taylor, um de meus médicos. E este aqui é Jim

Polling. Trabalhamos juntos no passado.

- Prazer em conhecê-lo - disse Taylor, estendendo a mão direita.

Era um gesto generoso e os olhos de Rhyme o seguiram, notando, por

alguma razão, a profunda cicatriz em forma de crescente no indicador direito

de Taylor.

- Não! - berrou Rhyme.

- Então, você é um policial também.

Taylor agarrou firmemente a mão de Polling, enquanto enfiava a faca,

mantida firme na mão esquerda, três vezes no peito do capitão, passando-a

em volta das costelas com a delicadeza de um cirurgião. Indubitavelmente

para não arranhar o osso precioso.

CAPÍTULO XXXVI

Em duas longas passadas, Taylor chegou à cama. Arrancou o controle

ECU do dedo de Rhyme e jogou-o para o outro lado da sala.

Rhyme inspirou para gritar. O médico, porém, disse:

- Ele está morto, também. O vigilante.

E indicou com a cabeça a porta, referindo-se ao guarda-costas. E ficou

olhando fascinado enquanto Polling estrebuchava como um animal com a

espinha partida, esguichando sangue pelo chão e paredes.

- Jim! - exclamou Rhyme. - Não, oh, não...

As mãos do capitão se dobraram sobre o peito ferido. Um gorgolejo repugnante saiu de sua garganta e encheu o quarto, acompanhado de batidas

frenéticas dos sapatos no chão, enquanto morria. Os olhos vidrados, pintalgados de sangue, fitavam o teto.

Virando-se para a cama, Taylor manteve os olhos em Lincoln Rhyme, enquanto dava uma volta em torno dela. Circulou devagar, o canivete na mão.

Respirava com dificuldade.

- Quem é você? - arquejou Rhyme.

Em silêncio, Taylor deu um passo à frente, pôs os dedos em volta do braço de Rhyme, apertou várias vezes o osso, talvez com força, talvez não. A

mão desceu para o dedo anular esquerdo. Tirou-o do ECU e acariciou-o com

a lâmina gotejante do canivete. Enfiou a ponta aguda sob uma unha.

Rhyme sentiu uma leve dor, uma sensação fraca. Em seguida, mais

forte. Arquejou.

Nesse momento, Taylor notou alguma coisa e imobilizou-se. Abriu a boca de espanto. Inclinou-se à frente. Olhou para o exemplar do Crime in Old

New York, montado na armação de leitura.

- Então foi assim que... Você descobriu, realmente... Os vigilantes devem estar orgulhosos de contar com você em suas fileiras, Lincoln Rhyme.

Pensei que passariam dias antes que você chegasse à casa. Eu pensava que, a

essa altura, Maggie já teria sido comida até os ossos pelos cães.

- Por que você está fazendo isso? - perguntou Rhyme.

Taylor, porém, não respondeu. Examinava-o com todo cuidado, falando baixo, em parte apenas para si mesmo:

- Você não era tão competente assim, sabia? Nos velhos dias.

Naqueles tempos você deixou passar muitas coisas, não? Nos velhos dias.

Nos velhos dias... O que era que ele queria dizer com isso?

Sacudiu a cabeça com indícios de calvície, os cabelos grisalhos - não castanhos - e lançou um olhar ao manual de polícia técnica escrito por Rhyme.

Havia reconhecimento em seus olhos e, aos poucos, Rhyme começou a

compreender.

- Você leu meu livro - disse o criminalista. - Estudou-o. Na biblioteca, certo? Na filial da Biblioteca Pública perto de sua casa:

O vinte e três era, afinal de contas, um leitor.

De modo que ele conhecia os métodos usados em CCs. Esse o

motivo por que varria com tanto cuidado o chão, por que usava luvas gastas,

tocava em superfícies lisas que a maioria dos criminosos não teria pensado

que conservaria impressões digitais, por que borrifava loção após barba nas

cenas do crime - por que sabia, exatamente, o que Sachs procuraria.

E, claro, o manual não era o único livro que ele tinha lido.

Leu o Scenes of the Crime, também. Foi esse livro que lhe deu a idéia de

deixar pistas propositadamente - pistas da Velha Nova York. Pistas que só

Lincoln Rhyme poderia compreender.

Taylor pegou o disco de coluna vertebral, que tinha lhe dado oito meses antes. Apertou-o distraído entre os dedos. E Rhyme viu no presente,

tão comovente naquele tempo, o horrível prefácio que de fato era.

Os olhos de Taylor estavam desfocados, distantes. Lembrou-se de que

tinha visto isso antes - quando o examinou nos meses anteriores. Havia

atribuído isso à concentração do médico, mas, nesse momento, sabia que era

loucura. O controle que ele lutava para manter estava desaparecendo.

- Diga - pediu. - Por quê?

- Por quê? - murmurou Taylor, passando a mão pela perna de Rhyme,

sentindo mais uma vez joelho, canela, tornozelo. - Porque você era algo

notável, Rhyme. Único. Você era invulnerável.

- O que quer dizer com isso?

- Como é que podemos castigar um homem que quer morrer? Se o matamos, fazemos o que ele quer. De modo que tive de fazer você querer

viver.

A solução ocorreu finalmente a Rhyme. Os velhos dias...

- Foi falso, não? - perguntou baixinho. - O laudo do óbito do legista de Albany. Você mesmo o escreveu.

Colin Stanton. O Dr. Taylor era Colin Stanton.

O homem cuja família tinha sido massacrada à sua frente nas ruas de

Chinatown. O homem que ficou paralisado em frente aos corpos da esposa e

dos filhos, enquanto sangravam até morrer, e que não pôde fazer a opção

obscena sobre qual deles deveria salvar.

Você deixava passar coisas. Nos velhos dias.

O fato de ficar observando as vítimas: T.J. Colfax, Monelle e Carole

Ganz. Ele se arriscou a ser capturado ao ficar por perto e olhar para elas - da

mesma maneira que Stanton tinha ficado olhando para a família, vendo-os

morrer. Queria vingança, mas era um médico, que havia jurado jamais tirar

uma vida e, a fim de matar, tinha que se transformar em seu ancestral

espiritual - no colecionador de ossos, James Schneider, um louco do século

XIX cuja família tinha sido destruída pela polícia.

- Depois que saí do hospital de doenças mentais, voltei a Manhattan.

Li o relatório do inquérito, informando que você não percebeu a presença do

assassino na cena do crime, que ele saiu do apartamento. Eu sabia que tinha

que matá-lo. Mas não podia. Não sei por quê... Continuei a esperar, a esperar

que acontecesse alguma coisa. Nessa ocasião, descobri o livro. James

Schneider... Ele tinha passado exatamente pelo que passei. Ele tinha feito

aquilo. Eu podia fazer o mesmo, também. Eu OS reduzi até o osso.

- O laudo cadavérico - disse Rhyme.

- Certo. Eu mesmo o redigi em meu computador e enviei-o por fax ao

DPNY, de modo a que não pudessem suspeitar de mim. Em seguida, tornei-

me outra pessoa. O Dr. Peter Taylor. Não compreendi até muito depois o

motivo por que escolhi esse nome. Você consegue descobrir a razão? - Os

olhos de Stanton desviaram-se para a tabela. - A resposta está lá.

Rhyme examinou o perfil.

- Conhece alemão básico.

- Schneider! - disse Rhyme, suspirando. - Ê a palavra alemã para Taylor.

Stanton confirmou com um aceno de cabeça.

- Passei semanas na biblioteca, lendo tudo sobre trauma na coluna vertebral e, em seguida, liguei para você, disse que seu caso tinha sido

recomendado a mim pela SCI, da Universidade de Columbia. Pensei em matá-

lo durante a primeira consulta, cortar sua carne em tiras, uma de cada vez,

deixar que sangrasse até morrer. Isso poderia ter levado horas. Até dias. Mas o

que foi que aconteceu? - Os olhos dele se escancararam. - Descobri que você

queria se matar.

Inclinou-se mais para Rhyme.

- Puxa, ainda me lembro da primeira vez em que o vi. Seu filho da puta. Você estava morto. Eu sabia o que tinha que fazer... tinha que fazê-lo

querer viver. Eu tinha, mais uma vez, que lhe dar um objetivo na vida.

Dessa maneira, não importava quem ele sequestrasse. Qualquer um serviria.

- Você nem mesmo se importava se as vítimas viviam ou morriam.

- Claro que não. Tudo o que eu queria era obrigar você a tentar salvá-

las.

- O nó - perguntou Rhyme, notando a volta na corda de varal ao lado

do pôster. - Era um ponto cirúrgico?

Ele inclinou a cabeça.

- Claro. E a cicatriz no seu dedo?

- Meu dedo? - Ele franziu as sobrancelhas. - Como foi que você... O

pescoço dela! Você tirou a impressão digital do pescoço dela, de Hanna. Eu

sabia que era possível. Não pensei nisso. - Ficou furioso consigo mesmo. -

Quebrei um copo na biblioteca do hospital de doenças mentais. - E

continuou: - Para cortar os punhos. Apertei-o tanto que o copo quebrou. -

Como um louco, mostrou a cicatriz no indicador da mão esquerda.

- As mortes - disse Rhyme em voz calma - de sua mulher e das crianças. Foi um acidente. Um terrível acidente horroroso. Mas não intencional. Foi um erro. Sinto muito por você e por eles.

Em voz monótona, Stanton repreendeu-o:

- Lembra-se do que você escreveu? No prefácio de seu manual? - E

recitou com absoluta fidelidade ao original: - "O criminalista sabe que para

cada ação há uma consequência. A presença do perpetrador altera todas as

cenas de crime, por mais sutilmente que isso aconteça. É por esse motivo que

podemos identificar e localizar criminosos e conseguir que a justiça seja

feita."- Stanton agarrou Rhyme pelos cabelos e puxou-lhe a cabeça para a

frente. Estavam a centímetros um do outro. Rhyme sentiu o cheiro da

respiração do louco, observou uma fina camada de suor sobre a pele cinzenta.

- Bem, eu sou a consequência de suas ações.

- O que vai conseguir com isso? Você me mata e eu não fico em pior situação do que aquela em que estive.

- Oh, mas eu não vou matá-lo. Ainda não. - Soltou os cabelos de

Rhyme e deu um passo para trás. - Você quer saber o que vou fazer? -

perguntou baixinho. - Vou matar seu médico, Berger. Mas não da maneira

como ele está acostumado a matar. Oh, para ele nada como analgésicos e

bebida alcoólica. Vamos descobrir como é que ele vai gostar de morte no

velho estilo. Em seguida, seu amigo Sellitto. E a policial Sachs? Ela, também.

Ela teve sorte uma vez. Mas eu a pego na próxima. Outro enterro para ela. E

Thom, também, claro. Ele vai morrer bem aqui, na sua frente. Vou trabalhar

nele até chegar ao osso... Com perfeição e devagar. - Stanton respirava em

acelerado. - Talvez a gente cuide dele hoje. Quando é que ele vai voltar?

- Eu cometi os erros. É minha... - De repente, Rhyme tossiu com

força. Pigarreou e recuperou o fôlego. - Foi culpa minha. Faça o que quiser

comigo.

- Não, todos vocês pagarão. E...

- Por favor. Você não pode...

Rhyme começou a tossir. A tosse se transformou em um acesso.

Mas conseguiu controlá-lo. Stanton fitou-o.

- Você não pode fazer mal a eles. Eu farei o que quer que...

A voz de Rhyme prendeu-se na garganta. A cabeça voou para trás, os

olhos se esbugalharam.

E a respiração de Lincon Rhyme parou por completo. A cabeça bateu,

os ombros tremeram violentamente. Os tendões do pescoço endureceram

como se fossem cordas de aço.

- Rhyme! - exclamou Stanton.

Cuspindo, saliva voando dos lábios, Rhyme tremeu uma, duas vezes, pareceu que um terremoto passava por todo seu corpo. A cabeça caiu para

trás, sangue escorreu por um canto da boca.

- Não!- berrou Stanton, e bateu com as mãos no peito de Rhyme. -
Você não pode morrer!

O médico ergueu-lhe as pálpebras e só viu branco.

Abriu violentamente a maleta de Thom, preparou uma injeção para controlar pressão arterial e aplicou-a. Puxou o travesseiro para longe e

colocou Rhyme na horizontal. Inclinou para trás a cabeça mole, limpou os

lábios e colou a boca à boca de Rhyme, soprando com força nos pulmões

parados.

- Não! - disse furioso. - Não vou deixar você morrer! Você não pode morrer!

Nenhuma reação.

Mais uma vez. Examinou os olhos imóveis.

- Acorde! Acorde!

Outra respiração boca-a-boca. Batendo no peito imóvel.

Em seguida, recuou, paralisado pelo pânico e o choque, olhando, olhando, observando-o morrer à sua frente.

Finalmente, inclinou-se e, pela última vez, soprou profundamente na boca de Rhyme.

E quando Stanton virou a cabeça e baixou o ouvido para escutar o leve som de respiração, qualquer som taca de respiração, qualquer minúscula

exalação, a cabeça de Rhyme projetou-se à frente como num ataque de

serpente. Ele cavou os dentes no pescoço de Stanton, rasgando a carótida e

pejando uma parte da própria espinha daquele homem.

Até o...

Stanton gritou e tropeçou para trás, puxando Rhyme por cima dele.

Juntos, caíram como uma pilha no chão. O sangue quente, vermelho-

acobreado, jorrou e continuou a jorrar, enchendo a boca de Rhyme.

...OSSO.

Seus pulmões, seus pulmões de assassino, já haviam passado um minuto sem ar, mas ele recusou-se a aliviar nesse momento a mordida e

respirar, ignorando as dores excruciantes dentro da bochecha, onde tinha

mordido a pele tenra, tirando sangue para dar credibilidade a seu falso ataque

de disreflexia. Rosnou de raiva - vendo Amélia Sachs ser enterrada na terra,

vendo o vapor cobrir o corpo de T.J. Colfax - e sacudiu a cabeça, sentindo o

estalo de osso e cartilagem que se quebravam.

Batendo violentamente no peito de Rhyme, Stanton gritou

novamente, escoiceando para livrar-se do monstro que havia se plugado nele.

O aperto de Rhyme, porém, era inquebrável. Era como se o espírito de todos os músculos mortos de seu corpo tivesse subido para a mandíbula.

Stanton conseguiu arrastar-se para a mesinha-de-cabeceira e pegar o

canivete. Enfiou-o no corpo de Rhyme, uma, duas vezes. Mas os únicos

lugares que podia atingir eram as pernas e os braços do criminalista. A dor é

que incapacita, e a dor era a única coisa à qual Lincoln Rhyme estava imune.

O torno das mandíbulas apertou ainda mais e o grito de Stanton foi cortado quando a traquéia cedeu. Ele enfiou fundo a lâmina do canivete no

braço de Rhyme. Que parou quando atingiu o osso. Começou a puxá-la para

atacar de novo, mas, nesse momento, o corpo imobilizou-se, entrou em

seguida em espasmo violento e, mais uma vez e subitamente, amoleceu por

completo.

Stanton tombou, puxando Rhyme por cima. Com um alto estalo, a cabeça do criminalista bateu no piso de carvalho. Ainda assim, não o soltou.

Apertou com força e continuou a esmagar o pescoço daquele homem,

sacudindo-o, rasgando a carne como um leão esfomeado, enlouquecido pelo

sangue e pela satisfação imensurável de desejo ardente satisfeito.

Parte 5

QUANDO VOCÊ SE MOVE, ELES

NÃO PODEM PEGÁ-LA

“O dever do médico não é prolongar a vida,
mas acabar com o sofrimento!”

Dr. Jack Kevorkian

CAPÍTULO XXXVII

Segunda-feira, das 7:15 às 10:00 da noite

Já era quase noite quando Amélia Sachs cruzou a porta da casa de Rhyme.

Não usava mais o costume de malha, de ginástica. Nem uniforme.

Usava jeans e uma blusa verde-floresta. No belo rosto, Rhyme viu vários

arranhões que não reconheceu, embora, dados os fatos dos três últimos dias,

achasse que aqueles ferimentos não haviam sido auto-infligidos.

- Argh - disse ela, contornando a parte do piso onde Stanton e Polling

havam morrido. O local tinha sido tratado com alvejante - com o corpo do

perpetrador ensacado, o trabalho de polícia técnica se tornava discutível - mas

a ilha cor-de-rosa da mancha era enorme.

Rhyme a observou parar e inclinar a cabeça num frio cumprimento ao

Dr. Berger, que se encontrava junto à janela dos falcões, tendo ao lado a

infame pasta de documentos.

- De modo que você o pegou, não? - perguntou, indicando a mancha com a cabeça.

- Peguei - confirmou ele. - Ele pegou.

- Tudo isso sozinho?

- Aquilo dificilmente foi uma luta leal - sugeriu ele. - Eu me obriguei a

bancar o morto.

No lado de fora, a luz líquida e vermelha do sol poente incendiou os topos de árvores e a fileira de elegantes prédios ao longo da Quinta Avenida,

do outro lado do parque.

Sachs lançou um olhar para Berger, que disse:

- Lincoln e eu estávamos tendo uma pequena conversa.

- Estavam?

Caiu um longo silêncio.

- Amélia - disse ele -, resolvi ir em frente com aquilo. Já decidi.

- Compreendo. - Os lábios maravilhosos, prejudicados pelas linhas pretas de minúsculos pontos cirúrgicos, cerraram-se ligeiramente. A única

reação visível dela. - Sabe de uma coisa? Odeio quando você usa meu primeiro

nome. Odeio com todo ódio.

De que maneira poderia explicar-lhe que ela era a principal razão por que ia em frente com o projeto de suicídio? Ao acordar naquela manhã, com

ela a seu lado, compreendeu com profunda mágoa que ela logo depois saltaria

da cama, se vestiria e sairia porta afora - para levar sua própria vida, para uma

vida normal. Ora, eles estavam tão condenados quanto amantes podiam ser -

se ousasse sequer pensar neles como amantes. Era apenas questão de tempo

até que ela conhecesse outro Nick e se apaixonasse. O caso do 238 estava

encerrado e sem aquilo para uni-los, suas vidas teriam que se separar. Era

inevitável.

Oh, Stanton foi mais sabido do que poderia ter imaginado. Ele havia

sido atraído mais uma vez para as fronteiras do mundo real e, sim, como se

moveu nele.

Sachs, eu menti. Às vezes, não podemos esquecer os mortos. Às vezes, temos apenas que seguir com eles...

Mãos crispadas, ela foi até a janela.

- Eu tentei descobrir um argumento-bomba para convencê-lo a desistir disso. Você sabe, alguma coisa realmente boa. Mas não consegui. A

única coisa que posso dizer é, apenas, que não quero que você faça isso.

- Trato é trato, Sachs.

Ela olhou para Berger.

- Merda, Rhyme.

Aproximando-se da cama, debruçou-se, pôs a mão no ombro dele, e acariciou-lhe a testa com os cabelos.

- Mas você fará uma única coisa por mim?

- O quê?

- Dê-me mais algumas horas.

- Não vou mudar de idéia.

- Eu compreendo. Só duas horas. Há uma coisa que você tem que

fazer em primeiro lugar.

Rhyme olhou para Berger, que disse:

- Não posso ficar aqui por muito mais tempo, Lincoln. Meu avião...
Se

quiser esperar uma semana, poderei voltar...

- Tudo bem, doutor - concordou Sachs. - Eu o ajudarei a fazê-lo.

- Você? - perguntou o médico, cauteloso.

Relutante, ela baixou a cabeça e disse:

- Ajudo.

Essa não era a natureza dela. Rhyme podia compreender

perfeitamente. Mas lançou a vista para os olhos azuis de Sachs, que, embora

molhados, estavam notavelmente claros.

- Quando eu estava... - disse ela - ...quando ele estava me enterrando,

Rhyme, não pude me mover. Nem um centímetro. Por um instante, quis em

desespero morrer. Não viver, apenas acabar logo com aquilo. Sei como você

se sente.

Rhyme inclinou devagar a cabeça e disse a Berger:

- Está tudo bem, doutor. Você poderia simplesmente deixar... qual é o

eufemismo do dia?

- Que tal "parafernália"? - sugeriu Berger.

- Você poderia deixá-la simplesmente aí, em cima da mesa?

- Tem certeza? - perguntou o médico a Sachs.

Ela inclinou mais uma vez a cabeça.

O médico pôs os comprimidos, o conhaque e o saco plástico em cima

da mesinha-de-cabeceira. Em seguida, procurou alguma coisa na pasta de

documentos.

- Não tenho aqui nenhum elástico, sinto muito. Para o saco.

- Tudo bem - respondeu Sachs, olhando para os próprios sapatos. -

Eu tenho alguns.

Berger aproximou-se mais da cama e pôs um braço no ombro de

Rhyme.

- Eu lhe desejo uma tranquila auto libertação.

- Autolibertação - comentou ele ironicamente quando Berger saiu. E

em seguida, voltando-se para Sachs: - Agora, o que é isso que eu tenho que

fazer?

Ela fez a curva a cinquenta por hora, raspou o chão e passou suavemente a quarta marcha.

O vento entrava forte pelas janelas abertas e lançava para trás os cabelos de ambos. As rajadas de vento eram brutais, mas, para Amélia Sachs,

nem pensar em dirigir com janelas fechadas.

- Isto seria antiamericano - anunciou ela, rompendo a barreira dos 160

km.

Quando você se move...

Rhyme sugeriu que seria mais prudente fazer a corrida na pista de treinamento do DPNY, mas não ficou surpreso quando Sachs disse que isso

era coisa de maricas. Tinha desistido da pista em sua primeira semana na

Academia. Nesse momento, portanto, estavam na estrada para Long Island,

com desculpas já preparadas para a polícia do condado de Nassau, ensaiadas, e

marginalmente convincentes.

- A coisa a respeito de alta velocidade é que a quinta marcha não é a

mais rápida. Ela é um dispositivo para medir quilometragem. Eu cago e ando

para quilometragem.

Em seguida, pegou a mão esquerda dele, colocou-a sobre o cabecote

preto da alavanca de câmbio, cobriu-a com a sua e reduziu a marcha.

O motor uivou e eles saltaram para duzentos por hora, enquanto árvores e casas voavam para trás e cavalos inquietos pastando nos campos

olhavam para o risco preto do Chevrolet.

- Este carro não é o máximo, Rhyme? - gritou ela. - Cara, melhor do que sexo. Melhor do que qualquer coisa.

- Posso sentir as vibrações - disse ele. - Acho que posso. No dedo.

Ela sorriu e ele achou que ela lhe apertara a mão com a sua.

Finalmente, acabou-se a estrada deserta, população apareceu e, relutante,

Sachs maneirou, deu a volta e apontou o nariz do carro para o crescente

indistinto da lua que se erguia sobre a cidade distante, quase invisível na

fumaça de um quente dia de agosto.

- Vamos tentar 250 - sugeriu ela.

Lincoln Rhyme fechou os olhos e perdeu-se na sensação do vento, do

perfume de relva recém-cortada, e da velocidade.

A noite era a mais quente do mês.

De sua nova perspectiva, Lincoln Rhyme podia olhar de cima para

baixo para o parque e ver tipos esquisitos sentados nos bancos, os corredores

exaustos, as famílias reclinadas em volta de fogueiras quase apagadas de

churrasco, como sobreviventes de uma batalha medieval. Algumas pessoas

que levavam cães para passear, incapazes de esperar que diminuísse o calor da

noite, cumpriam suas rondas obrigatórias, levando nas mãos saquinhos para

apanhar "aquilo".

Thom pôs para tocar um CD - o elegíaco Adágio para Cordas, de

Samuel Barber. Rhyme, porém, soltou urna risada de desprezo, declarou que

aquilo era um lamentável clichê e lhe ordenou que substituísse aquela peça por

um Gershwin.

Amélia Sachs subiu a escada e entrou no quarto. Notou que ele olhava

para fora.

- O que é que você está vendo? - perguntou.

- Pessoas com calor.

- E as aves? Os falcões?

- Ah, sim, estão lá.

- Com calor, também.

Rhyme examinou o macho.

- Acho que não. Por alguma razão, eles parecem acima desse tipo de coisa.

Ela pôs a sacola ao pé da cama e tirou a compra, uma garrafa de conhaque caro. Ele lhe lembrou do uísque escocês, mas ela respondera que ia

contribuir com a bebida. Colocou-a junto dos comprimidos e do saco plástico.

Parecia uma esposa doidivanas de professor universitário, voltando do

Balducci com pilhas de verduras, frutos-do-mar e tempo de menos para

transformá-los em um jantar.

Trouxe também um pouco de gelo, a pedido de Rhyme. Ele se

lembrou do conselho de Berger, sobre o calor no saco. Tirou a tampa do

Courvoisier, serviu-se de um cálice, encheu o copo de boca larga, e apurou o

canudinho na direção da boca de Rhyme.

- Onde está Thom? - perguntou ela.

- Saiu.

- Ele sabe?

- Sabe.

Tomaram pequenos goles de conhaque.

- Você quer que eu diga alguma coisa a sua esposa?

Rhyme estudou a pergunta por um momento, pensando: temos anos

para conversar com alguém, falar impulsivamente e tresvariar, explicar nossos

desejos, raivas e arrependimentos - e, oh, como desperdiçamos esses

momentos. Conhecia Amélia Sachs havia três dias e eles tinham desnudado

muito mais seus corações do que ele e Blaine em quase uma década.

- Não - respondeu. - Enviei a ela um e-mail. - Uma risadinha.

- Isso é um comentário sobre nossos tempos, diria eu.

Mais conhaque, a picada amarga na língua se dissipando, tornando-se

mais macio, mais entorpecente, mais leve.

Sachs inclinou-se para a cama e fez tintim com o copo dele.

- Eu tenho algum dinheiro - começou Rhyme. - Vou dar uma parte muito grande dele a Blaine e a Thom. Eu...

Ela, porém, calou-o com um beijo na testa e uma meneio negativo da

cabeça.

O estalido suave de pedras quando derramou na mão os minúsculos comprimidos de Seconal.

Instintivamente, Rhyme pensou: reagente de teste de cores Dillie-

Koppányi. Adicione um por cento de acetato de cobalto em metanol ao

material suspeito, seguido por cinco por cento de iso-propilamina em metanol. Se a substância for um barbitúrico, o reagente se transformará em

uma bela cor violeta-azulada.

- De que maneira devemos usar isso? - perguntou ela, olhando para os

comprimidos. - Realmente, não sei.

- Misture-os com a bebida - sugeriu ele.

Ela deixou-os cair no copo de boca larga. Os comprimidos

dissolveram-se rapidamente.

Como eram frágeis. Frágeis como os sonhos que induziam.

Ela mexeu a mistura com o canudo. Rhyme olhou para as unhas machucadas de Amélia, mas nem por elas conseguiu sentir pena. Esta era sua

noite e uma noite de alegria.

Teve uma recordação súbita da infância em um subúrbio de Illinois.

Ele nunca bebia o leite e, para obrigá-lo a fazer isso, a mãe comprava

canudinhos com sabores na parte interna. Morango, cho-colate. Não tinha

pensado neles até esse momento. Era uma grande invenção, lembrou-se. Ele

sempre esperava com prazer o leitinho da tarde

Sachs aproximou mais o canudo da boca de Rhyme. Ele prendeu-o entre os lábios. Ela segurou-lhe o braço.

Luz ou sombra, música ou silêncio, sonhos ou a meditação de um sono vazio? O que é que vou descobrir?

Começou a sugar. O gosto não era realmente diferente da bebida pura.

Um pouco mais amargo, talvez. Era como...

Do térreo subiu o som de violentas batidas à porta. De pés e mãos,
ao

que parecia. Vozes gritando, também.

Lincoln tirou os lábios do canudo. Lançou uma olhar ao escuro poço
da escada.

Ela fitou-o, franzindo as sobrancelhas.

- Vá ver o que é - pediu ele.

Ela desceu a escada e, um momento depois, voltou, parecendo
triste,

seguida por Lon Sellitto e Jerry Banks. Rhyme notou que o jovem
detetive

fizera, com uma gilete, outro trabalho de açougueiro no rosto. Ele,
realmente,

teria que pôr aquilo sob controle.

Sellitto lançou um olhar para a garrafa e o saco. Seus olhos
voltaram-

se para Sachs, que cruzou os braços e permaneceu na sua,
ordenando-lhe em

silêncio que fosse embora. Esta não era uma questão de hierarquia,
o olhar

dizia ao detetive, e o que estava acontecendo não era da conta dele.
Os olhos

de Sellitto acusaram o recebimento da mensagem, mas ele não
estava disposto

a ir a lugar nenhum, não naquele momento.

- Lincoln, preciso falar com você.

- Fale. Mas fale rápido, Lon. Estamos ocupados.

O detetive sentou-se pesadamente na barulhenta cadeira de vime.

- Há uma hora, uma bomba explodiu nas Nações Unidas. Bem junto do salão de banquete. Durante o jantar de boas-vindas oferecido aos delegados à conferência de paz.

- Seis mortos e cinquenta e quatro feridos - acrescentou Banks.

- Vinte em estado grave.

- Deus do céu - disse Sachs baixinho.

- Conte a ele - murmurou Sellitto.

Banks tomou a palavra:

- Para a conferência, a ONU contratou um bocado de empregados avulsos. O criminoso foi um deles... uma recepcionista. Umas doze pessoas

viram-na levando uma mochila para o trabalho e colococando-a em uma sala

de depósito perto do salão de banquetes. Ela deixou o local pouco antes da

explosão. O esquadrão anti-bomba calcula que foi cerca de um quilo de C4 ou

Semtex.

Sellito voltou a falar:

- Linc, a bomba era uma mochila amarela, foi o que disseram as testemunhas.

- Amarela? Por que é que isso me parece coisa conhecida?

- O departamento de recursos humanos da ONU identificou a recepcionista como Carole Ganz.

- A mãe - disseram simultaneamente Rhyme e Sachs.

- Isso mesmo. A mulher que você salvou na igreja. Apenas, Ganz é um nome falso. O nome verdadeiro dela é Charlotte Willoughby. Era casada

com Ron Willoughby. Isso lhe lembra alguma coisa?

Rhyme respondeu que não.

- Foi notícia há uns dois anos. Ele era um sargento do Exército que servia em uma força de paz da ONU na Birmânia.

- Continue - disse o criminalista.

- Willoughby não queria ir... achava que um soldado americano não devia estar usando uniforme da ONU e recebendo ordens de alguém, exceto

do Exército dos Estados Unidos. Mas foi, de qualquer maneira. Não tinha

ainda nem completado uma semana no local quando foi morto por algum

sacana em Rangum. Baleado nas costas. Tornou-se um mártir conservador. O

Esquadrão Antiterror diz que a viúva foi recrutada por algum grupo

extremista nos subúrbios de Chicago. Por tipos formados pela Universidade

de Chicago que caíram na clandestinidade. Edward e Katherine Stone.

Banks reassumiu a narrativa:

- O explosivo estava em um pacote de massa de modelagem de criança, juntamente com alguns outros brinquedos. Achamos que ela ia levar a

menininha com ela, para que a segurança na entrada do salão de banquete não

desconfiasse da massa. Mas, com Pammy no hospital, ela não tinha seu álibi,

de modo que desistiu do salão e simplesmente plantou a bomba na sala de

depósito ao lado. Mesmo assim, causou grandes danos.

- Deu no pé?

- Deu. Nern um único vestígio.

- E a menina? - perguntou Sachs. - Pammy?

- Desapareceu. A mulher tirou-a do hospital mais ou menos na hora da explosão. Nenhum sinal das duas.

- A célula? - perguntou Rhyme.

- O grupo de Chicago? Sumiu, também. Tinha uma casa segura em Wisconsin, que está sendo pesquisada. Não sabemos onde eles estão.

- Então esse era o boato que o informante de Dellray ouviu - comentou Rhyme, rindo. - Era Carole que ia chegar ao aeroporto. Ela nada

tinha a ver com o Elemento Desconhecido 238.

Rhyme notou que Banks e Sellitto olhavam-no fixamente. Oh, novamente, o velho macete do silêncio.

- Esqueça isso, Lon - disse Rhyme, consciente demais do copo a centímetros dele, emitindo um calor convidativo. - Impossível.

O detetive mais velho soltou a camisa suada do corpo, arrepiando-se.

- Droga, está frio aqui, Lincoln. Jesus. Olhe aqui, simplesmente pense

nesse caso. Que mal faz isso?

- Eu não posso ajudá-los.

- Houve um bilhete - disse Sellitto. - Carole escreveu-o e enviou-o ao

secretário-geral por correio interno. Repetindo críticas ao governo mundial e à

anulação das liberdades americanas. Um bocado de merda desse tipo.

Reivindicava também o crédito pelo ataque a bomba contra a UNESCO em

Londres e dizia que haveria mais da mesma coisa. Temos que pegá-los,

Lincoln.

Pegando a deixa, o "scarface" Banks continuou:

- O secretário-geral e o prefeito pediram sua colaboração. O

superintendente do FBI em Nova York, Perkins, também. E você vai receber

um telefonema da Casa Branca, se precisar de mais convencimento.

Certamente esperamos que isso não seja preciso, detetive.

Rhyme não comentou o erro relativo a seu cargo.

- A equipe PERT do FBI está pronta para agir. Fred Dellray está à

frente do caso e pediu... respeitosamente, sim, foi essa mesma a palavra que

ele usou... ele pergunta respeitosamente se você quer se encarregar do

trabalho de perícia técnica. E a cena está virgem, exceto pelo trabalho de

retirar de lá os mortos e feridos.

- Neste caso, ela não está virgem - respondeu secamente Rhyme. -

Está profundamente contaminada.

- Mais razão ainda por que precisamos de você – sugeriu Banks, acrescentando um “senhor” para desarmar o pavio do olhar furioso de

Rhyme.

Rhyme suspirou, olhou para o copo e para o canudo. A paz estava tão

perto dele nesse momento. E a dor, também. Somas infinitas das duas.

Fechou os olhos. Nem um único som foi ouvido naquele quarto por algum tempo.

Sellitto finalmente voltou a falar:

- Se fosse simplesmente a mulher em si, bem, o caso não seria tão importante assim. Mas ela está com a menininha, Lincoln. Na clandestinidade

com uma menininha? Você sabe que tipo de vida essa garota vai ter?

Eu o pego por essa também, Lon.

Descansou a cabeça no rico travesseiro. Finalmente, abriu de repente

os olhos.

- Haverá algumas condições.

- Diga quais, Linc.

- Em primeiro lugar - disse ele -, eu não trabalho sozinho.

E olhou para Amélia Sachs.

Ela hesitou por um momento, sorriu, levantou-se e tirou de baixo do canudo o copo de bebida batizada. Abriu a janela de par em par e jogou o

líquido fulvo naquele ar maduro, quente, acima do beco onde se localizava a

casa, enquanto, a alguns centímetros de distância, o falcão ergueu os olhos,

olhou zangado para o movimento de seu braço, inclinou para um lado a

cabeça cinzenta e em seguida voltou a alimentar a companheira faminta.

APÊNDICE

Excertos de: Glossary of Terms, Lincoln Rhyme, Physical Evidence, 4a ed. (Nova York: Forensic Press, 1994).

Reproduzido com permissão.

Amostras de controle: Prova física recolhida em uma cena de crime,

originária de fonte conhecida, usada para comparação com prova de origem

desconhecida. O sangue e cabelos da vítima, por exemplo, constituem

amostras de controle.

Antropólogo legista: Especialista em restos de esqueletos que auxilia

investigadores de cenas de crime a avaliar e identificar restos e na escavação

de locais de sepultamento

Birrefringência: Diferença entre duas medições de refração revelada

por certas substâncias cristalinas. Útil para identificar areia, fibras e sujeira.

Cadeia de Custódia (COC): Registro do nome de todas as pessoas que

tiveram posse de um elemento de prova, desde o momento de sua coleta em

uma cena de crime até sua exibição em julgamento na Justiça.

CDC [DDM]: Causa da morte.

Cristas de atrito: Linhas elevadas da pele nos dedos, palmas das mãos

e solas dos pés, cujas configurações são únicas em cada indivíduo. As cristas

de atrito em cenas de crime podem ser classificadas como: 1) plásticas

(deixadas em uma substância impressionável, como massa de vidraceiro);

evidentes (deixadas por pele coberta por substância estranha, como poeira ou

sangue); 3) latentes (deixadas por pele contaminada por secreções corporais,

como gordura ou suor e, na maior parte, invisíveis).

Cromatógrafo a Gás/Espectrômetro de Massa (GC-MS): Dois

instrumentos usados em análise de Polícia Técnica para identificar substâncias

desconhecidas, tais como drogas e prova vestigial. Frequentemente, são

usados juntos. O cromatógrafo a gás separa os componentes da substância e

os transmite ao espectrômetro de massa, que identifica definitivamente cada

um desses componentes.

Deposição de metal a vácuo (VMD): O meio mais eficiente para

visualizar impressões latentes de cristas de atrito em superfícies lisas. Ouro ou

zinco evaporados em uma câmara de vácuo cobre o objeto a ser examinado

com uma fina camada de metal, tornando, destarte, visíveis as impressões

digitais.

DNA, verificação do tipo: Análise e mapeamento da estrutura genética

no interior das células de certos tipos de prova biológica (como, por exemplo,

sangue, sêmen, cabelo) para fins de comparação com amostras de controle de

um suspeito conhecido. O processo implica o isolamento e comparação de

fragmentos de DNA - ácido desoxirribonucléico -, o bloco de construção

básico do cromossomo. Alguns tipos de classificação de DNA indicam a mera

probabilidade de que a prova tenha vindo de um suspeito; outros são

virtualmente conclusivos, com probabilidades em centenas de milhões de que

a prova seja de um determinado indivíduo. Denominada também de "análise

genética" ou - erroneamente -de "impressão digital de DNA" ou "impressão

digital genética".

Elemento desconhecido: Sujeito desconhecido, isto é, um suspeito

não identificado.

Espectrômetro de Massa: Ver "Cromatógrafo a Gás".

Fonte alternativa de luz [ALS - Alternative Light Source]: Qualquer um de vários tipos de lâmpadas de alta intensidade, de comprimentos de onda

variáveis e cor clara, usados para visualizar cristas de atrito latentes de

impressões digitais e certos tipos de prova vestigial e biológica.

Grade: Método comum de busca de prova, com o qual o investigador cobre de um lado uma cena de crime em uma direção (digamos, norte-sul) e,

em seguida, cobre a mesma cena na direção perpendicular (leste-oeste).

Identificação de prova material: Determinação da categoria ou classe

do material em que se inclui uma peça de prova. Difere de "individualização",

que é a determinação da única fonte de onde proveio a peça. Um pedaço de

papel rasgado encontrado em uma cena de crime, por exemplo, pode ser

identificado como gramatura de 20kg usada frequentemente na impressão de

revistas. E pode ser individuada se a peça se ajustar exatamente à seção que

falta de uma página rasgada de determinado número de revista, encontrada na

posse de um suspeito. A individualização, claro, tem muito mais valor probatório

do que a identificação.

Individualização de prova material: Ver "Identificação de prova material".

Lividez: Descoloramento arroxeado de partes da pele de indivíduo morto devido ao escurecimento e coagulação do sangue após a morte.

MCCC (DCDS): Morte confirmada na cena do crime.

Microscópio Escaneador Eletrônico (SEM): Instrumento que dispara elétrons sobre um espécime de prova a ser examinada e projeta a imagem

resultante no monitor de um computador. Ampliação de 100.000 vezes é

possível com SEMs, em comparação com cerca de 500 vezes no caso da

maioria dos microscópios ópticos. O SEM trabalha freqüentemente com uma

unidade dispersora de raios X (EDX), que pode identificar os elementos em

uma amostra na mes-ma ocasião em que os técnicos a estão examinando.

Montagem: Trabalho de um perpetrador para rearrumar, acrescentar ou remover provas de uma cena de crime, a fim de dar a impressão de que o

crime que ele cometeu não ocorreu ou foi cometido por alguma outra pessoa.

Ninhidrina: Produto químico que permite a visualização de impressões latentes de cristas de atrito em superfícies porosas, tais como papel, papelão e madeira.

Odontólogo-legista: Especialista que ajuda investigadores de cenas de

crime a identificar vítimas através de exame de arcada dentária e análise de

provas de mordidas.

Princípio de Troca de Locard: Formulado por Edmond Locard, criminalista francês, esta teoria sustenta que há sempre uma troca de prova

material entre o perpetrador e a cena do crime ou a vítima, por mais minúscula ou difícil de detectar que possa ser a prova.

Prova material (PE): Em direito criminal, a prova material se refere a

itens ou substâncias apresentadas em juízo para dar respaldo à afirmação, pela

defesa ou acusação, de que uma dada proposição é verdadeira. A prova

material compreende objetos inanimados, materiais corporais e impressões

(tais como impressões digitais).

Prova vestigial: Fragmentos minúsculos, às vezes microscópicos, de substâncias tais como poeira, terra, material celular, fibras etc.

Resíduo de pólvora (GSR): O material - particularmente bário e antimônio - depositado nas mãos e roupa de pessoa que dispara arma de fogo.

O GSR permanece na pele humana até seis horas, se não for removido

intencionalmente por lavagem ou inadvertidamente por contato excessivo

quando um suspeito é preso ou algemado (o risco é maior se as mãos são

algemadas atrás das costas).

Sistema Automatizado de Identificação de Impressões Digitais [AFIS]:

Um de vários sistemas computadorizados para escaneamento e armazenamento de impressões digitais de cristas de atrito.

Teste de gradiente de densidade (D-g): Técnica para comparar amostras de solo, a fim de determinar se procedem do mesmo local. O teste

implica pôr em suspensão amostras em tubos que são enchidos com líquidos

de densidade diferente.

Teste de presunção de sangue: Uma de certo número de técnicas químicas para determinar se um resíduo de sangue está presente em uma cena



de crime, mesmo que não seja visível a olho nu. Os mais comuns são os testes

que usam luminol e ortotolidina.

NOTA DO AUTOR

Sou grato a Peter A. Micheels, autor de *The Detectives*, e a W.W.

Count, autor de *Cop Talk*, cujos livros foram não só extraordinariamente úteis

na pesquisa para este nosso trabalho, mas constituem também leitura

maravilhosa. Obrigado a Pam Dorman, cujo hábil toque editorial é evidente

em todas as partes desta história. E, claro, agradecimentos a minha agente

literária, Deborah Schneidcr. O que faria eu sem você? Sou grato também a

Nina Salter, da Cal-mann-Lévy, por seus comentários percucientes sobre uma

versão anterior do livro, e a Karolyn Hutchinson, da REP, em Alexandria,

Virginia, por ajuda inestimável sobre cadeiras de rodas e outros equipamentos

disponíveis a tetraplégicos. E a Teddy Rosenbaum -detetive ela mesma - pelo

excelente trabalho de copydesk. Estudiosos da manutenção da lei podem ter

dúvidas sobre a estrutura do DPNY e do FBI, da forma aqui apresentada.

Mexer nos organogramas foi de minha exclusiva responsabilidade. Oh, sim...

os interessados em ler o Crime in Old New York podem ter alguma dificuldade em encontrar um exemplar. A história oficial é que se trata de uma

obra de ficção, embora eu tenha ouvido também o boato de que o único

exemplar existente foi recentemente furtado da Biblioteca Pública de Nova

York por pessoa ou pessoas desconhecidas.

J.W.D.